

ORAPRONÓBIS

Das contas de rosário, dos contos de Minas Gerais

Oswaldo Costa



ORAPRONÓBIS

Das contas de rosário, dos contos de Minas Gerais



Anápolis, 2005

Capa: montagem com base na gravura *Head of a Young Woman*, atribuída a Leonardo da Vinci, e com base em estudos de Maria Conceição Girade Pavarino

Editoração gráfica: Samuel Tabosa

Digitação: o autor

Copidesque, revisão textual e preparação de originais: Aristides Coelho Neto

Apreciações sobre a obra: Mário Roberto Pereira da Silva (quarta capa) e Jarbas Junior (orelha)

© *Copyright*: todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: dezembro de 2005

Tiragem: 500 exemplares

Costa, Oswaldo.

Orapronóbis : das contas de rosário, dos contos de Minas Gerais / Oswaldo Costa; prefácio do prof. Moacir Salles. – Brasília : LGE, 2005.

384 p.

ISBN 85-7238-214-3

1. Literatura – Minas Gerais – Brasil. 2. Conto – Minas Gerais – Paracatu – Brasil. 3. Ensaio Literário – Conto – Brasil. I. Título.

CDD B869.3

Contato com o autor:

Rua Damiana da Cunha, 26 – Centro

Anápolis, GO – CEP 75020-420

Fones (62) 3316-4149 e (61) 3366-3036

E-mail: oscosta@terra.com.br e sandra@eterc.com.br

Dedicatórias

A Carijó, meu pai, e a Ludmilla, minha mãe, a eterna gratidão por terem me dado a vida.

Aos meus irmãos e irmãs, canteiros onde colhi minhas recordações fraternais.

Para meus filhos e filhas, frutos do amor. Tê-los foi a grande felicidade de minha existência.

Aos meus netos e bisnetos, surgidos na amplitude do universo, como sementes que, desabrochadas, ajudarão a formar o futuro da Pátria.

À minha esposa, Maria José, fonte onde abasteço sempre meu cântaro de sonhos e realismos.

Aos meus afilhados, Fernando, Valéria e Sérgio. Com amor, intermediei seus elos com Deus.

Aos meus genros, noras e filhos, vindos para completar a seara familiar.

À Sandra, Alexandre, Luciana e Lúcio, propulsores dos meus sonhos, transformando-os em realidade.

Meus agradecimentos ao professor Aristides Coelho Neto, incansável e tolerante municificador de minhas dúvidas.

Prefácio

“Sodade” dos velhos tempos”

Um sem-número de emoções a gente colhe, passeando pelas páginas do livro *Orapronóbis*, de Oswaldo Costa. Não é preciso esperar o desfile de cada folha ou capítulo para o leitor ser levado ao pólo emocional do seu mundo interior, projetando o manancial de vibrações que faz pulsar sua mente e seu mundo subjetivo – uma linha, uma palavra basta para desdobrar a própria história de quem lê, abrindo uma janela de recordações e de sonhos revividos na imagem nostálgica de cada cena mostrada ou imaginada.

No convívio fraterno de dezenas de anos com o autor, ficou reconhecida a sua cultura, passada para a gente em doses homeopáticas, caracterizadas por citações ou referências circunstanciais, acatando-as ou contradizendo-as nos debates. Mesmo desenvolvendo qualquer tema, mais por princípio de ética do que pelo interesse de mostrar conhecimento do assunto, a sua modéstia parecia criar um cercado de tamanho restrito, não deixando o campo largo das suas idéias transmiti-las à vontade para quem o ouvisse.

Daí a minha surpresa e o meu contentamento ao folhear – mais que isto – ao ser levado, na leitura do *Orapronóbis*, a um mergulho, de cabeça, na história interessante de um passado da sua terra não muito distante. Sessenta, oitenta anos atrás, Paracatu (nome autêntico do lugar que o autor cognomina de Orapronóbis) era uma cidadezinha das Minas Gerais, mas, pela sua situação geográfica, além da busca do ouro que o interior ainda sugeria aos aventureiros cansados ou malsucedidos nos grandes centros, tinha um comércio ativo para o seu tamanho. Além disso, a depuração natural das etnias já resultara na projeção de nomes seus nas letras e na política.

Oswaldo Costa situou-se: primeiro, na escolha dos seus personagens em blocos isolados; depois, agrupou-os em componentes de vila; mais tarde, falou em cinema, carnaval (tempo dos limõezinhos de cera, que eu, menino ainda, conheci, e catei o que sobrava, quando dos entrudos profanos que a moçada descomprometida algazarrava pelas ruas enlameadas do velho Prata.

Era preciso ter muita coragem, um menino afrontar, num curso carnavalesco, o desfile das baratinhas e lustrosos fordecos na rua agitada, atrás de serpentinas e restos de lança-perfume esparramados pelo chão.

Coragem maior, entretanto, parece ter tido o farmacêutico Emídio, ao bancar o cirurgião e, como nos relata *Orapronóbis*, “lavar as tripas, empurrando tudo pra barriga adentro qui nem lingüiça.” “Cê credita qui é difícil o gajo bater a caçuleta, uma vez qui toma logo uma talagada de chá de mastruço e arnica pra cortá a reuma do punhá?”

O autor revela detalhes da arte de ourivesaria rústica mas primorosa, executada por Sô Genô, trazida do solo africano com a apropriação do termo *sodade*, “que mais tarde se transformou na *saudade* com que os colonos brindaram a língua portuguesa. *Sodade* de desfrutar da imensidão dos vales orlados por matas, de onde tiravam seus alimentos e onde construíam suas ocas, que os protegiam dos predadores, inclusive dos régulos”. Os régulos eram chefetes de grupos bárbaros que manobravam com “mão de ferro” e impiedosa aqueles que caíam nos seus domínios.

O livro de Oswaldo Costa segue o seu caminho de dinâmica realidade, raramente fantasiado (se é que se pode obter algo de ficção aqui) que ele soube encontrar na sua garimpagem nostálgica pelos anais da terra caprichosa em que veio a dar os seus vagidos de estréia e iniciação para a vida, bem mais tarde.

A criatividade intelectual dos antigos (recorramos às mitologias e ao próprio Velho Testamento, para uma exemplificação imediata e muitíssimo eloqüente) inspirou a literatura de cada clã e cada povo, perdurando até os dias de hoje, e com certa insistência nas tribos isoladas, nas fazendas e vilarejos mais remotos. Se ela, a criatividade, existe no tema, como vem narrado, é perfeitamente admissível sua inserção como assunto das rodinhas nas noites escuras e chuvosas; nos velórios incentivados a café e pão de queijo; nos grupos em torno da fogueira, quando os peões faziam pouso para descansar do estafante trajeto cumprido no dia; até mesmo nas

pescarias noturnas assombradas pelo pio dolente de uma jaó, imitado, segundo dizem, pela onça-pintada para atrair a indefesa ave; sem esquecer a ampliação do ruído do ratinho-do-mato, passando inocentemente por cima do pescador deitado no chão duro.

Deve ter saído de tais circunstâncias a lenda do menino Romãozinho, tragado pelas águas do São José, conforme vem contada no *Orapronóbis*. As travessuras do espírito do moleque estendiam-se do espantar as galinhas, no galinheiro, ao abrir cancelas e soltar vacas encurraladas, algumas das quais estavam viciadas a dar de mamar a uma jibóia da redondeza e, assim, esconder o leite na hora da ordenha, reservando-o maternalmente para a cobra.

Não podemos dizer de uma acentuada semelhança do estilo de Oswald Costa com nossos mais conhecidos regionalistas. O linguajar de Guimarães Rosa, Mário Palmério, Carmo Bernardes, Bernardo Elis e tantos dos mais recentes, chega a estar distante da palavrão do autor de *Orapronóbis*. Oswald arrebanhou os termos e expressões da região enfocada – alguns exportados para o Centro-Oeste ou, descendo o São Francisco, espalhando-se pelo sertão nordestino e norte de Minas – e os situou tão bem na sua obra, que as identificações são de pronto assimiladas.

Como em Hugo de Carvalho Ramos, Guimarães Rosa e grande parte dos autores de continentes e países sujeitos à má distribuição de renda (e o Brasil teve, em pouco tempo, as oportunidades de, em uma delas, corrigir tal distorção: ditadura civil, governo militar, fachada de país rico, com o presidente pisando tapete vermelho de importantes nações européias; e, por último, governo de extrema esquerda), a literatura tem sempre o tema da desigualdade social fartamente explorado. *Orapronóbis* não pode fugir, e não foge, à regra.

A narrativa que nos vem muito bem exposta, com foros de realidade, pelo menos de sabor literário e marcante verossimilhança, destaca o romance envolvendo Urias e Nora; esta, filha do capitão Nando, “uma prendada moça, pertencente a uma alta casta social”; ele, um pé-rapado, simplesmente “um capataz de boiada”, não poderia sequer conversar com sua filha, quanto mais vir a ser seu genro algum dia. Urias pode ter pensado em solução diferente naquele momento, como: fugir com a amada (o que era muito usual nos tempos mais distantes); combinar com a moça e enfrentarem a “fera”. Optou por uma fórmula mais pronta e covardemente heróica

(permitam-me a contradição – fugir de uma situação pode ser uma covardia); oferecer a vida em holocausto ao Amor é, geralmente, heroísmo. “Repentinamente, num gesto de extrema levitação sensorial, sem que seus amigos que ali se encontravam naquele instante, acachapados sobre sacos de mantimentos como poltronas, pudessem perceber seu gesto extremo, Urias de um salto pula o balcão. Mãos trôpegas, alcança na prateleira sua companheira de viagem, a papo-amarelo, carabina 44 calibradíssima, que antes ali havia depositado, tão logo apeou-se.”

Havia médico no local e na hora. Não seria preciso recorrer-se ao farmacêutico Sô Emídio, para empurrar as tripas de um gajo barriga adentro, como foi comentado linhas atrás, em outra situação.

Além de atender com solicitude, o doutor transformou a sala de sua residência em unidade hospitalar, lá instalando o doente e dele tratando com singular desvelo, “tendo, mais tarde, sido até parabenizado pelo Conselho de Medicina”.

A par das histórias até aqui comentadas e narradas, de modo a se perceber que o autor está residindo em Anápolis desde 1955, portanto há 50 anos fora da sua terra, conclui-se que se manteve atualizado sobre tudo que ouviu, leu e apontou caprichadamente, dando vida às narrativas reproduzidas, com a vestimenta adaptada por um exímio estilista.

Oswaldo Costa, como ficou demonstrado, consegue, despertando inegável interesse do leitor, exposição e relatos de passagens verdadeiramente marcantes. Tem razão quando destaca: “Com seu povo muito devotado aos problemas nacionais, a cidade jamais deixou-se ser oprimida. Sempre seu forte grito de liberdade ecoou nos longínquos rincões da Pátria. Não se sabe quantos foram seus filhos que caminharam juntos aos demais de outros quadrantes, bradando a bandeira em favor da liberdade, da igualdade e da fraternidade que deveriam reinar entre os seus concidadãos. O certo é que, em cada página desfolhada da história, lá estão eles, os patriotas anônimos, emoldurando os quadros dos que, mais espertos, fixaram-se no centro dos acontecimentos, intitulado-se os únicos defensores desses dogmas.”

Trazendo a lume radioso o seu (agora nosso – de todo mundo) *Orapronóbis*, o autor, que não tem nenhum aspecto de sertanejo (ao contrário, é tipo requintado), veste-se e fala bem, tem e professa curso superior – farmácia e bioquímica –, demonstra versatilidade incomum, para não se dizer enciclopédica, ao transitar sua pena e sua câmara mental pelos gerais

da sua região, convivendo com os tipos mais contrastantes na jornada trepidante dos anos adormecidos.

Assiste ele ao quase naufrago Correia nadar acionando só u’a mão, porque precisava, com a outra, segurar e salvar um pedaço de rapadura; descreve a faina da peonada em refrega desigual com a febre aftosa atingindo tanto o gado quanto veados, antas e outros bichos. O transporte de gado pelos rios São Francisco e Paracatu mostra a imagem de uma verdadeira odisséia, inspirando o autor a dar um passeio pela mitologia romana, descobrindo Júpiter a esmagar Albion, filho de Netuno, que de certo dava ao já Velho Chico a importância de oceano, pelo qual desfilavam grandes barcos adornados de impressionantes carrancas; descreve a ansiedade dos peões e o sofrimento das rezes acidentadas ou adoecidas, recolhidas a uma barraca armada, qual unidade de terapia intensiva, passando por verdadeiras cirurgias de emergência, inclusive sem anestesia.

Oswaldo Costa reproduz, em feliz oportunidade, páginas contundentes do livro “As Noites das Grandes Fogueiras”, de Domingos Meireles, que, ao invés de condenar ou mesmo censurar, destaca positivamente atuações de integrantes da Coluna Prestes, movimento revolucionário que abalou o país na terceira década do século XX, com reflexos políticos que atingiram o início da metade do mesmo século. A propósito da briga entre o companheiro de Prestes, Siqueira Campos, e o tenente médico José Ataíde, que resultou no afastamento de Siqueira, “foi a recusa em operar, em Anápolis, um soldado com um ferimento horrível, que começava a gangrenar”. O veterinário Aristides, não dispondo de recursos médicos, empunhou um facão e anunciou: “Vamos ter que fazer uma operação de carnicheiro, senão o homem morre.” A operação foi presenciada apenas pelos enfermeiros: tanto soldados como oficiais foram para longe. “Prestes, que fazia sempre questão de observar as pequenas cirurgias e acompanhar de perto o tratamento das feridas, também se afastou. O pós-operatório foi surpreendente. Durante quatro dias, o soldado foi conduzido em padiola pelos companheiros, mas no quinto já estava montando a cavalo.”

Este livro de Oswaldo Costa, como eu disse pessoalmente a ele, é por demais substancioso. “Por demais” não é nem se equivale a “demais”, no sentido de excessivo. Na literatura atual, são comuns casos de volumes robustos, mas vazios, pelo que batem palmas as editoras.

Em *Orapronóbis*, cada linha é uma apresentação, uma notícia, um fato, uma idéia palpável ou sensível, uma revelação. Melhor: uma foto em prosa, movimentada pela tocante criatividade e competência do mestre em sua arte.

Como encaixa ele ligeiros mas oportunos detalhes sobre a Revolução de 30, enfocando a posse de Getúlio Vargas, depois de comentar a deposição e a ida de Washington Luís para o exílio!... Salienta em rápidas pinceladas a ação brilhante do então Ministro das Relações Exteriores, um dos esteios do Governo Provisório, o eminente paracatuense Afrânio de Melo Franco. Que dizer do retorno do mui amado, ele, Afonso Arinos, o exímio contista do “Pelo Sertão”, membro da Academia Brasileira de Letras, filho da mesma terra; representante lídimo da mesma estirpe familiar; emocionando os amigos da recepção, ao declamar os conhecidos versos do poeta simbolista Luiz Guimarães Júnior “Visita à Casa Paterna”... Não foi esquecido – nem poderia ser mesmo – o Sobradão, onde Dona Beija e o Ouvidor teriam vivido suspirados momentos de paixão, de cujo leito, entre um gemido e outro, foram tomadas decisivas providências político-administrativas, como, possivelmente, o desdobramento e a tomada do Triângulo Mineiro à Província de Goyaz.

Um ponto anotado em certo trecho, que merece ser enfatizado, por revelar o espírito criativo da nossa gente, vem com a descrição da travessia do córrego Bom Sucesso, feita por automóvel. Como a ponte estava quebrada, o recurso era “imaginar” um vau ali, embora estivesse havendo enchente no regato e mais abaixo não desse passagem. Tim, o motorista (naquele tempo *chauffeur*), é visto “retirando a correia do ventilador para que a hélice não jogasse água no distribuidor”...

Foi gostoso ler *Orapronóbis*, do Oswaldo Costa. Foi mesmo!

Lembrar aqueles programas radiofônicos, agradáveis até nas propagandas... as referências ao Salmo 133, que é um verdadeiro hino à Fraternidade, que o autor de *Orapronóbis* entoia com afinação peculiar.

Fundamente expressiva e significativa é a homenagem que Oswaldo Costa presta a nomes representativos da cidade de Paracatu, no epílogo desta obra. Aliás, toda reminiscência na história daquela região é um tributo que o filho e irmão agradecido patenteia à terra e obreiros que construíram e fizeram marcantes o seu passado e a perenidade da sua vida.

Considera o autor, logo depois do início deste livro, que o desfraldar da bandeira da liberdade, igualdade e fraternidade no lugar, com repercussão favorável em “outros quadrantes”, determinou o isolamento do município “a que injustamente lhe impuseram os poderes constitucionais deste país”. Oswaldo entende que a situação geográfica da região, “fisicamente enjaulada”, teria contribuído para esse isolamento.

A localidade “enfurnada em uma depressão ao pé da serra da Boa Vista – um degrau para o Planalto Central, ilhada pelos rios São Marcos, a oeste, e Paracatu, a leste, ambos sem pontes – era um David entocado, rugindo porque lhe tomaram a funda pela qual poderia enfrentar o Golias extrativista. No Brasil Colônia arrancaram o seu brilhante seio de ouro, dando-lhe em troca as cavernas erodidas, nas quais até hoje são ouvidos gemidos oriundos das devassas que se faziam. São lugares de medo, onde se esconde a vergonha do sangue derramado não só de milhares de escravos, mas também de centenas de patriotas que, espoliados, clamavam pela libertação do país do jugo dos reinóis”.

Este livro se tornou, assim, num libelo contra a tirania dos usurpadores, bem como dos maus usuários da trilogia da Liberdade, Igualdade e Fraternidade; e de todos aqueles que, de uma forma ou de outra tentaram fazer menores, sem bom êxito, as fronteiras da nossa dignidade nacional.

Por isso, ficou bem colocada e oportuna a homenagem com que o autor aplica o seu sinete de encerramento no laque que guarda nomes expressivos para si e para a história da sua Paracatu mui diletta:

Padre João Marques de Oliveira – o padre Joca, muito amigo do pai do autor. Foi professor em Pirenópolis daquele que viria a ser uma das figuras mais expressivas nos meios sociais, jurídicos e políticos de Anápolis, o Dr. José Lourenço Dias.

Josino da Silva Neiva – professor. Costumava corrigir provas com apontamentos em versos metrificados. Foi mestre do autor. Partícipe dos movimentos políticos de Paracatu.

Emídio Freire da Silveira – farmacêutico. Não era paranaense, como Emílio Menezes, mas correspondia ao espírito atilado e sagaz do respeitado trocadilhista.

Por fim, deixo aqui da mesma forma a minha homenagem. Mineiro também, mas do Triângulo (nascido em Uberaba e criado no Prata) passo a

adotar, doravante, Paracatu como cidade do meu coração. Só que com isso, acabo sendo eu o homenageado, pois, tendo no peito uma permanente pulsação de apreço pela terra de um vulto respeitável como Oswaldo Costa, a quem me ligo há dezenas de anos pela abençoada teia da Fraternidade, é ser portador de uma comenda laurentina. Por isso, reverente, peço ao brilhante escritor e velho amigo: **ora pro nobis!**

Moacyr Salles*

* Moacyr Salles é jornalista, poeta e escritor. Foi Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, membro da Academia Maçônica de Letras do Distrito Federal, membro da Academia Maçônica de Letras do Brasil, membro da Academia de Letras e Artes de Anápolis, e portador da Comenda Medalha D. Pedro I.

“Eu preciso de ilusão como a crassulácea
precisa, para viver, da música do vento e
do ouro do sol.”

Humberto de Campos



Até Orapronóbis contam-se vinte e um meandros. O rio serpenteia, cantando suas travessuras deixadas aqui, ali, na folhagem madura das gameleiras, cujos galhos inclinados bebem a água que transformará sua seiva em látex.

Desafiando a lei da gravidade, colibris batem asas quase na velocidade da luz, dando ao gênero humano meios de investigar as leis newtonianas. Borboletas voitam saltitantes, cobrindo e colorindo a ramagem tinta pelo lodo criado na passagem da água, resvalando e deixando microscópicos líquens verdes, amarelos e até cinzentos. É a briga da natureza enfrentando os invasores. O terreno chia sob o impacto das suçuaparas ligeiras que passam troteando, calcando as patas no saibro amarelado e covado das margens.

Tudo é silêncio... Um silêncio de ser ouvido por monges, lendo sânscrito, com as testas enrugadas na absorção do Deuteronômio e do Êxodo bíblicos.

Daqui até Orapronóbis, sonolentos, meditam martins-pescadores, levantando o pé esquerdo para, no cochilo da tainha, debruçar o bico afiado em suas entranhas. Pobre da tainha!... Felicidade do pernalta. No confronto do estrondear do Mar no Rochedo, quem leva a pior é o marisco – já se fala desde Zaratustra.

Daqui a Orapronóbis muitos cientistas, filósofos e pensadores habitam o pensamento de quem, junto ao rio, aprende a meditar. O murmúrio das águas, deslizando no lajedo, evolui para lucubrações enoveladas, como se estivessem em um altar.

Orapronóbis não é muito longe. Cada meandro avançado soma doze quilômetros, nem mais. Na curva do rio avista-se o povoado. É quando Orapronóbis salta aos olhos.

O sol, batendo de frente, acorda o menino que adormeceu sobriamente embalado pelo marulhar da água. No fundo da piroga, o piloto batia devagar a pá do remo, para não desvirginar o silêncio da crepuscular tarde de maio. Um ventinho frio debruçava na face, anunciando o inverno prestes a chegar.

— Tio! – diz ele ainda sonolento. — Já está perto?

Aquela voz familiar faz Homero voltar à realidade.

Homero, o velho, deixando para trás suas infinitas lucubrações de tempos idos e, muita vez não vividos, arfando pelo cansaço, gaguejou:

— Daqui a pouco, estaremos batendo de frente no parapeito da igreja.

Fruto da benesse de seus habitantes, ali estavam fincados como donativos os bezeros e os potros xucros dos fazendeiros de em redor aos leilões que eram sobejamente concorridos. Em menos de seis meses e meio fora a igreja levantada.

Nem o pároco, padre Joca, acreditava que isso houvera acontecido.

Ali também estavam os donativos do peão de puxar enxada nas ruas dos cafezais, do plantio de feijão roxinho ou do milharal já embonecando. Com sorrisos e trejeitos, entregara ao almoedeiro a franga caipira que nasceu e vivia no terreiro do rancho coberto de palhas, ali mesmo encontradas nas curvas das veredas e nos renques de buritis. A camponesa, dona de casa, oferecia quitutes regionais fritos na banha de porco e secos na peneira de seda, retirada da palha do buriti.

Por falar nisso!... Ó, palmeira abençoada que encantou e foi cantada com maestria como o “epônimo dos campos”! mesmo quando perdida no descampado, isolada, mas altaneira, orgulhosa! a provocar e povoar a primeira página do poema épico “Pelo Sertão”, de Afonso Arinos...

Na peregrinação do vaqueiro em busca da rês tresmalhada, está lá o buriti, indicando água na vereda, que mata a sede. É onde pode ser encontrada.

O “boi de arriba”, treteiro como só ele, “tá li como qué, rastando cabresto”, na linguagem do campeiro que, matreiro, jamais põe sua animália nessa conjuntura a trotar, para não perder o bote ao fujão.

Inda mais... da palha é trançada a rede onde se dorme; dela também se confecciona a esteira onde se deita para tirar um lombo após copiosa

manja, parca de pés de porco e atributos costumeiros, irrigada com dois talos de coité da branquinha de engenho, que ajuda a sonhar. No caldeirão fervente que Nhá Dona, companheira do lombeiro contumaz, mantém na trempe improvisada que virou efetiva, atravessam janeiros idos e vividos. Nesse de agora, só restavam, como de costume, faíscas de manjerição ou de favaquinha, boiando sobre o caldo gorduroso.

O crepitar do fogo, embalando os sonhos, soa como ária cantada nas cúpulas douradas dos palcos novelescos.

Veza por outra, está aí o buriti, invadindo a savana, onde crescem abundantemente a canela-de-ema e as sambaibas, tornando-se, aos olhos premiados de quem o vê, o exemplo de como vencer em um meio inóspito e difícil. De costume, onde arrancha o buriti, a vida explode em todas suas facetas; os liquens abundantes formam colchões para o lírio desabrochar. A água pura e cristalina desliza por entre “golfos” e amontoados de aguapés, facilitando a passagem de um lado para o outro ao guaxinim, à cata de um caranguejo ou de uma aranha transviada, teimosa em ali fixar suas teias, cujos fios são tão fortes como a seda dessa palmeira, da qual trançam-se laços resistentes, capazes de agüentar os solavancos do potro xucro ou do novilho de sobreano.

O menino escanchado na proa da piroga, ainda com as pálpebras inchadas pelas horas não muito bem dormidas, procurava, colocando a mão à testa, visualizar Orapronóbis.

Já podia ouvir-se dali o foguetório, pela ocasião do aprumo do mastro, oferecido pelo “capitão da festa” religiosa-profana, em cujo ápice tremula a estampa de São João. Pois não faltavam apenas nove dias para acender as fogueiras onde se assa a mandioca, a batata-doce e as espigas de milho verde?

Com o estrondar dos adrianinos, os cães vadios, caudas entre as pernas, causavam tumulto pela correria descontrolada. A maioria dos foguetes de vara eram construídos ali mesmo, em Orapronóbis, pelo mestre Yeyê, lá do largo da Angola.

Ainda não são passados alguns anos e a comunidade lembra-se da tragédia que houvera na confecção desses artificios. Em uma ocasião, ao pilar o carvão, o enxofre, o salitre e a pólvora, faltaram-lhe os cuidados necessários, custando-lhe uma papeira colada à lateral da cabeça, produto de uma cicatrização mal assistida.

A molecada, após o estrondo do foguete, lá no alto, querendo alcançar as nuvens, saía em disparada à procura da vareta dele desprendida. Achando, empunhava-a, braços estendidos para o alto, mostrando valioso troféu.

A banda Euterpe, constituída de seis músicos da mesma família, cadenciava no pistom, por vezes em solo, acompanhado pelo bater dos pratos e do bumbo, motivando a alegria que moçoilas e guapos rapazes demonstravam com risos e abraços fortuitos, vigiados que eram pelos atentos olhos das comadres.

— Será que iremos chegar a tempo de assistir o leilão? — futurou aflito o sobrinho de Homero, rapazinho espirituoso e cheio de vida, desabrochando a puberdade.

A piroga vai deslizando nas águas mansas do último meandro daquela viagem concretizada. O remo à socapa, manejado pela experiência de Homero, ia guiando a pequena casca do tamboril, cavado a enxó, transformando-o naquela pequena mas veloz ubá.

Homero pára, salta com o correeiro nas mãos e, num passo de gato mourisco, laça forte galho do ingazeiro, morador perpétuo daquele improvisado porto.

Para alegria dos pias e das piabas velhacas, os frutos desprendidos dele eram disputados, fazendo por vezes a água fervilhar, de tantos pulos e empuxos desses malandros peixinhos. Mesmo com a ânsia de desembarcar, o menino graciava-se com aquela disputa.

Com as pernas abertas, fazendo tremer a pequena canoa, Sô Homero pula ao barranco com maestria. Nezinho, deslumbrado, olhos saltando das órbitas, respiração ofegante, não via a hora de conferir todos os seus sonhos. Jamais tinha visto e participado de tamanha ventura, tão cantada e decantada pelo seu tio, que fez questão de levá-lo, embora sabedor do sacrifício que iria fazer remando, mas, principalmente, exorbitando-se na atenção aos bancos e croas de areia, uma vez que, nos remansos, a correnteza é capaz de engolir, sem dó, qualquer embarcação cujo piloto deles se descuide.

As rochas submersas, ele bem as conhecia. Sabia serem elas mui diferentes das praias escondidas que a toda enchente transformam-se e mudam de lugar, tornando um tormento o desencalhe da canoa, mesmo sendo ela pequena.

Todo cuidado é pouco. Várias embarcações já foram tragadas pelos redemoinhos, denominados pelos nativos de “chupões”. Aqui sumiu o Nêgo

da velha Maninha, tendo tido sua canoa envolvida pelo turbilhão de um desses. Diziam que o caboclo-d’água o tinha seqüestrado para sua morada, com o fim de, como escravo, escoltar as iaras de seu harém.

E ia Homero, rememorando os afundamentos misteriosos, de corcova em corcova, nessas águas traiçoeiras, enoveladas pelas marretas. Mais adiante recordava-se do desaparecimento do seu primo, Nhô Tião, de quem era compadre, e de que nem a sua ubá fora encontrada.

De repente viu-se na fralda da cidade. Deixando pra trás suas recordações, caiu em si e foi logo gritando:

— Nezinho, se chega... Me acompanhe que estou aperreado – gritou novamente.

Assutado o deslocamento dos nativos pelas vielas e ruas calçadas com pedras de diferentes tamanhos, partindo do centro para o pé das casas, como se fosse um vê aberto, para dar melhor vazão às enxurradas, vai Sô Homero, tomando pé da situação. Ali a venda do Sô Ernesto, acolá o boteco do Zé; mais pra frente a Casa de Pasto, onde mourejam os amantes da “Creolinha”, pinga boa que nem beijo de mulata.

A treteira, dona dessa arapuca, ajudava a servir as mesas; mas, mesmo, mesmo, era a assistente do fogão a lenha e de suas panelas de ferro, onde colocava o segredo do bom tempero, o atrativo que mantinha cheia sua sala de refeições.

O fogo crepita entre as rachas, às vezes meio verdes, deixando uma espuma no pé do tição, cujos odores divergem conforme a qualidade da seiva que ainda corre pelos seus liberolenhosos vasos.

O caldeirão do bom feijão, aconchegado com peles de porco, não pára de emanar, pela sua constante fervura, um cheirinho gostoso e atraente, de dar água na boca.

— Ô!... Sô Dimas, quanto tempo!... tá o mesmo!... o qui tá contecendo qui num fica véio, home? – foi logo Sô Homero cumprimentando o amigo de muitas eras.

— Tá pensando o quê? São as “boas” requebrando, pé ante pé, à procura de uma pedra mais lisa para pisar. Com isso as cadeiras vão balançando e os olhos de eu virando pra cá, pra lá, marcando tempo qui nem pêndulo de velho carrilhão, não? Aqui tudo é paz. De vez por outra, algum maroto, qui nem é daqui, inventa botá o bucho de alguém pra fora da ceroula, dando trabaio a Sô Emídio, o farmacêutico, lavar as tripas,

empurrando tudo pra barriga adentro qui nem lingüiça. Cê credita qui é difícil o gajo bater a caçuleta, uma vez qui toma logo uma talagada de chá de mastruçõ e arnica pra cortá a reuma do punhá?

“Mas, como ia dizendo – quase perdido pela ‘delatação’ dos considerandos –, hoje chegou, em boa hora de sua visita, um carregamento da Azulão, vinda do Caetano, lugar de arribação do Dr. Sérgio. Porque não digo, é lambicada com folha de mexerica, daí a gostosura da cor nos óio e do sentimento no fim da goela. Ocê vai vê a diferença... Vamo, compadre... num perde tempo. Esta dádiva do céu num cai todo dia.”

— Uai... Céu!... então ocê tá falando é da Pingo do Céu, compadre? Ela é lambicada, é, se mal num entendo, na Santa Maria, aquela bruta de fazenda da chapada, na entrada dos Carapinas. É a que tem uma estampa na garrafa, mostrando uma muié a receber os pingos do céu numa caçarola, que já me falaram chamá de taça? Nome qui nunca vi falá... me disseram ainda que a tal da muié é uma deusa egípcia. Qui trem complicado, né? Nunca vi tamanho estrupício. De quaqué maneira é linda a figura no róto, pru fora; mas gostoso mesmo é o parati qui tá la dentro.

E assim, Sô Homero, que nada mais desejava falar nem ouvir, uma vez que, a salivar, só de pensar naquela coisa descendo de mansinho em sua goela, já não agüentava mais o vozeirão do compadre. A fantasia da aguardente com gosto de pura cana-caiana deixava-o solitariamente, por instantes, isolado de tudo e de todos. Só ele e ela, a caninha, viviam esse momento sozinhos, irmanados pelo desejo e pela leveza do “ser” a ser transportado ao paraíso. Isso sim é que era loucura. Viajando todo o dia por entre os igarapés, socapando as bocainas, fugindo dos braços de água mais fortes, a fim de cortar caminho, o sol ardente a castigar suas costas traduzia, sim, aquela vontade de sonhar, nem que fosse por pequeno espaço de tempo. E vinham sonhos, os mais belos, como lembranças de quando era novo, moço, de físico exuberante, capaz de tentar as jovens de seu tempo.

— Ô, compadre... e a Nora? Tá onde? Gostaria de vê ela. Com todo respeito ao capitão Nando, gente minha, desde pequena era ela linda... Nós, já meio mais pra lá do que pra cá da vida, continuamos a admirar o belo, né?

— Compadre, não te conto, tá do mesmo jeito; falaz qui nem maritaca no milharal. Oh!... pur falá nela... ó ela ali, saracoteando no fio da navaia, como num querendo nada.

Nossa! O gole desceu queimando, e quase por pouco não sufocou Homero pela pressa da deglutição involuntária, motivada pela emoção produzida, sem mais nem menos, pelas abruptas palavras do compadre.

— Ô, cachaça forte essa tal de Azulão, né compadre? – desculpou-se meio sem jeito e, como não querendo nada, espiou, espiou a rua, mas nada viu.

— Parece mesmo que o compadre tem razão. Ela passou qui nem curisco – pigarreou... e, ainda embalado pelo sufoco, gaguejou palavras entrecortadas. — Ela anda muito arisca mesmo, cê num viu? Mais arisca que corça campineira, pru móde o caso do muito absurdo qui conteceu uns dia aí atrás. Coisa de sumana e meia, mais ou menos, houve um quiproquó do diacho, quando o capitão Nando, categoricamente disse jamais consentir nos namoricos dela, de principalmente com o capataz lá dos óios d'água, fazenda lá pru lado do Jacurutu, qui cê bem conhece... As moças, principalmente as casadoiras, entraram em choque...

— É?... O que foi que aconteceu com a Nora?

Compadre Dimas passa a descrever a tragédia que acontecera, fruto de uma plutocracia que teimava em persistir, autoritária e inconcebível para os parâmetros da sociedade em que se vivia por aqueles tempos, onde a bandeira tricolor se desfraldava por todo o mundo, pregando Igualité, Fraternité e Liberté entre os povos, fruto de uma revolução que, para se consolidar, manchou a história francesa com muito sangue.

— Parece que foi gorinha mesmo qui conteceu – continuou Sô Dimas. — Cê num sabe? O Urias, fio do compadre Zé do Pouso Alegre, empregado da fazenda de Sô Mário, lambicadô da gostosa Segura o Tombo, feita de rapadura, tava tramando namoro delatado com a Nora...

E assim, Dimas, foi romanceando o namorico dos dois desde a adolescência. Cresceram juntos a outras crianças ali do largo do Amparo, onde se reuniam para participar das brincadeiras de costume. Muito ao gosto de todos, porque facilitava aos meninos e meninas se abraçarem quando descobertos, cabra-cega era o favorito da criançada, o brinquedo mais popular lá pelos lados das Minas Gerais.

Cresceram. Cada qual foi tomando rumos diferentes, com diferentes ocupações; cada qual, dentro da rotina familiar, procurando a sobrevivência naquela pasmaceira Orapronóbis, vila do acaba-mundo.

O trabalho árduo do campo dava feitura aos jovens que, quando desnudos, a banhar-se nos “puxados” onde garimpeiros bateavam o cascalho à busca de ouro na praia do córrego Rico, mostravam seus corpos atléticos, bíceps fortes, ombros largos, coxas retesadas, seus músculos bem torneados. Era o melhor caminho para despertar admiração e, porque não dizer, uma certa cobiça às moças que também se prendavam com tranças nos cabelos bem cuidados, penduricalhos nas orelhas e trancelins de ouro, a emoldurar seus pescoços com pingentes e fetiches pendurados. Bem se diga, eram artefatos confeccionados ali mesmo em Orapronóbis. O artesão, ourives lendário, era Sô Genô.

A Tenda do Sô Genô era lugar muito visitado por todos os amantes de arte. Ali nasciam figuras de beleza ímpar, confeccionadas nos moldes de pó de carvão vegetal. Primeiro, a arte era desenvolvida nesse pó bem comprimido, dentro de uma caixa retangular. Feito o molde, Sô Genô botava ali também sua alma. Manejando com maestria pequenas espátulas e quase microscópicos estiletos, ia esculpindo e dando formas às jóias de sua inspiração. Esse método, quase medieval, dava-lhe condições ótimas de rever todo o seu trabalho, modificando as formas. Não as dava, entretanto, como conclusas, senão quando se sentia no porvir de uma satisfação plena de sua criação. Uma vez aprovada sua arte, derretia-se o minério de ouro em um cadinho de barro temperado onde, além de liquidificar tudo, a borra ia se derramando por fora do vaso, transformando o minério em metal qualificado, aproximadamente de vinte e quatro quilates. A ele, juntava-se pequena porção de cobre, transformando-o em uma liga maleável. Colocada no molde ainda no estado líquido, esperava-se pela sua plena solidificação, daí surgindo uma nova forma artística, viva como não se sabe o quê, uma vez que dentro dela estava impressa a musa inspiradora do velho Sô Genô... Mas, não se sentia satisfeito. Passava para a fase da burilagem, colocando nela seu estilo indelével.

Umbras eram inspiradas na sua formação religiosa. E dela nasciam cruces nuas ou incrustadas com a escultura viva do Cristo martirizado. Outras eram minúsculas pombas identificadoras da Paz. Outras ainda mostravam deuses pagãos de origem romana, grega ou inca, misturados com figas e amuletos semelhantes à arte pintoresca dos africanos, que aqui se firmaram, colocando na *terra brasilis* os seus pés, ainda emoldurados pelos restos das savanas do continente negro, um mundo desconhecido, onde explodiam as mais variadas formas de vida silvestre.

O estrume dos elefantes, zebras, gazelas e leões, ainda estavam quentes nas solas de seus pés, quando aqui aportavam, famintos, e, na maioria das vezes, doentes.

Com eles, a melancolia chegou junto. Sentindo-a, inventaram a palavra “sodade”, que mais tarde transformou-se na “saudade” com que os colonos brindaram a língua portuguesa. Sodade!... de desfrutar da imensidão dos vales, orlados por matas, de onde tiravam seus alimentos e onde construíam suas ocas, que os protegiam dos predadores, inclusive dos régulos. Mesmo, assim, a sodade do cheiro da terra chegava junto com o bafo das galhadas que dia e noite bebiam água nas corredeiras dos rios, sofrendo em consequência a decomposição de suas folhas maduras, exalando fortemente.

Régulos eram temidos. Soberanos que, com mão forte, regiam a tribo como seu senhor, escravizando-a. Relata a história que, quando um deles falecia, era executado um ritual bárbaro para que pudesse desfrutar de toda prepotência, ao entrar na eternidade. A cova onde deveria ser sepultado era forrada pelas suas esposas, para dar suporte ao cadáver, que não deveria entrar em contato com a terra. Sobre ele colocavam-se as virgens, as mais belas da tribo. Jogada a terra, era esta irrigada com o sangue dos melhores guerreiros do clã, pertencentes ao mesmo totem. Todas as esposas, como as virgens, eram enterradas vivas. Partícipes desse macabro evento, sentiam-se orgulhosas com isso, conquistando posições vantajosas para suas famílias. Ainda os há entre nós. Acachapados estão no poderio econômico e no bélico, destruidores da paz entre os povos. O privilégio que o Supremo Árbitro dos Mundos, que é Deus, concedeu-lhes serve, sim, para esmagar os menos favorecidos, na sua economia, denegrindo até suas culturas para dominá-los. Colocando a força atômica, presa como espada de Dâmoles sobre suas cabeças, obriga-os a permanecerem subjugados, sob pena de derriçar toda e qualquer iniciativa de liberdade. Os régulos atuais vão, com isso, conquistando espaços cada vez maiores, deixando no seu lugar infinitas desgraças irreversíveis, reduzindo a pó tudo e todos que se antepõem às suas conquistas. O que será que irá surgir, pergunta-se, de tudo isso? Quando não existir mais a quem oprimir, a quem sangrar economicamente, a quem irão sugar? Constituíram entes famintos, despreparados, que, a cada vez, estão sendo transformados geneticamente pelos seus algozes em seres incapazes, originados pela desnutrição e o sofrimento moral a que foram expostos. O que será do nosso planeta?

Naturalmente, a Terra deverá absorver toda a desgraça que reconditamente cairá sobre todos, ricos e pobres, poderosos e humilhados. Em uma sacudidela monstruosa, devastando tudo, para que novo Adão e nova Eva possam construir de novo uma humanidade feliz, sem Caíns a matar Abéis. Num amplexo meridional de irmãos que possam viver em harmonia, a Terra se rejuvenescerá. Novos povos, a cantar loas às vidas de todos os cantos, poderão surgir.

Voltando ao assunto de momentos atrás, após ter deglutido o último trago da aguardente, Sô Dimas passou aos considerandos finais dessa prolongada prosa:

— Capitão Nando não quer nem ouvir falar que Urias ande rastando asas pela Nora, sua fia.

Peão de boiadeiro, Urias dedicava-se de corpo e alma ao seu trabalho. Deixando Pouso Alegre, em algumas ocasiões enfrentando as noites escuras e chuvosas, aportava em Orapronóbis, para sentir, nem que fosse somente pelo olhar, a presença de Nora.

Não fora nem uma vez nem outra que não arrepiava os cabelos, quando a mula alazã-ruana refugava, com o brilho dos olhos do curiango, piando no meio da trilha, aquele estribilho enervante “manhã-eu-vô”, reverberado na orla do cerrado seco. Uma vez, em um desses refugos inesperados, Urias balançou-se no costado da sela, só não tendo caído porque andava bem estribado. Com os calcanhares livres e as esporas chilenas bem afiadas, cutucou os flancos da animália, fazendo-a arrancar, soprando. À frente, viu que não passava de um cupim, morada de térmitas mui abundantes naquela região. Era, na verdade, um desses grandes monumentos arquitetônicos, edificadas pelo labor de milhares de insetos isópteros, mostrando ao homem o valor do trabalho árduo e cooperativista. A mula, meio querendo ir e voltar, arrancou, passando, fungando, olhando de banda, desconfiada, perto do cupim emoldurado pelo capim-meloso, em cujas folhas brilhavam gotas do orvalho noturno brotado “inda agorinha”, semelhantes a miríades de olhos de almas penadas.

Isso era, entretanto, fato pequeno, comparado com o lençol branco como neve, estendido na entrada da porteira da larga que dava acesso à fazenda Lavras e que não passava de uma grande teia de aranha caprichosamente tecida sobre um entulho de lenha cortada e que ali estava sem empilhar.

Urias, benzendo-se, mão no coldre da guaiaca, açoitava a ruana atrevida que teimava em não avançar, sapateando. Ainda não fora dessa vez que uma assombração lhe cortava o caminho. Verificado o engano, consigo mesmo Urias passou a rir-se, não propriamente de si, mas de sua companheira alazã que havia refugado de uma besteira daquela.

A mula, desfeito o “encosto”, trotava meio arisca, com uma marcha gostosa, esquipando, mesmo quando galgava as encostas menos abruptas. Criada foi nas largas cheirosas em que o capim-provisório arreganhava-se nos costados e nas grotas, por onde corria cristalina a água dos olhos-d’água, brotada e solta no meio da campina como uma dádiva divina, uma vez que só vinheiro crescia ali, tendo apenas sambaibas solitárias a emoldurá-la. Campeira, estava acostumada com o sopro do vento, cabriolando pela vargem, carregada ora com vermelhas, ora com roxas flores e sementes do capinzal atrevido; invasor das gargantas e dos baixios, até as margens do regato que por ali gemia, solitário, canções dolentes, correndo entre jangadas de aguapés, formadoras de poços construídos pelo desgaste das rochas calcárias. Era natural, pois, que achasse ser coisa do além, quando surgia algo a tirar-lhe a paz, no que concordava Urias. Os irracionais também absorvem as estórias de mandingas contadas pelos campeiros acorados ao pé das fogueiras. Em noites enluaradas era costume assistir, no espigão da serra da Aldeia, que emoldura a chapada, clarões dos fogos-fátuos, correndo ao sabor do deslocamento do ar guiado pela brisa peculiar dos meses de maio, prenúncio do frio que começa a chegar na região. Ela vem chegando, tão mansamente soprada, como se fosse a respiração calma de uma fada a adormecer. Para os aldeões, a chama que brota da terra anuncia a chegada também de Romãozinho, menino falecido tragicamente em uma enchente de São José, como nunca se viu por aquela banda. Há tempos que vem ele mostrando suas travessuras, como que se entre nós estivesse ainda. Era comum ao despontar da aurora não encontrar os animais que foram estabulados na véspera. Trançava a crina dos cavalos, conduzindo-os às invernadas longínquas. No galinheiro, à madrugada, colocava seu dedo indicador no poleiro, fazendo com que as galinhas para ele passassem sem perceber. Depenava algumas, deixando-as por entre o canavial ou no milharal. Muitas morriam de frio. Vez por outra, abria as cancelas e porteiros do curral onde foram colocadas as vacas treteiras acostumadas a esconder suas crias nos capões de mato, ou então, viciadas em esconder o leite para dar de mamar à jibóia, cobra requintada, velha moradora daquele cupim grande como uma catedral, edificado logo ali na entrada da larga.

O vaqueiro já vinha desconfiando da Estrela, melhor vaca de leite do rebanho. Havia muito que este estava minguando na ordenha. Passou então a espreitá-la e – deus-nos-acuda! – não é que a danadinha encostava na beira do cupim e, de lá, ligeira, babando saliva a fim de lubrificar as tetas, a velha jibóia vinha refestelar-se de leite espumante, puro e quentinho!... Dizia Sô Prisco, proprietário da fazenda em que se deu o ocorrido, que essa estória não passava de pura invencionice, superstição ou mesmo erro de visão. O vaqueiro, porém, jurava ter visto, embora o capim alto não lhe desse boa percepção. O certo é que mais tarde reuniu uns peões e lá foram cutucar a moradia da pretensa cobra.

De lá na verdade saiu uma, enfezada com aquela intromissão. Não parecia ser jibóia, embora tivesse muitas manchas no corpo. Não deu bem para identificá-la, pois não é que a danada saiu fuzilando, numa carreira desbragada, desaparecendo na macega, frustrando a todos?...

— Num falei? Cês tava era ludidos com o negócio – disse, sorrindo, Sô Prisco. — Num credito que cobra mama e, mais ainda, que há vaca que deixa. Qui mesmo no telhado, gingando por entre as telhas, rastejando pelas traves da casa, já notei os vurtos delas. A praga dos ratos tá diminuindo!... Já se está podendo colocar os queijos à cura, sem eles mexê neles. Nhá até isturdia falô nisso, satisfeita por ter diminuído o trabaio de tá refazendo, com a massa deles mesmo, as dentadinhas dos danados. Com o tempo ficam cheios de buracos, desvalorizando a mercadoria. Tinha uns tão danados, mas tão danados mesmo, qui num respeitava nem as cuias pequenas emborcadas e presas no arame de penduração do estrado onde Nhá coloca as peças pra curar. Num respeitava mesmo. Escurregava nelas e aí tava feito o pampeiro. Nhá ficava tiririca... uma onça... braba qui só ela. Só vinha falando na necessidade de dar um jeito nesse negócio, e comendar mais uma jibóia pra comer os malvados, já qui num tinha gato qui vingasse pur ali. Murria tudo pestiado. Falavam qui era praga, desde qui o vaqueiro tinha pendurado um pelo rabo no cruzeiro frente a casa, fincado lá no morro, deixando ele a miar dia e noite, inté qui num risistiu e morreu. Só pru móde o bichano ter comido a coalhada qui ele guardava pra merendar, ele cometeu essa barbaridade. Vejam só! E aí cê viu, né?!... de premero, era melhor. Os bichos andavam quartiados; gora, só fartam é carregar um queijo intero!

E Sô Prisco não parava de contar as estórias, falando sempre sem parar, com aquele arzinho de deboche que somente ele sabia fazer, ridicularizando os bocós, como ele tratava os crédulos peões. Entre eles

havia um, entretanto, que privava mais da intimidade da casa, uma vez que era desses pau-pra-toda-obra muito comuns nas fazendas do interior de Minas. Dizia-se até que muitos deles, filhos bastardos, eram criados ali mesmo pela senhora esposa do senhorio, que fazia olhos largos para esses acontecimentos por muitos motivos. Entre estes, *a priori*, estava a submissão a que era voluntariamente submetida em razão da sociedade machista de então, em que a mulher aparecia como um ser inferior. Em segundo, era o serviço a que eles se prestavam, como rachar lenha, guardando-a em lugar abrigado das chuvas, para ser empregada mais tarde, quando essas chegassem. Se isso caso acontecesse, ficava a cozinheira em papos-de-aranha para alimentar o fogão com madeira molhada. Era um deus-nos-acuda se isso viesse acontecer, transtornando todo o movimento da fazenda. Era ele ainda quem soprava o arroz pilado e alimentava os dois potes de água fresca para consumo da casa, e ainda cuidava de não faltar a ração nos galinheiros e na ceva dos porcos. Dona Nhá não mexia em outra coisa, senão estar atenta ao fabrico dos queijos. Até as candeias, alimentadas de óleo de mamona, era o Chico quem as azeitava e porfiava os cordões torcidos pelos bicos, escorvando os pavios. Chico, criado com certo privilégio, era um desses cabras despachados. Reservado, alimentava uma carinhosa submissão a Dona Nhá, que também o mimava muito. Obedecia-a, entretanto, peremptoriamente. Gostava, nos momentos de folga, de puxar conversa com o pessoal da cozinha e contar umas lorotas. Sá Jove, a dona das panelas, dava-lhe muita trela. Vez por outra eram estas tão cheias de estapafurdices, que ele mesmo parecia não acreditar nelas. No caso da Estrela, porém, ele afiançava que o tal ofídio tinha viciado a vaca. Achava ele que a bicha se sensibilizava com sua maneira carinhosa de ordenhá-la, muito diferente do tratamento que o vaqueiro lhe dava. Não aceitava ela muito o modo de ele custear sua cria, amarrando-a em sua perna. Era comum vê-la protestar, entornando a cabeça para o lado esquerdo, como se fosse chifrá-lo.

As moçoilas que por ali se encontravam, nos intervalos dos serviços que prestavam dentro da casa, mostravam-se crédulas, risonhas, mais para agradar o Chico, pois que, por ali não era todo dia que aparecia um exemplar de rapaz igual a ele, guapo, forte, falador. Embora de estatura mediana, mais pra baixo que pra alto, não era coteto. Era visto como um cara bom-partido para uma eventual união futura.

Sá Jove dava-lhe corda, fazendo credence de tudo. Não era boba nada. Estava ali o esteio do bom andamento de seu serviço. Para tê-lo ali sempre

à sua disposição, agradava-o bastante. Não lhe faltava um naco da carne-de-sol que estava sendo ali assada na brasa, reservada aos patrões. Nem o taco daquela lingüicinha gostosa que se defumava no jirau por cima do fogão. Dentre as espigas de milho assadas, a mais granadinha era reservada. Sabe pra quem? Não precisava falar, todo mundo já sabia: pro Chico! Com isso, também despertava ciúme nos demais camaradas.

E estória ia e estória vinha, rebuscada pela rabinha do cafezinho quentado ali mesmo na chapa, apareceu aquela da jibóia que não mamava somente em vaca. Dizia-se à boca pequena que a tal era treteira e vezeira para, quando a noite descia, ao apagar das candeias, descer do telhado e aninhar-se junto à mulher e sua cria. Colocava ainda o rabo na boca da criança, como se fosse a trouxa de marmelada que se usava muito, à guisa de chupeta, para acalotá-la.

— Neste caso, não venha dizer-me que a bicha vinha pelo faro do leite a pojar-se no peito dela, né?! — indagou, desconfiado e meio matreiro, o Chico Lorota.

Pois o que foi falado, e muito falado, nunca aconteceu...

Em uma dessas noites, Nhá, já deitada em sua cama, após amamentar a cria, aquietou-se com aquela sensação muito feliz de estar sendo procurada. Havia muito que isso vinha acontecendo. Logo que Sô Prisco iniciava aquele ronco de “puxar e assobiar”, ela se aquietava mais para seu lado. Numa dessas noites ele acordou no meio da ronqueira e acendeu a binga, procurando a candeia, que não estava azeitada e nem em seu lugar de costume.

— Será por quê?! Como pode, se quando deitei ela tava ali?! Diacho! Ouvi um barulho, como se houvesse uma coisa arrastando-se pelo assoalho.

Nhá foi logo cortando:

— Se aquiete home... Pode sê algum rato correndo pra se esconder da jibóia, né?...

— Tá bem! — concordou Sô Prisco, virando para o lado, começando quase que instantaneamente a roncar, pegando naquele sono que só os justos conseguem ter.

Na manhã seguinte, como de costume, estava ele prosa, na varanda da casa. Por não saber como, saiu-se logo com a estória acontecida à noite passada, concluindo:

— Ah! Se eu pego a danada da cobra, mandava ela prus quinto dos inferno, pra nunca mais perturbar o sono de Nhá e da criança. O negócio dos rato eu dava um jeito.

Até Nhá concordou, sabendo ela que não havia condição disso acontecer. Sabia de antemão ser só prosa dele mesmo.

Coincidentemente, aparece o Chico mancando. Na cozinha foi logo falando que estrepou o dedão do pé numa lasca de tição, razão por que estava ele enrolado com aquela tira de morim. Usava somente um pé da alpercata de couro cru, para não se machucar. E, coincidentemente, a mucama que estendia a cama dos patrões e varria o quarto encontrou um só pé de alpercata por baixo da cadeira onde Prisco colocava sua vestimenta antes de deitar-se. Dele não era, pois, viu-o calçado dos dois pés. A interrogação ficou com ela e sua resposta também.

— Podia até ser mesmo coisa do Romãozinho, mas acho qui tô certa. Desta vez num era Romãozinho – falava consigo mesma a mucama. — A tal jibóia tinha dois pés – concluiu com malícia.

Porque era discreta, tinha acesso à alcova dos patrões.

— A natureza tem dessas coisas. Num nasce bezerro com duas cabeças? – perguntou a si mesma.

Sempre quando surgia um fato extraordinário, a culpa recaía no Romãozinho.

— Se for indagada, falarei que devia ser travessura do danado do menino.

Na linguagem supersticiosa do homem do campo, nas travessuras, quando acontecidas, o nome de Romãozinho passava de boca em boca, estendendo-se pelo sertão como fogo de morro acima. Refletia-se em todas as camadas, solicitando benzeções para se resguardarem. Dizia-se que todo ano, por volta da seca, era época de rezas, pois, dos fogos-de-boitatá, renascia, cruzando os espigões das serras, o vulto maluco de Romãozinho. Os terços e ladainhas surgiam em todos os lares e lugares onde a fama do menino brincalhão chegava.

Sô Tino, velho amansador de burro xucro, corajoso como não-sei-quê, era o mais considerado para tirar rezas, iniciando-as sempre com o clássico “Kyre Eleison”. Noite adentro puxava a ladainha que só terminava ao romper da aurora, com a mulherada sonolenta a benzer-se com o último mistério dos terços falados em ritmo de cantigas dolentes. Os rosários,

constituídos de sementes de olho-de-cabra, uma leguminosa muito comum naquela região, encontravam-se bem polidos pelos dedos nervosos dos acompanhantes. Eram suas contas de cores avermelhadas, “móde”, como dizia Sô Tino, serem mais bem encontradas e manuseadas à penumbra, já que a pálida luz, que o candeeiro de azeite de mamona pendurado na trave da sala da casa bruxuleava, era absorvida pelas paredes sem reboco.

Romãozinho era treteiro. Às vezes em salas mais escuras, estava ele ali, apagando a chama do candeeiro com a lufada de um vento soprado somente naquele momento. Causava um transtorno danado pra Sô Tino, pois, voltando a acender a lamparina de emergência, não sabia ele qual o mistério do terço que fora interrompido. E dizia:

— O melhor é nós começá tudo de novo.

Essas palavras causavam um desespero danado na criançada que, à barra das saias das mães, já estavam cochilando. Vez por outra, quando adormecidas, eram deitadas no jirau improvisado no corredor da casa, onde as luzes das velas de sebo iam e voltavam, ao sabor da brisa que soprava por entre as frestas da parede, lambendo com volúpia o barro saibroso.

* * *

Com a cabeça a ferver de curiosidade, Homero, olhos arregalados, acompanhava o relato do Sô Dimas acerca do destampatório acontecimento. Urias, moço de futuro e de responsabilidade provada, em muitas ocasiões conduziu boiadas e mais boiadas, de mil ou mil-e-tantos bois cada uma. Pelas serras abruptas, atravessando ribeirões e rios caudalosos, perambulando por estradas às vezes ínvias, prenhes de assaltantes e de aproveitadores, viajava exaustivamente até chegar em Barretos, lá em São Paulo.

— De arribada num ficava nenhum. Cumo cê sabe, tem ele na verdade uma peonada boa de serviço, a começar do pontiador, com seu berrante a tiracolo, o da culatra, Pedro Capeta, e o chefe da cozinha, Bené Cabeceira.

Todos trabalhavam harmonicamente, como se músicos fossem de uma bem orquestrada banda. Bené seguia uma a duas horas à frente, conduzindo a tralha da cozinha nas bruacas e a rede com a barraca do patrão nas canastras bem equilibradas com pesos iguais, tendo um couro de boi por cima a protegê-las do sol e da chuva. Tudo isso bem arrochado. As cangalhas eram conduzidas pelas bestas de carga que acompanhavam a

égua madrinha, cheia de penduricalhos, como pingentes e guizos no peitoral. Os animais de carga e os de montaria chegavam ao destino sem uma mancha esbranquiçada no lombo, indicadora de uma pisadura havida por terem sido mal arreados. Havendo ferida por cima dos rins, tornava-se imprestável o animal. Sabia-se que ele não agüentava carga, quando, mesmo a ferida cicatrizada, ao apertar com as mãos o meio do lombo, este agachava, selando por inteiro em grau de sofrimento. Isso não acontecia com a comitiva de Urias. Seu velho arrieiro fora almocreve por muitos anos, quando o único meio de comunicação e de abastecimento daqueles rincões se dava por essa modalidade de transporte. Fazia escola, o zelo que se tinha com a tropa. Ao entardecer, desarreados os animais, estes eram metodicamente almofaçados com escova de ferro, a que chamavam de raspadeiras, suavizando a temperatura do lombo com cuias de água fresca. Naqueles tempos, as caravanas de bestas de carga, caminhando pelos desfiladeiros por dias e meses, eram responsáveis pelo abastecimento de rincões os mais longínquos do país.

Nessas viagens, debaixo de chuva torrencial, ora miudinha e fria a frigir os ossos, ora um aguaceiro sem-fim a bater na copa das árvores, com coriscos riscando os céus; ora enfrentando fortes ventos, que surgiam rasgando capas e palas, esvoaçando os chapéus mal amarrados aos queixos, destruindo tudo na sua trajetória. Os animais detinham a marcha e, com sabedoria, viravam-se, dando as costas para se protegerem. A peonada, pasma e perplexa, quedava-se também medrosa. Alguns, conhecedores de orações, rezavam a “São Gonçalo”, a única, nos seus entenderes, que era feita pra abrandar os céus. Outros, benziavam-se, prometendo puxar uma “São Marcos Bravo” inteirinha, na próxima encruzilhada. Urias, passada a tormenta, arranjava logo um jeito de seringear a boiada, construindo um funil de peões para a contagem de praxe, de olho no extravio de boi medroso, que sempre era encontrado fazendo hora debaixo de uma árvore mais copada. Nas horas esquálidas da tormenta, Urias se voltava para dentro de si mesmo e seu pensamento era, além dos pais, a menina de seus sonhos. Não se pelava de medo. A lembrança de seu bem-querer embalava-o. A imagem de Nora, vindo e fugindo, fugindo e vindo, desfazendo-se por vezes ao sopro do siroco, espichando-se como o mapa do Chile, para se exalar no espaço, bem no alto, como se fosse reclamar a Deus da negligência do seu anjo da guarda, era um lenitivo para Urias, como se ouvindo estivesse, ao fragor da tempestade, fluxos efusivos de querubins a dedilhar harpas de sonoros acordes. A solidão dos descampados e das trilhas poeirentas não

lhe fazia companhia, uma vez que a figura de sua namorada perfilava-se à sua frente, como se presente em todos os momentos. Não via a hora de sair correndo, de retorno a Orapronóbis, já com a boiada empastada nas invernadas de Araçatuba. Com o dever cumprido, um só e único objetivo tinha – voltar, voltar, e voltar aos olhos de sua Nora.

Parecia até uma obsessão, diziam os da comitiva mais chegados a ele. Pelos cantos, já nos pousos, escondia-se de todos. Não gostava, mas também não reprimia a alegria dos peões acorados ao redor do fogo, tendo uma canastra à guisa de mesa, a gritar “tru...co!”, obtendo resposta “vale seis ladrão de milho”, lançando o zape sobre a espadilha, retornando com o sete de copas.

E a brincadeira repetia-se, de vez por vez, até horas devidas da madrugada. Lá alguma hora, chegava o cozinheiro com uma “rabinha” do licor de pequi que ainda restava na garrafa-quartilho que levava guardada bem no fundo da canastra do patrão.

— É um esquento só – dizia ele, apertando a rolha de buriti no gargalo da garrafa de água inglesa que a mulher, de resguardo da caçula, havia tomado por indicação médica.

Cada qual, estalando a língua no céu da boca, empurrando o odor do pequi pelo fundo das narinas adentro, com aquele cheirinho jamais esquecido, excitava-se mais com o jogo. Viandante ali, naqueles momentos, embora longe de casa e da civilização, sentia-se rico, dono de si e, porque não dizer, feliz. Urias, o capataz da comitiva não participava do imbróglio, que mais parecia até resquício de uma opereta bufa. Nem o cheiro da bebida, que teimava em tresandar-se por todo o arranchamento, o atraía.

Comum era, chegada em pouso mais confortável de uma fazenda mais avançada, ir o seu morador até o rancho dos bezerros, onde se instalavam as redes, armadas com os láticos dos cabrestos nas traves e linhas do telhado, prevenindo assim dos triatomas que habitam as rachaduras das paredes nuas, convidar a peonada a participar de um landau ou mesmo ouvir moda de viola. Dentre elas, a predileta era um arremedo da hoje Menino da Porteira, mais tarde gravada com esse nome. A toada gostosa, se trazia ao mesmo tempo recordações que emocionavam a todos os presentes, servia também para arraigar mais a amizade que entretinha aquele povo simples, unindo-o mais, como se fosse uma só família.

A peonada alegre e satisfeita tirava da mala de pano, carregada à garupa de sua animália, a tralha domingueira, composta de calça e camisa

de fustão colorido, botina “reúna”, lenço longo para ser colado ao pescoço, com sua argola de plaquê amarelo brilhante para unir as pontas. E, sobretudo, arrancava ao coração a vontade de tornar a ser ele mesmo, prenhê de liberdade e desejo de ser valorizado. Investia-se assim, com todo calor, à batucada irreverente, fazendo a casa tremer às batidas fortes dos pés no chão de terra batida, num ritmo pausado e cheio de nostalgia.

Urias, sentado ao lado do violeiro, tramava conversa fiada com o dono da fazenda à sua esquerda.

De repente, mudando a toada, passava o violeiro ao ritmo de uma modinha tangida, como se fosse um buquê florido de saudades, perfumando os corações, a dar pra valer, com suprema disposição, tudo de si. As moças, na maioria filhas dos agregados à fazenda, alvoroçaram-se, cada uma pedindo a Santo Antônio que não a deixasse tomar chá-de-cadeira. Quase implorando para serem chamadas à contradança, produziam uma algazarra tremenda, intercalada de risadas alegres, com o fim precípua de se mostrarem, cada qual desejando aparecer mais.

Os pares rodopiavam bem ao sabor da dança sertaneja, com seus trejeitos peculiares, balançando excessivamente os braços.

Repentinamente, fugindo aos seus devaneios, Urias acorda. Estava quase a cochilar com a fala arrastada do interlocutor que ao seu lado se encontrava. Leva o maior susto. À sua frente, a filha do fazendeiro, conduzida pela sua mãe, se apresenta, tímida gazela, dando-lhe a honra da contradança.

Esquivo, sem saber o que fazer, saiu marchando, quase sem rumo. A ele parecia estar profanando a figura de sua amada que o esperava em Orapronóbis. Mas, o que fazer? Seria a maior desfeita, e mesmo uma desonra, não aceitar aquela gentileza.

Uma musiquinha traiçoeira, tirada em fá maior, era cantada pelo vogal da peonada, Bastião arrieiro, em comparsa com Bené cozinheiro, dedilhando o violão que trazia sempre a tiracolo, cuja serventia era espantar a solidão das noites enluaradas, preso às suas lucubrações.

Daí saiu, em ritmo de modinha, tintilado no violão:

Te...re...zinha, escuta o que te digo...

Eu quero falá contigo: seu batom é um perigo.

É melhor chegá pra lá...

Terezinha... é melhor chegá pra lá.

Tira o rosto de meu ombro,

Não man...che... meu pana...má...
Você sabe que sou um homem casado
Chego em casa manchado,
A Yayá não vai gostá...

Terezinha, é melhor chegá pra lá.
Tira o rosto de meu om...bro...
Não manche meu panamá...

Panamá, na expressão da época, designava a marca de um tecido muito brilhante que os almofadinhas gostavam de usar em ternos de vestuário. Diziam ser trançados de fios de fibra de bananeira, um avanço da indústria brasileira, comemorada pelo governo de então, um tanto quanto nacionalista de altos costados. Como era da cor da palha de seda e dos chapéus panamá, criou-se esse nome para um tecido muito semelhante em textura e cor a estes.

A moçoila girava bem agarradinha ao seu par, orgulhosa por estar abraçada àquele rapaz esbelto, cheio de saúde e, mais ainda, o capataz daquela comitiva. Fazia por provocar inveja nas demais companheiras.

Urias estava longe. Escutava a cantilena como se nada estivesse acontecendo por ali. Somente nos rodopios, atentava pelo ritmo, onde o martelar da colher sobre outra colher, uma invenção sertaneja para marcar compasso, guiava-o por entre os demais pares que se encontravam no salão.

Compromisso selado, já na sua rede, pendurada à estiva do abrigo dos bezerros, agradecia à Senhora do Moquém, de cuja devoção fazia arte. Mais um dia marcado no cabo do pirai com um pequeno corte a canivete, que lhe servia de tosco calendário. Pelo seu cálculo, não havendo nenhum acidente de percurso, vinte e um dias faltavam para empastar a boiada. A alazã-ruana estava inteira. Até parecia estar iniciando a longa viagem. Com ela não havia nada que pudesse contrapor a uma disparada de retorno aos olhares de sua Nora. Ao estio, ou chovendo, ou não, rios caudalosos eram passados a nado, com a água batendo na baldrana do arreo e nos bolsos de sua capa Ideal.

Correram os dias. Numa manhã cedo, após cavalgar grande parte da noite, Orapronóbis estalava aos seus olhos, iluminada pelos primeiros raios de sol que saudavam a aurora, botando seus clarões no horizonte marcado pelas serranias.

Coração sôfrego batia galhardamente, fazendo levantar o peito da camisa, como se estivesse sendo insuflado por um fole.

— Aquieta-se bicho – sussurrava ele baixinho, como se já estivesse saboreando a gostosura que seria a troca de olhares com seu bem-querer; quem sabe, até, receber um abraço? Seria então a concretização de um sonho, arraigado no altar da sublimidade.

Apeou-se logo ali, à rua principal e já mandou descer logo uma brahma rainha estupidamente gelada, que sempre pousava na salmoura do compartimento da máquina de fazer gelo do João Turco. Louco de sede e de vontade de comemorar a liberdade que não desfrutava de quando comandava a comitiva, cheio de responsabilidade, deu o maior suspiro, escanchando o corpo por cima de pequena pilha de sacos de mantimento que se encontrava do lado de fora do balcão – o bar era uma mistura de mercearia, sorveteria, lugar de pasto rápido, mesa de carambolar e também das tertúlias que se prolongavam pelas madrugadas adentro. Fora escolhido por Urias para seu ancoradouro, uma vez que ali ficava bem perto da casa de Nora.

Embora ainda não estivesse toda a cidade acordada, às tantas da manhã já bem alta, os amigos iam chegando à procura de notícias de como estavam os negócios de gado lá pelas bandas de São Paulo... de como se portou a boiada na viagem... tornando-se todos satisfeitos em saber das boas notícias, principalmente da que mais interessava: a notícia sobre a peste que assolava as estradas, e que havia sido dissipada. Tratava-se da temida aftosa, que uma vez instalada pela baba do boi contaminado nas pastagens, ia disseminando a doença, transmitindo-a às boiadas que por elas transitavam *a posteriori*. E aí, chegava um, chegava outro e outro mais e mais outro, e os brindes tornavam-se intermináveis. A felicidade estampava-se na face de todos. Estórias e mais estórias das conquistas vinham à tona, cada qual desejando superar a do último a descrevê-las.

Horas devindas, um emissário, encarregado de levar a Nora a alvissareira notícia da chegada de Urias, retorna angustiado a dar-lhe o recado, em que ela pedia que não mais a procurasse. Contou a ele ainda ter ouvido dela a notícia de que seu genitor – capitão Nando – havia trancado-a em casa, sob pena de interná-la em um convento, caso viesse a transgredir suas ordens, encontrando-se com Urias.

Para ele, Nando, era temerário, ante a sociedade, uma prendada moça, pertencente a uma alta casta social, simplesmente conversar, apenas e tão-

somente conversar, com um capataz de boiada; quanto mais, sequer, pensar em vir a tê-lo como seu genro algum dia. Era simplesmente infamante, no contexto atual da sociedade, tal ato. Um pesado silêncio surgiu na vendabar, e Urias, cabisbaixo, não mais tendo no rosto estampado aquele sorriso feliz de momentos antes, determinou ao João Turco, dono do bar, que mais e mais cerveja fosse gelada. Desejava, pois, encontrar um denominador comum que pudesse dar-lhe alento à angústia que havia tomado conta de seu ser. Na bebida estava o único caminho que poderia apagar todo aquele sofrimento – pensava ele, cá com seus botões, desolado, amargurado e cheio de veneno.

O tilato de hidroxila, já tendo sido transformado em aldeído pela injeção de enzimas específicas, empapava seus neurônios que, desordenados, não mais respondiam aos estímulos enviados e coordenados pelos seus sentidos ao cérebro. As pálpebras de seus olhos tristes já não obedeciam aos comandos do polígono formador do centro da razão, de onde emanam as ordens responsáveis pelos reflexos motores do organismo.

A imagem de Nora chegava aos seus olhos como uma figura translúcida que vinha, ia embora e tornava a vir, para no final sumir no horizonte de seus devaneios.

Repentinamente, num gesto de extrema levitação sensorial, sem que seus amigos que ali se encontravam naquele instante, acachapados sobre sacos de mantimentos como poltronas, pudessem perceber seu gesto extremo, Urias de um salto pula o balcão. Mãos trôpegas, alcança na prateleira sua companheira de viagem, a papo-amarelo, carabina 44 calibradíssima, que antes ali havia depositado tão logo apeou-se.

— Não sei... nem fiquei sabendo como aconteceu – continuou Sô Dimas sua narrativa. — Só sei que houve um disparo, atingindo seu bucho. Caído, não malogrou!

Não chorou! Apenas rugiu. Dentes trancados de dor e de ira incontida, Urias sentia o peso da ignomínia gerada pela casta a qual pertencia, pela vontade de um deus separatista.

O estampido matraqueado que ecoou em toda Orapronóbis, reverberado nas pedras seculares de seu calçamento, foi ouvido do Santana ao bairro das Amoreiras, do largo do Jenipapeiro ao Alto do Córrego, e sentido como ato simbólico de protesto ao princípio da igualdade entre os homens, ferido naquela absurda decisão do capitão Nando. A agonia resserrava o peito do homem comum, naquele gesto de opressão a que se

submetia a sociedade não-igualitária, pela vontade de uma minoria que a conduzia com extrema crueldade.

Deitado já no balcão do bar, sangrava pelo orifício onde o chumbo derretido havia penetrado. Os curiosos, aparecendo em bandos, iam, empurra aqui, empurra ali, abrindo espaço para se inteirarem melhor do assunto. Vindos de todos os quadrantes da vila, estavam muitos deles à procura de notícias frescas, pois, na pasmaceira de Orapronóbis, essas eram escassas. Um acontecimento como aquele alvoroçava a maior parte de sua população. Ao lado, logo ali, residia um médico que foi chamado e, tão depressa chegou, constatou de imediato grave hemorragia, estando um dos vasos mesentéricos comprometido em forma de difícil intervenção. Tratou de transladá-lo para sua residência, onde transformou a sala de visitas em um aconchegante quarto hospitalar.

A habilidade do doutor impressionou os profanos nativos, pela sua criatividade magistral naquele momento imperativo de atuar com presteza, tendo, mais tarde, sido até parabenizado pelo Conselho de Medicina.

E pinça aqui! E pinça ali, e pinça acolá! E lava aqui e lava ali com água levemente iodada, o esculápio amanhecia, olhos vermelhos e inchados ao lado da cama do paciente, com uma dedicação louvável. É para dizer-se, quem o viu e sentiu aquele empenho, a frase que nunca deveria ser dita: “Já não se encontra profissional da área médica como no passado.”

Atônito com a narração de Sô Dimas, Homero amarelou. Conhecia como a palma da mão os dois lados. Não era possível ter havido tanta desgraça em um espaço familiar tão pequeno. Era tamanha a união, que as famílias entrelaçavam-se com as bênçãos do padre Joca, que, à socapa, preocupava-se com a consangüinidade dos nubentes, quase sempre primos em primeiro grau, sendo muitos primos-irmãos.

— Onde será que está o Nezinho, meu sobrinho? – indagou preocupado. — Embora ser ele muito conhecido e serem todos aqui meus amigos, ele ainda com cheiro de couro, além de curioso, é bastante afoito. Perder-se, ele não se perde. Conhece mais ou menos o centro por onde sempre anda, embora locomovendo-se só sob minha orientação. É que não presta muito atenção por onde anda. Tenho quase certeza que sua cabecinha gira em outra órbita.

Preocupado assim, saiu à sua procura.

Na praça onde se realizava o leilão do Divino Padre Eterno, por sinal com pouca participação do povo meio ressabiado com o acontecimento da semana anterior, ele não estava.

Pergunta aqui, pergunta ali, nada. De repente ouviu:

— Ô... tio, tô qui! – e levou o maior susto.

Graças a Deus o havia encontrado, pensou baixinho Sô Homero, ainda meio pálido, trocando as palavras, sem muito ajuste consigo mesmo.

— Tô qui mesmo, vendo aquele arreio socadinho, todo enfeitado. Gostaria de tê ele quando grande eu fô. Deve ser caro! – conjecturou.

Na casa Flor da Síria, logo abaixo de onde havia se dado a tragédia narrada por Dimas, Nezinho fascinava-se com tudo que via. Ali mesmo, quase ao alcance de suas mãos, nas vitrines, brilhavam botas e botinas de camurça, sapatos abertos de amarrar – jamais tinha visto desse jeito –, esporas chilenas, calças de couro, até chicote de pura sola d’anta estava lá. E as chitas coloridas, os zefires listados, os chapéus Cury, concorrendo com os famosos Ramenzonni... e as gravatas e mais gravatas listadas?... Ele nem sabia como atar uma dessas no pescoço. Nunca havia ao menos pegado numa... Tudo coisa de doido. Capa Ideal novinha... novinha... – que beleza! Uma coisa, entretanto, porque não ligava a figura ao material, sabia ele nem como se chamava. Eram os maços de serpentina de todas as cores, fazendo par com as máscaras enfeitadas de confetes, empilhadas sobre um boneco medieval gorducho, cuja barriga era um pipote de vinho coberto por um veludo vermelho, imitando o rei momo visto nas fotografias que a Casa Olímpio Gonzaga distribuía em suas folhinhas anuais. E os lança-perfumes de vidro? Uns, da marca Rigoletto, eram danados para queimar, quando jatados nos olhos dos foliões incautos.

Outros eram da marca Rod’Ouro ou Prata, mais palatáveis, usados por quem dinheiro mais no bolso tinha. Mulheres, diziam elas, ambicionavam sentir nas costas nuas, de forma erótica, aquele friozinho provocado pelo éter que as empapava. E, sopitado às narinas pela evaporação de quando esguichado pelos tubos do lança-perfume, muita vez manejados pelos seus admiradores, lhes proporcionava uma sensação de bem-estar sem limites. Não era senão um fator determinante de um jogo amoroso, refletido nos ais desprendidos de lábios sorridentes, respiração um tanto quanto ofegante, olhos brilhantes, arregalados, convidativos a uma possível entrega.

Toda essa parafernália existia e Nezinho nem de leve sabia. Já tinha ouvido alguém lá na fazenda falar de entrudo. A palavra “carnaval” soava-

lhe como um vocábulo abstrato. “Folião”, então, designativo do participante da festa, era mais do que um longínquo termo inexistente. Foliões que ele já tinha visto eram os tapuios, comandados pelo Luiz de Dario, por volta da festa de São Benedito, realizada em frente a igreja do Rosário. Quando Luiz de Dario – era esse o nome mesmo, filho que era do Dario, pescador inveterado do córrego Rico e tirador de barril do fundo das cisternas, por mais profundas que fossem, como profissão – arreganhava no seu pé-de-bode, sanfona de oito baixos, a musiquinha como epílogo:

“Quicembye Caramuru, quando pisa o pé na terra, bate o vento no penacho

Nosso corpo sacudido vai em cima e desce embaixo, coiá... coiá...”

Os assistentes deliravam. Até o pároco, acabada a missa, não se retinha de nenhuma falta de cerimônia e, batina arregaçada, instalava-se, sentado no último degrau da escadaria da igreja, todo cheio de sorrisos, a ver a “tapuiada” fazendo a coreografia resumida da luta dos índios contra os galegos, escravizadores e grileiros de suas terras, qual besouros invasores que devastam a florada dos cafezais. Essa fantasia tinha seu ponto de culminância quando o “espia”, indiozinho filho do cacique, rastejando-se por entre as árvores, simbolicamente representadas pelas curvas que fazia, gatinhando-se no terreno, arco e flecha na posição de tiro, era descoberto pelo adversário. Na iminência de ser raptado, era salvo pelo pai que, pressentindo algum desenlace maior, andava em sua retaguarda. Resgatando-o, de chofre, saía correndo com ele grudado às suas costas.

Os tambores rufam. O povo emociona-se, ativando o espírito de brasilidade.

A tradição chega de mansinho, caminhando pelo tempo. Vez por outra aparece, no lugar do reinol, o congo, combatendo o tapuio. No final, todas agradam e a festa de Nossa Senhora do Amparo é só sucesso, envolvendo, sobretudo, a classe média e a pobre.

Antes, bem antes do uso do lança-perfume, havia dentro do entrudo o lançamento dos limões-de-cheiro. Eram esferas ocas, feitas de parafina em moldes de madeira. Abasteciam-nas com água-de-colônia. Ao serem lançados, os limões quebravam-se ao encontrar obstáculos, geralmente às costas de uma pessoa, molhando-a com o suave perfume da água-de-cheiro. Esse ato era extrema manifestação de carinho e de bem-querer.

O entrudo bravo, entretanto, executado pela maioria do povo, constituía-se simplesmente em jogar água com abundância nos presentes. Tudo isso realizado na mais perfeita ordem, harmonia e, sobretudo, debaixo de um clima da maior alegria. Havia batalhas. Eram baldes contra panelas, caçarolas e potes cheios de água, que cada um portava, no firme propósito de ensopar mais e mais o adversário na brincadeira. Saíam famílias inteiras para bombardear as casas de parentes e amigos. Transformavam tudo em um aguaceiro só comparável à “enchente do Correia”, com esse nome pelo fato de ter havido um quase-dilúvio em Orapronóbis. Nessa ocasião, morava às margens do córrego Rico um aleijado das pernas por nome Correia e sua mulher, numa casinha de pau-a-pique. Em uma das noites, de verão pesado, quando deram por si, a água lavava o estrado de sua cama. O toró, como nunca se viu por aquelas bandas, foi crescendo, crescendo, erodindo os barrancos. Pela manhã, após passada a tormenta, curiosos foram observar o estrago que a enchente fizera.

Correia estava agarrado à cumeeira da casa. De sua mulher ninguém dava notícia. Como fazer? A correnteza era das piores. Barcos, não havia. Adolfo Laboissière, um carpinteiro serrador de toras de madeira, maestro no uso do grupião, teve a feliz idéia de juntar uns pranchões e, assim improvisada uma maceira, enfrentou a força das águas e foi até onde se encontrava o homem.

Achou-o, batendo queixo de frio, quase inanimado, mas agarrado ao pau da cumeeira. Fora resgatado. Perdera tudo. Encabulados ficaram todos os presentes ao notar que ele tinha uma das mãos levantada. Pois não foi que salvou ele a sobra de seu tesouro? Só não perdeu um quadro de rapadura dentro de um saco que amarrou ao pulso esquerdo. Puxa vida! Ninguém poderia dizer que não tenha sido precavido. Um dos bens fora salvo. Ainda bem que o quadro da rapadura não havia derretido. Deus o ajudou. Embora tenha perdido a esposa, salvou sua própria vida e não deixou de dar meios de adoçá-la.

Não obstante, o entrudo era tão fascinante, cheio de quiproquós semelhantes às emoções da enchente do Correia, que não havia hora de acabar-se. Terminadas as batalhas em residências, começavam as de rua. Quaisquer pessoas que por acaso fossem encontradas nas vias públicas levavam “chumbo”. Molhados, e quanto mais melhor era a farra, com todo mundo cantando e dançando sob acordes de músicas tocadas em gramofones ou vitrolas de corda – nestas, os mais bem aquinhoados da sorte.

A molecada não ficava de fora. Fabricava como que uma seringa com um pedaço de bambu. Nele colocava uma bucha de pano enrolada a uma espécie de êmbolo. Nas poças de água formadas nas depressões do calçamento irregular da ruas, calibravam o aparelho, enchendo-o com aquela água barrenta. Coitado de quem por ali passasse. Juntavam-se. E cada qual, querendo ser mais esperto que outro, manobrava o êmbolo daquela seringa improvisada, esguichando seu conteúdo, correndo para enchê-la de novo, naquela ânsia de querer ser o campeão de melhor emporcalhar de lama o incauto transeunte. Não havia porém nenhuma desavença. Tudo era perfeitamente aceitável em nome do rei momo.

A Casa Flor da Síria era por demais fascinante aos olhos deslumbrados do menino Nezinho. Até a calçada, que hoje é chamada de passeio, à frente dos edifícios, era lajotada com ladrilhos coloridos, formando desenhos ora triangulares, ora em formato de flores. Uma beleza para quem só conhecia – “forante” a de seu tio, que era assoalhada com tábuas largas de perobalrosa – as dos caboclos e dos colonos, que eram de chão batido.

Orapronóbis era muito bairrista, berço de manifestações nacionalistas, desde tempos coevos, em que teve como destaque um de seus filhos, Manoel de Melo Franco, que foi médico do rei de Portugal. Não obstante todo o seu prestígio, fora preso, anos depois, já no Brasil, como um dos cabeças do movimento de 1842.

Com seu povo muito devotado aos problemas nacionais, a cidade jamais deixou-se ser oprimida. Sempre seu forte grito de liberdade ecoou nos longínquos rincões da Pátria. Não se sabe quantos foram seus filhos que caminharam juntos aos demais de outros quadrantes, bradando a bandeira em favor da liberdade, da igualdade e da fraternidade que deveriam reinar entre os seus concidadãos. O certo é que, em cada página desfolhada da história, lá estão eles, os patriotas anônimos, emoldurando os quadros dos que, mais espertos, fixaram-se no centro dos acontecimentos, intitulado-se os únicos defensores desses dogmas.

Um fator determinante em favor dessa premissa deveu-se ao isolamento a que injustamente lhe impuseram os poderes constitucionais deste país, aliado às condições de estar Orapronóbis fisicamente enjaulada. Enfurnada em uma depressão ao pé da serra da Boa Vista – um degrau para o Planalto Central, ilhada pelos rios São Marcos, a oeste, e o Paracatu, a leste, ambos sem pontes –, era um David entocado, rugindo porque lhe tomaram a funda pela qual poderia enfrentar o Golias extrativista. No Brasil

Colônia arrancaram o seu brilhante seio de ouro, dando-lhe em troca as cavernas erodidas nas quais até hoje são ouvidos gemidos oriundos das devassas que se faziam. São lugares de medo, onde se esconde a vergonha do sangue derramado não só de milhares de escravos, mas também de centenas de patriotas que, espoliados, clamavam pela libertação do país do jugo dos reinóis.

As estradas carroçáveis que a bico de picareta foram rasgadas, transpondo serras, não eram mais que trilhas, que ao tempo das águas transformavam-se em atoleiros imensos. Transposto o pontal, um semiponto no rio Paracatu a caminho da capital do estado, as lagoas formadas pelo transbordamento do rio da Prata emendavam-se em um só atoleiro de muitos e muitos quilômetros, dando impressão ao viajante, pela demora de dias nessa transposição, que se estava a caminho não de Belo Horizonte, mas sim do Japão.

A oeste, a canoagem através do rio São Marcos ajudava na comunicação com Goiás, estado então em progresso.

Ao norte e ao sul, somente fazendas de gado, cuja criação extensiva era fator de equilíbrio econômico local. O fazendeiro, grande latifundiário, quase sempre somente comparecia à sede de sua propriedade à época de “dar sorte” ao vaqueiro lá pelos albores do mês de abril. Em novembro, por ocasião das visitas à cidade de boiadeiros oriundos de Barretos-SP e de Uberaba, no Triângulo Mineiro, era a oportunidade tão desejada que chegava. Vendiam-se os machos. A bezerrada de sobreano, para os criadores, e os novilhos de dois a três anos, para os invernistas. Muitos, entretanto, preferiam jogar a boiada na estrada. Afoitos, à procura de melhor mercado, cavalgavam dias e meses, sob sol inclemente ou sob torrenciais aguaceiros. Estava ali na estrada, nos milhares de bois, embutidos juros penosos, cobrados pelos agiotas locais. Não havia bancos comerciais – só um correspondente do Banco do Brasil, sufocado por exigências absurdas da matriz, o que o impedia de operar grandes quantias. Em muitas oportunidades, não passava de um contumaz arrecadador de terras pertencentes aos fazendeiros que nunca conseguiam pagar os financiamentos mirabolantes, feitos em projetos próprios para o sudoeste, área evoluída do país. Jamais conheciam a verdade do campo. Não havia projetos em que se pudesse avaliar, com a precisão da meteorologia, a hora do plantio ou da colheita. Tudo se perdia pela falta ou pelo excesso das chuvas que causavam enchentes, arrastando o suor do lavrador, para depositá-lo no caixa do banco, que amealhava sem o menor constrangimento.

Quando não era isso, era a falta de preparo para amainar a terra com a tecnologia própria que, no sul, era dada de graça.

Veza por outra, a boiada era atacada pelo vírus aftoso. Aí é que era penúria. Coitado do gado e mais ainda dos peões. A rês portadora tinha dificuldade em alimentar-se, pela estomatite generalizada. Por onde passava, a baba contaminava outra rês que eventualmente alimentava-se das folhas do capim de beira de estrada, que sempre fica mais viçoso. O capim-meloso, mais abundante, trepado nos arbustos do cerrado, pelo viço e pelo odor era um atrativo dos melhores. A gordura que contém suas folhas aliviava a dor da boca cheia de aftas doridas, facilitando assim o mastigamento. Era, entretanto, o caldo de cultura dos mais eficientes que o vírus tinha pedido a Deus para sua propagação.

Diz-se que notícia ruim corre mais depressa que o vento. Não anda, voa. Quando acontecia de uma boiada estar atacada, o mal, como um furacão, alastrava-se por todo o sertão, fazendo com que outras boiadas que marchavam atrás fossem desviadas daquelas estradas contaminadas pela peste. Como se dizia, boiada pesteada, boiada sem preço. Era preciso que a empastasse e procurasse medicá-la. Não havia remédios específicos que combatessem ou prevenissem essa epizootia que dilapidava a economia do campo.

A boiada pesteada locomovia-se vagarosamente. Os cascos dos animais começavam a encher-se de fístulas doloridas. Em toda a região, os animais unglados contaminavam-se. Nas campinas, o veado, a corça já não podiam saltar as moitas de capim “provisório”, quando acuados, com a mesma desenvoltura de que são capazes. Nos capões o caititu, a queixada e a anta também eram encontrados febris. Uma tristeza descomunal caminhando pelo sertão.

Por segurança, toda a comitiva carregava uma canastra-botica, a cargo de um veterinário amador. Nela havia instrumentos cirúrgicos que consistiam de um bem afiado canivete, um facão, agulha de costurar, barbante fino, ácido sulfúrico, melado de cascas de barbatimão, iodo, algumas faixas de morim, tártaro e muita bugiganga. Tratava-se de apetrechos emergenciais, capazes de estancar um sangramento, de suturar um ferimento e de praticar uma assepsia de um campo operatório, embora precariamente. Alguns mais sofisticados ainda levavam algumas empolas de soro antiofídico para uma eventual picada de animal peçonhento.

Os animais mais afetados iam peregrinando numa marcha de fazer doer a alma dos peões. A culatra ia enchendo de novas cabeças que iam se arrastando como almas penadas à procura da luz divina no horizonte e que, a cada passada, ficava mais longe. Horizontes tão lindos, como os da aurora brilhante, e tão esperados, como os do pôr-do-sol... quando chegava o momento de, compulsoriamente, malharem-se extenuados.

Ao chegar em locais mais povoados, os que não agüentavam locomover-se com desenvoltura eram vendidos aos açougueiros que, após quarentenas, abatiam-nos, fazendo a carne-de-sol tão desejada no sertão.

Finalizada a jornada e já nos entrepostos onde havia escritórios que serviam de intermediários para as ofertas, dava-se como missão cumprida. A peonada esbaldava-se nas casas de diversões. Aproveitavam a oportunidade para comprar lembranças com que mimoseariam seus familiares ao chegar em casa.

Despachada a comitiva de volta, ficavam só alguns peões, em caso de necessidade de dar assistência ao veterinário na cura de algumas reses doentes. O tratamento consistia em, derrubado o animal chinchado, baixo-ventre bem apertado, este ficava assim inerte, à mercê do operador, que podia iniciar a intervenção com certa tranqüilidade. Cortava-se a frieira dos cascos, o que, em muitos dos casos, conforme sua extensão, ensejava a necessidade de aprofundar mais na limpeza, chegando-se até a expor o osso artelhado. Usava-se o canivete como se fosse na verdade um costótomo, rapando a ferida de todo o mal implantado. Em seguida, queimava-se-a com fios derramados de ácido sulfúrico, isolando a parte afetada com mel de barbatimão, que era didaticamente pincelado em toda a sua extensão. A cicatrização era feita pelo alto teor de tanino que há na casca desse arvoredo. Era útil também para isolar e não deixar que a ferida ficasse exposta às moscas-varejeiras.

Era doloroso ver como se sentiam os peões ante aquele ato cirúrgico, sem nenhuma anestesia por mais fraca que fosse.

Assim medicadas, as reses permaneciam em pastos pequenos para não se locomoverem muito, facilitando a troca dos curativos de três em três dias.

Na barraca armada na orla desses ancoradouros de boiadas doentes, qual uma unidade de terapia intensiva, a nostalgia batia, corroendo o coração naquele isolamento. Era desesperador ficar preso à rotina. O que de algum modo salvava era a lembrança de casa, levando os peões a molhar os olhos

quando algum entoava uma canção dolente, falando de saudades, de amores e de paixão. Por vezes, ao relento, nas noites quentes, deitados sobre as enxergas, tendo como travesseiro o pelego dobrado, fixavam os olhos no firmamento e contavam, erravam as contas, voltavam a contar, numa operação interminável, os astros brilhantes no céu. Alguns, mais voltados para o lado poético que todo homem tem, costumavam até a dar nomes às estrelas, principalmente designativos de mulheres que conheceram na sua trajetória de vida. E adoravam-nas, nem que fosse por olhares que falavam coisas de amor às escondidas – fantasias agitadoras do coração.

Meditavam! Assim, os dias e as noites corriam, e ali ficavam. No canto da boca, o cigarro de fumo, enrolado na folha do capim-cotinga na falta da palha de milho, o mais jovem deles, o João de Júlia, marcava com duas colheres sobrepostas o compasso das modinhas solfejadas pelos companheiros. O ambiente na barraca, quilotado pelo fumar do cigarro, servia de palco, auxiliado pela imaginação, ao bailado das iaras fugitivas das águas do ribeirão que cantava bem próximo dali. Dentro da fumaça surgiam figuras maravilhosas, dançando ao sabor da vontade e de suas fantasias. As bailarinas vinham e iam-se como vieram.

Veza por outra, um suspiro mais profundo entrechocava-se aos bemóis e sustentidos das toadas que falavam de amores não-correspondidos.

* * *

O berro sentido do boi que malhava ali por perto despertava nos peões a figura do “veterinário” – facão na mão, qual um guerreiro oriental – a escarafunchar a pobre pata do animal com cortes profundos que, muita vez, mutilava, deixando-o com uma só unha ou fatalmente manco. Era um boi cotó. Dava pena vê-lo andando aos pulos. E pensar ainda que tudo fora feito a céu aberto, sem a mínima anestesia. A dor sofrida entranhava-se no coração dos peões. Por tratar-se de um animal irracional, era justo praticar ato de tamanha barbaridade? – perguntavam-se, observado um certo pejo. Como era possível um ser humano fazer uso de um expediente tão medieval como aquele?

É o que nos conta o autor do livro “As Noites das Grandes Fogueiras”, Domingos Meirelles, em um documentário feito com sabor de admiração ao patriotismo e à valentia dos componentes da Coluna Prestes, assim denominada por ter sido comandada por Luís Carlos Prestes – uma ponte

de ligação às muitas figuras de expressão no combate ao cerceamento das liberdades e ao absolutismo que imperava no país, sob a égide de uma democracia de fantoche.

Às páginas 548-551, o autor descreve com raro faro de narrador emérito vários tópicos de cenas de abstração de tudo que pode o ser humano realizar, fazendo o leitor viver os instantes relatados como se partícipe fosse de episódios dignos de dramas épicos.

Conta ele, em vários trechos patéticos, transcritos aqui com a reverência que se nos é imposta pelo alto teor de um jornalismo são que lhe é peculiar:

Houve épocas em que a coluna conduzia cerca de 50 padiolas. Como os ferimentos custavam a cicatrizar, as lesões supuravam e exalavam um cheiro forte de carne podre. Apesar da precariedade de recursos, os rebeldes mantêm um improvisado corpo de saúde que faz verdadeiros milagres. Como os únicos instrumentos cirúrgicos de que dispõem são um bisturi, algumas pinças e tesouras, as cirurgias são feitas sempre com o auxílio de punhais, facas e canivetes. A céu aberto, sem anestesia.

As amputações, as intervenções mais delicadas, são também feitas a sangue-frio, quando os ferimentos começam a exibir os primeiros sintomas de gangrena. A coluna não tem médico. Os enfermeiros fazem praticamente tudo.

As cirurgias complexas, que exigem conhecimentos mais profundos de anatomia, são sempre conduzidas sob a orientação de um tenente veterinário, o gaúcho Aristides Leal, que as contingências promoveram à condição de chefe do corpo de saúde.

Houve nesse ínterim, pela narração do livro, um desentendimento entre o tenente médico José Ataíde e Siqueira Campos, assim relatado:

O episódio que provocou a briga com Siqueira Campos e, em seguida, o seu afastamento foi a recusa em operar, em Anápolis, um soldado com um ferimento horrível que começava a gangrenar. Uma bala inimiga ricocheteou no carregador do fuzil-metralhadora e lhe decepou o braço direito. Não havia condições técnicas de realizar uma cirurgia, num caso grave como aquele, sem instrumentos adequados.

Ataíde não sabia o que fazer. Dois dias depois, Siqueira convocou o veterinário Aristides para examinar o ferido, cujo estado era desesperador.

Como Ataíde sustentava não dispor de recursos para fazer a amputação, o veterinário apanhou um facão e comunicou ao médico:

— Vamos ter que fazer uma operação de carnicheiro, senão o homem morre.

Aristides fixou os olhos no ferido, aterrorizado com o facão, e procurou tranquilizá-lo:

— Você é jovem e não vai morrer.

Para sorte do soldado, que era marinheiro, ainda havia uma certa quantidade de cocaína na farmácia da coluna. O veterinário deu-lhe uma injeção no local do ferimento para atenuar a dor e iniciou a amputação. A operação foi presenciada apenas pelos enfermeiros: tanto soldados como oficiais foram para longe, para não ouvir os gritos do marinheiro. Prestes, que fazia sempre questão de observar as pequenas cirurgias e acompanhar de perto o tratamento dos feridos, também se afastou.

O pós-operatório foi surpreendente. Durante quatro dias, o soldado foi conduzido de padiola pelos companheiros, mas no quinto já estava montando a cavalo.

* * *

Voltando aos atos dos boiadeiros, Sô Homero, dando um até-breve ao compadre Dimas, despede-se atabalhoadamente, deixando-o meio desapontado, uma vez, que apenas começara a relatar o acontecimento em que estava envolvido Urias.

Não era o mesmo de antes. Instalou-se nele o vulto do homem introspectivo. De tão cheio de expectativa – de quando galgara a ladeira que o colocara cara a cara com Orapronóbis – transformou-se num ser sorumbático, revoltado contra tudo e contra todos. E até mesmo contra o padre Joca, que venerava. Pois, não era ele que pregava a tolerância como o maior desígnio de Deus?! Não... não, padre... o homem não possui a estrutura dos santos para sustentar uma chicotada como aquela que lhe haviam aplicado, estupidamente, estribado num caso de castas que já devia estar dobrando o espigão das idéias retrógradas da Idade Média.

E o amor ao próximo, onde fica, meu padre e amigo? Será que morre no cálice de vinho e na cesta de pão que nos consola, apenas recitando o *slogan* venerado de ser este o ato perfeito da Aliança? de que deve anexar-se o homem aos céus? Será?! Ou será tudo isso apenas um simbolismo para segurar os instintos inerentes à estrutura do ser como animal apenas?

Caso seja... que seja, pensou. O certo é que a vida é bela!

A natureza nos mostra como é desvanecedor o rebento da crisálida, proporcionando a libertação de uma outra forma alada de vida que, lançando-se no espaço, caminha na direção da luz com a desenvoltura de uma conquista definida. Para isso ela lutou. E muito!

Como é lindo o desabrochar das flores que se abrem para serem admiradas, escancarando suas anteras, para oferecer o seu pólen às abelhas operosas, semeadoras de gametos, como também dos odores, de corola em corola, perfumando a primavera.

E magnífica é, ainda, a vida pela qual lutou o soldado da Coluna Prestes, deixando-se ser operado por um carniceiro, como o veterinário Aristides era chamado. Para quê? Para se viver, mesmo consciente das dificuldades que iria encontrar, principalmente a caminho do ideal a que se havia consagrado, que era o de pelear pela liberdade em todos os matizes.

O boi cotó, maltratado pelo ácido sulfúrico e pelo facão do veterinário, firmava-se ao deslocar-se vagarosamente, a pata lesionada, no terreno pedregoso. Usava por vezes apenas três pés. Calmamente vai sempre chegando até encontrar a frondosa mangueira, na qual se acomoda sob a sombra acolhedora, passando a ruminar, vivendo a vida pela qual lutou.

Até dele lembrou-se Sô Homero.

Lutou contra a doença, lutou ao ser operado, lutou para viver e ali estava ele, completando sua existência determinada pelo alto instinto de conservação da espécie que lhe foi inculcado pela sábia natureza.

Por que, meu Deus?! Por que alguém se julga no dever de obstruir sua existência, alegando ser o dono de sua vida?

Esquece-se que a vida em si é uma perene batalha, onde há triunfos e derrotas, alegrias e tristezas. Nunca, jamais, será um mar de felicidades, como também não será um perene oceano de lágrimas. Viver é conviver com diferenças. Nada mais salutar do que preservar o consenso quando se consegue chegar a ele. A tolerância não deverá agir tão-somente como ponte de obter-se vitórias em alternativas que se apresentem no decorrer de um debate ou de um difícil problema. Tolerância se utiliza a todo o tempo, como um fator de preservar a integridade total dos contendores. Tolerar a si próprio é fator de domínio aos instintos que estão insuflados no ser animal que se é, e que são inexoravelmente parte precípua da natureza humana. Nesse domínio está a essência do sucesso.

No microcosmo, as bactérias brigam para estabelecer o equilíbrio no meio em que mourejam. Na flora de uma cultura há espaço para todas. Nem mais, nem menos, para cada espécie. São formas primitivas de vida que encontram o modo de como viver em colônias com congruência. No macrocosmo, é cansativo explanar-se sobre o valioso equilíbrio existente nos vários clãs.

E assim, no seu parco entendimento das coisas, baseado apenas nas experiências de vida, na minuciosa observação dos fenômenos naturais, Sô Homero não conseguia concatenar as idéias e acabava voltando-se para assuntos que não lhe davam satisfação íntima condizente com sua formação religiosa e, repetidamente, formulava:

— Como pôde isso acontecer?! Será que o demo anda solto ou é mesmo incompreensão humana? Num intendo... num intendo... Garanto que padre Joca também não.

Sô Homero tinha, a essa altura de suas divagações, a figura do padre como espelho para sua vida. Não era para menos. Tratava-se de uma alma nobre.

Sacerdote, filho adotivo e de coração dessa cidade maravilhosa que se conhece pelo esdrúxulo nome de Orapronóbis, conduzia seu rebanho cheio de graça. Alegre, risonho, contador de piadas, algumas meio picantes para o sabor eclesiástico, era um “ator”, juramentado na Doutrina Romana.

Místico era, sem saber. Essa qualidade que lhe era inerente, auxiliava-o na contemplação dos fenômenos naturais, muito próximos à cultura de Lavoisier. Quem sabe, até, ter-se tornado de fato um carismático, assimilando os princípios físico-químicos da doutrina? A vida humana pé-na-terra, interessava-lhe mais que mesmo prepará-la para a universalidade projetada pelos profetas, nas cantilenas dos livros intumescidos de parábolas e provérbios – uma figura ímpar.

Celebrava a passagem do Filho de Deus pela Terra, consumada na eucaristia, como se fosse não uma tragédia grega, mas sim o prelúdio de uma vida terráquea cheia de felicidades para a humanidade.

Era um refinado gozador. Nos momentos de descontração, punha-se como qualquer membro de sua comunidade, integrando-se nela com naturalidade. Sofregava um gole de pinga com tanta naturalidade, como fumava seu cachimbo nas rodas descontraídas de amigos íntimos. Seus olhos, porém, não pestanejavam para dar cobertura a qualquer ato desabonador da sociedade.

Nas desobrigas era o conselheiro que os romeiros pediam. Jamais desprezava quem quer que levasse ao confessional suas íntimas passagens de vida, desejos impossíveis e práticas, às vezes, fora de ética.

Na verdade dominava seu sacerdócio com extrema sabedoria e desenvoltura. Nunca absorvia sentimentos de outrem. Se o fazia, não dava para perceber. Estava sempre pronto para diagnosticar mais um, mais outro problema, tantos quantos lhe fossem apresentados, e dar soluções palatáveis; nunca além ou aquém dos dogmas eclesiásticos. Sua alegria era contagiante. Seu otimismo conseguia tanto remover as rajadas sofridas pelos seus paroquianos, como lhes ensinar a cavar trincheiras e abrigos contra elas.

A sua desobriga predileta era a da Lapa, onde reunia maior quantidade de romeiros. Posteriormente ergueu-se ali, por força do dinamismo de seu povo, a cidade de Vazantes, uma das mais progressistas do interior mineiro.

No povoado da Lapa, reunia-se numeroso contingente de pessoas de todas as comunidades e cidades vizinhas. Ali, celebravam-se casamentos, batizados, crismas e missas diariamente, durante todo o período da romaria. Padre Joca desdobrava-se. Alegre, precariamente, dormindo quase nada, era todo um vulcão em atividade, atendendo a todos os que o procuravam para a administração de quaisquer sacramentos.

No dia do encerramento da romaria, havia a procissão. Lá estava ele, desenvolto no púlpito rústico armado à entrada da caverna santa, a pregar bondade, trazendo sempre esperança de uma vida menos difícil para todos. Seu estilo culto e ao mesmo tempo compreensível à multidão de fiéis, que em sua grande maioria era de analfabetos, contaminava aquela gente emotivamente devota.

Cada romeiro cumpria suas promessas, convicto da sanção do débito contraído diante do santo de sua devoção. Quanto mais difícil era o problema, muito mais difícil era realizar a promessa. Feita essa, sabia-se que estava o fato pedido, consumado, por mais impossível que fosse. Promessa saldada, alma lavada, descontraída, desafogada, pronta a cair nos folguedos profanos, vividos nas tendas e barracas armadas no imenso largo, em frente à Santa Gruta.

As promessas estavam pagas. A alma, compensada. Os pecados, juramentados. As penitências foram cumpridas, e com elas foram também os pecadilhos e pecadões. O paganismo ressurgido das cinzas devotas explodia com força. Desejos incontidos emergiam. O caminhar apressado do gentio pelas estreitas vielas, entre ranchos e botecos armados

aleatoriamente nos terrenos vagos, nas imediações da Gruta, estava espelhado na liberdade que se alcançara pelos débitos saldados com Deus.

Os batuques, as catiras e até os maxixes reverberavam por todo aquele aglomerado. O foguetório, a banda de Orapronóbis, também ali imigrante, com seus dobrados, tecia a cortina dos folguedos, fechando a janela da devoção e abrindo as frestas da mundana diversão. A vida em toda a sua plenitude ressarcia-se assim, prenhe de desejos, muitos deles inconfessáveis, ativando a força dos instintos atados à espécie.

Sô Homero bem que gostaria de participar desses desafigos, impingidos pela malha atávica da vida em si mesma. Dessa vez não fora à festa da Lapa. Estava empenhadíssimo em entregar um trecho de estrada – lá pras bandas da Traíra, caminho da serra da Cangalha, nos Pilões, que havia empreitado – ao governo do município. Se bem que o traçado circunavegasse pelos espigões, evitando assim pontes, escavações e aterros, era entretanto penosa a tarefa, toda feita a bico de pá e ponta de picareta.

Orapronóbis crescia à medida da chegada de imigrantes. Em sua maioria, partiam de Pirapora, subindo o São Francisco e, entrando na barra, escalavam as correntezas do Paracatu. Essas escaramuças pelos rios eram feitas em gaiolas mui semelhantes aos vapores que trafegavam no rio congênere na América do Norte, o Mississipe.

Veza por outra, no trajeto rio acima, no Paracatu, um remanso ou uma croa de pedra ameaçava a integridade da embarcação. O trecho mais difícil a transpor era o canal da Cachoeira Grande. O acidente era como se ali estivesse implantado um artifício dos deuses – como um dos fatores de multiplicação do isolamento que, como maldição de tanto sangue consumido na cata do ouro de aluvião –, impingido como uma pena maldita a ser cumprida por Orapronóbis.

Tamanha é a albarrada, semelhante a um muro que se ergueu por ali, que se dá, até, a gente pensar na repetição da luta em que se envolveu Albion, filho de Netuno, quando interceptou a passagem de Hércules pela Ligúria, na Itália antiga – terra correspondente ao Piemonte, Gênova e proximidades, descrita pela mitologia. Acabadas as flechas, teria Júpiter esmagado Albion sob uma chuva de pedras. Descreve-se ainda que o local onde se travou o combate encheu-se de pedras por léguas, constituindo o que se designa por *Lapideus Campos Romanos*, ou, na linguagem celta, por *craigh*, que quer dizer “monte de pedra”.

As lendas se multiplicam. Ora era o caboclo-d'água que, assobiando, chamava todas as entidades moradoras das cavernas subaquáticas. Incomodadas em seu silêncio, seguravam a embarcação, não a deixando galgar o nível mais alto do rio. Ora era a iara, que, dedilhando sua harpa, provocava o sono dos marinheiros.

As canções falavam tão profundamente aos corações da marujada, que conseguiam entorpecê-la, carregando-a para as profundezas das águas barrentas. Daí que a marujada não dormia com horror da música embriagadora. Daí, também, ter em toda embarcação, presa a sua popa, uma carranca. Quem não a possuísse estava fadado a sofrer dilatações. As carrancas do São Francisco são *sui generis*. Não são todas iguais na aparência. Cada artesão coloca nela sua arte, seu sentimento, transformando-a no paradigma da segurança. O barranqueiro, como o marujo, tem por excelência, engravado em si um misto de superstição e de uma falsa idéia a respeito do sobrenatural. O rio ensina-lhe a sonhar.

Talhadas na madeira, são instrumentos que estão intimamente ligados a presságio infundado ou vão, tirado de acidentes ou circunstâncias meramente fortuitas, gerando credices inerentes ao *habitat* de seu povo. Em suas concepções, são objetos de amedrontar e de afugentar os habitantes submersos nas águas. Sob a mira dessas carrancas, o muito que estes poderiam fazer era, nos mergulhos que realizavam ao se depararem com elas, soprar um leve banzeiro, benzendo-se, amuados. Com isso, no marulhar das águas, formavam-se, por vezes, ondas que faziam trepidar a embarcação, quando adquiriam maior velocidade, muito semelhantes às que sofrem os carros, correndo em uma estrada cheia de ondulações, que no interior são denominadas costelas-de-vaca. A margem elevada do rio, denominada pelos nativos de riba, era galgada com dificuldade.

O calado das embarcações não coadunava com o volume de água deslocado. A distância da quilha, medida verticalmente à linha de flutuação, não era compatível com o gênero das lanchas bojudas. Os cascos, assim, sempre estavam roçando nas pedras, onde o canal fora formado pela força das águas, erodindo as rochas calcárias através dos milênios.

A superstição era tão grande que a tripulação dos gaiolas ou das chatas controlava a velocidade de suas embarcações para que a chegada na Cachoeira Grande não coincidissem com o crepúsculo.

Metodicamente, lá pelas quatro da tarde, inicia-se o sopro do vento, que vai intensificando-se, à medida que o pôr-do-sol se aproxima.

O banzeiro é peculiar à maioria dos rios, cujos leitos foram cavados na Região Centro-Oeste. No Paracatu, embora na região noroeste mineira, ainda sente-se o reflexo dele. É resultante dos ventos alísios, quentes, vindos do hemisfério norte, que colidem com a massa fria do sul, em função do esfriamento mais rápido da Terra que se dá no continente antártico, pelo inclinação do eixo terráqueo.

Esse fenômeno não chega a molestar, trazendo entretanto um certo desconforto aos navegantes em horários devidos da tarde. Retorcendo a embarcação, desviando aqui e ali de uma ponta de pedra mais perigosa, a marujada inicia um trabalho penoso de deslocamento da embarcação na subida da queda-d'água. Nas laterais do tombadilho, posicionam marinheiros treinados especificamente para o manejo do varejão. Fincando a vara no fundo do leito do rio, os homens dão início a uma caminhada que vai da proa à popa, tendo a vara presa ao peito, na confluência do ombro. Com essa alavanca formada, o esforço é dirimido, não deixando, entretanto, de ser extenuante. No local onde é preso o varejão, surge um calo duro, doloroso, incomodando o marujo à noite ao deitar-se. Costuma-se fomentá-lo com azeite quente, para estar o homem pronto no outro dia, de volta ao mesmo trabalho penoso de levar a embarcação nas passagens do leito menos profundo do rio.

Nesse entrevero, o marinheiro que chega à popa é substituído pelo que vem atrás, formando assim uma corrente que proporciona o deslocamento da embarcação, impulsionada pela soma das forças de cada um. Nessa conjuntura, a roda que desloca a água e que fica na parte detrás do gaiola é presa para não quebrar-se numa eventual batida em uma pedra ou tronco de madeira preso no fundo do rio. Esse ritual é muito similar ao deslanche das balsas movimentadas pelos barqueiros do Volga, na longínqua Rússia.

O comando é feito com o capitão a marcar o ritmo pausado e lento. É uma contagem semelhante à do “patrão” dos barcos de competição náutica. Difere aqui por estar o comandante de pé, em vez de sentado à popa, e empunhando seu caduceu, que nada mais é que uma vara delgada e lisa, encimada por duas serpentes enroscadas e asas no topo. É um cetro preparado de guatambu amarelo, madeira nobre propícia a essa escultura, por ser ainda bastante resistente na confecção dos varejões.

O trabalho árduo, mas fascinante, inicia-se com o grito: “Máquinas paradas... Roda da popa presa?”, que é respondido pelo maquinista da caldeira.

Os ribeirinhos do São Francisco usam, às vezes, de expedientes identicamente iguais aos dos que transportam gado na ilha do Marajó. As gambarras marajuaras, tripuladas por cinco homens, carregam oito cabeças de gado e, além do varejão, usam também cordas para serem puxadas por homens que caminham nas margens dos igarapés, riachos e corixos, muito semelhantes aos do extremo sul do país, no Rio Grande. Por essa razão de tamanhas similitudes, é o rio São Francisco denominado “rio da integração nacional”. O homem que ri no sul é o mesmo que ri no norte; o que chora no nordeste é igualzinho ao que lamenta no centro-oeste. O amor à Pátria leva-o a ter costumes iguais – comer churrasco em Natal, beber chimarrão em Manaus, saborear pato no tucupi em Porto Alegre... É tudo igual, como o cheiro do queijo mineiro e a rapadura baiana, associando ao sal a doçura de sua sacarose. É o rio vivo, como se humano fosse. Os sorrisos que brotam das entranhas da serra da Canastra enchem-no de orgulho. Rindo abertamente em Três Marias; talagando um gole no coité da boa e famosa pinga no baixio de Januária, quase na confluência do rio Salgado, anima-o a estrondar em Paulo Afonso; dançando o corta-jaca, forró para velho nenhum botar defeito, em Juazeiro, para ferver, atrevido, ao trevo de Petrolina; por fim, correndo aos saltos em Sobradinho, despeja, em gargalhadas alegres no Atlântico, toda a bravura de um povo que marcha na senda da ordem e do progresso. Jamais necessitou-se de um orfeu para dedilhar, quer sua lira, quer sua cítara, com as trinta e nove cordas de pura sonoridade celestial. O marulhar de suas águas, inundando terras, vales, serras e montanhas são como acordes harmoniosos que dão vida, transformando sua bacia fértil em riqueza, com as bênçãos da pródiga natureza que o ajudou a cortar e construir seu leito.

* * *

Subida a ria, transpostos os obstáculos, ia devagar o vapor-gaiola, saracoteando rio acima, mui semelhante a uma mundana requebrando-se nas vielas da rinha onde trabalha.

Após o sexto dia, aproximadamente, da largada em Pirapora, descia âncora no Porto dos Buritis, o último ponto navegável do rio Paracatu.

Pirapora, próspera cidade do norte-noroeste mineiro, era entreposto, ponto de confluência que anexava a navegação fluvial à então Estrada de Ferro Central do Brasil. Era um elo de ligação de regiões geográficas do país. Tem o seu nome característico, de origem indígena, conforme os

ribeirinhos, derivado da queda-d'água que emoldura o panorama de sua magnífica localização. O grande vulto de veredas que desembocam no rio transforma-a num criatório de alevinos tranqüilo e perfeito. Daí, ser a piracema linda de ser vista. Seu nome, pois, é o símbolo da gramática concentrada dos índios que por ali transitavam. O salto do peixe era designativo simplesmente – “pirapora”, em uma só palavra. Várias tribos por ali passavam e, deslumbradas com a opulência da paisagem, foram ficando umas, depois outras, até se arrancharem definitivamente. A mestiçagem foi benéfica, sob o ponto de vista de viverem em comunhão – timbiras, como também os crenjés, habitantes das margens do rio Mearim, vindos do Maranhão; tupinambás e tupiniquins, da Bahia; os avás-canoeiros e os carajás, de Goiás; aimorés, do Espírito Santo –, diminuindo com esse convívio as guerras que entre si travavam, quando por acaso encontravam-se à procura de alimento. A nação Tapuia foi desse jeito se consolidando, passando a ser assim designado todo índio habitante da região central do país. A bela paisagem do médio São Francisco, hoje cognominado carinhosamente de Velho Chico, tornou-se palco privilegiado de turismo, aliás, o primeiro ponto turístico do Brasil.

* * *

Mais ao norte, à época em que desenrola esta estória aqui contada por Sô Dimas ao seu compadre Homero, reluzia um conglomerado de pessoas vindas das mais diversas regiões norte-nordestinas. Nascia estrategicamente a cidade de Montes Claros. Seu posicionamento físico servia de abrigo, como um verdadeiro oásis naquela região esturricada pelo candente sol nordestino, dando origem a um dos mais promissores empórios do Polígono das Secas. Era tal a desigualdade de sua população que, no seu árido solo, onde reluziam minúsculas partículas de malacacheta, as alpercatas de couro cru contaminavam as alparcas e os finos sapatos importados do sul, nos pés dos almofadinhas, filhos dos latifundiários donos da terra, dos açudes e de seus agregados.

Montes Claros fervilhava como um caldeirão étnico. Em suas ruas atravancadas do populacho, gerava-se o fermento da formação de uma nova conquista racial. Ali, o “ó, xente!” confundia-se com o “ô, bichinho!”, formando expressões “arretadas”, de regionalismos simples. A gíria era improvisada. No lugar de “tô a fim”, aparecia “tô legal, cara!”, tropeçando-se na saudade do “tô matutando uma coisa porreta...” ou, se chateado, ia logo dizendo: “ô, curau!... vá tombando...”, “num atenta, home!...”.

Diante desse fervilhar de costumes, sufragavam-se os tropeços. O choque originado dessa tamanha combustão acabava por arrebentar-se em alguma parte da comunidade menos preparada para um embate étnico dessa monta.

O olhar triste da menina tímida, que deixara sua modesta porém respeitada casa plantada no agreste, confundia-se com sua aparência brejeira. A esperança de melhores dias para si e para seus pais dava-lhe uma ousadia sem limites.

Com a face colorida pelo esfregar de papel de seda vermelho, como se fosse o *rouge* das madames francesas; com os cabelos emplastrados de brilhantina Reny; argolões de latão presos aos lóbulos das orelhas, semelhantes a brincos de ouro; pendurada de trancelins de alpaca; era presa fácil das ardilosas cafetinas, abastecedoras do mercado das grandes cidades do país.

Enfeitadas, trocados os “panos”, como se dizia na gíria boêmia, iriam, se bem que como meteoros, brilhar como meretrículas no Cabaré Palácio da rua dos Tamoios ou na Pensão Inglesa, prostíbulos freqüentados pela alta roda da capital mineira. A altivez da cabocla pudica era vencida pelo “estambo” aflito a esmolar combustível.

Numa dessas levas, Sô Homero viu partir muitas de sua comunidade, até mesmo de sua família, concentrando a amargura que carrega até hoje, como um canto de Orfeu Negro.

— Num gosto nem de lembrar. Dá uma raiva... vontade de pegá e estripá. Não sei quem!... purquê... num vi e nem me contaram. Acho mesmo ser culpado o estômago. A fome e a vontade de ter as coisas que os outros têm são bem mais fortes que os preceitos doutrinados pela casa paterna. A fome domina e avilta o cidadão. Na cidade grande num há compadre nem comadre. A gente é um zero à esquerda.

Não é que Sô Homero ignorava valores. No sul há verão, há outono, período das águas e da seca, contadinhos na Folhinha do Divino, vendida pela diocese, comumente ao findar o ano. No sertão, a ânsia de ver chegar o dia da chuva do caju ou da enchente de São José era sempre acompanhada de frustração. O sol inclemente é devastador da esperança, que nada mais é senão mais uma cifra à esquerda, plantada nas aspirações do sertanejo. No sul, as estações do ano são mais ou menos delineadas. No nordeste, elas se dividem em duas apenas – o estio e o inverno. Inverno, por lá, é todo o tempo de chuvas. Como os estios são deveras rigorosos, o homem

nordestino está mui arraigado às graças de Deus, mas jamais perde a esperança de ver sua terra molhar-se. Isso por vezes acontece, sim – uma terra molhada pelas fastidiosas lágrimas dos retirantes. O sonho nunca termina. Desenrola-se como uma periódica difícil de ser lida, tamanha a numeração centesimal que se estende pelo espaço inominável de esperanças não-realizadas. O retirante, indo, a terra dadivosa continua a ser molhada pelo choro do mandacaru generoso, cortado para dar de beber a tantas quantas criações que, esturricadas por um candente sol, ainda procuram sobreviver. A estiagem instalada quebra qualquer ânimo eletivo do homem, transformando-o em escravo do ambiente, que lhe fornece apenas o mínimo para não morrer de repente, senão devagarinho.

* * *

Passados os festejos da Lapa, os romeiros ajoujavam os bois. As cangas que foram guardadas, untadas de sebo para não trincar, eram colocadas no chão horizontalmente, a começar das dos bois de coice, que eram mais fortes e pesadas. Ajustados os canzis e brochas, verificados os chumaços e cocões, abastecido o guampo de azeite de mamona para untar o eixo do carro para que cante melhor, nada mais restava senão cangar as trelas, com os bois mais forçosos na guia e os mais robustos no coice, e dá-las como aptas para ser ligadas pelos cambões. A canga de coice, presa ao cabeçalho, é chavelhada com clava firme, de madeira resistente. Estava assim pronto o carro para receber a tralha trazida para os dias de romaria. Faltava mesmo era tão-somente apertar os fueiros nas chedas e, por último, abobadar a tolda com um ou dois couros de boi, conforme o tamanho do carro. Pelo couro que abriga, pode-se aquilatar o valor desse animal domesticado para o homem do sertão. Sua carne fornecia a proteína que energizava a fazenda nos músculos dos peões. Com seu couro, fabricava-se, além de uma infinidade de utilidades, o artefato mais sofisticado, o gibão, um colete que protegia, desde o pescoço até a cintura, o vaqueiro em suas escaramuças pelo carrascal, à cata de rês tresmalhada. Até a tulha onde se guardava o feijão, amanteigado para fugir do ataque dos carunchos, era um produto do couro. Semelhante era aos balaios de taquaras barreados com uma argila azulada – muito comum na orla do cerrado à beira dos alagados e que se destina à fabricação de telhas –, servindo, como guardiões da safra.

Festejos terminados, os músicos, ao sumiço da estrela vespertina, jungida pela luz da aurora, encilhavam seus cavalos e, como num adeus

aos folguedos, arrepiavam uma talagada de cabriúva, mistura de duas gemas, pinga, leite quente ou vinho vermelho, antes de se porem a caminho de regresso a Orapronóbis.

No início da viagem tudo era festa. As cantigas entoadas em solfejos a duas vozes, reviviam na lembrança as mais variadas estórias da pagodeira pagã a que se esbaldaram com todo o furor de instintos reprimidos. À medida que o sol queimava e a poeira, levantada pelo chouto dos animais, escurecia o ar que se respirava, a fadiga dos poltrões tomava conta da caravana que, bem não andara, já estava à procura de uma fonte de água. Às sombras de árvores mais copadas, estendiam-se estafados nas enxergas molhadas de suores dos animais. O resto da pinga rolava, passando ciumentamente de boca em boca. Cada qual, antes de degluti-la, demorava com o gole, bochechando como parte de um ritual surdo e gostoso. Os cavalos fartos de boa água refestelavam-se no gordura pendurado nos coldres dos paus-terra e dos pequizeiros floridos naquela estação, um semipreâmbulo de precoce primavera que já se agigantava, escanchada num ventinho fertilizador e suave, soprado do poente.

As quaresmeiras prenhes de flores roxeadas formavam um quadro, emoldurado pelas caraíbas, que só tinham flores amarelas sem uma única folha verde sequer em seus galhos. Nos troncos retorcidos, contrastando com o verde representado pelo capim-bode lastrado no pedregulho, invadindo todo o descampado, como meio de protegê-lo dos inclementes raios solares que racham a terra, fazendo hibernar ou às vezes até matar a semente produzida no outono, as marcas acinzentadas eram cicatrizes retratadas, definindo o que fora a queimada de agosto.

“A Terra insultada vingasse, oferecendo flores” – Tagore.

Azul forte, belo, sem nuvens! Estalava a vista de quem pretendia encará-lo com olhos nus presos ao céu. Tremia o firmamento!... Tremia o solo.

Com essas cores bem brasileiras, a natureza fornecia um quadro digno do pincel de um Affonso Roquette, exímio professor de pintura na Escola Normal de Orapronóbis. Anônimo, jamais quis aparecer. Tímido, corou-se quando, recebendo o diploma da Escola de Belas Artes de Paris, foi flagrado por seus alunos, quase não comparecendo à solenidade que o homenageou. A literatura de artes do país está em débito por não tê-lo inscrito em seu acervo como um dos mais refinados pintores pátrios.

* * *

Homero andava ansioso. Não teria podido ir à Lapa por preceitos agendados, não só pelo prazo apertado no preparo da terra para o próximo cultivo, como também por encontrar-se em plena fase do nascimento de novas crias. Era preciso preparar a terra, dar-lhe insumos, alimentá-la, esperando como tributo o desabrochar das sementes nela lançadas. Seu maior prazer era ver o arroz perfilado, cujas hastes brilhavam nas manhãs orvalhadas.

Caminhando devagar, seus passos embora leves quebravam timidamente o silêncio que reinava no eito do milho já embonecado. Os papagaios, os periquitos, maracanãs, araras e até gralhas conversavam baixinho, pendurados nos galhos ainda tenros, balançando-se ao menor sopro do vento matinal. Pressentindo o ruído indicador de corpo estranho em contraste com aquele do convescote, passavam a gritar estridentemente, parecendo combinados a um só sinal de advertência.

Em uma revoada só, o espaço acima do roçado multicoloria-se. Os sons enchiam de música aquele rincão abençoado, até então palco de entreveros íntimos. Cada qual no seu linguajar contava estórias de campos onde podiam refestelar-se de boa comida, com segurança.

Homero, deslumbrado, extasiava-se. O milagre da dádiva da terra acalmava-o, quando ali, indo, deveria pressuroso era estar armando arapucas e espantalhos para diminuir o prejuízo que lhe causavam os hóspedes que não tinham sido convidados, mas que não eram de todo indesejáveis.

— Se cada um ainda comesse numa espiga só... – matutava – tudo bem. É que num é assim. Bicando aqui, bicando ali e mais acolá, vai o milharal pras cucuias. É preciso dar um jeito de arrumar nem que for apenas um só espantalho.

Foi o que fez.

— Também!... eles têm que viver – conjecturava o sonhador inveterado, cujo prazer era interagir com a natureza.

Ao ficar sabendo da chegada de seu amigo Joca, o pároco confidente, num átimo Homero colocou os pés na soleira da porta.

— Inda bem num cheguei, já ocê tá qui quereno prosar?! – disse, abrindo os braços, sorridente, embora estivesse era mesmo querendo aquietar-se. A batalha tinha sido árdua, embora cheia de conquistas. Inda bem que nesse ano encerraram-se as desobrigas. A da Lapa fora a última.

Ante o ar meio esquisito que seu interlocutor apresentava, pronunciando meias palavras, sem poder coordená-las, padre Joca, ressabiou-se. Embainhou as armas que sabia manejar com maestria e precisão e, naquela espontaneidade peculiar à sua índole, abriu a guarda. Com palavras entrecortadas de risos no canto da boca, colocou um pé atrás e foi logo perguntando:

— O que foi, amigo? — a ruga no meio da testa, que só aparecia nos momentos de perplexidade, avolumou-se. Jamais tinha visto seu amigo Homero naquele jeito.

Desanuviando o ambiente, nem bem tinha tomado pulso de sua casa, foi logo convidando:

— Qué tomá um trago? Tenho uma que trouxe de Vazantes, presente do Salatiel, aquele fazendeiro da Serra Velha, lembra-se? Político qui nem ele... era padrinho de quase uma centena de garotos. Quando chegava para batizar os meninos, eu já sabia qui ele queria esportular era de montão, com apreciável desconto. Aí eu falava assim: “só... se fô... de carregação!” E ríamos das brincadeiras.

Salatiel, barbas brancas não muito cuidadas, a desembocar no meio do peito alvo, bom de prosa e melhor de pular cerca que nem boi viciado, era uma figura exótica. Homero foi remoendo a cachola... Remoendo... Até que, quebrando um pouco o seu constrangimento de continuar uma prosa que não era de seu interesse, resmungou:

— Sim, sim... recordeo.

* * *

Deposto o presidente, Dr. Washington Luís, pelos revolucionários da Aliança Liberal, assumiu em 24 de outubro de 1930 a direção do país uma junta militar, composta dos generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e do almirante Isaías de Noronha. Daí, após *démarches* em que se envolveram as forças políticas do momento, chegou-se ao consenso da necessidade de criar-se um governo provisório, o que foi feito. Coube a direção desse evento ao Dr. Getúlio Dorneles Vargas. Sua instalação deu-se na data de 3 de novembro de 1930. Participou desse governo, como ministro de Viação e Obras Públicas e, posteriormente, das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco.

* * *

Muito mais tarde, lá pela advinda era de 1945-1947, Salatiel aparece como um fiel de balança numa disputa eleitoral desenrolada na queda da ditadura Vargas. Assim é que, instalada no país uma nova ordem democrática, foram realizadas eleições em todo o solo pátrio para todas as categorias administrativas e legislativas. As disputas municipais foram renhidas. A orapronobiense não ficou atrás. Estranhamente, a luta pela hegemonia foi realizada entre dois candidatos pertencentes ao mesmo clã. A diferença estava em que, enquanto a metade desejava permanecer como estava havia quinze anos, ficando viúva do poder ditatorial caído, arrepiou-se contra a outra metade, que desejava mudanças em tudo, num país assolado pelas dificuldades financeiras e pela pasmeira que se instalou na cúpula governamental. Anos e anos no poder foram um desgaste pleno, uma vez que não havia contendores. Assim, a desmotivação causou a acomodação, em prejuízo do progresso.

Deu-se que confiscaram na comunidade um de seus elementos mais expressivos, uma vez que já havia demonstrado, além de em outros movimentos políticos em que tomou partido, seu patriotismo, quando em 1932 fora preso por ter questionado, junto com o movimento de São Paulo, a ilegitimidade do Poder Central, exigindo a imediata constitucionalização do país.

Antes, logo depois da implantação do Governo Provisório em 1930, já havia sido detido e levado preso para a Secretaria de Ordem Política, com os convencionais do Partido Republicano Mineiro, reunidos no Hotel Maleta, à rua da Bahia em Belo Horizonte, por discordarem do rumo que o governador de então, Dr. Olegário Maciel, imprimia à política mineira. Embora o governador se restringisse aos desmandos do Governo Provisório, acautelava-se, em vista de uma possível intervenção federal no Estado. Daí a posição dúbia em que se emaranhava o governo, no que era contestado por uma parte expressiva da sua força política. Força essa que havia, quase sozinha, desencadeado e sustentado o movimento revolucionário de trinta e que entendia estarem os princípios pelos quais havia lutado indo ralo abaixo.

Buscaram, então, na fazenda Santa Maria, na pessoa de seu proprietário, que há muito vivia afastado das lides políticas, dedicando-se com exclusividade aos negócios de sua propriedade rural, a figura de um homem público, esquecido pelos seus conterrâneos de hoje, para, com seu prestígio inominável, quer no âmbito municipal, quer no estadual e federal, ser o paladino da democratização de sua terra natal. Convocado, à princípio

declinou da honraria do convite, aceitando-o após, argumentando gostar por demais de desafios. Sabia que a campanha seria difícil.

Praticamente residente na fazenda, era a maior liderança da região denominada Chapada – um aglomerado de estâncias produtoras, quase o único celeiro do município. Tratava-se de uma região politicamente esquecida, em virtude de ter sido considerada por muitos, embora tenha sido reintegrada ao seio da comunidade mineira, como uma zona litigiosa ainda, de quase nenhum interesse político para o município, portanto.

Francisco Adjucto Pinheiro – o Chico Pinheiro, como era tratado na intimidade de seus conterrâneos –, candidato imposto pelos seus admiradores e partidários, foi às urnas e viu-se, sufragado pelo povo, feito prefeito de sua cidade, com a responsabilidade de recuperar em mandato tampão de apenas dois anos e meio seu lugar no contexto das demais cidades mineiras, praticando a democracia plena, até então conspurcada pelos poderes centrais do país.

Praticamente fora uma restauração política da chamada Zona da Chapada – agora, pois, intrinsecamente reintegrada ao contexto político do município –, até então considerada zona litigiosa.

É assim que vemos Francisco Pinheiro, um dos homens mais excepcionais ao seu tempo. Mergulhava de cabeça nos empreendimentos que planejava com um quase fanatismo. Atirava-se de corpo e alma em tudo que se propunha realizar. Era difícil, como bom mineiro que era, encampar um empreendimento logo de cara. Bastava, entretanto, terminar de analisá-lo para, imediatamente, colocar a mão na massa.

Jovem, foi criado nas lides do campo, lá para os lados do Riacho das Vargens, fazenda secular, onde seus pais moravam, município hoje de Brasilândia.

Filho de Augusto Pinheiro, natural de Araxá, e de dona Gabriela Adjucto Pinheiro, descendente direta dos Adjuctos, onde pontilhavam, entre outros, o coronel Rodolfo, grande latifundiário, Francisco Garcia Adjucto, genitor de Maria Conceição, Dondona, uma escritora apaixonada pela filosofia, de onde tirava conceitos, adaptando-os à vida comum do homem que teimava sobreviver em ambiente distante dos grandes centros. Dela, um de seus biógrafos disse: “Seu trabalho e sua vida deixaram para o futuro mais uma prova de que os interesses – das casas e dos sertões – pulsam intensamente. Resgatá-los é importante.” Ainda a história nos fala de Alonso Adjucto, o poliglota que brilhou pelas capitais do mundo...

Cursou, Francisco Pinheiro, com legitimidade a primeira Escola Normal fundada na cidade. Era um devorador de jornais que chegavam às suas mãos aos borbotões, vindos do Rio de Janeiro, a capital federal de então, pulmão político do país. Era assinante do Correio de Uberlândia, de seus amigos fundadores da UDN no Triângulo Mineiro, os Rodrigues da Cunha. De Belo Horizonte, vinha-lhes às mãos a Folha de Minas, dirigida por Clarindo de Melo Franco, filho dileto de Bernardo Caparucho, um paracatuense de largos costados.

Trabalhando arduamente, conseguiu formatar um verdadeiro império, sediado em sua fazenda Santa Maria, onde residia com sua família. Todos os anos, jogava na estrada a boiada que havia comprado nos sertões de Goiás, rumo às invernadas do sul de Minas e Barretos, SP.

Foi um pioneiro, junto com Pedro Silva Neiva (Pedroca), Lindolfo Adjucto (Dolfinho), Olivério Chaves (Fifico), Afonso Pereira (Pereirão), para citar os mais atrevidos nessa área de negócios.

Em muitos dos casos se perdia dinheiro. Em outros ganhava-se mais, recuperando os prejuízos anteriores. Era uma vida nada fácil – meses e meses atirados nas estradas, enfrentando toda sorte de obstáculos e doenças. No gado, era a terrível aftosa, e nos peões, a maleita, as gripes e resfriados. Transformavam-se, então, em verdadeiros bandeirantes ao inverso. As vacilações cambiais, quando o gado já se encontrava em marcha, era outro pesadelo que os boiadeiros enfrentavam. O empresário do ramo vivia em um perene desassossego. Dessa passagem da vida de Francisco Pinheiro, fala sucintamente sua filha, Maria José, no seu livro “Nossas Vidas”, editado em 1997:

No sertão de Goiás, ele comprava o gado que seria levado aos frigoríficos paulistas. Estas viagens eram feitas a cavalo, o gado levado de invernada em invernada e a comitiva o acompanhando por todo o caminho.

A saída dos “boiadeiros” da fazenda era um espetáculo digno dos pincéis de um pintor exímio. Diversos cavalos arreados, exibindo pelegos coloridos. As mulas suportando o par de canastras, onde iam sendo levados víveres, utensílios, barracas de lona e camas desmontáveis. Os peões com botas altas, lenços multicolores ao pescoço, se mostravam orgulhosos da missão que iriam desempenhar. O berrante era levado pelo “capataz”, que tinha o dom de extrair dele modulações belíssimas. As esposas deixadas para trás iam ao bota-fora preocupadas e chorosas.

Mais tarde, as notícias chegavam por telegramas, quando da passagem pelas cidades que pontilhavam o itinerário. Às vezes estas notícias traziam preocupações. A boiada fora contaminada pela peste aftosa advinda de outro rebanho que passara antes pela invernada. Somente então o telegrama, remetido de Barretos, ponto final da caminhada, viria trazer o veredicto: lucro ou prejuízo.

Com isso, muitos resolveram diversificar essa atividade, adaptando-se a novos tempos de uma indústria emergente. Houve uma corrida para que se formassem indústrias de carne. Daí nasceram pequenos frigoríficos no centro-oeste mineiro, como Campo Belo, e duas charqueadas, uma em Paracatu e outra em Patos de Minas. Vários fatores, entretanto, vieram a inviabilizá-las, sendo a deficiência de vias de transporte o maior, uma vez que o artigo tornava-se mais caro, não havendo condições de competir com os centros maiores do país.

Em um desses empreendimentos feitos sem bom planejamento, viu-se ele, Francisco Pinheiro, envolvido como âncora de um malogrado financiamento feito ao Banco do Brasil por um de seus diretores, nada mais nada menos que seu primogênito, resultando disso o maior revés econômico de sua vida. O empreendimento, *a priori* dado como rentável, desmoronou, envolvendo o patrimônio da família, já que, imprevidentemente, fora ele colocado como único responsável financeiro.

Para cumprir compromissos que não lhe eram pertinentes, entregou as fazendas de Paracatu e de Unaí, pressionado pelo banco, que logo encontrou comprador, oferecendo-lhe recursos para isso – os mesmos recursos que lhe foram negados pela instituição. Seu comprador não dispôs de um centavo concreto sequer. O banco financiou a quitação da dívida e ainda lhe deu numerário para a compra de duzentos garrotes que foram colocados na invernada São Domingos – a mais próxima da sede da fazenda, bem ao lado do campo de pouso de aviões. Sua filha é que diz, à página 46 de seu já citado livro:

Nestes momentos de análise retroativa dos acontecimentos, sinto imensa revolta, pelo descaso e pela omissão dos grandes udenistas da época. Eles conheciam meu pai; sabiam do seu valor como homem e como administrador. Eles, que se hospedavam em nossa casa, em Paracatu, onde eram tratados como reis. Eles, que tinham condições de lhe dar apoio irrestrito, pois entre eles havia até um banqueiro. Eles, que inclusive garantiam suas eleições, na sombra da contribuição do prestígio do meu pai. Eles

nada fizeram para evitar que os acontecimentos se precipitassem daquela forma. Hoje, raciocinando com clareza, sinto o quanto meus pais se deixaram ludibriar naquela transação. Nossa fazenda, com o devido aval de meu pai à “manufatureira de carnes”, falida, foi entregue ao Sr. Raimundo Vargas com o ônus do Banco, ficando sob a responsabilidade do mesmo senhor. Nessas condições, penso eu, meu pai poderia ter recebido a mesma benesse, e com seu trabalho profícuo, em pouco tempo saldaria a dívida.

Houve protecionismo dos “amigos da onça”, sem o devido respeito ao valor e honestidade de uma pessoa que, no passado, alicerçara suas vitórias políticas.

Também, Oswaldo e eu temos nossa parcela de culpa. Orgulhosos, pretendíamos demonstrar desapego à herança. Não nos rebelamos. Nada reivindicamos.

Na derrocada se foram as fazendas, o gado e a casa da cidade.

A charqueada fora vendida, como também sua casa residencial na cidade. Houve uma engenhosa forma de negócios entre Banco do Brasil e interessados na aquisição do império. Vê-lo fraquejar economicamente seria um meio, quem poderia não dizê-lo, de cercear seu prestígio político.

Para ver cumprido seu aval, lançou mãos de bens que lhe davam condições de satisfazer todos os seus deveres e compromissos, saindo-se dessa situação de cabeça erguida, sem dever a quem quer que fosse. Já em Anápolis, onde estava em visita a sua filha ali residente, passou, por procuração pública, escritura da última gleba de terras que ainda lhe restava para o senhor Dudu Rocha. Gleba essa de pura cultura e de valor bem acima do débito, supervalorizada pela localização, uma vez situada à margem da estrada que liga Paracatu a Unaí.

É ainda sua filha, à página 46 do mesmo livro citado acima, quem conclui:

Papai, sempre preocupado com a vida dos filhos, que nesta conjuntura já eram casados e pais, financiara o investimento, jogando nele todos seus bens, inclusive nossa fazenda Santa Maria. Foi o início da derrocada econômica, que levaria meu pai à falência.

Foram 105 mil hectares da fazenda Santa Maria, em cuja divisa com o Vão da Aldeia havia uma cerca de arame com sete léguas ininterruptas de extensão, sem um tapume natural sequer. Essa cerca começava na invernada do coqueiro, margeando a estrada que vai a Unaí, caminhando

pelo espigão da serra até o vale da Lagoa Torta, já próximo à divisa de Goiás. A fazenda Santa Cruz, no Rio Preto, hoje pertencente ao município de Brasilândia, de 87,5 mil hectares também foi levada de roldão nos negócios com o Banco do Brasil. Isso o desnorteou completamente, tanto que, ao passar as escrituras, não voltou às fazendas para sequer retirar seus pertences. Por lá ficaram as boiadas, com seus três carros, tropa de cavalos e burros, reprodutores de raça; benfeitorias as mais variadas; utensílios das fábricas de manteiga e farinha; ferramentas importadas da Inglaterra em sua maioria; as turbinas de fabricar açúcar cristal; o engenho de serrar madeira e muitas outras pequenas máquinas, todas movidas a roda-d'água, quando não, a energia elétrica gerada na própria fazenda.

A que atribuir tamanho descaso com o que era seu? Faz-se pensar que, ao lado da paixão que tomou conta de seu ser, acreditava ele, piamente, ao mesmo tempo, em valores outros a preservar.

Vindo para Goiás, iniciou novo trabalho em uma grande fazenda à margem do rio Maranhão, da qual lhe foi dado usufruto por Francisco Cambraia Campos, coronel e prefeito da cidade de Oliveira, no oeste mineiro, casado com sua sobrinha, menina-moça que ele havia praticamente criado, quando perdera seu pai, ainda jovem. Era prima-irmã de seus filhos, uma vez que eram frutos de dois irmãos casados com duas irmãs. Alicerçado no crédito que possuía entre os fazendeiros de Goiás, onde era conhecida sua honestidade, em pouco tempo já estava engatilhada uma nova vida comercial.

Infelizmente, uma moléstia insidiosa cercou seu caminho e viu-se ele à mercê de uma intervenção cirúrgica não muito bem planejada. Dada a sua propecta idade, veio a falecer em casa de sua filha residente em Anápolis, Goiás. Recebeu ele, nesse ínterim, muito carinho por parte de autoridades locais e do povo em particular. O governador de Goiás mandou representante. O prefeito, Dr. Raul Balduino, não só prestou à sua família condolências, como também ordenou que lhe dessem uma carneira gratuita no cemitério São Miguel. Nessa carneira ele repousou por cinco anos, após os quais teve seus restos mortais recambiados à sua terra natal, por iniciativa do prefeito Walter da Silva Neiva. Uma caravana de aproximadamente cinquenta carros vindos de Paracatu acompanhou sua volta. Uma multidão o aguardava. Por volta da noitinha, teve seus restos mortais encerrados no jazigo da família. Falaram vários oradores, inclusive o deputado federal Jorge Vargas.

Quando de seu falecimento, à Câmara Municipal de Paracatu foi apresentado o Projeto de Lei nº 692 nos seguintes termos:

DECRETA FERIADO MUNICIPAL E TOMA OUTRAS PROVIDÊNCIAS

O Povo de Paracatu, por seus legítimos representantes, decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica considerado luto oficial municipal por 2 (dois) dias a partir de hoje e decretado Feriado Municipal o dia 9 do corrente (1 dia útil), após falecimento do Sr. Francisco Adjucto Pinheiro.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 9 de julho de 1962.
(assinado por todos os vereadores)

JUSTIFICATIVA

Considerando os relevantes e assinalados serviços prestados pelo Snr. Francisco Adjucto Pinheiro no Executivo deste Município de 1947 a 1950; Considerando que o seu falecimento, ocorrido a 7 do corrente, causou geral consternação e tendo-se em vista o grande amor à causa pública por ele revelado no exercício das altas funções públicas que lhe foram conferidas; Considerando tratar-se de um cidadão de alta representação social e política, não só no Município como em todo o Estado de Minas Gerais, resolvem os edis apresentarem o projeto acima.

Na mesma data foi lavrada a ata da Sessão, nos seguintes termos:

Ata da primeira Sessão, da quarta Reunião Extraordinária da Câmara Municipal de Paracatu.

Aos nove dias do mês de julho de 1962 (mil novecentos e sessenta e dois), reuniu-se a Câmara Municipal de Paracatu, no local de costume e em horário extraordinário (7 horas da manhã) sob a presidência de Luiza Rocha, por mim secretariada. Procedida a chamada verificou-se pelo livro de chamada número legal. Instalados os trabalhos, a Senhora Presidente declarou que cumpria o doloroso dever de trazer ao conhecimento da casa o falecimento ocorrido a 7 do corrente, na cidade de Anápolis, Estado de Goiás, do Sr. Francisco Adjucto Pinheiro, que prestou relevantes e assinalados serviços, como chefe do Executivo Municipal, durante seu mandato de 1947 a 1950. Disse em seguida que a presente reunião significava uma homenagem

póstuma àquele benfeitor do nosso Município, ao qual prestou assinalados serviços, revelando grande amor à causa pública no exercício das altas funções que lhe foram conferidas. Com a palavra ainda a Senhora Presidente anunciou em poder da mesa o projeto número 692 que decreta feriado e toma outras providências [texto já transcrito]. Com a palavra, o vereador João Soares de Oliveira solicitou regime de urgência para o projeto em apreço, o que foi aprovado por unanimidade da casa. Discutido, foi o mesmo aprovado. Franca a palavra, usou-a o vereador Walter Silva Neiva que, em sentidas expressões de pesar, teceu comentários em torno do lutuoso acontecimento, traçando o perfil moral do extinto. Falaram ainda Diogo Duarte que, trazendo o nome do Sr. Francisco Adjuncto Pinheiro para este recinto, pediu que reverenciasse a memória daquele que foi em vida um exemplo de caráter e retidão moral. Rui Costa Ulhôa solicitou a inserção em Ata de um voto de profundo pesar e que fosse o mesmo encaminhado em nome da Câmara à família enlutada. Com a palavra, a Senhora Presidente declarou encerrados os trabalhos, agradecendo a presença de todos, e, para constar, lavrei a presente ata que lida foi aprovada e assinada por todos os presentes. Eu, Rui Costa Ulhôa, secretário, lavrei a presente. Luiza Rocha, Rui Costa Ulhôa, João Soares de Oliveira, José Jorge Vargas, Walter Silva Neiva, Diogo Alves Duarte, Álvaro Botelho, Homero Salustiano Pereira, Almir Alaôr Porto Adjuncto, Emanuel Laboissière e Francisco Cruz Ferreira.

Pelo Decreto-Lei nº 148, de 17 de dezembro de 1938, foi criado o distrito de Vazante, com território desmembrado de Guarda-Mor, tornando-se um pólo político importante para Orapronóbis.

Foi assim que Vazante despejou, quase por unanimidade, todo o peso de seus eleitores na urna que consagrou a vitória de Chico Pinheiro. Esse desfecho só foi possível graças ao reconhecimento do valor desse homem público, anilhado à amizade que desfrutava de Salatiel. Os amigos de anteriores embates políticos mais uma vez deram seu recado.

Seu prestígio estava alicerçado na convivência política diuturna que mantinha com elementos da expressividade de Arthur Bernardes, Milton Campos, Virgílio e Afonso Arinos, filhos de Afrânio de Melo Franco, nascido em Orapronóbis.

Apoiado por uma plêiade de deputados estaduais de indiscutível valor, da estirpe de Quintino Vargas, de Alberto Deodato, de Bolivar de Freitas, tornou-se fácil o diálogo para Chico Pinheiro, resultando disso uma profícua gestão, cheia de eventos, pontificando entre estes a construção do hospital

que até hoje serve à população de Orapronóbis. Enorme era a pressa de entregar ao povo um estabelecimento à altura de sua necessidade, uma vez que a Santa Casa, embora o zelo e a dedicação dos médicos que ali davam assistência, não trazia condições de internamento – o prefeito, em muitas ocasiões adquirira material às suas expensas. Por não suportar ver a obra paralisada por falta de recursos, é que entregou ao seu sucessor, também seu vice, uma obra quase terminada. Não pediu ressarcimento de nada, ficando como doativo à comunidade a parte que contribuía. Mesmo fora da administração municipal, não cessaram seus empenhos para dotar a cidade de vários melhoramentos. Embora seu vice tenha bandeado para as hostes adversárias e ganho uma eleição cheia de fatores duvidosos, Francisco Pinheiro cutucava seus correligionários, a fim de trazer para a cidade novos benefícios, inclusive terminar a construção do hospital e mobiliá-lo. A vontade de ver sua terra crescer, depois de um período de abandono dos governos estaduais e federais, ia muito além de questiúnculas politiqueras locais. Atesta isso a carta que em 1953 recebera do então deputado federal Afonso Arinos, comunicando várias *démarches* para concretizar as aspirações do povo, a pedido de seu ex-prefeito, agora presidente de honra da UDN, partido de oposição ao governo municipal. Por ela, vê-se perfeitamente, ficando bem claro, o comprometimento do próprio Dr. Israel – seu adversário político – com as prioritárias necessidades da cidade. Nesse clima, é bom que se leia essa carta e dela tirar conclusões. Para isso, é transcrita na próxima página.

Era tal a precariedade da Santa Casa, que a maior parte dos enfermos da cidade era remetida pelo Dr. Ademar a Araguari, de avião-táxi, aos cuidados do Dr. Manoel Canabrava, seu colega, por sinal um exímio cirurgião.

Não havia recursos para se fazer a mais simples intervenção cirúrgica. Era apenas um simples posto de saúde, prestando-se a distribuir medicamentos destinados à cura de verminoses, impaludismo e algumas modalidades de anemias.

A dedicação dos médicos era uma coisa impressionante. Faziam verdadeiros milagres com os poucos recursos que lhes eram oferecidos. Haja vista o caso de uma gravidez tubária que não podia ser adiada, pois já havia sido instalada uma hemorragia, diagnosticada com felicidade pelo então diretor da Santa Casa, Dr. Maneco. A única maneira de salvar a paciente era uma intervenção cirúrgica imediata. E essa foi realizada, de



Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1953

Chico Pinheiro,
Paracatu

Fui informado pelo Jorge Vargas, quando me encontrava na Convenção do nosso Partido em Belo Horizonte, da sua eleição para o elevado posto de Presidente de Honra do nosso Diretório Municipal em Paracatu.

Desejo apresentar-lhe, como também à U.D.N. daí, as minhas sinceras congratulações por essa acertada escolha.

Vamos, agora, a algumas notícias de interesse para o Município de que lhe quero dar conhecimento, pedindo - lhe, ao mesmo tempo, que as transmita aos nossos companheiros.

A questão do hospital está bem encaminhada. O Israel interessou-se por ela junto à repartição competente do Ministério da Educação, bem como aqui na Câmara na Comissão de São Francisco. Também providenciei no mesmo sentido e posso comunicar-lhe de que fui informado, há alguns dias, pelo Deputado Manoel Novais de que as obras serão reiniciadas brevemente.

Apresentei emendas ao Plano de Obras sobre o abastecimento de água e, também, sobre a construção de uma linha especial de transmissão que ligue a usina elétrica, que vai ser construída em Abaeté, à cidade de Paracatu.

Tenho o firme compromisso dos incumbidos da elaboração do projeto de lei, especialmente do mesmo Deputado Manoel Novais, de que essas emendas serão adotadas.

Além disso e para atender às necessidades prementes do Município, em relação à luz, é bem possível, embora não seja certo, que já no segundo semestre deste ano se consiga um motor movido a óleo para aumentar a carga de energia da cidade.

Espero que essas providências possam melhorar a situação aflitiva em que se encontram os paracatuenses no que diz respeito a fornecimento de água, distribuição de energia e assistência hospitalar.

Quanto a este último capítulo, desejaria ainda recordar ao Amigo que, conforme carta que mandei ao Raymundo Vargas, obtive do Dr. Ernani Braga, Superintendente do Serviço Especial de Saúde Pública do Ministério da Educação, a instalação de um Posto de Saúde em Paracatu.

Em relação à situação política do nosso Partido, espero que tenham causado boa impressão aos correligionários os resultados das Convenções, tanto Estadual como Nacional. Esta última, sobretudo, foi um êxito indiscutível e completo, que muito consolidou a unidade do nosso Partido e o prestígio da nossa legenda.

CÂMARA DOS DEPUTADOS



2

São estas, no momento, as notícias que me ocorrem
transmitir e, por seu intermédio, aos compenheiros daí.

Peço-lhe o favor de me recomendar à sua Exma. Se-
nhora e aos demais membros da família e aceite um abraço do

meu amor pelo

Maria Silva

maneira surpreendente naquela conjectura. No nosocômio, não havia motor que o surpreisse de energia alternativa. Não se podia usar lampiões, nem velas para iluminar a mesa, nem mesmo a sala, porque a anestesia usada era à base de clorofórmio e éter.

Houve um tremendo corre-corre na cidade em busca de lanternas à pilha. A solidariedade da população foi coisa de impressionar. Não se viu a hora em que dezenas delas aparecessem, conseguindo-se assim, em um improviso magnífico, uma solução para que se pudesse fazer a operação.

Dr. Maneco Neiva, quando decidiu pela operação, não fora porque a paciente não tinha condições financeiras para deslocar-se de avião a um centro de melhores recursos. Não! Não fora isso. Tratava-se de uma senhora casada com um seu parente próximo e que tinha recursos suficientes para viajar a qualquer momento, pelo transporte que houvesse naquela situação. A gravidade de seu estado de saúde é que não permitia qualquer outra emergência.

Para felicidade, a paciente, Dirce Costa Neiva – minha adorada irmã, de quem guardo uma saudosa amizade de companheirismo e afeto fraternal –, teve nesse ato a assistência, além do Dr. Maneco, dos médicos Romualdo Neiva, Fortunato Botelho e José Neiva. Pena que a saudade, que bate mais forte agora, seja oriunda de seu passamento, vítima de um desastre de carro, nunca bem explicado, poucos anos após aquela intervenção cirúrgica, recheada da abnegação dos senhores esculápios e de toda a comunidade, que lhe emprestou benévolos carinhos.

* * *

Nessa época, não havia enfermeira especializada na cidade. Auxiliaram os médicos as senhoras Joanita Botelho Neiva e Maria José Pinheiro Costa. Esta, minha abnegada e resoluta esposa. Aquela, uma amiga incondicional de nossa família. Dela guardamos saudosa recordação, pelo muito que nos deu de carinho e de desprendimento, quando tivemos a infelicidade de ver nosso primogênito partir com apenas quatro meses de vida, vítima que foi da insuficiência cardiopática com que nasceu.

* * *

A operação que minha diletta irmã sofreu transcorreu dentro dos parâmetros normais e foi um sucesso absoluto, marcando presença como

se fosse um piquete de competência e de criatividade, fincado na história da cidade.

Diante desse quadro, mais e mais despertou no seio da comunidade aquela vontade de ter um “hospital de verdade”, que pudesse vir a suprir as deficiências que até então eram sentidas.

Isso só veio a acontecer tão logo o prefeito eleito, Francisco Pinheiro, assumiu as rédeas municipais, cuja prioridade era sua construção.

O hospital, após pronto, sofreu as mais inusitadas críticas por parte dos adversários políticos, quando apontaram o defeito de seus corredores serem apertados para trânsito de macas. Até hoje está lá o velho hospital, passado mais de meio século, como a única casa de saúde pública até hoje construída pelos poderes públicos, a prestar relevantes serviços à comunidade, segundo relato popular.

Antes, Orapronóbis era constituída de duas partes. A cidade de cima e a cidade velha. A comunicação era difícil, uma vez que havia uma fileira de casas na rua de Goiás, impedindo que se pudesse dar acesso à rua Quintino Vargas, que terminava seu trajeto justamente por detrás desses edifícios. Para comunicar-se com a parte de cima da cidade, a pessoa tinha duas opções: uma, subindo a rua Manoel Caetano, dobrando pelo beco do Mal Casado; e a segunda, subindo a rua de Goiás até a primeira travessa. Essa dificuldade fora sanada com a ligação que se fez, tornando-se esse acesso fácil.

Houve a instalação do processo de desapropriação cuja tramitação foi rápida em vista de ser uma aspiração da maioria absoluta da população do município, tendo como árbitro indicado pela Justiça o ínclito professor Josino da Silva Neiva.

A ligação das duas partes da cidade foi feita, tendo a prefeitura ressarcido as partes interessadas com valores à vista.

O povo regozijou-se. Não houve festanças no término da obra. Naquele tempo o dinheiro público era para gastar-se em favor do povo e não como hodiernamente é gasto com festejos de inaugurações superiores ao custo da obra.

De tudo isso, na cabeça do povo ficara só a pergunta: onde havia a prefeitura buscado recursos para realizar tamanha façanha? E ainda: como conseguira abrir poços artesianos, na época uma obra cara, para abastecer a cidade de água potável? E a ponte construída no Rio Claro, ligando o

distrito de Guarda-Mor ao de Vazantes? E a ponte sobre o Ribeirão, ali na fazenda do Eduardo Doroteu, permitindo a ligação da Estrada do Vão com o Moreira e Carapinas, na chapada? E a ponte sobre o rio da Batalha? As primeiras, sob a égide do secretário de Obras, senhor Benjamim Carneiro, e a da Batalha, sob empreita ao senhor Manoel Paulista, ali residente. E a construção de escolas rurais nos distritos? Seria por demais enfadonho enumerar as pequenas obras de alcance social feitas, como a desapropriação da área de treinamento do Tiro de Guerra, no bairro Amoreiras; como a reconstrução da parede lateral da Igreja da Matriz que ameaçava cair. Chico Pinheiro encabeçou a lista de donativos para concluir essa obra, sendo um sucesso a arrecadação entre seus correligionários políticos.

A obra da engenharia portuguesa, naturalmente copiada pelos bandeirantes, causou admiração ao povo, uma vez que pôde ser visto como foi a igreja construída – de terra batida num caixão de madeira, entremeadada de enormes pedras, com a largura variável de quarenta centímetros a um metro e meio. Naturalmente, esse feito só deve ter sido possível pelo valoroso trabalho escravo. Para recompor o templo foi um gasto louco de tijolos de argila queimada. Poderia ter sido construído um novo, com o material ali empregado, porém optou-se pelo valor histórico, embora a prelazia permanecesse indiferente à destruição a que o tempo, sem assistência, estava encarregado de operar. Ouvia-se dizer que a paróquia não agüentava manter todas as cinco igrejas. Lamentável! Lamentável!...

Hoje restam apenas duas. A do Amparo era linda! Foi de uma teimosia sem par, para permanecer em pé. Foi a derradeira a ir-se embora levando muito da História consigo.

A Igreja da Matriz é um edifício de muito valor arquitetônico, enriquecendo o acervo de Minas colonial. E, mais ainda, de valor sentimental, uma vez que ali está enclausurada a história de quem viveu e dos que hoje vivem em Orapronóbis. Quantos amores foram ali consagrados! Quantos receberam, na pia batismal, o mistério da aliança com o Criador, o “Supremo Árbitro dos Mundos”! E quantos por ali passaram levando as reminiscências de uma vida para outras paragens, sob a égide do sacramento sacerdotal!...

Seu altar-mor de hoje não é o mesmo da época de sua construção. Sofreu a invasão de cupins e várias de suas partes laterais foram corroídas. Esculturas de anjos, ora de corpo inteiro, ora apenas de suas cabeças, talhadas em arte barroca, de cinzel mui próximo de Antônio Francisco

Lisboa, o Aleijadinho, apodreceram. Foi substituído pelo altar da igreja Santana, demolida por ordem da prelazia, estando em estado mui deplorável. Com ela demolida, perdeu-se parte de um precioso arquivo histórico da terra. Lamentável! Lamentável!..

Segundo os documentos eclesiásticos, já em 1736 havia, após dois anos apenas da ocupação das terras auríferas, cinco grandes igrejas. A primeira, a que tudo indica, foi a devotada a Senhora Santana, coberta de folhas de palmeira. Logo depois a Igreja da Matriz, em louvor de Santo Antônio, o padroeiro da cidade. Posteriormente foram edificadas, pela ordem, a do Amparo, a do Rosário e a da Senhora d'Abadia.

Corre à boca pequena, sem nenhum indício de verdade, que as três primeiras eram privilégio da sociedade composta de brancos; a quarta, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, de negros, e a última, quase no fim da cidade daquele tempo, era preferencialmente freqüentada pelos mulatos.

* * *

Salatiel, valoroso colaborador do pleito eleitoral, entre as muitas homenagens que recebeu, na posse do prefeito eleito Francisco Pinheiro, foi agraciado por um empresário do ramo de carnes, Abílio Almeida, com um pente de ouro maciço, de vinte e quatro quilates, confeccionado pelo vereador Cantídio Mundim, filho de Sô Genô, o ourives, com a finalidade precípua de ser o fator mais importante da maquiagem de sua barba.

Embora se tornasse um episódio burlesco, o fato teve uma repercussão grande em toda a região, pela espontaneidade do ato – simbolizava que todos estavam empenhados e ansiosos para o término de um governo que nada havia feito, ao longo dos anos de sua regência. O despertar de uma nova era surgia como uma esperança profícua, dada a potencialidade de suas condições agrícolas e pastoris, ao lado de uma formação cultural feita em base sólida, dando sufrágio que a cognominasse de Atenas Mineira.

Tais eleições gerais marcaram a volta dos direitos democráticos ao país, até então regido pela “constituição polaca”, como ficou designada a peça elaborada pelo Dr. Francisco Campos – o Chico Ciência – nos albores de 1937, criando um regime de exceção, camuflado de democrático, por propor o estabelecimento de um plebiscito com a finalidade de discutir sua credibilidade democrática, o que nunca foi realizado.

Dr. Francisco Campos, intelectual brilhante, nascido na cidade mineira de Pitangui, foi peça importante na vida política do presidente Vargas. Conversava-se, à boca pequena, ter ele regido, da noite para o dia essa constituição por encomenda expressa de Getúlio, que necessitava urgente acordar o país, na manhã de 1937, outorgando um Estado Novo de direito, como ficou designado o regime político por ele estabelecido em golpe de estado.

* * *

Padre Joca, antecipando-se ao convite feito ao compadre Homero, colocou a garrafa da mulatinha envelhecida na dorna de umburana, sobre a escrivaninha da sala e... nessa hora, Homero, emocionado, foi desembuchando:

— Amigo! Hoje num quero. Noutra florada a gente brinda.

E, sem saber como começar, gaguejou então:

— Sô padre... padre... a...migo, tô a... arrasado. Num conto. Tô qui nem andorinha sozinha, tentando fazer verão. No centro, qui mesmo na rua de Goiás, tá se acabando o moço... o nosso moço Urias.

— Urias?... aquele rapaz que acostumamo vê nas barraquinhas do largo da Matriz, por ocasião das Festas do Divino?... arrematando alto nos leilões pra judá a Igreja? Nossa! Num acredito! Tá falano o quê, sô? Como foi? O que aconteceu? Num pode sê!... Inda antes de minha partida à Lapa, troquei conversa com Sô Dimas e, perguntando por ele, soube que inda num tinha chegado de Barretos, onde foi levar uma boiada grande. Sô Dimas afirmou-me qui tava ele pra chegá, arrochado qui tava pra ver sua Nora, aquela menina, fia do capitão Nando.

Sô Dimas, também companheiro do pároco, fazendo parceria no jogo de dominó quase diuturnamente, era o correio da cidade. Sabia de tudo. Até telegrama ele decifrava. Nesse tempo, telegrama era caro. Só chegava, ora pra dar pêsames, ora para anunciar falecimentos.

Surgiam boatos, ditos pra quem quisesse ouvir, que o estafeta muito antes de entregar o telegrama comunicando a morte de alguém, estendia a mão ao destinatário para oferecer os “sentidos pêsames”. Era uma loucura o sigilo. Sô Dimas, sabedor da displicência do estafeta, encontrando-o, ia logo perguntando:

— Ora viva!... Que novidade traz? Quem morreu? Quem casou? Pra qui partido político ocê tá levano?

Assim, ficava a par de tudo que acontecia, por fora e por dentro dos fatos.

Padre Joca era bem informado. Sô Dimas ia mexendo com as pedras do dominó e sussurrando as novidades. O padre, que bobo não era... era todo ouvidos, sem maiores comentários. Quase nem precisava do confessorário na igreja. Também andavam meio escassos os pedidos de perdões. O que mais havia era muita bobagem dos paroquianos, com pecadinhos que não mereciam mais que três ave-marias e um pai-nosso como penitência.

Padre Joca tinha no seu arquivo mental o nome de todos os cooperadores para as igrejas de sua paróquia. Urias era um deles. Era um mão-aberta. Não havia leilão em que não estivesse ele, fazendo chinfrim às moçoilas. O olhar atrevido era, entretanto, na Nora, pra Nora e pela Nora. Costumava, com aquela intenção de querer aparecer, arrematar até animais oferecidos pelos fazendeiros que se encontravam nas roças. Quase sempre ele não ia buscar os cavalos, bezerros e outros animais onde estavam. Doava-os novamente.

— Desembuche, home... Que doença ele pegou? Nessas viagens a gente abusa, né? É tanta coisa a ferroar a telha. É tanto rabo-de-saia, qui num se sabe de onde veio... Parece té que a gente tá veno as armadilhas prontas para pegar os incautos moços sertanejos... Qui foi mesmo? Será que é coisa qui tô pensano?

— Não. Nem pensar nestas coisas. Urias, moço de família, tinha um só pensamento: N-o-r-a... sua Nora. Entre eles havia o comprometimento de se unirem pelo santo matrimônio e se constituírem marido e mulher. Tá ele se acabando, meu padre...

— Cumo? Os doutores médicos não podem dar uma esperança sequer? Tô me lavano, trocando de roupa – e gritou por “Lixandrina”, uma idosa senhora sua irmã que tomava conta da casa. — Aqueça a água. Ponha a chaleira na trempe da frente e o barril na fomalha pra andá mais depressa, qui já tô ino. Minha batina, se num tivé passada, visto-a assim mesmo. Escove meu chapéu. Inda tá ele com poeira da Lapa nas abas.

A heráldica cobertura da cabeça era peça secular, pois fez parte do instrumental do noviciado do padre Joca, quando ainda frei. Sovina que nem ele! Era comum ouvir-se os resmungos de Alexandrina.

— Não há necessidade – continuou o padre, a gritar com Alexandrina – de passar flor de hibisco no coturno...

Entretanto, em apenas dez minutos corridos, já não era mais o gladiador voluntarioso. Pronto a sair, foi retido entretanto pelas suas convicções eclesiásticas. Em sua mente instalou-se um tumulto. O sentimento fraterno veio à tona, brigando com valores intimamente arraigados da sua formação sacerdotal. Não deveria tergiversar portanto. Poderia perder a credibilidade perante seus paroquianos, quando ele próprio inculcava em todos o dever de combater pela vida e não pela morte.

Foi caindo... caindo... até espojar-se na cadeira austríaca, sua companheira, cujo balançar, dava-lhe condições de íntimas reflexões. A voz surda do amigo Homero estava penetrando fundo em sua alma, inibindo toda vontade de pensar:

— Ele próprio... a...a... tirou... atirou nele mesmo... – gaguejava e gaguejava Homero com voz rouca, entremeada de parcos soluços.

Nunca se teve notícias de Urias embriagado em público. Pacato, dono dos caprichos do trabalho e dedicação a seus pais e amigos; jamais alguém poderia pensar em ser ele capaz de uma ação tão trágica como aquela, agindo impensadamente.

Padre Joca já não mais se preparava para ir ao encontro do amigo. Os dogmas da sua Igreja, a Romana, jamais lhe permitiam transverberar um fato condenatório como se fosse um ato normal da vida. Dogmas são dogmas, falava baixinho consigo mesmo. São pilares de uma estrutura que vem perlongando pelos tempos, como bases seculares de sustentação doutrinária. Foram, na sua origem, a parte de uma filosofia que afirmava e aceitava certas verdades, sem nenhuma reflexão crítica.

Leitor assíduo das diversas correntes filosóficas, reteve-se acomodadamente no kantismo, desejoso de encontrar guarida para mitigar a ansiedade em que se encontrava. Estribado nessa premissa, mexeu com a memória e lembrou-se que Kant avolumou-se à crítica e ao criticismo, nos transmitindo: “Dogmáticas são explicações metafísicas que, sem uma análise prévia, são formuladas a respeito da natureza e das aptidões da Razão”. Não admitia Kant, pois, “a intuição intelectual dos dogmáticos”. Sua moral é uma moral racional, fundada na idéia do dever.

Essa afirmação, a princípio, assusta pelo paradoxo que encerra, vindo a interrogação – não é isso também um dogma? É ele mesmo que vem

novamente emitir doutrina, na qual estriba ser “a moral, em si, peremptoriamente racional em vista de que está fundada na idéia do dever”.

Além de paradoxal e irreverente, não é dogmática essa tese? É sim! Ela própria é quem diz: “mas de forma nenhuma é contraditória a teoria do conhecimento; pelo contrário, a ‘crítica da razão pura’ prepara a ‘crítica da razão prática’. O nomeno incognoscível pela sensibilidade e entendimento é conhecido no ponto de vista prático pela razão enquanto sujeito à lei do dever”. “Nomeno” é o termo usado para expressar uma coisa conhecida pela razão. Tal como aparece, tal como a razão a reconhece. Não é relativo a nada – é a coisa em si.

Padre Joca, mais Kant que outro filósofo, naquele momento, tendendo ao escorrego de suas convicções, recordou-se de súbito ter ele, Kant, estudado em estabelecimento pietista, cujos professores protestantes alemães estavam arraigados a Spencer, onde o rigor de vida era uma coisa primária. Ensinava-se na Universidade de Halle esse rigorismo no cumprimento do dever, dando menos importância aos símbolos da fé do que à conversão do coração.

Como um estudioso das escrituras que era, nem sempre as aceitava. Cumpria-as entretanto, entendendo-as como eixos pertinentes da evangelização dos povos.

“Taí. Por esta não esperava. Devia se conter. Deus escreve certo por linhas tortas, não é isso mesmo que vem se falando a toda hora? Possivelmente não iria dar certo a união que os dois, Nora e Urias, planejaram para si”, pensava consigo mesmo...

“O conceito de casta ainda é uma premissa maior de um silogismo que mata, que castiga e que foi obra puramente dos homens, não do Criador. ‘Somos quem somos’, a mistura é obra de Deus. As dores são sentidas igualmente pelos ricos e pelos pobres quando ambos são portadores da mesma enfermidade. Mais fácil será o cruzeiro, moeda brasileira, entrar no céu, de que o dólar, arrogante e valioso”, continuou o pároco, falando pausadamente de si para consigo, empregando figuras não muito clássicas, mas didaticamente fáceis de ser assimiladas, esquecendo-se que era Joca falando com Joca mesmo. “Embora a tolerância seja a pedra fundamental em tudo que se pratica no decorrer da existência, para se ter uma vida digna, há o que se pode chamar de ‘tolerância teológica’, no meu caso”, conjecturava.

“Estaria eu usando de um estratagema para justificar meu comportamento, no caso de sair correndo? enfrentando todo o doutrinário religioso, para emprestar minha solidariedade ao cristão que se desviou temporariamente de seus deveres para com a vida?! Não sei.”

O que é certo é que poderia fazê-lo, criando uma cunha que se intrometesse no frio desígnio da carta episcopal, que jurara obedecer. Seu cérebro fervia... Abalado pela notícia de um fato que jamais pensara em poder ter acontecido, ainda teve forças para uma prosa cordial com seu amigo Homero, procurando minimizar a dor que angustiava sua alma.

Uns dez minutos quase silenciosos passaram devagar demais, como se o pensamento fosse igual a uma lesma a caminho de seu abrigo, seguida por um predador incansável. Hawking, se tivesse visto essa demora, talvez tivesse escrito o livro “A Longa História do Tempo” em vez do seu magnífico “A Breve História do Tempo”, consagrado em todas as latitudes científicas.

* * *

Ambos conheciam Nora e sua história. Nascida menina, fruto de uma união não mui sólida, cresceu convivendo mais com a família de Homero, comprometida com a harmonia de uma vida a dois cheia de racionalidade, baseada na tolerância mútua, sendo assim considerada modelo de felicidade.

Tia Teca, como era conhecida por toda a comunidade orapronobiana, casou-se e logo destacou-se de desvelos à menina tímida, por vezes lamuriosa, mas sempre vendendo uma singular espontaneidade, que embriagava de alegria e entusiasmo sua vida.

Não tinha filhos. Sô Homero, à semelhança de um pai carinhoso, não sabia o que fazer para ver Nora sorridente e feliz, muita vez, até, atendendo aos seus menores caprichos.

Nezinho, criado ali, naquele lar humilde mas honroso, era outro pingente. Menino travesso, cheio de vontades, com uma alma porém nobre, compunha o ramallete harmonioso de coloridas flores de amor, em cujas pétalas exalava o perfume permanente da felicidade daquele lar. Não era, entretanto, muito de ficar à barra da saia de tia Teca. Chegava-se mais a Sô Homero, que era o “cavaleiro” que o levava às fantasias dos sonhos, comparáveis às estórias prenes de aventuras, que era acostumado a ouvir antes de adormecer. Juntos, ora embrenhavam-se nas matas, apenas para

ouvir o trinado de algum pássaro, chamando sua companheira ou delimitando seu domínio; ora, se divertiam com os pias a pularem sôfregos e inocentes, a beliscar os grãos de milho que atiravam nas águas cristalinas da Lagoa Torta, cabeceira da vereda que delimitava suas terras. Em todos os momentos, Nezinho estava ali no pé de Sô Homero. Onde ele ia, semelhante ao pegureiro que rasteja a “inambuapé” que cisca na macega alta do descampado, estava Nezinho ali, comendo seus calcanhares. Era perigoso, advertia-o tia Teca cheia de cuidados. Mas ele aventurava-se ficar por detrás das touceiras mais compactas das piteiras que orlavam as palhadas enfeitadas de flores do assa-peixe branco, para observar a jaguatirica filhote negacear uma cutia que, despreziosa, roía o coco-catarro ou o caroço de uma manga caída fazia minutinhos. A tapera, fruto da mal cuidada quebra do milho de outubro, mantinha um silêncio permanente. Vez por outra, soprava um ventinho brincalhão por entre a folhagem seca da palhada, que emitia um assobio gostoso de ser ouvido. Dedo indicador no nariz, cobrindo também parte dos lábios, mudamente sussurrava Homero ao menino. Era como se ele lhe falasse: “Quieto... devagar. Não se mexa.”

Em algumas ocasiões eram espectadores de muita ilusão. O filhotinho da jaguatirica, começando a aprender a caçar, dava o bote mas a presa escorregava de lado, deixando a oncinha encabulada. Frustrada, corria ao carinho da mãe, espojando-se na teta entumescida pelo leite criador que, represado, estava à sua espera.

Nezinho, estando ao mesmo tempo medroso e ao mesmo tempo cheio de coragem, feliz, desejava rir do falso pulo do filhote, mas não podia. Sua gargalhada poderia, isso sim, despertar a mãe e provocar a caída do pano, encerrando o espetáculo maravilhoso que a natureza dadivosa lhe oferecia. Em outra feita, Sô Homero descobriu, no topo da umburana, que mostrava toda a sua imponência, vicejando ao lado da roça, o vigia de um bando de macacos-de-cheiro, fazendo convescote no milharal já granado. Numa linguagem quase imperceptível, aplicando um dialetismo clássico confuso para o ser humano, trocavam sinais, fazendo “planos de vida”. O certo é que transmitiam suas idéias e cada um escolhia as espigas mais cheias, amarrando umas às outras em atilhos bem equilibrados em peso. Mais tarde, quando estava tudo como eles projetaram, jogavam-nos às costas para maior facilidade de se lançarem de uma árvore para outra. Sibilando fundo, iam de galho em galho, marcando compassos muito semelhantes aos dos anões da estória de Branca de Neve, solfejando canções felizes de volta à casa, após o trabalho cotidiano.

Sô Homero, embora sabedor do prejuízo que esses parentes primatas lhe ocasionavam com a invasão do seu milharal, devagarinho ia negaceando por entre arvoredos ou, em muitas das vezes, rolando atrás das coivaras, escondendo-se do vigia que, se percebesse sua presença, daria um longo assobio de aviso ao bando. O que ele mais apreciava era driblá-lo. Quando isso acontecia caíam no coitado, de cipó em riste, aplicando-lhe ainda, além da surra, a pena de não participar do banquete que prestes realizariam às custas de Sô Homero, que aliás não ficava triste com isso. Pelo contrário, divertia-se e muito. Nezinho com ele também delirava com a escaramuça. Ficava intrigado porém com a facilidade com que eles transmitiam as idéias de uns para com os outros. Como se entendiam? Não era mesmo fácil de decifrar isso. Pensativo, falou ao tio:

— Parece nós, né tio? Como eles aprenderam isso, soltos no mato? Parecem homens!...

Homero calado, falava apenas com seus botões:

— Não vejo explicação.

Um dia desses estava na casa do padre Joca, sentado à beira da cisterna que abastecia a casa de água potável sarilhada, quando ali também chegou o amigo Sô Emídio, farmacêutico. Abrigados pelo caramanchão coberto de sempre-lustrosas coloridas, ouviu qualquer coisa de que falavam o padre e o boticário, que o visitava numa tarde pelando de quente, acerca da evolução das espécies. Era esse assunto mesmo que ouvira, sem nada entender. Alguma coisa ele entendia. Falavam de um bicho transformar-se em outro, modificando-se com o passar das gerações.

Uma coisa levando a outra, entendeu porque necessitavam os criadores de gado estar sempre renovando o plantel, principalmente o touro. Injetando sangue novo no criatório, viam-se logo novos produtos nascendo misturados, herdando indícios dos seus genitores, mas não essencialmente iguais a eles.

Sô Emídio, conversador de carteirinha, não perdia tempo. Tão logo podia, arriava-se na cobertura existente no quintal e ali deitava palavra acerca de tudo. Até acerca do parentesco do macaco com o homem. Discorria sobre a diversificação do tronco que, atingindo uma certa posição evolutiva, duplicava-se em duas vertentes semelhantes em muitos fatores, dando a entender erradamente que um derivava do outro.

Tanto conversavam, tanto discutiam, que Homero, nada entendendo, acabava “pescando cada peixe”... mas cada peixe... cada cochilo... que terminava batendo com a cabeça no peito, não roncando de vergonha.

Cansado de participar, não participando de coisa nenhuma, num daqueles cochilões de arrear, quando deu por si, a franja do seu pala estava queimando, pela brasa do cigarro que mantinha entre os dedos das mãos apoiadas às coxas.

O pároco, pelo contrário, agitava-se mais. Gostava de sua prosa. O homem entendia de tudo. Era um apaixonado pela leitura nordestina, onde pontificava entre outros o maranhense Humberto de Campos, um escritor mais atual. O padre amava vê-lo discorrendo sobre temas que falavam ao seu coração, que tornara muito sensível, trabalhado que fora, amalgamado na saudade do isolamento por que passara anos e anos no seminário, dedicado aos estudos. Além dos tomos religiosos, à sua cabeceira perfilavam os “Sombras que Sofrem”, “Enterrando os Meus Mortos”, “Destinos”, “Pombos de Maomé”, e muitos e muitos outros enfileirados, títulos impressos nas costaneiras.

Veza por outra, estava ele folheando-os, para reler “O Brinquedo Roubado”. Dizia ele ser essa pequena crônica de um valor inestimável. Uma confissão que tem muito mais fundo sociológico do que mesmo mostrar a elaboração escurra dela, destinada apenas a sensibilizar a classe dominante de literatos da época. O manejo das palavras não se sobrepôs ao fundo social a que se destinara.

No fundo do quintal da casa do pároco, bem à borda do rasgão, uma erosão acentuada, havia um ramoso cajueiro. Algumas vezes ele se surpreendia abraçado, ainda quando jovem, ao seu tronco. Nessa disposição quase involuntária, corria a reler o que mais gostava – “Meu cajueiro e Eu”.

Era, Humberto de Campos, seu escritor predileto.

Por isso é que gostava das declamações de Sô Emídio, como tratava ele o amigo farmacêutico. Não só pela verve com que colocava os versos, não só pelas suas passagens em crônicas do dia-a-dia vividos, mas também porque o fazia recordar-se de sua juventude, quando, ávido de saber, tinha seus livros amigos à sua estante modesta, fabricada de tábuas de caixote, prontos para serem consultados, afagados. Lidos e lidos como saborosas iguarias.

Quando a saudade apertava, ia em busca de Sô Emídio, em recado, para vir, trazendo cabedal forte a fim de versejar.

De sua parte, Sô Emídio não esperava duas vezes e já, em pouco tempo, batia à porta do pároco. Sabendo de antemão o quanto ele derretia-

se com a Canção do Exílio, já entrava disparando suas estrofes. Encantado o padre com os gorjeios dos pássaros de Gonçalves Dias nas palmeiras verdejantes, em algumas vezes se comovia. Abraçavam-se fraternalmente, transformando-se naqueles momentos sublimes em dois colegiais imaturos, que molhavam os olhos quando liam ou ouviam a famosa poesia. Os versos do vate maranhense batiam forte na alma presa ao seu Ceará: “As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá...”

— E não mesmo!... – falava valente.

Capaz de adaptar a prosa de José de Alencar, recitava-a como se fora na verdade um poema métrico. Se não o segurassem, por ali ia ele:

— “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba. Verdes mares, que brilhaiis como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros”. Era como se estivesse vendo Iracema, a virgem dos lábios de mel, correndo, envolta em uma auréola de pureza, deixando na fina branca areia o rastro de seu amor dividido. Uma oração arrancada da alma! Em cada palavra proferida, o som emerge como se estivesse surfando em ondas de amor, que ao se quebrarem nela, despertavam-na, envolvendo-a na espuma de imorredouras saudades.

Por sua vez, o trinado do sabiá traduzia a nostalgia do exílio. Não preenchia o vazio que havia nos ouvidos do mestiço que fazia de sua poesia o desabafo da mistura racial de que era portador. Tiraram-lhe Ana Amélia, a quem tinha escolhido para oferecer todo o buquê de sua verve poética, dedicando-lhe seu amor puro como as manhãs maranhenses.

O gorjeio daquele outro, à sombra das laranjeiras floridas do quintal da casa da fazenda onde passou sua juventude ao lado de sua dedicada madrastra, que suprira tão bem o carinho de genitor falecido, era bem diferente. Sempre ao pôr-do-sol, solfejava uma ária tão deliciosa... tão lânguida... que a própria tarde, sem cerimônias, debruçava-se nas lembranças acumuladas carinhosamente, entrecortadas de suspiros saudosos.

As tardes, em sua maioria, foram feitas para serem sentidas eternamente. Não importa que as noites venham degluti-las. Permanecem vivas para formarem, umas com as outras, o altar da meditação de tudo que foi planejado e realizado. Ou das esperanças que nunca morrem, pois são amarradas aos sonhos que as protegem.

O pároco e o farmacêutico sentiam-se realizados, como se fossem almas gêmeas. Na cidade, dizia-se, à boca pequena, não ser compreensível

esses fraternos momentos de tertúlia. Muita vez, quando já os passarinhos se amoitavam nos ninhos construídos por entre a ramagem da buganvília, ainda assim continuavam a devirem pela noite alta a se esfalgar nos debates filosóficos.

Homero também não entendia e nem procurava entender aquela amizade em que coabitavam idéias de escolas antagônicas.

Dizia-se, ainda, já terem descoberto ser o boticário um maçom, pois ele se dava bem até com seu adversário político, Sô Romualdo Ulhôa Tomba, que mais tarde haveria de ser o prefeito de Orapronóbis, eleito em contraversão a ele.

Segundo Gastão Ozório, o estafeta do correio, junto à correspondência de muitas cartas e ofícios, todo mês havia entre eles um que era originário da cidade de Patrocínio. O envelope trazia tarjado o título “Loja Maçônica Luz e Humanidade”.

Não deixava de causar ciúmes a Sô Homero o modo como o padre tratava o farmacêutico. Mesmo assim gostava de vê-los debater. Principalmente gostava da ênfase com que Sô Emídio defendia uma tal de teoria que procurava explicar como surgiu a vida na Terra e como foram feitas as transformações até chegar ao bicho homem. Dizia ele que um tal de Darwin havia estudado isso, através de observações que havia feito em viagem pelo mundo, por determinação do governo inglês. Lançada, sua teoria causou celeuma em toda a comunidade científica e abalou sobremaneira as bases religiosas até então estribadas em estruturas dogmáticas seculares.

O trabalho clerical aumentou. O cristianismo católico saiu na frente. Desde os Seminários até o Estado do Vaticano houve uma explosão de pesquisas, tendo nascido daí várias correntes religiosas, todas com o propósito precípua de juntar os cacos e dar nascimento a uma nova estrutura cultural adequada à nova ordem científica. Carecendo, entretanto, de uma prova concreta, como se dizia, não devia ser totalmente aceita. A tese permaneceu envolta na nebulosidade, como se desejou. Lançada a dúvida, os dogmas persistiram.

Homero não tinha a mínima condição de assimilar o que se debatia naqueles entreveros. Quase respondeu a Nezinho aquela pergunta que ele lhe fez à respeito da inteligência dos macacos quando no milharal. Por pouco não abriu a boca para dizer-lhe serem eles nossos parentes muito próximos. Mais ou menos havia pego no ar uma alusão a isso, quando Sô

Emídio falava a respeito. Não tinha, entretanto, respondido por falta de destreza em contradizer o que havia aprendido, quando criança, no catecismo ministrado pelas freiras Maria da Conceição e Maria José Chaves, irmãs biológicas, além de irmãs em Cristo.

Em todos os domingos da semana estavam ali, no átrio da Igreja da Matriz, os meninos e meninas, pela tarde, aprendendo as virtudes do cristianismo.

O refrão, dito e repetido em todas as aulas, não deixava brecha para análise. Tinha de ser decorado vírgula por vírgula — “Deus criou o mundo em sete dias. No primeiro fez a luz”. E assim ia-se enumerando todos os itens de Seu trabalho até chegar à feitura de Adão esculpido no barro, imprimindo-lhe a energia da vida com o “sopro divino”.

Padre Joca era um admirador incontestado da prosa do farmacêutico, mas nem sempre aceitava suas idéias integralmente. Havia grandes afinidades, acompanhadas de poucas divergências.

Logo que soube da chegada do sacerdote, dias devindos, pousou os pés na varanda de sua casa e foi repentinamente mexericando:

— Ora viva... Como foi de Lapa?

— De Lapa?... Num fui bem. Muita desobriga, muito trabalho, muita correria. Mas, quer saber mesmo? De rapa – fazendo o gesto com as mãos – fui melhor!

Riram-se, divertiram-se. A resposta do padre foi deveras espirituosíssima. Sô Emídio tinha-o como um trocadilhista nato. Adorava dar-lhe combustível. Por analogia, discorreu sobre uma passagem de Emílio de Menezes, o maior trocadilhista da literatura brasileira, um fato que fez o pároco rir-se mesmo de verdade. E, narrou-o:

— Emílio, tomando um bonde no largo da Lapa, no Rio de Janeiro, ia, como de costume, despretensiosamente lendo seu jornal diário preferido, quando se sentou à sua frente uma senhora volumosa, gorda, adiposa, carregando banha pelos flancos como só ela. Foi só arriar-se e o banco ranger. Imediatamente, Emílio, tirando os olhos da página do hebdomadário, fechou-o e, com as duas mãos abaixadas nas coxas, levantou os olhos, encarou a platéia composta dos passageiros e, solenemente, com a irreverência que lhe era peculiar, soltou a frase: “Meus senhores, é a primeira vez que vejo um banco quebrar por excesso de fundos.”

Emílio só não apanhou porque a senhora não possuía somente muita gordura a modelar seu corpo. Era também adiposa em cortesia e em educação. Devolveu-lhe um sorriso amarelo, desanuviando com ele o constrangimento de que se apoderou. Era a imagem da desilusão. Como artista principal do acontecimento, orbitou-se na mente de cada passageiro do bonde que, intimamente, não sabia se condenava como abuso, ou glorificava o trocadilho espirituoso de Emílio. O certo é que a cena ficou gravada na cabeça de todos e foi, com certeza, alvo de piada a ser contada no intervalo para recreio no trabalho nas repartições públicas. Nestas, mais que nas fábricas e nas casas comerciais, em virtude de ser o funcionário público dotado de maior percepção intelectual. Pelo menos, a ordem natural das coisas mostra legitimidade para esse pensamento.

Padre Joca, passada a hora do riso, como ele sempre gostava de denominar esse intervalos, estava ansioso para retornar à posição anterior de sua tese a respeito do que seria uma hipótese, uma lei ou se ambas deveriam ser encaradas apenas como meios de pesquisas.

Insistindo na sua convicção, continuou suas digressões, com uma citação: “Toda hipótese é válida enquanto resiste aos testes do falseamento, que são tentativas para eliminação de erros. A ciência começa e termina com problemas.” (Popper, em 1924, adotou esse princípio).

A conversa dos dois, tendo como espectadora a tarde de junho que chegara, trazendo aquele friozinho gostoso, encontrava Sô Homero calado, bebericando uns goles de gasosa, uma bebida feita de casca de ananás fermentada, que Alexandrina tinha sempre à mão.

O pároco, tentando interagir Augusto Comte com Husserl, Heidegger e seus seguidores, deixou antever as diferenças entre positivismo e fenomenologia. Analisava as duas escolas como frutos dos pensamentos práticos de Comte com os de Edmund Husserl, voltados para o conceito de que a existência humana está posta diante da morte – não reconhecendo nem a um Deus, nem a uma Salvação, sua marcha final é o nada. Nesse imbróglio, padre Joca optava por uma solução conciliatória com as duas correntes.

Bem não acabara de terminar a frase, ouviu-se um murmúrio desordenado, partindo lá do fundo do quintal, bem para os lados do galinheiro.

Alexandrina passou que nem um raio, cambando no chinelo velho que já andava torto “prum” lado, fazendo escorregar o calcanhar meio

rachado, por onde a poeira se infiltrava, trazendo incômodo e dores. Daí sua manqueira.

A princezinha, cadela vira-lata de estimação, se encontrava cochilando aos pés do pároco. Levantou-se, retesou as orelhas meio acabanadas por terem sido parasitadas por berne, e saiu comendo os calcanhares de Alexandrina. Logo descobriu, numa galha bem no topo do grelo do cajueiro, os olhos brilhantes de um mucura fedorento que nem ele só. O gambá, já acostumado com os latidos da cadelinha, nem se importou. Continuou lambendo as patinhas, pois salivava em excesso, só de pensar que sua ceia estava ali tão perto. Era só Alexandrina descuidar, deixando a portinhola do galinheiro encostada, e o animalzinho não queria saber se havia positivismo, de que tanto falava padre Joca: só sabia que as galinhas estavam ali bem ao seu alcance. Positivamente, tinha certeza, eram saborosas. E uma só não ia fazer falta, no galinheiro havia muitas. Ademais... como ia viver?

Alexandrina não conseguia pegar o bicho, que, sábio, desaparecia como se fosse alma-do-outro-mundo, como ela dizia. Contentou-se em arrochar o arame, trespassando-o bem trespassado nos montantes da portinhola. Na cumbuca que ela mesmo arrumou, aproveitando a metade de um pote de água que havia quebrado, renovou a cachaça, colocando nela mais um pouco. Pois não é que o danadinho havia bebido quase tudo que havia posto na véspera e não tinha ficado bêbado?

— “Pra embebedá gambá, pouca pinga num dá” – lembrou. — Qui isso a gente ouve o povo falá dos entorta-copo.

Perturbada a tertúlia, o padre encerrou-a, convidando os amigos para uma xícara de café que Alexandrina, como só ela sabia fazer, havia trazido ainda fumegante.

— Providencial! – politicou Sô Emídio! — Estávamos mesmo precisando restaurar as forças. Uma palestra da profundidade filosófica como a que acabamos de ouvir do anfitrião é, não para o espírito, mas para o corpo, deveras desgastante, embora ninguém haja sentido o tempo escorrer.

* * *

— Tô saíno – disse, por sua vez, Homero. — Mais tarde volto a falá concê – e estendeu a mão calosa e pesada ao padre, que a apertou com a força da amizade.

Olhos ainda marejados, despediu-se e partiu à procura de seu sobrinho e afilhado.

Nezinho, com a energia desencadeada por uma avalanche de testosterona tomando conta de seu corpo, anunciando a puberdade, não agüentava a inércia que havia se instalado em Orapronóbis. Não sabia a razão, mas a cidade estava quieta. Parecia até estar vendo seu perdigueiro no amarro a uma galinácea; parado, suportando o peso de seu corpo nas patas dianteiras; as ancas quase suspensas, numa leveza posta à disposição de alçar vôo; pronto a dar o bote; os olhos, vermelhos, lacrimosos, sem pestanejar, agüentando o vento soprado ao contrário, para que a presa não o percebesse e se levantasse antes do tempo.

O silêncio era tão denso que, nas ruas desertas, lá um ou outro gato solitário se atrevia a passear. Saíra, pois, à cata de aventuras. Caminhando, ia sem destino. Contudo, atento ao que via ao seu redor, conjecturava interrogativamente ao menor acidente de percurso que nascia.

Assim, esqueceu de tudo e de todos. O tempo passou e ele não deu fé.

Viu-se por fim, meio encabulado, batendo costados na rua “de trás”, de que ouvira falar ser sede de muitas casas de “mariposas da noite”.

Com a curiosidade aguçada, iniciou um detalhado exame, esmiuçando canto por canto da rua, embora de pé-atrás, como lhe ensinaram. Não devia portanto abrir a guarda antes de inteirar-se de onde andava pisando. Assim, lembrou-se do tio. As emoções, entretanto, floriam junto aos desejos escondidos no subconsciente. A firmeza de estar pronto para a grande festa que a natureza lhe oferecia, como partícipe da perpetuação da espécie, trazia-lhe ansiedade. Contudo, a hora não fora determinada nessa conjectura. O grande momento lhe estava reservado, à espera da dádiva que lhe seria oferecida em circunstâncias oportunas por caminhos a serem ofertados espontaneamente. Seriam iguais aos que a natureza, com um buquê policromo, constituído de mimosas flores, oferece ao colibri a bebida dos deuses – o néctar que lhe dá sustentação à vida.

As artimanhas das mulheres-damas que por ali viviam, entregando seus pendores em troca de pouca prata, motivavam seus desejos, ao mesmo tempo em que a força de sua formação familiar religiosa os travava. Mesmo assim sentia um calor descomunal invadindo todo o corpo. Um volume sem igual de uma quentura desconhecida tomou conta de si, da cabeça aos pés.

— Ainda não vai ser desta vez – falou sozinho com seus botões. — Também, né!... – conjecturou a seu modo. A fazenda é a escola da vida que se refaz a todo o tempo. Quando seres da mesma espécie e sexos opostos se amalgamam, novas vidas surgem, com um esplendor capaz de escurecer o Sol. Nessa escola prática, justificava os desejos que surgiam sem serem pedidos, originados nas glândulas hormonais que, teimosas, elaboravam os humores responsáveis por aquelas explosões, definindo de vez os caracteres genéticos em amadurecimento.

Ainda não havia acalmado, quando sentiu a mão do seu tio pousando em seus ombros. Voltou-se. O pesadelo das emoções já havia partido em busca de outros devaneios.

— Ô tio... estava à sua procura – gaguejou Nezinho.

— Mas aqui, nesta paragem? Isto não é lugar para procurar-me. Bem sabe que não ando em lugares inconvenientes.

Nezinho não respondeu, escondendo um rizinho maroto, e por entre os lábios falou:

— Sei... sei, tio.

Foram andando juntos, como bons amigos, as mãos nos ombros... cada uma em cada um. Sô Homero não sabia como começar a relatar os problemas vividos naquele escurecer de tarde. Falando coisa sem coisa, começou o rodeio peculiar, tão comum aos que não desejam relatar de chofre um fato que possa vir a chocar o interlocutor. Principalmente porque não se tratava de qualquer um. Nezinho, criado debaixo do rabo da saia de sua tia Teca, que o tratava sempre como “meu menino”, parecia ser sensível demais para receber uma forte notícia sem abalar-se. Daí os cuidados de Sô Homero.

— Tava lá com seu padrinho, conversando esta tarde toda. As horas foram passando, passando... e eu pensando à cata de consolo. O sofrimento fora tanto que me esqueci de procurá-lo há mais tempo, para voltarmos para casa. Saí desnortado, sem rumo, até chegar aqui, perguntando a todos que encontrava, sem resposta. Cada vez mais aflito estava, quando vi seu vulto, passando pelo beco da rua de trás, e aí suspirei aliviado.

— O que foi?... o que o magoou tanto, meu tio? Conte logo. O que aconteceu com meu padrinho Joca? O senhor, por favor, não me esconda nada, já sou bem crescidinho, né?

— Não! Não! Graças a Deus ele está bem, embora mostrando-se também muito abalado pelo incidente acontecido com pessoa mui querida nossa. Urias sofreu uma perturbação momentânea e, de uma hora para outra, disparou a arma em seu próprio corpo. Treloucado, estendido no chão, pedia que ninguém o amparasse. Se não fosse um de seus amigos colocar um dedo da mão entre o gatilho e a coronha, teria ele disparado mais uma bala. Tudo isso, meu fio... desencadeado por uma obsessão inusitada. Num gesto impensado, transformou o entusiasmo pela volta da viagem de quase cinqüenta dias numa tragédia quase irreversível.

Realmente, Urias esquecera-se de que não era ele o único atingido. Toda Orapronóbis foi, por um ou outro motivo, por parentesco ou por amizade, tomada de angústia. Terços, ladainhas, rezas, uma atrás de outra, transformaram a cidade num só movimento de solidariedade, tão grande o apelo à misericórdia divina em favor da vida de Urias.

— Por onde transitar – continuou Homero –, você vai sentir que nas ruas desertas um ou outro transeunte se animará a passar. Toda a família orapronobiense está de joelhos.

— Por que ele fez isto? – inquiriu Nezinho, já com a voz embargada! Nesse momento só tinha um desejo: ir-se de encontro ao seu ídolo.

Naquele instante, só via a figura desabusada daquele *gentleman*, fantasiado de peão de rodeio, fincando as esporas no flanco dos potros xucros, quebrando-os na rédea, firme no manejo do barbicacho, até fazê-los pegar marcha. Na doma era exemplar. Com as chilenas cravadas no sangradouro, permanecia firme no arreo, até o bicho cansar de pular e entregar-se ao manejo de sua rédea condutora.

Quando montado, gostava de entortar a cabeça para o lado direito com o fim precípuo de ouvir as batidas dos cascos do animal no chão, dando-lhe condições de cadenciar, por manobras leves na rédea, suas pisadas. Exímio laçador, não havia rês, por mais atrevida que fosse, que não sentisse o peso da corda amarrada nos dois chifres ou no pescoço. Boleado o laço em elipsóides curvas por sobre a cabeça, abria-o e o fechava, numa coreografia circense capaz de emocionar qualquer platéia. Na passagem da rês em correria pela orla do curral, o laço era jogado como se fosse um disco sólido, chinchando-a em reboleios por sobre o pescoço. Quando não assim, derrubava-a, anilhando o laço nas canelas traseiras. Na lida cotidiana, gostava de, só por brincadeira, fazer o novinho desgarrar e sair em disparada corrida. Quando bem não esperava, estava ele

emparelhado e, junto à rês, levava a mão à seda da cauda e aí era um tombo só. Sua montaria de custeio era por demais treinada. Quando sentia o cavaleiro pender para a direita, quase deitado no seu flanco, ela abria espaço para a esquerda com o fim de alavancar o braço do cavaleiro à cauda do novilho. Retirado o apoio das patas traseiras, o corpo flutuava no ar, e aí o desequilíbrio era fatal, com a rês no chão.

As moçoilas escanchadas nos varões da cerca do curral aplaudiam irreverentes as façanhas daquele guapo rapaz. Os demais peões se fascinavam, de boca aberta, elegendo Urias seu ídolo.

Nezinho achava-se nesse bolo. Urias era um herói para ele. Lembrava-se, quando infante ainda, de um episódio vivido por ele.

— Em uma daquelas tardes quentes de rachar a pele como num sei quê, saí, sem muito destino – recordava ele. — Como sempre, aliviado da lida, gostava de pegar a espingarda passarineira que minha tia Teca me havia presenteado. Rumei pro lado do capão grande, ver se encontrava alguma presa desgarrada do bando que servisse para aguçar minha pontaria.

O menino era, além disso, um incansável espectador do jorro de água que esguichava até um metro mais ou menos da superfície do orifício por onde saía, derramando-se como um leque, para formar um pequeno lago de água cristalina.

A nascente que o extasiava era um olho-d'água dos grandes, jamais visto um igual por aquelas bandas. Sua clara água descia cerrado abaixo, formando o rego que abastecia a sede da fazenda, bem uns seis quilômetros para o sul.

Intrigava ser aquela nascente situada em um descampado! Se bem que, na orla, havia um capão de mato não muito ralo. Admirava-se ser ali um natural viveiro de peixes. Uma quantidade de piabas espertas, que ao menor tremular da superfície saltavam muitas e muitas, navegando por entre os pias ariscos, produziam um espetáculo maravilhoso. Para excitá-las, Nezinho jogava bolinhas de massa de mandioca que cuidadosamente preparava com antecedência, conduzidas em uma caixinha vazia de pó-de-arroz Coty que tia Teca usava passar na face com uma aveludada pluma, quando se dirigia à missa domingueira.

A ele, que sempre ali estava, em contato íntimo com a beleza do empuxo da água, saindo aos borbotões da terra – deglutindo o espaço aéreo em torno, provocando aquele gluglu interminável, como se a terra estivesse

engasgando-se –, o fenômeno se apresentava deslumbrante. Quanto mais aos olhos contemplativos de quem o visse pela primeira vez!...

Assim que pela estância apareciam primos, corria ele pressuroso, sôfrego de emoção a levá-los, como se estivesse mostrando-lhes a vitrine da fazenda, ao olho-d'água do capão grande. Munia-se de quirela do arroz socado no pilão de três mãos, movido por roda-d'água. A mesma água que vinha pelo bicamente feito de pau-d'arco movimentava o engenho de cana-de-açúcar, as suas turbinas de purificação e o moinho de beneficiar café. Era oriunda do olho-d'água que ele tanto admirava, como uma manifestação da força da natureza em favor do homem.

— Ah!... se padrinho o visse!... Garanto que tinha muita coisa a me falar – dizia Nezinho, refletindo sobre essas dádivas de Deus.

Aos primos, fornecia ora as bolinhas de arroz amassado, ora a quirela mesmo, municinando-os para ver as piabas selvagens pulando, iguais aos saltos novelescos dos salmões, quando na piracema, contra os obstáculos das cachoeiras dos rios.

* * *

Naquela tarde, pois, lembrava-se bem: uma canícula tremenda estava instalada, abraçando o ar, a terra, as serras, os vales... um calor de rachar. Como sempre, terminada a lida, ia, espingarda a tiracolo, cantarolando:

“Papagaio lou...ro, do bico doura...do...
Leva esta car...ta pra minha namora...da”

Na subida disfarçada da larguinha, em frente aos currais de custeio, sentiu a presença de um campeiro que, muito perto dele, saboreava as frutinhas amareladas de um muricizeiro. O murici cheirava! Podia dele sentir o odor, pois estava Nezinho entremeando uma corrente de vento quente e seco. E era de estalar a língua.

O animal permanecia tão calmo quanto o ambiente. A cada bago que pegava, passava a língua no beijo superior. Só faltava estalá-la, como tio Homero e o padrinho faziam quando tomavam um gole de sua preferida, a Pingo do Céu, cachaça boal, como diziam. No final, jogavam de sovineza uma só, só uma gotícula, que teimava em escorrer pelas paredes do cálice

– era para a bênção do santo –, no cantinho dos pés do tamborete, em cujo assento de couro de bode, trazido do agreste nordestino, se refestelavam.

Embora o Sol estivesse se despedindo, embrulhado em seu manto vermelho-gema, meio difuso pela leve fumaça que sempre paira na atmosfera naquele agosto das queimadas, evoluía ainda, pelas ondas formadas por nuvens encarneiradas, uma espetacular madria, suavemente encapelada, só observada nessa época do ano e ao lusco-fusco da tarde. Mesmo assim, diante de uma meia claridade, dava para ser vista uma mancha debaixo do queixo do cervo, na papada, como se estivesse sangrando. Assemelhava-se a uma ferida, uma arranhadura ocasionada quem sabe por ter tentado pular uma cerca de arame farpado.

Na maioria das vezes que levantava a cabeça para colher uma fruta mais sazoadada, em um galho mais alto, podia ser visto o ferimento escorrendo sangue, não em borbotões, mas dando para manchar a pele, que ali é bem clara.

O ambiente continuava quente, entorpecedor. O espaço entre a terra e o ar, rastejando a rala macega onde o gado de custeio malhava, tremulava. Aos olhos ressequidos, essa ilusão de ótica apresentava-se como que se o chão estivesse produzindo miríades de estrelinhas que subiam e subiam pelo espaço, para desaparecer à medida que se levantava a vista. Dizia-se que esses fenômenos são indicativos de que as chuvas não estavam longe. O mormaço anunciava isso.

Essas aparências estelares são originadas da umidade do ar que já começa a instalar-se, em um teor mais alto. Assim, microscópicas gotículas de água, iluminadas pela luz solar, podem dar uma noção falsa de estar-se na presença de milhares de estrelinhas, lambuzando a terra que, multicolorida, parece tremer, semelhante às miragens que os mercadores neófitos vêem na travessia dos desertos, logo desfeitas pelo caravaneiro. Aqui, embora, em proporções bem diminutas, confundem até a visão dos cães caçadores.

Repentinamente, uma perdiz que ciscava na macega, à procura de alimento, levantou-se, naquele seu peculiar vôo, tão caracterizado por um assobio prolongado. Saindo fora da linha de tiro, perdeu-se no descampado.

Não deixou, entretanto, de assustar o veado, que – entesando as orelhas como se fora tesoura, movendo-as pra cá e pra lá, como se estivesse a interrogar o vento, procurando localizar o som anormal que havia perscrutado – postou-se de atalaia. Retesando o espinhaço, parecia um

atleta grego à espera da ordem para se arrancar, na disputa de uma corrida olímpica. Nessa posição permaneceu, enquanto a tarde, merencórica, deslanchava. Com certeza estava diante de um perigo iminente. Seus instintos anunciavam isso, provocando sobressalto.

Nezinho, botando a alma pela boca, respiração acelerada, negaceando para chegar mais perto, colocou a caça na linha de tiro. Inda bem não havia retificado a mira, escancarado o cão da arma, viu o campeiro dar um passo para trás, olhar para a retaguarda e para os lados, fugindo da mira da arma.

Nessa hora, com o instinto de defesa aguçado, sentiu chegar o momento de safar-se do perigo que a sutileza de seus sentidos havia deflagrado. Partiu, pois, em desabalada carreira. Aos pulos, de fazer inveja aos cangurus australianos, ia galgando espaços por sobre as moitas mais densas e elevadas do capim-provisório que ali já estava soltando penachos marrom-escuros de sementes amadurecidas. Nessa coreografia, ia descrevendo linhas concêntricas regulares, com curvas convexas e côncavas bem iguais. Era como se o mar houvesse chegado ao descampado, e estivesse a marulhar com ondas indo e vindo, quebrando na praia da imaginação. O vento ajudava como bom parceiro na ondulação do capinzal.

“Um singularíssimo espetáculo, digno de um pincel picassiano” — abriria, por certo, as manchetes das revistas panorâmicas, se fosse o caso de vê-lo fotografado. Seu autor seria premiado, caso pudesse trazê-lo à lente de sua câmara.

Com a alma a sair pela boca, a emoção florindo por todo o ser, Nezinho, aproveitando o vácuo deixado pela ondulação dos ramos floridos, adentrou a campina, sem muito aquilatar de onde e para onde estava indo. Procurava aqui e ali encontrar algum traço de sangue que por acaso pudesse o campeiro ter deixado ao saltar uma das touceiras de capim-navalha, que teimava em concorrer com o provisório, soberano daquele ermo.

Na ânsia de encontrar uma pista que o levasse à caça, descambou pelo declive que levava ao riacho, cujas águas gemiam solitárias, produzindo os únicos sons ouvidos naquela tarde do *au revoir* do Sol que, medroso da noite prestes a chegar, se escondia por cautela no longínquo horizonte.

Medidas as probabilidades, concluiu que a caça não deveria ter-se embrenhado pela ponta do mato, embora ralo que ali existia, muito para dentro. Sabia ainda, pela prática, que nenhum animal selvagem se atreveria a desandar para muito longe da aguada.

Pisando cautelosamente no lajedo lodoso, para alcançar o barranco que o levaria à picada por onde teria, talvez, se embrenhado a caça, desequilibrou-se. Ao firmar-se no pé esquerdo, sofreu uma entorse que o deixou imobilizado.

Com o atrevimento peculiar aos acostumados às lides sertanejas, pressionado pela dor intensa, galgou de gatinhas ribanceira acima, onde espojou-se. Sem saber o que fazer, tentou mitigar a dor, massageando o tornozelo já com edema em formação. Calculava que ele lhe traria uma repentina imobilidade, se não conseguisse movimentar-se, mesmo sofrendo muita dor.

Noite chegando, o curiango, olhos vermelhos à mostra, pousado sob uma moita de “camargo” – uma palmeirinha muito comum do cerrado que orla os arroios, bem rente ao chão –, do outro lado do riacho, soltava aquele estridente estribilho enervante: “curian...gu...” “manhã eu vou...”. Tão natural seria o ouvir em outras circunstanciais ocasiões que não aquela, de ansiedade, e porque não dizer de sobressalto, com iminência de perigo. Trazia-lhe, entretanto, agora, uma desmesurada inquietação, desencadeada em progressão geométrica à medida que o tempo passava. Inda bem que a passarinhira estava ali ao seu lado. No bolso da jaqueta havia quatro cartuchos que ele mesmo confeccionara com o *kit* de carregueiro que tia Teca lhe havia dado. Prevenindo-se, colocou-os na cartucheira a tiracolo. As espoletas eram novas e a pólvora era conceituada – nunca havia a arma “crefado”, isso lhe dava uma certa segurança. Se por ali se atrevesse a peregrinar, atraído pelo seu faro fabuloso, o guará de lombo avermelhado, majestosamente reinando no seu *habitat* natural; ou um gato do mato; ou uma jaguatirica; ou mesmo uma suçuarana de passagem, estava precavido. Sabia ele que os animais selvagens só atacam quando com fome ou acuados. O campeiro que ele perdeu seria melhor prato para eles, acostumados ao sabor de carne fresca sangrando. O *menu*, mais do que palatável, era trivial. Estava ali ao alcance, na medida de suas necessidades. A comida era abundante e farta. Esse raciocínio confortava-o. Inda mais que, dando falta dele, Nezinho, saíam à sua procura. A noite já abria a boca com suas nuanças particulares, iluminada apenas pela luz dos “lagartinhos-de-fogo” ou pelos pirilampos nômades, cortando os ares em busca de companheira, ou pelos olhos escancarados das corujas pousadas no mirante dos cupins, à espreita de uma preá ou de um coelho tapiti transviado na macega, para se banquetearem. Tinha certeza que a essa hora já estavam em seu encalço.

Tia Teca, aflita, parecia uma louca, andando da porta da sala à cozinha. Às vezes saindo de casa, trepava nos esteios do cercado do pátio, onde ficavam os cochos de salga do gado. Dava dali uma boa visão da larga da frente, que começava no jardim da represa, indo até o Capão Grande. Daquele mirante improvisado, ela poderia ver, em dias claros, sem a turbulência peculiar aos meses de queimadas, em que a fumaça embaçava o meio como um todo, seis quilômetros aproximadamente, indo a vista bater de frente no horizonte da larga de São Domingos, onde se localizava o campo de aviação. Infelizmente para ela, a luz crepuscular da tarde findava. Nessa hora, a nebulosidade seca atrapalhava muito mais sua visão.

Desvairada, gritava aos peões para vasculhar toda ponta de mato, grotas, ribanceiras e tudo o mais, até que fosse encontrado seu menino.

Ao Luiz vaqueiro, determinou que pegasse a buzina de caça e chamasse a matilha dos cães, e que não esquecesse do Boa Vista, que, mesmo velho, era quem corria à frente de todos.

— Bem que disse – falava ela, prevendo alguma coisa, pois coração de mãe, mesmo adotiva, sempre está alerta. — Parece até qui tava a adivinhar que algum imprevisto poderia vir a acontecer, meu coração num tava alegre, tava me contano que ele não deveria sair. Mas como filho-home a gente num pode segurar muito, disse a ele: “Fí...io, leva ô menos uma trela de cachorro concê! De quaquê jeito cê num fica sozinho”. Mais de uma vez falei cum ele: “Leva pelo menos o BoaVista” – dizia chorosa.

* * *

Boa Vista, canadense de *pedigree*, era um cão cotó que Sô Homero havia ganho de presente do boiadeiro Tonho, que em busca de gado de corte para invernar lá pelos lados de Oliveira, cidade do oeste mineiro, tinha ali pousado. Pelo seu talento, tornou-se logo o líder da matilha que já havia na fazenda. Em uma ocasião, gostava de contar Sô Homero:

— A matilha sozinho levantou um campeiro lá pelos lados da larga do Santana, mais ou menos uns doze quilômetros da sede da fazenda. E veio trazendo ele que nem boi manso no laço. Como era de costume, os cães vieram, tocando a caça que corria na frente, numa distância de aproximadamente uns quinhentos metros entre eles e ela, só no faro. Era uma toada bonita de ouvir-se. O latido dos cães parecia ser um só...

E continuava Sô Homero a relatar todo arrepiado, como se estivesse ainda ouvindo aquela sonata que só os conhecedores sabiam entender e dar valor.

— Pois num te conto!... — pegou ele a falar. — Boa Vista encontrava-se deitado ao meus pés, ao lado do toco de aroeira que servia de banco, bem na frente do jardim da casa, onde eu descansava da lida do dia. Já se ouvia a toada da cachorrada aproximando-se, embora sabendo que ainda estava distante. De repente, o cão levantou a cabeça, entesou as orelhas e, calmo, saiu em direção da rebaixa, do lado oposto, de onde estava vindo o som do latido da matilha. Achando estranho aquela atitude imprevista do cão, acompanhei-o meio de longe, e, quando dei por ver mais acentuadamente, Boa Vista estava com os dentes presos ao pescoço do campeão.

Com preguiça de acompanhar a matilha, já meio velho e cansado, agarrado que era demais a Sô Homero, sempre estava ali encostadinho nele, ressonando.

— Pois num digo... — desandou Sô Homero, tornando a contar a bravata do cão. — Repentinamente levantou a cabeça, empinou o focinho pra cima, ancorou o corpo nas patas traseiras, e pelo faro pressentiu a caça. Pondo-se de pé, sem manifestar nenhum ato de que estava sabendo onde ela se encontrava, num andou mais que uns duzentos metros e pegou a presa, quando saltava o barranco do córrego da rebaixa do fundo do quintal, como falei antes. Nunca vi coisa igual. O faro dele é impressionante! Cês cridita qui só depois de uns quinze minutos chegô, fazendo uma algazarra danada, a cachorrada em cima do rastro do veado qui já tava era preso?!

Sô Homero, verificando tratar-se de uma fêmea ainda nova, tomou a presa do cachorro, gritando:

— Ô, Luiz... ô, vaqueirinho — chamando-o carinhosamente pelo apelido. — Corra aqui!

Pulando a cerca do curral destramente, ele se apresentou, radiante, e foi logo dizendo:

— Ô, patrão, qui coisa boa!... Tâmo qui tâmo fazendo um belo churrasco hoje — já desembainhando a peixeira para sangrar a corça.

Foi então tomado de surpresa com o grito de Sô Homero, com aquela voz meio rouca, que em alguns momentos expressava autoridade bem autoritária:

— Nada disso. Guarde sua faca na bainha do cinturão e vá logo arrear um cavalo. Pegue aquele que acabamos de fazer seu cogotilho, o picaço, cavalo preto com manchas brancas nos pés e na cara qui tá preso no pastinho, sendo mais fácil docê jogar o cabresto. Leva esta suaçutinga na cabeça do arreio e solta ela bem longe, lá prus lado da invernada do coqueiro, no vão do ribeirão da Aldeia. Cuidado com o ferimento do pescoço dela. Embora tenha passado tintura de arnica, será bom qui num deixe ela esfregar na cabeça do arreio.

Nesse íterim, Bolinha, o encarregado de assistir, à porta da fazenda – também ajudante direto de Zabé na cozinha – já havia passado a peia na veadinha, achando uma graça o patrão não ter mandado sangrá-la.

— Uai! In dispois qui o patrão passô a í muito na cidade, chegô cum esse negoço de num podê nem jogá uma bomba no ribeirão, nem fazê uma tinguijada? Agora tumém nem caçá mais?! Patrão mudou!... qui nem galinha de ninho sem indez.

Bolinha falava muito nesse assunto, mas era só com ele mesmo. Conversava apenas com seus botões e, depois de muito pedido de segredo, com sua mulher, a Leni, por sinal muito discreta, benzedeira de confiança da casa.

— Tem trem qui tem de guardá segredo, né? – dizia ela. — Tem coisa muito fina qui se num segurá bambeia proutro lado às vez mau. Ave Maria!... retrucar Sô Homero... brabo cumo ele é!...

Não sabia ele, entretanto, que Sô Homero, por intuição, era um defensor da fauna. Era de seu preceito não matar e não deixar matar bicho nenhum de pouca idade. Gado fêmea, somente quando era vaca manina.

* * *

Quem ficou mais decepcionada foi a matilha. Lambendo os beiços, na vontade de deglutir uns nacos de carne fresca. Os cães choraram... em uivados tristes... prolongados... focinhos voltados para o alto, pulando na baldrana da sela, inconformados, como que dizendo: “E esta é minha, sô...” Luiz já montado, dando safanões com as botas para acalmar a cachorrada, saiu trotando num esquipado “de buscar parteira”.

Tristonha, a cachorrada ficou ressabiada, como a dizer: “Tanto esforço, tanta correria, tanta ladainha jogada fora... pra quê?” Não entenderam...

Sô Homero, diante do quadro, mandou o Bolinha retalhar uns rebotalhos da carne que estava ao sol, de que ainda escorria um pouco de sangue. Fazia pouco que haviam descarnado um novilhão três-anos para despesa de casa. Como nada ficava sem sua observação, passou os olhos no couro que, espichado por meio de varetas, encontrava-se ao sol para secar, constatando, de cara, dois furinhos de ponta de faca. Foi um deus-nos-acuda! Chamou os responsáveis e deu-lhes uma carraspada daquelas, conjecturando consigo mesmo:

— Bem dizia minha velha mãe: “Olho do dono é que engorda o capado!” Se num fico atento, a coisa roda sem engrenagem. Qui coisa, né?! Não se pode descuidar qui o trem descarrila! Ave Maria!...

A matilha servida, de bucho cheio, procurou logo uma sombra, no rancho dos carros de boi, indo à sesta para refazer energias. Dormindo e sonhando com nova caçada.

* * *

Luiz estava acostumado a essa lida, uma vez que era ele o responsável de trazer as crias, recém-paridas longe do malhadouro, na cabeça do arreo, para ensiná-las a pegar as tetas da mãe, já no curral. Isso era uma necessidade premente, uma vez que o gado azebuado é carecedor dessa incumbência, por tratar-se de raça delicada; muito diferente do curraleiro pé-duro, que os portugueses introduziram na colônia, e que sobrevive ainda em algum ermo de teimoso que é. O bezerro curraleiro, bem não foi parido, já sai engatinhando, cambaleando nas pernas fracas, à procura das tetas do ubre da mãe, para sorver o colostro que o vivifica e lhe dá imunidades.

* * *

Sô Homero era extremamente precavido. No pastinho gramado com o quicuío sempre verdinho, ali ao lado dos currais de custeio, ele mantinha sempre dois animais de sela. Em situações emergenciais, esses animais seriam os designados para conduzir um peão à cidade, com o fim de buscar socorro em quaisquer eventualidades, principalmente em face de doença de familiares dos funcionários da fazenda. Na maioria dos casos, serviam mesmo era para buscar a parteira Sá Zefa pra aparar os rebentos, pois seriam eles os futuros seguidores de seus pais na lida da estância.

Em momentos difíceis, lançava-se mão do fordeco 26, que já vinha de fábrica portando um avanço tecnológico – um arremedo de câmbio, substituindo a embreagem primitiva, que era apenas por pedal. Para trás, pois, ficara o chamado forde-de-colher. Conservaram-se, entretanto, os bigodes para acelerar e regular a marcha. Passou a ser denominado forde-de-bigode. Para alguns doentes mais graves, solicitava-se um aviãozinho teco-teco em um dos aeroclubes de cidades vizinhas, na falta de aeronaves particulares.

Otílio, bom cavaleiro estradeiro, era o peão de preferência. Moço guapo, pau-para-toda-obra de responsabilidade, estava sempre à disposição para esse evento. Sô Homero, em algumas ocasiões, chamava-o e dizia:

— Otílio!... O cavalo é meu, a espora é sua – querendo dizer que a coisa era por demais urgente.

Dr. Orsini, competente farmacêutico responsável pela botica Paracatu, era o elemento encarregado de providenciar tudo o que se solicitava nas cartas de Sô Homero.

* * *

A Lua, desmanchando a escuridão que a noite impertinentemente traçou, começava a despontar na barra do horizonte, iniciando seu caminho pelo céu desanuviado. Não era cheia, daí ter demorado a nascer. A sorte, pois, andava junto de Nezinho. Tia Teca já tinha até providenciado archortes, em cujas pontas queimava-se o azeite de mamona, embebendo os fachos de palha de milho rasgadas finamente, entremeados de fios grossos de linha de algodão, tecidos na roca pelas fiandeiras da fazenda. Embora primitivos e singelos, serviam apenas para melhorar a visão, se houvesse necessidade de descer em alguma grota mais afincada, ou em algum socavão mais atrevido.

* * *

As árvores dispersas no descampado escondiam a luz da Lua, debuxando sombras que serviam de trincheiras às corujas que, ali sentadas, permaneciam à espreita das lagartixas que rastejavam pau acima à procura das cigarras cantadoras e dos besouros acautelados dentro das brocas perfuradas por eles mesmos, formando os aposentos nupciais onde deveriam nascer novas larvas.

No céu, o brilho dos astros que formavam, no meio meridiano de sua calota, “O Caminho de Santiago”, não era ofuscado pela luz fria, opalescente e macia do satélite, navegando altaneiro, sabedor de seu imã aos namorados de todo o universo. A Via Láctea deslumbrava a vista.

Veza por outra o coriscar de uma estrela cadente sinalizava sua trajetória no céu. Veza mais, surgiam umas atrás de outras, brincando de “pegadô”, riscando sem temeridade as esparsas nuvens que tentavam barrá-las, escondendo-se na escuridão do horizonte que a Lua deixara para trás...

Urias, de pouso na fazenda, a fim de descansar sua alazã-ruana, mostrou-se pronto a fazer parte da leva de pessoas que partiam em busca de solução ao desaparecimento de Nezinho. O que mais intrigava a todos era: como havia ele desaparecido em um cerrado?! Embora de pau alto, não havia artimanhas naturais de relevo enganadoras nas trilhas, aliás bem marcadas pelo pisoteio do gado ali empastado. Da crista dos morrotes, podia ver-se até, nos lançantes intermináveis, por pequenos que aparecessem, os quero-queros, entesando uma das asas, dando vôos rasantes sobre seus ninhos construídos na macega.

Conhecedor bastante do *habitat* dos animais, começou ele a busca pelas bordas das aguadas. Pelo caminho, orava a São Marcos e São Longuinho, prometendo a este, além dos convencionais três gritos, três pulinhos, três assobios e três palmas bem dadas com as mãos, um bezerro desmamado para o leilão do Divino, que estava para começar com a Folia dos Santos Reis já em preparo, caso encontrasse o menino de tia Teca.

À luz da Lua, que já estava altinha, minuciosamente ia examinando as áreas, as bordas dos ipês, cujas flores amarelas de uns e roxas de outros davam para serem vistas em pencas agarradas à ramagem. Os galhos, semelhantes a cortinas, despencavam ao peso das flores. Muitas delas caídas ao chão, enfeitavam e acolchoavam a macega, como se fosse uma alcova, por onde os grilos-paquinhas tintilavam à procura de amor.

* * *

Boa Vista trotava atrás dele, comendo os machins da mula. Do meio da larga pra frente, aproximados cinco quilômetros andados, já não mais acompanhava o cavaleiro. Num trote maneiro pegou a frente. A bombordo, evitou o lado de uma moita de canafistula, fedegoso-do-mato que quando

agredido inebria o ar em torno com seu cheiro forte, podendo mascarar o faro do cão. Voltando à trilha, contornou uma pequena capoeira, pulou o resto de uma coivara e, como se soubesse para que fora ali ele convidado, despencou, numa toada mais forte, pelo suave declive, que não chegava bem a ser uma ladeira. Ia calado, sem se manifestar.

O cheiro do amigo havia batido no seu focinho privilegiado. Inconfundível, esse cheiro entrava em suas narinas como um vulcão soprado, ardente, feroso, provocando a elaboração de endorfinas que lhe proporcionavam prazer. Não sacudia a cauda porque era cotó. Mesmo assim mexia seu toco de rabo. O rumo estava certo, tinha certeza. O galope cresceu.

Acostumado a acompanhar Nezinho em suas investidas à procura de uma cotia, ou mesmo de uma “pomba-do-bando”, nas tardes após a lida, onde treinava pontaria com o pretexto de aperfeiçoá-la, muito mais do que prover a mesa de um prato extravagante, o cheiro do menino estava instalado em seu cérebro. E seu faro, que nunca falhara, não seria agora que haveria de decepcioná-lo.

Urias, habituado àquelas manifestações espontâneas dos cães motivados a caçar, sentiu que estava na batida correta. Adiante, bem adiante, pois havia o cão tomado uma distância considerável, viu-o mover o pedaço de cauda, e soltar, não um uivo, mas um gemido forte e amigo.

Um raio de luz refletiu, reverberando-se num alvo claro como se fosse um espelho, confundindo-se com o reflexo dos raios lunares na água do riacho.

Com a emoção do achado, não tinha uma visão perfeita do que havia, na realidade, visto. Só via um pedaço de metal apoiado numa pedra encravada no barranco do riacho. À primeira vista, fora difícil conseguir distingui-lo. Um minuto de atenção e chegou à conclusão. Não tinha dúvidas – era o cano de uma espingarda. Voltando os olhos para a esquerda, divisou nitidamente a silhueta de Nezinho que, mesmo angustiado pela dor, soltou um grito:

— Boa Vista... venha cá!

Muito antes de Urias, o cão já havia lambido seu pescoço, enrolando-se nele. Nezinho destampou em um choro convulsivo. Não sabia ele se era uma miragem, se era uma ilusão, se estava sonhando... O certo era que apalpava o cão desesperadamente.

Boa Vista lambia-o, agitando o rabicó, empurrando o focinho por entre as pernas do menino, volvendo-o para debaixo do braço. Fungando, gemendo, desejando latir sem poder, sufocado. Parecia um doido.

Urias, mostrando-se calmo, saltou da mula, passou a rédea na cabeça do arreio e, de dois pulos, estava envolvendo Nezinho, que o abraçou sôfrego. Quietos ficaram por uns três longos minutos. O silêncio, como se fosse fruto da eternidade, falou por eles.

Urias, olhos molhados, respiração presa, segurava-se para não chorar. Não queria mostrar-se fraco, nem mesmo emocionalmente chocado com a cena que acabava de desenrolar-se, participando ele também como um de seus protagonistas. Chorava por dentro. Encolhia o abdome, naquela singular manifestação orgânica de sustar a saída do ar dos pulmões, que resultaria, se isso não fosse controlado, numa manifesta emoção incontida, sufocada pelas lágrimas que adviriam por certo.

Não desejava transmitir angústias ao garoto. Não houvera, entretanto, condições de reprimi-las. Borbulharam elas em seus olhos. Daí pra frente, entretanto, não houve condições de segurar. Revoltas e convulsivas lágrimas salgaram seus lábios entreabertos pela emoção.

Lépido, colocou o braço de Nezinho no seu ombro e ordenou:

— Firme-se! – Nezinho emergiu como um saci reencarnado.

O barulho levantou uma saracura que andava à procura de alimento, com seus passos cadenciados, abaixando o pescoço a cada troca de pernas. Assustada, saiu em disparada pela margem do córrego, gritando estridentemente: “três potes... três potes...” Um guará mirim que dormia atrás de uma moita de piteira levantou-se e, erguendo a cabeça, focinho e olhos para a Lua, já naquele momento navegando por entre alguns cirros bem altos, soltou um uivo fino e estridente.

A travessia do ribeirão lajeado foi rápida. Ambos, Urias e Nezinho, pareciam possuídos de uma força invisível, magistral, que os fazia entes incomuns. Subiram pois em um montículo de pedras, onde Nezinho descansou até que Urias buscasse a animália.

Escorado na sela, mão na cabeça do arreio, Nezinho galgou seu assento. Urias, pé no estribo, pulou à garupa e pediu que bambeasse a rédea, pois assim a mula, sentindo que estava de volta à sede da fazenda, trotaria mais depressa e mais à vontade.

— D. Teca deve estar aperriada – disse Urias.

* * *

Já pelo meio da larga, mais para diante que para trás, sacou do embornal um adrianino de dois canhões e palavreou a Nezinho:

— Segura bem, entesa a rédea. Vou soltar este rojão a fim de comunicar aos companheiros de busca cocê foi achado. Esta é a nossa combinação.

Riscado o estopim do foguete, quis a mula passarinhar, piafando, batendo as patas no chão sem querer andar. Soprava! Coisa de poucos momentos. Domada, quebrado o queixo, pela destreza do manejo na rédea, normalizou sua postura, pegando sua andadura picadinha, gostosa, numa marcha rendosa e pra frente.

Outros estampidos de pontos cardeais diferentes foram ouvidos. À vista da fazenda, quase simultaneamente, foram se encontrando, vindos de todos os lados, na fumaça dos rojões, os peões componentes da frente formada de busca ao garoto.

Assim que se juntavam, os mais emotivos não reprimiam os seus anseios de felicidade e, dando urras e mais urras, jogavam seus acabanados chapéus para cima, assustando com isso os animais de montada. Era hora de colocar à prova a argúcia e a capacidade dos peões de dominar e ficar na sela, diante dos corcoveamentos. Vez por outra, um dos peões, mais fanfarrão, comia poeira de tal modo que nem o cabo do cabresto permanecia na mão. Mesmo assim, inda saía debochando, aos gritos:

— Conheceu, papudo?! tomô espora no sangradô, até ficá bobo e num saltá mais.

Ninguém ria... ninguém falava nada... senão... poderia puxar encrenca! Ninguém apartava-se do quicê embainhado, preso no correião da calça.

* * *

O vozerio da casa estava chegando aos ouvidos da turma de peões. Já se via, com certa saudade, a fumaça no chaminé da grande cozinha, anunciando o prenúncio de farta ceia que viria por aí.

O casal de terém-terém, também chamado espanta-boiada, morador perpétuo da região que ele delimitou quase aos olhos da casa-grande, anunciou a proximidade do trote dos cavalos, com sua estridente música peculiar. Em rasantes vôos faziam piruetas no ar, comunicando com isso

aos intrusos que ali estava sua mansão e dentro dela seu ninho com filhotes. Quando alguém mais atrevido chegava mais perto, o vôo era picado, riscando em piquete o chapéu do cara, como que a dizer: “passe ao largo. Meu bico está afiado”.

* * *

Bem não fora aberta a cancela que dava entrada ao pátio, tia Teca, tendo ao peito uma cruz com Cristo no Calvário, abraçou o pescoço da mula e foi logo argüindo:

— Tá bem, filho?... Filho, tá bem?!... Tá bem, Nezinho?!...

A peonada atiçou mais adrianinos, começando assim uma festança danada, que haveria de durar até a madrugada. Lá pelas tantas, vez por outra, um foguete mais possante estourava, quebrando o silêncio, lá longe no descampado, reverberando nas serranias, muito pra lá do horizonte.

No meio do pátio, foi acendida uma fogueira de achas de angico, que produz fogo forte, duradouro e de pouco carvão. Um lanho de carne churrasqueada foi servido à caterva. O coité da Pingo do Céu, generoso, correu pesado.

— Ninguém ouse oferecer restinho da marvada pru santo, santo num qué resto. Santo já abençoou essa qui vem do céu, pingando, qui nem chavinha boa, gostosa e criadeira. De tão gostosa qui é, que vou talagar este – dizia Sô Homero, rindo nervosamente, enchendo desbragadamente mais um coité... um coité a mais, até entornar. A moçada deitava e rolava diante de tamanha bondade dele, coisa que não era comum deixar transparecer no cotidiano.

Tia Teca “tava pra lá”, envolvida com a contusão de Nezinho. Sô Homero, às tantas, aproveitava, arrastando cabresto. Abraçava um peão, abraçava outro e mais outro. Voltava ao primeiro, tornava a abraçá-lo – era uma alegria só. Tia Teca vigiava-o bastante, para que não se emocionasse muito, recomendação do doutor Maneco, por ser ele hipertenso.

— Cumo ela num tava ali, ele se agitava mais do que costume, mais eu tava de olho nele – dizia Urias, a pedido da dona dele.

A alegria contaminava a todos. A festa, embora pífia no seu rudimentar adejo, para a peonada loquaz era semelhante às festas pianépsias, que Teseu fazia em honra a Apolo – o deus que conduzia o

carro do Sol e chefiava as nove musas, prestando ainda a Minerva, em Atenas, as honras de presidir os cultos às artes e às ciências.

Sô Homero, caldeado nos entreveros da vida, exultava de felicidade. Alegre, festivo, mas consciente de sua autoridade, não se manifestava entretanto com vulgaridade. A todos, com as reservas normais inerentes aos princípios hierárquicos que ele mantinha à frente de seus negócios, dono que era de uma estrutura sólida calcada no tempo, agradecia a todos o empenho que haviam demonstrado.

Também, Nezinho era o xodó da peonada. Diante de qualquer deslize cometido por um deles, era ele quem se encarregava de abrandar o coração do tio, para que suas decisões não fossem muito duras.

A Urias, que movido por mão divina, transformara-se em herói, os cuidados foram diferentes. À luz de candeeiro queimador de azeite de mamona, foi levado à casinha dos bezerros, para ali escolher a cria que desejasse, macho ou fêmea, como presente. “Não como recompensa”, afirmava Sô Homero.

Urias, meio acanhado, tímido, ressabiado, soltou a palavra, primeiro gaguejando, para ser solerte depois. Agradeceu o presente e foi logo contando a promessa que havia feito, de doar à Folia dos Santos Reis um sobreano, já desmamado, caso encontrasse Nezinho, são e salvo. Aí foi que Sô Homero não se conteve. Abraçou-o comovido. Por minutos ficaram silenciosos.

* * *

— Luiz vaqueirinho, ponha muito sentido! pegue aquele novilho chita, filho da Serena, e junte-o ao que ele escolher. Ferre os dois para Urias. Assim, Santos Reis ficará com o prometido, e Urias ficará com o novilho que poderá, com bom trato, transformar-se em um reprodutor em sua fazenda. Com o coração grande que Urias tem, quem lucrará, sem dúvida, é Santos Reis, para o futuro. Cada cria dele representará o selo da amizade que nos une agora e para sempre.

* * *

A festa caminhou normalmente. Bem pra dentro da madrugada, encerraram-se as bebidas e comilanças. O cansaço foi chegando. E com ele as despedidas se consumaram. A lida da manhã, dura como sempre, não

perdoava ressaca. A mesa do truço, porém, continuava animada. Os parceiros nem sentiram as horas galoparem. “A soca é tão difícil de ser colhida quanto o esfolar do rabo”, positivando aqui o valor do adágio.

Sô Homero até que gostava dos arroubos de valentia e de poder que se alternavam, conforme o valor das cartas; e, vez por outra, o atrevimento do blefe tornava-se mais gostoso, o puxar dos tentos, a gozação em cima do adversário... Como terapia funcionava maravilhosamente, constituindo uma fonte de extravasão das angústias, com afirmação de sonhos impossíveis. Os gritos de “truço!”, misturados às interjeições “vale seis!... ladrão de tento!”, soavam como lenitivo à vida árdua que levava na labuta do campo aquela gente simples, que não conseguia transpor a barreira que a impedia de alcançar um degrau sequer na escala social e do progresso econômico. Os degraus dessa escada, uns pelos outros, distanciam-se tanto... tornando a subida tão a pique que nem as pernas vastas de Gulliver a galgariam!

* * *

Não fora o lanho de toucinho; o rebotalho da carne de sol; o feijão roxinho; o quadro de rapadura; a medida do arroz; o xadrez de que era feita, à máquina de mão, a camisa que vestia todos os dias; a chita ramada de flores para a saia da companheira; e a “reuna” ringideira que calça aos dias de domingo; se não fora a providencial assistência semanal do armazém da fazenda, não se saberia dizer como essa gente ainda tem disposição para cantar à viola, pitando seu pito de fumo de rolo enrolado em um corte de palha de milho, ou seu cachimbo, laborado com uma ponta de cuia de cabaça-amargosa, acessado por um canudo de mamoneira!...

Não! Não saberia ninguém dizer.

Não fora a paciência de tia Teca, no carinho que provia, ao cuidar dos entojos das mulheres grávidas, bancando até a parteira ao aparar crias em momentos cruciais!... Se não fora ela, que esquipando o seu baio, cavalgava duas a três léguas com a finalidade de aplicar um soro antiofídico em algum peão ofendido de “bicho mau”, distante da sede da fazenda!... Se não fora ela a única, entre fêmea e macho, capaz de aplicar uma intramuscular em quem fosse, peão da fazenda ou não!... Se não fora ela que confeccionava os bentinhos, dedicados a Nossa Senhora do Amparo, que deveriam sofrer o banho de água-benta, por ocasião da desobriga do padre Joca!... Se não fora ela quem costurava as capanguinhas, em brim

cáqui, onde colocava um grama, mais ou menos, de solimão, que os peões deveriam conduzir no bolso direito da calça pra espantar as cobras, na bateção dos pastos ou no arrancamento da erva-de-rato, que é venenosa! E cheirosa! Tão cheirosa que o gado deixa o brotinho tenro de andrequicé – uma taboquinha que só alastra nas terras arenosas, salpicadas de calcário – para lançar-se a uma aventura perigosa, deglutindo a folha que o leva à morte...

Se não fora tudo isso!... quando a foice, manejada com maestria, cortava, e ao mesmo tempo puxava os ramos para baixo, dando uma claridade na moita, prenhe de vegetação invasora; e pulava junto dela ou a “urutu-de-cruzeiro”; ou o jaracuçu dorminhoco; ou mesmo a cascavel indomável, alvoraçadas pela intrusão do ferro afiado, quebrando a monotonia de sua vidinha gostosa!... estava, sempre ela, tia Teca, pronta a cortar o veneno, caso fosse ofendido o peão, com as injeções próprias armazenadas na fazenda. Se não fora essa série de abnegações, seria um desencadear de uma verdadeira catástrofe na vida daquele povo simplório e calejado. Daí o respeito e a amizade que todos tinham por ela. No sertão, a dependência é venerada, construindo a formação de uma comunidade, ao mesmo tempo grata e ao mesmo tempo reprimida, irresistivelmente agarrada às solidões de seus pensamentos, e aos desejos de algum dia poder possuir sua própria herdade.

Daí as cantigas melancólicas a floradas nos momentos de lazer, agulhoadas no afinamento da viola em tom cadenciado, como se fosse o evoluir do vento nas frestas das paredes do rancho de taipa, mal breadas de barro amassado com estrume de vaca para dar pega. Trazia, a miúdo, esse mourejar do vento, um sopro fino e sibilante, construtor de tristes estórias de almas penadas; ou traduzindo em suspiros recordações de amores inconcebíveis. Agarrado à garganta chorosa, no bojo de seu instrumento, o violeiro tinha como único lenitivo o amassar as cordas, apertando-as, ao trocar de dedos. Ao abraçar a viola, era como se fosse, na verdade, o abraço à sua musa. Com tantos sonhos, divertia-se, esquecido da vida difícil que levava. Muito rico de prazer, propulsionado pelos acordes, fazia da música um lenitivo aos seus instintos de ser vivo. Era, nessa conjuntura, um ser humano que pensa e sente seu pensamento.

Se não fora o prestígio de Sô Homero junto aos órgãos constituídos do Estado e particularmente no contexto administrativo e judicial em Orapronóbis; se não fora a assistência que ele dava a qualquer peão, ou aos

agregados dos retiros de sua propriedade, ou mesmo aos pequenos proprietários gravitantes da fazenda, em quaisquer emergências; se não fora isso tudo, seria um horror terem de sustentar suas cidadanias, sujeitas aos contos-do-vigário por parte de atravessadores e inescrupulosos homens de negócios ilícitos.

Daí a segurança encontrada, dando-lhes condições de sobreviver e criar suas famílias com respeito e dignidade, não obstante a vida dura na qual estavam empenhados, distantes da assistência governamental.

A fazenda os mantinha em suas próprias terras, onde cultivavam apenas para o gasto, em lavouras domésticas. De custeio mesmo, alojados em suas dependências, eram poucos os funcionários. Entre eles estavam o vaqueiro, dois carreiros, ajudantes de campeiros e os da assistência à porta. Julgavam-se muito qualificados e importantes os carreiros, que com muito esmero tratavam não somente dos bois, mas também do zelo de toda a tralha indispensável ao seu bom desempenho. Desde o guampo, onde se colocava o azeite, até os canzís, tudo era bem inspecionado, para que não houvesse transtornos no desempenho de suas atribuições. A todo momento era necessário substituir um chumaço queimado, que poderia acontecer por falta de azeite; ou um cambão lascado que não segurava os tirantes, havendo em muitos casos a necessidade de afrouxar as brochas para não asfixiar o boi de guia na maior parte das vezes. Trabalhavam com dois carros. O maior, capacitado para quarenta balaios de milho, era destinado ao transporte da produção da lavoura de mantimentos e da cana-de-açúcar; o menor, para o serviço cotidiano, como o de abastecer de lenha o fogão da casa e as fornalhas da rebaixa, em cujos tachos fervia-se a garapa para produção de açúcar turbinado e refinado. Sô Homero orgulhava-se de ser o único fabricante desse tipo de açúcar na região, uma vez que os demais engenhos fabricavam-no em maceiras onde o melaço era coberto de argila e percolado por gravidade, dando como subproduto o melado de cabaú, sem nenhuma utilidade industrial. Na turbina, entretanto, de hora em hora era produzido uma média de vinte quilogramas, enquanto a percolação artesanal leva meses para sua conclusão, produzindo um artigo inferior na aparência.

O carro menor desenvolvia um trabalho deveras importante! Além de suas atribuições normais, aumentava sua lida por ocasião do fabrico da farinha de mandioca, cujas raízes eram transportadas por ele, como também a lenha para as fornalhas de torração; não dizendo ainda do carregar e

descarregar o bagaço da cana que era levado, na volta à lavoura, para espalhá-lo nos pastos como auxiliar na nutrição do gado. A lida era um deus-nos-acuda! Mas, havia compensações. Vez por outra, esse carro tinha a incumbência de levar as mulheres para rezar os terços em novenas devotadas ao santo que regula as chuvas e o estio; ou ao milagreiro, que cura a catapora e o sarampo que todos os anos chegam alvoroçando a gurizada. A maior novena, entretanto, prestigiada por Sô Homero, com alguma festinha acabada em bate-coxas, devotada era, sem dúvida, ao santo que cuida de não deixar a “peste de unha” contaminar o rebanho; era a mais badalada, reunindo os fazendeiros locais. Os santos se revezavam nessas incumbências – ora um, ora outro, todos eram milagreiros. A moçada e a rapaziada inventavam outras mais – um mundo a se acabar de tantas rezas...

A moçada, entretanto, gostava mesmo, mesmo... era da novena de primeiro de novembro, em louvor a Todos os Santos. Loucos para chegar a data eram o carreiro e o candeiro, que se mostravam muito importantes. Era a época em que lhes era oferecida motivação para estar com as namoradas, mostrando a elas serviço. Enfeitado de açucenas – os lírios dos poetas – colhidos ali mesmo na curva do boqueirão, onde o riacho da rebaixa alongava-se, formando um pequeno lago alabirintado de ramos de caraíba amarela presos aos fueiros, era o carro de boi a própria carruagem das lendas românticas, em que princesas desfilavam pelos vales coloridos das fábulas medievais.

A carga que transportava – aproveitando a cantiga dolente que faziam os chumaços, bem azeitados, atritados de encontro ao eixo do carro – dava condições de favorecimento para que modinhas saudosas fossem vocalizadas, produzindo com isso um ar sonolento, auxiliado pelo sacolejar repetitivo que fazia, marujando na orla dos capões, fugindo dos arvoredos, cujos ramos teimavam em cortinar a estrada.

As mulheres, moças ou não, abrigadas por sombreiros enfeitados de fitas multicores, usavam vestuários tão diferentes, ricas em matizes brilhantes e alegres, que assemelhavam-se no conjunto a um perfeito arco-íris. Essas reuniões, cada vez feitas em casas diferentes, serviam de pretexto para os pagodes a florarem, logo após as ladainhas serem cantaroladas e solfejadas no mesmo diapasão do melancólico cantar do carro de boi. Elas é que ofereciam condições para que rapazes e moças pudessem trocar olhares casamenteiros, que só seriam confirmados pelo padre por ocasião das desobrigas de julho. Eram oito meses desse puxa-encolhe, ainda que

noivos pela graça dos pais. Por incrível que pareça, esses tradicionais costumes chegaram até a época do lançamento do rádio em nosso país e se firmaram por todo o sertão, calcados na religiosidade de todo um povo. Abismavam-se pelo que ouviam e pelo que contava o amigo que havia ido à cidade, de lá trazendo as mais incríveis notícias da liberdade das mulheres, que até estavam fumando em público.

Pelo consentimento, pois, dos pais, elas podiam, à noite, ir à casa-grande, para ouvir a novela mexicana *O Direito de Nascer*, ou então o *Repórter Esso*, cujo titular, o Gontijo, com sua voz troante anunciava com todo vigor: “Repórter Esso, o testemunho ocular da história”, dando as últimas notícias do *front* da guerra que se alastrava por todo o mundo. Muitas moçoilas derretiam-se com as artimanhas de Mamã Dolores para manter, juntamente com os telespectadores, o segredo do pouso da cegonha no lar de Albertinho Limonta. Outra hora, eram os marmanjos que ajudavam a dupla Tônico e Tinoco em seus arreganhos de violeiros caipiras. A Rádio Nacional estava em todos os horários, trazendo a dupla Gilda de Abreu e Vicente Celestino, do filme “Bonequinha de Seda”. Araci de Almeida sapecava rotundamente a “Marcha do Canguru”, em que no primeiro verso fala de um lugar que jamais se ouvira falar, um tal de Honolulu. Mas mesmo assim toava: “Nesse pas...so vou até Honolulu.” Luiz Gonzaga, com “Asa Branca”, fazia muito “nêgo” molhar os olhos.

Além do vaqueiro e dos carreiros, havia uma peça importantíssima no dia-a-dia da fazenda, que era o campeiro. Destinava-se ele à tarefa de encontrar as vacas neoparidas que escondiam as crias, dando ciência ao vaqueiro da posição onde se encontravam, para serem resgatados os bezerros frágeis da raça Gir. E matar os bernes, cujas larvas não só incomodavam muito, como desvalorizavam o couro, sanando-o das bicheiras que deixam marcas irreparáveis.

Veza por outra estava Luiz, crédulo como era, indo à casa de João Fumaça, quase a uma légua de beirão, para solicitar seus trabalhos inefáveis no sentido de curar uma lapa de broca braba no rabo de uma rês, com a benzedura específica que diziam ser infalível. Só havia, porém, uma coisa: após o ritual completado, mandava que ele voltasse sem olhar pra trás e, tão logo chegasse, teria que dar sete pinceladas de benzofenol azul no local da ferida, limpando todo o campo operatório “pra num dexá ela inflamá”, pois havia, dizia ele, feito um corte espiritual profundo.

Isso tudo Sô Homero nem ficava sabendo. Quando tomava conhecimento por boca de algum peão, incrédulo como era, galhofava:

— Foi o remédio qui ocê pincelou, Luiz, que deu cura na bicha.

E aí, pra não desapontar de tudo seu preposto, elogiando-o, até, pelo zelo praticado, não deixava de falar, embora com um sorriso meio matreiro, preso no canto dos lábios: — Qui às vez podia dar certo pela fé, né? A fé remove inté montanha, cê viu, né?

E Luiz concordava.

— Uma vez, podia até jurar – dizia ele –, vi os bicho ino caíno, à medida que a ladainha da benzeção toava.

Sô Homero respeitava muito as crenças dos outros, mas, no fim, conversando com ele mesmo, dizia aos seus botões:

— Negóço é que no lombo da rês, pincelado de benzofenol, exposto ao sol quente qui nem chapa de fogão, a bichada num güentava e, pra não ser cozida, ia mesmo caíndo, cumo fruta podre no pé...

* * *

Sô Homero mantinha um círculo de amizade mui grande, pelo seu jeito bonachão e boa prosa, prestes a servir a quem dele precisasse na região.

No descambado da serra da Nadi, havia um aglomerado de pequenos lavradores, denominado Água Fria, onde viviam em pequenas porções de terra famílias tradicionais da região, que se mantinham tirando dela o que ela lhes dava. Era um punhado de terra fértil, no fraldejar da serra, em suave declive até as margens do piscoso Ribeirão da Aldeia. Nele plantava-se o feijão, o arroz, o milho que engordava o capado cevado. Criava-se ainda algum gado para o sustento da criançada que não parava de nascer e crescer. Com leite puro e gordo, como sói acontecer no pastoreio do capim-gordura, à mesa sobejava o queijo, o requeijão moreno e a manteiga de cabaça. A farinha de milho no leite, amulatao pela talhada do requeijão, picada, engasgava a gurizada aflita, que se atirava sofregamente à caneca esmaltada, pedindo mais e mais, numa algazarra alegre, de barriga satisfeita. Seu sabor inesquecível entranhava-se por dentro da meninada.

Em Orapronóbis, para onde iam com a finalidade de fazer o primário no Grupo Escolar Afonso Arinos, aumentava a saudade de casa, só de lembrar da vida livre e dessas iguarias.

Um sobrinho por afinidade de Sô Homero, que era afazendado do outro lado da vereda que alimentava a Lagoa Torta, era tido como muito arguto para negócios de terra. Era chamado Zé da Anta. Gambiteiro, quase por profissão, possuía um faro invulgar que lhe permitia adquirir documentos fajutos, registrá-los até, e com eles apossar-se de terras, pressionando antigos moradores que por descuido, ignorância ou lerdeza não haviam feito nem os arrolamentos, quanto mais os inventários. Era o que acontecia com os moradores de Água Fria. Nenhum tinha seus documentos atualizados. Também nunca precisaram deles.

Quase a totalidade dessa gente era parente – descendiam de famílias que foram se entrelaçando de tal maneira que não havia necessidade de documentações. Viviam felizes, até o dia que por lá apareceu o Zé da Anta, requerendo verbalmente, com arrogância, a posse das terras. Documentos entrelaçados de assinaturas, carimbos de cartórios, um mundo de plantas assinadas por agrimensores que ninguém conhecia. Tudo isso foi despejado nas mesas de cada casa, dando a cada um de seus moradores prazo para desocuparem as terras.

Repentinamente, a paz que reinava no pequeno clã balançou. A fertilidade da terra era isca diamantina para a cobiça dos aproveitadores.

Uma tarde, Sô Homero fazia a sesta, como era de seu costume, sentado à porta do jardim fronteiro à casa da fazenda, quando foi surpreendido pela chegada de uma caravana formada de aguafrienses. Vieram eles em comitiva, representando todos seus moradores, para trocar idéias, colocando Sô Homero a par da situação criada pelo sobrinho.

À primeira vista, Sô Homero assustou-se. Já se falava nuns tais de revoltosos que andavam saqueando as fazendas, comandados por um tal de Carlos Prestes. As atrocidades cometidas por eles corriam mundo e faziam os camponeses se precaverem, escondendo-se nas matas, trêmulos de medo, só de saberem deles por perto. Dizia-se que roubavam cavalos, carneavam o gado e se apoderavam de tudo que encontravam e que pudesse transformar-se em comida para a tropa da Coluna. As moças-donzelas, como toda a família, eram guardadas a sete chaves nos improvisados ranchos cobertos de ramos de vegetais para mimetizá-los, bem no seio das matas. O abastecimento deles era feito com todo cuidado, por pessoa de extrema confiança, uma vez que corria a notícia de que havia infiltração de gente

da Coluna no meio dos campesinos. A Coluna, nascida pela rebelião dos tenentes, tendo como base o levante denominado Os Dezoito de Copacabana, tornou-se o caldo de cultura onde cresceram colônias oposicionistas ao governo central em todos os quadrantes da pátria. A imprensa livre, fazendo o seu papel, tornou-se fator de propaganda, descrevendo as conquistas dos revolucionários. Por outra parte, o governo fazia-se de vitorioso, anunciando as orgias e os descabros cometidos pelos agentes da Coluna. Isso deu margem aos cuidados e, principalmente, ao medo que imperou nas famílias sertanejas.

O tropel dos cavalos e a poeira por eles levantada não davam condições de poder averiguar quem seriam, podendo ser, mesmo, até a tal de “Coluna”, que trazia inquietação para o sertão.

Ao ranger da cancela de entrada ao grande pátio, Sô Homero ouviu o grito sereno e conhecido do seu compadre Gil de Melo, saudando-o.

— Olá, compadre! Prepare o café, viemo pra batê papo e matá nossas saudades, com muita deferência.

Gil era a pessoa que se dava ao maior respeito e credibilidade para representar os anseios dos membros da comitiva que liderava. Embora não estivesse no rol dos candidatos a irem residir “debaixo do pau”, como se dizia por lá, por ação de despejo provocado por Zé da Anta, sentia-se no dever de auxiliar seus parentes e amigos da região.

— Apeiem-se. A casa é sem-cerimônia. O café tá estalando de quentinho, Zabé num dexa eu pregá – falou tudo isso num fôlego só, desapreendo da emoção que sentiu, e do susto mesmo que levou, ao divisar para os lados da larga de chegada a figura de muitos cavaleiros desconhecidos, envoltos que estavam pela poeira levantada pelo chouto da tropa.

A angústia estava estampada na face de cada membro da caravana. Ao cumprimentar Sô Homero, estendendo apenas as pontas dos dedos da mão direita, sinalizava cada um, com isso, o muito respeito que devotava a ele, misturado à desconfiança e à humildade que é um característico do habitante interiorano de Minas Gerais.

O Zé agiu na surdina, sem ninguém saber de nada. Como ele obteve os documentos era uma incógnita. O certo é que todos viram e palpavam essa merencória papelada. Nela, estavam bem legíveis várias assinaturas dos pais e dos avós da maioria dos moradores da região da Água Fria.

Nem Sô Homero nem tia Teca ouviram falar do assunto, embora seu sobrinho assistisse quase que diuturnamente na fazenda.

Tomando pé da situação, examinando as intimações, viu logo de cara tratar-se de órgãos duvidosos que as expediram. Sô Homero, após muita prosa, cultivada por xícaras de café quentinho que tia Teca havia trazido, abandejadas com forro de linho bordado com ponto de cruz, municiado com bolinhos-de-chuva levemente polvilhados de açúcar de turbina, deu uma balançada na espreguiçadeira austríaca com mais força. Parando-a repentinamente, foi com muita convicção falando:

— Voltem às suas casas, tranqüilizem-se. Tranqüilizem-se mesmo! Vou tomar providências. É como se fosse comigo. Não haverá nenhum despejo, garanto-lhes. Retornem-se ao seio de suas famílias, que devem estar preocupadas, sofrendo muito com essa vil ameaça de perda de suas terras, onde nasceram seus pais e avós, e onde deverão continuar em paz para criar seus filhos.

* * *

Dia seguinte, estava ele em Orapronóbis, na sala do melhor causídico da região, Dr. Joaquim Santiago, que, estudando as intimações e demais peças do processo, notou logo falhas grosseiras, fáclimas de serem vistas e, portanto, anuláveis. Garantiu pois que dentro de trinta dias, em razão das tramitações legais, estaria com tudo resolvido – o que foi cumprido.

O meritíssimo juiz de direito, diante do processo instalado, viu, de chofre, tratar-se de uma grilagem de terras mui bem urdida. Confiava em seus escritvães. À primeira vista os tais documentos pareciam ter sido forjados fora de sua comarca. Constada a legitimidade das posses baseadas em documentos dos genitores e progenitores em espólios não-inventariados; provadas as descendências, fora fácil sentenciar. Ordenou que se dividisse a fazenda que deu origem ao povoado, salomonicamente em porções equivalentes às necessidades de cada família. Mandou ainda que se instalasse processo de usucapião em algum caso, para que houvesse liberdade de se falar nele, contestando-o, caso necessário, como a lei determina. Em *off*, externou ao advogado constituinte, lembrando o Eclesiástico, citado por Cervantes em seu livro “O Licenciado Vidriera”, a seguinte expressão: “In manum Dei potestas hominis est, et super faciem scribae imponet honorem” (o poder do homem está nas mãos de Deus e ele coloca a honra na fisionomia do escriba).

E continuando com Cervantes: “O escrivão e o juiz são funcionários que não podem exercer comodamente sua profissão se não tiverem algo de seu. Os escrivães têm de ser livres e não escravos, e nem podem ser filhos de escravos; devem ser legítimos, e não bastardos, nem descender de má família. Juram fidelidade secretamente; juram que nem a amizade nem a inimizade, lucro ou prejuízo haverá de movê-los a exercer sua função fora de sua consciência.”

— Aí está, senhor advogado, porque creio na seriedade de meus escrivães.

Sô Homero contratou agrimensor. Medida a fazenda, a paz voltou a reinar.

Em termos, foi a primeira reforma agrária que se fez na República por meios judiciais, numa legitimidade em que não houve contestação nenhuma. Sem tiros. Nem mortes.

Só não houve instauração de inquérito judicial sobre a procedência dos documentos falsos, dado que o juiz levava em conta não ter havido denúncia formal. Zé da Anta livrou-se, levando em questão ser sobrinho de tia Teca, que pediu para que não houvesse a formal denúncia por parte dos aguafrienses.

Ressabiado, custou a voltar ao convívio dos tios. Era ele, por onde transitava, o espelho da desilusão, por ver seus planos ruírem. Lastimando-se, desabafava, vez por outra, quando, numa generosa rodada de uma cuia da Pingo do Céu, choramingava:

— Êh... diacho!... Se num fora tio, tava eu dono de toda aquela terra, rico e afazendado, cum mais alqueire de terra qui a Larga da Roseira dele, qui é a maior de toda as fazenda. Inda bem qui graças a tia Teca tô qui braçano minha branquinha e não no xilindró; tudo pela malvadeza dos outros!... E digo mais; por culpa qui num era minha. Fui inganado! Deus é testemunha! “Só que... Deus estava do outro lado!” – conjecturou, com sabedoria.

Tia Teca passava pela varanda onde se desenrolava a conversa, não se dando como enganada, diante das últimas interjeições do Zé. Andava farta das mentiras do sobrinho. Mesmo assim, quando ia ele chegando, como não querendo nada, devagarinho, ao regaço dela, não havia jeito – o coração grande perdoava-o pela milésima vez.

Nezinho, após o molho sofrido por vinte dias que nunca terminavam, volta à lida da fazenda, já podendo cavalgar. Caçar? Tia Teca nem desejava ouvir essa palavra perto dela. Poderia, sim, mas ia levar muito tempo ainda.

Estava custando a aceitar essa possibilidade de ele voltar a praticar o que mais gostava de fazer. A lembrança das aflições por que passara não saía de sua mente. Pelejava para esquecê-las, mas de repente vinham novamente, com toda força, à sua mente, inquietando-a sobremaneira.

Agora estava ele ali, passados alguns meses, nas ruas de Orapronóbis, diante de um fato que nunca poderia imaginar viesse a acontecer. Em poucos minutos, ouviu de seu tio Homero a notícia do incidente funesto envolvendo Urias. Quietos, olhando um para o outro, ficaram parados, sem conversar por alguns segundos, num silêncio milenar. Nezinho não se dava de entendido. No seu pensamento, desenrolava-se a cena – como se estivesse acontecendo no presente momento – da hora exata que Urias o havia encontrado à margem do riacho do Capão, quando sofreu uma entorse e se encontrava imobilizado. Seu ídolo, seu amigo, seu salvador devia estar sofrendo muito, conjecturou consigo mesmo. Quase sem falar, andando puxado pela mão do tio, desembocou na rua de Goiás, onde, diante do populacho aglomerado na porta do médico que ali residia, sentiu que a situação de seu amigo era grave.

* * *

Padre Joca, logo que Sô Homero retirou-se à cata de Nezinho, recolheu-se aos seus aposentos. A palavra “dogma”, não o deixava em paz. De qualquer forma, era mesmo preciso tirar aquela poeira que entranhava por todo seu corpo, fruto da viagem dura que fizera para cumprir a desobriga da Lapa. Estava meio confuso, trôpego, reflexo da andadura de sua montaria, que o sacudira de cá pra lá, de lá pra cá, rotineiramente por horas e dias, comendo as léguas dos caminhos poeirentos. Essa maneira de viajar causava-lhe sonolência, pela rotina do passar das horas. Sua única distração, por vezes – já que nem podia, pelo balanço da marcha de sua animália, ler o breviário –, era espantar com o cabo do pirai as mutucas que atazanavam as orelhas da mula que montava.

Assim... vagarosamente, encaminhou-se ao seu quarto privativo, onde deveria livrar-se de seu vestuário que cheirava a suor, sedimentado em suas dobras, enobrecido pelo odor das enxergas e baixeiros de sua arreata.

Alexandrina, sua irmã, já havia arrumado a bacia de água morna, onde deveria ele banhar-se. Tratava-se de uma tão grande, mas tão grande, que mais parecia uma piscina de folha-de-flandres, não uma bacia. Sorte que o padre era de pouca estatura. Cabia quase estendido, sem se encolher muito. A barriga saliente era o que por vezes o incomodava. Numa certa ocasião, no intervalo de uma cerimônia de casamento, onde é sempre costume, para ser chique, a nubente atrasar-se; e como estava demasiadamente demorando, aproveitou-se padre Joca para correr ao banheiro, próximo ao lavatório de batismo. Porta aberta, um guri que vagava pela sacristia, espantado, deu de cara com ele. Por não saber ser o padre pertencente ao sexo masculino, pois nunca havia visto um sem batina, admirando mesmo, disse:

— Puxa!... Olha a bibica do padre!... Uai!... Igual a minha...

Espirituoso, como sempre, ele deu uma rizadinha pelo canto da boca. Idoso, barrigudo, não se acanhou, exclamando:

— Menino venha cá. Tome – enfiando a mão no bolso fundo da batina – esse níquel de quatrocentos reis de presente. Você acaba de dar-me notícia de uma coisa que há muito eu não via. Corra. Vai ver se a noiva já chegou!

Ao mesmo tempo, comunhou aos seus botões:

— Meu Santo Antônio, que sois o padroeiro desta igreja, dai-me forças para que eu possa diminuir o vinho responsável por esta barriga, uma vez que abre meu apetite demasiadamente... desbragadamente. Alexandrina também não coopera... É um tal de fazer bolo, biscoito, pudim que mais não acaba...

A sorte era que o Santo Antônio daquela Igreja era fã desse padre... e assim andou permitindo uma dose, só uma, durante a missa, e mais nenhuma.

— Essa num tinha jeito de tirar, né, Santo Antônio? – e, assim, o padre, brincalhão que era até com o santo, miscava-se, dialogando por vezes pejorativamente.

Dizia-se à boca pequena, entre as beatas principalmente, que o padre, com essa ordem do padroeiro, matou dois coelhos com uma só cajadada. Para emagrecer e economizar a receita dízima, não abria uma garrafa de vinho já fazia muito tempo. Na jarra pronta para o ofício da eucaristia, onde, simbolicamente pregava ser o sangue de Cristo, colocava um pouco da Pingo do Céu, ou Granjolina, cachaça alambicada pelos seus parentes

de sobrenome Santiago, que lhe presenteavam sempre e, com água e xarope de groselha, coloria a mistura.

— Santo Antônio — dizia ele — fazia que não via. Também... sabia ele que tudo era a mesma coisa. Só mudava o nome: vinho por Pingo do Céu. Até era mais sugestivo, né? — exultava ele com a solução achada no binômio equacionado. O vinho artificial, criado por ele, funcionava também como moderador do apetite, pelo consumo menor, conseqüentemente, diminuindo a adiposidade que tanto o molestava.

* * *

O ritual para o banho era metodicamente cumprido. Despir-se era um sacrifício. Porque não dizer até, uma tragédia.

Retirar seu hábito talar, com tantos botões para serem descasados; o colarinho postigo por sobre a camiseta às vezes sem mangas; o suspensório; soltar as calças e ceroulas de pernas justas até os pés; tudo isso causava-lhe uma preguiça... mas uma preguiça... que, se não fora a força de vontade que tinha na hora, iria deitar sem tomar banho, arreado como estava. A toalha felpuda, como gostava, o sabonete Gessy perfumado, tudo isso pertinho de suas mãos dava-lhe um bem-estar compensador do tempo gasto até ali.

Palpou a água, com a ponta dos dedos para aquilatar sua temperatura, tomou o breviário que se encontrava por cima de um tamborete e, só assim, sentindo-a ainda tépida após esse interminável ritual que se desenrolara por idos minutos, mergulhou-se até a cintura, soprando um ai profundo com o choque causado pela diferença térmica.

Aberto o breviário, pausadamente, sentindo a delícia daquela água recuperadora e rejuvenescedora que lhe proporcionava força e vida, passou a ler, aleatoriamente, trechos rotineiros. Assim, sem atropelos, fechado no seu quarto, sozinho, posto de lado o livro, passou do relaxamento adquirido à ação de lavar-se, que era o motivo por que ali se encontrava.

Só que, naquela tarde, após ter recebido por Sô Homero a notícia triste da tragédia, cujo protagonista era seu amigo Urias, esse relaxamento foi curto demais. Haja vista que o breviário em suas mãos mais parecia um feixe de orações desconexas e sem sentido de que um rico apêndice à Bíblia Sagrada que era. Não conseguia concatenar seus pensamentos. Se não houvesse, de volta, colocado o livro no tamborete, por certo teria até

molhado-o, de tanto que andava com pensamentos esdrúxulos, que o faziam transladar-se no espaço, perdendo até o tato nos dedos.

Quase não demorou no banho, como gostava. Iniciava equacionar um problema e logo vinha sua desconexão completa e turbulenta. O sentido dos acontecimentos sobrepujava tudo. Dotado, não sabendo ele próprio, de um sexto sentido apurado que possuía, via capítulo por capítulo, sem ter sido testemunha visual, como poderia ter-se desenrolado a triste ocorrência relatada por seu amigo Homero. O desespero que se apoderou dele, Urias, naquele momento, não parecia ser fator de convencimento para um gesto tresloucado do tamanho daquele – analisava o pároco.

Não precisava ter assistido. Sua vivência por longos anos à frente de uma paróquia difícil, onde o isolamento de uma população como a orapronobiense dava margens às mais variadas especulações filosóficas, fazia dele o mediador absoluto em tudo. A criação de grupos defensores de escolas filosóficas conflitantes provocava tertúlias as mais extravagantes. Em muitas delas, gostava de dizer que, terminadas, estava ele “rouco de tanto ouvir”. Tudo ouvido, somado às descrições do dia-a-dia de cada paroquiano, feitas no confessionalário, formava um cabedal dos mais importantes, dando-lhe oportunidade de construir o perfil de toda a comunidade a qual pertencia sua paróquia. Daí ser possuidor de um sexto sentido, ainda que trabalhado, para prever fatos futuros.

* * *

Após o banho, ritual quase terminado, fechou o breviário, respirou fundo e repentinamente desdobrou o lençol e caiu na cama, cobrindo-se ligeiro. Inda bem não achara o molde da cabeça no travesseiro, vencido pelo cansaço que mais alto falou, entregou-se aos braços repousantes de Morfeu. Não havia dúvida, Morfeu – generalizada a palavra – deus dos sonhos, filho do sono e da noite, era um companheiro fiel, parte do *modus vivendi* de padre Joca, que bem o venerava, invocando-lhe seus préstimos nos momentos de recuperação de forças. Embora – conta a mitologia – Morfeu tome mil formas diferentes, é sempre retratado com ramos de papoulas nas mãos, com os quais toca aqueles que deseja que adormeçam, como se fossem asas de borboleta, para exprimir ali a habilidade com o que o faz. Assim, costuma imitar o andar, o rosto, o ar e até o tom da voz daqueles que quer representar. Mas sobretudo é um propulsor de sonhos. Só que dessa vez o deus se fez profano e pintou o sete. Intercalando aos

ramos de papoula colhidos nos jardins do Olimpo alguns cardos, transformou o sono do padre. Cenas e idéias conflitantes mesclavam-se com os princípios dogmáticos de sua cultura sacerdotal.

Dentro do redemoinho que a tempestade gerou, seu cérebro não reagia, dada a força imprimida pelo tufão de teses desordenadas que o frechavam, inibindo o livre-arbítrio de seu pensamento. Foi assim que ele, Morfeu, se instalou e tomou conta do corpo e do espírito de mais um vassalo. Nessa conjuntura, padre Joca, seu refém preferido, pronto naquelas circunstâncias para sonhar, o fez com detalhes impressionantes de realismo.

Uma nuvem desceu do céu e cobriu a Terra. Despencou um aguaceiro sem nome. Céleres, os relâmpagos cortavam os ares, transformados em meridianos de luz que esbofeteavam as trevas, num propósito inusitado de iluminar todo o espaço. Trovões ribombeavam, fazendo ensurdecer a montanha que, teimosa, reagia com a emissão de ecos profundos que desciam as encostas até o vale, para desagüarem no infinito. Gritava, resmungava, chorava, benzia-se, indo até o ranger de dentes. Sufocava.

A tempestade rugia e não pensava em ir-se embora! Seu princípio era estacionar nas terras férteis, para seus devaneios espiralados, como se nebulosas fossem a caminho do infinito, em transe. Para isso, escolhia cérebros férteis, deles se apossando. Um martírio de sonho!...

— Virgem do céu! — monologava. — Como tudo isso se parece com o quadro desenhado, há bem uns trinta minutos atrás!...

Percebia a similaridade com a tempestade desencadeada pelo turbilhão de pressões movidas dentro de sua paróquia, criadora de castas insuportáveis. Espaços surgidos na intermitência de valores materiais aprofundavam as diferenças, que, embora em muitas das vezes fossem de brasões de latão brilhante, eram reconhecidos por uma sociedade cultora de tradições medievais.

Em sua cabeça surgiam idéias, algumas metafísicas, outras de caráter esotérico e místico. Batiam forte em seu cérebro, como a força do malho, agredindo a bigorna sem piedade.

Era, por excelência, um desbravador da história da filosofia esotérica, que teve como pilar Hermes Trismegisto — o três vezes poderoso —, muito popular Thot entre os egípcios. Seus princípios estavam arraigados em seu cérebro como linha mestra de seus devaneios. Manejava-os com singular habilidade, tendo-os como tema de meditação e sobretudo de estudo. Daí,

terem também sido equacionados nesse turbulento sonho, fruto das vigílias no seminário, prolongadas e peroladas em seu subconsciente.

Abriu os olhos. O coração batia em descompasso. Enfiando os pés nas chinelas, saiu caminhando meio sonambúlico. Curiosamente, deu com o maço de revistas esquecidas, não se sabe se de propósito pelo seu amigo Emídio, sobre a escrivaninha da sala. Folheou-as sem muito interesse, a princípio, para devorá-las com certa sofreguidão, após, dado o sentido diferente de tudo que havia aprendido nas vigílias de estudo no seminário. Leon Zeldis Mandel, da Grande Loja Maçônica de Israel, passou a ser seu íntimo companheiro de horas devidas da noite, só o deixando quando o relógio-carrilhão da sala completava as doze badaladas, semelhantes aos acordes do Big Ben londrino. Enquanto isso não acontecia, permanecia ele esquecido, lendo e relendo as revistas de números sete e oito cujo título Minerva Maçônica fascinava-o no seu sentido amplo de compreender os fenômenos universais.

Seu cérebro fecundo gravara que o hermetismo, filho do princípio que formula a premissa da “realidade imaterial”, coloca como prova dessa teoria a forma como a matéria é concebida, mui de acordo com a concepção moderna, de pura energia. Propõe ainda que noventa e nove por cento do espaço ocupado por um átomo nada tem – é vazio. Julga que elétrons e prótons não passam de criações matemáticas – espécie de focos de energia, baseados mais no conceito das probabilidades que de certezas –, aventando a hipótese de serem as partículas subatômicas imateriais. Em razão dos poucos recursos científicos que havia nos primórdios da Idade Média, esses conhecimentos eram representados elementarmente como sendo: o fogo, o ar, a água, a atração do amor, a evolução do ovo... estes últimos, inclusos por extensão, princípios que materializavam-se como símbolos da força da natureza.

Abstendo-se aqui da análise dessas considerações, permita o leitor que, em um dedo de prosa, “levante a lebre” com que Einstein poderia não concordar. Em contrapartida, lembrar sua percepção da materialização da energia. Com isso, lançou para a época a controvertida tese das leis matemático-físicas aplicáveis à matéria como sendo uma forma de energia, interagindo ambas. Simplesmente, equacionou $E = mc^2$, querendo elucidar o fenômeno que diz que a lei que rege a energia é resultante de produto da massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz. Fechado esse parêntese que a paciência do leitor concedeu-nos, continuemos a relatar as

divagações do padre Joca, agora enriquecidas com pequenas sinopses isoladas e presas às aspas aparadoras de incontestes pronunciamentos de Zeldis Mandel, em que o hermetismo dá sua contribuição:

A natureza do universo é mental. Sendo a matéria uma ilusão de nossos sentidos, resultante de estrutura fisiológica e mental, como seria ela representada na realidade? Eis aí a interrogação, descambando para a metafísica, tão-somente.

A meditação que venha possibilitar a criação de uma obra, seja ela artística ou física, já se encontra fixa no cérebro de seu criador muito antes de ser produzida, muito antes mesmo até de começar aquela inspiração que haverá de concretizá-la.

Antes de colocar no papel seu poema, este já existia na mente do poeta. Extensivamente, e mesmo atrevidamente, afirma ser todo o universo a imagem existente na mente cósmica, produto do movimento de evolução e involução do Todo.

O hermetismo torna-se mais fascinante em virtude de apresentar-se como filosofia interrogatória e não como acabada solução das equações universais. Assim, se torna um produto inibitório das soluções definitivas dos problemas; sempre e sempre perguntando e perguntando-se também. Daí formulando a tese que menciona: “A cada um, um esforço compatível com sua extensão filosófica”. Ao expressar a fórmula hermética “O Todo está no todo, e o todo está no Todo”, propõe ao indivíduo que se aprofunde nele e se aperfeiçoe. Cada qual deve polir sua pedra com suas próprias mãos, segundo seu próprio ritmo de trabalho, sabendo que, seja qual for sua qualificação nesta magna obra, sua contribuição na construção do grande Templo da Humanidade é igualmente valiosa. Seu segundo princípio doutrinário fundamental – o princípio da correspondência – enumera: em cima é como embaixo; embaixo é como em cima. Dois triângulos entrelaçados, superpostos com bases e ápices invertidos, formando uma estrela de seis pontas, dá uma dimensão a esse princípio. Cabe assim, no seu bojo, que “O Todo está no todo, e o todo está no Todo”. A paráfrase desse princípio pode encontrar-se na resposta que Deus deu a Moisés quando perguntado qual o seu nome: “Eheíé Asher Eheíé” (sou o que sou). Sou (espírito ao alto) o que sou (a matéria embaixo) – a figura da estrela de seis pontas. Em resumo, isso significa que as leis que são aplicadas no universo aos grandes são as mesmas que regem os menores. A asa de uma mariposa é tão maravilhosa se examinada e comparada a um vitral de Notre Dame.

As diversas forças do universo têm sido unificadas e não levará muito tempo para se encontrar a fórmula que vai integrá-las.

A polaridade do universo é expressa, se examinarmos as antagônicas formas de “ser”. Como exemplo, lembramos a sensibilidade dos acontecimentos substanciais como Frio e Calor – Claro e Escuro – Alto e Baixo. Examinando-os, chegamos numa análise sucinta à conclusão que essas contradições têm uma só qualidade que varia entre dois extremos, senão vejamos: quando termina o Calor e começa o Frio? ou: onde o Amor transforma-se em Ódio?

Quando se compara o Alto e o Baixo, o Grande e o Pequeno, o Azul e o Verde, saber-se-á em que ponto termina um e começa o outro? Os choques serão inevitáveis.

Deles, conjecturava algumas vezes Sô Emídio farmacêutico, um maçom desabusado que ia e voltava, com sua figura *sui generis*, modelando o sonho do pároco e, principalmente, trocadilhando suas idéias: “A bebida que passa de doce a amarga em um breve instante reflete, num interregno ritualístico-iniciatório, o princípio profundo da compreensão das forças abstratas como o Bem e o Mal, o Passado e o Presente, o que Foi e o que Será, falava ele brincando, como se estivesse concretizando tudo para o final polimento espiritual a quem se atrevesse a ser paradigma da trilogia: “Iguarité, Fraternité et Liberté”, três elementos necessários à criação da Unidade.

O masculino e o feminino, duas forças da natureza, foram exploradas pelos alquimistas que qualificavam o mistério da geração num sentido mais amplo.

* * *

Um sonho agitado e parafraseado acontecera. Incrível era como havia sido tão bem gravado. Algumas diferenças houve, paradoxalmente explicadas pelo choque de culturas, que foram engolidas pela sedimentação de idéias, muita vez antagônicas, quando, no dia seguinte, passou a relatá-lo ao farmacêutico que o visitava. Incrível ainda é pensar-se como um sonho vivido em poucos minutos agitados mostrou o desenrolar de tantos estudos básicos. Para relatá-los agora ao amigo Emídio, duas horas foi pouco. Também essa dilatação era esperada; seria esquisito se não houvesse, uma vez que, a cada cena narrada, nascia uma discussão. E entre reflexões

as mais variadas, brotavam apologias de caráter religioso, sobressaindo os discursos intermináveis, quando tocava-se, principalmente, em assuntos litúrgicos.

Não foram relatados a seu interlocutor os acontecimentos finais desse agitado sonho, talvez por achá-lo longo ou inepto para o momento, nunca por que o tinha como insosso. Não! Não era bem isso. Na verdade, estavam eles bem gravados em sua memória, como se fosse um filme cinematográfico. Trechos marcantes da Divina Comédia ficaram indelévels, registrados em seus arquivos neurais, prontos para serem desencadeados em momento oportuno. Daqui é que se conseguiu extrair sucintamente os trechos abaixo expostos.

Dante Alighieri, engenhosa e luminarmente, criou um “Além Especial”, navegando suas peças com maestria, de modo a fustigar seus adversários, enaltecendo figuras de seu círculo de amizades.

Buscou seus personagens bíblicos na história e na mitologia greco-romana, entremeados de citações italianas, francesas e, em particular, florentinas. A estes, os florentinos, Dante não os perdoou – duramente espicaçados que foram –, nutrido pelo rancor por eles, na condição de promotores de seu exílio político. A história estava bem viva em sua lembrança.

Com muita propriedade, um aura de pujança sem medidas no mundo das letras e, em particular, nos círculos políticos de então, criou-se em seu torno. Seu potencial foi mostrado ao mundo em 1317, com seu primeiro livro “Inferno”, que foi inteiramente manuscrito. Em 1319 saiu com o “Purgatório”, culminando sua obra com o “Paraíso”, em 1321, ano de seu falecimento.

Em decorrência de intestinas lutas entre Gibelinos e Gufos, das quais participara como adepto dos primeiros, exilou-se.

Na análise dessas datas de lançamento de seus livros, Sô Emídio, lembrava-se padre Joca, já havia levantado a lebre, nas coincidências havidas em alguns acontecimentos políticos com esses eventos.

O mais singular, entretanto, dentro desse calendário, seria: sabendo-se ser ele um possível templário, a aproximação dessas datas com a destruição dessa Ordem na França, a partir de 1308, era mui significativa. A condenação e o martírio na fogueira de Jacques de Molay, e alguns de seus co-partícipes em 1312, precipitou essa extinção.

A luta pelo papado foi intensa e se instalou nas províncias européias, indo de 1305 a 1314. Por imposição de Felipe, o Belo, rei da França, várias monarquias engoliram o pontificado de Clemente V, que se encontrava exilado em Avignon, colocando o pontífice de Roma em segundo plano, reconhecido apenas por potências menos valorosas no contexto europeu.

Dante, atrevidamente, colocou esse então rei da França no quinto círculo de seu Purgatório – o dos avarentos (canto vigésimo) –, irmanando-o a Clemente V, a quem cognominou de Pastor sem Lei, uma vez que se prestava a reconhecer um déspota como seu senhor, e a ele se submeter.

Nessa concepção do “Além”, enterrou os vícios e seus praticantes no Inferno, os arrependidos, no Purgatório, e os anjos e bem-aventurados, no Paraíso.

Virgílio inspirou-o na composição de “Inferno”, que, em sua imaginação, situava-se debaixo de Jerusalém, representado na figura de um cone invertido. Dividiu-o em círculos, compondo o “alto inferno” e o “baixo inferno” ou “Dite”, sendo o primeiro composto de cinco, e o segundo, de quatro círculos. Os “Inertes”, na sua engenhosa escultura, foram colocados em um “Ante-Inferno”.

O limbo ficou localizado no primeiro círculo, onde estava incluído o Castelo da Filosofia, cercado pelos sete muros das Virtudes, com as sete portas das Artes Liberais, circundado pelo Rio da Eloquência. Ali ele colocou as almas dos justos que faleceram antes de Cristo, os portadores do pecado original, e os homens justos, retos, porém não-batizados.

O “Bouquet” é formado pelos filósofos, matemáticos, alquimistas da estirpe de um Aristóteles, Platão, Sócrates, Demócrito, Diógenes, Anaxágoras, Tales, Empédocles, Heráclito, Zenão, Sêneca, Euclides, Ptolomeu, Hipócrates, Avicena, Averrois e Galeno.

No segundo círculo, em uma masmorra eterna, colocou os luxuriosos que antepuseram a “Paixão Carnal” à “Razão”; os gulosos irrecuperáveis foram trancados no terceiro; no quarto, instalou o domínio de Plutão, onde estão os que viveram na ilusória e vã porfia, tornando o ouro seu principal instrumento de viver; no quinto, os vencidos pela “Tra”, de almas nuas cobertas de iodo, que dilacerava suas entranhas; no sexto, instalou a sede da cidade infernal, “Dite”, onde queimavam os heresiarcas; no sétimo, colocou os praticantes de violência, fraudes e injustiças.

E assim são os círculos dedicados, cada um especificamente colado à natureza do Ser, aos vícios, os mais perversos que se possa imaginar, às virtudes inerentes ao viver.

Padre Joca tinha a Divina Comédia como livro de cabeceira. Sabia recitar, com alguma precisão, a viagem ao Além. Os vícios ali postos aguçavam sua lembrança para combatê-los; as virtudes como forjadoras dos Templos (Justos e Perfeitos), para serem exaltadas, e as paixões, para serem dominadas.

Como Dante, sentia que o Amor de Deus movimentava todo o universo.

Ultrapassado o último círculo, Mestre Virgílio falou a Dante: “Viste o fogo eterno (Inferno) e o temporâneo (Purgatório) e chegaste ao ponto de onde não posso passar. Com engenho e arte guiarei teus passos; toma teu querer por guia daqui para a frente; superaste veredas íngremes e perigosas; contemple o Sol, as ervas, as flores, os arbustos; guia-te pelo livre-arbítrio, reto e bom, sendo erro não o atenderes. Com a mitra e a coroa consagro-te senhor de ti mesmo”.

Dali para a frente, Dante passaria a ser guiado pela alma de Beatriz de quem era extremamente apaixonado desde tenra infância. Beatriz casara com outro homem, morrendo aos vinte e quatro anos.

“Considerava-a uma bem-aventurada colocada no Paraíso. Em suas andanças por ínvios caminhos, foram totalmente, ele e Virgílio, guiados e protegidos por ela. Os círculos se fecharam; Dante continuou sua viagem, guiado por Beatriz.”

Vale ressaltar que essas configurações que ilustram o pensamento do padre, enriquecendo-o com matizes de extrema sabedoria, estavam sobejamente registadas nas páginas de uma das revistas deixadas por Emídio na sala de sua casa. Era como se estivesse lendo Antônio J. Santos Loureiro, escritor de Manaus, autor e compadre do farmacêutico.

* * *

Tudo que sentira nesse sonho era corriqueiramente uma cópia do livro de Dante, transcrito resumidamente aqui.

Padre Joca, deixando Dante e Beatriz peregrinarem pelo livro do Paraíso, despertou-se, sem noção de onde se encontrava, tamanha era sua perturbação, fruto de seu sono agitado.

Acidentalmente, nesse presente momento, lembrava do relato que Sô Homero lhe fizera acerca de Urias. Viu-o, caminhando por agrestes campos, emaranhando-se na muralha da incompreensão, quando estava prestes a transpô-la.

O muro da insensatez e da ignorância fechou seu caminho, transformando-o. O vigor de sua existência foi mudado pela apatia com que encarou o problema. Sem um melhor preparo de aceitar a vida espiritual como processo de viver fisicamente, deixou-se envolver pela titubeação e pela fraqueza. Fugindo da luta, do debate consigo mesmo, perdeu a batalha da tolerância, onde a arma da persistência está embainhada, mas sempre prestes a mostrar que o caminho sem atalhos pode levar ao sucesso.

Calou fundo no espírito de padre Joca a atitude irresponsável que quebrou um elo da corrente comunitária de Orapronóbis.

Coincidentemente, ouvira falar Dante, quando estava no melhor de seu sonho, de Beatriz, morta no esplendor de seus vinte e quatro janeiros, surgindo como um farol de luz a iluminar com sua alma o muro que deveria ser transposto para chegar-se a São Berardo de Claraval, da Borgonha, redator da Constituição da Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo do Rei Salomão. Ele substituiria Beatriz, como condutora do florentino à presença de Deus.

Curiosamente, naquele dia, fazia vinte e quatro anos que, deixando a vida profana, padre Joca, afastando-se dela, despedira-se de sua Vilma, menina-moça, bela, desabrochando para a vida que lhe acenava com o porvir de uma felicidade muito próxima, magnificamente muito próxima. Prometida estava Vilma, diziam, a um primo distante, rebento de uma família abastada de fazendeiros.

Conhecera-a em uma festa junina na qual era a dançarina que puxava a fila das demais, na passagem do “caminho da roça”. Vestida a caráter, com duas maçãs vermelhas pintadas em suas faces, saracoteava a saia cheia de babados multicores, com a graça de seus púberes aninhos. Seus olhos encontravam-se numa prosa muda e pudica. Vendia deslumbramento a quem desejasse comprá-lo com carinho e amor.

O pé-de-bode, sanfona de apenas oito baixos, marcava o estalar do salto de sua sandália. Era passo gostoso e macio, retumbando do assoalho feito de largas tábuas de peroba-rosa, na sala grande da casa-grande onde morava com seus pais, ao coração do moço ainda imberbe que a olhava embevecido de tanta ternura e graça.

Falaram-se poucas vezes. Poucas vezes trocavam olhares, qualificados e tradutores de amor, gerando profundos suspiros de saudade, que se eternizavam na lembrança.

À missa domingueira ali estava ele, primeiro que todo mundo, no adro da igreja, onde todos os rapazes ficavam a ver as moças chegarem.

Dado que fosse o sinal, pelo badalar picadinho do sino da torre, todos os homens posicionavam-se no átrio, junto à porta que dava entrada para a sacristia, de onde vislumbravam bem o altar-mor e grande parte das balaustradas laterais do corpo da igreja. De lá e de cá, eram os lugares estratégicos disputadíssimos.

A santa missa era rezada com pequenos sorrisos nos lábios, quando resolviam se olhar fortuitamente, moças e rapazes.

Os hinos sacros mexiam com os corações ansiosos da moçada. Nos cantos de louvor, seus olhos tinham mais brilho. As figuras espirituais santificadas eram transferidas, num espontâneo desejo de entrega, aos namorados, noivos e até mesmo aos maridos. Pela eclesiástica lei, vinda do bispado diocesano, mulheres e homens não podiam misturar-se. Distantes, só trocavam carícias pelos olhos. Terços nas mãos, breviários abertos, olhos atentos, como diziam à boca pequena: “um olho na missa, o outro... ninguém sabe!”. Só eles mesmos sabiam. No padre não era, embora jurassem que sim.

Também como Urias, pertencia Joca à classe social que era excretada do ápice da pirâmide, construída à base da argamassa injusta, que não se sustentava senão ao peso de ouro e de poder.

De pieguices em pieguices mútuas, chegava-se a uma excessiva sentimentalidade, traduzida por entrecortados olhares, bilhetes brejeiros que eram levados pelo Tião Pecado, moleque prestador de serviços na casa-grande, fazendo-se de correio, desejoso de ser atencioso a Vilma, a quem adorava.

Foram criados juntos, a correr pelos pastos, a galgar árvores frutíferas nas taperas esquecidas, a banhar-se nos corrichos, a tirar os pássaros presos, ora no visgo de leite de gameleira, ora nas arapucas feitas, armadas por entre os cafeeiros. E a soltar os frangos presos na capoeira, trançada de taquaras, só pelo motivo de ver sá dona da cozinha, a Nhá Zabé, chorar de raiva e cansaço a correr por entre pessegueiros, marmeleiros, jabuticabeiras, a pegar os medrosos franguinhos. Já com a panela de ferro cheia de água na primeira trempe da chapa do fogão, fervendo, pronta para ser imergido o

“penoso”, para melhor depená-lo, Zabé, parecia doida, com receio de atrasar o almoço dos patrões. Nesses momentos, Tião, como não sabendo de nada, ia chegando pronto para ajudar. Com risos mofados, açoitava a Pavuna, vira-lata de estimação que, num piscar de olhos, estava com a caça nos dentes, a espernear e gritar, pedindo socorro.

Zabé não titubeava. Frango preso em seus pés, num átimo, batendo a faca no papo para ativar a circulação na carótida, antes de sangrá-la, raivosa ia dizendo:

— Num é qui parece mesmo um pecado?! Vi...xe Deus!

Vilma a tudo assistia. Com a alegria própria à sua juventude, ria, sorria, batia palmas. A travessura tão inocente fazia com que a menina se apresentasse mais linda.

O zunzum que as comadres soavam numa partitura de disse-me-disse alastrou-se. Envolveram as tias velhas que não se casaram e, por isso, eram investigadoras pertinentes em toda Orapronóbis, principalmente do que acontecia na área dos namoricos.

Mestre Tavo, psicólogo nato, estudioso de Freud, analisava: “As alegrias, as tristezas, as contradições que a fofoca provoca nos entra-e-sai de fatos, alguns inocentes, outros mais atrevidos, transformam as almas das ‘meias-idades e mais’, a verem visões geradas pelas emoções fortes que somente mentes reprimidas poderiam produzir, tendo o pessimismo como fonte desagregadora. Isso fere, machuca, proporciona mal-entendidos, e até mortes inseqüentes, numa sociedade medievalesca. Colocavam-se como se fossem, elas próprias, as personagens dos eventos – nascendo daí ciúmes platônicos, às vezes ódios – e, em muitos dos casos, partícipes positivas, desejosas de estar nos lugares ocupados pelas moças namoradeiras, tidas por elas como suas concorrentes. Daí nasciam explosões novelescas, saídas do fundo íntimo de cada uma, como nas expressões: “fulano deveria estar arrastando asas é para mim; poderia, eu, tê-lo agora, pois extravaso prendas domésticas e muita experiência de vida, e não a sirigaita que dela nada sabe. Vingado esse namoro, tá na cara que transformará o namorado em mancebo casado infeliz. Nem sabe ao menos fazer uma omelete! Não sei o que será de um moço tão belo, estando fadado a cumprir a missão de sustentar a primeira sapeca que lhe aparece pela frente, com ares de boazinha; para mais tarde aplicar-lhe as unhas!... Não sabe!”

Joca, nos seus dezoito anos completados por volta do mês passado, era um Himalaia de conjecturas. Sua cabeça parecia um cone de incertezas, nascidas de seu ápice para baixo, envolvida que estava em um turbilhão de projetos de vida. As estradas a serem percorridas seguiam sempre, encontrando ora encruzilhadas de difícil orientação, ora obstáculos intransponíveis.

Latejavam suas frentes... O que fazer?

Seus pais, de medianas condições financeiras, viviam em defesa constante da subsistência familiar, que conseguia ser concretizada pelo mútuo trabalho cotidiano. A todo instante repetia-se em sua mente, cansada de tantos cálculos, de problemas insolúveis, de circunferências nascidas de um ponto marcado no espaço, chegando ao mesmo lugar, como se fosse um torvelinho jamais concluído... O que fazer?!

A pequena Orapronóbis não lhe oferecia meios de crescer, uma vez que até aquele momento só sabia estudar. Enquanto seus amigos, companheiros de peraltices próprias às suas idades, já caminhavam para uma possível substituição ao pai empresário, fazendeiro, construtor ou negociante, o adolescente Joca só queria discutir literatura, filosofia e congêneres. Nas tertúlias, destacava-se como profundo conhecedor de Kant, Shopenhauer, indo mais adiante com Guerra Junqueiro, até Vargas Vila. O “Venezuelano Endiabrado”, “Dores do Mundo”, “Velhice do Padre Eterno”, “Íbis” e “Flores do Lodo”, faziam parte da constelação, onde pontilhavam “Navio Negroiro” e “Eu”, dos pátrios Castro Alves e Augusto dos Anjos. O condoreiro e o pessimista, juntinhos em sua estante, feita de vazios caixotes do vinho do Porto português Adriano Ramos Pinto, largamente consumido em Orapronóbis, a cidadezinha mais aristocrata e mais européia do interior mineiro. Haja vista as corridas no Jóquei Clube, onde o desfile de senhoras elegantes da sociedade brilhava, acompanhando o desenrolar dos páreos. Haja vista, ainda, os espetáculos teatrais, desenrolados no Philodramático, teatro construído em 1890 (segundo “Memórias Históricas”, de Olímpio Gonzaga, p. 73). Seu estilo barroco, com seus camarotes cinzelados, em cujos parapeitos eram esculpturados na madeira figuras exponenciais da história universal, era uma miniatura dos teatros europeus, com suas frisas, aqui denominadas de “torrinhas”.

Nas festas de aniversário, de casamentos e nos eventos principais, brilhava o adolescente, declamando seus comovedores poemas que falavam de amores, principalmente dos frustrados e dos impossíveis.

Chorasas meninas sentiam-se sufocadas pelas lágrimas despertadas pelos acontecimentos inefáveis, bem explorados em Shakespeare em sua tragédia “Romeu e Julieta”, citada em desvanescedores discursos. Algumas vezes mais ousado, improvisava:

— Desejo abraçar o intransponível / explodindo meus desejos / como o mar que lança suas águas no penedo / que as devolve como lágrimas: / espumas desmanchando na areia / prontas para voltar.

Só havia, nessa sua testavilhação, uma saída, pensava – mudar-se. Procurar maior largueza para explodir suas idéias. Saudoso iria ficar, por deixar sua terriola Orapronóbis. Sobretudo porque ali morava seu grande amor, Vilma.

Nas quentes noites de verão, o céu quase encostava sua abóbada em nossos olhos. As estrelas, parecia ser possível serem pegas com as mãos. Semelhantes às asas dos beija-flores num ritmo loquaz, parados em frente aos badejos pudicos das flores, aquietavam-se, aglomeradas, surgindo assim centenas de constelações em formatos de fada. A Via Láctea brilhante, cobrindo toda a rua principal, vertia felicidades, apontando o Caminho de Santiago. Os notívagos perambulavam pelas tortas ruas do vilarejo grande, parando embaixo da janela de cada amada. E ali, dois, três ou mais sonetos eram declamados. Algumas vezes, apareciam o Tote de Sô Matias com seu violão, acompanhando o Nunum, com sua voz de barítono e estalavam: “Noite alta, céu sereno!...”

Joca, peito ardente, chapéu nas mãos como uma batuta de maestro, destilava, à Olavo Bilac, “ouvir estrelas, certo perdestes o censo”, terminando ofegante de emoção, esperando os vivas de seus companheiros. E com palavras metricamente formadas, recitava o último verso, quase pedindo perdão pelo que ia declamar, concluindo: “só quem ama é capaz de ver e ouvir estrelas”. Essa peregrinação acabava sempre em qualquer venda que se encontrasse ainda aberta, com seu dono fazendo velório, à roda de discussão de todos os parâmetros, inclusive artístico-musicais. Comentavam alguns que a soprano alemã Ertha conseguia um sustenido mais longo em sua maviosa voz. Outros, defendendo nossa Bidu Sayão como a melhor contralto do mundo, conseguindo emitir sons entre soprano e tenor, terminando seu fôlego com o mais agudo som feminino, em soprano – coisa inédita no mundo, palavras de seus nacionalistas admiradores.

No imbróglio da turma, havia o Zeca, que no Rio de Janeiro trancara seus estudos avançados, para viver a boêmia no seu sertão, onde o tempo

parou no espaço, cansado de tanta quietude. Entre um e outro gole da boa pinga envelhecida nas dornas de umburana, amarelinha e cheirosa, destilava seu talento e sua cultura literária. Era o mediador sereno e firme, o que de mais precisava a roda dos nativos, dado que, em muitas das vezes, exaltavam-se ao expor suas idéias conflitantes. Pelo alcance de suas proposições, transformava-se em precursor de inéditas formas de discussão. Leitor assíduo da literatura mundial, formulava temas envolventes, quase sempre obscuros à maior parte dos historiadores, como as contracenias dos jacobinos – a ala mais radical produzida pela revolução de 1789, na França. Para não deixar escapar-lhe o domínio da “Convenção Francesa”, organizou a maior e mais sangrenta etapa do termidor – undécimo mês do calendário imposto por eles – levando à guilhotina quase toda a facção contrária, a ala dos girondinos. Com isso, desejava Zeca provar que, em toda revolução havida no planeta, seus precursores são os primeiros a ter as cabeças decepadas. Haja vista o que aconteceu com Danton, o padeiro destemido, com Camille Desmoulins e tantos outros julgados em tribunais populares. Instigados pelos termidorianos, foram condenados à morte, tendo antes sido humilhados, amarrados e conduzidos em desfile nas carroças, pelas ruas parisienses, até a guilhotina. O golpe político de nove termidores acabou com a história de liberdade do povo francês. Naquele momento, riscaram e emporcalharam a bandeira tricolor, onde a trilogia “*Igualité, Fraternité et Liberté*” foi tirada da sua sublime estampa, pelos horrores da ditadura, em que pontificava o todo-poderoso Robespierre, que acabou também nas barras dos tribunais instalados nas esquinas das ruas parisienses. O que ficou dela submergiu de muito sangue e abnegação de seu povo. Com isso, tornou-se universalmente um símbolo de grandeza social a exportar para todo o universo. Esse desafio permanece calcado na mente dos povos pela sutileza filosófica de suas encantadoras palavras de efeito social.

As torquemadas bem que mais tarde procuram apagar da mente dos povos essa concepção de democracia, desenvolvendo um trabalho desagregador de toda a comunidade européia, a partir da Espanha.

Por falar desta, é bom que se lembrem trechos de sua história.

Lembrada fora a tomada pelos árabes da península ibérica, dando margem a Alexandre Herculano de produzir o seu inesquecível “Eurico, o Presbítero”, onde pontilhava o “Cavaleiro Negro”, esculpido como um bravo defensor dos costumes peninsulares. “Eurico”, um poema em prosa, não poderia faltar em qualquer estante de uma biblioteca. O seu manejo

literário, admirado pelos estilistas, costumava fazer sombra ao “Belo Gálico”, de Júlio César, no comando de seus guerreiros pela conquista da Gália, lá pelo século V. Ao lado de seu rastro, o idioma céltico ia se miscigenando e infiltrando-se na gramática latina, enriquecendo-a, tendo, por outro lado, embelezado o gaulês, falado naquelas paragens. O árabe, por sua vez, entesourou os idiomas peninsulares, criando abundantes neologismos que transpuseram os séculos até nossos dias, dando força gutural às línguas neolatinas, enchendo-as por vezes dos misticismos peculiares aos povos do médio oriente.

Tudo isso, fruto das aberturas feitas, à princípio, por Caio Júlio César, um precursor das inteligentes maneiras de ocupar as terras conquistadas para além do Reno. Às populações mais fiéis à Gália por excelência, na parte transalpina, confiou a forma de viver em comunidade com o direito das cidades conquistadas. Contemplou-as com a inolvidável “Lex Julia Municipalis” (58-51 a.C.), como organização uniforme aos municípios italianos. Suas tropas de ocupação nas vastas terras conquistadas atuavam como agente de infiltração social, absorvendo e sendo absorvido pelos povos conquistados.

A Gália Comata só foi subjugada após nove anos, o que é narrado na “Guerra das Gálias”.

Essas conjunturas serviam de prefácio para Zeca, agora alçado à condição de professor – chegar ao ponto que mais almejava. Eram estribos para citar Marx, na desenvoltura de “O Capital”, cujas teorias faziam furor e muito medo no ocidente. Empolgado, Zeca batia a tecla fortemente, responsabilizando o capitalismo como forma de desagregação da humanidade, já que o efeito da concentração de riquezas embaralhava o desenvolvimento, gerando mais pobreza, cedendo ao oportunismo, tão combatido, “da exploração do homem pelo homem”.

Era um tema muito discutido. Todos ou quase todos os seus interlocutores, bebendo na cuia da admiração de seus eloqüentes conceitos, sofriam na carne os efeitos da formação de castas. Quase todos, emergentes de comunidades familiares pertencentes à classe média baixa, sorriam tais conceitos, que retratavam as condições difíceis de sobrevivência humana, mostradas em cada um, no âmago de suas vivências, as cicatrizes das feridas mal curadas das desigualdades sociais.

Joca estava na base da pirâmide. Era sumamente difícil galgar os degraus da incompreensão.

Vilma, a menina de olhos cerúleos, seu amor, encontrava-se tão distante, que nem o farol de sua cultura descerraria a neblina em que se encontrava ela, bailando com doçura, presa no entanto pelas grades prepotentes de uma sociedade medieval.

Seus azuis olhos dançavam cautelosamente pelas franjas do véu que lhe deram de presente numa redoma de ensinamentos, onde o vocábulo “proibido” era a chave do bom comportamento para as donzelas púberes. Ao golpe sofrido, passou a compreender o jogo das probabilidades sociais, passando também a entender porque Bruto apunhalou Júlio César, supondo ser ele seu pai, tendo engravidado Servília, irmã de Catão. Um antagonismo trágico nele criado foi contudo detido, ao serem patenteadas as fraquezas do grande César pelo imortal Shakespeare, criador da tragédia “César, Júlio” em cinco atos (1601), na qual o herói era Bruto. Cria ele ter sido o crime cometido como de salvaguarda dos princípios conquistados pelo seu país. Lembra-se ainda, nos recônditos de sua memória a “Morte de César”, tragédia que Voltaire (1743), em versos de três atos, lançou com relativo sucesso naquela conjuntura, tendo proposto ser a tragédia fruto das individualidades do Ser, difíceis de serem compreendidas. A traição, representada como símbolo de heroísmo, qualifica a tese dessas diferenças.

* * *

Já nas altas horas, com o ventinho frio, soprado do Alto do Córrego, fustigando a madrugada, ainda tinha Zeca – o notívago incansável – fôlego para cativar a todos com “A Terra”, primeira parte do “Sertão”, de Euclides da Cunha, observador infatigável da grandeza do nosso Brasil e dos costumes de seu povo, confirmando com isso sua célebre frase: “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo peculiar ao homem do litoral”. Com isso, mantinha o auditório com total expectativa quando ia até Facundo, escritor cisplatino a quem admirava, cognominando-o de “Euclides da Cunha portenho”, discorrendo sobre sua obra como se na verdade fosse um mestre didático. A assistência bebia suas palavras quando nele falava. Escritor desconhecido pela maioria da platéia e que dele se diziam magníficas críticas... Citava o “Cuesta Abajo” como um livro de cabeceira capaz de enriquecer qualquer cultura que se deseje. Na pena de Facundo, o solo cisplatino era tão bem descrito como o do nordeste brasileiro, vasculhado por Euclides.

Jamais ouviram falar de Facundo antes, mas o mestre falava dele com tanta empolgação, que não haveria do que se duvidar. A cultura de Zeca passava muito, ainda, por Vargas Vila, o indomável venezuelano. Seu “Íbis”, quando lançado, explodiu nas camadas sociais com um impacto surpreendente e desafortunado de conceitos filosóficos muito fortes, jamais criados por uma mente humana. O capítulo por ele intitulado “Honrar Pai e Mãe” é um reflexo desajustador de qualquer ser menos preparado para analisá-lo à luz da espiritualidade, a que eleva o homem até o Supremo Árbitro do Universo.

* * *

A venda, como era denominado o conjunto misto de mercearia e boteco, era o ponto ideal das reuniões da juventude cidadina, uma vez que não havia clubes, nem mesmo bares, que para muitos eram ambientes desconhecidos. Em algumas, sentavam-se sobre fardos e sacos de mantimentos, tendo como mesa um caixote de madeira. Quanto mais rústico, mais convidativo era o ambiente, como nivelador de classes sociais, onde todos falavam, todos ouviam, todos divergiam e todos saíam mais enriquecidos. O estoque era renovado diariamente. Quando acabava a boa pinga, e as cervejas Brahma Rainha, Teutônia, Bohemia, acompanhadas de amendoim torrado e torresmos fritos na hora, avançava-se sem dó até nos vinhos espumantes. Qualquer coisa servia para fechar a noitada com galhardia. As bebidas eram resfriadas em um geladeira *sui generis*. No canto da sala era colocado um monte de areia de rio, misturada com um quantidade de um terço mais ou menos de cloreto de sódio, banhada com água retirada do pote de barro, bem fria. Nessa mistura eram mergulhadas as garrafas das bebidas. Mas, se não resfriassem, iam assim mesmo deglutidas com o estalo peculiar dos lábios, indicando, aos goles, que a bebida estava mesmo no ponto. O que se desejava mesmo era, entretanto, ter-se um motivo para o agrupamento das diversas correntes da cultura orapronobiana.

* * *

Às noites frias do inverno a que não se havia acostumado ainda, irreverentemente, fustigando todo o seu ser, isolado na cela que havia sido a ele designada, jovem discípulo prometido à virtuosidade do sacerdócio, padre Joca vagava seu espírito cheio de apreensões e porque não dizer de saudades de tudo que lhe era caro.

Olhos no teto construído de tirinhas de madeira entrelaçadas, formando losangos, por vezes deixava o breviário cair-lhe das mãos, derrubado pelo sono teimoso em chegar, nas noites intermináveis, com o pensamento a divagar pelas tortas ruas de sua minúscula cidade provinciana. Assustado, puxava a manta de lã de carneiro ao peito, e como se houvesse tomado o bálsamo mnemecefálico, abria a memória como se fosse feita de açúcar. Nela bebia o mel da saudade de tudo que deixara para trás.

Sim, deixara-a. Não havia outra alternativa, e ali estava ele, no seminário católico, preparando-se para o noviciado que não tardaria a chegar, em função das suas aplicações aos estudos eclesiásticos e, ainda mais, pela cultura adquirida nos entreveros de muitas tertúlias realizadas em sua distante comunidade – distante no tempo e no espaço.

Seus pais conseguiram levá-lo. Em cada passo deixava um lastro de angústia e de incertezas, constituindo um buquê de lanças pontiagudas a aguçar seu coração. Vira Vilma, sua Vilma, fazendo beicinho, quando a comunicara de sua longa ausência, prestes a ser cumprida com a segregação que lhe seria imposta pelas dificuldades de sobrevivência na sua pequena cidade.

Muitas vezes, lágrimas morriam no esforço hercúleo de mostrar-se bem. Umedecidos, seus olhos tristes vagavam dentro das pálpebras que teimavam em guardá-los. Bagagem de cultura levava. Levava também a vontade de vencer e, escolhida a profissão, ser útil à humanidade, tão carente das lides democráticas.

Nos estudos, Vilma relampejava por entre os termos dos livros bíblicos, componentes do denominado pentateuco.

As palavras do mestre Zeca estampavam-se em sua mente, como figuras nórdicas, tão difíceis de serem alcançadas, mesmo tendo elas sido monitoradas pela bússola da memória prenhe de sua magníficas falas. Ao norte, pois, fixava-se a luz da compreensão, da tolerância e sobretudo da justiça. Ao sul, a luz da saudade iluminada, com seus faróis argênteos, trazia a fada da torpeza que ameaçava chegar pelas mãos de Morfeu como a rainha dos sonhos.

Vilma bailava por entre os versículos bíblicos. Em cada pausa, deixava um laço da fita chamada saudade, que marcava a ventura tão levemente acionada, que indo, indo, sumia, pesando suas pálpebras. Eram essas como se fossem duas conchas de uma ostra, escondendo a pérola, fruto de um trabalho persistente. Só que ali, fabricada nos decênios de amores repetidos

e doados, capazes de enriquecer a jóia que derrama luz por todos os ângulos, pontilhava, guardando seus sonhos de belezas ímpares. Indo do Gênesis, o livro das origens, até o Dilúvio Universal, divagava por entre o Êxodo, que narra a saída dos judeus do Egito, e os Números, que contam suas longas caminhadas pelos desertos até Canaã.

Via-se como Noé, canoando nas águas derramadas por quarenta dias e quarenta noites. Só que elas, em seu caso, uniram-se para formar um grande lago, a que colocou – recordando Vespúcio, ao penetrar rio Amazonas adentro – o nome de “dulce mar”, o mar doce, o mar da felicidade.

Sorria para dentro de si mesmo.

Parar os remos para que, à deriva, o barco deslizesse por sobre ondas suaves como plumas produtoras de carícias e prazer, quase o fez pegar no sono outra vez. Novamente suas pálpebras teimavam em fechar. Seu cérebro estava regulado apenas no sentido dos sonhos que deveriam advir, se adormecesse.

* * *

Essas cenas pestanejavam aos olhos de Joca, agora já ordenado sacerdote, meio dormindo, meio acordado. Lembrava-se de que deixara o breviário cair-lhe das mãos. Após o sonho agitado de devindas horas, o vulto de Homero, seu amigo, não desaparecia de sua cabeça. Ia!... ia e voltava! Tornava a ir-se e tornava a voltar, com mais e mais força.

* * *

Urias estava mais pra lá do que pra cá, como dizia-se de alguém que, muito mal, não inspirava confiança de pronto restabelecimento. Embora o sangramento houvesse parado, com a hemorragia controlada, uma possível invasão microbiana podia trazer-lhe conseqüências nefastas, encaixando uma infecção generalizada à guisa de uma septicemia, a que todo médico tinha horror. A febre havia cedido. As dores porém avolumavam-se, o que o fazia delirar e gemer, se bem que baixinho, para não mostrar-se fraco e arrependido.

Passados os olhos na Divina Comédia, soluçou interiormente o pároco, um “Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome. Seja feita a Vossa vontade!...”. E não continuou. Duas lágrimas esconderam-se em seu rosto, avermelhando o nariz que já andava meio congestionado.

Vinte e quatro anos, Beatriz morta guiava Dante nas recônditas travessias, que, de uma hora para outra, deveriam levar ao costado da porta do Éden. Vinte e quatro anos, despedira-se da vida profana e concentrara-se no difícil caminho do sacerdócio. Vinte e quatro anos passados, recordava-se do beicinho que Vilma fizera ao despedirem-se comovidamente, sem poderem falar uma só palavra, tendo a emoção tomado conta de ambos.

Só que agora, sozinho, com a memória emoldurada pelos belos olhos azuis da menina que embalava sua vida com canções maviosas, cantadas pelos olhares apenas, proporcionando-lhe uma adolescência quase feliz, não conseguia amainar a emoção que tomava conta de seu ser. Como um autômato, levantou-se da cama e, no bolso da batina que se encontrava estendida na grade alta da cadeira ao lado da cabeceira, pegou uma chave pequena. Com ela abriu a cômoda onde guardava um pedaço pequeno de seu coração, representado nos dois poemas – singelos, sabia –, feitos que foram sob forte emoção. Bosquejara-os, como Mont’Alverne diria, nas insones noites de longo aprendizado sacerdotal, iniciado vinte e quatro anos, e não mais, passados. Era como se os estivesse compondo naquele momento. Embora o papel se apresentasse envelhecido e amarelado pela ação impiedosa do tempo, continuava a ter ali a mesma força de antanho, quando o amor brotava espontâneo e ardente.

Veza por outra, olhos úmidos, contemplava-os. Uma coriza destilada pelas narinas avermelhadas – semelhante às lágrimas que se invertem, nas manifestações dos homens fortes que se defendem dos momentos de angústia não-previstos – instalara-se, preocupando mais pelo que não deveria acontecer, do que mesmo uma manifestação defensiva do corpo fustigado pela emoção.

Não era bem choro. Tratava-se de uma manifestação fisiológica a um antígeno emocional que agia sempre, criando os anticorpos que teimavam em se manifestar, como prelúdio de uma felicidade ainda que pretérita.

Leu-os! Leu-os ainda mais uma vez. Pobres de rima, julgava-os assim intimamente, considerando-os entretanto como sentimentos extravasados de uma entrega total, gravados para serem desenrolados no fuso horário do prazer, antes de mais nada.

De quando em vez receava vê-los em outras mãos, num misto de vergonha e ciúmes, sofrendo, ao mesmo tempo, a angústia de serem dissecados pelos críticos literários. Não! Não os considerava pobres e perguntava-se a todo momento:

— Será que até isso, meu Deus?...

Pergunta sem resposta, uma vez que nela se entranhavam os traumas de sua adolescência de estudante pobre, afastado socialmente de uma comunidade que acabou por segregá-lo profissionalmente.

Considerava-os como se filhos fossem, não permitindo que deles pudesse, algum dia, separar-se. Coxos, também não eram. “Eram, sim, tão lindos!”, sussurrou! São, sim, pensando baixinho, como os filhos da coruja que habitava a torre da igreja de Nossa Senhora do Amparo. Tão desamparada! Caindo aos pedaços. Desamparada pelos poderes públicos e pela prelazia, que terminou mandando desmanchá-la, com isso soterrando uma parte de um tesouro artístico inestimável da história de Orapronóbis, de Minas e do Brasil.

Recitando emocionado, conseguiu ir adiante, sentindo em cada verso a alma transmutar-se no irreverente estudante que florescera às noites de alegres tertúlias e serenatas realizadas pelas ruas tortas de sua Orapronóbis:

Os mais belos sonhos de amor
eu não vivi, senão na imaginação,
apenas. Os momentos de ardor
real não foram senão de ocasião.

Todas as horas, minutos e segundos,
pensava em ti. O amor rugia
dentro de meu ser, com profundos
sentidos, como artéria em sangria.

Como era distante nosso entender...
Inebriado de emoção, não via
quão difícil eras tu compreender
a chama que devagar me consumia.

Fica! Poderias ter dito!
Essa palavra mágica soaria,
repetida em ecos, como grito
de liberdade e de alegria.

Uma só palavra, se dissesse,
mesmo com sacrifício, tudo resolveria...
Poderíamos ser felizes, se quisesses,
querendo-me, como te queria!

Embora não estampassem erros grosseiros, com mochos solecismos, cria não serem, entretanto, versos coxípedes. Sendo assim o seu pensar, aventurou-se mais uma vez:

Túmidos eram seus hirtos seios
mostrados irreverentes,
fazendo fita como meios
de mexer com a gente.
São pomos róseos
de transparência efervescente,
frutos sazoados, cíosos
de sua força – impertinentes.

Beijá-los, eram meus desejos.
Acariciá-los com ternura...
Estando presos como pássaros indefesos,
ansiosos, oferecendo emoção e ventura.

Embora mostrasse-os em vão,
paradoxalmente, desejando escondê-los,
a força despreziosa da emoção
imperava, arrebatadamente, a oferecê-los.

Todo este frenesi jamais esquecido
transforma-se em ansiedade;
de um sonho que, ao partir comovido,
levei-o comigo – cheio de saudades!

Arrebatadamente, colocou-os na cômoda. Trancou-a. Guardou a chave novamente no bolso da batina, agora jogada ao léu, no assento da cadeira encostada na cama. Amuado, suspirando fundo, meteu a cabeça de novo no travesseiro e iniciou sua peregrinação ocular, contando compassadamente as ripas do telhado sem forro. Abruptamente, fervilhou em sua memória o exórdio do sermão proferido por frei Francisco de Mont'Alverne, na capela imperial, a pedido do imperador. Fora dos púlpitos por mais de dezoito anos por ter ficado cego, aquiesceu entretanto o frei a esse pedido, fazendo as palavras correrem céleres, como se fossem o despejo de uma cachoeira, estrondando suas águas caudalosas, semelhantes a uma

cortina de fina pluma. Assim, derramaram-se na lembrança de Joca, compiladas que foram na memória por segundos! Por segundos, enleveu-se com o fulgurante trecho:

... Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar – compelido por uma força irresistível a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis anos; quando a imaginação está extinta; quando a robustez da inteligência está enfraquecida por tantos esforços; quando não vejo as galas do Santuário; e eu mesmo pareço estranho àqueles que me escutam, como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da pátria? É tarde! É muito tarde!

Não conseguindo Joca prosseguir em suas lucubrações, abatido pela emoção e cansaço, adormeceu!... Era tarde! Pela janela entreaberta de sua minúscula cela, entrava sorrateiramente uma brisa fina e suave, que o cobriu como se fosse um lençol de fino linho! A noite descia silenciosa... caminhando rumo à madrugada que se aproximava. Nas folhas largas da taioba-de-são-tomé, entouceirada no meio do canteiro de damas-da-noite, gotas de orvalho começavam a aparecer, espiando com seus olhos cristalinos as rãs “rapando cuia” por entre a ramagem do quintal. Um ou outro pirilampo desgarrado lanternava, intermitentemente, na ramagem baixa do capinzal, margeando o pequeno arroio que, silenciosamente, desfilava por entre as pedras de seu leito.

Esse ambiente bucólico emoldurara o sono de Joca que, ronronando baixinho, semelhante ao bichano do prior quando lhe faziam carinho, engolia em seco o ar que penetrava nos pulmões, dando vida ao seu espírito sonhador.

E Miguel de Cervantes Saavedra desembuchou, como era seu costume irreverente, em mais um de seus sonhos, avaliando, em seu “Novelas Exemplares”, como os poetas eram definidos. À pergunta a um de seus personagens se era poeta, respondera: “Até agora não tive oportunidade de ser assim tão néscio nem tão venturoso.”

— Não entendo essa estória de néscio e de venturoso – dissera-lhe o seu argüidor, tendo-lhe sido respondido:

— Não fui néscio porque não quis ser um mau poeta, nem fui tão venturoso que tenha merecido ser um bom poeta – e completou: — Bem sei o quanto se deve estimar um bom poeta e lembro-me daqueles versos de Ovídio que dizem:

“Cura ducum fuerunt olim regumque poetae,
Praemiaque antiqui magna tulere chori.
Sanctaque magistras et erat verabile nomen
Vatibus et larguae saepe dabantur opes.”

(Os poetas foram outrora a preocupação dos generais e dos reis; os coros da antigüidade ofereceram-lhes grandes honrarias. Os poetas tinham, então, uma soberania sagrada, um nome venerado e inúmeras recompensas foram-lhes muitas vezes oferecidas).

Não posso também esquecer-me dos poetas de alta categoria, aqueles que Platão chama de intérpretes dos deuses e dos quais diz Ovídio:

“Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.”
(Há um Deus em nós, e nós nos inspiramos nele quando ele se inflama).

E ainda:

“At sacri vates, et Divum cura vocamur.”
(Mas nós, os poetas, somos chamados sagrados e somos a preocupação dos deuses).

Os sonhos não merecem ser analisados, senão pelo coração. E Joca os guardou bem no fundo dele com a satisfação que só têm os homens justos.

* * *

Nezinho estava afrontado! Seu tio Homero arrastava-o, conduzindo-o com a mão direita sobre seu ombro, escolhendo aos pulos as pedras, as mais chatas do calçamento irregular das ruas, evitando assim entorses de tornozelo. Parecia estar bailando, aos acordes de uma ária triste, tendo como fundo uma orquestra, onde o violoncelo marcava compassados sons, quase fazendo solo, com rufar grave, prolongado e gemido – tããã... tãã... tãã-tãã...tãã... – num som nunca esquecido.

— Num é que a coisa abalou a cidade! – disse sô Homero, continuando a prostrar. — Tá veno, Nezinho!... duas famílias envolvidas num fato sem pé nem cabeça! De premeio, a nossa também, levando chumbo grosso! E põe grosso nisso! Né?!...

Nezinho, arrastado como um sonâmbulo, ia trocando de pernas, só não caindo em virtude do amparo do ombro amigo de seu tio.

Nora, inconsolável, procurava notícias, indo e vindo, vindo e indo às casas de suas amigas a colhê-las. Na sua, ninguém abria a boca.

Cá na casa de Sô Homero, tia Teca estava que nem gata parida, aninhando suas crias, pronta a atacar qualquer aventureiro que pelas imediações aparecesse.

Corria a casa toda sem achar encosto em lugar nenhum. Ao pote de água, ia a todo momento. Bebericava ali um pouquinho, jogando quase tudo fora pela janela que dava para o pomar. Dentro de poucos andados minutos, estava ela de novo, repetindo uma cena que já era uma mania, e das doidas. Os cães, inda há pouco brincalhões, saíam, rabo entras pernas, com medo de suas vassouradas irreverentes. A galinha poedeira, de tanto ser espantada de seu ninho feito dentro do forno de cupim – lugar quentinho, gostoso, ao abrigo de vento e chuva, onde poderia botar seus ovos com tranqüilidade –, saiu em disparada, mostrando o oveiro de fora, de fazer dó.

— Coitada! Nem pôde anunciar que havia conseguido realizar o sonho de todas elas... – resmungou Tião Pecado, que não saía de perto da tia Teca “por jeito maneira nenhum”, como dizia ele, no palavreado rotineiro por aquelas bandas. Tinha receio de tia Teca vir a sofrer a costumeira crise de nervos, ele sabia, que sempre se iniciava com choro, aparecendo no final um pseudodesmaio de lipotimia, como dizia Dr. Maneco, ao ser chamado para socorrê-la nessas oportunidades.

Tia Teca já estava se aproximando de novas crises. Quase mandara abrir as porteiras para soltar os bezerros que a ensurdeciam com seu desatinados berros. Não é que chegara ao ponto de, no momento de colocar açúcar para passar o pó de café, não pôs senão sal refinado no coador?! Também aí o moleque Tião não agüentou e deu aquela risada extravagante que, chegando no meio do caminho, teve que engolir, quando tia Teca ameaçou dar-lhe uma caçarolada na cabeça. Empunhando a rabinha, levantou o braço e, num átimo, gritou:

— Pecadô dos diabo, fuja senão te mando pra cidade sentar praça. Aí cê vai vê o qui é bom ri dos ôtro, diacho...

As arrumadeiras piavam fino, com ela sempre exigindo mais e mais delas na limpeza da casa.

— Essas pamonhas só sabem namorar. Trabalhar que é bom não querem. Mando tudo embora hoje mesmo se continuarem a me aperrear – vejam só que até pra Sá Zabé sobrava alguma fáiça!

Zabé, além de cozinheira, era também sua confidente. Uma companheira para todas as horas. Era o ponto de equilíbrio da casa. Era divina. Analfabeta, lia no melhor livro que a natureza lhe deu. Lia, compreendia e fazia compreender-se, olhando nos olhos de seus interlocutores. E com sábias palavras de amor, tolerância e sobretudo respeito, trazia paz para o ambiente. Não era por nada que ela tinha esse dom – dizia o que os outros queriam que ela dissesse e não tinham coragem de fazê-lo.

À noite, a notícia da melhora de Urias chegara.

— Nossal foi o mesmo que colocar água fria na fervura – conjecturou Zabé. — Num falei que Nossa Senhora do Desterro tava junto de nós?

Tia Teca, diante aquele aviso, desmontou-se na espreguiçadeira como se um fardo fosse, nela jogado: pumba! Foi de uma vez. Também!... não é que Zabé havia dado uma mezinha pra ela, combinando erva-cidreira de capim com suco de maracujá?

— Parece ter sido, “se mal pergunto” – dizia ela –, um porrete em quaquê paricimento de angústia, pu mais forte qui seje, ele acaba cum ela...

Pode até ser que seja superstição... mas que Zabé tinha um santo forte ao seu lado, isso todo mundo sabia. Ninguém ignorava na casa.

Tia Teca adormecera. Embora estivesse profundamente pegada no sono, lá por dentro dela, talvez no seu subconsciente, aparecia a figura de Nora, chorosa, carregando uma tristeza de fazer dó.

Ainda não haviam se encontrado. Por notícia, entretanto, fazia fé do seu estado. Havia lhe contado como ela adejava pelas ruas, com uma aparência de “longe estar das coisas”. Como se fosse uma sonâmbula a perambular sem destino, vagava inconsciente.

Conhecedora da menina como se filha fosse, pesava todos os prós e os contras e, analisando o imbróglio em que havia ela se metido, procurava fazer uma avaliação de seu estado naquela atual conjuntura. Deveria estar ela, Nora, ensopada de remorsos por ter acalentado o sonho inviável de amar e ser amada.

* * *

Nezinho ia vagarosamente pela calçada, claudicando das pernas, permanecendo do lado de dentro, próximo às paredes das casas. De tão

ansioso que se encontrava, nem viu achar-se defronte à Casa Flor da Síria. Nem os ladrilhos decorados, que antes, quando por ali passava, pisava-os cuidadosamente, receoso de macular seus desenhos, agora sequer chamavam sua atenção. Nem se lembrara de passar a vista na vitrine onde era ofertado como queima o socadinho que desejava ter para arrear o seu alazão Estrela, enfeitando-o com os adereços que vinha amealhando e guardando a sete chaves. O ciúme por eles era tanto que nem ele mesmo ousava deitar-se, por segundo apenas, no coxinilho gaúcho que lhe foi apresentado por um boiadeiro de Barretos, SP, em visita à fazenda. Do momento em que a angústia que lhe pisava o coração, fazendo tremer todo seu corpo, tomando conta de seu ser, essas coisas para nada mais lhe serviam.

— Ocê num vai chorá na cabeceira de Urias. Ele num pode sofrê arrepios no estado qui tá. Entre cumo se nada subesse do causo. Beija sua testa, acaricia suas mãos, só isso, tá?...

— Ei, tio! Té parece qui num me conhece! Num sô mole não... Já tenho dezasseis anos e já sou home, sô...

Subindo a calçada, em frente à farmácia Vitória, galgou quase aos pulos a soleira da porta da sala onde era medicado seu amigo. Barrado por ordem médica, implorou, e tanto implorou dizendo ser apenas um minutinho só, que o enfermeiro o deixou penetrar.

Urias ao vê-lo, volveu os olhos e duas lágrimas fizeram pinguela em suas narinas, derramando-as até os lábios crespos, queimados pela secura proveniente da desidratação, fruto de teimosa hemorragia.

Nezinho beijou-lhe a testa, conforme pedido de seu tio, sussurrando nos seus ouvidos um “Deus lhe proteja”. Pálido, saiu, desmunhecando após nos braços de seu tio.

Foi uma correria desenfreada. Todos desejavam socorrê-lo. Tumultuado o ambiente, dantes silencioso, mais atrapalhavam do que ajudavam. Inda bem que a farmácia estava ali mesmo em frente.

Socorrido com um estimulante, colocada sua cabeça entre as pernas, com a finalidade de ter uma melhor irrigação no cérebro, lentamente foi se recuperando do choque lipotímico.

Levantou-se e, ainda cambaleante, mas ereto já, saiu caminhando em direção da casa de Sô Homero, que o apoiava.

— Num falei?!... – disse ele a Nezinho. — Nem eu tava agüentando, eu que já vi tanta coisa acontecer nas ruas de Montes Claros, aquele centro,

que já lhe contei, que recebia retirantes do nordeste à procura de emprego para matar a fome. Tava eu meio bambo... quanto mais ocê. Bem que te preveni ocê, né? Cê falô qui já era home, mas home tamém, conforme a cação, bambeia. Lá praquelas banda, o cara num brinca pru nada. Quando a caatinga não lhe dá o feijão, ele o encontra de quaquê modo. Ou pelo cano da garrucha ou pela lâmina do punhal. Daí os assalto, as fuzilaria nas rua da cidade. Todo dia cê encontrava em Montes Claros cum indivíduo istribuchando nas ponta de rua, ofendido de faca ou de arma de fogo.

Preocupado, Sô Homero, levou-o para casa. No caminho foi conjecturando: “dezasseis anos!... já andando lá prus lado da rua detrás... bebendo gasosa no botequim do Quim, perto da venda do Ernesto, donde via com certo prazer, detalhadamente na casa de pasto, a mulata treteira, dona de um rebolado daqueles, proprietária da arapuca que também era teia predadora dos mancebos inexperientes!” Tudo isso mexia com sua cabeça, sendo motivo de muita preocupação.

Homero estava meio banzeiro e cheio de cuidados. Também não era para menos – o estado de cautela já se instalava por todo o seu ser. O tanto que gostava de tia Teca, alicerçado pelo amor que vinha por muitos anos de enlace feliz sedimentando, era motivo para que fizesse tudo para preservá-la de quaisquer contrariedades. Pelo que se sabe disso, jamais lhe traria aborrecimentos. Seu zelo era extremo. Não era de seu feitio apoquentá-la com questões de difícil solução. Não deveria aumentá-las. Bastavam as que já tinha. O estado de Urias, e por conseqüência o de Nora também, tirava-lhe a tranqüilidade. Tudo isso estaria passando pela sua cabeça, pensa-se, pelo cuidado que Homero desvelava também ao afilhado. Suas ações pareciam transparecer isso. Daí o porquê de procurar traduzir, abalizada e sucintamente, as conjunturas de um possível monólogo que azucrjava seu pensamento. Embora sabendo-se ser conhecedor, pela sua vivência, das injunções que interagem e comandam essas passagens de idade, com todo respeito, poder-se-ia dizer – não estava preparado para deslindá-las à luz dos conhecimentos científicos atuais. A endocrinologia, ramo da medicina, a toda hora surge com novas teses, fornecendo subsídios para os estudos concernentes às glândulas endócrinas, que catalisam todas as funções hormonais do organismo. O vigor demonstrado pelo corpo adolescente é, e ela confirma, proporcional ao pipocar da testosterona que rege os conflitos que mais cedo ou mais tarde advirão.

— Mas como agir?! – falava consigo mesmo.

* * *

Estribado na alta fonte de tolerância que o leitor vem dispensando às muitas e muitas considerações aqui expostas, faz-se mister abrir aqui um parêntese, para, sentindo as preocupações de Sô Homero, seu modo de encarar as coisas como elas são, na forma social de sua época, dizer que, na verdade, parecia estar ele no caminho certo. Diante das circunstâncias, é possível estabelecer a tese de que esses eventos poderão ensejar desvios de personalidade, mui fáceis de acontecer nesse período de vida de qualquer ser humano.

Nos albores dessa passagem de idade, diz-se, tudo é permitido, nada é proibido. Aliás, só é proibido proibir, como era a cantilena das novas doutrinas da ciência do comportamento humano a que se denominou mais concretamente de Psicologia da Criança e do Adolescente. Assim rezavam os pedagogos franceses da época. Assim fez Jean-Jacques Rousseau ao colocar “Emílio” na redoma socialmente asséptica, isto é, fora do convívio ambiental, para que a pureza com que nasceu não fosse conspurcada. Não alcançara o êxito previsto, tornando-se básico, entretanto, como um prenúncio de um Summerhill, que chegaria muito depois, colocando a palmatória e a varinha de marmelo, entre outros, como instrumentos de tortura e não de serviço à educação.

Será obsoleto hoje o uso desses artifícios? O que falar dos programas de lazer ou esportivos como moderadores de comportamento, substituindo-os? Serão eles benéficos a uma adolescência cheia de licenciosidade? Só que, simples que era, Sô Homero não confabulava consigo nesses termos. Acrescentava:

— Tá mais pru padre que pra mim! – daí seu objetivo: falar com o compadre e nele despejar suas atribulações. Só ele entendia de comportamentos humanos, principalmente dos varões brotados pela adubação das glândulas endócrinas nas manifestações das puberdades incipientes.

Há quem classifique tais alterações orgânicas e comportamentais como desencadeadoras de traumas, se reprimidas com violência, podendo comportar-se, assim, como fatores capazes de marcar e por vezes modificar, como agentes repressores, uma personalidade ainda em formação.

A complexa teoria da educação ganhou terreno nos últimos tempos. Aqui e acolá, novas escolas pedagógicas foram se instalando na consciência dos educadores, chegando, no momento atual, a uma curta conclusão – de que o amor é peça primordial na formação de uma juventude sã. Contudo,

diz-se nos centros de pesquisas sociais que é preciso estabelecer regras e limites aceitáveis.

O vocábulo “não” deveria, em se tratando de lidar com infantes, ser abolido, afirmam pedagogos mais avançados, afirmando ser o processo de aprendizagem o elemento que imporá os limites para se viver em comunidade.

Como subsídio a essas interrogações, é salutar que se recorde aqui um pouquinho de história, para sentirmos o quão radical era o comportamento dos poderes públicos nos idos de 1827 aqui em nosso país, quando em 15 de outubro foi promulgada a lei votada pela então Assembléia Geral, como se fosse um avanço de extraordinário progresso. Em essência, ela determina por decreto a criação de escolas em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Um anátema, entretanto, veio macular essa disposição, respingando no século vinte. Dessa legislação sobraram peças semelhantes que predominaram até hoje, era em que se desenrola a presente narrativa. Indo e vindo, conforme as correntes dominantes do país, aparece sempre, como uma herança maldita, a discriminação da mulher, desvirtuando-a de sua função como peça importante da sociedade. Essa lei dá oportunidade à mulher, como se fora um presente, apenas caso ela o deseje, a formação de “prendas domésticas”, com exclusão das matérias exatas. Somente era previsto o ensino das quatro operações de aritmética – e olhe lá! –, podendo, com restrições, haver esses turnos de meninas, caso professores do sexo feminino estivessem disponíveis.

Em síntese, a Lei de 15 de outubro de 1827 traduz até que ponto vivia-se em uma sociedade segregadora, que descartava de forma discriminatória da sua formação a intelectualidade, como fator de educação da prole pela mãe de família, ou, na sua falta, pelos professores em geral, sem restrições quanto a sexo.

LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827

Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império.

D. Pedro I, por graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Constitucional e Defensor Perpétuo do Brazil: Fazemos saber a todos os nossos subsídios que a Assembléia Geral decretou e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1º – Em todas as cidades, villas e logares mais populosos as escolas de primeiras letras que forem necessárias. [sic]

Artigo 2º – Os presidentes das províncias, em Conselho e com audiência das respectivas Câmaras, enquanto não estiverem em exercício os Conselhos

Gerais, marcarão o número e localidade das escolas, podendo extinguir as que existem em lugares pouco populosos e remover os professores delas para que as que crearem onde mais aproveitem, dando conta a Assembléia Geral para final resolução.

Artigo 3º – Os Presidentes em Conselho taxarão interinamente os ordenados dos professores, regulando-os em 200\$000 a 500\$000 anuaes: com attenção as circunstâncias da população e da carestia dos lugares, e o farão presente à Assembléia Geral para aprovação.

Artigo 4º – As escolas serão de ensino mútuo nas capitaes das províncias e o serão também nas cidades, villas e lugares populosos, dellas, em que for possível estabelecerem-se.

Artigo 5º – Para as escolas do ensino mútuo se applicarão os edificios, que couberem com sufficiência nos lugares dellas, arranjando-se com os utensílios necessários à custa da Fazenda Publica e os Professores, que não tiverem necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitaes.

Artigo 6º – Os Professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de arithmética, prática de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria prática, a grammática da lingua nacional e os princípios de moral christã e da doutrina da religião catholica apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Artigo 7º – Os que pretenderem ser promovidos nas cadeiras serão examinados publicamente perante os Presidentes, em conselho; e estes proverão o que for julgado mais digno e darão parte ao governo para sua legal nomeação.

Artigo 8º – Só serão admitidos à opposição e examinados aos cidadãos brasileiros que estiverem em gozo de seus direitos civis e políticos, sem nota na regularidade de sua conducta.

Artigo 9º – Os professores actuaes não serão providos nas cadeiras que novamente se crearem, sem exames de aprovação, na forma do artigo 7º.

Artigo 10º – Os Presidentes, em Conselho, ficam autorizados a conceder uma gratificação annual que não excede à terça parte do ordenado, àqueles professores, que por mais de doze anos de exercício não interrompido se tiverem atingido por sua prudência desvelos, grande número de aproveitamento de discipulos.

Artigo 11º – Haverá escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Professores em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

Artigo 12º – As meninas, além do declarado no artigo 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinando também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do artigo 7º.

Artigo 13º – As mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações, concedidas aos Mestres.

Artigo 14º – Os provimentos de Professores e Mestres serão vitalicios; mas os Presidentes em Conselho, a quem pertence a fiscalização nas escolas, os poderão suspender e só por sentenças serão demitidos, provendo interinamente que substitua.

Artigo 15º – Estas escolas regidas por estatutos actuaes se não appozerem a presente Lei; os castigos serão os praticados pelo methodo de Lencastre.

Artigo 16º – Na provincia onde estiver a Côrte, pertence ao ministro do Império o que nas outras se incumbe aos Presidentes.

Artigo 17º – Ficam revogadas todas as leis, alvarás, regimentos, decretos e mais resoluções em contrário.

O Secretário de Estado dos Negócios do Império a faça imprimir publicar e correr. Dada no palácio do Rio de Janeiro, aos 15 dias do mês de outubro de 1827, 6º da Independência do Império.

Império com rubrica e guarda visconde de São Leopoldo.

(apud prof. Alfredo Gomes.

Publicada no “Correio Paulistano”, em 15.1.1949.
Transcrição que obedece a ortografia da publicação.

O padre era useiro e vezeiro de colecionar essas relíquias, consultando-as, vez por outra, para subsidiar os estudos que complementavam seus sermões, preches de muita cultura social, o que encantava seus paroquianos. Daí a estampagem dessa obra imperial, como uma amostragem do que foi o início de nossa peregrinação no setor educativo.

Já se sentiam por todo os pontos cardeais do mundo contemporâneo as novas teorias que se desfraldavam entre os educadores. John Dewey (1859-1952) propunha com convicção: “educação é vida e não atividade de museu”, “não existe provavelmente maneira melhor de apurarmos qual o objeto da Filosofia, do que perguntarmos, a nós mesmos, quais os critérios; quais os objetivos e ideais que devem nortear nossa política e nossa prática

educacional”. Concordava com Spencer, complementando: “a educação precisa mais de ciência que literatura; e aquela o aluno deveria aprender mais por meio da prática, de ocupações, do que em livros”.

Os compêndios alusivos a novas formas de tratar a criança e o adolescente pipocaram em todo o globo. Jean-Ovide Decroly (1871-1932), um belga já consagrado nas hostes educativas, criou um novo sistema para o ensino primário intitulado “Escola para a Vida” – uma acomodação do ensino aos diversos tipos de evolução, levando-se em conta a constituição pessoal e as exigências do meio. Entre os demais distinguia-se a obra “Fait de Psychologie individuelle et Psychologie Expérimentale”, de 1908.

E padre Joca lia e relia, mais para refrescar a memória do que para ter conhecimento, uma vez que estava surdo de tanto saber das coisas relativas à evolução educacional no mundo. Fazia parte de seu cabedal cultural gravado como base para os princípios que adquiriu no Seminário, colocando-o pronto no seu aprendizado profissional destinado à catequese.

* * *

Fazia mais de meia hora que Homero observava o padre, circunspecto, pensamento distante, deslizando indefinidamente o dedo sobre as lombadas na estante.

Sem comentários, o pároco abriu um compêndio qualquer, apanhado aleatoriamente e, mais ou menos na metade de suas páginas, colocou a matéria que havia consultado, cujas folhas, de tanto amarelecidas pelo tempo e quebradiças que estavam, fizeram um barulho danado na hora de dobrá-las.

Distraído, conjecturou:

— Tava refletindo!...tava pensando!... – e como se estivesse sozinho, cabisbaixo, puxou a cadeira e nela se apoquentou.

Sô Homero, percebendo a atitude do compadre soltou um muxoxo, ao mesmo tempo em que estalou os dedos e foi logo dizendo:

— Depois tô aqui travez! Vá descansar, padre, o senhor tá meio sorumbático e, num quero trazer complicação agora. Tá na cara! Tô veno as olheiras estampadas no seu rosto! Isto é sinal de arrocho, num tenho dúvida!... – e foi levantando para pegar seu chapéu pendurado num ramo do chifre de um galheiro, desses erados, pregado na parede. Era um troféu de que se orgulhava o padre. Havia ganho em uma de suas desobrigas lá

para os lados da campina de São Jerônimo, margeando o rio Paracatu pelo lado direito. Ali era um viveiro natural desses cervos, pelas condições ambientais que se apresentavam – o solo, a rala vegetação, as fontes de água e os capões ralos que serviam de refúgio a essa espécie de veado. Habitantes da campina, localizada já no distrito de João Pinheiro, que também pertencia a sua diocese, configurava-se ela como um *habitat* natural para a espécie, pela simples razão da galhada de seu chifre, que em terrenos de mata embaraçavam-se nos cipós, transformando-os em presas fáceis.

Quando o padre percebeu sua indelicadeza de não prestar atenção ao compadre, de um salto só foi logo desculpando-se, como bom político que era:

— Cê num tá doido, não, compadre?! Logo agora qui Lixandrina tá acabano de arrumá nosso rega-bofe, cê qué imhora?!... Não!... Daquí seu chapéu e se sente home!... Tava só misturando uma coisa com outra. Tava meio longe, querendo aproveitar a ocasião para fazer uma similitude entre o problema qui ocê me trouxe do Nezinho, adaptando-o ao meu sermão que devo fazer amanhã à missa, com um alerta à juventude de nossa comunidade. Deixe isso comigo! – disse o padre. — Foi ótimo você ter trazido a questão do relacionamento de Nezinho com a comunidade. Estava mesmo precisando de recapitular este problema da educação em nosso meio. Tem contecido tanta desorde, né, compadre?! que a gente tem que ficar de olho aberto, né?!... Esta recapitulação que fiz, lendo a tal Lei Imperial, juntamente com meus livros prediletos, acerca das correntes educacionais que nasceram, e que sempre impulsionarão os povos, porque não haverá estagnação, por ser um problema dinâmico que corre de parrelha com o progresso, foi sumamente salutar para minha vivência religiosa, como missionário cumpridor dos deveres eclesiásticos.

Nesse presente momento, adentraram a sala os velhos e inseparáveis amigos: o farmacêutico Sô Emídio e o Josino, professor do terceiro ano dos meninos, no grupo escolar localizado à rua do Àvila, em um casarão bem cuidado, edificado em estilo colonial.

* * *

A escola tinha como diretor o professor Demóstenes Roriz e como seu vice dona Olendina Loureiro, “brava qui pelava”. No momento do recreio, postava-se ela ao pé da escada que descia para o andar térreo,

munida de uma régua quase do tamanho dela. Seu vulto ali, quieto como uma estátua, impunha uma ordem como nunca se viu em estabelecimento congênere, uma vez que àquela altura das eras, freqüentava as escolas uma molecada bem graúda, de doze anos de idade para cima. Era uma molecada barulhenta e voluntariosa, como quase todo rebento de camponês. Criada à larga, solta ao vento dos descampados, banhava-se nas corredeiras dos regatos malcriados e violentos que cortavam as rochas sem pedir licença. Correndo atrás das emas com o fim de descobrir seus ninhos, colhia ovos belos e grandes, quando não escaramuçava seus filhotes. Não havia potros xucros que amedrontassem aquela meninada. Pulava, sem mais nem menos, nos seus lombos, em pêlo, encabrestados apenas com o cinto da calça à guisa de rédea. Tudo isso condicionava a natureza do adolescente licencioso. Na maioria, vindos do campo para a cidade, tinham como finalidade aprender, pelo menos, a ler e fazer as quatro operações. Para amansar essa brabeza toda, dona Olendina usava sua régua como instrumento de doma. E como a usava! Coitado do infrator. Uma vez infrator, nunca mais desregrador! – dizia o trocadilhista do Toco do Pecado da porta da Igreja da Matriz, salão dos palpiteiros inveterados, cujas reuniões ao morrer do sol faziam frente ao Repórter Esso, com notícias frescas da vida cidadina.

O mais interessante em tudo isso era a convivência dos pais com os professores. Quanto mais enérgicos, melhores eram, o que os tornava mais famosos e os preferidos para alfabetizar os filhos, dando-lhes “preceitos”, como diziam na intimidade.

* * *

Complementando os salamaleques de sempre, o padre, não deixando por menos, foi logo “nos finalmente” por riba do professor:

— Ô, Josino! Parece que adivinhou. Chega aqui numa hora que estou precisando trocar idéias acerca de assunto do qual você é mestre e conhecedor bastante. Como vai sua classe? Os rapazes estão preparados para adentrar como partícipes úteis à sociedade, ou ainda falta muita coisa?

Sô Emídio, não agüentando a vontade de competir, e, como do seu feito, foi logo dando seu palpite, com ares de crítico contumaz que era. Como sempre, não escondendo seu trejeito irônico de argumentar, capaz de desmontar peão amansador de poldro bravo e xucro, foi logo rebentando:

— Num tá lá essas coisas! Com perdão da palavra, estamos vendo sair de lá gente preparada nos cálculos, somadores de parcelas longas,

tabuadas na ponta da língua, alguns, mais dedicados, com arremedos literários de algum proveito!... – e por aí foi enumerando os conceitos adquiridos de história, geografia, etc., mais para, como bom político que era, valorizar o mestre Josino como instrutor, mordendo e soprando. — A parte de sociabilização está muito a desejar. De civismo mesmo!... “neca de pitibiriba!”... Não sabem nem ao menos respeitar a bandeira nacional, quanto mais os idosos, as senhoras, e até mesmo os senhores professores. Cê num sabe – continuou ele – que há pouco um “taludo” destes alunos, que ainda não sei quem é, tirou uma garrucha 22 na sala de aula, mostrando-a acintosamente, com ares de caubói? Propagaram por aí que o professor fez vista grossa para o assunto, dizendo mais tarde ter pensado que era arma de brinquedo apenas.

Padre Joca ia tomar o pião na unha, mas o fez só intimamente, pois sabia ter sido seu sobrinho, o Vicente, que havia praticado o ato referido, considerado por ele como selvagem e desabonador. E calou-se. Calado ficou, esperando a reação do Josino que tossiu, pigarreou. E, em respeito ao padre, em virtude de conhecer o caso e ser também protagonista dele, sorriu... aquele sorriso meio sem nexa, retrucando:

— Não foi bem isso!... Gostaria de fazer um preâmbulo – ficou-se com uma pausa, como estratégia para ganhar tempo, e saiu triunfalmente. — Ainda que haja alguns acúleos, não passam de rosas de Malherbe!... Assim você está pinçando uma coisa má de um acontecimento sem muita objetividade.

Na sua facilidade de deflexionar as idéias com intuito de mudá-las a seu bel-prazer, sem que o interlocutor percebesse, transformava-se em um gênio, capaz de manobrá-las com a mesma precisão com que o timoneiro leva o navio ao porto, com extrema segurança.

* * *

A cidade conhecia o caso. Já a vinha incomodando. Havia uma certa rivalidade entre os colegas de escola, alimentada por inexplicável bairrismo. Nada mais do que uma característica que até hoje prospera, como processo de mostrar aglutinação de força. Como elemento demonstrativo inerente ao ser humano, o desejo do Poder, do Quero, do Posso e Mando é uma herança atávica, própria dos reinícolas. As lideranças desejosas de mostrar serviço impunham deveres aos seus comandados, que os cumpriam

cegamente, como se fossem na verdade militares, cujas lavagens cerebrais contínuas automatizam o cumprimento das ordens.

Assim estribados nesses princípios, espelhavam nada mais do que os reflexos de uma sociedade à deriva. Ao longo da vida da cidade mineira, marginalizada pelos poderes públicos, cansada de pedir, de implorar melhor assistência, que lhe desse um motivo para crescer, mourejava Orapronóbis desassistida.

Não tinha sua juventude meios de lazer, senão procurar nas arruaças de rua maneira de extravasar suas energias segregadas. Embora não houvesse conseqüências de monta nesses entreveros, o problema existia como uma fuga arretada, como dizia o Juca Baiano, delegado de polícia da cidade. O muito que havia eram discussões sem pé nem cabeça, que resultavam sempre na escolha de dois moleques para uma luta à moda romana, terminando tão logo conseguia um deles derrubar e montar sobre o outro, subjugando-o com segurança.

Os estilingues, os bordões de mama-de-porca cheia de espinhos, as sacolas preches de frutos do juazeiro-bravo que crescia em abundância ao lado das igrejas abandonadas, utilizados como balas, eram armas apenas de intimidação, quase de brinquedo, embora capazes de algum dano físico, se manejados com ódio, o que ali não era o caso.

Um adolescente habitante de um bairro não podia transitar por ruas do bairro rival, sem ser admoestado. Quando, por necessidade absoluta, tivesse que passar em algum lugar, longe de sua moradia, teria que o fazer qual a jaguatirica em caçada, pisando vagarosamente por entre as folhas das capoeiras, com extrema leveza.

Escondia-se aqui e ali, nas esquinas, correndo em disparada ao atravessar as ruas e becos. Para muitos era um martírio, uma vez que se encontravam longe dos companheiros “de guerra”. Sozinhos, sem essa normal âncora, tornavam-se presa fácil para ganhar uns tabefes, sendo tratados como espíões. Parecendo ser para averiguação do armamento que dispunham, os garotos de lá os tratavam como prisioneiros, aplicando-lhes bolachadas.

Vicente, sobrinho do padre, chegara havia pouco de Uberaba, onde residiam seus pais. Matriculara-se, por incentivo do tio, no Grupo Escolar Afonso Arinos, localizado na confluência da rua do Ávila com o largo da Jaqueira, tendo como espelho frontal a rua de São Domingos. Era o celeiro

onde pontificava o melhor que havia na cultura de Orapronóbis. Tinha excelentes instrutores, embora praticando a Lei de Quinze de Outubro de 1827. O conservadorismo pontilhava na cidade longínqua, fincada na encosta do planalto central, rude, grotesco ainda, considerado apenas como um apêndice desenhado no mapa do país.

O orapronobiense orgulhava-se, entretanto, quando ao abrir a Antologia da Literatura Brasileira, encontrava ali pontificado “O Buriti Perdido”, de Afonso Arinos, escoreitamente designado como um “epônimo dos campos”, belíssimo poema em prosa, enxertado no seu “Pelo Sertão”. Mário Mattos retrata-o, no seu “Último Bandeirante”, à página 74:

Em verdade, já se afirmou que, escrevendo sobre qualquer assumpto, em regra cada qual se autobiographa. Se isto é certo geralmente, muito mais o é em relação ao caso de Affonso Arinos. Ele permaneceu no sertão mineiro até a idade de treze annos, havendo feito a primeira viagem, aos nove, de Paracatú [sic] para a capital do Estado de Goyaz. Caminhou mais sertão adentro... Passou os primeiros annos na cidade natal. Paracatú sempre foi um centro impressivo pela singularidade. Fica, como se sabe, no mais remoto rincão de Minas. Fica a muitas leguas distante de estrada de ferro. Ahi correu a infância de Arinos no gozo da liberdade, que as creanças usufruem nas cidades sertanejas. Com certeza, a vida à solta desenvolveu nelle o instinto do ar livre e o excessivo amor da liberdade e da independencia, herdados dos ascendentes bandeirantes” — *respeitada a ortografia da data em que foi escrita.*

“Pelo Sertão” era quase uma bíblia, usada nas bibliotecas mais requintadas de Orapronóbis, cidade também dos sonhos inesquecíveis.

No conto “Pedro Barqueiro”, relata Arinos uma passagem em que há uma ponte sobre o rasgão feito pela erosão das águas que cortam a cidade, oriundas do Tanque do Nerva. Está localizada no beco de Sá Bárbara, ligando a rua do Sacramento ao sul do Arraial D’Angola. Esse pequeno pontilhão apresenta-se a todos como um monumento venerado. Ali, na narrativa de Arinos, Pedro Barqueiro desapareceu ao exato momento de ter levantado seu goz que enfim o prendera, estando prestes a lançá-lo na ribanceira alta, onde, lá embaixo tremula um filete de água capaz de, no seu murmúrio solitário, contar muitas estórias históricas.

O Tanque do Nerva é uma depressão onde se armazenava a água que vinha pelo rego, construído pelo engenheiro do mesmo nome, Nerva, que permanece na história lendária como “Mestre Campos”. Partindo do

ribeirão do Galinheiro, lá pelas bandas de entre a bacia do Espalha e a do ribeirão das Lavras, são possivelmente sessenta quilômetros da cidade. Contam seus antigos habitantes que o rego fora escavado, ora em rochas calcárias, ora em sistemas onde predomina a “pedra-canga”, o minério pardacento de ferro argiloso que cobre rico veieiro aurífero, de cujo material, moído pelo braço dos escravos se extraía o numerário que financiava o trabalho de manutenção da obra. Obra que ninguém admitia pudesse terminar com êxito. Tornou-se assunto controverso, predileto dos cidadãos. Segundo os mais entendidos, ficava o ribeirão do Galinheiro em nível inferior ao do local onde deveria ser escavado o depósito de água, sendo portanto impossível trazê-la por gravidade. Os incrédulos, debochadamente, diziam:

— Sim! Poderia trazê-la em cabaças.

Manoel de Bastos Nerva era cognominado vulgarmente e lendariamente de Mestre Campos, talvez por analogia com mestre-de-campo, querendo associar sua profissão com o trabalho rural no campo – era um misto de engenheiro e filósofo. Como engenheiro, contornou montes, suspendeu várzeas, pontilhou vales com bicas de madeira. Como filósofo, foi cultivando cabaceiras nas margens de seu trajeto, cujos frutos maduros foram soltos pela ruas da cidade, flutuando nas águas vindas do ribeirão do Galinheiro. A arquitetura mais importante, segundo as certidões encontradas, supostamente era a construção do aqueduto do Morro do Ouro, contornando a cabeceira da Gruta de Vênus, localizada na Praia dos Macacos.

Só assim poderia ter sido o seu trajeto lendário, possibilitando a chegada da água, descambando pelo bairro das Amoreiras até a depressão denominada Tanque do Nerva, cujo nome se conserva até hoje, construído com o desmonte do morrote que ali existia, e que fora escavado objetivamente para armazenar água destinada a lavar o cascalho aurífero que fosse encontrado pela frente.

As cabaças, navegando na enxurrada que corria pelo meio das ruas calçadas de pedras irregulares, em níveis diferentes por vezes, fizeram um barulho específico, aclamado pelo foguetório da ala do povo que sempre acreditou no trabalho proposto pelo Mestre competente. Era um modo não só de regozijo, mas também de gozação aos descrentes. Mesmo assim, muitos viram com isso um gesto de desrespeito à comunidade, apedrejando sua casa, logo após a concretização do seu feito.

A maior festa fora quando a água desceu pela rua da praça, virando à direita na rua das Flores, contornando a casa onde estava instalada a Câmara Municipal e a cadeia, pelo beco do mercado municipal, desaguardo por fim no córrego Pobre, chamado também de córrego dos Meninos.

Conta-se que Mestre Campos havia colhido indícios de haver um veieiro aurífero em local central, bem por detrás da Igreja da Matriz. Seu interesse, pois, era em primeiro lugar obter água abundante que fosse suficiente para lavar o cascalho misturado a uma terra avermelhada, bastante pedregosa, que se fazia de veículo ao minério precioso por ele detectado. Isso lhe dava condições de negociar com a diocese local a sua lavra. Conta-se ainda da sua proposta de construir outra igreja em local designado pela prelazia, além de doar uma percentagem valiosa pela quantidade de minério lavado.

Nas idas e vindas das negociações, imperou por fim o bom senso, com a negativa peremptória, pela pressão dos munícipes que, na maioria filhos da terra, consideravam um crime desalojar um patrimônio artístico-religioso com o fim precípua de amealhar riquezas, o que de nada seria útil para resolver problemas sociais. A igreja valia mais pela arte e pela fé que pela fortuna prevista! E isso era consensual entre os naturais daquela terra.

Em sua maioria, os altares da Igreja da Matriz foram esculpidos por artistas naturais da Colônia. Entre eles há quem afirme terem sido capitaneados pelo Mestre Ataíde (Manoel da Costa Athahyde, 1762-1837).

Pintor brasileiro nascido e falecido em Mariana, dourador e autor de riscos originais é o mais importante pintor colonial brasileiro. De ponto de vista da história da arte é também importante, porque foi um dos últimos artistas rococós a atuarem no mundo ibérico. De pesquisa em pesquisa, chega-se a conclusão que sua obra-prima é o teto da igreja de São Francisco, em Ouro Preto – *Enciclopédia Barsa*, p. 290.

Significativa parte dos entalhadores em madeira cultivava os traços da escola de Bonamini, influente artista barroco, criado no século XVII, tendo como berço as províncias italianas. Suas características estavam espelhadas nas irregularidades de suas linhas curvas, segundo os críticos estilistas.

Os retábulos da Matriz estão inacabados. Foram iniciados, presumivelmente, nos meados do século XVIII.

Sendo versegado por toda parte um estilo de escultura denominado “D. João V”, parece ter este sido semi-assimilado pela arte mestiça, já em

desenvolvimento na Colônia. Comumente os entalhes aparecem impregnados de características mui acentuadas da alma do homem, já preso às suas origens. Não há também motivo de se desprezar a influência do jesuitismo, que imperava sozinho com seu estilo barroco.

* * *

Nas tardes modorrentas, principalmente nos cálidos dias de verão, cuja temperatura produzia um ar abafante, reuniam-se em tertúlia, para matar o tempo e atualizar conhecimentos, muitos eminentes homens que formavam a elite culta da cidade. Nessas tertúlias estava sempre presente José Joaquim Costa, o professor Juca da Costa, como era conhecido, hábil conhecedor de obras artísticas, amante da literatura pátria. Tão amante, que era um dos poucos que adejavam pela gramática tupi-guarani, tendo como base a gramática escrita por José de Anchieta em 1595, da qual, pelo visto, na opinião de bibliófilos, existem apenas dez cópias, perdidas, enfeitando alguma biblioteca pública do país, que a guarda como relíquia, ou dormindo nos sebos, ou sendo admiradas nas estantes poeirentas de muitos alfarrabistas. Perambulava, ainda, o professor Juca pela difícil língua hebraica. Compareciam também às tertúlias: Demóstenes Roriz, diretor do Grupo Escolar Afonso Arinos, fundado no final de 1908; Alírio Carneiro, jornalista, redator da Folha do Povo; Graciano Gomes Calcado, professor da língua francesa no Liceu Paracatuense, fundado em 1926 pelo jornalista Bernardo Caparucho de Melo Franco, sediado em antigo sobrado à rua das Flores, no local em que depois foi instalada a farmácia de Pedro Santiago. Tratava-se de um estabelecimento remanescente do antigo Ateneu Paracatuense, de efêmera existência (1913-1918), funcionando mais ou menos por um ano, não mais. As alunas, à porta principal, esperando ou saindo após as aulas, vestidas com um uniforme bege claro, usando uma boina azul, que muitas detestavam, transformavam a quietude da rua das Flores em verdadeiro alvoroço, com gente às portas e penduradas às janelas das casas residenciais, orgulhosas por sentirem um ar de progresso na cidade. Causavam um frenesi a todos, esses jovens, alunos e alunas, desfilando pelo pedregulho incerto do calçamento, contentes, comentando as aulas dos professores, muito dos quais ministravam-nas por prazer, sem remuneração, a não ser aquela de poder contribuir para evolução da cultura da cidade.

Nessas reuniões, costumava-se ter como tema prioritário o assunto da preservação do patrimônio artístico da cidade, tendo sempre à frente o

estudo da escultura centenária dos altares das igrejas. Não se concebia por que continuavam inacabados. Não se apresentava à história nenhum fato que pudesse justificar tamanho abandono de obras tão esperadas, e num período áureo da evolução do vilarejo que mais tarde seria uma das mais cultas cidades, senão a primeira, cognominada de Atenas Mineira.

Não seria pela pressa de concluí-la? A população já se encontrava ansiosa para que isso logo acontecesse.

O professor Juca da Costa, lídimo estudioso da arte na história, observou que é uma constante ver-se grandes pintores, escultores, arquitetos e comuns, trabalharem nos momentos que desejavam. Eram tolerados pela grandiosidade de seus talentos.

Lembrando-se de Michelangelo, observou que, chamado a Roma para executar na abside de São Pedro o túmulo de Júlio II, logo abandonou a obra, uma vez pressionado pelo então papa, que tinha medo de morrer antes de ver acabada essa construção. De fato, faleceu em 1513, um ano após ter o pintor deixado sua obra inconclusa. Michelangelo viu-se obrigado de novo a trabalhar no túmulo desse monarca falecido.

Estilo trabalhoso, cheio de detalhes, motivando talvez com isso a demora de completar essas obras.

Outros conhecedores do assunto julgavam terem sido algumas outras dessas obras não completadas no século XVIII, tendo sofrido considerável influência do estilo francês denominado rococó – um derivado do barroco – estribado na profusão de ornatos e florões. Foi na verdade um dos mais difundidos estilos que, desbragadamente, foram assimilados, trazendo em alguns casos prejuízos artísticos, não só pelo mau gosto do entalhe pintado *à la vouté*, com cores berrantes sem sentido; mas também pela mesclagem, com a finalidade de modernizá-los, sem nenhum planejamento.

Não fora sem sentido a apreensão de muitos dos munícipes, diante de uma agressão ao patrimônio religioso e histórico, na década de trinta, quando, em favor de recuperar o aspecto da Igreja da Matriz, que se encontrava em decadência, ordenou-se a raspagem de todos os altares, a fim de receberem uma nova pintura. Foi com muita tristeza que se via José Morais, mais tarde conhecido por José pintor, espatulando aquelas colunas, entalhadas em espirais, arrancando toda a sua pintura primitiva. Diziam, à boca pequena, que eram esses altares cobertos com uma camada de tinta folheada a ouro. Diziam outros que o ouro retirado dali dava para reformar toda a igreja. De qualquer modo, fez-se uma agressão ao patrimônio artístico

da cidade. Pintou-se, depois, com um estilo machetado, com aparência de mármore – tudo isso de muito mau gosto. O que na verdade precisava-se fazer era ter entregue o serviço a um artesão especialista em restauração de obras de tal envergadura; e que fosse ela feita com a dedicação de um artífice capaz de devolver a sua aparência primitiva. O povo, infelizmente, não estava preparado para guardar tamanho tesouro, endeusado que se encontrava pela avalanche de progresso que despertava a cidade, muitos anos presa em grilhões intransponíveis, cercada por rios sem pontes.

A escola italiana, na concepção de Callalluci, prega que a “restauração deve apenas evitar a deterioração. A filosofia é deixar que o espectador perceba a marca do tempo, como insignificantes rachaduras, que devem ser reparadas, pacientemente, sem ofensa ao todo”. O que seria do fazendeiro se, para acabar com o carrapato, tivesse de sacrificar o boi?! Foi o que fizeram – limpam tudo e cobriram com sucessivas camadas de tintas diferentes, matando a arte primitiva que, no seu estado, era valiosíssima. Muito salutar é a observação de Oliveira Mello (*As Minas Reveladas*, p. 323): “O conhecimento folclórico se faz muito necessário, sobretudo em nossos dias, depois de ser visto que nada melhor para retemperar a saúde da alma brasileira que as suas tradições, os seus costumes, os seus hábitos alimentares, suas credices, superstições. E o mal está justamente no abandono que representa a sua própria alma.” Bem razão teve Rossini Tavares de Lima quando diz: “Defender o povo não é tão-somente lutar contra a miséria e a doença que aniquila e desfibra. Defender o povo é também – e muito pouca gente sabe disso – preservar as belas expressões de sua cultura: as quadrinhas, as adivinhas, as ‘estórias’, a música e dança, tudo o que ele faz por tradição, às vezes de barro, de madeira, e outro material que pode ser trabalhado com maior facilidade. Defender o povo é conhecê-lo na sua psicologia, através das suas superstições e credices, dos seus usos e costumes, a fim de poder até melhor legislar em seu benefício.”

* * *

Essas estórias, dentro da história, recheadas de lendas, serviam, não restam dúvidas, de anteparo aos sonhos de grandeza de um povo, procurando nele o conforto de uma vivência sem muito o que fazer, senão vangloriar-se dele. O passado alimenta o ufanismo do presente, costumava dizer Sô Emídio, quando não se tem algo a vislumbrar para o futuro.

Voltando à vaca fria, cheio de apreensões, padre Joca não sabia como entrar na conversa do professor Josino e do farmacêutico.

Desejando colocar um ponto final no assunto, gritou logo para Alexandrina trazer-lhe o refresco de maracujá, remédio apaziguador que só ele para as horas quentes do ambiente.

Lembrava-se muito bem, diante dos modos com que Vicente, seu sobrinho, gostava de se mostrar para a sociedade, que o tinha advertido: “Você não vai andar por aí com esses ares de superioridade, que o povo aqui é muito ‘fechado’. Consciente de suas tradições seculares, não gosta de intrometimento na sua maneira de viver, está ouvindo?” – alertara, enfatizando energicamente suas palavras.

Essa energia usada pelo padre, Vicente desconhecia. Mesmo assim, ouviu, ensaiando um levantar de ombros, como a dizer pouco-me-importa. Deu um arremedo de muxoxo, que rápido fora engolido quando sentiu a testa do tio enovelar-se, mostrando as rugas denunciadoras de descontentamento, coisa que jamais tinha visto.

* * *

Vicente, moço bem apresentado, trazia da capital do Triângulo Mineiro modos atualizados de vestir-se, de andar, mantendo o corpo ereto. Com ares superiores, balançando os braços num trejeito imponente de caminhar, mantendo um sorriso de desprezo nos lábios, era o supra-sumo representante do almofadinha cheio de vaidade – uma cópia exata dos mocinhos galãs dos filmes requintados do cinema mudo.

Era, a despeito da admiração das moçoilas, um estranho no ninho, no ponto de vista da comunhão com os jovens de sua idade. Daí, passar a ser olhado à distância foi um pulo. A inveja, essa traiçoeira manifestação das consciências reprimidas pelo desejo e vontade de ser o que “não há como ser” manifestava-se. Resultava disso um processo todo para escantear o intruso, o que foi feito numa espontaneidade geral.

Veza por outra, tirava do bolso do uniforme de brim cáqui uma piteira longa, de cor avermelhada, onde colocava na ponta um “Odalisca”, o cigarro da marca mais badalada da época. Dedilhava-a à moda dos artistas de Hollywood. Causava, esse seu gesto, espanto a todos os meninos, não só pela opulência demonstrada, como também por ver um garoto já viciado em tabaco.

Além do espanto, infringia-lhes uma oculta admiração – até a caixa condicionadora dos cigarros era linda! Estampava em uma de suas faces a figura de uma dançarina oriental, usando uma piteira justamente igual à do Vicente. Era sem dúvida um símbolo do poder financeiro. Na cidade, os mais ousados dos jovens, o muito que faziam era acender seu “Liberty Ovais” às escondidas. Era a marca de estilo do fumante orapronobiano.

Nos salões de baile, quase sempre realizados em casas familiares, exibia-se a cigarreira de prata, a piteira ebúrnea, o fósforo branco que podia ser riscado na sola do sapato, e o infalível “Odalisca Souza Cruz” – todos esses apetrechos, indicadores da aparência estatuária de quem os utilizava. Nas demais ocasiões, no decorrer da semana, a marca que rolava era o Liberty Ovais. Houve época, não muito longe no tempo, que nenhum cigarro chegava à praça, em razão de as chuvas dificultarem o trânsito nas estradas que ligavam a cidade às demais, suas abastecedoras de artigos importados. Muitos satisfaziam-se com um Colomy, arrebenta-peito trazido por um caminhão que atrevidamente havia ultrapassado os atoleiros entre o rio da Prata e o Paracatu, gastando semanas para vencer um trajeto de poucos quilômetros. O pior era que já chegavam mofados! Mesmo assim, postos a secar ao sol, eram moedas disputadas a preços altos.

Na capital mineira, funcionava um bar intitulado Bar Adolph, tradicional ponto freqüentado pelos estudantes vindos de Orapronóbis para noitadas regadas a chope gelado, acompanhado da infalível salsicha coberta de mostarda. Ali podia-se ler os jornais do dia e jogar alguma partida de xadrez, esquecendo o tempo.

Quando, ao garçom – o popular Luciano, o mais velho funcionário, que matreiro, para descansar os pés, andava arrastando-os, caolho, mas esperto na contagem dos porta-copos de papelão, indicadores da quantidade servida – era solicitado um maço de cigarros Liberty Ovais, ele, com a perspicácia própria do bom vendedor, ao entregá-lo, ia logo dizendo:

— Ô, orapronobiano arretado! Tá bem? – Luciano pensava ser Orapronóbis uma cidadela da Bahia, daí o “arretado” para agradar.

As cidades localizadas no noroeste e no norte de Minas, na época da colonização, sofreram influência da cultura baiana em virtude de estarem localizadas na bacia do Rio São Francisco – a via de acesso mais fácil –, mesclando-a com a trazida pelas bandeiras sulistas, em cujas hostes figurava a mão-de-obra escrava, prenhe de saudosos cultos.

Belo Horizonte, cidade universitária por excelência, abrigava estudantes de todos os estados. A marca de cigarros preferida era o Liberty curto. A maior parte dos estudantes comprava-o no Bar do Ponto, plantado no centro da confluência da rua da Bahia com a av. Afonso Pena, onde paravam todos os bondes vindos dos bairros, à bagatela de três por cem réis. Era a conta de passar o dia do estudante pobre. O orapronobiano, em quase sua totalidade, consumia o Liberty, na modalidade Ovais. Daí, por ser diferente dos demais usos nas comarcas mineiras, tornava-se fácil caracterizá-lo.

* * *

Vicente, o uberabense de arribada, detestava o Ovais. Detestava-o entre aspas. O que desejava mesmo era mostrar importância.

Os garotos liderados por adolescentes mais taludos engoliam em seco, ante cada uma de suas manifestações esdrúxulas. O que mais os magoava era o modo como as namoradinhas inclinavam-se pro lado do “Zangão”, como logo o apelidaram.

Acontece que a turma dos meninos do largo da Jaqueira, ali bem ao lado, onde estava localizado o grupo escolar, já havia combinado soltar os cachorros em cima do forasteiro atrevido. Para isso só esperava que ele pingasse os pés por ali. Não é que o Vicente, alheio às ameaças, pisara naquela tarde de junho – nublada, fria que nem os picolés da Casa Síria do João Turco – o terreno movediço dos meninos jaqueirenses?!...

Perscrutando o ar como senhor absoluto, levantou as narinas para observar de que lado o vento soprava, para que pudesse acender seu Odalisca, riscando a binga prateada, municida por gasolina, preciosidade que pouca gente tinha. Aguçando o faro, tal qual o pegureiro amarrava a presa na macega, soltava os olhos de canto a canto das órbitas para ver, sentindo o odor das bolas de fumaça que se esvaíam como se fossem ondas, bordejando as praias com sua águas, numa maré cheia.

As aulas tinham terminado havia pouco menos de nada. Eram já dezoito horas cravadas no carrilhão da Matriz.

O zumbido das abelhas, polinizando as flores do galho da dama-da-noite – que, escorregando do seu tronco, debruçava sobre o muro do quintal da casa da frente do largo da Jaqueira, odorizando o ambiente, porque já era tardinha, e seu dever era sobretudo perfumar os ares a partir do momento que a noite se instalasse –, era ouvido como um único som a ondear pelo espaço quieto, e aparentemente hígido, naquele entardecer.

Nesse ambiente pinturesco, com o pôr-do-sol acobreado o cruzeiro de madeira fincado no ápice do morro do Alto do Córrego – à socapa do largo da Jaqueira –, completando o bellissimo quadro onde a luz refletia-se no telhado emendado, cumeeira com cumeeira, como se fosse o quarteirão formado de uma só casa, Vicente, senhor do universo, resolveu permanecer ali por mais tempo, embora as aulas tivessem terminado e as garotas já tivessem ido.

Como uma “canga-d’água” que desce a encosta de um morro, levando de roldão tudo encontrado pela frente, sem dar tempo até mesmo à rês tresmalhada – que, despreocupada, come de cabeça alta a tenra forragem – de poder se abrigar, viu-se Vicente encurralado por uma chusma de meninos.

E não é que, como sem saber de onde surgiram, foi envolvido por meia dúzia deles? Galantes e topetudos, acintosamente queriam saber o que ele, Vicente, “filho de padre” – assim pensavam que fosse – estava fazendo por aquelas bandas...

Pensando ser brincadeira, destampou um sorriso, logo desmanchado com um: “Toma, diacho!”.

Um safanão bem aplicado derruba-o da calçada alta onde se encontrava e, pontapé aqui, pontapé lá, deixaram o “pequeno príncipe” de roupa rasgada, enxovalhada e com escoriações generalizadas pelo corpo. Como chegaram, foram-se! Ninguém viu! Ninguém falou nada!... Ninguém estava lá!...

Também, nem Vicente praticamente nada viu, tamanha a surpresa com que levou os golpes nele desferidos, mecânicos e rápidos, como se fossem relâmpagos a desfilar pelo céus, um atrás de outro, emoldurando o rugir da tempestade que, como desabou, foi-se! indiferente ao estrago que fez. Não houvera a Vicente sequer condições de fotografar em sua memória pelo menos um de seus agressores. Nem vontade para isso teve. Desejava, naquela circunstância, unicamente desvencilhar-se deles, protegendo-se dos açoites que o magoavam.

* * *

Em casa, ressabiado, correu a limpar os ferimentos. Não eram profundos, pelo visto.

Trocou a roupa, jogou no fundo do quintal os trapos restantes de sua camisa xadrezinha, engomada e armada singularmente ao estilo “finesse” nos ombros e na cintura, tomou o livro “Contos Pátrios”, de Coelho Neto

e, para disfarçar, abriu-o, começando a ler com dificuldade, olhos ardendo, a passagem do garoto que corria por entre o lajedo à cata de pássaros. Soberana e soberbamente, atirava pedras para todos os lados. Admoestando-o, a “mãe negra” que o havia amamentado gritava: “Se aquiete, sinhozinho, dexa os bicho sussegado!” – continuando sua labuta de lavar roupas no lajedo do ribeirão que corria atrás da casa, bem embaixo do barranco onde o garoto fazia suas estrepolias. Quanto mais ela implorava, mais travessuras eram praticadas. Daí, para acontecer um imprevisto, foi questão de um átimo. Uma das pedras mal atiradas caíra direto na cabeça da escrava. Com essa o menino não contava. No momento, porém, que notou o sangue jorrando pelo ferimento, o garoto desceu correndo a encosta, aos pulos. Abraçado ao corpo da escrava, chorava de soluçar alto.

— Perdão! Perdão!... – murmurava desatinadamente.

— Num foi nada, sinhozinho!... Foi sem querê! Desculpa, sinhozinho!... eu é que não devia estar aqui. Foi imprudência minha.

Quanto mais falava, mais o garoto soluçava.

— Num foi nada! Já falei concê, sinhozinho! Foi eu quem escorregou no sabão qui tava em riba da pedra de batê...

E, assim... Vicente nem chegou ao fim da estória. Cansado, as pálpebras com pequenos hematomas não o deixaram continuar. Adormeceu ali mesmo na sala de leitura.

O sono fora reparador. Se sonhou, não se soube. Não contara a ninguém.

A lição da escrava, desculpando-se como se ela fosse a autora e não a vítima, eximindo o filhote querido de quaisquer culpas, calou fundo na alma de Vicente. Inteligente, descobriu nas palavras admoestativas do tio seus significados. Descobriu, sim, ser ele o único culpado do incidente com os meninos da cidade.

A luz bruxuleante da vela de sebo, cuja chama dançava ao sopro da brisa que entrava mansamente pelo vão da fenda aberta numa capa de telha quebrada, ajudava-o a esconder seus dissabores.

Naquele instante, o tio deveria estar rezando a novena dedicada a São Benedito – o santo dos negros – lá na igreja do Rosário, pois, aproximava-se o dia da mais concorrida procissão da paróquia.

Alexandrina, sua tia, cuidava do jantar, dando-lhe os últimos retoques. Seu filho Cristovam apascentava as seis vacas leiteiras que o padre custeava

ali mesmo, soltando-as para pastarem de sua porta até os fundos da casa de Sô Euzébio ferreiro. O malhador, entretanto, era mesmo ali na porta de sua casa. Lázaro, seu irmão, chegara de Uberaba em visita, e ao mesmo tempo para averiguar como ia seu filho Vicente nos estudos. Gostava de surpreender a todos.

A viagem era estafante, uma vez que, lá para o lado do Pontal, os lagoões haviam se emendado, provocando longos atoleiros. Para vencer menos de cem quilômetros, o Correio, cujo estafeta era o patense José Rita, consumia uma semana ou mais de penúria, a bordo de uma jardineira meio sucateada que servia também para o transporte de passageiros de Patos a Orapronóbis.

Logo pela manhã do dia seguinte, sentado à mesa à espera do irmão e do filho, bebericou somente uma chávena de café forte. Apreciava-o sumamente. Era de um sabor inesquecível. Também, Alexandrina cuidava de colher seus frutos dos cafeeiros do quintal, bem amadurecidos, secados à sombra, revolvendo-os todos os dias para não mofarem, beneficiados no pilão de angico, socado por mão de madeira leve – assim estava pronto para ser utilizado. No momento de passá-lo no coador de baeta vermelha, era torrado na panelinha de ferro, sendo transformado em pó pelo moinho preso num cepo de aroeira no canto esquerdo da cozinha. Impulsionado manualmente por uma manivela, que fazia girar uma roda dentada munida de facas bem afiadas, cinzeladas nela própria, originava-se assim um material de fina espessura, desandando dele um cheiro inesquecível. Aparado numa gaveta colocada abaixo das moendas, ia daí, por fim, submetido à cocção. Era água fervente adoçada com um naco de rapadura que ficava empalhada com folhas secas de bananeira, no jirau de tábuas amarrado aos caibros do telhado, suspenso por cabos de arame cozido para evitar a ação de roedores, sobre o fogão de lenha. A fumaça quente despreendida coloria as peças de um negro pardacento, favorecendo assim a conservação das rapaduras. De safra a safra, elas estavam ali agasalhadas, à espera de ser utilizadas. Vez por outra, acabado o estoque de melado de tacho, Alexandrina servia ela também, derretida, para substituí-lo na sobremesa, acompanhado de fatias de queijo meia-cura.

Sô Lázaro gostava de andar pelo pomar que ficava no fundo do quintal para absorver o odor das flores temporãs das fruteiras, que antecipava a chegada da primavera, por força da irrigação cotidiana que Alexandrina fazia em todas as tardes secas de meio-de-ano. Era delicioso ainda ver a “sarna” das jabuticabeiras já soltando o pozinho dos estames secos no ápice

dos frutos em formação, desabrochando por todos os ramos do tronco secular. O sabiá-laranjeira, residente perpétuo daquele chão, soluçava sua peculiar canção, dedilhada na postura de um afinado fagote, comandada pela batuta de seus pezinhos, ora levantando o direito, ora o esquerdo, como se entendesse de compassos, bemóis e semitons, quando encontrava uma minhoca saltitante ou um lagartinho transviado passeando entre a maçaroca de pequenos gravetos secos misturados à macega rala que favorece o umedecer do terreno.

Lázaro encantava-se com tudo. Parecia ter voltado a ser o mesmo menino que fora criado solto, a observar a natureza nos seus menores detalhes. Até com os pulos dos grilos saltitantes, tentando enganar o sapo grande que residia debaixo da grande laje que, por descuido, fora ali jogada, sentia-se remoçado. O pedaço de rocha fora ali deixada por desleixo do pedreiro, quando calçou a trilha barrenta de terra massapé que ia da porta da cozinha até o pequeno filete de água brotada por entre o bambuzal que dava cobertura à cabeceira do pequeno arroio – velho andarilho das grotas, das touceiras de pita, abrindo caminho em direção da erosão denominada pelo povo de Rasgão do Mestre Campos, com a sabedoria de um tocador de obras, construtor de estradas.

* * *

Vicente, meio mais-pra-lá-do-que-para-cá, não fora cumprimentar seu pai. Matutava como aparecer na presença dele. Se fosse necessário, ao cumprimentá-lo, na hora do pega-para-capar, correria a abrigar-se por entre os panos da saia farta de sua tia Alexandrina ou a aconchegar-se por entre a batina de seu tio. Ao que estivesse mais perto, ele pediria proteção. Mas o melhor mesmo era não correr risco. O melhor mesmo – estava cansado de ouvir isso – é expor a verdade, mentira tem perna curta. Chegou à conclusão que o mais certo seria contar tudo, procurando amenizar o assunto, usando palavras objetivas para descrever o acontecimento, tangendo-o para o lado de ter sido uma briga à toa. Contaria que, como se encontrava na parte superior da escadaria, escorregara, rolando até embaixo, dando oportunidade a que alguns garotos o socassem, sem ter ele condições de reagir. Desculparia assim. Assim relataria. Estava preparada a defesa que haveria de amenizar a situação perante o seu pai. Diria ainda do bairrismo alimentado na cidade, originando essa escaramuça sem muito efeito.

Animado com esses pensamentos, espichou o pescoço, “suntando” o espaço, como à procura de uma trincheira que pudesse servir-lhe de abrigo. Viu, com certa cautela, a chegada do tio Joca, já paramentado para ir à Matriz celebrar a missa domingueira em preparação para o dia de 13 de julho, festa em homenagem a Santo Antônio. Justamente o padroeiro da cidade e seu confessor de horas apertadas.

O pároco assustou-se, quando, passando um rabo de olho pelo ambiente, viu as escoriações no braço do sobrinho. Aquilatou logo de onde teriam elas partido. Encarando-o de soslaio, compreendeu!... Compreendeu tudo, só de examinar o semblante do sobrinho. Não fora por falta de aviso! Encarando-o como sempre fazia com qualquer jovem paroquiano, poderia até descrever com certa firmeza o que havia acontecido, uma vez que era preparado para essa espécie de investigação.

Vicente, pego em falta, olhos fincados no chão, não encarando seu mudo interlocutor – que, praticando uma bem orquestrada autópsia psíquica, causava-lhe um certo incomodo –, sofreu muito mais com essa inquisição silenciosa do que se tivesse o tio partido logo para o esculacho. O padre por sua vez, com a crua realidade que Deus implantou em sua alma, não adivinhava: lia o coração de seus paroquianos como se um livro aberto fosse! Quanto mais o de seu sobrinho, a quem dedicava um afeto maior por uma equivalência genética.

Sentaram-se à mesa. Nada disseram, mesmo porque nada tinham a dizer. O que tinham a dizer já tinham dito um ao outro nessa compreensão muda.

Lázaro estava chegando, chamado por Alexandrina, que não tolerava atraso, uma vez que o padre teria horário a cumprir.

— A minha bênção, pai – gaguejou Vicente.

— Sua bênção, filho!

Ao colocar a mão sobre os cabelos encaracolados do filho, quando seus olhos excursionaram sua face e seu pescoço, sentiu que algo havia acontecido.

— Taí! – querendo amenizar as coisas. — Não toma cuidado ao galgar as laranjeiras no pomar, né? Daí, dá no que dá, arranhando-se todo.

Ai, que alívio!... A deixa havia surgido. Não sabendo onde encontrou forças, Vicente pulou ao pescoço do pai e quase chorando gaguejou:

— Não pai. Antes fosse. Fui vítima de uma emboscada na porta da escola e andei brigando.

— Nossa!... Cumo foi?

Vicente cinematografou como quis, desculpando-se a todo o momento, sempre afirmando:

— Não sei o motivo. Não insultei ninguém. A briga foi começada por eles. Parece que não simpatizam comigo. Prometo ao senhor que jamais acontecerá fato igual. Vou tentar fazer amigos! Prometo!

Padre Joca, silencioso, compreendia os motivos que levaram os garotos a não simpatizar com seu sobrinho. Permaneceu calado e calado ficou até terminarem de tomar o café-da-manhã.

Lázaro, após um breve silêncio, desabafou:

— Mas... ocê num correu? Enfrentou os caboclos de igual para igual, né?

Lázaro, embora fosse uma pessoa educada, tinha o sangue ardente. Ainda mais quando via um de seus filhos, o caçula, ser agredido injustamente, segundo seu relato, no que confiava ser o verdadeiro. O sangue subiu-lhe à cabeça.

— Mas... ocê num correu? – tornou a perguntar...

O poema “I Juca - Pirama” do indianista e lírico escritor brasileiro Antônio Gonçalves Dias, que tanto admirava, aflorou em sua cabeça. Engoliu suas estrofes candentes. Absorveu-as como se ele fosse o “velho guerreiro” e, murmurando baixinho, com um afogamento inusitado nas faces, deglutiu em seco:

— “Tu choraste em presença da morte? / Na presença de estranhos choraste? / Não descende o cobarde do forte / Pois choraste, meu filho não és!”...

Intimamente, Lázaro debulhou-se em lágrimas, ao recordar as incisões do velho guerreiro tupi, ao incitar o filho a ir à luta contra os timbiras.

— Terminado seu café, levante-se – ordenou Lázaro a Vicente. — Coloque uma compressa de tintura de arnica, que Alexandrina guarda lá na despensa, nos hematomas.

Calmamente dirigiu-se ao seu quarto, onde apanhou a valise de viagem, tirando dela uma 22, arma de pequeno calibre e, voltando à sala de jantar, entregou-a a Vicente.

— Saiba usá-la. Pode ser que você não esteja falando a verdade, mas homem que é homem não volta pra casa covardemente surrado. De hora

em diante, bota isso em sua cabeça e aprenda viver em harmonia com a sociedade, fazendo ser respeitado, respeitando aos outros.

Vicente quase não teve pernas para se levantar, tamanha a surpresa que se apoderou dele. O primeiro impacto foi de recusar a dádiva, sentindo-se em seguida orgulhoso da responsabilidade que o pai estava lhe conferindo.

Isso aconteceu às barbas de padre Joca que pela primeira vez emudeceu diante de um problema, cuja solução não aprovava. Mas o momento não era de controvérsias. Como sempre, falou ocultamente: “o tempo irá ajudar-me a contornar essa situação. Não vou deixar meu sobrinho andar por aí apanhando, mas também não vou alimentar seu ódio, colocando mais azeite na fogueira. Ah! meu Santo Antônio, valei-me.”

* * *

E foi assim que o padre, conhecedor do fato, escorregou das palavras de Sô Emídio, concordando com absoluta convicção com o mestre Josino.

Professor emérito, um malabarista das palavras, com as quais formava figuras literárias de tal monta, que seria capaz de inverter até silogismos como o clássico de Descartes “penso, logo existo.” Ele, Josino diria: “sabendo que existo, é claro que penso.” No final, a essência é a mesma, porém, grosso modo, de repente, usava desse artifício sempre que desejava embaralhar as coisas. Quando não, para desarmar o adversário com quem debatia. Sobretudo, usava-o como arma de ganhar tempo para raciocinar. E geralmente professor Josino concluía sua argumentação, puxando o ar num dramático suspiro profundo, exclamando: “C’est la vie!”...

Sô Emídio farmacêutico, crítico estudioso dos devaneios do professor, que fazia de seus tangenciamentos armas de envolvimento a seu bel-prazer, também concordava, para não continuar muito ouvindo suas constantes desvencilhadas. Lembrava de que havia lido em revista maçônica um trecho em que o autor, com extrema sabedoria, dizia: “A palavra nada mais é que uma manifestação sonora do pensamento. Primeiro pensamos. Por último, expressamos. Daí a necessidade de saber dominá-la com cautela.” Lembrando ainda do aforismo do papa Pio XI, como meio de engrandecer o pensamento do professor Josino, citava-o: “Somos nós co-partícipes de todos os crimes que ocorrem na face da terra, oriundos de nossos pensamentos.”

Daquilo tudo, padre Joca tirava uma conclusão – o melhor mesmo para Nezinho era o seminário. Diria ao compadre Homero, que lhe havia levado o problema do afilhado, que, em vista dos acontecimentos últimos, seria uma leviandade deixá-lo contaminar-se, imiscuindo-se com tantos vícios a que a juventude orapronobiana estava sujeita. “Veja o horror a que foi submetido o Vicente, do Lázaro, meu irmão!...” – observaria. O horror maior, e o que mais temia, era o uso da arma que Vicente carregava sem nenhum preparo. Ainda não havia chegada a hora de mostrar-lhe a inconveniência de andar-se armado. O tempo corria e mais aflito ficava o padre.

A notícia corraera meio mundo. Foi só o Vicente mostrar a garrucha no coldre, para que todos os meninos, seus colegas, se amedrontassem. O pânico tomou conta de todas as classes da escola. A notícia se espalhou de boca em boca. Vicente, orgulhoso pelo respeito instalado em seu entorno, navegava em águas claras. O símbolo do domínio estava esquematizado no poder de fogo da arma que conduzia. O valor desse artefato está na qualidade de quem o teme. Os garotos nunca haviam encarado uma situação de tal monta.

O livro “Filosofia Concreta dos Valores”, de Mário Ferreira dos Santos, dormia havia muito tempo na estante do padre, impressado entre volumes de folhas amareladas. Resolveu folheá-lo, na busca de subsídio salvador, como sempre fazia. Abrindo-o na citação de teses, encontrou logo o que desejava, uma vez que era mais sucinta por parte daquele autor a exposição da axiologia em diversas partes do mundo. De Ortega y Gasset, na Espanha, lembrava-se: “a vida é sem valor; são os valores que lhe dão dignidade. A experiência estimativa não deve ser confundida com a experiência sensível. A cultura é ultravital; reside na negação do presente; é destrutiva da vida. Em vez da vida pela cultura, o que se dá é a cultura pela vida.”

Nietzsche trazia-lhe mais inquietação: “Nos impulsos dos instintos há os nobres e os baixos, e é preciso distinguir o covarde e o heróico. A virtude, como meio de alcançar a felicidade, é um ‘momento’ de perversidade profunda para o historiador dos valores.” (op. cit., p. 47).

* * *

O suco de maracujá foi muito elogiado por todos, envaidecendo Alexandrina. Só que acharam pouco. Só deu mesmo foi para aguçar mais a vontade. O padre, logo aproveitando o embalo, foi gracejando:

— Pôxa!... É melhor tratar de burro a pão-de-ló do que... – todos entenderam!

O problema, porém, não morreu por aí. Emídio retrucou logo:

— Na certa o padre deseja mesmo é ser tratado com o “pão da proposição”...

O pároco tomou logo o pião na unha:

— Não sou sacerdote judaico!... Você sabia?

Josino, meio bobo, desejava saber o significado do “pão da proposição”, inquirindo, assim meio sem jeito, uma vez que não desejava passar por professor burro.

Inteligente à beça, logo o padre, que estava maluco para distorcer o entrevero em que os dois se submeteram havia pouco, antes da maracujada de Alexandrina, fora logo exibindo-se:

— Na liturgia hebraica, cada um dos doze pães que os judeus levavam em oferta todos os sábados ao santuário, só os sacerdotes tinham o direito de comer. Por ocasião da Páscoa, o pão deve ser o ázimo.

— Arroto sabedoria! Gostei do proposição, mesmo sem prová-lo!... Uma pena eu não ser sacerdote, nem judeu – bafejou reticamente o professor.

— Nós – tomando a palavra, continuou o padre – temos aleatoriamente acreditado que somos os bons, rodeados de maus. Lázaro não entende isso. Fica embutido e nervoso quando o problema mexe com sua família, que para ele é sagrada. Já perguntei muitas vezes a ele: onde fica o amor universal e a fraternidade entre humanos? sejam eles ricos ou pobres, negros ou brancos, homens ou mulheres?!... A colheita é especificamente fruto do que semeamos. Somos livres para plantar. A colheita, entretanto, é positivamente imposta. Não se colhe feijão semeando milho. Este, jogado na terra amainada, agradece o trato, o que mostra na alegria de seus tenros pendões, balançando-se ao sopro da aurora que surge no campo, alvissareira, enfeitada pelos emergentes raios solares. A base é a base. Não sei onde li isso, mas aprendi essa verdade e não esqueço de aperfeiçoar meus sermões com essa brilhante sentença. A escola deve ser o complemento do lar – continuou, puxando o fôlego, pois já havia falado demais.

Não se contendo, entretanto, para não perder o fio da meada, explicou:

— Quando o lar está abalado pela tempestade dos alísios fortes, que só fazem ascender a poeira da incompreensão, é preciso que, através dela,

a escola pouse precisamente no lar desajustado, para completar sua atribuição de educar para a sociedade e não tão-somente para instruir. O aluno, fruto deste regurgitamento, por certo reverbera todos os ensinamentos, partam eles de onde partirem. O papel da instrução, como peça fundamental da educação, é importantíssima para uma juventude que vem descobrindo o mercado competitivo da vida. A educação integral, entretanto, é que fornece o combustível ideal para mover a vida em sociedade, feliz consigo mesmo. O país emergente necessita de sua juventude participativa, criadora por excelência de pesquisas sociais que reflitam a instrução, não só como arma de crescimento econômico, mas, sobretudo, crescimento social e cívico. John Dewey, definindo a educação, disse apenas três palavras: “Educação é desenvolvimento”. Gostaríamos de acrescentar, completando, com todo respeito, essa magnífica proposição: Educação é desenvolvimento integral, isto é, desenvolvimento físico, intelectual, psíquico, religioso-filosófico e até cívico. A Pátria como alma de seu povo deve ser cuidada carinhosamente, como a Igreja, que fundamenta seus princípios na “ordem”, para ser útil aos seus compatriotas, e no “progresso”, para emergir no contexto da universalidade da raça humana, fornecendo-lhe a energia que move a esperança de vencer o combate, para concretizar a felicidade do gênero humano.

* * *

Com essa Sô Emídio não contava. O final da preleção de Joca, entretanto, trouxe para ele alegria, no que tange à defesa que o pároco fez do positivismo de Augusto Comte, na complexidade de seus atributos nacionalistas. Espantado também ficou! Arreventou-se de desejo de apertar suas mãos lisas, onde emergiam duas protuberâncias calosas nas pontas do polegar e do indicador da mão direita, fruto do manuseio das contas de seu inseparável rosário.

Levantou-se. E, com aquele jeito de analisar as coisas com certa prudência, quando “por dá cá aquela palha” pudesse, durante uma conversação, surgir algum tema que envolvesse a estrutura da “arte real”, fosse ela essência, judaica, pitagórica ou positivista, não se cansava de bater na tecla ultranacionalista: “A Pátria é a família ampliada. E esta, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra; a disciplina; a fidelidade; a benquerença; o sacrifício... O povo ama a paz e a família, a segurança e a liberdade, a inteligência e a justiça.”

— Uai! – disse o padre. — Estava, quando você falava, pensando nisso! Esta citação – adiantando-se ao farmacêutico que ainda não havia terminado sua locução – do divino Rui Barbosa nos deixa clara a proposição de que é impossível conceber o homem sem Deus. Essa assertiva perdurará para sempre na imagem de nosso povo.

E concluiu, por fim, com toda a propriedade de quem sabia avaliar o que lia e o que ouvia:

— O soberano Rui Barbosa não era uma “pessoa”, mas um “programa”. Concordam?

Sô Emídio agradeceu a intervenção do pároco, ficando até meio caolho com a cultura humanística demonstrada pelo padre, que, diante do incitamento, despejou conhecimentos da doutrina pitagórica. Esclareceu que o ensino ministrado por Pitágoras era oral, pois em sua época era o livro algo raro. Havendo bases históricas, entretanto, capazes de conceder-lhe a autoria de “Hieros Logos” (O Discurso Sagrado), contendo suas teses doutrinárias, concebidas em símbolos, a princípio escrito em versos, foi vertido posteriormente para prosa dória. Na crítica ao discurso de Ovídio, nas “Metamorfoses”, Rostagni confabula ser ele uma tradução livre do Discurso Pitagórico. Nos “versos áureos”, encontramos reproduções de máximas que devem ter pertencido ao “Hieros Logos”.

Calcando a mão na prateleira de sua estante, agarrou o “Pitágoras e o Tema do Número”, p. 148, e cheio de orgulho dedilhou: “Quero cantar para aqueles que podem compreender; fechai as portas aos profanos.” “Jovens, adorai, num respeitoso silêncio, todas as verdades.”

Entre as últimas folhas desse livro, carinhosamente guardadas estavam várias cópias dos “Versos Áureos de Pitágoras”, numa tradução de Dario Velozo, do original francês de Fabre d’Olivet, que gentilmente passou às mãos do professor Josino e do farmacêutico.

Dividida, a obra estava perfilada em três estrofes, intituladas Preparação, Purificação e Perfeição.

Numa quase dinâmica leitura, professor Josino, de cara, pinçou em “Perfeição” o verso sétimo que lhe chamou muito a atenção: “(...) A Tétrada sagrada, imenso e puro símbolo, / Fonte da Natureza, e modelo dos Deuses, / Juro. Antes, porém, que a tua alma, fiel / A seu dever, invoque, e com fervor, os Deuses / Cujos socorro imenso e valioso e forte / Te fará concluir as obras começadas, / Segue-lhes o ensino, e não te iludirás: / Dos seres

sondarás a mais estranha essência; / Conhecerás de Tudo o princípio e o termo (...)” – “Pitágoras e o Tema do Número”, de Mário F. dos Santos, 1ª ed., 1959.

Emídio meditava... A filosofia daquele cura estava machetada de princípios desviados de sua doutrina fundamentalista imposta pela força dogmática do Estado Vaticano, o que não deixa de ser salutar. Todo mundo sabe que a doutrina pitagórica aproxima-se muito da qualidade de vida dos essênios, onde presume-se ter sido iniciado o Pai do Cristianismo – Jesus. A parte esotérica, como doutrina secreta, lhe era palatável e com muito sabor deglutia sua essência com certo júbilo.

Vai ver, pensou, padre Joca andou lendo Alexandre Dumas, “Memórias de um Médico” (1848), volumosa obra de muitos compêndios, onde aflora a vida devassa da corte francesa. Coloca toda sua filosofia no modo de pensar, de falar e de agir, na personagem de José Balsamo, pontificado na pessoa de um “ilustre pedreiro livre” que comandou a obra de soerguimento do povo francês, transformando a Bastilha em masmorra de combate aos vícios, à tirania e à prepotência da monarquia onde culminava “Le Roi Soleil”, Luiz XIV, que regurgitava imponência com sua célebre frase “L’État c’est moi”.

Emídio estava feliz. Ensaçou levantar-se e dar um tríplice abraço no padre. Se ele podia fazer isso, por que não dá-lo?... Poder, podia, embora não devesse, em respeito à convicção religiosa dele, e ainda por encontrarem-se na presença de estranhos no ninho. Abraçou-o sim, por que não? Abraçou-o com um tríplice sorriso de alegria. Erguendo-se da espreguiçadeira predileta que lhe era reservada pelo amigo, deu-lhe três tapinhas nas costas, sublimando com esse gesto a comunhão de suas idéias.

Padre danado!... Entendia de tudo. Praticava os ensinamentos da “arte real” como se tivesse viajado por ínvios caminhos cheios de obstáculos naturais, tendo por fim se sentado na Câmara das Reflexões, onde sentira o peso das responsabilidades que advêm dessa peregrinação. Admirava-o pelo valor que dava às adversidades que encontrava pela vida, encarando-as como fatores naturais, muito semelhantes às mudanças das doçuras em amargas, tão comuns nessa trajetória que nos é imposta pela própria natureza humana, concedida pelo Supremo Árbitro dos Mundos, que é Deus. Vez por outra, chegava à conclusão de que esse padre “brinca de esconder” com todo mundo. Nas tertúlias informais, despejava conhecimentos históricos muito a gosto do professor Josino, como as condições da

edificação do Templo de Salomão em Jerusalém. Perambulando pelas rugas da história antiga, encostado às colunas do edifício, dá de cara com a personalidade de Hiram-Abif, o mestre construtor residente em Tyro, comunidade grega de onde fora requisitado para coordenar a construção do Templo. Não sei onde arranjou uma pequena obra, comandada por Vinicius Romanini, na qual é colocada em dúvida a existência de David e Salomão. Desenvolveu uma comédia, como assim se expressava o padre Joca, acerca da verdadeira história do povo hebreu. O período salomânico (970 a.C. a 930 a.C.) ficou marcado pela construção do Templo de Jerusalém, em cujo altar fora entronizada a Arca da Aliança. Diz ele não haver registros históricos ou arqueológicos que provam a existência de Saul, de quem descende David, um líder tribal que conseguiu unir o povo hebraico, após muitas lutas intestinas, deixando como herança a seu filho todo o império por ele fundado.

Professor Josino surpreendia-se algumas vezes pelo seu pragmatismo. Dizia ele:

— Ô, padre danado! Mata a cobra e mostra o pau.

Assim, aproveitando a deixa e fazendo um pinguela entre Emídio e o padre, como era do seu feitio, concluiu sucintamente:

— Em nossa busca pela verdade, a síntese das coisas deve ser dominada, evitando, tanto quanto possível, digressões às vezes longas, sem nenhuma utilidade presente. Não há necessidade, muita vez, de percorrermos caminhos outros que não os que foram designados pela sabedoria de nossos antepassados, salvo se temos em mãos a força da prova concreta que venha diferenciá-las.

“A Bíblia – continuou ele – é o livro da Lei, assim como o Alcorão também o é. E assim como todos os povos edificaram suas civilizações, baseadas nos princípios religiosos que lhes foram calcados passo a passo pelos seus ancestrais, a civilização ocidental apoderou-se dos já sedimentados conceitos da cultura hebraica, baseados na descrição bíblica. São detentores de verdades que atravessam o tempo, como paradigmas da existência do homem na Terra, abençoada pela força espiritual de um Deus único, criador de todas as coisas. Os budistas, os confucionistas, os bramanistas, não descuidando dos candomblecistas, também glorificam seus dogmas, num anelo de respeito mútuo.

“Como – continuou ele – contestar a existência de Salomão? Seria quase como não crer na fundação de Jerusalém! Se não fora isso estar

enraizado na convicção de todos, não seria verdadeira a locução do cardeal Vicente Justiniano, ao penetrar no mosteiro de Santa Maria da Vitória, na vila Batalha, em Portugal – mandado edificar por D. João I em homenagem à batalha de Aljubarrota em 14.8.1385 – quando expressou: ‘Vidimus Alterum Salomonis Templum.’

“O filosofar é maravilhoso! Dá-nos condições de descobrirmos o que há e o que pode haver. ‘Todo juízo filosófico é, de certo modo, um juízo de valor’ é frase que engloba a natureza de presentear o horizonte da vida, não importando ser ele o do nascer ou o do poente.”

Em tese, tanto padre Joca como Sô Emídio concordaram com o professor. Emídio, mais do que o padre, adorava perorar no ramo da tecnologia filosófica. Daí argumentar que a dinâmica das transformações sociais, na construção de um império, está diretamente ligada a um processo político dirigido em consonância com as leis que regem o Universo.

Indo mais adiante, Emídio deitou sapiência:

— O Todo está na fase de expansão. Com as galáxias se afastando umas das outras em vertiginosa velocidade, está-se criando na mentalidade do primata superior que habita o planeta azul uma nova concepção de espaço e tempo, a partir dos estudos de Einstein, que coloca a energia como fonte da matéria, confundindo-a com esta.

* * *

O carrilhão indicara, com oito badaladas, que o tempo andara célere. Após mais um gole do café que continuava quentinho, sobrando um minuto ainda antes das despedidas costumeiras, o farmacêutico, para arrematar, reviveu Shakespeare: “Eu poderia viver recluso numa casca de noz e me considerar rei do espaço infinito.” (Hamlet, ato 2, cena 2). E encerrou-se a digressão.

* * *

Stephen Hawking, o papa da física moderna, motivado por estudos complementares, deu-se como entendido em analisar Shakespeare, ditando fala: “Hamlet talvez quisesse dizer que, embora nós, seres humanos, sejamos muito limitados fisicamente, nossas mentes estão livres para explorar todo o Universo e para avançar audaciosamente para onde até mesmo o ‘Jornada nas Estrelas’ teme seguir – se os maus sonhos permitirem.”

* * *

Dia seguinte, após a novena das dezoito horas, Homero bateu palmas para tão-somente avisar que estava entrando. Conduzia às costas um belo cacho de bananas ourinho. O padre, diante da “provocação”, nem acabou de pronunciar um olá-como-vai e sentou-se, deslumbrado. Sem prejuízo dos demais manjares, mesa do jantar já posta, metade do cacho daqueles saborosos frutos foi-se escorregando fauces abaixo, sem ruído.

Tanto conversava como comia. O monte de cascas ia subindo no prato onde deveria servir-se do jantar. Alexandrina rapidamente trocou o prato e levou o restante do que tinha sido um bonito arranjo da natureza, dispondo os frutos em uma simetria que só o Grande Arquiteto do Universo é capaz de conceber, para a despensa, junto à cozinha. Senão... não! Nada sobraria!

Nesse sentido ela era sábia. Mais tarde o padre iria queixar-se da dispepsia que o acompanhava desde a juventude, quando, enclausurado no seminário, deglutia teologia em abundância, esquecido de uma balanceada alimentação. Os médicos diziam ser consequência da solidão a que se entregara. Alexandrina tinha sempre em mãos, no canteiro de sua pequena horta, uma moita de losna, para socorrê-lo com um providencial chá daquelas folhas de gosto amargo, que nem quinino, que se toma pra febre maleita. Daí, correr em guardar a munição de bananas para outro dia. Ficava doida quando o irmão começava a gemer com suas crises de empanzimento e queimação, esôfago adentro.

O padre, por sua vez, era tão desobediente quanto amante da boa comida. Culpava a irmã pelos seus quitutes. Dessa vez, porém, deu uma desculpa tão esfarrapada, que até Sô Homero sorriu quando ele começou a falar, justificando-se:

— Imagine, preciso de apenas quatro “ourinhos” dessas para equivarer a uma “prata”, ou mesmo uma “maçã”, então, não exagero. Fica tudo normal. Alexandrina, compadre, é que fica com ciúmes, com receio do jantar voltar quase intacto. O que não haveria de acontecer, pois nesta pança – e mostrava a barriga – caberia também o cacho todo, até com o umbigo roxo dele, se ocê o tivesse trazido junto – brincou.

Estava justificado. Que era quase insuportável ver Alexandrina carregar o resto do cacho, era mesmo! – conjecturava o padre. Seu sabor era tão privilegiado quanto o das mangabas que o Benedito, garotão

já-nascendo-espóra, filho do Geraldino Cabeceira, ali do largo do Jenipapeiro, vez por outra levava para vender ao padre. Conta ele que o pároco, ao vê-las, seus olhos mostravam um brilho diferente. Longe da censura de Alexandrina, debruçava-se a devorá-las. Começava a saborear pelas menores, como todo bom mineiro, de quem se diz: “não saber comer mingau senão pelas beiradas.” E assim fazia. Goiano de nascimento, nem disso se lembrava mais, adorava ser qualificado por mineiro, numa gratidão ao solo que abrigara a ele e a sua família.

Enquanto as comprava, ia experimentando e especulando o menino, que muito tagarela ia-lhe relatando tudo que se passava pela redondeza. Assim o cura matava dois coelhos com uma só cajadada. Fartava-se, saboreando os magníficos frutos que o garoto lhe oferecia e, ao mesmo tempo, municiava-se com suas informações acerca do que se passava na comuna. Formava com isso um precioso documentário, que lhe valeria como subsídio em suas rotineiras obrigações no confessionário paroquial.

Servia-se desse arquivo, inteligentemente guardado em sua memória, para ajuizar as penitências capazes de solver os pecados cometidos aqui e ali, dentro de seu rebanho. Para o menino, era bom ficar martelando conversa, pois vendia o prato todo de mangabas ali mesmo, sem necessidade de andar muito.

Acabadas as frutas, o prato limpo era devolvido e só assim, ainda com as mãos meio lambuzadas, enfiava-as no bolso fundo da batina e de lá tirava uma pequena bolsa de couro cheia de níqueis. Escolhia um de quatrocentos réis e pagava o garoto, dizendo-lhe:

— Quando for colhê-las, escolha as maiores e traga-as novamente para eu as comprar – e jogando as palavras, para retirar o mea-culpa, concluía: — Alexandrina adora esta dádiva de Deus, a chapada, onde a vegetação encara o fogo das queimadas de agosto com altivez, sobrevivendo, cada vez mais bela!... Alexandrina?! Quá!... Alexandrina sou eu mesmo.

Às vezes, ela nem tomava conhecimento destas estrepolias do irmão.

Dia atrás, numa conversa com Sô Homero pela hora do jantar, havia sugerido a internação do afillhado em um seminário. Argumentava ele:

— Ser ordenado, só dependerá de Nezinho. Se ele não quiser... nada feito. Poderá voltar a integrar-se à comunidade profana sem nenhuma recriminação dos seus ex-mestres. A suprema escolha será da sua inteira vontade! Da vontade de sua alma. Para isso será preparado, podendo enfrentar a escolha com a serenidade natural dos justos para consigo mesmo.

Homero já sentado à mesa deglutia gulosamente, pois já havia merendado com tia Teca uns bolinhos de arroz com uns taquinhos de lingüiça. Atentamente ouviu o compadre Joca, que foi logo entrando no assunto que se fazia necessário, que era o estudo do afilhado Nezinho.

— O Caraça está fora de cogitação, compadre. Além de ser muito rigoroso, está localizado numa parte da serra da Mantiqueira onde o inverno é constante, e mais ainda: são quatro dias de viagem para chegar-se lá, se São Pedro não abrir as comportas do céu, alagando e tornando toda a estrada um atoleiro sem fim. Se isso vier a acontecer!... Aí sim, serão de doze a quinze dias de viagem, perante os imprevistos e desastre de trem que sói acontecer por aquelas bandas.

Falou pausadamente, com saudades de seu afilhado, como se na verdade já tivesse ele viajado há muito tempo.

Em se tratando do Caraça, só o nome assombrava os jovens. Bastava um deles ser apanhado em falta que os pais já ameaçavam:

— Cê vai vê! Mando-te para o Caraça!

A propósito, levantando os olhos das páginas de um jornal, o padre comentou:

— Compadre, que coincidência! Acabo de ler aqui no “O Jornal”, chegado pelo correio de ontem, um anúncio do jornalista Assis Chateaubriand, em que ele promete lançar seu livro “Terra Desumana” em poucos dias, digerindo e execrando as mazelas do governo de Bernardes. Para isso, só está aguardando a posse de Washington Luís, esperando uma melhor ocasião que não a presente, cheia de agressões e prisões feitas pela repressão que vem imperando no atual governo. Em seu resumo, ele parte da tese de que o Caraça desenvolve um sistema educacional austero por demais, contaminando a formação do caráter de seus discípulos. Isso deve ter acontecido com Bernardes, um de seus alunos ilustres.

* * *

Mais tarde, teve-se a nítida idéia disso, analisando a obra de Domingos Meirelles, em seu “As Noites das Grandes Fogueiras”, onde destacamos (p. 597):

Terra Desumana desenvolve a tese de que a personalidade autoritária de Bernardes nada mais é do que o resultado de austera educação familiar

aliada à rígida formação religiosa recebida durante os anos em que estudou no seminário do Caraça, em Minas Gerais... Chatô atribuía também responsabilidade na formação desse tipo de caráter à própria localização geográfica do Caraça, confinado entre montanhas, sem desprezar a influência que a pesada arquitetura do seminário certamente exerceria sobre a alma das pessoas que viviam entre suas paredes... Foi nesse ambiente de claustro, “onde a palmatória passava de aula em aula, de salão em salão, de recreio em recreio, nivelando a todos com seu avassalador domínio”, que transcorreu a adolescência de Bernardes. À entrada do colégio, à primeira intriga anônima, culpados e inocentes, em forma, estendiam a mão à “Santa Luzia”, como a palmatória era chamada.

* * *

— Por falar em Caraça — animou-se o padre, partindo para uma conversa mais amena —, vou contar-lhe uma estória que é lembrada por muitos, envolvendo um filho aqui da terra. Trata-se do rapazinho Pedro Torres.

“Do povo, ele só recebia elogios, pela sua inteligência colocada à prova em muitas circunstâncias. Filho de família abastada, afazendada na Bolívia, distrito de Capim Branco (Unaí), trazia os pais sempre sobressaltados, pelas suas estrepolias. Numa dessas, resolveram educar o garoto sob total rigidez, com receio de mais tarde vir ele a dar-lhes maiores aborrecimentos por condutas ínvias. Mandaram-no para o Caraça.

“Conta-se que desejou ele furto o vinho da adega dos padres, mais para desafiá-los do que mesmo por gostar de bebê-lo. Estudou com carinho o ambiente, chegando à conclusão que, no vasto dormitório, sua cama situava-se sobre a adega que ficava no porão do casarão. Por coincidência, havia um emenda de tábuas ali. Era só levantá-la, abrindo assim uma pequena fenda que dava para passar uma garrafa dos desejados vinhos. Armou-se de cordonetes e com maestria construiu uma alça dupla, de modo que pudesse, puxando uma de suas pontas, enlaçar perfeitamente uma boa e escolhida garrafa do tinto. Assim, por muitas e muitas vezes, conseguiu abocanhá-las.

“O diretor do almoxarifado do seminário começou a dar falta de algumas garrafas. Inquérito instalado internamente na congregação, nada encontraram que pudesse desabonar a conduta de qualquer irmão, causando entretanto constrangimentos. Resolveu-se então nomear um irmão para dormir nos aposentos da adega, com o fim de desvendar o mistério.

“Numa noite, ainda não tinha adormecido, quando ouviu um ranger meio abafado no teto da adega. Por visto ou não visto, entesou as orelhas mais ainda e abriu os olhos, quando vislumbrou uma pequena corda que descia, rumo às garrafas de vinho. Quietamente permaneceu até que uma delas fora enlaçada e já prestes de sumir, quando, munido de uma tesoura, o abade cortou o laço. Marcou mentalmente o local e subiu às pressas ao dormitório, onde roncava compassadamente quem?! – o Pedro. Chamou-o pelo nome e nada de acordá-lo. Passou a sacudi-lo energeticamente até que o garoto, meio dormindo ainda, abriu a boca num prolongado bocejo e perguntou afobado ao padre o que estava acontecendo. Em seguida, protestando por tê-lo acordado, disse: ‘Estava no melhor sono, padre, e o senhor vem me acordar? Estava sonhando que orava muito, utilizando as orações que o senhor me ensinou. Com muita dificuldade puxava uma alma para o céu, livrando-a do fogo do inferno. Nessa árdua luta, quase vencidos os obstáculos, subitamente apareceu um capetão vestido de batina, contendo na mão uma grande tesoura incandescente e cortou a corda onde estava agarrada. O senhor, acho, foi quem estragou meu sonho! Acordou-me na hora H!.. qui malvado!..’

“O padre ficou estupefato com o relatório do menino. Como pôde inventar uma estória dessas, tão concatenadamente contada?!...

“Examinando o assoalho debaixo da cama, encontrou a prova do crime, com várias garrafas inteiramente lacradas. Era mesmo apenas uma brincadeira do garoto. Não usou a palmatória três-buracos, a temida ‘Santa Luzia’, na hora. No íntimo estava boquiaberto com a inteligência do menino. Levando entretanto o problema ao prior, não teve como conter a ira deste, sentida mais pelo propósito de ter sido fator do constrangimento desencadeado na congregação, do que mesmo pelo fato da traquinice do peralta do Pedro. No mesmo momento foi lavrada a ata do cancelamento de sua matrícula, mais como válvula de escape, uma vez que estava em julgamento o valor da disciplina do seminário, que era o forte da fama do colégio.

“Pois num é que Pedro chegou aqui ventando bravata – concluiu padre Joca. — Ágia como se fosse um guerreiro que tinha fugido da prisão em que fora encarcerado pelos seus pais. Soltava entusiasmo de vencedor pelas ventas, estando pronto para novas aventuras, como ele mesmo propalava...”

Padre Joca, ainda, como gostava de fazer quando pegava um para encher-lhe os dias, andou contando mais estrepolias de Pedro, agora já como homem feito.

— Pedro tornou-se um panfletário, mais como gozador dos políticos do que mesmo se importando com o desenvolvimento de sua cidade. Fez da fazenda Curralinho, de propriedade de seu cunhado João Macedo, a sede do seu escritório, onde passava o dia agendando seus folhetins maliciosos. À noite vinha à cidade e colocava os pasquins por debaixo das portas dos políticos mais importantes do município, voltando para a fazenda. Passava a semana só assuntando como reagia o povo, para de novo voltar a atacar. Jurado de morte fora por muitos, em muitas vezes. A clandestinidade porém o salvava. Além de inteligente, era atrevido, não se sabendo ao certo se era atrevido por ser inteligente. O certo é que em uma dessas noites estava ele de regresso à fazenda do Curralinho, quando desabou uma daquelas trombas-d'água, que há muito tempo não se via por aquelas bandas. A estiva da ponte do rio Escuro fora levada pela enchente, que arrastou toras de madeira e garranchos, acumulando-os na curva do rio, represando-o por mais de dois quilômetros. Da estiva só restou a viga mestra, a mais larga de todas, uma prancha de aroeira lavrada.

“— E agora? — disse ele.

“Sua montaria era um burro da cor de pêlo de rato, orelhas pequenas, que andavam sempre entesadas, perscrutando o que se passava em seu redor com uma atenção invulgar. Não era todo acinzentado. Tinha a ponta da cauda meio ‘fogueio’. Mas o que mais o assinalava era ser treteiro que nem ele só. Quando alguém o pedia emprestado, Pedro o arreava e mandava o peão montar. Ninguém conseguia fazê-lo, uma vez que Pedro ensinara-o a negar estribo de rodeio. Pensa-se até que era o Pedro que passava pra ele toda sorte de safadeza. Comia onde queria. Cerca de arame farpado não o segurava. Deitado debaixo do último fio, ia de costas, escorregando até do outro lado. Onde houvesse um capim verdinho que dava água na boca, o bicho tava lá... Ô, burro danado!...

“Pois não é que Pedro mediu mais ou menos a largura da prancha e, alisando sua crina, andou conversando baixinho com ele. Tinha o ensinado a passar em mata-burro... por que não ali? Cutucou devagar as esporas na ilharga do animal, fazendo-o romper a marcha. O danado nem refugou. Saiu como se tivesse andando na campina sem pedregulhos ou ramos para atrapalhá-lo! Trocando as patas, como que desfilando em uma plataforma, respiração presa, resfolegou bravo, soltando o ar pelas ventas, quando pisou

em terreno firme outra vez. E saiu troteando como de costume, doido para chegar em casa, como toda montaria faz, ao perceber estar chegando ao pouso.

“Quem entrou em transe foi o Possidônio Lopes da Trindade, o vaqueiro, quando ouviu o ranger da cancela do curral que, solta, deu aquele ruído característico de encontro ao seu batedor. Colocando a mão na testa, à guisa de um sombrero para melhor enxergar, cobrindo a luz da lamparina que conduzia em uma de suas mãos, divisou o Pedro, que soltou seu grito de guerra, de todos os dias:

“— Ó, Pô! – abreviatura de Possidônio – desarreia este animal que vou dar-lhe um pedaço de rapadura como recompensa pelo que fez. Puxa! Cê nem queira saber que bicho valente – e dizendo isso, caiu nos braços de Pô, beijando-lhe a testa. Bem nem tirou a capa que estava molhada até a pala, já estava com a forragem pronta para dar ao seu amigo, o burro.

“— Num credito! – falou consigo mesmo o vaqueiro. Se eu vi a ponte rodar na enchente, como é que ele passou?! Isto só pode ser coisa do outro mundo – levantou e foi ver de perto se não estava sonhando. — É cê mesmo, Pedro?! Home, num falo, cê é doido mesmo, num tem jeito!”

* * *

A essa altura, padre Joca voltou cuidadosamente, usando toda a perspicácia que Deus lhe dera, a fazer o compadre Homero entender o quão difícil seria Nezinho absorver os problemas que na certa adviriam com a vida fora de casa. Isso seria uma conseqüência do agarramento que ele tinha com o tio!... Como era para ele melindrosa essa questão! Com cautela, enchia lingüiça, amassava barro com os pés, e não “chegava aos finalmente”. Até que desandou: por mais que a pessoa se interessasse em estudar, os primeiros embates eram duros. A todo momento, invadir-se-lhe-ia, por certo, aquela vontade de jogar tudo pelos ares e retornar ao seio de sua casa, de sua família, de seus entes queridos. A única coisa que ainda poderia retê-lo, de isso não fazer, seria o amor próprio, inabalável, de mostrar-se forte, perante seus co-munícipes.

E continuou, numa lengalenga macia, procurando contornar o mais possível as tensões havidas, nesse quiproquó que parecia não ter fim.

* * *

— Como temos parentes em Uberaba, seria bom levá-lo para um lugar onde ele possa sentir-se em casa. Assim, ele estará ao abrigo de iniciais incertezas que advirão com o treinamento, que é comum, nesta fase preparatória, produzir forte depressão. O estudo é detalhadamente cheio de abstrações, envolvendo perenes meditações. Como Lázaro estará retornando por estes dias, falarei com ele para levá-lo, se você e Teca acharem conveniente. A oportunidade é ótima. O problema de sua viagem está intrinsecamente relacionado com sua resolução de levar Vicente consigo. Se isso acontecer, Vicente vai perder, por certo, o ano. Vamos ver, compadre, como o Lázaro se comporta. Uma decisão inoportuna poderá acarretar prejuízos irrecuperáveis à vida do filho, podendo afetar inclusive o seu comportamento futuro, se lhe forem concedidas asas, né?!... Lembre-se de que já falamos sobre seu comportamento em Uberaba junto com seu irmão Geraldo? Misturaram estudos com esporte, dedicando-se mais a estes que àqueles, causando um sério embaraço na preparação para a universidade, que era o sonho de toda família.

A essa altura, despontava o Uberaba Sport como o time de futebol bicho-papão do Triângulo Mineiro e redondezas. De Orapronóbis, tinha em seu quadro o centroavante Gil Botelho. Era filho mui querido e esperança do farmacêutico Anísio Botelho, o único formado na cidade. Estudante do famoso colégio Diocesano, juntava-se aos jogadores do primeiro time, onde era um de seus destaques. O Juca Pato, extrema-esquerda, era o ídolo da moçada, inclusive de Geraldo e Vicente, que já jogavam no quadro reserva. Espelhados nos dribles desconcertantes do extrema-esquerda, goleador nato, envolviam-se mais e mais com o esporte, para desespero de seus pais.

O jogador de futebol era visto pela sociedade de então como marginal e malandro, que não gostava de trabalhar para viver.

Os dois irmãos, Geraldo e Vicente, fugiam da escola para abraçar a bola de cobertão, presenteada ao clube por um criador de gado zebu, coronel Borges, apaixonado virtuose das peladas do clube emergente. Com essa, a coleção do clube já contava com seis bolas daquele tipo, uma relíquia para aqueles tempos. Eram constituídas de uma câmara-de-ar em formato de balão, que era colocada dentro de uma esfera de couro. Ato contínuo, cheia a câmara por uma bomba de encher pneus de bicicleta, era o cobertão costurado com uma correia fina.

Ai do jogador que, ao cabeceá-la, encontrasse essa costura que sempre ficava saliente na sua superfície... Sempre trazia incômodos, quando não abria alguma brecha na testa do jogador.

* * *

— Padre! — adiantou Sô Homero — num tinha falado ainda ao Nezinho sobre este assunto de mandá-lo estudar fora. Nem havia lembrado desta possibilidade de poder interná-lo no Diocesano em Uberaba ou em um seminário onde houvesse uma vaga. Estava sumamente preocupado com sua reação, quando lhe fosse anunciada essa decisão familiar. Por esse motivo é que tô batendo em sua porta, novamente com a confiança que o compadre me concede. Teca, minha mulher, num apreciou muito essa escolha. Acalmou-se mais quando sentiu uma pequena esperança dele refugar a ordenação e voltar estudado, mas livre da peia sacerdotal. Com a permissão da palavra, só o senhor, compadre, poderá dizer do imenso sacrifício que representa o sacerdócio, né?

* * *

Nezinho nem desconfiava da arapuca que lhe estavam armando. Continuava sua vidinha de sempre, cavalgando pela serra e pelos vales à busca de alguma rês tresmalhada ou mesmo da cria que foi parida e escondida pela mãe em alguma capoeira. Não tinha entretanto a alegria costumeira, aquela alegria espontânea, irradiada no seu agir diante de algumas brincadeiras dos demais companheiros da lida na fazenda. Por vezes se agastava à toa. Por motivo de “qualquer palha” se azedava. Taciturno, andava pelos cantos, agindo como sonâmbulo até. Executava as tarefas com indiferença. Mesmo rei que era do laço, perdia vários boleios ao jogá-lo. Costumeiramente apreciava laçar pelas pernas traseiras da rês, na corrida pelo curral. Agora, de vez em quando, perdia até a laçada comum, que caía na cabeça do garrote negador-de-corda, argolando um só de seus chifres, dando-lhe condições de desprender-se com apenas uma sacudidela de cabeça. Chateava-se com essa sua imperícia. Derrubado o pinguelo, era nele que descontava seus abafos, peando-o com rigidez, às vezes com certa crueldade, não se importando com seus berros. Nem parecia o vivaz menino que brincava com os bezerros na casa onde os abrigava, com aquele entusiasmo e carinho de antigamente. Em outros tempos, a cada um colocava o nome que mais se assemelhava com o da mãe.

Sô Homero e tia Teca o entendiam. A imagem de Urias não desgrudava de sua cabeça. A todo momento surgia a pergunta quase insolúvel:

— O que eu poderia fazer em seu favor?... Nada — surgia a resposta. — Sou incompetente, quase analfabeto! — e assim martelava a cabeça à procura de uma saída que fosse positiva.

Essa luta que travava consigo mesmo perdia-se no infinito, até que, de repente, estalou na cabeça de Nezinho o nome do “benzedor” famoso naquela redondeza, o João Fumaça. Era ele bom de benzedura de bicheira nos animais. Já tinha curado uma vaca que tinha uma no rabo, junto ao entrecosto de seu “nascedô”! A coisa mais difícil de sarar! E assim, foi pensando:

— Vou agir é sozinho... Se falar com tio Homero, vai ele achar ser uma bobagem. Não acredita de vez manera.

Sô Homero dizia que quem curava era a ação do benzofenol ou da creolina Pearson, que o João Fumaça mandava colocar na bicheira após o ritual da benzedura. Ele, Nezinho, acreditava, pois tinha visto “com estes olhos que a terra há de comer”... Dizia ele:

— Eu vi as larvas despencarem no chão, logo após os ramos de arruda secarem em suas mãos. “É a ação da creolina” – repetiria Sô Homero! — Tinha certeza que ele iria falar isso.

Nezinho acreditava na força da benzeção, porém não desejava contrariar o tio. Por isso guardou para si a resolução de ir à procura do João Fumaça, o benzedor mais chamado naquelas cercanias todas. Até mudar a cascavel, moradora velha de uma fazenda para outra bem pra longe, ele fazia. Dependia só do uso do ramo que ele utilizava. Serviço de solução mais difícil era preciso ser ele de grelo de aroeira madura, por ser mais forte. Nos demais “causos”, como nem sempre havia pé de aroeira nas proximidades, benzia balançando em cruz três ou sete ramos de assa-peixe branco mesmo. Usava-o por ser um arbusto resistente, vicejando na terra cansada das taperas, cobrindo-a nas floradas como um tapete suspenso, onde o zumbido da jataí na captação do pólen para o fabrico do mel era a música que se ouvia no silêncio junto ao mormaço, trazendo uma sensação de se estar perdido no mundo dos sonhos e dos devaneios. Era um clima mui propício para magia e crença do sobrenatural, o que o João usava com sabedoria nata. Energizadas pelos raios solares, as plantas transformam-se em fontes de alcalóides capazes de fornecer meios de cura de enfermidades as mais diversas. Nezinho empiricamente sabia algo sobre o poder das plantas. Pois não era no mel da jataí, criada junto às flores do assa-peixe que tia Teca, misturado ao leite de égua, ou à banha de galinha, dava às crianças da fazenda, para abrandar as tosses, até da coqueluche? Só que ela recomendava não tirá-lo senão quando não havia mais o saburá amarelinho, por dar dor de barriga quando misturada aos favos. Recomendava ainda

procurar uma colméia construída no oco de uma peroba-rosa ou de um ipê-branco que jazia sozinho, sobrevivente da queimada das coivaras, no prenúncio do preparo da terra para o plantio.

A banha de galinha era guardada em cântaros de barro para ser conservada a uma temperatura baixa.

* * *

João Fumaça, antes do Nezinho chegar, pelo atropelo de sua montaria, ressoado no esteio da cumeceira de pau-d'arco-de-pipa, bom condutor de som, já arribara à porta do rancho onde morava. Era seu costume, quando qualquer cavaleiro passasse ao largo de sua porta, já ele estava gritando:

— Olá, amigo!... vamo tomá um cafezinho!... – mostrando o coité da bebida fervente.

O fogão de seu rancho estava sempre aceso, com a chaminé desprendendo fumaça em abundância aos céus daquela clareira de mato seco e ralo. Daí ser conhecido pelo apelido de João Fumaça, que até gostava de ser assim chamado, como se ela, fumaça, desse-lhe *status* de vida, sem dificuldades para sua manutenção e de sua companheira. Vivia apertado, mas feliz, dizia ele aos mais íntimos.

* * *

Nezinho nem sentiu quando o baio encostou na porteira. A montaria reservada de tia Teca, que ele havia pego na internada da porta, era acostumada a aumentar o galope quando aproximava-se de qualquer morada de retireiro. Era naquele animal que tia Teca levava o amor, o carinho, os medicamentos e, sobretudo, seu carisma, que dava segurança às famílias dos agregados que mantinham a fazenda acesa no trabalho. O baio era pois o xodó de tia Teca.

* * *

— Ô... padinho! – gritou Nezinho, bem não tinha apeado. — Sua bênção!

João permaneceu em pé, escorado no portal da única entrada da frente do rancho. Na mão esquerda tinha um coité, de onde saía fumegante vapor, de odor desprendido da mistura da rubiácea com sementes de fedegoso,

leguminosa nativa, amante de terreno pedregoso sem ser árido, no local em que se situava o pequeno albergue onde acotovelava-se com sua Dama – era assim que João gostava de apelidar sua esposa.

Não foi ao encontro do Nezinho. Andava meio cambaio, uma vez que fora atacado de bicho-de-pé, quando teve de ir à pocilga da fazenda Mundo Novo fazer uma benzeção difícil. Lá, a canjiquinha aparecia na carne de todo capado abatido. Era uma dó de se ver a contaminação. Às vezes até no músculo do coração ela estava instalada, a tal da canjiquinha. Sô Leão, dono da fazenda, já tinha feito de tudo. Colocara benzofenol nas narinas da porcada toda. Tinha feito simpatia com pedaço de baeta, impregnada de urina de porca prenhe, pendurada na cumeeira do chiqueiro, misturado à ração de milho e fubá chifre queimado de bode erado... Nada! Nada valia. Só benzeção forte, diziam. “Parece até encosto – cruz credo – de coisa ruim que num queria ir embora nem com novena.” A carne contaminada era jogada fora, só se aproveitando a banha e o toucinho, muito bem examinados. Qualquer diferença apresentada, iam para a tacha de fazer sabão de decoada.

Fumaça, chamado, fez seu ritual costumeiro. De começo, lembrou de um “causo” acontecido lá no Olho-d’Água...

— Quase iguar – dizia ele – onde o filho, dotô médico, mandou tratar de todo mundo com semente de abóbora madura! Aprendi a receita e taquei brasa. Dei uma de entendido e agi com categoria: esse remédio é a salvação da pátria...

Após isso, ordenou a secagem de sementes de abóbora moranga pra todo mundo comer em jejum. Fosse quem fosse havia de comer a semente, calculada mais ou menos uma colher de sopa, bem cheia, pela manhã em jejum, durante três semanas. Falava convicto:

— O encosto tá brabo! cumo num sei em qual docês ele tá aproveitando, é preciso que todos entrem na roda, cumeno o “contra-ele”, logo de manhãzinha. Aos porcos de porta, alimentá-los tumbém com a abóbora muranga madurada, duas vezes ao dia, cortada em sete pedaços, durante sete sumana. Lá no Pedróca Neiva, foi um tiro. É simpatia qui num fáia. Se num fizé sete sumanas num dianta. Aí é preciso cumeçá tudo de novo. Pra encosto brabo – soletrava ele – simpatia braba.

Segundo João Fumaça, as ordens foram cumpridas e bem administradas. O problema maior foi ter de colocar o carro de boi na estrada para colher abóboras nas palhadas circunvizinhas, uma vez que não havia

fruto que chegasse. Como as aboboreiras alastravam-se, cipoando por entre o mato invasor, a colheita era penosa. Toda hora Sô Leão estava recomendando aos carreiros para terem cuidado no apanho, “pur causa qui” – falava – “bicho mau escolhe estas moitas para esperar seu cumê”.

O resultado tinha sido imediato. Gostava ele de relatar tintim por tintim essa sua façanha. Como havia prometido a Sô Leão, tinha ido lá para rezar a ladainha do fim das sete semanas, tendo deixado, felizmente, tudo na santa paz de misericórdia.

— Agora tô aqui cambaio qui nem boi de fricira, mancano pur conta dos bicho-de-pé qui arrumei lá – queixava-se ele. — A sorte é que Dama, minha muié, fez um serviço bão com a agulha de custurá saco bem amoladinha. O pió, num conto: é bicho que enrosca por debaixo da unha e que é preciso dexá criá barriga pra cutucá ele de vez. Tô andano à custa de cataplasma de erva-de-santa-maria, qui tá tirano a inflamação. À noite, hora de ir pru catre, tô banhano com chá de arnica. Tá dano certo. Mas, pur mal pergunto, qui ocê pruçê ainda não entrou pra dentro? A casa num é boa mas tem café. Socê quisé, Dama traz outro cuité procê – falou carinhosamente com o menino.

A sabedoria empírica era a arma de que se valia, não sabendo ele que na pevide da semente da abóbora há um poderoso vermífugo, capaz de matar *Taenia solium* – a solitária – como é designada vulgarmente. Não sabia João que estava administrando o remédio certo. O problema estava enraizado nos moradores dali, uma vez que, infectados pela teníase, depositavam fezes, com proglótides maduros, nas moitas onde por ali o porco pastava, tornando-o, assim, o hospedeiro intermediário. Com o escólex da tênia alojado numa espécie de cisto, plantava-o, formando a cisticercose – a canjiquinha –, disseminando-o em seus músculos. Neles hiberna, à espera de ser deglutido pelo homem, concluindo assim o ciclo da contaminação.

As orações faziam o resto. Uma vez que desencadeava uma fé extraordinária naquela gente sofrida com as adversidades do campo, era fator determinante da esperança – o dia de amanhã seria sempre melhor que o de hoje. A confiança cega no valor das orações, cantadas naquele ritmo dolente pelo “tirador”, trazia-lhes o conforto e a segurança que tanto almejavam receber. Nas situações de desencanto e de perene espera do que poderia acontecer, quando a aurora do dia seguinte despontasse, com os raios solares emergindo por detrás das cercanias e dos montes pelados, pelas constantes queimadas de agosto, era sublime vê-los tão esperançosos!

Um surto de progresso, como se fosse uma dádiva divina, soprou por aquelas bandas, diante do fato que foi narrado. As infestações, quase epidêmicas, não só por vermes, mas também pelo *Trypanosoma cruzi*, transmitido pelo *Triatoma infestans* – o vulgar barbeiro –, causador da moléstia de Chagas, chamou a atenção do governo, pela boca dos médicos da cidade, doutores Cândido Ulhôa e Ademar da Silva Neiva. Conseguiram eles que a Secretaria de Saúde alongasse o trabalho que vinha sendo feito pela Sucan no combate à malária endêmica na bacia do São Francisco. A cidade também estava infestada. O barbeiro aninhou-se nos ranchos do bairro Paracatuzinho, constituindo ali um *habitat* natural. De imediato, criaram-se postos de vanguarda para todo o município, no combate a esse flagelo. Fora dado prioridade à Chapada, onde a média de vida não passava de quarenta, quarenta e cinco anos, em virtude de cardiopatias insulares com extensões para megacolo e megaesôfago, tão comuns nas tripanossomíases americanas.

Em virtude disso, o mata-chupão, além do inseticida que usava, também aconselhava os retireiros em geral a cavar fossas negras e latrinas para erradicar a verminose, sugerindo-lhes ainda não andar descalços. A Chapada transformou-se num celeiro regional, com produtos de primeira grandeza, como o requeijão de bexiga e os queijos de dona Marieta de Sô Sílvio de Melo, da Capoeira Grande; a pinga Creolinha e a rapadura de Adílio, da fazenda Crioulas; a manteiga, o açúcar de turbina, a marmelada, a goiabada, o beiju de goma, a farinha de mandioca torradinha, de Julieta e Chico Pinheiro, da Santa Maria; o toucinho, a carne do legítimo curraleiro pé-duro, seca ao sol, de Juca Bupil, das Campinas; o lombo defumado de porco, de Nonô José de Souza, da fazenda Moreira; só assim seus moradores respiraram fundo e sentiram amparo para que crescessem mais, produzindo mais, e chorando menos as mortes de seus queridos chefes que, livres das endemias, estenderam o período de vida bem além de mais um terço do que a média antiga.

* * *

Nezinho já tinha conhecimento da estória da fazenda Mundo Novo, através dos campeiros que andaram por aquelas bandas atrás de novilhos que desgarravam da boiada vinda de Goiás e ficavam de arribada, tão logo transpusessem a vereda da Lagoa Torta.

Sabia ainda do poderio do “padinho” João! Disso ninguém duvidava. Respeitado por todo mundo, era ele o padrinho de uma penca de gente que não acabava mais...

Não sabia, entretanto, como era tão poderoso e tão pobre. Não cobrava nada pelo serviço que fazia! O negócio dele era levar pra casa um quarta de farinha, às vezes uma quirera de mandioca, um bom lanho de toucinho, duas medidas de feijão-mulatinho. Como arroz naquelas paragens era de pequena produção, só arranjava mesmo uns dois litros. No mais, algum rebotalho de carne, orelha e pés de porco para enfeitar a panela de feijão aos domingos.

Os “trabalhos” feitos, quanto mais satisfação proporcionavam aos interessados, mais João Fumaça era provido de mantimentos. Inda tinha as refeições que fazia no local deles, não falando do esquento, que tomava em goles pequenos, da boa marafo, que ao final do último trago era bochechada, e o pouco restante cuspidado em cima da labareda do fogão para ativar a chama. Nesse caso pronunciava palavras ininteligíveis, fazendo mistério. Não dava para entender o que pronunciava. Só se percebia uma zoeira meio longe... Os paus-d’água oferecem sempre o restinho do trago aos santos, jogando-o no cantinho, ao pé do balcão da espelunca a que chamam de venda. No caso do João, ninguém sabia a quem ele oferecia o resto da aguardente de engenho.

Tinha certeza entretanto que o trabalho que realizava com amor e carinho contaminava a si próprio, fazendo-o acreditar ser ele de fato o benzedor enviado pelo Altíssimo. Acreditava nele. Isso dava-lhe um certo conforto, colocando sua mente numa espécie de transe, na formação de uma corrente telepática com os demais assistentes que estavam ali participando com fervor de seu ritual. Talvez fosse isso que o fazia ser entendido como um destramelador de problemas, julgados por eles como insolúveis. Talvez!...

Outra qualidade era não esquecer que deixara a mulher sozinha no rancho onde moravam, preocupando-se não com sua segurança, pois, trancava a cancela do pátio com as rezas que sabia serem valiosas e protetoras. Do resto, Dama saberia defender-se. Para isso havia deixado o defumador tranca-rua em plena atividade, odorizando o ambiente com a fumaça preta de especiarias aromáticas. Servia ainda para espantar as muriçocas – carapanã-pinima – que zoavam por ali, fatigando os braços de Dama.

No pequeno caldeirão que levava junto à “traia” de trabalho que se encontrava no embornal escanchado a tiracolo, colocava a sobra da comida que lhe davam para levá-la para sua mulher, que sonambulizava pela casa,

indo da cozinha para a sala, desta para o pátio, deste para o quintal de terra batida, voltando ao início da caminhada sem parar. Sem alma nenhuma que pudesse servir-lhe de conforto na solidão. Vez por outra assustava-se, prazerosamente entretanto, com o mugido da Estrela, que lhe dava sentido de que ainda estava viva – sozinha, mas viva.

João Fumaça era muito grato a Sô Homero, que lhe tinha dado uma vaquinha, novilha de primeira cria, que lhe fornecia o leite com o qual se alimentavam, sua Dama e ele próprio. Sobrava ainda um tico que sovinaamente era guardado, para ao final da semana bater, chacoalhando-o dentro de uma cabaça para fazer um naco de manteiga. Quando não, retirada a nata de todos os dias, dava para fazer um microscópico requeijão moreno, que motivava-os a festejar os domingos.

Tão logo ali fora deixada pelo Luiz vaqueirinho, Fumaça, acariciando-a, colocou-lhe o nome de Estrela, por causa de uma mancha parda que ela tinha na testa. À sua cria, um amor de bezerra, chamou-a logo de Garrincha, de tão pequena que era, muito semelhante ao casal desses miúdos pássaros que se aninhava no galho do angico, poupado que fora na derrubada do capão que ali havia, nem bem quatro anos atrás.

Tratou logo também de cortar galhos de jurema para estaquear uma área, colocando varões de umbaúba longitudinalmente, construindo assim um cercado, onde Estrela e Garrincha malhavam, com preguiça de saírem pisando naquele pedregulho, à cata de um raminho de lobeiro.

Fumaça morria de medo de Estrela engasgar-se com o fruto desse arbusto. Já tinha visto muita rês apavorar-se com aquela bola atravessada na garganta, morrendo até, se não fosse socorrida a tempo. Daí, na batida do pequeno pasto, do lado de sua choupana, caprichava em roçar os lobeiros que sua foice afiada encontrava pela frente. Também sabia que esse arbusto, ao arranhar o couro dos animais que dele se aproximam, produz uma espécie de caruara danada de difícil de curar, pois coça que nem pó de pequizeiro. E quanto mais coça, mais vontade tem o animal de se esfregar nos troncos das árvores. Assim os tumores vão arrebentando e formando feridas intermináveis. Encantado com suas crias, dedicava-se grande parte do dia em procurar meio de zelá-las. Os pés de carrapicho beicho-de-boi e mata-pasto, cujos acúleos se apegam não só nas ventas, como também nos cabelos das caudas dos animais, eram sumamente arrancados pela raiz, o que os tornava inférteis. No pequeno cocho de pau-d'arco, cavado a enxó, colocava sempre um pouco de farelo soprado do arroz de pilão, salpicado com sal-

gema, retirado de um barreiro a uma légua dali, lá pras bandas do boqueirão da Fazenda Resfriado, beirando o córrego Rodrigues. O rego-d'água límpida, brotada da mina dentro do Capão do Desterro, que alimentava sua posse, foi desviado para passar dentro do cercado, onde havia o malhador da Estrela e da Garrincha. Desviou-o do chiqueiro, uma vez que servia mais era para a marrã enlamear-se, fuçando-o todo, atrás de uma minhoca desgarrada ou de qualquer outro anelídio. Nele a porquinha deitava e rolava, procurando amenizar o calor.

* * *

Nezinho passou a rédea na cabeça do arreo e apertou a argola do cabresto, ajoujando-o ao tronco do pau-terra que impertinente teimava em galhar-se na entrada da porteira de varas que acessava ao pequeno pátio, à frente do rancho.

— Nosso Sinhô abençoe o menino! – falou João, aninhando-se à sombra da árvore, para ter melhor visão, só agora, tomando conhecimento da presença de Nezinho. Tinha a voz meio rouquenha, pois havia acabado de acordar de um sono bem bom, derivado da lombeira que deu nele, após ter almoçado um feijão preto cozido com rebotalho de toucinho, pinguelado com tacos de pernas e pés de um cateto andarilho que andava estragando o mandiocal do fundo do pasto. Tendo sido levantado pela Princezinha, cadela vira-lata, o danado do bichinho, que ali todas as noites ceava com um bom manjar, no afã da fuga, cortou caminho para alcançar o lanho da cerca que havia furado. No atalhar, despejou-se apavorado em um alçapão que Dama havia construído na trilha, caprichosamente coberto com folhas de licurizeiro.

Estava bem-humorado entretanto, pois tinha vindo do Fundão da Tiririca, próximo à mata do cafeeiro lá dos Ulhôa, onde fora para retirar o “maligno intrusão” que da casa se apossara, jogando pás de cascalho sobre o telhado. Aí ele pegou a falar:

— Os moradô tava tudo arrepiado. Não viam ninguém jogando as pedras no telhado. Algumas até caíram dentro do varandão da casa, tendo quebrado o pote de água que estava sobre um cepo de aroeira fincado à meia altura, no chão, do lado esquerdo de quem vinha da sala para a cozinha. Era coisa do demo, pois, do Romãozinho não havia notícias dele há muito! Depois de muito terço e ladainha rezados, ele se afastou e parece estar hibernando para descansar do voleio brabo que havia desenrolado pelas

cercanias de roda da região. Este traíto me desafiou mesmo – continuou ele a narrar o acontecido. — Tive que levar três grelos de três aroeira que estavam guardados e trespassados por entre as ripas de coqueiro que sustentavam o capim-sapé da cobertura do rancho; pois ali o lugar era fresco e bem protegido das formigas cabeçudas que andaram cortando as folhas da laranjeira que tinha brotado no tremeio dos esteios da banda ali de quem vai para o curral.

Todo orgulhoso, Fumaça desfilou as providências que tomara, tão logo ficara ciente, pelo dono da casa, dos acontecimentos que estavam apavorando a todos.

Arrumou no canto da sala uma espécie de altar, onde mandou acender três velas das grossas, fabricadas de sebo de boi, não de vaca, como era o costume. Não havia imagem de nenhum santo, nem retrato visível na parede, nem nada que pudesse ser reverenciado.

Ao fechar a porta, entretanto, deu de cara com uma ferradura velha pregada nela e com uma “folhinha” do ano, onde em cima havia a estampa do Coração de Jesus.

— Tá miorano! Tá ino pra frente!

Dobrou-a e colocou o retrato na parede, colando-o com pedaços de cera de abelha.

— Se assente, seu moço! Coloque sua família de frente pru altar. Chama a peonada, a cozinheira, todo mundo que trabáia e que mora aqui, não podendo ficá ninguém de fora.

Havia, entretanto um peão, meio “quarta-feira”, que permaneceu sentado no mourão da cancela do curral. Ninguém se incomodou, dado que era ele sempre um zero à esquerda em todos os acontecimentos. Aparecera ali, ninguém sabendo a que vinha e de onde veio. Também ninguém lhe perguntou. Como serviço não falta, ficou ele ali encostado, como ajudante do tratador de capados de ceva.

— A benzeção durou duas horas. Onde eu fiquei, no meio da sala, silenciosamente, conversando com meu santo Tira-Teima e, ao mesmo tempo, botando o Tranca-Encruziada de castigo. O chão de terra batida ensopou-se de suor, que escorria como um riacho de todo meu corpo. Todos ficaram “pressionados” com o fato.

Acabada a solenidade, Fumaça mandou a sá dona da casa varrer tudo para fora, pela porta da frente, com vassoura virgem, trançada de

palha de licurizeiro. E jogar os tocos das velas que sobraram da cerimônia na água corrente.

Todos pareciam aliviados.

Serviu-se a janta. Bebericaram parcimoniosamente uns goles da boa branquinha Pingo do Céu, presente do coronel Chico Pinheiro, da Santa Maria, “moradô” nem bem a seis léguas dali. Se se cortasse caminho pelo Genô Machado, da Lagoa Torta, era um pulo.

Terminado o relato a Nezinho, João não parecia ser o humilde agregado que mal se sustentava... habitante isolado daquele rincão, onde nem o “cariacó” do galo – empoleirado em cima da fornalha de barro onde Dama cozinhava as croas de mandioca doadas – era respondido, nas noites enluaradas ou nas auroras que vinham bruxuleando por detrás dos morrotes que circundavam a pequena data, aberta numa clareira, das mais belas da região. Disso ele se orgulhava e muito.

Era outro homem, naquele momento. Falaz e entusiasta.

— Ocê num qué sabê, Nezinho, qui o encosto tava mesmo arriado no peão quarta-feira?! Chamei o sô dono da fazenda e fui logo dizendo: manda o peão que ficou de fora das orações embora. Ele num entrou porque ficou com medo da repressão do Orixá, qui já tava de olho nele há muito tempo. E ele, coitado, era o “cavalo” do caramunhão, qui por safadeza anda com cara de choro sempre, como num querê nada, só pra inganá a todos. Só por malvadeza atuava na região, com o fim de cumprir seu designo na Terra, de comunhão com o demo, que exigia dele mais e mais tentação. A sorte é qui ele num güenta o poder de Nosso Sinhô, né?!... Foi um sossego, Nezinho. Mas, mal eu pergunto, o que traz meu patrãozinho aqui por estas banda? Coisa boa num é. Ocê tá sumido!... Anda só envorvido com as cara pintada de rua, num é?

— Cumo cê sabe, padinho?

— Sua cara tá contano, fio! Rosto espinhento, buço parecendo, vozeirão e vozeirinha ao mesmo tempo, tudo é indicativo de minha adivinhação, pois, num é?! – e fechou a frase com uma meia risadinha de ironia.

Nezinho emudeceu, por um instante. Meio cabreiro ficou. Padinho era na verdade danado. Poderoso mais que tudo, iria resolver o problema que o trazia à sua presença, que era o salvamento de seu amigo Urias. Contou tintim por tintim o que sabia e o que o povo falava realmente, lá no

Toco do Pecado, onde, na frente da Igreja da Matriz, se reuniam os mexeriqueiros de Orapronóbis. Às tardes, após o labor de cada um, era sumamente divertido ver-se um de seus membros contando os acontecimentos havidos diuturnamente a um outro. Este a um segundo, que passava para um terceiro, formando assim uma corrente interminável. Até notícias do estrangeiro, eles sabiam. Isso posto, fazia uma inveja danada a quem já tinha aparelhos de rádio em casa e ouvia as cadeias de notícias emanadas das estações do Rio e São Paulo. Os menos favorecidos assentavam praça na frente da Casa Síria para ouvir o alto-falante que o João Turco mantinha ligado dia e noite para transmitir as notícias das rádios Nacional, Mairynk Veiga, Tupi, Record e outras. Toda a cidade ficava atenta a essas transmissões. Havia um interesse muito grande em saber das novidades da política ultramarina. Principalmente, após, sem pretexto plausível, a invasão da Polônia pelas tropas da *blitzkrieger* alemã, por volta de primeiro de setembro de trinta e nove, dando início assim ao desenrolar da segunda guerra mundial. Sabe-se que Hitler “justificou” essa invasão pelo isolamento de Dantzig, apartada da Alemanha pelo corredor polonês.

Nezinho, terminado o relatório, permaneceu ansioso, olhos esbugalhados, à espera de um milagre que achava ser iminente.

João Fumaça escutou tudo, sem nada interrogar. Demorou! Cabeça levantada para o céu, como a pedir inspiração, suspirou profundamente, falando somente:

— Tá!...

Iniciou uma caminhada para fora, mas os pés ardendo não obedeceram. Estava para lá de zorro, que nem sapo à espreita de uma mosca que nunca vinha.

Voltou-se em seguida para dentro do rancho, despojando-se na proa de uma masseira, onde estava secando um punhado de quirela de milho pilado. Dama a usava para alimentar os pintainhos que, no quintal, acompanhavam a mãe à procura dos nematóides muito comuns na terra molhada ali no fundo do terreiro. Aquele lugar era um viveiro incontestado de tudo que você pensasse poder viver naquele ambiente, em aerobiose e anaerobiose também. Dama ali depositava toda a água que era utilizada na lavagem das panelas de ferro batido e os pratos de folha-de-flandres. Era um canteiro de cultura de microorganismos dos melhores.

— Se assenta menino – falou João, mostrando um cepo de jatobá, resto do galho onde cavou uma panela, a molde de pilão, usando uma goiva.

Trabalho duro, uma vez que a enxó tinha um dente que fora aberto quando tentara aplainar uma tábua que iria adornar o jirau onde Dama punha os trastes de cozinha areados para secar no terreiro batido pelo sol, do meio-dia à tarde. — Tô parado! Tô besta!... — disse João, olhos fixos no horizonte, desvendado por uma das trincas abertas na taipa lateral, em cujas fendas trabalhavam os raios solares que clareavam o interior dos cômodos do rancho.

Pelas trincas, de dentro da varanda, sabia-se tudo o que acontecia por fora. Até podia distinguir-se o transeunte que passasse lá pela estrada que vinha de Santa Maria para as Crioulas, fazendas limítrofes.

— Vamo vê o qui pode fazê... Negócio brabo. Uma coisa te conto, meu fio: num era ele, no momento do feito. Num era ele não. Quem puxou o gatilho tava muntado nele. Pegô ele cumo cavalo – e querendo explicar melhor, afirmou: — Botou sela e bridão. A coisa conteceu... Não sabemo cumo... Qui conteceu, conteceul... Qui tava tomado, tava! Isto não pode ser negado. Vamo vê!

“Dama, muié, traz treis pedaço de carvão, lá da coivara que queimamo na divisa do brejo; cuidado com o capim-navalha qui há pur lá e do cansanção qui num escolhe ninguém pra sapear.

“Vamo, Nezinho, fazê o danado enguli a fumaça qui nós vamo prepará pra ele.”

Pegou e colocou os três pedaços do carvão que Dama trouxe lá no fundo da trempe, perto da goela do chaminé – continuando a falar:

— Pur aí é que é o caminho pra ele. O “caramunhão” vai saí pelo chapéu. Lá em riba, o chapéu pode até dividi ele pru norte ou pru sul. Conforme os vento ele irá navegano, até sumir-se. Ninguém vai vê ele.

Puxou o fôlego para dentro da boca, provocando um assobio como que estivesse comendo uma batata quente. Cuspiu um resto de comida que estava preso aos três dentes da frente, constituindo todas as vezes uma redúvia acostuada e arretada. Engoliu em seco, preparando-se para começar a cerimônia. Esbofou fatigado:

— Se levanta. Tira o chapéu, as esporas, a guaiaca e quaqué metal qui ocê conduz. Ele num pode percebê nenhum metal por perto, pois, pode virá imã e grudar, tornando-se mais difícil separá ele. Inté esse anel qui ocê tem aí no dedo – apontando-o com o indicador –, esse também tem qui tirá.

Nezinho, mais solícito que nunca, retirou o anel. Pálido como uma cera, desabotoou a guaiaca, retirando dela sua garrucha 22 e a faca. Descalçou as esporas chilenas, cumprindo a tarefa que o padrinho havia determinado.

Para completá-la, João gritou para dentro do rancho, pois sua mulher já estava vindo do quintal.

— Dama! Junto aos tacos de carvão, veja também e traga o feixe de paia benta que tá pindurado entre a trave mestra e o telhado, aí em nosso quarto. Não se esquece de passá ele nos pé da image de Nosso Sinhô que tá aí na mesa, certo?!

E virando-se para Nezinho:

— Aconchegamo o santo num tabernáculo, cê sabe, né?!

Orgulhoso como era, jamais concebia estar residindo em um rancho. O telhado não passava de amarrados de capim-sapé, encambados uns aos outros, presos em lascas de taboca-gigante, bambu muito comum, amante de entouceirar-se nos brejados. O tabernáculo, por sua vez, não passava de um tosco oratório, feito a facão por ele mesmo.

Explicava a Nezinho que eram muito energizadas essas palhas, uma vez que foram bentas pelo pároco, durante a procissão da entrada de Jesus em Jerusalém, na era de hoje correspondente ao Domingo de Ramos. Dizia até que, para afugentar as tempestades, bastava queimá-las, jogando-as no terreiro. Com isso quarteavam os raios, abrindo rombos nas nuvens, ajudando os raios solares a acordar do sono que lhes fora imposto pelo ribombar da procela, e aparecerem numa saudação alegre e fagueira. Os bem-te-vis-de-igreja apareciam, vindos não sei de onde. Faziam a festa no espaço, à procura de uma mariposa extraviada que teimava em saudar o Sol, medroso de aparecer...

Fumaça perguntara, em seguida, se ele havia trazido uma fotografia do Urias. Não! Não havia trazido. Só tinha ali com ele um lenço de pescoço que Urias havia enrolado seu tornozelo, à guisa de uma faixa, no momento em que o socorreu, à margem do ribeirão, onde teria torcido o pé, ao pular uma laje escorregadia.

— Não se esquece da cuia de água fresca, pois tenho sede demais e não posso interromper minha obriga a todo momento.

Logo que Dama transpôs o batente da sala, ele a advertiu:

— Cumprimenta seu menino patrãozinho. Eu já lhe abençoei. Míó ainda! – disse João, gritando para Dama: — Venha cá e se junte a nós – disse meio zangado com a lerdeza de Dama.

Ao terminar de falar, passou da ação à meditação, ficando inerte como a pedra que o turbilhão da enxurrada leva de embrulho e a coloca

quieta, encostando-a e prendendo-a na galhada pacientemente trançada com as raízes dos arbustos ribeirinhos amparados aos barrancos da margem do arroio que desce pulando de lajedo em lajedo, cantando suas proezas.

Repentinamente, deu um passo pra lá, deu três curvas pra cá, e com uma agilidade danada que nem parecia que estava cambaio, com os pés que estavam tão feridos que nem podia tocá-los com estouvamento no chão, disse com seu vozeirão costumeiro:

— Tome esta tira de palha benta e puxe ela até num güentar mais, esticando com a força de suas duas mãos. Rasgou?! Não! Veja pois as coisas que Deus faz: uma porcaria de tira de palha, o homem não consegue pela força rebentá ela. Tome sua quicé – disse-lhe, entregando-lhe outra tira do mesmo feixe de palhas. — Corte ela em pedacinhos. Assim vamos fazer com que o “caramunhão”, pelas mãos do Sinhô Divino, se parta pru além, esfacelado...

Parecia não ser o Fumaça, que conhecia cheio de galizia, brincalhão, contador de prosa que nem ele, conservando contudo sua característica de humildade e de cavalheiresca atitude, como sempre. Parecia transtornado. Tirou a candeia presa na trave central da cobertura do rancho. Retirado dela, o bico, despejou numa latinha um azeite preto que dava sustentação à leve chama que balançava ao sabor do vento por entre as frestas do amareilhado coberto de barro saibroso.

Soprando os tições, despertou a chama que se encontrava dorminhoca, “acende-num-acende”, ao sabor da brisa que, impertinente, entrava pela goela formada entre duas lascas de tábuas anexadas aleatoriamente à guisa de uma portinhola de acesso ao terreiro do fundo. Não levando tempo nenhum, a combustão transformou as palhas em cinzas. Silenciosamente, esperou que a fumaça descambasse por entre o chapéu da chaminé. Ordenou em seguida ao menino que semeasse por sobre as brasas o resto dos pedacinhos que ficaram depositados sobre a beira lateral do fogão, agora, incandescentes pela melhor oxigenação vinda da portinhola que fora escancarada. Era para que vissem o enovelamento da fumaça, fugindo para o espaço sideral. Além da estratosfera! Sideral mesmo, que era o seu desejo.

Levantando os olhos para o alto, proferiu:

— Assim como o azeite deu vida ao carvão e à palha que alimentou a chama, que vai expulsá o filho do demo, também meu santo vai fazê que o óleo-de-copaíba tira de Urias todo o mal. Vamos, enquanto tem sol brilhando. Muié, pega meu trado e uma caneca bem limpinha. Vou muntá

no baio e ocê vai me acompanhano, pois num posso andar neste pedregüio pontudo qui só ele.

Caminharam uns vinte minutos e, logo adiante, encontraram um majestoso pau-d'óleo, como era conhecida a copaibeira, bem na entrada do Capão da Anta. Era um velho amigo, a quem devotava um carinho todo especial, pois à sua sombra descansava todas as vezes que, vindo a pé de longa jornada, ali chegava exausto. Uma vez parou para comer uma paçoca de carne-de-sol pilada. Encontrando-se fatigado, adormecera, tendo sonhado que de seus galhos desciam ninfas que untavam seus pés cansados com o bálsamo que da árvore se desprendia.

Nezinho ajudou-o a descer do cavalo e ambos tocaram o trado na madeira, até onde puderam. Silenciosamente, como uma dádiva divina, pelos vasos liberolenhosos alcançados pela lâmina do ponteiro escorreu um filete da mais pura seiva oleosa, tão pura como os puros e santos óleos que os sacerdotes usam para dar a extrema-unção aos enfermos terminais.

— Ninguém pode pegá ele — disse João.

Tão puro e virgem como jorrou do lenho da árvore, deveria ser levado assim, com todo cuidado possível, para não ser contaminado por forças antagônicas à sua energização.

* * *

Voltando para casa, Nezinho conduzia a caneca com o óleo sagrado, benzido por João que, peremptoriamente, ordenara:

— Leve o óleo, só podendo olhar para trás depois da cancela da larguinha, chegando em sua casa, senão a caneca intorna, sem ocê vê. Já na cidade, ocê esquento ele, nessa mesma vasilha, na chama de uma vela e, bem quente, derrame nas feridas, colocando o que sobrar debaixo do leito. Ore a oração qui sua tia lhe ensinou. Só que, chegando a parte em que será obrigado a dizer “Seja feita sua vontade assim na Terra como no Céu”, ocê deve pausar e repetí treis vezes, com toda devoção. Certo?! Pica o baio e vai cum Deus! Deus o acompanhe, fio!

* * *

Nezinho todo feliz preparou-se para levar o santo remédio à casa do médico que assistia o seu ídolo. Como estava feliz! Vez por outra vinha-lhe

à mente um facho de idéias que o faziam estremecer. “Será que o médico vai deixar eu fazer este serviço?! Será que Urias vai aceitar esse rude tratamento?!... Mas, foi Sô João, padinho, qui falou! Acho que não haverá dúvidas!... Ele sabe o que quer que seja feito. Por isso estou tranqüilo. Ele tem poder... lá de seu ranchinho, ele contornará todos os percalços” – falava consigo mesmo.

— Vamo lá – disse Sô Homero, aprovando a iniciativa do seu sobrinho. Urias está mesmo ruim, que qualquer remédio não irá fazer-lhe mal. Morto por cem, morto por mil.

O doutor os recebeu, ficando assustado quando lhe comunicaram a vontade de aplicar o remédio.

“Quem teria ensinado aquele curandeiro sobre a força que o óleo-de-copaíba tem no auxílio da cicatrização de feridas?!... Já havia na literatura médica estudo sobre o poder que tem esse fármaco natural de espantar a infecção impertinente, brotada por menor que fosse no ferimento não tratado com os devidos cuidados de assepsia. Na “Farmacopéia Brasileira”, de Albino Ferreira, está o relato desse elemento, registrado como Bálamo de Copaíba officinalis – Lineau (p. 110), com a variante *Oleum Copaibae Aeterum*, uma essência encontrada pela destilação do bálamo (p. 319).

“É ainda certo que a história da medicina indica, lá pelos tempos medievais, o uso de derramar-se azeite fervente nas cissuras abertas por lanças ou sabres nos combatentes, em batalhas que eram travadas no corpo-a-corpo. Aliás, era o único tratamento possível naqueles tempos” – assim conjecturava o esculápio, balançando a cabeça, num gesto de não estar entendendo!...

Instintivamente, parecia concordar, uma vez que concluíra ser a temperatura alta um fator a mais que poderia ajudar a se prevenir contra a gangrena.

O doutor era um pertinente admirador da observação e análise das reações visíveis do organismo aos estímulos exteriores. Um behaviorista, poderia assim ser classificado. E, por assim ser, concluía: “a falta de oxigenação nos tecidos poderá ser evitada, desde que se os estimule, à guisa de não deixá-los necrosar-se.”

Urias estava caminhando para a recuperação total, um milagre realizado, dado os poucos recursos que as mãos do médico sábio e dedicado dispunham naquele rincão ermo do país.

Não havia portanto nada que impedisse esse experimento proposto por Sô Homero e Nezinho, mesmo porque todos estavam imbuídos de uma fé muito para lá de Bagdá!...

Sorrindo, como uma demonstração de aceitar um fator que pudesse ajudar mais os proponentes que o enfermo, vendo neles um desejo incontido de participar de uma cura quase impossível, não trazendo com isso prejuízo nenhum para seu paciente, concordou.

Assim foi feito.

E Urias agüentou as dores do óleo quente queimando suas entranhas. Para isso, mordía com furor a fronha do travesseiro, empregando as poucas forças de um organismo depauperado pela truculência de um ato insólito e dilacerante. Via-se seu sofrimento estampado na face, pelas lágrimas que escorriam por entre os sulcos de uma pele ressequida pela desidratação que lhe ocasionara uma hemorragia impertinente. Permanecia por tempos indeterminados com a respiração presa, pelo esforço de segurar com mãos rígidas as mãos de Sô Homero. Recebia com resignação o tratamento inolvidado de Nezinho, sob as vistas do esculápio que estava atento a todas as manifestações de Urias. Acompanhava de perto, como um analista pertinaz, toda e qualquer mudança de comportamento de seu sistema cardiorrespiratório que pudesse desencadear uma cardioplegia.

O doutor, na sutileza da profissão, disse aos que queriam ouvi-lo:

— Santo remédio!... — um sorriso matreiro espichou seus lábios, de canto a canto, como a julgar, pelo tamanho dele, o quanto mostrava de esperança de dar tudo certo, contentando a todos que ali permaneciam em vigília, principalmente as mulheres, que rezavam terços inacabáveis e que ali permaneciam numa corrente permanente de fé e de confiança no poder de Jesus, como diziam elas, poder infinito e imensurável que Lhe deu forças para suportar Seu flagelo, nas mãos inconscientes de seus algozes gratuitos. Se esse poder fora a única arma abençoada que lhe proporcionava forças para amenizar suas dores, o usaria, por certo, para alimentar ao enfermo esperanças de uma tranqüilidade física e espiritual, prestes a acontecer.

Suas mãos, potencializadas pelas orações, cobririam a cissura, energizando o óleo que, cortando caminho por entre as pregas do tecido ferido, haveria de dar-lhe a sensação de bem-estar.

* * *

Nezinho se deu como pago pela lembrança que teve de procurar seu padinho João Fumaça. Sentia-se aliviado por ser útil e ter podido participar de algum modo para a restauração da saúde de seu amigo e ídolo inesquecível. Precisava voltar lá, no ranchinho do “padim” para agradecerê-lo e recompensá-lo. Tia Teca iria com ele, com certeza.

* * *

Voltando à cidade, Nezinho encontrou Sô Homero e padre Joca mancomunados para mandá-lo para Uberaba, a seu ver, o lugar que melhor lhe convinha.

Quando soube do conluio, quase ficou maluco. Como deixar minha terra, meus amigos, meus tios-pais? Como? Entretanto nada podia fazer, senão obedecê-los. Estava cansado de ouvi-los dizer: “é o seu futuro, meu filho!”, estribilho repetido sem muito entusiasmo, também por tia Teca.

Ninguém jamais havia prestado atenção, entretanto, num fato que lhe atormentava e que estava guardado em seu âmagô, motivado pela inibição própria de sua idade e do modo como fora educado: era o enlevo especial que dedicava a uma menina. Tratava-se de uma bonequinha, como ele falava a si próprio.

Lá pelos lados da fazenda de dona Marieta e do Sô Sílvio de Melo, gente fina que não tinha mais onde ser, morava Angélica, a Lica, como ouviu alguém chamá-la, por ocasião de um encontro em que se viram, num pouso de Folia, não fazia tempo. Vez por outra, saía ele, doido para ver a menina, mesmo que estivesse chovendo, trovejando ou caindo granizo. Esse foi um dos motivos e, porque não dizer, o mais forte a transtorná-lo, ficando cabreiro com a estória de ir estudar em Uberaba.

Pedia a Nossa Senhora D’Abadia para ajudá-lo, com o fim de reverter os propósitos de seu tio e do padrinho Joca.

— Num dá certo esse negócio de estudar fora! – pensamento obcecante, vivia repetindo isso a toda hora.

Cabisbaixo andava ele, sem motivação, falando consigo mesmo, até se esgotar, as mesmas coisas sem parar:

— Se num tiver jeito mesmo, minha Nossa Senhora, retarde o mais que for possível, até eu poder ver Lica mais algumas vezes – e, continuando, dizia ele amargurado: — Prometo que levarei uma vela à procissão do Senhor dos Passos, que se aproxima. Cumprirei esta minha resolução, custe o que custar.

* * *

Viram-se algumas vezes. Os olhos falaram muitas coisas!... No dia em que Sô Sílvio marcou para mostrar a Sô Homero a vacada presa no curral, a fim de negociá-la, Nezinho estava lá, ajudando no aparte. Era intenção de Sô Sílvio mudar-se para a cidade. Daí a necessidade de dispor do gado. Para ele não foi fácil essa separação, uma vez que a maioria era pura cria de sua fazenda. Conhecia todas pelo nome. Dizia ele estar ficando idoso e não mais se sentir disposto à lida da fazenda, motivo pelo qual estava passando-as adiante. Para sua fazenda Capoeira Grande, já encontrara comprador na pessoa de um de seus irmãos, o senhor Sebastião. Porque continuasse quase em casa, não estava muito apaixonado em cedê-la.

Em toda a redondeza, o dia destinado à junta do gado transformava-se em festa para a peonada. Cavalos arreados, laços à garupa, saíam, comandados pelo berranteiro, colhendo uma aqui outra acolá, escaramuçando uma rês mais atrevida que teimava em voltar para dentro dos capões de mato entrelaçados de cipós e árvores tortas que, vez por outra, dificultavam ao cavaleiro passar com sua montaria. Negaceavam aqui e ali, como se estivessem na vanguarda de um pelotão de combate, debruçando-se lateralmente na sela a fim de pegar a seda da cauda da vaca para, num tombo espetacular, derrubá-la e peá-la. Tudo isso, comandado pela satisfação de vencer a todos os obstáculos, empolgava a rapaziada, cujo interesse era fechar todo o gado nos currais.

Feita a junta em uma clareira, onde os peões em círculo postados, seguravam as reses, eram estas enfileiradas. Passivamente iam andando, agora já perfiladas em alas, vigiadas pelos cães-fila que lateralmente caminhavam, tendo os sentidos afiados e prontos a usá-los em qualquer emergência. Se uma rês desgarrasse, disparando pela campina, o cão ali estava nos seus calcanhares. Aproveitando sua argúcia na corrida, entrava por entre suas pernas dianteiras, saltando nas ventas da vaca, desequilibrando-a, de modo a cair estrondosamente ao solo. Permanecia ali com a rês dominada presa pelo focinho até a chegada de um peão para laçá-la. Quando se tratava de uma rês pagã, era preciso usar a chinha, cuja ponta era presa a uma argola fixa no arreoio.

* * *

Dona Marieta, a senhora de Sô Sílvio, nesses momentos de agitação era a pessoa mais solicitada pelas atenções que deveriam ser distribuídas

entre as visitas e as empregadas da faxina e cozinha da casa. De tudo dava conta, para que o marido pudesse tranqüilamente poder realizar seus negócios. Não estava ela muito de acordo – sua vida ali, ao lado do esposo por muitos anos, deixava-a meio pensativa, com receio de não se adaptar à vida na cidade. Matutava nas suas origens, arraigadas no atavismo, não muito distante de uma vida cultural voltada para o feudalismo que mantinha o homem preso ao seu clã. Assustava-se só de pensar em ter de gravitar em uma órbita de atividades que não conhecia. Tudo isso trazia-lhe uma sensação de insegurança. Os percalços que inevitavelmente iriam servir de obstáculos à marcha de sua existência em outros caminhos desconhecidos, traziam-lhe uma enorme inquietação, capaz de tirar-lhe o humor que sempre mantinha, principalmente quando recebia visitantes. Calada, só conseguia falar o necessário!...

Hábil na fábrica de laticínios que mantinha na fazenda, não dava conta de atender a todos que desejavam consumir seus produtos, como queijos, manteiga, entre eles o famoso requeijão moreno embalado em bexiga de bovino lavada e limpa. Era uma técnica que usava, oriunda de criatividade coeva passada de mãe para filha. Com essa sua habilidade podia manter o produto sempre fresco, resguardado de toda contaminação iminente por muitos meses.

— Na cidade, o que vou fazer, meu Sílvio?

Ele não sabia. Nem queria dizer-lhe, ou aventurar-se a dizer-lhe, porque na verdade não sabia o que estava determinado e reservado para eles. Só pensava que a mudança poderia trazer à esposa uma melhor vida, sem os sacrifícios próprios da vida no campo.

* * *

O primeiro amor condiciona a criatura a pensar que somente ele proporcionar-lhe-á felicidade. Muita vez, ele vem como uma brisa preñe de fantasias, que ao soprar levemente, vai envolvendo o corpo, a ponto de não se perceber se os pés ainda estão pisando o chão. Nas demais vezes, porém, desencanta os protagonistas, ao menor sinal de uma derrapagem inusitada. Por quê?... – porque é divino, e por ser assim deve ser infalível. Sentem assim, vivem assim, os namorados iniciantes.

* * *

Nezinho irradiava alegria quando se aproximava de sua bonequinha, como ele carinhosamente a tratava. Viam-se parcimoniosamente. Quando se encontravam, falavam-se mais com os olhos do que com a boca, levados pelas emoções que nasciam em seus corações.

Esses colóquios surdos enchiam Nezinho de esperanças de poder tê-la algum dia como noiva e como esposa. Os sonhos foram feitos para colorir o estado presente que se vive.

* * *

Após o episódio do Vicente ter mostrado a arma aos seus colegas, a comunidade procurou em comissão o padre Joca, para que ele pudesse tomar as providências pertinentes ao ato de seu sobrinho freqüentar a escola armado. Todos viam nisso um acinte.

Conversaram, explicaram-se, mas não se entenderam, uma vez que Lázaro estava inconformado com as agressões sofridas pelo filho. Em sua própria terra? – perguntava-se a miúdo. Era inconcebível...

Já estava resolvido – iria levar o filho de volta à Uberaba, dizendo para quem quisesse ouvir ser Orapronóbis uma terra de selvagens. Não tinha o filho encontrado espaço para uma relação cordata entre os municípes. Se ficasse, permaneceria armado, para não ser covardemente esbofeteado, como fora, única e exclusivamente por ter despertado inveja aos adolescentes, seus colegas de escola. Ameaçava a comissão que dialogava com o padre, com o propósito de levar ao delegado de polícia a denúncia das agressões. Ato que não seria bom, uma vez que envolveria pessoas importantes da cidade, como os pais dos infantes envolvidos na contenda; como também, e principalmente, o padre, que, como homem designado por Deus a dirimir situação de desespero, não poderia envolver-se em questiúnculas que pudessem desagregar suas ovelhas, como ele sempre tratava seus paroquianos.

— Melhor mesmo é isso, cunhado – disse padre Joca! — É levá-lo de volta ao Colégio Diocesano. Mais tarde, bem mais maduro, poderá ele voltar ao convívio de seus conterrâneos, pois aqui ele nasceu, aqui é sua terra.

Com essa decisão, encontrada mais pela força do seu cunhado, Lázaro anuiu em afastar seu filho por algum tempo da cidade.

Embora inconformado, marcou, resmungando, a partida para após os festejos da procissão do Divino, cujos arranjos se encontravam bem adiantados.

Vicente ficaria confinado, podendo ir apenas à igreja, acompanhando seu tio Joca. Difícil mesmo foi que ele obedecesse. Vez por outra enganava os de casa e, pronto, estava participando do treino de futebol lá pelos lados da raia onde, aos domingos, reunia-se a flor da sociedade para assistir às corridas de cavalo promovidas pelo Jóquei Clube.

Bem que Alexandrina sabia de tudo e, muita vez, facilitava as fugas contumazes do sobrinho, fazendo vista grossa a esses episódios. Essa benevolência que não leva a nada, ao se falar em educação, era motivo muito mais de interação com a empáfia de que se valia Vicente, por se achar elemento superior, numa sociedade de costumes arraigados ao passado, do que mesmo um meio de atenuar seu castigo de segregação imposto pelo pai. Alexandrina com isso cooperava para que ele se julgasse “por cima da carne-seca”, como diz o adágio popular, protegido pela garrucha que, não estando mais com ele pela intervenção do padre que a guardou, simbolizava um caráter capaz de agir tempestuosamente. A arma que se encontrava na gaveta da cômoda no quarto do padre, guardada a sete chaves, estava porém firme na imaginação do populacho jovem que a sentia, sem lá estar, no cinto de Vicente.

Dáí compreender, Sô Emídio farmacêutico, o que dizia o professor Josino, quando de suas perorações sobre o autoritarismo. Suas digressões sobre o assunto chamavam a atenção pela clareza com que discorria. Concentrados, passaram a ouvi-lo, bebendo suas palavras:

— Os ditadores, os políticos profissionais, usam imagens literárias como processo de subverter os costumes dos povos, fazendo-os trilhar em suas cartilhas com promessas paternalistas para tê-los sempre aos seus pés. A garrucha, como emblema demagógico, está guardada na gaveta fechada com as sete chaves do “testemunho falso”, causando aos incautos, entretanto, a impressão, pela loquacidade de suas palavras, que está sempre de cão armado, pronta para disparar ao menor ruído de insatisfação. Dáí concretizarem o abstrato e dominarem o povo, uma argila concreta, macia e boa de ser manipulada.

— Nossa! Como está inspirado, o professor!... Parece até que está vivendo os pensamentos dos jovens militares que não aceitaram a democracia velada do governo Epitácio, marcado pela agitação da campanha presidencial no último ano de seu mandato.

— Vocês viram – arrematou, como sempre fazia ao final de suas perorações – o patriotismo dos Dezoito do Forte de Copacabana que se

amotinaram, enfrentando tropas legalistas, em número superior a centenas de soldados, para atender ao clamor do povo que pedia uma eleição limpa? E agora?! O que me dizem sobre este governo que aí está? O povo em geral é, decididamente, contra o estado de sítio imposto pelo governo forte de Bernardes, um legítimo representante da política nefasta do café-com-leite, que há décadas comanda o país?!...

Em 15 de novembro de 1922, o Brasil amanhecia com um novo presidente da República, na pessoa de Arthur Bernardes, acompanhado de seu vice, Estácio Coimbra.

Um nervosismo tremendo apoderou-se do país.

Borges de Medeiros perpetuava-se no governo do Estado do Rio Grande do Sul por décadas, em sucessivas reeleições, o que contrariava sobremodo a oposição, desesperançada de impedir pacificamente esses agudos eventos.

O governo federal, por intermédio de seu ministro da Guerra, general Setembrino de Carvalho, conseguiu que o legislativo sulino, após morosas *démarches*, acompanhada de uma vontade expressa e inequívoca de governar o país dentro da normalidade constitucional, conseguiu alterar a Constituição Estadual, proibindo as reeleições no estado.

Apagava-se o fogo em um local, desatava um incêndio em outro, em cujas labaredas fermentavam cada vez mais os requintes de um incontrolável e incipiente liberalismo.

Em 1924, precisamente no dia cinco de julho, deflagra-se um novo foco de rebeldia, agora no Estado de São Paulo, comandado pelo general Isidoro Dias Lopes. Não houve prosseguimento, entretanto, tendo as forças legalistas abafado a rebelião sem muito esforço. Os revoltosos internaram-se pelo oeste do estado, permanecendo nas imediações do rio Paraná, dissolvendo-se pouco a pouco seus pelotões.

Duas figuras da sociedade orapronobiana, por essa ocasião, estavam aquarteladas, como recrutas a servir o Exército Nacional, tendo participado da refrega. Felizmente, retornaram à sua cidade natal o então cabo Aristóteles Costa e seu primo, tenente Walter Roriz, este dispensado por ter sido atingido por um estilhaço que feriu sua cabeça, durante o tiroteio na capital do Estado de São Paulo. Recolhido ao hospital de guerra, foi tratado e não teve seqüelas.

Nesse mesmo ano, em outubro, orientado e comandado pelo capitão Luís Carlos Prestes, surge uma nova efervescência no sul do país, alastrando-

se pelos estados vizinhos, indo encontrar os remanescentes do movimento de Isidoro Lopes, internados às margens do rio Paraná, juntando-se a eles. Estava nascendo a Coluna Prestes, que desafiou o governo federal, internando-se pelos sertões pátrios adentro, levando a esperança de reintegrar o país numa nova ordem democrática por excelência.

Daí ter nascido o estado de sítio, decretado pelo poder central, único meio de levar o país a um estado de governabilidade, sem ferir a Constituição Nacional, que deveria ser respeitada, mesmo não sendo a que todos os brasileiros desejassem que fosse.

* * *

Nos pequenos burgos, onde faltam acontecimentos extras, as manchetes ganham vigor pelo diz-que-diz-que de seus integrantes. No momento dessa delonga, a figura do Vicente projetava-se como peça primordial.

A comuna fervilhava. As reuniões envolvendo as famílias se davam. Nos clubes, nos bares, nas sacristias das igrejas, o assunto rolava como água despencada de bicas eternas nos telhados coloniais, oriunda de uma tempestade que teimava em não ir-se.

Nos parlatórios, ouviam-se exclamações de insegurança por parte das famílias, preocupadas com seus rebentos.

O conceito formado nos jovens, de um nacionalismo maquiavelicamente induzido pela filosofia preparatória para o Estado Novo, era de forma contumaz refletido na formação de grupos desesperadamente bairristas.

Nas reuniões, as opiniões eram conflitantes. Uns afirmavam não haver nada de mais nessa exacerbação nacionalista, uma vez que sentiam estar o país escravizado pelo capital internacional. Isso, sim, era preciso ser combatido, afirmavam.

Já fumejava um fermento em ação, exacerbado pela propaganda, cujo objetivo era doar ao fascismo, que se alastrava na Europa, uma investidura capaz de modificar o processo evolutivo da sociedade, originando uma vida melhor para a humanidade – sem o jugo da “Wall Street”, dos “Rockfeller”, dos “Rothschild” e congêneres, espalhados pelos quatro cantos da Terra, lídimos representantes da agiotagem internacional.

Nem mesmo o povo americano do norte estava acobertado da influência do dinheiro escravizante. Haja vista a fusão que fora feita de várias pequenas companhias exploradoras de petróleo. Com isso, o senhor Rockefeller John Davison transformou-as na Standard Oil Company, fundada em 1870 sem muita pretensão, criando, mais tarde, com a adesão de outras fortes empresas, um poderoso monopólio, liderado pela Standard Oil Trust Agreement, por volta de 1882. Cada vez mais, no decorrer dos anos, seus efeitos devastadores iam crescendo e aparecendo no mundo global, pelo trabalho que seus sucessivos herdeiros emprestaram ao truste.

Essa tese era fator de persuasão, de tal modo que os defensores do nacionalismo usavam-na com muita propriedade.

Daí porque, no jovem, eram esses conceitos, baseados num nacionalismo irreverente e fecundo, mais bem absorvidos. Em função da condição de sonhadora perpétua que é, esses quase dogmas, que se encontram inerentes à personalidade de uma juventude prenhe de desejos de liberdade, de igualdade e fraternidade, topam com uma terra fecunda, onde nada fenece, tudo nela crescendo.

A tese do não-entreguismo, berrada nas manchetes dos jornais que chegavam a Orapronóbis, vindos dos centros políticos do país, era dia e noite debatida nos lares, nas escolas, nas igrejas, em todos os bairros da cidade, criando-se um conceito perverso de soberania.

Muitos desses jovens se radicalizaram muito, a ponto de concluírem ser o bairro Santana, ou o Amoreiras, ou o do largo da Matriz, cada um deles, o “seu Brasil”, pedaço de terra que tinha de ser defendido a todo custo.

Os mais audaciosos, como os do largo da Jaqueira ou do Rosário, acabavam confrontando-se, com largas perdas de liberdade de ir e vir da meninada acuada, cada qual no seu clã, exclusivamente.

Dividiram a cidade em verdadeiros guetos. Atentos aos estribilhos de ordem, que, nas universidades e nos galpões das fábricas eram o pão-nosso-de-cada-dia, onde gritos ritmados se ouviam, como “Fora, Tio Sam”, “Fora a Shell”, “Yankee, Go Home”, “O Petróleo É Nosso”, os transformaram em conceitos de um bairrismo que não levava a nada. Simplesmente cooperava para desagregar. Jamais para somar. A fraternidade que deveria estar existindo no seio da comunidade cidadina era quebrada, por vezes, pela crença de se estar no caminho certo, adotando um socialismo selvagem, igual ao que se instalou na Alemanha de Hitler com o nazismo,

e na Itália com Mussolini na sua carta fascista, para não dizer do regime forte instalado na União Soviética. Este último era paporicado pelos intelectuais de esquerda que teciam loas ao progresso social que, à custa de uma publicidade extraordinária e disciplinada, mostrava ao mundo somente a parte que lhes interessava.

O “Mein Kampf” – Minha Luta – traduzia para todos um ódio aos outros povos que não fossem germânicos e que cooperaram para a derrota da Alemanha na Grande Guerra, terminada em 1918, impondo à Nação um tratado humilhante, com pesada carga de tributo de guerra.

Foi despejada no povo uma doutrina que falava somente da recuperação do povo germânico, através do armamento militar até os dentes. Para esse sucesso, exploraram até o infinito o patriotismo, arraigado à qualidade disciplinar da raça alemã.

Foi daí que partiu a obsessão do povo aos ideais nele inseminados por propaganda metricamente implantada com novas técnicas de *marketing* político como nunca se havia tido notícias. E, nessa conjuntura, proporcionou ao *fubrer* um “poder branco” de tal ordem, que lhe serviu de instrumento para desafiar o capital internacional, abrindo novos mercados a uma indústria que recomeçava a todo vapor.

Do mesmo modo, o povo italiano aceitava esse fator de embruscação, dando ao Duce idênticos poderes, levando com isso, entretanto, a uma luta intestina pela conquista da hegemonia européia.

A guerra não-declarada entre os dois ditadores era tamanha, que chegou ao ápice com o pedido de Mussolini ao papa para lavar a bula de excomunhão sobre o ditador nazista. Como um rolo compressor, Hitler esmagava os povos vizinhos, como no caso dos sudetos da Tchecoslováquia, iniciando seu “Anschluss” premeditado para o resto da Europa Central, causando com isso ciúmes ao Duce.

Essa briga não durou muito tempo, não se sabendo entretanto até o presente momento por que o papa fora omissivo a esse pedido. Muitas dúvidas ficaram com isso, pois, logo em seguida fora estabelecida a aliança das duas potências, formando o que se designou de Eixo.

Essa semente alastrou-se pelo mundo inteiro.

Aqui, no Brasil, como não fora diferente, estabeleceram-se as correntes: pró-Eixo e pró-Aliados, como eram designadas as potências contrárias.

O governo brasileiro balançava o quadril, qual mulata sambista, ficando ora com um, ora com outro. Com ele, os “galãs” revezavam-se ao som da partitura que vinha de além-pátria. Dizia-se que Getúlio não tinha coração.

Essa dúvida, Monteiro Lobato já induzia aos seus leitores que conviviam com sua Emília, procurando descobrir se a boneca falante tinha ou não coração. Nos “Trabalhos de Hércules”, demonstrou ela ser um ente vivo, quando, voltando da Grécia, cheia de presentes, apresentava-se perfeitamente como tal. Ao mostrá-los a dona Benta, que, desejosa de avaliar sua inteligência, perguntou-lhe qual daqueles o que mais a tocava. Sem nenhuma vacilação, disse ela enfaticamente: “as lágrimas de Hércules”. E antecipando-se a uma nova pergunta de dona Benta, que desejava saber onde as guardara, concluiu: “trago-as no meu coração!”...

O coração da Pátria batia descompassadamente! Prenunciava-se que muitas lágrimas cobririam a Terra que nos vira nascer, como se nimbos fossem, anunciadores de tempestades iminentes.

Monteiro Lobato, por meio de suas obras literárias, lidas avidamente pela juventude, disseminava facilmente essas idéias. Com sua pena irreverente, fazia-as falar, através de sua engenhosidade literária. Colocava na ingenuidade de seus leitores as ingenuidades dirigidas de seus personagens, numa didática definida de fazê-los entender o que desejava que fosse dito acerca do nacional-socialismo soviético. Sua pena transformava o antianglo-americanismo em um nacionalismo fundamentalista.

Desde as inocentes diabruras da boneca Emília, até as tiradas filosóficas do visconde de Sabugosa, nas tertúlias coordenadas por dona Benta, velha muito “pra frente”, como dizia o Saci, induzia-se a essa formação de brasilidade que tanto desejava fosse implantada na mente da juventude, que despertava para o comando da neodemocracia que estava por nascer de novo no país.

No ir-e-vir, à sombra da diplomacia internacional, tanto dançou esse governo que viu-se mais tarde em palpos de aranha. Desde o momento em que os pracinhas acenderam os pitos, colocando a “cobra pra fumar” nos Alpes italianos, juntamente com os “senta a pua”, após retornando ao seio da Pátria, novas idéias democráticas surgiram, influenciando para o término do governo ditatorial de então.

A maioria, entretanto, dos orapronobianos, afeitos a uma real concepção de ser o Homem, Rei do Universo, um ente físico e político, vindo ao mundo para dele tirar proveito, dando-lhe em troca a paz que nele deve reinar em todos os sentidos, via a solução desse entrevero perverso na Escola – única entidade capacitada para colocar um freio nisso tudo, usando uma metodologia capaz de mostrar que o homem é um ser social, que deve trabalhar visando ao bem-estar de todos. Aqui o professor Josino tomou o pião na unha e desandou:

— O animal irracional necessariamente sabe onde encontrar o remédio na natureza que possa vir a minorar as agruras de uma doença pertinaz. Muita vez, estes são derivados do reino vegetal. Usam a água fria dos riachos para abrandar uma febre oriunda de infecção indesejável. Isso, em sua totalidade, não acontece com o homem, que, vivendo em sociedade, necessita e se faz valer dos cuidados e ajuda de terceiros. Daí a diferença. Daí a sutileza do dever de ser uns pelos outros. Daí a necessidade de coordenar as ações individuais para o bem-estar de todos. Esse processo encontra solidez no projeto pedagógico da escola, uma entidade formadora do caráter. Entretanto, nessa o problema não estava totalmente compreendido – enfatizou o professor.

— Havia um desinteresse por parte dos mestres em mostrar as várias formas criadas com a finalidade de proporcionar o desenvolvimento da sociedade, nascida pela necessidade de se criar os meios favoráveis de vida em comum. Com isso, *à la volonté*, sem rumo, instalava-se a confusão na população, pela falta de uma orientação capaz de ser o farol que deveria orientar os navegantes à deriva, sem condições, mesmo as mais elementares, de raciocinarem em defesa de sua integridade física, para não dizer, também moral e intelectual. Com isso, as correntes se firmaram, cada qual mais acerbada.

“A maioria dava-se conta de que enquanto o patriotismo deseja o progresso de sua nação, em junção com os demais países, numa cooperação mútua de interesses nacionais, o outro acha que estes são aves de rapina que só desejam surrupiar nossas riquezas. Daí o nascimento de um nacionalismo que é fator preponderante de lacramento de suas fronteiras, com conseqüente instalação de recessão econômica.

“Seus contraditores, entretanto, como exemplo, citavam que abertura dos portos nacionais ao comércio com todos os países do mundo, em 1808, ainda que fosse sob o som dos cascos dos cavalos de Junot, ressoando em

Lisboa, explodiu em todos os recantos da colônia brasileira, agora transformada em uma parte do Reino Unido com Portugal, por sugestão de Talleyrand. Com isso nascia a esperança de melhores dias, podendo o povo brasileiro conviver, sem grilhões, com todos os povos do planeta Terra.

“Sabedores de que das divergências é que nasce a criatividade, que dinamiza o progresso com novas descobertas, não se intimidavam em afirmar que, em alguns momentos de perigo, até as Nações devem valer-se da ‘rédea do conservadorismo’. Com ela, pode-se salutarmente redimir o ‘Avanço Social’ desenfreado, conduzindo a sociedade a uma situação mais suficientemente capaz de trazer uma ‘paz duradoura’, da qual possa tirar ensinamentos para uma ordem de liberdade vigiada por si, salvaguardando as individualidades.”

* * *

Sô Emídio, ficando por minutos acuado com a fluência com que o professor Josino expôs a questão, deu-se por presente. Sem ser instigado, pegou entretanto a palavra para, com sua habilidade habitual, discorrer sobre a matéria que andava trazendo conflitos. A oportunidade lhe era muito favorável, uma vez que, fazendo parte de uma “instituição universal” que acolheu pelos séculos símbolos como o compasso e o esquadro, instrumentos determinantes para a construção de uma sociedade nivelada, baseada no dever fraterno de viver-se em harmonia, sentia-se à vontade para emitir sua opinião, discorrendo:

— O nacionalismo tradicional evolui para a invulnerabilidade às doutrinas exteriores que de fora o ameaçam. Filia-se num padrão mais antigo de tribalismo, no qual os direitos e valores grupais subordinam-se aos direitos e valores individuais.

“Há uma nomeada preferência pelos interesses competitivos de uma Nação e seus membros sobre todos os estrangeiros. Acentua o constitucionalismo e os direitos individuais, julga a existência do Estado-Nação como indispensável ao máximo desenvolvimento do indivíduo.

“Usualmente, determina a organização totalitária da sociedade e procura dominar os outros, em nome da própria superioridade nacional. Em nossa pátria – continuou Emídio sua peroração – ele criou uma visão dos objetivos nacionais sobre um prisma histórico e social, e uma vontade de atingir o mesmo nível dos países desenvolvidos.”

— Hermes Lima assim o explica – dizia ele: “A base mais profunda da política nacionalista nos países subdesenvolvidos reside, portanto, no despertar de uma consciência política própria, de tal modo que a imagem do país não a recebamos de mãos estranhas, do sentimento porém do nosso próprio destino e do conhecimento de nossas próprias possibilidades.”

Citando vários conceitos sobre o tema violência, sintetizou em breve digressão:

— É preciso, pois, ser fundamental que certos setores de comando da economia e do progresso nacional estejam nas mãos do Estado, o que se torna perigoso à integridade individual, quando se aproveita dos momentos de sufocação da comunidade pela inflação e por pressões oriundas de lutas classistas. Como exemplo, pode-se ver o anti-semitismo em diversas comunidades sobre a Terra. Responsabilizam os judeus, certo é, pela decadência dos povos, sufocados pelo seu dinheiro vil e selvagem, coadjuvado pela índole egoísta que até hoje perdura na convicção de ser seu povo o preferível por Deus Único.

“Trata-se de um tipo de violência oferecer meios possíveis e indubitáveis de que ela pode ser empregada. É o que se chama de violência potencial. As paradas militares de organizações policiais são exemplos clássicos de intimidação inerente e substancialmente mostrada. A força do dinheiro pode ser manifestada como violência, quando se a usa também com o fim de manejar a comunidade a seu bel-prazer.

“Costuma-se deteriorá-la, quando passa a ser força de persuasão a quem o nacionalismo devota uma perfeita sintonia. Às colônias são impostas formas de uma subserviência cultural, tornando seus habitantes colonialistas passivos, a não acreditarem em nossas possibilidades, só admirando o que vem dos dominadores, como já foi em nossa Pátria Colônia; em que tudo que havia de bom, mesmo feito aqui, trazia o título do reino, como a pimenta-do-reino, que nunca foi de Portugal.” (cfr. Mário Ferreira Santos, em *Sociologia Fundamental e Ética Fundamental*, p. 56).

* * *

O professor Josino, diante de tudo que foi dito, concluiu:

— Emídio! Você foi brilhante nesse raciocínio. Mostra com ele o porquê de a arma que Vicente não mais conduz ainda amedrontar seus colegas! Muito bem! “Très bien, mon cheri!”

Na sutileza de suas observações, o professor era sem-par. Na maioria das vezes, ao corrigir um trabalho na sala de aula, percorrendo cada carteira, o fazia através de uma quadra poética, adaptada à situação específica de cada aluno. Usava com isso, uma metodologia *sui generis*, fixadora de aprendizado como nunca. Jamais o aluno voltaria a cometer os mesmos erros, transformando o trabalho em instrumento de consulta tão sonoro, que o guardaria para sempre, sem dúvida nenhuma.

* * *

Lázaro, pois, como foi dito, aguardava unicamente a festa do Divino Espírito Santo para retornar a Uberaba.

Os preparativos para a procissão que encerraria esses festejos corriam céleres.

Jamais fora vista uma comissão organizadora tão operante como aquela, que implementara em apenas nove dias, os leilões, as barraquinhas, as quermesses e os bailes beneficentes. A Folia do Divino transitava em toda a paróquia, nos povoados, distritos e fazendas, antevendo uma receita promissora.

Pelos tempos magros que corriam, esmorecendo o pequeno hortelão, o agricultor, e mesmo os fazendeiros, até então, presumivelmente, a receita oriunda dos festejos não estava má. Só se saberia, entretanto, a quantia certa arrecadada, quando o tesoureiro terminasse de conferir.

O gado perdia peso, sufocado que estava nas pastagens ralas, decorrentes do estio, a cuja canícula se deve a secagem da ponta do capim. O preço da arroba do boi em pé transitava em baixa, comparado com o do ano passado, no mesmo mês.

Aí é que a bandeira vermelha, tendo uma pomba branca instalada no centro, fazia a diferença, quando de sua chegada no largo das estâncias visitadas. Era como se, ante ela, desvanecesse toda penúria do sertão. Dizia-se estar nela a Luz Divina que servia de chave à esperança que deveria abrir-se em corolas multicoloridas, como se rosas fossem, iluminando e perfumando a alma prenhe de anseios de uma doce vida, desvanecendo os arrepios emocionais, em brumas passadas nas veredas das rudes lidas do campo.

Dentro de casa, todos queriam beijá-la, tocá-la, enrolar-se nela, como se fosse a manta que os abrigaria das rajadas frias do inverno de um trabalho

incessante e penoso, que era um nunca-mais-acabar uma rotina – levantar-se, trabalhar, comer, trabalhar e dormir!

As mães levavam-na aos quartos onde se acomodavam os filhos, para levemente tocá-los, fechando seus corpinhos às doenças muito comuns no período do estio. Aos de peito, fazia-se fé para não pegarem quebranto, que atacava os mais robustos.

Os foliões cavalgavam por trilhas, caminhos, descampados e serras íngremes, numa devoção sublime. Certos estavam de que, com isso, as benesses do Divino Espírito Santo cobririam seus corpos e mentes, livrando-os dos males de toda espécie. Criam que para eles estavam reservadas boas moradas junto ao triunvirato – Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo – após suas mortes.

Havia também aqueles mais astuciosos, em menor número, que só apareciam nos “pousos” para participar da comilança farta, das catiras, dos lunduns, das quadrilhas, dos forrobodós específicos à vida sertaneja.

Nesse entrevero todo, o espaço estava aberto aos desafios à viola, em que sempre os repentistas saudavam os donos da fazenda, marido e mulher.

Havia moçoilas casadoiras e rapazes tímidos que, para pedir uma contradança, precisavam tomar pelo menos uns três goles de “alicoire” de jenipapo ou de pequi, para criar coragem. Havia os olhos vigilantes dos pais, furando a luz bruxuleante das candeias, onde as chamas dançavam também, aos acordes da brisa friinha que soprava do terreiro para dentro da sala, com o fim de acalmar os pares mais afoitos no arremangado das pernas e coxas.

Havia as mesas do truco, um jogo de cartas, possivelmente de origem lusitana, bizarro, muito alegre e gostoso de participar. Em algumas mãos, surgia de repente um blefe, logo desmascarado quando um dos jogadores, com apenas uma só dama, a carta de menor valor na mão, dizia mais alto: “truco!”... cutucando o adversário em falso. E aí, ele com o zap, a de maior valor na mão, botava um berreiro danado, dando o grito de guerra: “vale seis, ladrão de tento!”...

Havia alguns que subiam na mesa, pulavam no chão e, com a mão, segurando a carta por baixo do sovaco, continuava a desafiar o adversário, gritando até ficar rouco:

— Pega aqui parceiro!... – colocando os cotovelos apoiados em cima da mesa e entrelaçando as mãos pelos polegares, num gesto “sublime”

de heroísmo, confraternizavam-se rindo, alegres e desafiadoramente brincalhões.

— Isto é que é jogo!... Bom, alegre, brincalhão!... — dizia Sô Niceto, o dono da fazenda, nobre espectador, já com os coités pelas bordas de caninha, a brindar, a cada queda corrida.

Havia ainda uma pequena parcela de jovens mais tímidos, cuja distração estava no arranjo da lenha na fogueira que ardia lá fora no pátio. Com muito zelo, arrepiavam o fogaréu, batendo um tição em outro com a finalidade de ver as fagulhas, tais quais estrelinhas, galgarem o firmamento das noites escuras de junho encapuçado — onde o único marco, a mostrar ao andante a trilha na relva, era o acender e apagar dos pirilampos à procura de uma parceira, para o fim de propagação da espécie, uma lei genética determinante do acasalamento mais propício nessa época do ano.

Em sentinela, assando uma ou outra espiga de milho, de olho vivo para não deixar queimar, fazia parte ativa da corrida da “branquinha” que esquentava o peito.

A comitiva dos foliões chegava sempre aos pousos por volta do crepúsculo. No meio dessa jornada, destacava-se o pouso do compadre Aniceto.

A maioria dos bons puxadores da Ladainha do Divino, moradores da redondeza, constituía a vanguarda da comitiva que perambulava pelas cercanias.

Coincidentemente, a jornada estava terminando no pouso da muito falada Solário de Canaã, fazenda a maior, melhor e mais confortável daquela savana de pau alto, como era classificada sua boa terra para o crescimento do capim-meloso, que adora enroscar pelos ramos das árvores.

Estavam os foliões preparados para tocaiar Sô Aniceto. Uma “traição” bem urdida estava armada.

À tarde desse dia, com o pôr-do-sol tingindo a serrania lá no horizonte de vermelho-acobreado, com o ar embaçado pela fumaça de alguma imprudente queimada, teimando em esconder o Sol que se punha mais depressa, a caravana de foliões curtia uma meia madorna. Algum mais cansado, curtindo a ressaca do pouso anterior, ia cochilando, com a cabeça pendente pra frente, balançada aos solavancos de sua animália, que à rédea solta corcoveava devagarinho pela estrada real da chapada.

Costumeiramente, até nos trôpegos passos da tropa, meio arriada de tantas e tantas caminhadas pelo agreste, notava-se um cansaço morno.

Vigilante mesmo, estava apenas o porta-estandarte. Atento, tirando o toco de pito de fumo-de-rolô do canto da boca com o contorno dos beijos, já meio sapecados, deu uma cusparada grossa “quiném” chumbo de tarrafa. Retesou a rédea de sua cavalgadura e, sem cerimônia, soltou a voz de comando para que fosse diminuída a marcha, com o fim de não despertar ninguém na fazenda. Naquela hora de entrega, somente o vaqueiro dava de si. Curral cheio!... Antes de apartar a vacada de custeio, colocava alguns bezerros mais novos às tetas de suas mães, ensinando-os a mamar.

Na casa-grande, o movimento das mucamas para arrumar o banho das crianças era intenso.

Na sala, balançando-se cadenciadamente na cadeira grande feita de vime, estilo austríaco, Aniceto fazia um rápido e sucinto retrocesso do que tinha sido a lida do dia em toda a sua propriedade.

Veza por outra, pegava um “peixão arretado”, pelo sono insosso que teimava em chegar.

De mansinho, com receio de levar pito do patrão, foi chegando, pé ante pé, o Tunico Pé de Pato, negrinho nebuloso, espevitado, cria da casa, murmurando na orelha dele:

— Sô Niceto!... Os home tão chegando!...

— Qui zome, neguinho?

— Os tá da Folia!... Tão armano traição pru sinhô!... Ouvi os cochicho das menina-moça que tão torrando farinha lá na casa da fornalha, dizendo qui hoje ia tê bate-coxa, pois a Folia tinha marcado pouso aqui pra hoje sem avisá pru Sinhô!... É pra traí o sinhô com um foguetório danado – continuou o moleque. — Tá tudo na maranha!... Ninguém conta nada!...

Sô Aniceto, com um só pulo, já estava na porta da cozinha que dava pra casa dos bezerros, chamando o vaqueiro para reunir a peonada.

—Tunico!... Cê num tá mintino não?

— Não!... Num tô não. Quando ouvi o cochicho das moça, corri me amoitar pra vê. Vô ficá lá de sentinela pra avisá o sinhô!...

Havia dias que Aniceto andava desconfiado de que a qualquer hora surgiria a caravana dos foliões... pois, a poucas léguas, na casa do compadre Xavier, houve uma festança danada, na semana passada. Queria ele que fosse o melhor pouso, o dele aqui, na Canaã.

Aniceto arrumou estrategicamente seu pessoal já ajuntado pelo vaqueiro. Adrianinos na mão esquerda, tição na direita, estavam preparados, a postos.

Havia notícias de que a Folia iria encerrar seu trajeto “queimando” o mais orgulhoso dos fazendeiros da região, que era o senhor Aniceto.

Tunico, entouceirando na larga da frente, por onde deveriam passar os foliões, ouvidos mais atentos que os olhos, pressentiu a cavalgada que se aproximava. Correndo foi logo avisar.

Os gritos dos quero-queros, vigilantes do seu território no pasto da frente da casa, anunciaram ao porta-estandarte que já estava a comitiva adentrando o terreno da refrega. A cancela grande foi destramelada vagarosamente. O que não sabia ele, entretanto, é que os quero-queros avisavam mais da chegada de algum intruso aos moradores que mesmo ao viajante inepto.

O tropel dos animais de sela, agora mais vagarosos, dava a impressão de que nada de novo iria acontecer. Já se estava saboreando o acontecimento. A traição seria daquelas!

A artilharia comandada pelo capitão Zé, guarda dos adrianinos, canhões de dois e três tiros, postou-se. Com os estopins dos foguetes já descascados, as bingas de pedra no jeito, estavam mais que conscientes da vitória.

Na cancela de chegada ao curral grande portaram-se meia dúzia. Ao pé da moita de bambu-do-campo, mais meia dúzia. Ao comando do corneteiro, a moda do Divino arreprou. As violas e violões, cujos braços estavam enfeitados de coloridas fitas, com os tons tirados e acertados, conferiam um aspecto místico ao ambiente.

Soa no descampado, quebrando o silêncio daquela tarde modorrenta, o primeiro grito de guerra. O corneteiro já com o instrumento embocado, tuchando fundo e repicando conforme o fôlego, explodindo em acordes, alertou a comitiva. A ordem para iniciar o tiroteio partiu do porta-estandarte que, triunfalmente, balançava a Bandeira do Divino Espírito Santo sofregamente de um lado para o outro, com o compasso do dever cumprido estampado nas mãos calosas que agarravam o mastro com firmeza.

— Vamos!... Em frente!... Agora!... Fogo... Vamos queimar Sô Niceto — incentivava o capitão de artilharia.

Sô Zé era treinado no assunto. Ao seu comando, a fuzilaria começou. Por cima da cumeeira da casa, o estouro dos foguetes, para quem não estava acostumado, dava impressão que o telhado iria desabar. Os estrondos eram tão fortes que pareciam estar explodindo dentro da varanda da casa.

As crianças inquietavam-se. Seguravam firmes, medrosas, a barra das saias da dona Vanda, esposa de Aniceto. Os cães, cauda entre as pernas, procuravam se esconder por baixo dos jiraus, onde os peões dormiam.

Uma surpresa entretanto estava reservada. A bem não se esperava, de dentro do jardim em frente à casa, e do pomar ao seu lado, surgiu o primeiro rebate. Do curral os rojões gritavam, soltando estrelinhas luminosas no alto do firmamento, como se fossem ouro oferecido ao Divino.

— Bem num comparo – disse Sô Niceto. Era como se estivesse, naquele momento, bem parecido com Baltazar, o Rei Mago, que aos pés do Menino Jesus, abriu o cofre da prosperidade, ofertando ao Senhor dos Mundos.

Por detrás da casa as “roqueiras”, artefatos muito comuns por aquelas bandas, feitas de cano de ferro cheio de pólvora, com escorva longa, preso a uma tora de madeira ou enterrado no chão, abriram fogo.

Os campos ensurdeceram-se.

No mourão, em frente ao curral, onde se amarram os cavalos, um deles mais assustado rebentou o cabresto, saindo em disparada. Como estava arreado, quanto mais corria, rodopiando pelo cercado, mais os estribos batiam em suas ilhargas e mais a corrida ganhava em velocidade, pois achava ele estar pilotado por um cavaleiro a esporá-lo.

As indefesas cotias que roíam caroços de manga-coquinho, lá na tapera, não muito distante dali, em pânico recolheram-se em suas tocas, medrosas. As garças brancas que se aninhavam no arvoredor, lá para o lado do brejo, alçaram vôo, desistindo de ali passarem a noite.

Ligeiramente abobalhados, os foliões não esperavam por aquela recepção. A traição deixou de ser traição. Comodamente, aproveitando a calma que vez por outra era quebrada pelo picotar de um adrianino solteiro, foram se aconchegando.

* * *

A vacada de custeio, após o aparte, aberta a cancela do curral, galgou um pequeno relevo que levava ao pasto, onde ainda com a pouca luz do dia que se esgueirava por trás dos arvoredos dava para fazer a última refeição de bom “provisório”, que ali teimava em brotar, mesmo sendo demasiadamente pisoteado. Vez por outra, uma ou mais virava a cabeça para o lado de onde partiam os berros sentidos dos bezerras, respondendo com prolongados mugidos de consolo, que eram repetidos ainda mais chorosos pela bezerrada.

Os pinguelos, já refeitos do susto provocado pelo pipocar dos fogos de artifício, troteavam pelo cerrado miúdo, desviando das moitas do juá-bravo, cujo caule coberto de acúleos, danavam a acutilá-los, pois tinham ainda o couro indefeso.

Num instante, já estavam próximos ao círculo sem forração desbravado por eles mesmos, com o secular pisoteio de suas muitas gerações. Construíram assim o malhadouro, onde se juntavam para passar a noite, embolados, bem quentinhos.

Pescoço dobrado, cabeça encostada na paleta, livre dos muruins que atacam mais ao entardecer, postava-se a dormir todo o gado ali malhado. Algum ou outro, de toda a manada, entretanto, ainda deitado tinha tempo para remoer o bolo alimentar feito, quando da última pastagem. Fazia esse trabalho de olhos fechados, vagorosamente, rodopiando em semicírculo o maxilar inferior. Num movimento cadenciado, que mais parecia um sussurrar mudo, capaz de “fazer boi dormir”, filosofava, mesmo como boi que era, antes que o dia se esvaísse por inteiro... E assim, entregavam-se ao sono reparador. Acordavam, já prontos para a primeira refeição do dia, somente aos primeiros clarões da aurora.

Bem ainda não tivesse amanhecido, já a vacada de custeio, enfileirada na trilha que levava ao curral, postava-se junto à cancela. Cada uma mugia intercaladamente, uma de cada vez, com o fim de saudar a sua cria, que já inquieta, presa no cercado, respondia a essa mensagem saudosamente.

Os úberes volumosos, densos, incomodavam-nas tanto quanto a separação de seus filhos.

Após a ordenha, a cria era lambida da cabeça ao lombo, dos quartos à paleta, numa troca de amor. Olhos fechados, o bezerrinho encostava-se à sua mãe, num enlevo recíproco.

À entrada da casa-grande, já na sala, o violeiro-mestre repicou as cordas e, com ligeiro toque em ré menor, deu o tom aos cantadores.

Principiavam pedindo licença ao dono e à dona da casa pra começar a reza, numa dolente armação musical. Em seguida, ao cumprimentá-los, teciam loas às suas qualidades beneméritas e principalmente à benevolência de recebê-los com tanto afeto. Aos moradores ali presentes, “tiravam quadras”, que na maioria eram engraçadas, fazendo a todos rir de suas rimas.

Muito aplaudido era o repentista da turma, que, a cada manifestação dos presentes, engolia seco, estufando o peito, todo vaidoso.

O refrão da Ladainha do Divino, cantado, era acompanhado pelo som das violas e violões, pelo tintilar do pandeiro, repicado pelo triângulo e cadenciado pelas caixas.

A festança foi desenrolando-sel... desenrolando-sel... entrando pela madrugada!... sem hora para terminar.

A certa altura, o tesoureiro, já presentindo o cansaço de todos, inteligentemente ordenou a passagem do chapéu de donativos, acionado pela moça mais fagueira e alegre ali presente no salão onde o forrobodó deslizava.

Um fiapo de inveja aparecia nos olhares das demais, que gostariam de, no seu lugar, fazer a cortesia de agradecimento às ofertas, principalmente se fossem dadas pelos grupos jovens que as olhavam com água na boca.

De vez em quando, requebrando-se que nem folha de bananeira ao vento, pausando mais tempo em frente ao doador, ela falava em tom de brincadeira:

— Tá pouco! Dá mais! Senão num danço mais concê! – fazendo os garotos, muito deles corados ante a arguta admoestação, espichar mais as oferendas.

Somadas, contadas, as moedas se misturaram aos cartões de ofertas que, de pato a leitão, passando pelos pinguelos e novilhas, contabilizaram uma extraordinária receita, que foi devidamente anotada na última página do livro-caixa. Sô Aniceto não queria ficar atrás. Sob aplausos e vivas, entregou ainda, para ser leiloada, a junta de bois que já se encontrava ajoujada e presa no curral, à disposição do tesoureiro.

Novos estrondos de fogos pipocaram, agora já bem insossos. Eram os rebotalhos da refrega que sobraram. De vez em quando, um ou outro

estampido meio chocho ecoava naquele céu sertanejo, marcando presença, com preguiça de ir-se.

Alguns mais idosos, que já haviam encostado o corpo por cima das espigas de milho armazenadas no vasto paiol, abriram mal-e-mal os olhos, virando para o outro lado. Ajustaram o chapéu por cima do ouvido que ficou para cima e continuaram a “puxar a palha”, com roncões intermitentes, acompanhados pelas rãs brincalhonas, moradoras do rego-d’água do fundo da casa, rapando cuias: reco!... reco! – sem hora para terminar, compondo assim a sinfonia que pediram a Deus.

Também, não fora para menos. A branquinha e os licores de anis e hortelã correram soltos por toda a noite.

A fogueira, já quase adormecida, lançava de quando em vez uma labareda mais afoita. Era como se estivesse acenando, num longo gesto de adeus, teimosa manifestação de ousadia à opulência de que fora dotada com tenaz volúpia, durante toda a noite, quando ardia majestosa. Era como se fosse, essa língua de fogo que se desprendia, lambendo a noite que se debruçava para o lado da aurora, uma salamandra inquieta, que navegava com sua corte de Deusa do Fogo.

Pelos lados, na relva amarelada pelas fagulhas que brincavam de lagartinhos de fogo – ora acendendo, ora apagando, numa intermitente presença – com os tições, quase todos como uma só brasa que ainda tentava arder, cochilavam alguns foliões, exaustos da refrega, que não fora brincadeira nesse pouso.

Essa festança toda, do jeito que desenrolou, ficará na história das Folias que adentram o sertão, como um marco de grandeza sem par.

Senhor Aniceto estava orgulhoso e contente.

Já de manhãzinha, ordenou passar por último a cuia de leite espumoso, ordenhado naquele momento. Despejado nas canecas esmaltadas, no fundo delas havia uma colher de açúcar mascavo, resultado da maceração nos cochos de percolação da garapa grossa, com o fim de separar a parte cristalina do melado cabaú, que corria pelas beiradas como rejeito.

Tudo produzido ali em sua Canaã!...

* * *

O porta-estandarte desenrolou a Bandeira do Divino. Empunhando-a com galhardia, passou-a na cabeça de Sô Aniceto e de sua senhora, Sá

Vanda, donos da casa, que a beijaram sofregamente. Os violões e violas repicaram. Numa toada dolente, o cantador-mor tirou, para cada um deles, rústicos versos de agradecimento à acolhida que tiveram, soltando por fim: “Pru ano qui vem, nós tá qui outra vez / Se o Divino Espírito Santo permitir, / o solário de Canaã, muita fartura há de produzir / Isto qui nós tamo veno é só o indez! / À Sô Niceto, sua Dona e aos seus fios, o Divino há de acompanhá!... / Pru ano qui vem, nossa tocaia num vai crefáaa!... / Adeus a todos, Orapronóbis está a nos esperáaa!...”

Assim foi o último pouso da Folia do Divino, naquele ano de Nosso Senhor Jesus Cristo!...

* * *

Em Orapronóbis, os leilões haviam se encerrado. Na noite de despedida, a receita foi bem pra lá do conto de réis e alguns trocados.

A tesoureira em exercício, ao que nos consta, por termos ouvido depoimentos contemporâneos, exercendo o cargo em nome de um de seu filhos, era uma senhora de família tradicional da cidade. Acertando com todos os guias das vinte folias que mourejaram por todos os cantos da paróquia, fez o balanço. Escreveu a receita, que foi assinada pelos membros da comissão. Satisfeita retirou-se para sua residência, levando toda a fêria destinada a saldar as despesas da festa que se aproximava.

A despesa maior ficava por conta da assistência que davam às bandas de música, a Euterpe e a Fraternidade. Uma deveria postar-se na escadaria de entrada da Matriz. A outra acompanharia o Imperador e comissão à sua casa, onde era feita a coroação do novo monarca, que fora sorteado por volta da missa de domingo.

A ele era repassada a coroa, cerimoniosamente, sob intenso foguetório e dobrados da banda de música. Um tira-jejum era servido a todos. Os pratos eram requintados. Os bolos de fubá, as queijadinhas, os manúês sobressaíam e eram disputados com avidez.

O novo Imperador, já coroadado, era em seguida conduzido à sua residência, com a nova comissão escolhida. Acompanhado de dezenas de pessoas, caminhava vagarosamente, tendo nas mãos uma bandeja de prata com sua coroa. Tiras de fitas, com as cores peculiares ao Divino, oriundas de séculos passados, eram seguradas por infantes vestidos a rigor. A irmandade Confraria do Divino, ornamentada com as opas vermelhas, esperava a Procissão Imperial, postada bem à entrada da casa.

A banda assoprou a música secular de saudação, logo que foi vista a vanguarda da procissão. Novo foguetório fora ouvido. As igrejas repicavam seus sinos com galhardia, proporcionando ao ambiente um ar festivo e triunfal em todos os cantos da cidade.

A casa do novo Imperador não era grande. Sô Tiofão, de altura avantajada, quase não pôde passar pela porta da frente, com seu instrumento, o baixo, o maior de todos, a tiracolo. Isso constituía mais uma prova que o Divino Espírito Santo não escolhia o Imperador de sua festa somente entre os abastados, mas também entre os menos favorecidos da sociedade.

Em assim chegando à sua nova morada, todo o populacho fora convidado para o almoço tradicional, regado a refrescos. Aos mais íntimos, rolava um coité da Pingo do Céu, cujo nome “pegava bem” naquela circunstância.

* * *

Padre Joca, não se sabendo do porquê – pois é coisa da intimidade eclesiástica que é resolvida secretamente, não oferecendo ao leigo condições de saber –, fora impedido pelas dioceses de Uberaba e Montes Claros de usar os paramentos sacerdotais de ofício. Tendo tomado posse na data de 16 de outubro de 1922, fora surpreendido agora com a chegada de padre Antônio Pereira Dias, português de nascimento, empossado como novo vigário da paróquia, no dia 23 de outubro de 1923.

As irmandades inquietaram-se!

Não encontrando razão para o acontecido, movimentaram-se para tornar a indicação nula, valendo-se de prestígio até de políticos da estirpe dos Melo Franco. Logo que tomou pé da situação das irmandades, absolutas detentoras da receita da paróquia, iniciou esse padre uma forma de desestabilizar esses poderes, tecendo intrigas perante seus superiores.

Talvez tenha sido a angústia de não estar participando de uma pressuposta bolsa recheada, como a daquela vasta paróquia, que atiçava a ambição de tantos quantos tinham conhecimentos da imensidão de sua potencialidade, na medida em que era assentada sobre minas auríferas, cuja fama de serem as mais ricas e inesgotáveis, jamais vistas em todo o planeta, corria veloz. Talvez!...

Apaixonado, mas não deprimido, em razão da sua formação eclesiástica e principalmente da humanitária, padre Joca passou a dedicar-

se mais e mais às obras sacerdotais, dando uma nova contextura às irmandades existentes na paróquia.

O radicalismo do padre, seu substituto, surpreendeu o rebanho, acostumado às liberalidades de antanho.

Designado, dizia ele, estava ali para colocar a paróquia nos trilhos. Chegou a disseminar ter chegado para ressarcir a diocese dos décimos, das espórtulas e dízimos que escoavam pela sarjeta até os bolsos incoercíveis dos vigários que o antecederam. Muitas intrigas foram tecidas no seio da paróquia, dirigidas a D. João Pimenta, bispo de Montes Claros, sobre a conduta liberal do padre Joca.

Os dirigentes dessa paróquia assemelhavam-se a uma lamentável fogueira, onde se queimava lenha ordinária que só servia para fazer muito e muito carvão. Com isso, transformaram os idealismos em cinzas, o que, como se não bastasse diminuir a fé religiosa que ainda existia em um povo muito direcionado para os bens materiais, movido que era pela cobiça na procura do ouro abundante, ainda, tentaram acabar com seus templos. Nascidos que foram, embora sob a égide da opulência de um desenvolvimento desregrado não só à custa do povo e do trabalho escravo, mas também da inspiração e da fé de muitos de seus artistas escultores, não mereciam esses templos a sorte de serem demolidos sem aquiescência do povo. Entretanto assim foi feito! As obras de arte religiosa que ali foram cinzeladas serviam como testemunhos para se implantar nas futuras gerações o amor à terra e ao seu passado, fortalecendo a fé que se encontrava debilitada. Foram crucificadas! Dilapidadas! Espoliadas e jogadas ao vento!... Algumas delas, transformadas em verdadeiros himalaios resistiram! Mesmo assim, em algumas, forçaram sua decadência, deixando-as ao deus-dará, para servir de pretexto aos seus enterramentos! O que foi feito sem a menor pudicícia.

Historiadores probos nos contam das estrepolias e maluquices da maioria dos vigários-gerais, que trabalhavam à mercê das benesses da autoridade eclesiástica baseada em Olinda, Pernambuco, distante mais ao menos quinhentas léguas. Havia até padres condenados por crime pelo rei recebendo ordens e sendo nomeados vigários-gerais, como citado é o padre Dr. Antônio Mendes Santiago, que esportulou sacramentos de 1744 até 1755. Vindo de São Romão, jamais desejava fosse ele submisso aos arcebispos próximos, como o de Mariana, recém-criado. Desejava sim, ficar longe. Quanto mais longe, melhor seria. Imagine-se! pertencer ao

governo eclesiástico sediado em Olinda?! Que maravilha, não? Lá naquele mundo, longe pra burro, tudo pode acontecer, até coisas boas, as mais impossíveis – justificava ele!...

A capitania de Duarte Coelho se desdobrava pela margem esquerda do rio São Francisco, pegando parte de Minas e Goiás, estendendo-se pelo boqueirões de Mato Grosso, com a visão ambiciosa de encostar nas fraldas andinas.

Pelo menos, por mais de nove anos esse padre trabalhou na paróquia sem nenhuma provisão. Esta só foi feita em 8 de fevereiro de 1755, assinada pelo bispo Dom Francisco Xavier Aranha, ignorando a ordem de prisão expedida pelo rei. Advertido fora por cobranças indevidas de ofícios pelo governo Conde de Valadares, não se importando, porém, com nada. Como se não houvesse tido nada contra ele, continuou adquirindo bens à doído, sendo por isso, desde 1761, denunciado por abaixo-assinado dos reinóis por aqui residindo, inclusive por invasões de terras e datas de condôminos seus. Para baralhar seus superiores, cognominou duas igrejas com o mesmo nome, uma em Manga e outra em Sant’Ana e São Luiz – ambas com o nome de Santo Antônio da Manga.

“Não obstante ser procurado e condenado à morte, o padre Mendes Santiago recebia o tratamento de Reverendo Doutor Governador da Comarca e Comissário do Santo Ofício da Inquisição da Corte de Lisboa. Quem diz é O. Mello (*As Minas Reveladas*, p. 194).

A nós outros, se nos parece é serem as irmandades um fator de discórdia muito cativante, uma vez que ambos os vigários e seus componentes divergiam na condução do erário arrecadado nos eventos religiosos realizados na paróquia.

De quando os festejos de um santo devoto, a irmandade ligada a ele é quem assumia toda a despesa como pagamentos ao vigário pela celebração das novenas, missas e procissões, além do foguetório, bandas de música, leiloeiro, sacristão e congêneres. Os vigários não se conformavam com isso, daí nascendo um monte de intrigas e denúncias, com solicitações ao bispado de suspensão de suas funções. Havia peroração até no roteiro das procissões. Era uma “briga de foice no escuro”, como se dizia à boca pequena. Servia tudo isso como um fator preponderante para o declínio da fé religiosa entre os já poucos adeptos ao cristianismo.

Entre os brigões, apareciam figuras de padres pistoleiros, que entravam em confronto com jagunços, provocando tiroteios. Em um desses,

sendo o padre Videira bom de tiro, entrincheirado atrás de uma bancada de tipos, atingiu o maxilar inferior de um, ferindo outro no peito, quase levando-o a óbito. Tudo isso por causa de um pressuposto empastelamento de uma tipografia, onde se editava uma espécie de jornal político-partidário, habitual em críticas ofensivas à dignidade e à honra dos seus adversários, editado pelo padre. Como se dizia nas praças e jardins:

— Êta vigário bom de trabuco! Seria melhor se usasse a pena igual a Joaquim Nabuco.

Além disso, tinha como base de sua liberalidade a Nenzinha, filha de Gregorina, a quem dava assistência quase matrimonial, uma vez que ali, na rua da Capelinha, residia. Não se dava ele ao escrúpulo, de modo algum, de esconder aquela união, dela aumentando a indiferença que já se fazia grande entre os paroquianos pelas causas cristãs.

Por outra parte, havia pancadaria em padres, como a havida num deles, no chamado beco do chafariz, por ter ele ter-se recusado a batizar a menina Cássia, vinda de uma família de estirpe, das mais tradicionais da cidade, como a de Veninha Roquette. Não se falando ainda do assassinato de um frei na praça do Amparo, bem ali na esquina com a rua das Flores, onde existia até há pouco tempo uma cruz do tamanho natural de um homem, encostada, quase grudada, na parede do comércio Casa Pinduca, de Alexandre Macedo, onde se vendia de tudo, até imagens dos santos padroeiros. Antes, nesse casarão onde se acotovelava a família e o negócio, residia coronel Ricardo, uma das boas fortunas da região, se não a maior, pois era o financiador dos boiadeiros que jogavam boiadas nas estradas rumo aos entrepostos do sudoeste mineiro e de São Paulo, na região de Barretos e Araçatuba, onde eram invernações, aguardando a safra dos frigoríficos, quase todos de origem européia, como o Ângulo e o Swift.

As crianças ao passarem beirando aquele cruzeiro, benziam-se todas, apavoradas pelo acontecimento que o originou e que era contado pelos mais velhos.

Corria o adágio que em padre só pode se bater da coroa para cima. Entretanto, isso não era impedimento – dizia o Coimbra, lá do Brocotó. “É só virá o padre de cabeça pra baixo! Pois, num é?”

As querelas, porém, não ficaram só nisso. De brincadeira em brincadeira, vez por outra, as coisas engrossavam. E aí? Nem benzeção adiantava! Nem ameaça de excomunhão segurava a “tala do piraí”!

O padre Antônio bem não tinha chegado, o povo já tinha analisado-o bem – um indivíduo ambicioso ao extremo, logo botando as manguinhas de fora, retendo dinheiro e objetos de valor pertencentes às irmandades.

Forjou uma série de denúncias contra o pároco que o antecedeu, procurando imolá-lo como se fora ele o responsável pela dinastia ditatorial das confrarias existentes na cidade, e sobretudo pela indiferença dos reinóis à causa da religião cristã. D. Pimenta, por várias vezes, exigiu a abertura de inquérito no sentido de apurar essas denúncias. Nenhuma providência, entretanto, fora tomada nesse sentido, uma vez que o que se desejava era uma intervenção abrupta. D. Pimenta, conhecendo bem o caráter de seu provisionado, chegou a formular uma frase citada por O. Mello (op. cit., p. 210), que no seu âmago traduz tudo: “Nada fez, porque só sabe causar.”

* * *

Uma tarde pinturesca serviu de motivo ao farmacêutico Emídio para visitar seu amigo. Bem não chegara, bateu palmas na porta da frente o velho jornalista e professor Josino, empunhando debaixo do braço o “Crítica”, livro de Machado de Assis. Parece que combinaram, os dois amigos, de levarem ao mesmo tempo a solidariedade do povo ao pároco fraterno. Mesmo antes das formalidades costumeiras, de cumprimentos e abraços, já abria às páginas marcadas (14-15) do dito livro, uma pequena ilustração, muito a propósito, para definir o vergonhoso tecimento de denúncias descabidas contra seu amigo fraterno padre Joca.

Eis Machado de Assis falando:

Com efeito, se o crítico, na manifestação dos seus juízos, deixa-se impressionar por circunstâncias estranhas às questões, há de cair freqüentemente na contradição, e os seus juízos de hoje serão a condenação das suas apreciações de ontem. Sem uma coerência perfeita, as suas sentenças perdem todo o vislumbre de autoridade, e abatendo-se à condição de ventoinha, movida ao sopro de todos os interesses e de todos os caprichos, o crítico fica sendo unicamente o oráculo dos seus inconscientes aduladores. O crítico deve ser independente – independente em tudo e de tudo –, independente da vaidade dos autores e da vaidade própria. A expressão de Cícero, quando César mandava levantar as estátuas de Pompeu é: “É levantando as estátuas do teu inimigo que tu consolidas as tuas próprias estátuas.”

Pegando a deixa, lembrou Emídio, muito a gosto de sua formação maçônica, do mesmo autor, no final da página, uma das colunas mestras da grande verdade: “A tolerância é ainda uma virtude do crítico. A intolerância é cega, e a cegueira é um elemento do erro; o conselho e a moderação podem corrigir e encaminhar as inteligências; mas a intolerância nada produz que tenha as condições de fecundo e duradouro.”

Essas manifestações amigas foram benéficas ao padre que, agradecendo, retrucou serem elas motivos de fortalecimento para a luta em favor da cidade que o adotara. Repentinamente, pois, estava ali à mão um arranjo não-publicado de um de seus paroquianos, servindo-lhe de mote, numa adaptação perfeita para glorificar sua segunda terra – Orapronóbis. Pegou-o e, pigarreando, leu-o com voz um pouco recortada pela emoção, olhos um pouco irritados fixos na página envelhecida pela fumaça do tempo, deixando-se ver um tênue filete de lágrimas que, descendo a encosta das rugas, já a aparecer na face, pojavam-se nas narinas, mostrando-as avermelhadas – um característico inevitável dos que choram internamente. Leu-o, pois:

Minha cidade adotiva
de encantamentos sem par...
Sua boa gente me motiva
a trabalhar,
a lutar,
a amar...

Como é gratificante viver aqui.
Pequena que foste como te vi,
nos primórdios de tua existência,
metrópole hoje de rara consistência;
como me deste teu uberino seio,
se aqui não nasci?

Beijo-te, e ao teu pé
ajoelho-me agradecido em reverência
pelo que me deste, sem nada pedir;
marcando e construindo meu porvir,
reacendendo minha fé!...

* * *

Os rapazes eram acostumados a assistir às missas acotovelando-se nas portas laterais do átrio do templo, para melhor olhar as donzelas, praticando o que mais tarde ficou conhecido como flertar. As meninas-moças, contritas, posicionavam-se na parte central do templo, tendo nas mãos o terço e os olhos divagando... divagando para encontrar seus pares. Era um ato tão a gosto do mineirismo que, desconfiado, age em todos os setores da vida, tendo sempre à vista o adágio que a gente da terra gosta de repetir sempre que haja uma oportunidade: “um olho no padre e outro na missa.”

Padre Antônio, usando das prerrogativas que lhe foram conferidas de ministro de Deus Todo-Poderoso, não aceitava essas condições. Em muitas vezes, antes do início sacramental da santa missa, parava nos degraus da escada que levava ao altar para dizer achar-se proibido de celebrá-la em virtude da desobediência dos rapazes às suas ordens. Com a irreverência própria da idade, muitos nem se mexiam, desafiando-o com muxoxos. Não é que o padre ia até eles?! Pegava-os pelo braço, levando-os até os lugares a eles destinados, perto do altar-mor. Pois é!... assim agia.

Nessa época, diferente do que é na atualidade, o padre posicionava-se de costas para o povo, de frente para o altar, nas ocasiões de celebrar não só a Santa Missa, mas também todos os atos ritualísticos referentes aos movimentos religiosos. A missa era rezada em latim. Pouquíssimas pessoas estavam preparadas para acompanhá-la, pois o populacho, dessa língua pouco sabia. Embora não assimilando nada do que o padre dizia, assistiam compenetrados por entenderem, outrossim, que se estava ali praticando um ato de reverência ao Senhor. Os assistentes pareciam autômatos – quando os da frente levantavam-se, eram acompanhados. Quando se sentavam, também. Quando se ajoelhavam, repetiam o ato contritamente. E assim desenrolava-se uma cerimônia muito parecida com uma demonstração de marionetes.

Nem bem começava a cerimônia, sorrateiramente ia o padre Joca incentivando seus queridos paroquianos a voltar aos lugares de costume. Isso já era uma tradição na secular igreja da Matriz. Padre Joca afervorava-se com a convicção de estar certo, pois pregava o aforismo como um dito sentencioso: “Na igreja começa, na igreja acaba.” Referia-se aos namoros e aos posteriores casamentos. Dizia ser melhor que namorassem na igreja do que nos portões de fundo das residências que davam para becos escuros, que atalhavam ruas mal iluminadas.

Com a paróquia sob a direção do padre Antônio, a freqüência à igreja caiu. Só passaram a ter acesso aos atos eclesíásticos as mulheres, assim mesmo as mais idosas, uma vez que a missa era uma espécie de vitrine, onde as moças casadoiras se mostravam, cada qual com o melhor de seu guarda-roupa. Vestidos não se repetiam em mais de uma missa. A grife mais badalada saía do *atelier* da senhora Zaíra Adjucto.

O vigário-geral andava insatisfeito. Não era a paróquia ideal como pensara ser, quando pedira ao seu superior que o provisionasse nela.

Havia na cidade um clima de insatisfação. Até as beatas não podiam mais rezar suas novenas como sempre faziam nas horas da ave-maria. Tinham de se organizar, comprando as velas e as licenças preestabelecidas, senão o sacristão punha-as para fora do templo. Um regimento fora feito e mandado prender à porta principal das igrejas. Ordenara-se mais ainda, que findos os leilões a tesouraria da respectiva irmandade, na mesma noite, tinha de passar a ele toda a receita havida.

* * *

Quando da festa do Divino Espírito Santo, a comissão nomeada pelo Imperador não aceitou tal intervenção, recebendo a ordem como uma ofensa à honra e honestidade de toda a irmandade do Santíssimo Sacramento. Essa irmandade, a mais bem estruturada social e economicamente falando, tinha estatuto próprio e não poderia concordar em abrir mão para essa intervenção branca em suas atribuições seculares, ferindo todo um sistema que vinha enaltecendo-a mais e mais perante a sociedade.

Aberta então estava a guerra!

Emissários tentaram conciliar as coisas, sem nenhum avanço de concordância das partes em litúgio. O pobre do sacristão estava arriado, não sabendo a quem obedecer. E o sino pagava o pato, reproduzindo as batidas descompassadas com sons descompassados, ao ritmo de uma balada triste e sem nexos.

Era um baladão!... dão... dão! que mais parecia estar sendo batido por uma mão de pilão. Mais tarde aparece até um sacristão que, irreverentemente, por analogia, colocaram-lhe o apelido de Pilão. Era o Dionísio Pilão, como todos o conheciam. O motivo era que, em vez do repique, quando pegava seus pileques memoráveis, ficava indefinidamente agitando, compassada e infindavelmente, o badalo do sino grave, o maior,

num “baladão!... bam!... bão... bam!... bão” que enervava até as beatas. De tanto reclamarem, não é que, em uma noite bem escura, ele acordou a beatada para ir à missa empunhando velas, pois a cidade estava sem energia elétrica naquele tempo, com o repicado característico e comum de chamada para o ato?!... Como, depois, ele conseguiu sair de lá da torre, não se ficou sabendo, uma vez que a mulherada o estava esperando com os “paus de abrir capa”. Algumas com os cabos das sombrinhas, muitas com a costaneira dos livros de orações de capa dura! Isso já foi no governo eclesiástico de Dom Elizeu, que puxando a orelha do sacristão, no íntimo ria da beataria enganada, como só ele sabia fazer com sua jocososa maestria.

* * *

A Procissão do Divino estava prestes a acontecer. Os preparativos estavam no fim. A irmandade do Santíssimo Sacramento já se encontrava pronta para a refrega, com suas opas vermelhas lavadas, engomadas e ajustadas a cada um de seus partícipes.

Véspera da procissão, a comunidade rural despejava-se na cidade. O tráfico de carros de boi era intenso, à procura de um lugar onde pudesse acampar. Muitos, não conseguindo hospedagem nas casas, procuravam se agasalhar debaixo da mesa dos carros, arrumando os colchões sobre mantas de couro cru.

A população agia seguindo as “folhinhas” anuais que o comércio, à guisa de propaganda, distribuía para seus fregueses. Eram elas disputadíssimas. A mais importante era a folhinha eclesiástica, que trazia estampada a cópia do quadro “A Virgem da Humildade”, de Fra Angélico (1387-1455), pintor italiano cujo nome real era Guido da Pietro (a beleza de sua pintura e a santidade de sua vida lhe granjearam esse cognome). O povo o denominava “O Beato”, sem que a Igreja ratificasse esse título. Restaurou vários templos e conventos, como o de São Marcos, em Florença, quando os Médici cederam-no aos dominicanos, lá pela era de 1436. Pouco divulgado pela literatura histórica das artes, sua obra é louvada pela beleza que emprestou às passagens bíblicas. Dentre outras, destacam-se: “O Retábulo da Madona”, em Pérúgia; “Coroação da Virgem Cercada por Anjos Músicos”, no Louvre; e “Cristo Cercado de Anjos, Patriarcas, Santos e Mártires”. A maior parte delas está exposta na National Gallery, de Londres. A “Grande Anunciação”, por sua vez, adorna o muro fronteiro à escadaria do museu de São Marcos, em Florença.

Era essa folhinha, embora vendida pela diocese, muito disputada, não só pela virtuosidade de assinalar em vermelho todos os dias santos, como também pela beleza com que era apresentada, desde a textura do material com que era confeccionada até as gravuras nela estampadas, cópias de quadros magnificamente pintados por artistas consagrados.

A mais indicativa, entretanto, era a da Casa Gonzaga, de Olympio Gonzaga, um misto de empresário, escritor e pesquisador amante da história pátria.

Ia ao Rio de Janeiro, para confeccionar as folhinhas referentes à sua casa comercial. Emprestava a elas, com seu espírito de jornalista inveterado, formas de anuário, onde narrava pormenorizadamente sua viagem, as novidades científicas da época, entremeadas aos anúncios de medicamentos e a uma grande variedade de informações atualizadas. Em um dos números desse improvisado jornal, sobressaía um que trazia a fotografia do casarão em que estava situada sua casa comercial, ali mesmo à rua de Goiás, ocupando ele a parte central, junto de sua esposa, Laura Vieira Gonzaga, dona Lulu, encostados ao retrato de um automóvel “forde-de-colher” e figuras de pneus expostos à venda em seu estabelecimento.

Dona Laura foi pioneira na divulgação da doutrina kardecista na região. Era uma das pessoas mais conhecidas na cidade pelo seu carisma, seu modo simples e singelo de se comunicar com o povo, muitas vezes cheia de uma ingenuidade cativante. Membro de família tradicional da cidade, deve ter sido discípula de senhor José Rodrigues, crioulo bonachão, portador de uma boa cultura, conhecido por Juca Rodrigues, carpinteiro de profissão. Era homem de boa prosa, pontilhando a língua francesa medianamente bem. Admirado e respeitado em todos os lugares que freqüentava, era o ponto de aglutinação e irradiação da doutrina espírita. Isso ele fazia com extrema seriedade e acuidade respeitosa. Não escondia, entretanto, sua característica e contagiante alegria. Muitos o gozavam, dizendo ser ele gordo de tanto comer os quitutes de Dondóia, ali da rua do Ávila, no que ele concordava piamente, rindo a bandeiras despregadas, pois, não era ela a mais famosa doceira da região?! Juca Rodrigues jamais fora visto a não ser transbordando alegria.

A Casa Gonzaga era uma casa comercial muito interessante. Vendia-se ali de doce de pau de mamão, muito procurado pela gurizada, linhas, botões, anzóis para pesca, espingardas, cartucheiras e munições. Havia de chumbo paraguaio, para confeccionar artesanalmente tarrafas, até peças

para automóveis. Dividia o grande salão um balcão feito de tábuas largas, onde havia uma faca Solingen móvel, à guisa de guilhotina, cuja base era uma tábua presa a um cabo de arame fixado no teto. Servia esse artefato para cortar tabaco em corda. Bem em um dos cantos, havia a vitrine dos doces. Do outro lado, uma carga de fumo enrolada numa espécie de sarilho, para ser vendido aos metros lineares e seus décimos. Atrás desse balcão havia uma grande vitrine cercada de telas que servia de abrigo a um casal de macacos-de-cheiro, um atrativo para a meninada que ali gostava de ir para rir das estrepolias dos micos. De vez em quando um dos garotos lançava um pedaço de doce só para presenciar o modo como os bichinhos agarravam a presa como se fossem gente. Ao vê-los descascar bananas para comer, a gurizada ria à beça. Em seguida às suas estrepolias, um deles tomava de uma vassourinha e varria as cascas das bananas e restos de alimento para um cantinho da gaiola. Era o ato mais apreciado pela meninada. Esqueci de contar que essa jaula tinha uma portinhola na parte de trás, justamente dada para a janela do lavatório da casa. O que aconteceu foi incrível. Era costume o professor Olímpio barbear-se ali mesmo no lavatório rente ao cômodo de seus negócios, no que era observado pelo macaco. Em um momento de descuido, feita a barba, deixou os apetrechos por cima da mesa, onde havia um jarro d'água e uma bacia, ambos feitos de porcelana inglesa. Como sói acontecer em todas as casas de cidades coloniais, isso era comum, havendo ainda, preso por duas garras de metal a duas colunas jônicas de cedro, um grande espelho bisotê. Nem o cobriu, ao sair do cômodo, como era de costume fazê-lo, uma vez que era da cultura orapronobiana a superstição de que o espelho não só atraía raios, como também maus espíritos. Era preciso trazê-los sempre cobertos.

Pois não é que o Pery – este era o nome do macaco macho –, tão logo ficou sozinho, empurrou a portinhola, que por descuido da empregada que o alimentou pela manhã, ficara encostada e, em um minuto, já manobrava a navalha de barbear, que ficou fácil à sua mão.

Começando a imitar o professor barbeando-se, o bichinho passou a navalha na carótida, causando uma grande hemorragia, falecendo poucos minutos após.

Houve consternação geral, uma choradeira danada da parte de dona Lalu que não deixou de incriminar o esposo por ter deixado a navalha por sobre a mesa, com a porta aberta. Quase acabou com a Geralda, sua empregada, que também deixara a portinhola da gaiola aberta.

Ficou pois, a Cecy – este era o nome da macaca viúva. Já não havia mais graça para a menina que ia ali para divertir-se com suas brincadeiras. Morto Pery, a fêmea tornou-se jururu, amuada no canto da jaula – já não tinha mais aquele espírito para brincadeiras, tão comuns como no tempo que formavam Cecy e Pery um casal apaixonado.

Com isso andou ela preocupando muito a seus tratadores, uma vez que nem desejo de alimentar-se tinha, quanto mais para brincadeiras!...

Uma bela manhã, dona Lulu estava fazendo a maquiagem de rotina, quando por esquecimento duplo, deixou as duas portas abertas: a portinhola da jaula e a porta do lavatório. E foi fazer uma inspeção na copa. Quando voltou, estava a macaca Cecy emplumada de pó-de-arroz Coty, pela cara e corpo todo. Quebrou os vidros de perfume, besuntando-se neles e fazendo trejeitos em frente ao espelho, igualzinho como dona Lulu fazia para retocar sua pintura. O pior é que, imitando dona Lulu, quando ia deitar-se, não se limitou apenas em besuntar-se de brilhantina Reny! Pegou ainda a bisnaga do bálsamo de benguê que ela usava para acalmar as dores reumáticas que tinha nos joelhos inchados, e passou também a pomada pelo corpo, impregnando-o de pó-de-arroz ao máximo. Pior ainda foi quando levou a mão para se coçar, passando-a na região anal. Aí não deu outra. O salicilato de metilo se encarregou do resto. Recolhida à sua jaula pulava de um trapézio ao outro como uma doida, inquieta e chiando que nem água na chapa quente de fogão a lenha. A ardência só foi passar quando lhe deram um comprimido de cafiaspirina – o medicamento que a Bayer propagava servir pra tudo, até para aliviar dores em macaco, ficou comprovado!

Daí, pegando a deixa das frases que sempre dona Lulu gostava de citar em razão de sua religião, timidamente o professor proferiu: “E!... minha cara! É a lei do retorno... Num me azucrinaste a idéia, quando da morte do Pery?! Agora você está vendo! A lei do retorno num falha!... é um fato. Você bem que não perde a ocasião de ilustrá-la, dando exemplos a todo momento... E agora?! O que dizer?”

Nessa expressão proferida por último, deixou transparecer pingos irônicos, o que não era seu forte quando se defendia.

Dona Laura engoliu em seco, assimilando com certa dificuldade as palavras de seu marido. Era ela sobretudo uma figura de liderança muito singular, sincera na leitura dos fatos. Em certos momentos, autoritária. Em outros, uma mistura de ambos, traduzindo sempre uma espontaneidade de absoluta ingenuidade em suas conclusões, muitas das vezes mal interpretadas. Era, entretanto, dotada de um espírito de caridade somente

encontrado nas pessoas voluntariosas, mas determinadas e autênticas. Trazia consigo o sentido do real amor fraterno. Isso lhe vinha enraizado. Amor fraterno em razão, por certo, da adoção dos princípios doutrinados pelo francês Hippolyte León Denizard Rivail, mais conhecido pelo seu pseudônimo de Allan Kardec. Não seria de se admirar, pois, tinha-se conhecimento de que fora ele um dedicado discípulo de Pestalozzi, cuja doutrina pedagógica baseia-se no “amor que a tudo vence”. A doutrina codificada por Rivail estendeu-se da França para o mundo, como um anteparo ao materialismo que então perfilava-se, propondo implantar um sistema de terra arrasada, fruto dos conceitos emanados dos filósofos da estirpe de um Voltaire (1694-1778) e de um Jean-Paul Marat (1743-1793). Embora este último tenha nascido na Suíça, estudou medicina em Bordeaux. Destilou suas convicções por intermédio do “L’Ami du Peuple” e do “Journal de la République Française”. Estes e mais outros filósofos derramaram por toda a Europa as idéias que terminaram no desenrolar de uma revolução – a denominada Revolução Francesa –, que no fundo fora fruto de um só clamor, em cuja bandeira desfraldava-se o desejo de liberdade, de igualdade e de fraternidade entre os homens. Embora sublimes, seus princípios foram mal assimilados pela cúpula responsável pela sua implantação no país. Desvirtuados de seu sentido original, terminaram por levar figuras admiráveis e sem mácula à guilhotina, condenadas por tribunais ilegítimos.

Sobressaía nesse emaranhado de idéias de tantas correntes filosóficas a figura de Maximilien François Marie Isidor de Robespierre, um modesto deputado representante do terceiro Estado. Foi ele responsável pela implantação do período mais negro da história da Revolução, denominado “Terror”. Sob sua orientação fora criado o Comité de Salut Public, que usou como arma no combate sangrento aos girondinos, militantes do partido político sobejamente contrário ao espírito jacobino, defendido e praticado por Robespierre. Foi implacável na perseguição aos moderados, não perdoando entretanto aos hebertistas, que advogavam idéias extremistas, mandando guilhotinar todos os seus líderes. A Comuna de Paris concedeu-lhe poderes tão extraordinários que chegou até a impor o culto do Ser Supremo, fiel às idéias e ao figurino de Rousseau.

Nas exorbitâncias praticadas durante sua liderança, chegou-se ao desvario de criar-se um princípio, entre outras extravagâncias, intitulado “Teotismo” – uma doutrina filosófica preconizada por Catarina Théo (1716-1794), visionária francesa que considerava Robespierre (1758-1794) um

verdadeiro Messias. Seus devaneios foram de tal modo executados que terminaram por contribuir para o comprometimento de seu ídolo perante a multidão, o que acabou levando-o também ao cadafalso. Uma coalizão do Partido da Montanha com o Partido da Planície o jogou por terra. Esse movimento eclodiu a nove do termidor, undécimo mês do ano, correspondente ao mês de julho.

As seqüelas nascidas, oriundas desse estado confuso implantado, como sempre sói acontecer nos períodos pós-revolucionários, serviram de estandarte para a implantação de uma doutrina que clamava pela Paz e pelo Amor preconizados por Jesus Cristo entre os povos, que não foi senão o que a filosofia kardecista confirmaria.

Há quem pense que Kardec era um místico. No entanto, poucos sabem, era homem de ciências e letras. Pedagogo, professor renomado, foi autor de gramática francesa várias vezes reimpressa na França, além de outros livros. Detectou em sua época que, por trás de fenômenos estranhos (que hoje seriam chamados de paranormais) – que viraram moda na França e motivo do deleite de muitos – havia um princípio inteligente, originado de um mundo impalpável e até então desconhecido. Tendo por base, então, o princípio da possibilidade de contato com o mundo espiritual – e deste com o nosso mundo físico –, o princípio da imortalidade da alma e o princípio da reencarnação, o professor Rivail codificou a doutrina espírita, com a ajuda de manifestações chamadas mediúnicas. Essas manifestações eram analisadas, supostamente, à luz de um salutar ceticismo científico. Hippolyte León Denizard Rivail adotou o cognome Allan Kardec após tomar conhecimento, por meio de um mentor espiritual, ter sido esse seu nome em encarnação anterior como sacerdote, mais especificamente um druida da antiga Gália.

O povo, cansado de tanto sangue derramado, tornou-se o canteiro adubado para que florescesse no solo francês essa nova doutrina. Nesse caldo de cultura, cresceram idéias revolucionárias, no reconhecimento de uma vida além-túmulo. Com base na procura da perfeição espiritual, alicerçada no amor e na tolerância, a doutrina emergente estipulou estados de vida, consagrando-os, sobretudo, na compreensão de um realismo espiritual em que não se pode influir, senão praticando o bem ao semelhante. A finalidade precípua dessa prática baseia-se no burilamento do espírito – através de sucessivas vidas – chegando-se, ao término de sua jornada, à pureza da Luz como ponto final da passagem por vários estados em mundos físicos e espirituais, com muitas lutas íntimas.

Kardec sofrera por isso oposições inusitadas, que mais serviram, porém, para solidificar e consolidar a doutrina que surgia, do que mesmo para a prejudicar. Prova disso é que a doutrina espírita vem obtendo a cada dia mais e mais adeptos.

Além dos cientistas materialistas, surgiram oposições do dogmático evangelismo e do exagerado conceito de humildade física e econômica imposta pelo catolicismo, pregando com vigor ser a pobreza e o sofrimento virtudes que servirão de passaporte para o cristão entrar no céu. Formaram com tais conceitos vigentes até então a base ortodoxa das religiões ocidentais de largo espectro.

Empolgando pelo seu caráter racional, também filosófico-religioso, o espiritismo conquistou adeptos em todas as correntes, daí nascendo uma religião envolvente, que pinçou adeptos em todas as teorias até hoje existentes que procuram explicações para a origem do homem como ser feito à imagem do Pai Criador – O Supremo Árbitro dos Mundos.

O professor Olympio, como um estudioso abrangente de tudo que se passava em torno, era um atrevido assimilador de correntes filosóficas que nasciam ao sabor do desenvolvimento e do desdobramento das ondas sociais, nas quais o povo navegava. Daí a sua vocação para jornalista e sobretudo para o historiador inveterado que marcava seu caráter. Era o símbolo do intelectual muito semelhante à esposa do pescador, que espera pela sua volta, à beira da enseada, após a procera desencadeada pelas forças da natureza. De turbulência em turbulência, de bonança em bonança, está sempre o jornalista esperando que as coisas aconteçam, para abraçá-las, transformando-as em notícias. Nessa conjuntura, entretanto, pelo alto espírito de um bairrismo salutar, o professor transformava tais coisas em história, registrando-as, muitas vezes, como verdadeiros poemas, frutos de amor à sua terra.

Tinha, essa figura singular que foi o professor Olympio, uma capacidade empreendedora magnífica, se bem que lhe faltasse por vezes aquele espírito de autocrítica inerente ao bom pesquisador. Era uma alma simples, que amava passar a todos suas conquistas. Fazia-o, entretanto, com a ingenuidade de quem acreditava em tudo, sem ir a fundo em suas legitimidades. Foi pioneiro no ramo de fotografias, atuando em seu trabalho com as antigas chapas de vidro banhadas de sais de prata ou similares, reveladas em câmaras escuras. Orapronóbis sentia falta de um retratista, como era denominado naquela época o fotógrafo que pudesse registrar

para a posteridade os fatos marcantes que por lá ocorriam, como casamentos, batizados, inaugurações de obras e atos do governo. Professor Olympio preenchia com gosto essa lacuna. Mais tarde, apareceu Ananias Retratista, profissional no ramo, que passou a dividir com ele a arte da fotografia. Pioneiro foi ainda Olympio na venda de automóveis, não sendo ele, entretanto, o primeiro a possuir um na cidade.

* * *

O primeiro automóvel chegou à cidade por volta de 1920, dois anos após o término da Grande Guerra, trazido por Romualdo Gonçalves de Ulhôa, um dos pilares na fundação do povoado de Santa Rita do Paranaíba, hoje a próspera cidade de Itumbiara, em Goiás. Não havia estrada, a não ser os trilhos, cortando o cerrado, caminho dos tropeiros e carreiros. A despeito desse estado de coisas, houve uma certa facilidade nisso, visto que, além do terreno ser propício, por ser composto de um cerrado ralo com pequenos morrotes, as rodas de aro grande proporcionavam ao automóvel uma altura condizente com a irregularidade das trilhas.

Saindo de Ipameri, foi causando mal-estares pelo sertão goiano, fazendo muita gente abandonar as leiras que carpiam e abrigar-se atrás das árvores, até o “bicho passar roncando”, como diziam eles benzendo-se. Perdiam até as enxadas com que carpiam os roçados, promovendo uma disparada carreira, levados pelo pânico. Deve ter havido pavor quando despontou nos povoados de Pindura Saia, Rabo de Galo, percorrendo em Goiás o trilheiro até o porto de Faustino Lemes, onde, numa pequena balsa, atravessou o rio São Marcos, galgando assim terras litigiosas entre Minas e Goiás.

Não era de estranhar essas manifestações instintivas, uma vez que jamais ouvira falar-se, por esses descampados, na possibilidade de haver meios de transportes que não fossem os convencionais das fazendas. Até um moço que havia passado pela primeira vez naqueles ermos, pedalando uma bicicleta ocasionou pânico. Conta-se que bem ali, encostado na cidade, na fazenda do Palmital, o Vicente Preto andava campeando, quando deu de cara com uma pessoa acabando de sair de uma vereda, onde parara para mitigar a sede. E montando no seu misterioso veículo, continuou seu caminho, pedalando a todo vapor. Foi um horror. O vaqueiro, a toda brida, com sua montaria colocando sangue pelas ventas, de tanto esforço despendido na corrida, bem não havia desmontado, já gritava:

— Joaninha!... minha mulher! O mundo vai acabar. Passou um home perto de eu, montado num cavalinho de ferro, esperneando tocha de fogo para toda parte – era o pedal da bicicleta que reluzia aos raios do sol entrante, naquele momento. Descendo um e subindo o outro, parecia estar o ciclista, para quem nunca o vira, flinando no ar.

Também, não era de se admirar um acontecimento desse, pois, até na própria cidade a chegada do primeiro veículo automotor trouxe medo a muita gente. Em torno da sua chegada a Orapronóbis, por volta do lusco-fusco de uma tarde modorrenta, conta a lenda que, ao subir a rua das Flores, caindo e levantando as rodas no desigual e emaranhado calçamento, a luz de seus faróis bateu no altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Amparo, situada na praça onde termina essa rua, justamente no momento de um ato religioso. Relata-se ainda que a conseqüência desse inesperado clarão, iluminando todo o altar, inquietou os devotos que assistiam à cerimônia religiosa. Houve um pânico coletivo, seguido de correrias e atropelos. Do pároco, ninguém deu notícia. Fora o primeiro a escafeder-se por uma porta lateral da sacristia, de tal maneira, que ninguém ficara sabendo onde se meteu. Só se sabia que, em disparada pelos degraus do altar, saiu benzendo-se todo, tendo em uma das mãos apenas o chapéu-coco. O breviário mesmo, ele o tinha deixado por sobre a mesa de comunhão. No outro dia, explicado o imbróglio, quando o pároco foi dizer a missa, encontrou por sobre o altar o missal aberto, todo borrado pelos excrementos dos morcegos moradores da igreja.

* * *

Voltando “à vaca fria”, aparece o professor Olympio Gonzaga atuando em todos os movimentos progressistas que marcaram a história da cidade. Já em 1930, estava ele junto aos conterrâneos Bernardo Caparuchó e professor Graciano dos Reis Calçado, figuras de cultura invulgar, injustiçadas pela sua terra, na luta para implantação de uma linha aérea regular que pudesse salvá-la do isolamento a que fora destinada pelo capricho geográfico de ter nascido cercada por rios caudalosos. Acionado o então ministro das Relações Exteriores do governo provisório de Getúlio Vargas, Afrânio de Melo Franco, por um abaixo-assinado, somente por volta de três anos após, surgiu um alento de esperança, na pessoa de Paulo Drumond, tenente-aviador que demarcou uma área para esse fim em terrenos de propriedade do município. O esquecimento transformou essa vontade em

sonho que perdurou por mais de uma década, quando, no local denominado Vargem do Moinho, foi preparado um terreno para servir de campo de pouso para pequenas aeronaves. Antes de ali descer o primeiro paulistinha, uma aeronave perdida apareceu nos céus da cidade, tendo feito um pouso forçado no campo de futebol, situado no miolo da raia de corrida de cavalos, por volta de 1936-37. Os relógios marcavam aproximadamente 15 horas. Dia claro. As lavadeiras da praia do córrego Rico, em plena atividade, foram tomadas de pânico pelos inusitados vôos rasantes que o avião fazia de reconhecimento e, sobretudo, à procura de um lugar em que pudesse aterrisar. Na periferia da cidade houve tanta correria de espanto e de medo, que se traduziram em alguns partos prematuros. Por outro lado, uma multidão de curiosos, entre medrosos e precavidos, correram ao prado de corrida de cavalos para examinar de perto aquela máquina que voava.

Após essa investida de prover a cidade de meios de transporte mais velozes, pousou na pista do Jóquei Clube o político Dr. Jorge Vargas, pelo ano de 1944.

* * *

Quando da invasão das forças revolucionárias à cidade por um contingente da Coluna Prestes, como de costume, estava ele também, o professor, fazendo parte da vanguarda de recepção. A finalidade precípua disso era a de procurar atenuar a violência que transitava em mil boatos, apavorando a todos. Isso se deu por volta de 1927. Ele, como um dos grandes comerciantes da cidade, procurou precaver-se ante a notícia trazida pelo campesino Gregório, de que Siqueira já havia transposto o rio São Marcos e estaria acampando para o lado da fazenda da Batalha, aguardando só o momento propício para invadir a cidade. Com isso, tratou de procurar minorar o saque previsto. Para isso organizou, à maneira que achou mais viável, um ambiente em sua sala de jantar que pudesse transparecer indiferença às manifestações *sui generis* em quaisquer movimentos revolucionários.

Estava, pois, o professor à frente da recepção a uma parte desse contingente da Coluna Prestes, comandada por Siqueira Campos, em sua casa comercial, quando fora duramente violentado moralmente. Pensando em cultivar a amizade dos revoltosos, como eram chamados, os recebeu na tarde de 13 de fevereiro de 1927 com uma bandeja de café e uma mesa de lanche adredemente preparada. Não imagine seu susto, quando derrubaram

a mesa e chutaram a bandeja que estava em suas mãos, dando-lhe empurrões.

Era praxe não aceitarem, os revoltosos, ofertas dessa natureza, com receio de estarem os alimentos envenenados. Mas os chefes muitas vezes eram hospedados pelas autoridades locais, cujos laços políticos haviam sido averiguados com antecedência. Para isso a Coluna mantinha um corpo “inteligente” na tropa que fazia o papel de espionagem, conseguindo traçar projetos tão bem feitos que, ao invadir uma determinada comuna, sabiam os invasores dos seus costumes, suas pessoas mais importantes, seus admiradores e, de preferência, aqueles que interagiam com o governo. Estes eram os preferidos pela malta da irresponsabilidade do bando, que os odiava, despejando com barbarismo todo o seu rancor pelo governo constituído, e tudo o mais de revolta impregnada em seu subconsciente.

Maquiavam-se de todo jeito. Alguns vestiam-se de mulher para apurar todos os passos da tropa governamental que os perseguia.

Ao regressar de Minas para entrar outra vez na Bahia, dois rebeldes, compondo a vanguarda da Coluna, disfarçaram-se de mulher para assaltar a fazenda de Francisco Pires, subdelegado de Tiririca do Irizinho, perto de Roça de Dentro. Felinto Paes, o filho do fazendeiro, desconfiou das duas “jovens” que pediam abrigo em sua fazenda, apontou-lhes o revólver e desmascarou a dupla:

— Vocês são revoltosos!

“O tiroteio durou das nove da manhã ao meio-dia, obrigando Felinto a abandonar a fazenda, deixando para trás dois parentes, que foram mortos pelos rebeldes – um surdo-mudo e outro que sofria das faculdades mentais.” (*As Noites das Grandes Fogueiras* – Domingos Meireles, p. 566).

Em Orapronóbis, aconteceram, às vésperas de 13 de fevereiro de 1927, episódios circunstanciais semelhantes aos desenvolvidos pelos revoltosos por onde passavam. Quando a ala da Coluna, comandada por Siqueira Campos, entrou na cidade, seus homens foram direto às casas das pessoas que comandavam o governo da municipalidade. Por quê? Justamente, porque dias anteriores aportaram na cidade dois padres que se hospedaram na casa dos Lepesquer, à rua das Flores. A cidade encontrava-se acéfala de ministros católicos, e foram-lhes oferecidas acomodações ótimas por parte da família católica de dona Sinhá, esposa do professor René Lepesquer. Era comum vê-los, guarda-chuvas abertos, para abrigar-se manhosamente do sol, perambularem pela cidade, vestidos a rigor,

ouvindo um ou outro habitante que lhes vinha pedir as bênçãos, carentes de autoridade eclesiástica havia muito tempo. Por esse motivo mesmo é que lhes deram ouvidos, uma vez que se diziam estar preparando o terreno para uma missão mais abrangente de evangelização. Jamais alguém atinou que pudessem ser, aquela dupla de abnegados sacerdotes, espíões da Coluna que sobressaltava o país. Após isso, ainda apareceu perambulando pela cidade uma mulher que ninguém sabia de onde tinha vindo e a que veio. Era sobremaneira bem traquejada no trato com o povo, principalmente com rapazes. De tudo queria saber, de tudo indagava. Como chegou, foi-se, sem deixar rastro.

Já se sabia de incursões feitas pela vanguarda dos revoltosos, sempre com patrulhas de sete homens, invadindo propriedades à cata de animais descansados e de dinheiro, que extorquiam de fazendeiros medrosos.

O comando das forças que estavam no encalço da Coluna, desde o ano de 1926, tinha certeza que a cidade estava nos projetos dos revoltosos. Orapronóbis era pólo distribuidor de mercadorias que, em sua maioria, vinham, ora por via fluvial a partir de Pirapora, ora pelos carros de bois que partiam da localidade denominada Roncador, às margens do Corumbá, entre Catalão e Pires do Rio, em Goiás. Por certo encontrariam ali, além de boa tropa de cavalos e burros, muita comida e muitos dos artefatos de que mais necessitavam, como botinas, capas de chuva, roupas e medicamentos, pois sabiam que havia na cidade duas grandes casas que vendiam esses objetos. Uma delas era a Casa Gonzaga, do empresário Olympio Gonzaga, que, em um belo dia, havia ficado com o espólio de dona Maria da Botica, à rua de Goiás, cá mais embaixo, na confluência da travessa do largo do Amparo. Dona Maria era versada em vender desde a jalapa com que preparava a aguardente alemã, aos calomelanos, passando pelas garrafinhas de óleo de rícino, mel de jataí e gordura de capivara, infalível na cura da tosse e moléstias do peito. O sulfato de quinino era o mais procurado para combater a febre palustre, que era epidêmica na zona rural, principalmente na bacia do Paracatu. Era incrível como se encontravam pessoas surdas na região, unicamente pelo efeito devastador que tem o quinino no aparelho auditivo. Havia em seu estabelecimento até uma balança de precisão de que dona Maria se servia para, além de pesar medicamentos, usar na compra do ouro tirado pelos garimpeiros da praia do córrego Rico e adjacências. Só que ali os pesos eram feitos na maioria de chumbo, pelos próprios usuários, para quantificar oitavas que valiam três gramas e meio, arredondados os milésimos. Cada oitava era dividida por sua vez em 32 vinténs. O azougue

servia tanto para apurar o ouro como para fazer, associado à banha de porco insossa, o unguento napolitano, para sífilis hereditária, como também ainda para a pomada mercurial, usada para combater os piolhos que aperreavam a meninada na escola.

* * *

Foram duas casas comerciais suas saqueadas, com prejuízos incalculáveis para aquele tempo. Esse episódio fora marcante na vida do professor, que jamais tinha sido tratado com tanta estupidez e brutalidade.

Siqueira Campos indiretamente era o responsável por aquele estado de coisas, uma vez que comandava um dos agrupamentos mais importantes da Coluna. A sua quase adolescência era responsável pela audácia e impulsividade para com os homens sob seu comando, não permitindo cochilos no trato às obrigações de cada um. Era o mais jovem oficial da Coluna, com imensa responsabilidade de comando. Muito impetuoso, vez por outra causava situações difíceis nos combates. Impetuosidade que passava aos seus comandados, referendada pela sua sombra de hábil estrategista de guerra. Era o xodó de Prestes. Vez por outra, tinha de ser chamado às falas pelo seu comandante, quando extravasava em voluntariedade.

Memorizando Domingos Meireles, vamos encontrar um fato marcante que chama atenção para uma advertência que Prestes lhe fez, quando em Oeiras, no Piauí, queria porque queria a custódia de ouro cravejada de brilhantes que se encontrava no altar-mor da igreja de Nossa Senhora das Vitórias. Andou amuado por um tempo, uma vez que a Coluna passava por necessidades quanto à manutenção, e aquela jóia poderia ajudar a solver compromissos. Prestes o proibiu de arrombar a igreja. Trocaram palavrões, mas a disciplina militar falou mais alto:

— Logo aqui em Oeiras, em que estamos sendo recebidos com tanto carinho?!... Ó, meu! – teria dito Prestes.

Essa ponderação era uma conseqüência de como a população da cidade havia recebido a Coluna, com muita festa, oferecendo até lenços vermelhos de seda pura, como símbolos de amizade, a toda a oficialidade presente.

Siqueira Campos era um disciplinador por excelência. Impunha à tropa uma rígida e exemplar disciplina. Praticava-a implacavelmente. Os seus subordinados o amavam e, por vezes, o odiavam. Detestava as vivandeiras

que acompanhavam a tropa. Achava ele ser esse segmento da Coluna um fator de relaxamento disciplinar. O Comando fazia vista grossa a elas, por isso as tolerava. Eram mais de cinqüenta. Algumas combatiam ao lado dos homens com intrepidez extraordinária, fazendo crer a muitos meganhas governistas estarem diante de um batalhão de verdadeiras amazonas.

Algumas, como a austríaca Hermínia, destacava-se por não medir esforços no socorrer os feridos em plena batalha. Transformava-se em verdadeira Florence Nightingale a procurar, à luz das candeias, soldados feridos após os renhidos combates. Desafiando a vida, corria em socorro até dos adversários feridos. Antes de se revelar uma quenga, era, muito mais, considerada uma apóstola de Deus, sendo respeitada por todos. Para reforçar o que se conta dela, o jornal “O Piauí”, de Teresina, publicou depoimento de um soldado legalista dando conta do atendimento que Hermínia prestava aos feridos legalistas.

Entre essas mulheres, o adolescente Siqueira era chamado de Barba de Arame ou de Olho de Gato, pois tudo via, e era implacável com os excessos.

A maioria dos oficiais combatentes era jovem. Isso era fator preponderante das irresponsabilidades que comumente caminham ao lado da juventude. Bem-humorada, jovem, alegre, a turma gostava mesmo era de juntar-se à tropa. Quando folgava por algumas horas intermediárias às escaramuças das tropas do governo, o que gostava mesmo era de cantar, dançar, tocar sanfona e gaita, choramingando lamúrias saudosas aos violões, muitos deles desafinados, por faltar cordoalha nova.

Miguel Costa, Prestes, João Alberto, Juarez Távora devoravam os livros que iam encontrando pelo caminho, enquanto a meninada folgava. Isso fazia manter-se a Coluna unida e fraterna para qualquer emergência.

Quando não estavam dançando, inventavam mil e umas travessuras entre eles. Tudo constituía motivo de empurrar o tempo, servindo isso para que não se lembrassem de casa, da esposa e dos filhos, que deviam estar passando por dificuldades de toda ordem por sua culpa.

Não havia oficial “mauricinho”, cheio de dedos. Todos acabavam participando dos folguedos.

Entre eles destacava-se o Menino Siqueira, como era tratado pelos oficiais mais velhos, e que concentrava todo o espírito galhofeiro de uma juventude cheia de energia. Vez por outra, aos vinte e dois anos de idade

apenas, emergia nele o adolescente que gostava de pregar peças nos companheiros. Numa dessas, conta Domingos Meirelles:

Em Mato Grosso, juntou-se a um colega e confeccionaram juntos um mapa que indicava um tesouro que adormecia no piso de uma igreja abandonada. Envelhecera na fumaça o papel e traçaram com perfeição o roteiro, indicando o local onde deveria ser escavado, mostrando as linhas que deveriam ser seguidas até o altar-mor. Em algumas destas, fizeram furos como se tivesse sido comido ali o papel por cupim. Colocaram o mapa em ponto estratégico, fácil de ser encontrado. Se não fora Juarez Távora, católico fervoroso ter descoberto a artimanha, o piso da velha igreja teria sido destruído. Imaginem só o que iria acontecer: todo o piso era forrado com grandes pedras.

Em algumas vezes, porém, as respostas às agressões por parte de jagunços contratados pelo governo se faziam brutais. Às tocaias, revidava a Coluna com excessos que serviam para extravasar sua ojeriza a atos antiéticos, fora dos padrões convencionais de combate, e que eram repugnados pela formação acadêmica da maioria de sua oficialidade.

Os acontecimentos envolvendo pequenos lugarejos baianos deram vazão para que o sertanejo os temesse. Antes de entrar em Minas, em Olhos d'Água, Tiririca dos Bodes e outros, as emboscadas dos jagunços foram tamanhas que os revoltosos, ao se retirarem, queimaram pra lá de setenta casas. Além disso, os coronéis, donos de feudos, espalhavam que a Coluna era composta de uma malta de animais sanguinários, refrão esse referendado pelo peões que estiveram com eles, designando-os como bodes fedorentos, selvagens como bichos-do-mato. Diziam ainda que, ao galgarem qualquer lugarejo, arrebentavam as portas das casas para as saquearem. Como é bastante difundido o uso de brincos por parte das mulheres, estes eram arrancados com brutalidade, rasgando as orelhas. Tudo levavam, contavam os coronéis. Deixavam os locais por onde passavam como terra arrasada, onde não ficava sequer uma montaria que fosse. Apoderavam-se de todas que fossem boas, matando as demais, para que os governistas não fizessem delas, embora fracas, instrumentos para perseguir-los.

Em algumas localidades deixavam um arremedo de primissórias, chamadas requisições. Em sua maioria eram para desancar Arthur Bernardes, deixando ao final uma garatuja, como se fosse a própria assinatura do presidente da República. Serviam-se disso para desancá-lo e desmoralizá-lo perante o povo e a nação em geral. O objetivo precípua era o de fornecer,

com isso, elementos bastantes para a imprensa mostrá-los sempre em evidência, causando reflexos no poder legislativo do país, onde sobressaía a voz independente de Batista Luzardo, eloqüente orador e tribuno destemido.

Tamanho fora o pânico que se instalara no sertão mineiro, que a maioria dos fazendeiros, à notícia de revoltosos por perto, abandonavam suas casas, internando-se com suas famílias mata adentro.

A informação de que Siqueira Campos estava nas proximidades de Orapronóbis fez com que a maioria da comunidade desertasse. Quem a trouxe foi Sô Gregório, um negro de estatura alta, de compleição robusta, forte, bem apessoado, afazendado pros lados da fazenda Batalha, confluência do município de Catalão, em Goiás. Fora mandado por Afonso Salustiano Pereira, o Pereirão. Chegando à cidade, fora direto à casa de Dr. Joaquim Brochado, líder político, para transmitir-lhe a notícia. Parece que não fora esta muito levada a sério, pois, vez por outra, chegavam a ele mensagens falsas. Sendo um domingo, como sempre fazia, foi descansar em sua fazenda Santa Helena, ex-Buraco, adquirida de dona Gabriela Adjucto Pinheiro, a poucos quilômetros da cidade. Mesmo assim, por cautela, convocou o amigo José Adjucto para ir ao porto do Buriti para trazer as armas que pudesse, a fim de municiar alguns amigos para fazer frente aos revoltosos.

A cidade esvaziou-se. Poucos permaneceram nela. Dos que ficaram, contavam-se nos dedos os comerciantes que, receosos, analisaram ser muito pior se os rebeldes encontrassem seus estabelecimentos abandonados.

* * *

Já em janeiro de 1927, a Coluna se encontrava exausta. Se não fora a vitória alcançada na travessia do rio Jauru, já no pantanal mato-grossense, onde conseguiu repelir com vigor a tropa legalista, em combate o mais violento dos últimos trinta dias, a Coluna poderia dizer-se rendida. Ali é que pôde, embora faminta, maltrapilha e com muitos homens doentes, abastecer-se de armamentos tomados ao inimigo. Pelo menos, melhor armada estava. Dias antes já havia apreendido perto de Capim Branco, também em Mato Grosso, uma boa quantidade de armamentos. Foram setenta e cinco fuzis com quinze mil tiros, sessenta carregadores, com cerca de vinte mil tiros e quatorze pentes de munição para metralhadoras. Esse combate tinha durado mais de duas horas, tendo a Coluna perdido dezoito

homens. Em contrapartida, havia feito quarenta e seis prisioneiros. Os legalistas haviam perdido trinta e seis, entre mortos e desaparecidos. Muniu-se ainda de doze cavalos encilhados, uniformes e outros equipamentos, apreendendo ainda um automóvel e dois caminhões. (*As Noites das Grandes Fogueiras*, Meirelles, p. 638).

Essas façanhas inquietaram por demais o governo central da República, que ordenou às tropas que se encontravam nas adjacências cortarem de vez, empregando todos os cartuchos, de qualquer maneira possível, as rotas que levavam a Coluna rumo à fronteira com a Bolívia. Quem mais estava desesperado era o comando central legalista, no momento em que, além de ter sido batido nas últimas batalhas, perdia prestígio político perante a Nação, com a internação da Coluna em país vizinho.

Embora agora a Coluna razoavelmente bem municada, não demoveu-se Prestes da vontade, de há muito já amadurecida, de exilar-se. A ele parecia ser o único caminho encontrado em sua concepção. Assim delineara desde maio de 1926. Percebera que o processo não era o que planejara, de reconquistar a plena democracia no país. Pelas andanças nos quatro cantos do torrão nacional, verificara que os problemas eram muito mais complexos e de difícil solução. Havia necessidade de pisar fundo, dando uma nova estrutura política, social e econômica a uma pátria que se encontrava depauperada, abrigando um povo, na sua maior parte, exageradamente empobrecido e infeliz. Nessa época de decisão de rumos a tomar, estava ele retornando da Bahia, não havendo confrontos de grande monta com os legalistas. Mas emboscadas aqui e ali surgiam. Nessa conjuntura, por causa do inimigo invisível, Prestes e Miguel Costa decidiram cruzar a caatinga. Era o caminho mais fácil para se chegar ao rio São Francisco, abrindo trilha definitiva para o exílio. Seria uma empreitada de difícil execução, sabia, mas era a única forma que encontrara de mitigar as agruras e sofrimentos inaudíveis de um punhado de bravos patriotas, seus comandados, que um dia sonhara com uma pátria livre da tirania de um poder discricionário.

A Coluna, tendo Prestes à sua frente, constrangida mas não vencida, amanhece então em território boliviano. Era o dia 4 de fevereiro de 1927, sexta-feira. Após ter percorrido aproximadamente 36 mil quilômetros, por mais de 80% dos estados brasileiros, durante mais de dois anos de invasões e escaramuças, sob permanente agitação, a tropa encontra-se, agora, num enorme estado de tensão, muito diferente daquele inicial entusiasmo de quando iniciou sua jornada pelo interior do país. Seus homens tornaram-se

fantasmas, caminhando como irreverentes silhuetas silenciosas, com o olhar preso no horizonte da pátria, como se tivessem sido picados pela mosca tsé-tsé, que tornava os africanos singularmente apáticos, escravizados com facilidade. A Coluna estava ali exilada para não ser escrava em sua própria terra. Essa resolução precipitou os acontecimentos, tendo Prestes antes até proposto a dissolução da Coluna, no que foi dissuadido pela firmeza de Miguel Costa como seu comandante, que não concordava com isso e deixava claro sua resolução de internar-se na Bolívia. Prestes era o chefe do estado-maior. A coluna começou a ser denominada de Coluna Prestes por ser ele uma figura de maior popularidade que Costa. Já Siqueira Campos era o comandante do Terceiro Batalhão.

A marcha no pantanal mato-grossense, rumo ao país vizinho, foi duríssima. Os homens atravessavam os rios, lagos e lagoas desnudos, com água pela cintura. Movimentavam-se como se sonâmbulos fossem. Apresentavam a pele como se fosse uma só brasa, insensível pelas picadas de miríades de insetos hematófagos, muitos dos quais transmissores de malária. Era triste ver gaúchos escarranchados em sonolentos bois de sela, quando estavam acostumados com a destreza dos “pingos” pelas cochilhas sulinas, acotovelados aos calcanhares dos novilhos sobreanos, bamboleando no dorso seu cavaleiro, atentos ao rastilho da rês desgarrada, aqui e ali, negando, como se brincassem de “pegadô”.

Com suas montarias acostumadas ao penoso tráfego pelos charcos, os gaúchos abriam caminho para os companheiros galgarem os golfões, constituídos de aguapés – os lírios das águas paradas. Serviam-se deles como se ilhas móveis fossem, onde por vezes descansavam, arriando as mochilas repletas de trapos que, vez por outra, serviam de agasalhos nas noites frias, comuns ao clima do pantanal. Além de famintos, pois a tropa só estava se alimentando de palmitos, sustentavam-se diante dos temporais com muita galhardia. Um quadro vigoroso, capaz de nos fazer lembrar marujos diante das procelas, equilibrando-se na proa dos barcos sem leme, com o mastro principal quebrado pela fúria da tempestade – cena digna da câmera de um cineasta de qualidade, que só a Metro-Goldwyn-Mayer saberia filmar, com o realismo peculiar que sempre emprestou às suas grandes obras cinematográficas.

Muitos pereciam naquele inferno verde. Na superfície, o fogo calcinante do sol dilacerava os corpos expostos sem cobertura, provocando fortes queimaduras. Por baixo, a água abundante sorvia quem claudicava,

pisando em falso no fundo do charco, o que consumia suas energias no levantar dos pés em intermináveis atoleiros. Os que conseguiam ultrapassar essas barreiras geralmente caíam extenuados em alguma praia coberta de rala grama, ali permanecendo, ficando milhas à retaguarda da Coluna, que esfalfada botou os pés na Bolívia com apenas 620 homens pouco validos. Comovidos, os revoltosos, em absoluto silêncio, contemplam suas amigas, as armas companheiras, cada uma podendo contar uma estória, sendo amarradas em feixes, para serem entregues ao comando fronteiriço da Bolívia.

Durante essa penosa travessia, Prestes e Miguel Costa andavam à pé, junto à tropa, socorrendo a cada um, animando a todos.

Um verdadeiro feito epopéico conseguiu Carlos Prestes descrever através do sertão brasileiro. Acontecimento muito semelhante ao de Aníbal, general cartaginês (247-183 a.C.), na segunda Guerra Púnica: “Aos vinte e seis anos, tornando-se chefe do exército na era 216, atravessou os Pirineus e os Alpes, iludindo as forças romanas mandadas à sua procura, invadindo a Itália. Derrotou com facilidade os romanos em Trébia, dominou a Itália do norte e apoderou-se de Cannae.”

Não tendo aproveitado os triunfos repetidos para invadir Roma, foi amplamente censurado pelos seus generais. Um deles, Marrabal, disse-lhe: “Aníbal, você sabe ganhar a batalha, mas não sabe ganhar a guerra. Não se acomode, invada Roma, não dê descanso à tropa.”

Não dando ouvidos, confiou demais no seu gênio de supersumo da estratégia de guerra, e deu folga à tropa como prêmio pela sua compostura nas batalhas.

Aquele que era um dos mais nobres guerreiros tornou-se um dos mais desafortunados homens de ação da antigüidade. O fundador do Império Púnico na Espanha terminou seus dias suicidando-se com o veneno que sempre trazia consigo. Viu seus generais sendo derrotados, não tendo condições de socorrê-los. Não invadira Roma. O descanso dado à tropa fora-lhe nefasto.

A nós outros, parece que a Coluna acautelava-se em demasia após vitoriosos combates. Tanto Prestes como seus colegas de farda, pertencentes ao exército, não desejavam confrontos. Sempre a tropa perseguidora chegava atrasada às cidades ou povoados invadidos pela Coluna, dando mostra de que cumpria o dever ordenado pelo chefe maior que era o presidente da República. Mas no fundo, no fundo mesmo, esgueiravam-se propositalmente

por entre o emaranhado de trilhas que a Coluna traçava, em rodopios imensos, o que dificultava sobremaneira sua perseguição. Siqueira Campos, à frente de um pequeno mas destemido contingente da Coluna, permaneceu à retaguarda com o fim precípua de confundir a tropa legalista para que a marcha do alto-comando da Coluna, em direção ao país vizinho, fosse feita com menos sacrifício de homens. Para isso desenvolveu uma estratégia de combates ligeiros, abrindo alas em diversos flancos. Com muita astúcia, conseguia desvencilhar-se de seus perseguidores, saindo de um ponto e voltando a ele, num ziguezague de confundir qualquer cidadão menos preparado para guerra, como acontecia com os jagunços contratados pelo governo federal, comandados por Horácio de Matos. Foi assim que procedeu na invasão de Orapronóbis.

Saindo de Goiás, atravessou a chapada, pelas terras de Santa Maria, antiga Tapera, tendo passado na fazenda de dona Regina de Sá Vieira, onde fora bem tratado. Montou acampamento no Jambeiro, sede da fazenda do professor João Crisóstomo, onde pernitoiu. Este, por ser uma pessoa culta e de boa prosa, cativou logo o alto corpo revolucionário, permanecendo até advindas horas da noite em perlustrações sobre o momento político e social do país. O professor mostrou ser um liberal de monta, tão de agrado às idéias de Siqueira, que este até ordenou aos seus comandados que se abstivessem de qualquer ato de violência à pessoa do professor e sua família.

Sua missão era cobrir, na retaguarda, o avanço do grosso da Coluna para a fronteira. Pelas datas, reconhece-se perfeitamente o ardil tramado por ele para tal feito. Vê-se, pois, que ao entrar em Orapronóbis no dia 13 de fevereiro, a vanguarda da Coluna já havia se internado na Bolívia no dia 4 do mesmo mês. Desse modo contava apenas consigo. Sem recursos para manter a tropa, resolveu pôr em prática o seu sonho de invadir o Triângulo Mineiro, a partir da cidade mais próxima de onde se encontrava, em Goiás. A mais próxima foi a cobiçada Orapronóbis.

Daí partiu aceleradamente rumo ao Paraguai, retornando por Capim Branco, nas imediações do Planalto Central, onde está edificada hoje Brasília, a capital do país, internando-se de novo em Goiás, quase no mesmo local de onde partira. Não deixou, nesse ínterim, de cutucar as forças legalistas, às vezes até jocosamente, como aconteceu na entrada da cidade de Jataí, onde prendeu o delegado de polícia que dormia no quartel. Florêncio de Souza, esse o nome do delegado, virou-se para um canto e, indagado por

Siqueira onde estavam os rebeldes, amolado pela insolência de ter sido acordado àquela hora da noite, foi logo dizendo que estavam muito longe.

Siqueira, como um trovão que se desencadeia na procela, ribombou na sua orelha:

— Os revoltosos somos nós, que o apanhamos em flagrante delito, dormindo.

Não titubeando, prendeu-o, pelo motivo de não estar cumprindo com o seu dever que era defender a comunidade. Designou-o em seguida para ser seu humilde motorista no saqueamento da própria comunidade da qual ele era o responsável pela integridade física. Dali levou cem contos de réis.

Essas peças jocosas faziam parte da coleção que se mantinha no repertório da Coluna, tão bem relatadas pelo seu lídimo secretário, Lourenço Moreira Lima, como foram os episódios de Olhos d'Água, local a oito quilômetros da hoje cidade de Alexânia, Goiás. Relata ele que o tiroteio atravessou toda a madrugada e só foi interrompido às oito da manhã do dia 2 de outubro, com cerca de duzentos mortos, entre o contingente da Força Pública de São Paulo e um dos pelotões de Horácio de Matos. Em virtude desse fato, o major Artur de Almeida, que comandava o contingente da Força Pública, fora imediatamente preso, suicidando-se a caminho de São Paulo.

Bem ainda não tinha cicatrizado a ferida de Olhos d'água, estando a Coluna aquartelada nas imediações de Anápolis, eis que, uma semana após, novo fato deprimente surge. Agora foi o confronto das mesmas forças paulistas com tropas do exército nas imediações do rio dos Bois, no mesmo estado de Goiás. Durante horas, trocaram tiros tropas do Sexto Batalhão de Caçadores, sediado em Ipameri, com as pertencentes à Força Pública do Estado de São Paulo. Com isso, a Coluna, alcançando mais esse triunfo sem pelejar, trotou comodamente na trilha delineada para chegar à Bolívia.

* * *

Numa tardinha... num domingo superquente, cavaleiros estranhamente vestidos, na sua maioria de bombachas, usando chapelões de abas largas, muitos dos quais acabanados, com lenços vermelhos atados ao pescoço, desceram a rua da Praça em disparada correria, atirando para o alto, gritando ensurdecedoramente. Os cavalos riscavam centelhas luminosas, batendo seus cascos nas pedras irregulares da rua. Torcendo

aqui, torcendo ali, mais pareciam os cavaleiros do apocalipse, prometidos para lasciar fogo ao mundo em estertor, diante do fim previsto nas sagradas escrituras. Era um quadro digno de um Herculano, cuja pena, muitas vezes, colocou “o cavaleiro negro” a digladiar-se com os mouros invasores da península ibérica, em quadros literários tão reais que, ao lê-los, sentimo-nos parte integrante das batalhas.

Foi tamanho o horror que se instalou no seio da população, com a presença dessas figuras exóticas atirando a torto e a direito, que certas cenas bisonhas foram mais tarde relatadas com rabiscos de humor chulo, envolvendo figuras conhecidas na sociedade. Em um dos relatos, conta-se que senhor Lázaro estava à porta da casa de seu cunhado, o padre Joca, justamente ali no começo da rua da Praça, quando os revoltosos entraram atirando a esmo. O susto que tomou fora tamanho que sentiu as calças sujas. Como estas começaram a exalar o odor característico da *délivrance* involuntária, ele, mancando de uma das pernas, entrou correndo para dentro da casa e foi logo perguntando a sua senhora:

— Sangue tem cheiro ruim?! Se tem, eu estou ferido.

— Qual o quê, home!... Vai se lavar... – completou a mulher, que não deixou de encarar o caso com certa malícia, embora diante de um quadro constrangedor, de extremo nervosismo.

A essa altura, a cidade estava completamente deserta. Apenas uma casa comercial, de secos e molhados, a Casa Carijó Costa, como era conhecida sua venda nessa época, encontrava-se aberta, em preparativos para servir os fregueses do Cine Roriz, recém-fundado em 12 de agosto de 1926. Seria exibida uma sensacional fita naquele domingo, denominada “Irmã Branca”, grande sucesso cinematográfico desses tempos.

Nela, situada na esquina da rua das Flores com a rua da Praça, estava bebericando somente uma pessoa, o Zé Pequeno. Tratava-se de um indivíduo que tinha apenas um dos braços. O outro membro superior teve seu antebraço amputado por ocasião de uma picada de jaracuçu, cuja infecção quase levou à gangrena. Foi o primeiro a ser pego para interrogatório, logo abandonado por ser mutilado. Deu-se ele como felizardo. Era mutilado mas não imprestável. Possuía uma agilidade impressionante. Com o cabo da foíce amarrada ao seu toco de braço, poucos o acompanhavam nas bateções de pastos. Era o preferido pela maioria dos fazendeiros nas roçadas de invernadas. Por onde passava não ficava nenhuma “leitoa” – ramo de planta não-cortada – como era chamado na linguagem rural.

Uma leva de homens, parecendo conhecedora de cada rua, de cada beco, de cada morador da cidade, ali mesmo, à rua da Praça, apeou na casa do telégrafo, de lá retirando aqueles vidros coloridos de azul, de mais ou menos dez litros cada um, contendo a solução ácida que interagiu com as placas de cobre para gerar a energia que alimentava o aparelho de passar as mensagens. Jogaram-nos à rua. Prenderam o responsável, senhor Demóstenes, levando-o para local ignorado, deixando claro suas ameaças de fuzilá-lo posteriormente. Sua esposa, da família Paula Souza Roriz, dona Joanita, fora tomada como refém para uma possível negociação. Feito isso, cortaram a única forma de comunicação que ainda havia da cidade para o exterior.

O delegado de polícia Pedro Santana, sabedor da chegada dos revoltosos, andou correndo as ruas, atirando a esmo. Pelo que se soube, depois se retirou para o local denominado de Moquém, fazenda de Wolney Meirelles.

Siqueira Campos, logo avisado do ocorrido, ordenou a sua captura de qualquer maneira. Daí terem seus homens prendido vários transeuntes que encontravam pelas ruas, usando-os como possíveis indicadores do paradeiro do delegado.

Localizada sua casa, removeram até colchões à procura dele ou mesmo de descendente seu. Firmina Santana, moça sua filha, escondeu-se em baixo de uma cama, a única não revistada. Cansado talvez de procurar, sentou-se um deles nessa cama. Dizem as estórias que uma roseta de suas esporas prendeu-se na barra da saia de renda da menina que, com muita calma, delicadamente desvencilhou-a e por isso não foi encontrada. Mostrou com isso estar preparada, corajosamente, para alçar vôos longos, o que fez mais tarde, ao tornar-se uma das primeiras nutricionistas formadas no país. Representou o Brasil e a Liga das Nações – pacto aprovado na Conferência de Versalhes – em várias partes do planeta, sempre com o charme e a competência de grande mestra e cientista que foi... A cidade chora sua morte ocorrida nos Estados Unidos, todas as vezes em que é lembrada profícua existência.

* * *

O resto dos cavaleiros dispersou-se por várias ruas da cidade, parecendo guiado por quem conhecia os pontos vulneráveis, onde residiam

os chefes políticos da comunidade. Pelo caminho, encontraram nas ruas quase desertas um senhor que vendia carne de porco. Era o Bernardo Catita, também conhecido como Bernardo Carne de Porco. Era um tipo “tremeleque”, conversador, que gostava de tartamudear quando pronunciava as palavras, contando estórias. Enfim, era um desses vultos populares que as velhas cidades mineiras abrigam, fruto de uma sociedade paternalista, com muito ranço de costumes oriundos das capitânicas hereditárias.

* * *

Carne de Porco, assim apelidado porque, criado por Dondóia, era o encarregado de entregar peças de carne de porco aos seus fregueses dos dias de domingo. Essa senhora, moradora à rua do Ávila, logo ali junto à casa do professor Henrique dos Reis, era uma das pessoas mais cortejadas da comunidade, responsável pela confecção das melhores iguarias da cidade. Dondóia, uma verdadeira enciclopédia viva, depositária que era, da sabedoria culinária da região, herdeira dessas tradições que nunca devem ser perdidas, devendo permanecer como símbolos de uma era de esplendor por que passa uma comunidade inteira. Felizmente, essa tradição está hoje preservada num pequeno volume, escrito por Wanda Costa Noronha, de nome “Paracatu: Delícias da Casa Grande”. São 58 páginas de saudades. Sim, saudades! porque através delas surgem, junto às lembranças gustativas, as figuras singulares de nossos genitores e de toda uma comunidade que está sempre presente em nossas mentes. Wanda apresenta suas receitas com tamanha sensibilidade, que nós outros sentimos vontade de comê-las com todas suas páginas. Felizmente não podem ser comidas e sim guardadas no mais alto recôndito de nossas recordações, prontas para se fazerem presentes ao nosso passado.

* * *

Bernardo Catita, logo que foi feito prisioneiro, tentou enganar seu algoz, com palavras ininteligíveis, numa espécie de arremedo de um linguajar afrancesado. Desejavam que ele indicasse a residência do delegado de polícia, Pedro Santana. Como não conseguiram o que queriam, sabendo que estavam sendo enganados, levaram-no até o armazém Quintino Vargas, o maior da cidade, entrouxando-o de doces e cachaça. Em seguida, levaram-no até a rua do Ávila, esquina do largo do Amparo, onde foi amarrado a um

grosso toco de aroeira de mais ou menos sessenta centímetros de diâmetro, ali fincado havia séculos. Nessa esquina, postava-se o consultório do único dentista da cidade, senhor Francisco Carneiro, que se encontrava preso, duas casas abaixo. Nessa posição ficou o Catita até à madrugada, segurando os cavalos pelos cabrestos. Vez por outra chegava mais um com mais goiabada e marmelada, fazendo-o engolir à força com goles de cachaça. Isso tudo porque ele quis “enrolar” a turma de revoltosos, respondendo às perguntas na língua francesa que precariamente deglutia. O pior, entretanto, foi ele dizer que estava na rua à procura de uma pinga, somente isso.

— Porque disse que ia procurar uma pinga para beber, só isso, e qui num sabia de nada de endereços dos moradores da cidade, fui preso!? Isto era injustiça!

Catita contava, dias após, que estava tão bêbado que pensava ser ele o peru de véspera do Natal. Não caía nem cambaleava de medo, tão-somente. Os animais que ele segurava pertenciam aos chefes que, logo abaixo, na esquina do beco de Sôquim Santiago, traziam presos o proprietário da casa, senhor Luiz Santana Júnior, presidente da Câmara Municipal, juntamente com Ozório Botelho, suposto delegado de polícia, e mais os senhores João Macedo, Jorge Batista, Francisco Carneiro e Leopoldo Faria.

Ozório fora pego no largo da Jaqueira, como sendo o delegado de polícia, por indicação de um desses homens que perambulam pela rua à caça de aventuras, nada menos que o denominado Caboclinho. Era este uma figura exótica, baixinho, metido a repentista, trazendo sempre a tiracolo um arremedo de viola misturado a violão, com que ele acompanhava seus versos feitos na hora para angariar um ou mais goles da boa cachaça orapronobiana. Apanhado de surpresa, como uma das poucas pessoas que ainda transitavam pelas desertas ruas, foi espancado a valer, com o fim de apontar a casa de Pedro Santana, o delegado. Cansado de apanhar, cheio de hematomas, apontou a primeira casa que viu, como sendo onde morava o delegado. Era justamente a casa de um dos homens mais pacatos da cidade, o senhor Ozório Botelho. Dentro de sua casa, o comando revoltoso encontrou sua esposa, dona Maria, rezando com seus filhos e parentes. Preso Ozório, com os dois filhos, Fortunato e Joaquim, esteve a ponto de ser fuzilado na presença de sua esposa, que só sabia dizer que seu marido não era o delegado procurado. Dona Maria, devota ao extremo, entremeava suas palavras às suas orações com tanto fervor que deixaram seu marido e demais filhos em paz. Mesmo assim, levaram Ozório prisioneiro para a

casa de Lula Santana. Um erro quase leva a vida de uma pessoa que nada tinha com o peixe.

A cidade toda tremeu de medo, mas quem mais sofreu com esse sofrimento oculto foi o senhor João Macedo, proprietário da Casa da Barateza, ali na rua de Goiás com a São Domingos. De quando preso com os demais políticos da cidade, na casa de Lula, percebeu, ao levar uma das mãos ao bolso de seu paletó, que nele havia uma bala de revólver 38. Sem saber o que fazer com ela, estando sob a vigilância austera de um carabineiro perfurado ao seu lado, com absoluto receio de ser vistoriado, enfiou-a no cano da botina. E foi um tal de mancar toda a noite que fazia dó. Diz-se que a bala de tanto esfregar, abriu uma “bieira braba” no tornozelo dele, custando a sarar.

O grosso do contingente distribuiu-se por várias ruas da cidade. Em cada uma delas foram selecionando as casas de pessoas consideradas de maior poder aquisitivo. Sabiam os nomes de todas. Encontrando as portas fechadas, batiam e chamavam pelos nomes como: “Blandina, viúva rica de Alderico Pinheiro?! Olendino?! diretor do grupo escolar (pensavam ser homem, daí chamarem por Olendino). Carijó?! dono da melhor casa de secos e molhados da cidade! Sôquim Santiago, Pinduca, Dudu Rocha!” e muitos e muitos outros.

A tropa de vanguarda, responsável pelo domínio da cidade, concentrou-se mais em frente à cadeia pública, ali na rua Direita, onde travou uma fuzilaria brava com os soldados do pequeno destacamento que havia na cidade por aquela ocasião.

Logo abaixo ficava o quartel dos praças, que foi logo tomado, por estar deserto, uma vez que os soldados haviam saído para fortificar a cadeia.

Em ali chegando, os revoltosos presenciaram uma pessoa que portava na cabeça um boné e que passou correndo da casa de dona Maria Benvinda, do lado anverso da casa do quartel, para a de dona Virgínia Vitorino, do outro lado da rua. Antes de lá chegar foi atingido por uma bala que lhe arrancou os miolos, tendo ficado alguns de seus restos presos na tábua da porta que se encontrava fechada. Por um segundo, teria ele se safado da bala fatal. Tratava-se de um jovem, filho do senhor Juca Neto, que fora confundido como um soldado por estar de roupa amarela e usando o que parecia ser um quepe.

O pequeno, mas heróico destacamento militar, contendo apenas seis praças e um cabo, sustentou com bravura a fuzilaria grossa, partindo da

frente do chafariz e já contornando os flancos da cadeia onde os soldados se encontravam entrincheirados. Percebendo não haver condições de resistência, debandaram desordenadamente, num salve-se-quem-puder daqueles. Cada qual, carregando seu fuzil, lançara-se loucamente à procura de abrigo, saltando uma pequena ponte, ali pelos lados da Santa Casa de Misericórdia, aos fundos da casa do João Leite, embrenhando-se nas margens do córrego Pobre. Incrível é que a cachorrada do João, que era caçador exímio e pregador de bravatas dificilmente acreditáveis, nem deu sinal de vida. Dois dos soldados, na fuga sem direção, separaram-se dos demais cinco companheiros e viram-se dentro da erosão desenhada pelo desemboque das enxurradas da zona norte da cidade, entre a cadeia e o mercado municipal. Ali um deles divisou um cavaleiro que descia a rua. Não pensou duas vezes: atirou com precisão, pois, ali entrincheirado não havia solução – era matar ou morrer.

O projétil, atingindo a testa de sua montaria, vazou-a e alojou-se bem no peito do cavaleiro. Derrubado, já caiu morto. O praça que puxou o gatilho não era senão o soldado José Vítor da Silva, um mestiço de baixa estatura, aparência meio desabusada. Junto de Vítor havia um companheiro, que diante do inusitado acontecimento, entrou em pânico e descambou pela erosão tão afobadamente que teve uma fratura em um dos braços, ao pular um monte de pedras amarradas ao léu. Os dois passaram o resto da noite escondidos dentro da pequena mata ciliar que margeia o córrego dos Meninos. Amoitaram o carregamento das armas e afundaram os fuzis no fundo do leito do córrego, justamente em um dos poços comumente formados, erodidos que foram nas rochas semicalcárias, pela ação da correnteza da água que caprichosamente trabalha, por centúrias e centúrias de anos, perdidos no tempo.

* * *

O Quatorze, homem da confiança de Siqueira Campos, foi o cavaleiro atingido pela bala mortal disparada pelo fuzil do soldado, que supostamente atirou de medo.

Passada a refrega, nos dias seguintes, o soldado Vítor aparecia com uma tira no braço de seu uniforme – fora graduado com uma divisa militar abaixo de cabo, hoje não existente.

Muito falastrão, contava sua proeza a toda hora. Esse depoimento eu o ouvi – encontrava-me com nove anos de idade – do próprio soldado,

no balcão da casa comercial de Joaquim Costa Carijó, meu pai, quando Vítor saboreava um gole da Azulão, pinga fabricada por Dr. Sérgio Ulhôa, na fazenda do Caetano. Tornou-se o herói que faltava. Na cidade todos queriam vê-lo e ouvi-lo. Comia e bebia de graça em qualquer bar ou botequim, à hora que desejasse. Logo perdeu a divisa por indisciplina. A façanha deve ter-lhe subido à cabeça, por certo, tendo desrespeitado a rígida vida do quartel, não mais obedecendo a horários de trabalho.

* * *

O grosso do comando, após ter tomado um substancioso lanche em casa do senhor Joaquim Santiago, desceu a rua até a casa do Dr. Sérgio Ulhôa, onde fixou seu ponto estratégico de comando. Dr. Sérgio, tão bom médico quão virtuoso e competente político, reconhecendo logo um colega contemporâneo de faculdade, que fazia parte do contingente rebelde, serviu-se dele para entrosar-se com o comandante Siqueira Campos. Nessa oportunidade, negociava com ele o relaxamento da prisão do Demóstenes telegrafista, do tenente Walter Roriz e das demais pessoas que estavam segregadas na casa do presidente da Câmara, senhor Lula Santana.

Todos os seus parentes estavam ali aquartelados, os filhos de Lula Santana, os filhos de dona Blandina Ulhôa Pinheiro e ela pessoalmente, a família toda de Romualdo Ulhôa, e muitos e muitos outros que ali se sentiam protegidos, como de fato estavam.

Com o passar das horas, aparentavam até uma descontração soberba, mantendo uma prosa muito mais respeitosa que amigável. Dr. Sérgio ofereceu-lhes jantar e apresentou-lhe seus parentes. Tão logo, porém, soube ele, Siqueira, da morte do “14”, seu xodó no batalhão, mudou completamente seu modo de agir, até então despertando concórdia em vários assuntos. Diante desse inesperado acontecimento, exigiu o resgate de duzentos contos de réis, sendo cem pela morte de um de seus mais estimados subalternos, e cem para pagar a taxa de guerra, sob pena de incendiar a cidade. Para isso, ordenou retirar todo o estoque de querosene e gasolina existente nas casas comerciais da comuna.

Nessa época, ainda não havia bombas para abastecer os carros de combustível. Tanto a gasolina como o querosene eram embalados em latas de vinte litros, acondicionadas em caixas de madeira, duas a duas. Foi assim que empilharam essas caixas em frente ao sobrado da rua das Flores, local onde colocaram sobre um largo balcão o corpo do Quatorze. Esse sobrado

ficava logo no início da rua, em frente à casa Pinduca, de Alexandre Macedo. Mais tarde, foi demolido e em seu lugar construiu-se um prédio onde mourejaram várias farmácias. A primeira foi de Pedro Santiago.

* * *

As pressões foram feitas simultaneamente nas casas de Lula Santana e Sérgio Ulhôa. Ambos, como se estivessem adredemente combinados, alegaram ao comandante rebelde a impossibilidade de conseguir tal quantia. Era público e notório que a cidade estava passando por um estado de pasmaceira econômica, reflexo do momento político. Haja vista o estado de sítio permanente a que o país estava sendo submetido. Isso posto, ainda esse estado de coisas vinha se agravando, sob a pressão de outros fatores mais importantes que açulavam Orapronóbis, como a queda do preço do gado e do café. Um boato mais dilacerador era, entretanto, a mudança do valor do dinheiro em si. O sertão tremia diante de tamanha situação. Os economistas tupiniquins do interior do país recuaram em todos os seus negócios. Pelos boatos da mudança do padrão monetário, o mil-réis, que Washington Luís, presidente da República, almejava substituir por outro, já havendo até escolhido sua designação para cruzeiro, havia gente que estava enterrando valores, como jóias e dinheiro vivo mesmo. Com isso, houve uma retração dos negócios dos invernistas de gado em São Paulo. E as boiadas estavam perdendo peso nas pastagens, rarefeitas pelo pisoteio de milhares de cabeças confinadas, sem compradores.

A sistemática do sertão baseava-se tão-somente na venda do gado sobreano em abril, e o erado pelos meses do final do ano. Fora disso não havia negócios na cidade e a moeda circulante eram as cadernetas dos empórios e vales dos fazendeiros, que só pagavam suas contas quando vendiam as boiadas. Nem banco havia! Conseqüentemente, nem cheques. Muitos nem conheciam tal meio de aquecer e de movimentar a economia do país.

Siqueira Campos propôs que se angariasse esse valor envolvendo toda a comunidade. Para isso liberou alguns prisioneiros para passar o chapéu perante o povo. É claro que foram procuradas as pessoas de maior poder aquisitivo da cidade. A dificuldade fora imensa – ninguém tinha dinheiro em espécie em casa. Muitos preferiram ficar prisioneiros que saírem às ruas com receio de serem mortos pelos rebeldes. Francisco Pinheiro, um dos componentes escolhidos pelo Dr. Sérgio Ulhôa para procurar angariar

o dinheiro, lembrou-se que Waldemiro Pinheiro, seu irmão, havia vendido na véspera um pequeno lote de reses, e estava com dinheiro em espécie em casa. Também o Sr. Antônio Brochado, irmão do chefe político de maior prestígio na região, estava em condições de fazer o empréstimo de alguma quantia mais vultosa. Concordaram então em fazer os empréstimos mediante promissórias que seriam assinadas pelos demais moradores da cidade. A única pessoa que refutou tal operação foi Donana Rabelo, uma das mais ricas da cidade. Francisco Pinheiro, observando seu automóvel na garagem anexa à sua casa, ali à rua São Domingos, foi logo dizendo a ela que seria melhor ela contribuir, senão os rebeldes, sabedores de sua fortuna e de seu carro, viriam na certa para levá-lo ou quebrá-lo, como fizeram com o auto do professor Olímpio Gonzaga, que foi reduzido a ferro-velho à custa de marteladas. Donana não assinou a promissória, abriu a burra e deu sua contribuição em dinheiro vivo. Somado o dinheiro arrecadado, conseguiu-se a importância de cinquenta contos de réis. Com muito custo, após muita negociação, deu-se Siqueira Campos por pago pela morte do seu amigo e ordenança, o Quatorze. O restante, a taxa de guerra, prometeu, viria buscá-la em breve data.

Com isso, inteligentemente, estabeleceu um laço de parceria com o povo sobejamente amedrontado, na expectativa de uma nova invasão. Esse pavor imenso estabeleceu um sincronismo do povo com sua figura, sempre em destaque a ser lembrada, tão logo chegavam mais boatos de que estaria ele planejando nova ofensiva à cidade.

Era tão alarmante a situação em que se colocara a comuna, que o próprio Luiz Santana Júnior propôs, num gesto extremo, que fosse resgatada a parte que faltava com sua própria vida, se assim se desejasse.

Um retrato pintado, preso à parede de seu escritório, de sua esposa Adília, qual uma Bárbara Eliodora cá do sertão, inspirava-lhe firmeza e ousadia, no agir como responsável pela comunidade que dirigia. Bastava olhá-lo para sentir ali toda a força da mulher sertaneja, amante de sua terra, pronta para qualquer ato de heroísmo em defesa de sua gente. Seu semblante firme e ao mesmo tempo sereno dava-lhe forças para isso.

Além dessa importância vultosa para a época e para a cidade, saquearam todo o seu comércio. A casa que mais sofreu com isso foi a Casa Flor da Síria, do senhor João Abraão Guerra, conhecido por João Turco, um tradicional comerciante, pioneiro de municiar a população com estoque variado, trazendo as novidades dos grandes centros até à cidade. Como se estava a apenas dezessete dias do carnaval, que seria terça-feira,

primeiro de março, sua casa comercial estava abarrotada de artefatos próprios para os festejos de momo. Eram toneladas de confete, serpentinhas, máscaras, fantasias, chapéus coloridos, bonés, tambores, cornetas, línguas-de-sogra e os desejados lança-perfumes rigoletto. Embalados eram estes em vidros com tampas esguichadoras do líquido perfumado, que fazia as moças abstraírem-se, levitando no espaço em órbitas as mais sensuais e encantadoras, reflexo do ensopamento de seus bustos e colos pelo éter propagador de sonhos...

Encontrada a casa trancada, quebraram as portas, arrebetando com tudo. Enrolaram os pescoços de suas montarias com serpentinhas, colocaram máscaras, acabaram com o estoque dos lança-perfumes, ensopando as crinas dos cavalos. As peças de pano eram desenroladas, formando tapetes imensos ao longo das ruas para passarem montados em seus animais de sela, como se fossem fidalgos a desfilar pela corte.

Houve atos de vandalismo também por parte de alguns habitantes da cidade, que aproveitaram para abastecer suas casas. O que se podia carregar, carregaram, sob a égide dos rebeldes.

Todas as demais casas comerciais da cidade foram saqueadas. João Turco levou a pior. Como havia se retirado, fugindo dos revoltosos com a família para a fazenda Garrincha, de seu cunhado Nequinho Neiva, os invasores deitaram e rolaram à vontade, depredando tudo que estava à sua frente.

Trabalhava ele com recursos dos patrícios de casas do Rio de Janeiro e São Paulo. Ficou com uma dívida impagável de momento, sem estoque, sem dinheiro e sem crédito. Muitos de seus amigos comerciantes procuraram ajudá-lo, embora com pouca monta, uma vez que também estavam arrasados. Sentira-se ele sozinho, uma vez que não havia recebido por parte dos rebeldes nem ao menos as virtuais promissórias, chamadas requisições, do governo. Em vista disso, não tinha elementos para requerer um ressarcimento dos prejuízos. Em certa ocasião, passados alguns dias da absurda depredação de sua casa, estava ele na sala de sua residência avaliando o seu prejuízo, quando, descontrolado, sacou de um revólver que se encontrava na gaveta de sua escrivaninha. Por sorte, sua esposa percebeu o desenlace e segurou-lhe o punho, passando a gritar desesperadamente. Correram em socorro a ela os senhores João Clímaco Cordeiro, Carijó Costa e Neneco Neiva, todos seus vizinhos, tendo conseguido desarmá-lo.

Carijó estava atento à reforma da casa, ao lado do sobrado de Neneco Neiva, à rua de Goiás, esquina com a travessa que desemboca no largo do Amparo, bem defronte à Casa Flor da Síria. Ali pretendia colocar uma filial de sua casa comercial sita à rua das Flores, quando houve essa tentativa de suicídio por parte de João Turco. A casa tinha sido arrombada e, como nada tinha, pois estava em reforma, foi teatro das loucuras dos revoltosos, fazendo dela ponto de onde partiam e ao mesmo tempo reuniam os frutos do saque às demais casas da cidade. Quando partiram, na madrugada do dia 14 de fevereiro, levando o produto dos seus assaltos, os revoltosos deixaram nessa sua casa os mapas que haviam retirado do Grupo Escolar Afonso Arinos, ainda funcionando à rua do Ávila, em um casarão onde mais tarde, em 3 de maio de 1928, foi instalada a Escola Normal Dr. Antônio Carlos, criada por ato do governo mineiro em 18 de fevereiro do mesmo ano. Ainda, junto com esses mapas, cartas geográficas, modelos de globos terrestres e planetários, foram ali deixados muitos rolos de serpentina, um saco de sal Brilhante, produto importado da Alemanha, algumas peças de pano, canecas e urinóis esmaltados. A viola do Caboclinho estava entre o espólio deixado pelos revoltosos. Apenas duas cordas ainda estavam retesadas em chavetas que não mais funcionavam – as roscas não mais apertavam. Na manhã do dia 24 ele apareceu, ainda meio bêbado de tanta cachaça que lhe deram, cheio de hematomas pelas pancadas que recebera, à procura de seu instrumento musical. Achando-o, não se importou de tê-lo apenas com duas cordas e saiu cantando pelas ruas:

— Quando os revoltoso chegou no meio do camim / mandou recado
 pru seu dotô Joaquim – passando do tom agudo da primeira corda para o
 grave da última – guarda café aí pra mim...im...im... / Sô “migo”... da rua
 da Capelinha / robô...ô..ô... duas peça de pano / e doze urinó – com som
 mais grave – e foi escondê no Bro... cotó... ó ó ó...

Com essa musiquinha enjoada, comprava os goles de mais cachaça nas vendas que tiveram coragem de abrir suas portas naquela manhã do dia posterior.

Bernardo Catita foi outro que, desamarrado, saiu meio mais-para-lá-do-que-para-cá, procurando vender a corda com que foi preso ao toco da praça do Amparo. Como se tratava de um bom laço feito de couro de burro, coisa rara no meio rural orapronobiano, foi fácil trocá-lo por uma boa talagada de pinga, para rebater a bebedeira da véspera. Com uma pitada de sal sobre uma talhada de limão em uma das mãos, na outra um copo contendo uma

generosa porção de cachaça, deglutia-a com cara de nojo. Para curar uma ressaca, dizia ele:

— Desce ruim, mas é necessário o sacrifício: “queimadura por fogo, cura-se com fogo” — era o ditado de que se valia para justificar os rebates. No mais, dizia: — *Merci beaucoup, mon Dieu...* tô vivo qui tô danado!... O problema foi que, quando me perguntavam a casa do delegado, eu respondia: *Je pense que...* num deixava eu terminar e vinha logo falano: “Qui pança nada, vagabundo. Qué enchê a pança, vamos enchê ela.” Aí eu falava: *Je sui un pauvre homme! Mon nom est Catita* — e pronunciava o “a” bem aberto: ca-ti-tá. — Aí num houve jeito. Notaram qui eu tava embromando e me entroxaro de cachaça, goiabada e alguns supapos.

A ressaca moral sem bebedeira, porém, a mais brava, tomou conta da comunidade, cheia de pavor. Acordada, meio sonâmbula, a população atônita procurava a todo momento saber de cada um dos acontecimentos da véspera. Visitavam-se mutuamente à procura de notícias. Cada um contava uma passagem, procurando exagerar ao máximo, cada qual mais tenebrosa, todas de arrepiar os cabelos. As narrativas cheias de peripécias, porque as haviam vivido nos pesadelos da noite anterior, trariam sem dúvida a um escritor subsídios maravilhosos para, na pior das hipóteses, garatujar uma peça literária de valor epopéico. A cidade acabava de passar por um sonho terrível. O maior prejuízo, entretanto, lamentava-se toda a comunidade, fora a morte do filho de sô Juca Neto.

Carijó, por sua vez, teve sua casa comercial à rua das Flores, em confluência à rua da Praça, inteiramente saqueada. Levaram as melhores bebidas, todas importadas, como os vinhos do Porto Adriano Ramos Pinto e as caixas de champanhe francesa. Beberam todo o estoque de cervejas como a Brahma Rainha, a Teutônia e a Bohemia — marcas tradicionais da época. Do departamento de perfumaria nada ficou. Usando o sabonete Dyrce, da Gessy, lavaram as crinas dos cavalos com Água de Vichy, importada da França, muito receitada pelos médicos da época como soro caseiro, na cura das diarréias. Empoaram, além disso, suas crinas com o pó-de-arroz Coty. Cigarros? nem se fala. Encheram os pulmões com a fumaça dos melhores, desde o Liberty Ovais, passando pelo Odalisco, até o Pour la Noblesse, que vinha embalado em caixas forradas de papel veludo, contendo piteiras compridas. Estes últimos, então, foram disputados a palavrões entre eles, cada qual desejando absorver a fumaça dedicada somente à nobreza. Era de uma comicidade invulgar, capaz de glorificar a objetiva de um Fellini ou de um Orson Welles. Caso fossem filmados,

registrariam cenas parecidas com as de humor negro, ao se ver num ambiente de muita tensão seres barbudos, fedorentos, alguns maltrapilhos, a dedilhar as piteiras, capazes de emoldurar as mãos finas das *mademoiselles* do porto de Marselha. Queimavam os cigarros, um atrás do outro, numa concupiscência voluptuosa, semelhante aos esgares provocados por animais selvagens em conjunção carnal. Mascavam as piteiras presas aos beijos ressequidos pelas intempéries sofridas, como se fossem nacos de fumo de rolo. Vez por outra, encostavam-nas no canto da boca e soltavam uma cusparada, grossa e repelente, mui semelhante em odor à urina da jaratataca.

Da gasosa, o fresco marcante de Orapronóbis, que havia sido engarrafado na véspera, nada sobrou. Obrigaram Cristovam Rubinger, moço de seus quatorze anos de idade, a retirar água da cisterna por meio da bomba “japi” ali instalada, e dá-la aos cavalos. Foi cansativo seu trabalho, uma vez que teve de ir centenas de vezes à cisterna, pois não carregava mais que dezoito litros de cada vez. Isso tudo, sob pressão. Trêmulo de medo, cumpriu essa tarefa, tendo permanecido sob pânico por muitos dias. Não podia ouvir o estrondo sequer de um foguete, para começar a sentir frio, tremer e se alarmar de vez.

Carijó, embora sufocado pela angústia de ver seu estabelecimento saqueado, agradecia à Deus. Em sua residência, anexa aos fundos do seu comércio, onde se encontravam sua esposa e filhos, sendo eu o mais velho, contando nove anos de idade, não entraram.

* * *

Pela madrugada do dia 14, os prisioneiros em sua maioria foram libertados, com exceção do tenente Walter Roriz, por ser militar, de Chico de Sá Bárbara, por ser o chefe do Departamento de Posturas da cidade, e pretender enganá-los em muitas vezes com endereços falsos, de Leonílio Santana, o Pingo motorista, e de José Adjucto, que foram designados para conduzir o corpo do revoltoso morto. Antes disso, andaram passeando com o corpo do Quatorze pelas principais ruas da cidade, gritando e prometendo vingança. Isso tudo para intimidar a população e forçar a subscrição dos duzentos contos de réis exigidos.

Na saída do cortejo revolucionário, no largo d’Abadia, foi libertado o tenente Walter, por intervenção da senhorita Chiquita, acompanhada de dona Zélia Botelho, esposa do farmacêutico Anísio Botelho, que havia fornecido muitos medicamentos ao corpo médico dos invasores. Seu pedido

fora atendido, uma vez que era filha do Dr. Sérgio Ulhôa. Os demais foram soltos no povoado de São Sebastião, onde enterraram o corpo do “14”. Pela madrugada, como se o sonho mau não fosse acabar nunca, o povo, amedrontado, dentro de suas casas, ouviu o tropel de mais cavalos, acompanhado da marcha de mais rebeldes, pisando forte no calçamento das ruas – era a retaguarda do contingente, composta aproximadamente de oitenta homens que cobriram a invasão da cidade. Essa tropa, considerada mais potente, estava presente estrategicamente em todas as evoluções da Coluna.

Passaram, deixando incólume a cidade que tremia de medo de sofrer outras arbitrariedades, uma vez que os boatos davam esse contingente como sangüinário, composto em sua maioria de criminosos que foram soltos das cadeias onde cumpriam penas, muitas delas, radicais.

Estava ele, pois, aquartelado em barracas pelos lados da Boa Vista, quando o senhor Antônio Cordeiro, de nacionalidade portuguesa, o havia divisado. Pensando tratar-se da comitiva do senhor Juca Borges, boiadeiro de Uberaba, do qual havia recebido um telegrama anunciando sua estada na cidade para comprar sua boiada, para lá se dirigiu, recomendando no seu sotaque d’além-mar ao seu capataz:

— Ande lá, sô Minino, esporeia essa cavalgadura pra andare mais à gulope; não a poupe. Taca a roseta nas ilhargas dela, pra valer, pois! sinão meu amigo Juca ficará a falare ao vento e vem oferecer purcaria pru meu ribanho.

Qual não foi entretanto sua surpresa, ao dar de cara com, ninguém menos, que a própria retaguarda do contingente comandado por Siqueira Campos. Preso, foi despojado de um belo relógio com grande corrente de ouro puro 24 quilates, que segurava à casa do colete que vestia. Em troca de sua montaria bem equipada foi-lhe dada uma égua esquelética, encilhada com uma “cotiana chilena”, de cabeça quebrada, ordenando-se-lhe que voltasse à sua fazenda. Do capataz nada tirou, uma vez que não estava lá muito bem montado nada. Era comuníssimo andar o patrão na frente, em um animal alto, possante e gordo para valer, enquanto o peão andava atrás, montado, muita vez, em uma mulinha de mão meio torta. Vez por outra, entretanto, o animal do patrão frouxava, durante a viagem, enquanto a mulinha saracoteava, numa marcha igual durante toda a jornada. Acontecia que o animal do patrão andava sempre poltrão, uma vez que ficava no pasto de reserva, sem trabalhar por muitos meses do ano, aguardando-o.

Quando o bicho começava a bater as orelhas, não obedecendo mais às esporas, era sinal de cansaço. Daí, o patrão usava trocar de animal. O peão, coitado, padecia para trazê-lo até o fim da jornada.

Antônio Cordeiro, fazendeiro polpudo, vinha de sua fazenda Brejinho, lá pelos lados de Capim Branco, um grande latifúndio herdado do Dr. Cristiano de Melo Franco, lídimo representante do judiciário na região, de quem fora genro casando-se com Pulcheria de Melo Franco, dona Sinhá, sua filha. Foi ele, pois, o protagonista de tamanha façanha, indo como um herói de encontro à Coluna de revoltosos, quando todos estavam dela fugindo. Na cidade era corrente contar-se esta estória, atribuindo-a jocosamente ao fato de ser ele de nacionalidade portuguesa. Isso não o contrariava, pois tudo tinha sido relatado por ele mesmo.

Deixando a cidade, Siqueira tomou o rumo de Capim Branco, passando pelas fazendas campineiras, região de fácil navegação, até Águas Emendadas, onde pulou novamente para o Planalto Central, caminhando apressadamente para cruzar a fronteira do Paraguai, o que só foi possível por volta do dia 24 de março.

Foram trinta e nove dias de escaramuças, retiradas e correrias, após a invasão do Triângulo Mineiro. Os batalhões de jagunços, a polícia militar de vários estados, o exército, jamais conseguiam alcançá-lo. Siqueira surgia e desaparecia como um raio. Foram quase dois meses de caça à raposa.

Já a 30 de abril, escrevia ele ao seu general hierárquico Prestes, respeitosa e sobretudo como seu admirador incondicional: “Buenos Aires, 30 de abril de 1927. Prestes, às ordens, meu caro general!... São tantas as coisas a dizer que não sei por onde começar.” Uma carta em que parecia estar bem consigo mesmo, uma vez que expunha todo seu bom humor, pelas ridículas situações impostas aos seus adversários. Suas estratégias, se não fossem por razões sérias, seriam peças no mínimo bufas, caídas de propósito a comediantes saltimbancos.

Na carta ele revelava ter trocado o nome da estação de estrada de ferro Pires do Rio para “Estação Prestes”, de onde telegrafou para o major Fávila, comunicando-lhe ter se apossado do trem P-2, pelo qual pretendia seguir para a Bolívia. Pedia ainda para transmitir ao senhor Washington Luís, presidente da República, votos de feliz administração à sua senzala. Relatava-lhe ainda ter ido a Paracatu, tendo imediatamente, no dia 14 de junho, perseguido a rota para o Paraguai. Dava-lhe ainda conta da morte do Catorze por jagunço naquela localidade, e que estava comandando nessa

oportunidade oitenta homens. (cfr. relato de Lourenço Moreira Lima, em 30.4.1945. Editora Brasiliense).

* * *

Essa página virada na história veio mais acentuar a propagação das mil e uma já existentes novenas rezadas em toda a região. Por toda parte, ao cair da noite, só se ouvia o zoadado das ladainhas, ora cantadas dolentemente, ora provisionadas por idosas pessoas, que sussurravam terços intermináveis, trazendo um aspecto místico aos salões, iluminados lugubrememente à luz de velas de sebo, cujas chamas dançavam ao sopro de inúmeras vozes, recitando interminavelmente:

— Kyre Eleison!... Christe Eleison! Ky... re...e Eleison! Chris...te Elei...son! – intercalados sempre, após um pedido angustioso de frases em coro: “ora pro nobis”.

Ouvia-se essa frase por toda parte, em todos os rincões do município, incansavelmente, como se estivessem todos possuídos por uma entidade invisível, capaz de receber fluxos do mal, prontos a serem emanados.

Ao problema da invasão dos revoltosos juntou-se a difícil absorção do lamentável episódio havido na Igreja da Matriz, bem no dia 8 de agosto do ano de 1926, ainda muito vivo na memória de todos cidadãos.

Em razão da irmandade do Santíssimo Sacramento não concordar em recolher às burras do padre Antônio Pereira Dias a receita das ofertas, leilões e folias, escreveu ele à senhora dona Maria Campos Lepesquer, que respondia por essa parte, uma tremenda carta onde acusava-a e ao seu filho Romero, o Zico, como era conhecido, de querer usufruir das benesses da Igreja. Usava de termos torpes, com uma linguagem muito aquém das ouvidas em ambientes de extrema mediocridade, como sói acontecer nos lupanares os mais pérfidos.

Acontece que dona Maria cautelosamente leu-a, sem nada comentar com seus familiares, e, sorrateiramente, guardou-a em um bolso de casaco em seu guarda-roupa. A prudência, por vezes, tranforma o que se achava ser infenso em lâmina de dois gumes, modificando-a para perigoso bumerangue.

Pois não fora isso justamente o que aconteceu? Zico, chegando de sua fazenda, sem saber do ocorrido, após ter tomado banho, entra no quarto para trocar de muda, vestindo justamente o casaco em cujo bolso encontrava-se a tal missiva. Devagar, leu-a, e a releu, algumas vezes.

Também nada comentou. Armou-se de um revólver e foi assistir à missa de domingo na Matriz. Ajoelhou-se na porta lateral, junto ao átrio do altar-mor. A missa já havia começado. O padre ao voltar-se, custódia nas mãos para mostrá-la aos fiéis, divisou ajoelhado o Zico. Imediatamente, não respeitando o símbolo máximo do catolicismo que tinha em mãos, proferiu palavras ofensivas ao moço, que, já emocionalmente desequilibrado, não teve dúvidas, sacou de sua arma e detonou-a em sua direção. É possível que a emoção o tenha ajudado, pois o projétil acertou a um palmo abaixo da cintura do padre, tendo alojado-se dentro da mesa do altar que o protegeu. Nessa época, os padres diziam suas missas virados para o altar-mor, à frente da mesa de comunhão. Ao ver a arma nas mãos trêmulas do rapaz, o padre escorregou, escondendo-se atrás do altar. Foi o que salvou a vida do padre Antônio.

Populares conseguiram desarmar o Zico, e o padre, ninguém soube por onde escapuliu. Os fiéis, que jamais tinham visto uma barbaridade dessa natureza, deixaram a igreja debaixo de convulsivos soluços. As mulheres, de xales pretos cobrindo as cabeças, fizeram filas, correndo de medo pelas ruas, chorando copiosamente. As septuagenárias, professora Júlia Alves e sua irmã, dona Augusta, residentes no único sobrado da rua do Ávila, dado o súbito acontecimento, tiveram que ser socorridas pelos médicos, pelo abalo que sofreram.

Houve um convulsivo mal-estar em toda a comunidade, parando o comércio, que embora sendo um domingo permanecia aberto, regimentado por lei municipal que o colocava em estado facultativo. Estava sendo discutida na Câmara Municipal a lei sobre a implantação da semana inglesa, que proibia ao comércio abrir suas portas nos dias de domingo. Havia uma polêmica danada por discordar dela a maioria dos negociantes da praça.

Um abalo sem precedentes tomou conta da cidade. Era inadmissível um estado de violência dessa natureza para uma época em que a humanidade caminha a passos largos, adentrando o século XX, cheio de promessas de paz e prosperidade duradouras.

Às forças políticas representativas da cidade juntaram-se emergentes e situacionistas. Como se uma só voz fossem, comandados pelo político mais operoso e audacioso da cidade, Dr. Sérgio Ulhôa, a quem o padre Antônio chamava de “Dr. Ciganhinho”, puseram os cidadãos à procura do pároco português. Por um acaso que só pode acontecer em décimos de nonagésimos momentos da vida, cercaram o padre fujão bem em frente ao

Chafariz da Traiana e, ali mesmo, despejaram todo o sentimento de repulsa que estava engasgado na garganta do povo. Dr. Sérgio ficou rouco de tanto discursar e falar. Aproveitara o ensejo para desencadear toda uma mágoa represada, que havia muito tempo vinha engasgada, procurando apenas a ocasião propícia para colocá-la para fora. Designava o padre não com o respeito que lhe podia dar por ser um sacerdote de Cristo, mas na melhor hipótese o tratava como “morcego de igreja”, “sacerdote do diabo”, importado de Algarve, província portuguesa, onde sua mãe deveria tê-lo afogado no rio Guadiana para que não pulasse para a Espanha e, daí pra cá, trazendo dentro de sua capanga um misto de Belzebu e Satanás, para afligir um povo que o acolheu e que ele odiava.

Era, de certo modo, também o momento propício de formular uma represália à maneira como o padre desrespeitava qualquer ambiente, por mais solene que fosse, em todas as oportunidades possíveis.

A operação de desagravo à família Lepesquer, envolvendo todo o povo, foi concluída. Solenemente, obrigaram o frade a montar em uma égua que saiu trotando rumo ao alto do córrego, açoitada pelo foguetório em sua cauda, com o populacho aguçando-a, aos gritos, até o bicho passar a ponte do córrego Pobre, rumo ao desconhecido.

* * *

Até a inauguração do Cine Roriz teve de ser adiada, em face desses rumorosos acontecimentos. Toda a população estava de olho nesse evento que colocaria Paracatu no rol das cidades que acompanhavam o progresso em todos os sentidos. Embora mudo, o cinematógrafo era considerado uma das maravilhas da época. Houve muxoxos por parte de uma série de pessoas que, vindas de várias partes do município e de cidades circunvizinhas, ficaram frustradas com o adiamento da inauguração da casa de espetáculos.

Até 1927 o cinema era mudo, mas não obrigatoriamente silencioso – havia sempre um piano ao lado da tela e, eventualmente, uma orquestra. Para alguns filmes mudos, compositores como Saint-Saëns, Ildebrando Pizzetti e Erik Satie escreveram partituras especiais que acompanhavam o desenrolar das cenas com tamanha perfeição, que foram abolidas as orquestras. O filme, já acompanhado destas, e que mais tempo permaneceu no topo das casas cinematográficas, foi “Na Primavera da Vida”. Rodolfo Valentino e Pola Negri eram nomes que não faltavam em nenhum *soiré* que se intitulasse de classe. Desde 1921, “Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse”,

filme rodado nos Estados Unidos, estrelado por Valentino, fez época, só chegando na cidade em 1926 pela mão de Demóstenes Roriz Filho.

Era tamanho o choque que o cinema provocara na sociedade, que, em toda parte, onde houvesse mais de duas pessoas, era indubitável o comentário acerca de filmes pretéritos. As partituras passaram a ser ouvidas nos gramofones e vitrolas, sendo que muitas delas tornaram-se tão populares, que eram solfejadas a todo instante. Isso acontecendo, as pessoas incorporavam-nas às cenas das fitas, dando prioridade às que subentendiam passagens amorosas. Uma, intitulada “Ramona”, era considerada fabricante de azares para quem a solfejasse. Essa alusão talvez fora fruto do falecimento prematuro do ator mais badalado da época, Rodolfo Valentino. Era o ídolo da moças e porque não dizer também da rapaziada, que procurava imitá-lo até no penteado do cabelo, impregnado de brilhantina Royal. Tal música era associada às cenas em que ele, na plenitude do galã que era, mostrava ser um personagem de saúde exuberante. Atribuía-se o seu inesperado óbito a forças transcendentais movidas pela nefasta canção. Por esse motivo, dizia-se que a “Ramona” trazia azar para quem a solfejasse, como trouxe ao pranteado ator.

* * *

Adiado ficou, pois, o sonho de Demostinho Roriz, que só veio a ser realizado dias após. Numa quinta-feira, ainda na ressaca de um domingo tumultuoso, como fora o próximo passado, a tão desejada sala moderna para apresentação de espetáculos abriu suas portas. Esse evento serviu de lenitivo para os males pelos quais havia passado a cidade. A casa transbordou de espectadores, mesmo porque a primeira sessão foi inteiramente gratuita. O edifício foi construído obedecendo às normas de segurança exigidas pelas leis municipais, uma vez que o cinema em funcionamento na cidade tinha sido palco de um tremendo problema, provocado por um início de incêndio. Até que, no edifício do Philodramático, ali do largo do Rosário, havia três portas que facilitavam a evacuação dos espectadores em caso de uma emergência. O problema é que eram mal postas, sendo que as laterais, serviam para os camarotes e a torrinha ao mesmo tempo. A central ficava apenas com a platéia. Esta sim era privilegiada.

No momento da situação de pânico, houve um começo de tumulto, uma vez que todos queriam sair primeiro por portas estreitíssimas. Esse problema não foi previsto pelos construtores do teatro, cujo objetivo era

exacerbar a cultura pelas peças ali representadas. Para a sua adaptação à casa cinematográfica, onde se empregava muito a eletricidade, não fora ele adequado. Desde o seu início, pela mão do senhor Augusto Porto, passando por Gustavo Laboissière, até os Santiago, o velho “Pathé” continuava o mesmo “Philodramático”, com os mesmos dizeres gravados na boca do palco, desenhado em *crayon* – “Construído pelo Poder de Quatro Vontades”. Mostrava-se ao resto do estado a pujança da cultura que reinava na “Atenas Mineira” desde 1890, quando foi edificado.

Daí o Cine Roriz ter sido construído com largas portas laterais, voltadas para a rua da Praça e outras tantas para o pátio interno. Estas permaneciam abertas por todo o tempo das sessões. Com isso aumentava o conforto, pela ventilação e segurança. Coisa que chamava atenção era o salão dividido por uma balaustrada que servia de separação entre primeira e segunda classes, sendo que nela havia bancos compridos, iguais aos das igrejas. As entradas para tais assentos eram mais baratas.

Para dar vazão as águas pluviais do pátio, tinha o edifício uma pequena galeria, que se abria para a rua da Praça. Pois não é que muitos dos garotos daquela época se aventuravam em passar por ela e entrar no salão pelas portas que ficavam abertas para o pátio?! Um desses, o Chicão, filho do senhor Antíssimo Lisboa, em uma das vezes enganchou na galeria, dando trabalho para safar-se do incomodo de lá ficar preso. Chicão, chamado assim na intimidade, mais tarde veio a ser o Dr. Francisco Lisboa, diplomado na capital mineira, um competente e aplicado médico que, na cidade de seu berço, passou como um fulgurante meteoro, tendo desaparecido por torpe crime que ceifou sua vida em plena maturidade criativa, e que, a nós outros, nos pareceu ter tido característico passional. Fosse hoje, seria classificado de hediondo.

Com toda a precaução contra incêndios, Demostinho, o proprietário, ainda tinha em mãos, na cabina de rodar as fitas, um grande cobertor. Servia dele para apagar qualquer chama provocada pela queima da celulose das fitas pelo arco voltaico que originava o foco de luz da projeção. Isso era bastante comum, nos momentos em que a fita arrebetava.

Imagine você, leitor, o sacrifício que era assistir a uma fita, de enredo longo, partida sua seqüência a todo momento. Quando acontecia isso, era um bater de pés ensurdecador no assoalho, por todos os espectadores, em sinal de desaprovação às fitas rebentadas. Era um barulho ensurdecador essa manifestação de protesto. Demostinho ria a essas provocações e

ordenava aos músicos da orquestra, que estava alojada na frente da platéia, ribombar mais alto seus instrumentos, no intuito de minimizar a balbúrdia das interrupções. Era um gozador nato, não se importando muito com as manifestações. Para ele era tudo muito natural.

* * *

O problema desencadeado pelo atentado à vida do padre produziu uma infinidade de mal entendidos por parte do conceito social que a cidade gozava no contexto do Estado. Orapronóbis ficou sendo vista, por quem não estava a par dos fatos, como uma cidade de cangaço, trazendo com isso sérios problemas econômicos para o povo, uma vez que os “cometas” e, principalmente os boiadeiros, ficavam receosos de vir até a cidade.

Daí em diante, a comunidade ficou sem comando eclesiástico, negando-se a diocese a provisionar a paróquia, de cujo seio fora expulso seu tutor. Mesmo quando desejava fazê-lo, nenhum prelado queria vir, quanto mais para Paracatu. Vez por outra, aparecia, qual ave de arribação, um sacerdote da estirpe de um padre Amaro Falcão, que só se paramentava quando oficiava uma cerimônia sacramental. Tomou residência ali na rua da Praça, próximo à casa dos Melo Franco, onde vivia à paisana, e à paisana descia a rua, em mangas de camisa, com dois “trinta e oito” à mostra nos coldres da guaiaca larga e de fivela prateada, emoldurando sua cintura. Só se desarmava quando penetrava na igreja. Não permaneceu muito tempo na direção da paróquia, motivado muito mais pelo isolamento que sofreu. O povo, já tão apanhado de curas extravagantes que nas últimas décadas apareceram na cidade, não procurou mais interagir com ele. Seu trajar exótico espantava por demais...

A figura do Padre Amaro, livro de Eça de Queiroz, personagem meio atirada para a época, emprestava-lhe um quê de lascívia, uma vez que carregava o peso de ter o mesmo nome dele.

— Seria de bom alvitre que as senhoras se retraíssem, indo menos ao confessionário – diziam veladamente os freqüentadores do Toco do Pecado, local onde se discutia a vida social da comuna.

As fofocas eram terríveis. Transmitidas boca a boca, envolviam toda a cidade, e costumavam transformar uma mentira em verdade.

Padre Joca, suspenso de ordens, recolheu-se aos seus afazeres particulares, indo, vez por outra, a Uberaba, em visita aos familiares que ali

residiam. Numa dessas suas escaramuças ao Triângulo Mineiro, levou o maior golpe que um ser possa passar, que foi o falecimento duplo de Lázaro e sua mulher ao mesmo tempo, com pequena diferença de horas de um para o outro. Conta-se que, ao sair do féretro da esposa, ele teve morte súbita, por não resistir ao impacto da dor do desenlace.

* * *

Já não bastavam as rezas sendo feitas em todos os lares, na procura de suprir a falta de um pároco de ofício, que há muito não havia na cidade. Ainda estavam na memória de todos os graves acontecimentos por que passara a cidade, sob a jurisdição eclesiástica do padre Antônio Dias.

A igreja do Rosário era a única que se esforçava para manter acesa a chama do catolicismo na comunidade. Rara era a noite em que não havia dedilhação de rosários, com novenas dedicadas aos santos da estação eclesiástica. As irmandades estavam inconformadas. Houve manifestos e pedidos até do Dr. Afrânio de Melo Franco ao bispo D. Pimenta, para que fosse de novo nomeado vigário o padre Joca. Houve na verdade muita intriga política e principalmente informações prestadas por sacerdotes outros que não admitiam a maneira liberal de agir do pároco, rico em cultura pura, que deixava de lado uma filosofia hipócrita que estava muito aquém da realidade do ser humano.

Os tiradores de ladainhas eram os velhos fundadores das irmandades, principalmente as de São Benedito e de Nossa Senhora do Amparo.

Agora era o professor Josino o maior crítico dessa situação incômoda que se espalhou por toda parte, cognominando a cidade de Orapronóbis, em vez de Paracatu. Batia-se ele contra tal pejorativismo, por achá-lo deprimente. Não se conformava de vê-la, de uma hora para outra, cognominada por um apelido que jamais refletia sua pujança de terra nobre e culta. Era um estado de coisas que incomodava e que deveria ser revertido urgentemente. Não podia aceitar que a cidade fosse assim apelidada. Ele bem o sabia do porquê de tal alcunha. Orapronóbis até que não soava mal. Entretanto, não era justo que a tradicional Paracatu, um pólo radiante da cultura mineira, perdesse sua identidade. Não era concebível que uma comuna de sua estirpe pudesse vir a ser tratada de uma maneira tão chula como aquela. “Ora pro nobis” soa bem nos finais de um pedido feito nas evocações a uma entidade que se pensa ser divina. Tratava-se de uma locução usada como uma depreciada alcunha por pessoas de outras comunas

próximas, que assim designavam a cidade, com ares de mofa, mais por despeito do que mesmo com o fim de satirizá-la. Era por demais conhecida a rivalidade que existia entre as comunas de Patos de Minas e de Paracatu. Patos primava por se estabelecer como uma cidade moderna, com ruas traçadas e avenidas largas, cheias de edifícios modernos. Sua sociedade era mais barulhenta, no sentido de seu progresso crescente, assustando as modorrentas cidades coloniais vizinhas, que teimavam em embalar seus munícipes concidadãos no passo da tradição colonial, ao ritmo do “dormindo eternamente em berço esplêndido”, como o Hino Nacional evoca.

Paracatu, entretanto, causava inveja às demais circunvizinhas, pelo seu porte cultural e aristocrático de lidar com a política nacional e com o homem como um ser social. De modo que as coisas equilibravam-se regionalmente – umas suprimindo as deficiências das outras.

Era por demais melancólico a ida de dezenas de pessoas à margem direita do rio Paracatu, para receber as bênçãos dos párocos de Patos de Minas, uma vez que estavam proibidos de trabalhar fora de sua jurisdição eclesiástica.

O paracatuense sentia-se inibido, contrafeito e sobretudo vexado, por necessitar transpor os limites de seu município para receber as bênçãos divinas de que carecia, pelas mãos de seu vigário de ofício. Não entendia por que Deus havia traçado uma linha limítrofe para conceder suas bênçãos. Sendo Ele o Pai Todo-Poderoso e, sobretudo, Clemente e Bondoso para toda a humanidade, sem distinção de cor e pátria, deveria tratar todas as comunidades como filhas iguais. Ainda mais sendo de natureza divina a qualidade de enaltecer os bons e, principalmente, perdoar os maus. São proposições que o homem comum, como eu, não sabe explicar.

Uma coisa, entretanto, é certa – as restrições acumulam-se na ordem direta das repressões e na indireta das omissões. Daí ser um caldo de cultura, dos melhores, para o proliferamento de novas seitas e religiões.

O paracatuense é sobretudo cauteloso e não aceita rapidamente as coisas, senão depois de muito examiná-las. Eis a razão de nascer a incredulidade pelas coisas que não sabe explicar, como a trilogia de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

A não-realização das festas religiosas peculiares aos Santos, nas datas marcadas, trazia uma acentuada nostalgia, que vinha minando o progresso da cidade. A saudade delas batia no homem do campo, que andava em

uma torpeza de fazer dó. Não mais transparecia nele aquele entusiasmo peculiar que o movia na preparação dos festejos religiosos. Estes, quando normais, traziam um alvoroço bom, acompanhado da necessidade de fazer um vestido novo, de calçar uma botina nova, de mover céus e terra no sentido de bem aparecerem nas procissões, nas missas e nos saraus, nos batuques e nas catiras que vinham em conseqüência.

Das promessas, ninguém falava mais. Quando a coisa endurecia para o lado de uma esposa ou de uma filha ou filho, e até mesmo de uma criação, o camponês ia pagar a sua promessa na Lapa do Bom Jesus, na Bahia, no Moquém, em São José do Tocantins, em Água Suja, no Triângulo Mineiro, ou mesmo na Tapera, hoje Santa Maria, que, por ser localizada em terras de litígio, as desobrigas podiam ser feitas com padres de outras paróquias. Sendo a mais perto da cidade, apenas 78 quilômetros de distância, era a mais concorrida, vindo gente de vários lugares limítrofes, como Capim Branco, hoje Unaí, São João do Pindaçu, Água Fria, Aldeia de Cima, Campinas, Baú, Pilões, Rio Verde de Catalão e até do município de Formosa e Serra dos Cristais, em Goiás. Desta, em maior número, vinham romeiros-retireiros das fazendas Espanta Porco, hoje Casa Branca, do Solitário, das Perdizes, e até do Arrojado. O largo da Igreja da Tapera possuía um regato forte que corria pelo meio, abastecendo de água os romeiros, que se agasalhavam sob barracas e ranchos cobertos de folhas de coqueiro. As casas rústicas dos colonos ali residentes hospedavam famílias amigas e parentes. Atrás da igreja, havia um cemitério cercado e bem cuidado. O padre e sua comitiva hospedavam-se na casa-sede da fazenda, do outro lado do córrego da Tapera, a mais ou menos um quilômetro.

* * *

A cidade de Paracatu já não recebia o volume costumeiro dos homens do campo, como lavradores e pequenos pecuaristas, que movimentavam o comércio e davam vida à cidade. Nas épocas normais dos festejos religiosos, a cidade apinhava de gente. O cantar dos carros de boi e os chocalhos dos guizos das madrinhas de tropa eram sons que encantavam os comerciantes e proprietários de hospedarias. Todas as vezes em que chegava mais um, as venezianas das casas coloniais abriam-se em meia-lua, a fim de as mulheres, senhoras ou moçoilas, fazerem o diagnóstico dos romeiros que chegavam.

Muitos tinham casas já reservadas na cidade. A maioria, entretanto, procurava acomodação nos largos desabitados.

O mercado municipal, situado no prolongamento da rua Direita, na esquina anversa ao edifício secular onde funcionou por devindos anos a Câmara Municipal e a cadeia, servia de pouso às comitivas interioranas. Ali havia uma série de cômodos que eram destinados, em épocas normais da vida da cidade, a esporádicos empórios para comércio de produtos frutigranjeiros e agropastoris.

Muito antes das prédicas socialistas derramarem em todas as regiões do país a versão de ser o intermediário essa criatura gerada nos porões do capitalismo selvagem, germe roedor da economia do produtor rural e conseqüentemente do país, já Paracatu, através de leis bem editadas pelos edis de sua Câmara, sabiamente tinha ali no mercado municipal um marco insofismável de relevo socialista, representado pela eliminação do atravessador, dando oportunidade ao consumidor de tratar diretamente com o produtor.

Assim, os romeiros tinham lugares cativos para se acomodarem.

Os carros de boi, únicos veículos que serviam de meio de transporte pelas paragens rurais, eram alojados no grande pátio anexo ao mercado.

Alguns mais retardatários procuravam lugares propícios para assentar a tralha de viagem, passando a dormir debaixo da tolda de couro cru ou da mesa, instalando a cozinha à sombra de uma árvore mais copada. A preferida era a “barriguda”, espécie de paineira que sempre nessas ocasiões encontrava-se totalmente florida. Situava-se ela na extremidade oeste do largo d’Abadia. Havia ali também um ponto de água canalizada da fonte do Olho D’Água, elevada por um carneiro possante. Era sumamente estratégico esse ponto, pois ali havia um razoável comércio, com algumas casas transformadas em pensões nessas ocasiões.

Marcante era o empório de Augusto Albernaz, onde corria dia e noite uma pinga arretada, como ele mesmo dizia.

A propósito, conta-se que o estabelecimento sempre era palco de distúrbios, motivados pelo excesso de consumo de bebidas etílicas. Uma embriaguez aqui, outra ali, ia o dia e a noite correndo, sem muitos atropelos que não fossem contornados pela habilidade, um tanto incivil e um tanto ingênua. Todas, porém, movidas pela Deusa da Moeda, responsável pelo seu súdito denominado “dinheiro”, de quem era Sô Augusto um devoto incontestável.

Um desses distúrbios calou profundamente na alma pacata da sociedade paracatuense, mexendo convulsivamente com a estrutura política

da cidade. Considerado o maior entre os havidos ali, foi o que mais abalou a cidade – o espancamento, por policiais do destacamento local, do barbeiro Baratinha, um moço entrosado na sociedade, de costumes bons, incapaz de fazer mal a quem quer que fosse. Era um baiano de nascimento que havia aportado com uma leva de imigrantes que foram convocados para construir casas residenciais à base de tijolos, uma vez que os pedreiros paracatuenses estavam acostumados a lidar tão-somente com adobe. Já havia quatro edifícios construídos com alvenaria de tijolos na cidade, entretanto haviam sido feitos por mestres de arribada, que por ali passaram sem deixar rastros profissionais. O primeiro edifício, ao que nos parece, foi a casa do senhor Antônio Caetano, na final da rua Quintino Vargas, que ainda, a esse tempo, não existia. A segunda construção seria o armazém da firma Quintino Vargas e Cia., na rua de Goiás. O terceiro foi o Cine Roriz, na confluência da rua da Praça com a rua das Flores – para isso, Demostinho teve de contratar um pedreiro de nacionalidade italiana, que foi o primeiro professor de futuros oficiais paracatuenses. A última teria sido o edifício da Santa Casa de Misericórdia, construída na rua Rio Grande do Sul.

No correr destes apontamentos, a primeira que foi edificada por componentes desses imigrantes foi a residência do fazendeiro Rodolfo Adjucto, o Dolfinho, no largo do chafariz da Traiana, posteriormente vendida a Raul Botelho.

Eram eles na verdade mestres na contextura das fachadas que construíam. Trabalhavam com arte, empregando ferramentas que os pedreiros locais nunca tinham imaginado existir. Eram estas muito simples, mas oportunas ao manejo de mãos hábeis. Havia colheres de todos os tamanhos, espátulas pequenas, chatas, curvas, côncavas e muitas formas de desenhos para cimalthas. Podiam ser chamados de artistas, sem desdoro nenhum.

Pois bem, Baratinha, um senhor cabeleireiro, fazia parte, vindo como *ataché* nessa turma de imigrantes baianos que chegou em Paracatu movida pelo forte rumor de uma nova maneira de viver nesse sertão, impulsionado pela política progressista que desabrochava nas mãos de Quintino Vargas, amigo íntimo do presidente Olegário Maciel, que não admitia ser chamado de governador, pois, como ele dizia:

— Sou presidente do Estado de Minas, o único eleito, e não nomeado, pelo então chefe do Governo Provisório, Dr. Getúlio Dorneles Vargas. Daí ser eu presidente e não governador.

Desse agrupamento, ficaram hospedados Vicente Ferreira, Domingos e “Baratinha”, cujo nome próprio era desconhecido, na casa de dona Georgeta, genitora de Manoel Laboissière, o Manoel Sossego, à rua Direita, lá embaixo, próximo ao largo do Santana.

Nessa conjuntura dos festejos religiosos, era costume aportarem na cidade circos, parques e touradas, entre as demais formas de lazer, como corpos de artistas encenadores de peças teatrais, que semeavam cultura brasileira por todo o país. Assim, faziam com que dramaturgos da estirpe de Juraci Camargo, que moviam as noites de arte das cidades grandes, fossem também conhecidos nas caatingas e nos cerrados, nos altiplanos e nos vales de todo o país. Não eram um Procópio Ferreira, nem nenhuma Adalgisa, mas ficavam muito perto.

Em uma dessas atrações, aportou no largo da Abadia um pequeno circo de touradas, despertando muita curiosidade na população, pois era um forma de lazer que mexia muito com o homem do sertão, arraigado que era à lida do campo. Em todas as fazendas, sempre havia um peão que se destacava no manejo do gado, servindo de bravatas dos fazendeiros que gostavam de proclamar o seu como melhor do que o do vizinho.

Assim, uma tourada era uma boa forma de aprender novos truques de lidar com “bicho brabo”, como diziam. Daí, tão logo fora armado, o circo atraiu uma considerável platéia.

O ponto mais freqüentado nas imediações não podia ser outro senão a venda de Augusto Albernaz. Era ali que se abasteciam da boa pinga e da cerveja os aficionados do evento.

Aconteceu que o Baratinha, não entendendo nada de touros, nem de vaquejada, pois era simplesmente um cabeleireiro, deixou-se ficar mais tempo na venda bebericando e por lá se embriagou. De momento, resolveu verificar o que era na verdade uma tourada. Saíra, pois, cambaleando e por azar esbarrou levemente em um praça do destacamento de soldados do quarto batalhão, sediado em Uberaba. Estes nunca gostaram de ser destacados para Paracatu, por ser uma cidade muito isolada – faziam de tudo para serem recolhidos à sede de seu batalhão novamente. Assim, se faziam de indisciplinados, comportando-se mui aquém de suas obrigações como guardas da integridade física dos cidadãos, procurando de toda maneira, por intermédio das autoridades locais, serem solicitados a recolher-se ao batalhão de origem. Enchiam a cara também da boa cachaça e atuavam sob sua ação, como elementos irresponsáveis, dando pouco valor

pela vida do próximo. Em razão desse pequeno incidente narrado há pouco, em que o barbeiro resvalou-se no soldado, este nem o interpelou. Foi logo descendo o sabre na cabeça do jovem Baratinha, derrubando-o. Outros colegas que estavam de ronda, pensando que o companheiro estava em perigo, quando ele próprio era o agressor, correram em seu socorro e auxiliaram-no com mais espancamento, com socos e pontapés. Desacordado, nem teve como ser preso. Foi recolhido por populares que improvisaram uma maca com o estrado de uma cama e o levaram para onde estava hospedado, na casa do Manoel Sossego. Já ali, chegou em estado de coma profundo e irreversível. Assim permaneceu durante nove dias. Os médicos tentaram com os poucos recursos que tinham em mãos reverter o quadro comatoso, com unhas e dentes, permanecendo sempre um revezando com os colegas.

Veza por outra, durante o dia, retiravam as ataduras envoltas na cabeça, para colocar sanguessugas nos hematomas, com o fim de absorverem o sangue pisado. Isso era repetido por muitas vezes. Esses anelídeos aquáticos, após se fartarem, eram colocados em um recipiente com leite para excretar o sangue que haviam ingerido, começando de novo a rotina da intervenção capilar.

Ventosas de todos os modos também foram aplicadas, de nada valendo. Seus companheiros permaneceram em sua cabeceira, zelando de todo jeito, por nove dias e noites. No término destes, Baratinha entrou em óbito.

Poucos o conheciam. Era porém admirado pelos amigos como um jovem de fina educação, que jamais usara uma expressão ofensiva para quem quer que seja e muito menos uma arma. Como herança, deixou um punhado de saudades que serviram para irrigar o canteiro onde se plantou uma semente, que na certa irá florescer na lembrança de tantos quantos o conheceram. Passou pela cidade como um meteoro, cuja luz se apagou num oceano de estupidez.

Certo é que foi um bárbaro crime que abalou a cidade, em cuja cadeia não havia sequer um detento por crime de assassinato. Era o protótipo da cidade mineira que, originária da cata do ouro de aluvião, tornara-se pacata, vivendo dos louros da vida de opulência por que passara. Cuidadosa era agora da integridade de seus habitantes. Estes não tinham mais escravos! Eram, eles próprios, escravos de si mesmos! Escravos da saudade de uma era de esplendor e de riqueza, numa terra que primava por ter mantido uma

vida aristocrática, invejada até pela Corte. Seus sonhos cor-de-rosa estagiavam no verde-esperança de um futuro cheio de benesses. A figura de Caldeira Brant, um de seus fundadores, com sua corte, respingava do passado ao presente, como um ramalhete de saudade, a flor que perfuma a existência que, caminhando pelo passado, deixa uma trilha de bem-estar e de felicidades nobres.

* * *

Nezinho, logo que soube da chegada do circo de touradas, arreou seu pingo careta-estrela. Como era um domingo, beijou de relance tia Teca. Descalçar as esporas e já estava puxando fôlego forte, para chegar depressa ao largo d'Abadia, onde estava armada a arena de tourada – num piscar de olhos, estava chegando à cidade. Por sinal, a arena era um curral toscamente improvisado, que não oferecia a mínima segurança. Os toureiros, se assim podiam ser chamados, nada mais eram que cabras vestidos a rigor, de bombachas sulinas, usando chapéus e lenços vermelhos argolados aos pescoços. Pareciam mais fantasiados de caubóis texanos, de que mesmo de andaluzes. Em vez de tourada, seria melhor chamá-la de vaquejada, de *herd of cows*, ou melhor, de *bovine cattle*. Touro mesmo, não se via nenhum recolhido ao improvisado malhador ao lado do curral, a não ser o boi carreiro destinado a ser o inspetor, muito análogo ao que, nos dramas cinematográficos, prendia o infrator, conduzindo-o aos tribunais.

De longe, logo que entrara, Nezinho divisou seu tio Homero, refestelado numa arquibancada, colocada estrategicamente ao lado da cancela, por onde deveriam sair os animais bravos. Não pestanejou duas vezes. Rodando pela parte traseira, chegou, pé ante pé, às costas do tio, e deu-lhe forte abraço. Homero, assustando-se, pois não esperava por isso, quase derrubou o chapéu sombrero, que só não caiu por segurá-lo com o indicador e o polegar da mão esquerda. Reconhecendo o sobrinho, passou o braço direito no seu ombro e falou:

— Que é isso, filho! Deixei-o na fazenda ontem e ocê já tá aqui?!

— Vim voando, tio. Tão logo soube da chegada da companhia de touradas. Por assunto qui falou no rádio, eu baratinei de vontade de vir e por isso tô qui. Meu cavalo, senhor sabe, né?! Muntô, chegô!

Sô Homero ficou radiante com a presença de Nezinho, pois gostava de comentar com ele as peripécias dos toureiros lá de Barretos, quando ali pousavam nas épocas de empastar as boiadas, aguardando os marchantes.

Não é que, nem bem tinha começado o espetáculo, ouviu-se um berrante, que aflito soltava um gemido repetido e cheio de angústia, lá para os lados do Prado de corrida de cavalos. Uma boiada se aproximava. De repente, sua guia arrancou-se de uma vez e daí o estouro deu-se como um raio, envolvendo todo o rebanho de centenas de bois. De cá, ouvia-se a gritaria dos peões, correndo, montados em burros e cavalos, cercando a boiada e jogando-a de volta, e esta voltando num redemoinho sem parar. Vários tiros de armas de fogo eram feitos na ânsia de reverter o quadro medonho que se desenhava à frente da vanguarda da boiada, no intuito de espantá-la com o pipocar dos revólveres e garruchas dos peões. O berranteiro, colocado à margem da evolução, esforçava-se ao máximo para, com sua toada dolente e ininterrupta, acalmar a boiada que pouco a pouco começava a marchar em filas indianas, sendo desviada para o arraial D'Angola, no rumo da Serra da Contagem, após atravessar a ponte do matadouro.

Era uma boiada de 1.200 garrotes de dois anos e meio, cheia de vigor, pois tinha apenas um dia e meio de marcha, saindo da Lagoa Torta, retiro da fazenda Santa Maria, onde estava empastada.

Era fruto de levas compradas por Chico Pinheiro em várias cidades de Goiás, reunindo-as em Formosa, onde fazia pão. Seu banqueiro era o negociante Rachid, a quem entregava o capital disponível em moeda corrente e a quem enviava as ordens de pagamento das levas de gado compradas nas redondezas.

Tinha por fregueses pessoas importantes no contexto político de Goiás, como o deputado Gabriel Monteiro Guimarães e o prefeito municipal Deodato Louli, ambos da cidade de Planaltina. Em Santa Luzia estava a maioria dos fazendeiros, de quem fora adquirida uma grande quantidade de bovinos. Faziam parte deles os senhores Raimundo Bamba, Jales e Abílio Rodrigues.

A primeira marcha foi apenas de três léguas, tendo pousada no descampado, após a passagem do ribeirão do Bom Sucesso, bem em frente à casa da fazenda do mesmo nome.

Tratava-se, o pasto, de uma pequena elevação. Logo que se galgava a ladeira do ribeirão, do lado esquerdo, estava ali a casa-sede da fazenda, de onde se descortinava um gramado, limpo, sem arbustos, compondo um panorama de beleza sem limite. A vista perdia-se na imensidão do horizonte sem corcovas.

A uns quinhentos metros, mais ou menos, bem no centro do morrote, estava fincado um mourão, toro de dois metros de altura e de bom diâmetro. Diante dele desenrolou-se uma cena invulgar. Todos os bois que por ali passavam, à procura de um bom feixe de forração, quedavam-se e berravam um berro prolongado e triste como nunca se viu. Os demais vinham chegando!... Chegando!... De repente havia dezenas deles fazendo a mesma coisa, num impressionante coro de berros prolongados e tristes. Antes, chegavam bufando, rodeando o toro, cheirando o chão, desencandeando ondas sonoras tristes como num choro comprido, perdendo-se no horizonte.

O fazendeiro, Sô Clemente, explicou aos peões, pasmos com a cena presenciada, que ali era o local onde se sacrificavam os animais de corte. E ali, em derredor do mourão, os bois estavam sentindo o faro do sangue derramado pelos seus semelhantes, por ocasião do abate.

A terra empapada com a seiva da vida entregava-se, como se estivesse no cio, oferecendo como dádiva divina o odor de seus desejos, em troca do amor e carinho dos que nela pisassem. Os feixes de ondas provocadas pela passagem do ar pelas vias aéreas respiratórias dos bovinos, transformavam-se em berros sentidos enviados aos céus. A nós outros, pareciam ser intuídos, para mostrar ao universo até onde ia a maldade humana, justificada pelo poder que Deus outorgou ao homem, fazendo-o o Rei da Terra.

Inacreditável!... Inexplicável!... Será que... Não se sabe! Mas... se o leitor puder deduzir, achando a solução para essa equação, provavelmente prestará, ou estará prestando, um grande senão o maior serviço à humanidade, desvendando o segredo que envolve a razão de se viver, lutando pela conservação da espécie.

Por analogia, poderá estampar um futuro planeta que deverá renascer pela reversão do sangue derramado nas guerras de conquistas de mercado, de poderio, de vinganças étnicas e religiosas, e, no varejo, de mortes passionais, de roubos, seqüestros e outros crimes. Poderá revertê-los em amor, o único que subsistirá, quer se queira ou não. Esse fator que há muito não está sendo utilizado, será o único a sê-lo, para que a espécie humana seja perpetuada no contexto do universo.

Diante da pressão, quando a humanidade sentir-se ameaçada, quando sentir que o planeta nada mais tem a oferecer, não haverá mais razão de brigar. Para conquistar o quê? Haverá indubitavelmente a união, para se salvar quem puder e, conseqüentemente, conservar a espécie que Deus

criou numa tarde!...quem sabe?!, de bom humor e de euforia, acreditando na felicidade que reinaria no Planeta Azul... Seu bem-querer!...

* * *

Voltando à estória do estouro da boiada, o pior foi quando, como se tivesse recebido uma mensagem oculta, a vacada que estava presa no curral onde deveria haver a tourada, num gesto inopinado, forçou a cerca e rumou esbaforidamente de encontro à boiada desgovernada. Os gaúchos foram impotentes para segurar o arrojo desse pequeno rebanho.

Nezinho, como se recebesse um estímulo diferente, como uma flecha, apoderou-se de um cavalo que estava arreado, não sabendo de quem, e saiu em disparada com o intuito de segurar a frente da manada para que não se juntasse com a boiada estourada. Foi uma bênção essa sua iniciativa.

Dominada esta, deu-se por falta de uma vaca, uma das mais bravas, que havia sido selecionada para o espetáculo que se havia proposto realizar. Procurada aqui e ali, encontraram-na bufando, as narinas respirando fogo, como se fosse o touro do apocalipse, dentro de uma sala da casa de Sô Josino Banha, conceituado ferreiro, residente à avenida Olegário Maciel, bem na esquina.

Num instante, Nezinho chinchou-a e, arrastando-a, atrelou-a a um boi carreiro musculoso e potente que estava reservado pelos toureiros para casos emergenciais, a fim de conduzir animais bravos que, amuados, não se locomovem nem à custa de ferrões.

* * *

Josino Banha era um negro muito considerado na sociedade. Realizava muitos trabalhos razoavelmente bem, dentro dos recursos limitados de sua oficina, com muita dedicação e amor. Era o preferido fabricante de fuzis que serviam de instrumentos de tirar faíscas em pedras-de-fogo, para alimentar o algodão queimado nos cornichos, esculpido em cabacinhas ou pontas de chifre de boi. Estas serviam de bingas para atizar a brasa que daria chama para acender os fogões à lenha ou aos cigarros de palha dos fumantes. Fabricava-os, diferentemente de outros ferreiros, de aço puro, e eram os preferidos, com suas chapas de mais ou menos seis centímetros de comprimento por dois de largura, tendo mais ou menos de dois a três milímetros de grossura. Em uma das extremidades, um pequeno furo que servia para alinhá-los em um cordonete de dezenas deles para serem expostos

nas casas comerciais. Abastecia assim toda a comunidade. Os fazendeiros, os peões e a maioria dos habitantes da cidade os preferiam por serem mais duradouros e fortes para gerar faíscas longas de fogo, pelo atrito com tacos de pedras especiais, encontradas nas serras de quase todo o município. Por serem extremamente duras, as também chamadas de sílex pirômaco soltavam rajadas, quando riscadas abruptamente pelos fuzis, incendiando a pólvora das espingardas de encher pela boca, muito usadas nas fazendas para caça miúda.

Sô Josino era uma pessoa cuja presença só trazia alegria. Vivia rindo. Seus dois filhos rapazolas, Plácido, que mais tarde emigrou para São Paulo, onde estava taxista, e Francisco, o Chico Banha, que exercia, entre outros afazeres, a profissão de professor de datilografia. Este segundo era o protótipo do pai – moço comunicativo e alegre em todos os momentos. Herdou de Josino uma das coisas que mais dignificam a vida, que é ser feliz com o que se adquiriu pelo trabalho honesto. E mais feliz era, quando, podendo transmiti-la, o fazia com alegria.

Em todas as ocasiões em que alguém cumprimentava Sô Josino, indagando como ele estava passando, ele respondia: — Estou muito bem. Dinheiro tenho e não tenho! Tenho, porque trabalhei. E não tenho porque ainda não recebi – essa última frase era dita em tom de muita gargalhada e gestos eloqüentes de alegria espontânea. Sentia-se que ele era feliz com o que tinha, e transmitia felicidade a quem estivesse perto.

* * *

O espetáculo das touradas acabou produzindo um líder que se transformou no melhor artista da *troupe* – o menino Nezinho. As moçoilas que souberam do ocorrido logo manifestaram desejos de conhecê-lo. Por toda parte onde passava, era alvo para os cochichos da juventude, sem distinção de sexo. Daí a preocupação do tio Homero começou a aumentar. Muitos desses anjos, ele viu se acostumando aos elogios, tornando-se peças muito além de suas reais posições sociais. Isso sempre era fruto de sofrimento mais tarde. Cansou de ver, na trajetória de sua caminhada os vaivéns da existência. O marco nunca esquecido estava sempre presente, a mostrar os altos e baixos do viver, desde a primeira vez que, folheando a antologia da vida, deparou com palavras em que o poeta resume filosoficamente a verdade nua e crua da vida, de alguém que procura pautar-se com parcimônia e cautela ao pisar nas pedras do caminho. Diz ele, com toda sua verve de

pessimismo, envolto em palavras sonantes, “ser a mão que afaga a mesma que apedreja”, que o ser humano é o mais fácil de contaminar-se, sendo um receptor privilegiado, pela sua própria condição de ter sido moldado na argila inicial, amassada aqui e ali com o carinho do Mestre dos Mestres, o Arquiteto do Universo. Com esse carinho todo, essa amálgama, o homem, logo que recebeu o sopro divino, tornou-se supersensível aos embates dessa vida que lhe foi oferecida de presente. Só se caldeia quando se experimenta o sabor da taça doce, que se transforma em amarga ao mesmo tempo, pela mão do destino. Só assim estará ele pronto para ser útil à perpetuação da espécie que caminha a passos largos para a perfeição.

Essa digressão consigo mesmo o fez sair correndo a falar com tia Teca, no sentido de resolver de uma vez por todas a ida do sobrinho para o seminário.

Resolveu, antes, passar na casa do compadre Joca, para um bate-papo ligeiro e saber dele alguma novidade. Será que havia o compadre recebido alguma carta, dando conta de ter sido encontrada uma vaga no seminário? Tomara que sim! E onde? Que fosse ela na cidade de Uberaba! Isso poderia tranquilizar tia Teca, uma vez que, além de ser mais perto, havia lá muitas famílias conhecidas.

A casa do padre Joca não ficava longe. Com dois pulinhos a mais, virando a esquina, já estava ali à rua da Praça.

Revirando a cachola, no fundo, no fundo, sentia-se orgulhoso do menino que, corajoso e intrépido, enfrentava todo e qualquer problema que se lhe apresentasse. Dava uma demonstração de que é capaz de criar perante os obstáculos inusitados, dando-lhes soluções reais.

— Ora, ora!... está tudo nos conformes – foi logo dizendo o padre, muito antes mesmo de cumprimentá-lo. — Vamos domesticar o passarinho! Já tenho a vaga! Graça a Deus, é em Uberaba mesmo, como a comadre desejava que fosse.

Diante de uma boa notícia dessas, quando se viu, estava abraçando o compadre e, cheio de alegria, deixando um resmungo meio abafado de agradecimento. O padre ficou até meio besta com essa demonstração de afeto, que, de verdade verdadeira, mostrou ter para com o sobrinho de Homero, também seu afilhado.

Não querendo demorar a dar a notícia para tia Teca, quase que nem se despedia do compadre, saindo numa pressa daquelas, em direção à sua casa.

Inda bem não tinha pisado a soleira da porta, já encontrou tia Teca em prantos a mostrar-lhe um telegrama com a tarja da Quarta Região Militar, dando ciência que Nezinho havia sido sorteado a prestar serviço como recruta ao Exército Nacional.

— Sô Home! – conta Homero a um de seus amigos. — Na hora, quase caí de costas, diante da folha de papel tarjado que tanto medo havia provocado em tia Teca. — Será possível, meu Deus! Logo agora que trago uma notícia alvissareira para nós todos, me aparece um obstáculo desses?! Quanto mais rezo, mais assombração me aparece?! Não! Não é possível – torna a repetir.

Nem quis, por precaução, transmitir a notícia à sua mulher de que o compadre Joca havia conseguido uma vaga, justamente em Uberaba para o Nezinho. Como homem acostumado a essas intempéries, se refez do choque que teve diante da tal comunicação da Quarta Região Militar, e, cadenciosamente, após refestelado em sua poltrona predileta, passou a analisar o problema. No íntimo achava difícil dar a volta por cima, uma vez que tia Teca não era pessoa de ser envolvida por meras palavras. Mas, fazendo rodeio por palavras, lembrou que o parente de Pedrinho, da farmácia do Dr. Anísio Botelho, ali à rua das Flores, havia no período anterior sido chamado e colocado em disponibilidade, por excesso de contingente. Esse negócio de ser sorteado era comum em todas as cidades. Sabia-se que era um meio apenas para se cumprir um dispositivo da Constituição Nacional, e tão-somente para isso. Na realidade, os escolhidos seriam poucos. Em vista disso, pedia a tia Teca para se acomodar, que tudo iria dar certo. Era um bem bolado argumento. Na essência, porém, sabia da dificuldade de seu sobrinho safar-se dessa imposição constitucional e, sobretudo, de um dever a ser cumprido por ser brasileiro. Esse último argumento mexeu com o íntimo de tia Teca, que ficou toda orgulhosa – era uma patriota escondida na figura de uma dona de casa. Estava pronta a ser queimada no altar da Pátria, se porventura fosse fustigada para isso. Nunca a Minas faltou, da parte de suas mulheres, o apoio, quando lhe foi solicitado.

A mulher mineira, em virtude de suas condições de origem, como descendente dos bandeirantes, caldeada na terra tupiniquim, mesclada de sangue negro, foi peça fundamental na solidificação de uma civilização que frutificou na Pátria, produzindo muitos de seus homens ilustres. Sempre, e constantemente, demonstrou essa sua personalidade patriótica nas muitas ocasiões em que isso lhe foi pedido. Esse evento é perpetuado, não precisando muito chegar-se a Bárbara Eliodora. Basta que se lembre de

uma Joaquina de Pompeu, ou mesmo de uma dona Beija, a criadora do Triângulo Mineiro, incorporado ao Estado. Se uma vence pela firmeza de atitudes e brilhante atuação na ordem econômica e política, a outra alia a esses dotes o de sua beleza, sabendo usá-la como instrumento político e social, uma vez que a população ribeirinha do Paranaíba, em confluência com o Rio Grande, clamava, há muito, para ser absorvida pelo Estado de Minas Gerais.

Se necessário fosse, estaria firme na linha de frente, como uma personagem semelhante a Joana d'Arc, a camponesa que enfrentou os borguinhões, aliados aos bretões, infringindo-lhes derrotas cruciantes, até ser queimada na fogueira, envolta em uma auréola de glórias que elevaram o espírito patriótico do povo francês.

* * *

Passados os meses que antecederam a ordem de apresentação à sede da Quarta Região Militar, lá foi o Nezinho, cheio de esperanças. Sua curiosidade era sobrenatural, uma vez que não atinava com o que iria encontrar pela frente. Mal tinha saído de sua terra, senão para ali pertinho mesmo, quando foi a Capim Branco, hoje Unaí, e Serra dos Cristais, hoje Cristalina. Por sinal, duas comunidades gêmeas. Unaí, formatizada com esse nome pelo paracatuense João Costa quando seu prefeito, na era JK. Cristalina, fundada por Leon Laboissière, “o carpinteiro-marceneiro”, de nacionalidade francesa, radicado na cidade de Paracatu, onde rara era a casa de alvenaria em que não houvesse o seu dedo de construtor. Pioneiro no reconhecimento do valor do quartzo cristalino, juntamente com seu conterrâneo Étienne Lepesquer, fez do povoado da Serra dos Cristais um pólo de exportação do quartzo cristalizado na forma piramidal para a França. Tratava-se de um produto utilíssimo na fabricação de armas sofisticadas, usadas na guerra de 1918.

* * *

Tudo isso, grosso modo, a seus olhos e de seus familiares, chegava a ser palatável! Mas... Nossa Senhora!... Foi um deus-nos-acuda! Um poço de tristeza fora cavado, diante daquele fato inesperado! Agora, o receio de Sô Homero era perder a vaga do seminário. Tia Teca era uma penca de incertezas. Vivia com o terço nas mãos, a dedilhar as ave-marias,

entremeadas aos padre-nossos. Raras eram, entretanto, as ocasiões em que conseguia chegar à antífona com a salve-rainha, no final do rosário, de tão nervosa que ficara.

Sô Homero até que se aquietou mais, uma vez que tinha quase certeza, e isso ele vinha falando, de que o exército estava dispensando muitos recrutas por excesso de contingente. A maior parte dos jovens do interior era de reservistas de terceira categoria. Era vezeiro e notório que as Forças Armadas preferiam recrutar pessoal para seus quadros em locais próximos aos quartéis, evitando com isso os aquartelamentos puros, por economia orçamentária, já determinado pelo Congresso Nacional.

E assim os dias foram correndo. Muitos de seus amigos sentiam-se marginalizados por não terem sido sorteados. Gostariam de respirar novos ares. Ouviam dizer que a cidade grande era de fato surpreendente e desafiadora. Ali, na província, entretanto, assistia-se no cinema em branco e preto outras realidades. Parecia, a metrópole, a quem a pisasse e a visse pela primeira vez, uma coisa do outro mundo. Muito diferente do que se via na tela. Tanta luz! Tantos refletores! Não seria porventura uma ficção?! – indagava-se!

Belo Horizonte, a capital mineira, pertencente à Quarta Região Militar, era o local onde ele deveria apresentar-se.

— Vixe! Será difícil chegar até lá?! – perguntava a si mesmo e a toda hora.

* * *

Tornava-se muito natural um tipo de interrogação dessa ordem, vinda bem a propósito, feita com certa sofreguidão, tendo em vista as más condições de transporte daquele tempo. Uma dessas viagens era extremamente penosa. Desde seu início até o seu final, era quase uma aventura. Se não burlesca, era, contudo, fatigante e apreensiva. Partia-se assim de Orapronóbis pela manhã, conseguindo chegar-se à cidade de Patos de Minas à noitinha. Dormia-se ali e, pela manhã, embarcava-se em nova jardineira até a estação denominada Catiara, aonde se chegava para um almoço ligeiro, esperando o trem que viria de Monte Carmelo, nele seguindo até a cidade de Ibiá. Nesta, permanecia-se à espera do Noturno, que viria de Uberaba, nele embarcando com destino à capital mineira. Daí conjecturar-se sobre a interrogação de um neófito em viagem da qualidade de um Nezinho, fora de seu ninho!... Admite-se, era deveras preocupante.

Contudo, enfim... não poderia então recuar... A natureza humana, desde seus primórdios, não vem vencendo obstáculos, contornando-os com a privilegiada inteligência que o Supremo Árbitro dos Mundos lhe concedeu?

Alicerçado nessa premissa feita consigo mesmo, e por nós qualificada, ainda que mostrando-se inseguro, caminhou resolutamente, a apresentar-se à partida.

Nos momentos que antecederam seu embarque na velha jardineira de Sô Zé Rita – o concessionário do transporte do correio – muitos amigos, e principalmente moças donzelas, estavam ali para os costumeiros abraços de despedida. Em meio à algazarra provocada por muitos falando ao mesmo tempo, surgia, entre relâmpagos de alegria pela conquista conseguida, uma matizada e contundente forma de tristeza pela partida do jovem conterrâneo. Moço, ainda imberbe, com cara de menino, partia para enfrentar um oceano de incertezas. Desde o momento em que colocasse os pés no estribo do veículo, um novo personagem estaria surgindo e, definitivamente, esse estado estaria decretado. Ao alçar o corpo para dentro do carro, veria e sentiria, por certo, novos mundos, mui diferentes daquele em que ele vivia.

Estava a jardineira tossindo no treme-treme do motor, que roncava seco, cuspidando uma fumaça das mais pretas pelo cano de escapamento. Mesmo engasgando, mostrava-se entretanto desejosa de embrenhar-se pelas curvas das serranias. Na curta despedida, os lenços brancos, como gaiotas ao lusco-fusco da manhã, evoluíam e agitavam-se, movidos por pulsos nervosos. Ora eram acenados por seus familiares, que se lamentavam, ora pelos amigos, que lhe desejavam muita alegria e muito sucesso. O próprio Nezinho não sabia se ria ou se chorava. Se ia ou se ficava. Estava deixando para trás a tranqüilidade de sua casa, a convivência de seus amigos e a paz que desfrutava no seio de seu pequeno burgo. Encontrava-se deveras preocupado com o futuro, não sabendo o que iria encontrar pela frente.

Embora estivesse convicto que seria apenas uma apresentação – e isso lhe afirmara o próprio tio Homero, que não media esforços para consolá-lo –, não deixava de incomodar-se pelo que poderia encontrar na cidade grande. Parecia um novo Marco Pólo a enfrentar toda uma série de infortúnios a caminho do Oriente desconhecido, quando se viu, pela vez primeira, alojado num vagão da Rede Mineira de Viação. Bem que se lembrava de ter ouvido falar na maria-fumaça. Na verdade parecia-lhe um monstro de ferro a esguichar vapor de uma caldeira fervente. Tudo para ele era novidade. Até o apito da locomotiva fazia-o tremer. Devagar, entretanto, a ele foi se acostumando... acostumando... até senti-lo como se fosse um

arremedo de choro muito parecido com o suplicar de um buquê colorido de saudade, entranhado no seu ser, resultado de sonhos quiméricos. O silvo demorado ecoava longe, levando sua alma a voar, deixando-a em pleno transe. As estações de permeio à longa viagem pareciam a ele casinhas de contos de fada, em cujas passarelas as moçoilas nativas, como princesas, desfilavam, com seus requebros e sorrisos nos lábios, saudando a passagem do trem. Nessas ocasiões a viagem tornava-se menos fatigante. De volta às faces, um tímido rubor aparecia, assemelhando-se a duas pequenas maçãs. A palidez assim revertida ia-se embora com o despertar do sono. Nesses momentos, seus olhos brilhavam, mostrando intensa curiosidade.

Contrastando-se com isso, maria-fumaça, às noites, resfolegando pelas curvas do caminho, pontilhava as serras com faíscas de carvão, estrelando tudo em seu redor. Assemelhavam-se aos inúmeros lagartinhos-de-fogo, comandados pelos vaga-lumes inquietos a perfilarem-se como seus comandantes. Essas visões invadiam a cabeça do menino na linda recordação de estar correndo, nas noites de lua nova, pela relva alta do gramado defronte a casa da fazenda para capturá-los, gritando a todo vapor: “Vaga-lume tem, teu pai tá qui, tua mãe também!”

A cada intervalo entre os cochilos, novas paisagens embaçavam suas córneas fixas na janela do vagão. Seus olhos trêmulos, lá bem no fundo das serras, divisavam ora um arremedo de arroio, ora um rio mais caudaloso. Ambos porém apareciam-lhe como um filete de luz prateada no fundo das montanhas, serpenteando-as, refletindo os barrancos erodidos, deslizando-se como argêntneas fitas à procura dos vales sedimentados.

Ao atrevimento dos raios solares, fustigando a aurora que surgia, a neblina disparava por entre os morros, procurando fugir, como mantos de algodão, lençóis brancos a serem dobrados e guardados no seio dos capões de mato ralo que envolviam a serra. O tilintar das rodas de ferro dos vagões atritados nos trilhos fazia pensar que, a cada minuto, todo o trem parecia andar para trás. O engate de uma outra locomotiva adicional, ambas passando a resfolegar brava e harmonicamente, inundando os arredores com seus vapores, apresentava-se como um espetáculo digno de se ver, e jamais presenciado por Nezinho. Pelos socavões da serra de Uruburetama cheia de recortes, galgada pelas duas máquinas, tristonhamente ecoava o manejo compassado do “café-com-pão-manteiga-não”, acompanhado pelo solfejo dos bem-te-vis esvoaçantes à cata das mariposas tontas com a luz da aurora que chegava radiante. Ao se avistar Campos Altos, uma das cidades mais altas, fincada no altiplano mineiro, os apitos dolentes do trem

da madrugada pareciam ser aplaudidos pelo piscar dos néons dos anúncios de suas casas comerciais.

Assim, entre o espanto e a meditação, Nezinho foi levado com destino à cidade grande. Foram três dias de longa viagem. Ao chegar, percebeu que vencera uma etapa que julgava intransponível.

* * *

Na tarde de sua chegada, estava ele ali à porta do quartel do 12º RI, todo fagueiro, quando foi chamado para apresentar-se ao capitão médico. Este, abrindo um arquivo, foi logo dedilhando uma ficha, onde começou a anotar as respostas ao interrogatório. Despido em frente ao sargento-enfermeiro, não se constatou nenhum defeito físico. Fazendo-o a andar, após ter molhado os pés numa bacia cheia de água, verificou-se, pelo rastro, não apresentar pé chato. Não havia sintomas de doenças venéreas. Dentição, perfeita. E o médico escrevendo... escrevendo... Nezinho percebeu logo, e no íntimo pensou: “Tô no sal.” De soslaio, só via o homem escrevendo: “OK, OK.” Não lhe cheirava bem. Começou a ficar preocupado.

Voltando ao sargento da intendência, quase cai de costas. Acostumado a lidar com esse assunto, bastou o militar passar os olhos pelo fichário já analisado e foi logo dando ordens.

A voz do sargento, indicando-lhe a rouparia, soou como se fossem as trombetas do Apocalipse, exarando as revelações a João Evangelista, na ilha de Patmos.

Nezinho amarelou. Estava engajado!

Quis perguntar alguma coisa, no que foi interrompido por um vozeirão, lá do dormitório, já lhe indicando a cama e o armário onde deveria guardar seus pertences. Entre estes lhe foram fornecidas a escova de dentes e a do coturno, que tinha de andar nos conformes, bem lustrado. Ainda bem que não tinha caído no conto-do-vigário, pois, tão logo sentado na cama, foi abordado por um veterano que queria vendê-la e também o armário, dando-lhe preferência, pois havia dado baixa! “Na verdade, muitos queriam esses móveis – dizia ele –, mas... como ele já estava ali, iria cedê-los, a preço de banana.” Essa estória, bem contada, fazia parte do trote que os veteranos passavam nos recrutas. Nezinho só não foi depenado porque não tinha dinheiro graúdo. Em sua carteira, havia a passagem de volta na Rede Mineira de Viação, apelidada “ruim mas vai” pelos estudantes que se serviam dela

para chegar às faculdades na capital mineira, e mais uns trocados que deveriam servir para alimentar-se pelo caminho, caso fosse dispensado.

Como Nezinho não ia precisar da passagem, pois, não sabia quando iria voltar, foi logo o veterano propondo-lhe comprá-la.

— Pago-a no ato da minha dispensa, pela qual irei receber bom soldo – foi logo dizendo.

De posse da mesma, correu à estação da RMV, encurtando caminho pelo túnel que liga a praça Rui Barbosa às fraldas da rua Sapucaí, passando por baixo da estação da Central do Brasil. Ali, conversou o carregador de malas, Sô Tião, para vender-lhe a passagem mediante uma pequena comissão. Não deu outra. Era costume do funcionário fazer desses bicos, uma ajuda ao seu orçamento. Mais tarde, o praça, por ali passando, já tendo recebido o dinheiro, despencou-se pela rua Guiacurus à procura dos colegas que também já haviam pungado outros recrutas. Assim munidos e reunidos, enfrentaram uma parada de festejos, nos quais não faltaram as ninfas que por ali faziam seu *trottoir*.

* * *

Tão logo ficou sozinho, o garoto de apenas dezoito anos de idade, começou a sentir o peso do destino que o Altíssimo lhe havia reservado. A lembrança de casa lhe doía. A sós com seus pensamentos, sufocava, na vergonha de expressar sentimentos, a vontade de chorar. Tratou logo de esconder as fotografias que havia trazido, a fim de evitar chacotas por parte dos veteranos. Isso ele já adivinhava acontecer, tão logo viu a conversa-pra-boi-dormir do gatuno que lhe havia passado o bico “comprando” sua passagem de volta à terra pela maria-fumaça sem pagar. No meio de centenas de praças, nunca poderia conseguir cruzar com o safado pelos corredores. Mesmo porque não havia safados. Havia sim, muitos gozadores. Todos os veteranos praticavam essa espécie de trote. No final, todos se entendiam. O trabalho era duro. O preparo era de tal ordem que só sobrava tempo para o rancho e para dormir de cansaço, tamanha era a exigência físico-corporal. Um *slogan* era ali lembrado a todo momento: “Aqui é o lugar onde filho chora e mãe não escuta.”

Se porventura um conterrâneo o encontrasse pela rua, não haveria de conhecê-lo assim de pronto, uma vez que lhe passaram a máquina zero na sua vasta cabeleira. Sua cabeça, assim, pendia mais para o lado de uma

bola de bilhar, do que para aquele emaranhado de cachos que antes a emoldurava, e que fazia as moçoilas suspirarem de desejos. Comumente, não se apresentava como se fosse um araticum, nem uma flor de algodão alourado desabrochada, mas, na essência, uma mistura de ambos. Era na verdade uma cabeleira e tanto, emoldurando um rosto bem esculpido, cinzelado como se fosse uma obra de escultura grega. O “gene-artista” havia manejado bem o buril.

Não adiantou esperar para que não lha tirassem por inteiro. Era bem melhor aceitar, sem muito resmungo, a operação. Haja vista o que acontecia aos mais cheios de si. Reticentes, eram designados para lavar os cavalos dos oficiais muito bem lavados, inclusive ensaboar suas crinas, caudas e órgãos uro-reprodutores.

Para Nezinho, até que isso não era problema, acostumado que estava com as lidas da fazenda. Detestava entretanto esse serviço, por ser muito rotineiro e vagaroso. Gostava mesmo era de tombar a rês desgarrada, montado no seu careta-estrela, desequilibrando-a na corrida, apenas pelo toque leve na seda de sua cauda. Vendo-a dando uma, duas, ou mais cambalhotas, levantando poeira, ufanava-se por dentro de tanto prazer.

Designado para ser o bagageiro do capitão comandante da Companhia, mostrou-se satisfeito, uma vez que o trabalho maior seria cuidar de sua montaria. A propósito, tinha como dever acompanhá-lo em suas andanças pela cidade. Guardava dois corpos atrás, sempre atento ao menor sinal do seu comandante. Sua vida não era das piores. Acompanhava seu chefe, na hora do almoço, servindo-se na copa de sua residência, onde fez camaradagem com os funcionários da cozinha. Seu trabalho era ouvir ordens e cumpri-las. Muito pior, entretanto, foi o que acontecera com um de seus colegas. Desejoso de arranjar uma “boca” mais serena, entrou pelos canos, quando, estando a tropa reunida no mesmo dia da apresentação, o sargento intendente gritou logo, perguntando quem ali era datilógrafo. Um levantou o braço e se apresentou. Aí é que foi gozação. O sargento “brabo” chamou o cabo de serviço, mais “brabo” ainda que ele, ordenando-lhe logo:

— Leva o home para trabalhar com a máquina mais velha, para avaliar seu desempenho.

Qual não foi a surpresa dele, quando lhe apresentaram uma vassoura, ordenando-lhe para varrer o refeitório e a cantina dos oficiais. Foi aí que a tropa não agüentou. Nem lembraram da braveza do cabo, caindo numa gargalhada só. O sargento logo disse:

— O colega queria escritório e moleza, o cabo lhe ofereceu um bom cabo de vassoura. Agora, entretanto, já que riram vão apanhar o lixo e o estrume das cavalariças para jogar no tanque de fermentação de adubo, para mais tarde aproveitar nos canteiros de hortaliças.

* * *

Quando Nezinho pediu ao seu sargento para deixar o serviço da caserna, para ir ao correio telegrafar ao tio, não foi atendido.

— Ô, praça!... Este serviço já foi feito. Lá na Intendência já providenciaram passar telegrama. Cê aqui só vai ter folga na segunda feira. Aliás, no sábado e domingo irá tirar serviço na patrulha da zona do meretrício.

Meretrício?!... Nezinho não sabia de que o sargento estava falando. Nunca ouvira essa palavra. Mais tarde, por indagação aos veteranos, ficou sabendo que era onde a recrutada baixava nos momentos de folga, nas confluências das ruas Guiacurus, Tamoios e Oiapoque, beirando o ribeirão dos Arrudas, à procura das mariposas da noite.

Difícilmente, nesses locais, deixava de haver um ou mais recrutas envolvidos com problemas. O cabo que comandava a patrulha era mais rigoroso quando encontrava praça uniformizado a perambular por essas ruas de conflito. Uma vez pego, era o praça devolvido ao quartel, onde sofria as penalidades, que oscilavam de recolhimento ao xadrez comum até passar a noite na solitária.

A maior parte dos conflitos, entretanto, não era punida, porque não passava de desavenças que envolviam soldados da polícia militar e recrutas. Os tenentes de plantão no quartel faziam vistas grossas sobre esses acontecimentos. Havia uma rixa danada entre eles, principalmente porque não se sujeitavam em ser comandados pelos milicos, como eles chamavam os meganhas da polícia militar. Estes, por sua vez, estavam prontos a querer prender um soldado do exército, mais por implicância, que mesmo por infração cometida.

* * *

O ano de 1929 chegou com ares de inquietação por todo o país. A chama lançada pelo movimento tenentista propagava-se temerosamente, contaminando todas as regiões militares. Embora se mostrando adormecida

perante a oligarquia que comandava o país, era chama semelhante ao borralho, cuja combustão não floresce – queima-se sorradeira, com a precisão de um relógio igual ao Big Ben londrino. Traiçoeiramente, arde devagar, quieta, como a aranha semi-adormecida no canto de sua teia, à espera de uma presa para sua refeição. Assim era.

Já se vislumbrava um característico diferente por parte das milícias estaduais, que se expandiam, apresentando-se como um fenômeno separatista, capaz de enfrentar emergencialmente o poder central.

Era comum, sempre com ares de provocação, designarem os recrutas do 12º RI de um bando de jumentos, fardados de soldados. Em troca, os recrutas os chamavam pelo apelido de bate-paus. Muitas das vezes, o que ofendia mais era apelidá-los de “macacos”, como o bando de Lampião alcunhava a força militar que andava pelas caatingas do nordeste à sua procura.

Na verdade, no início, quando os pelotões já estavam dando os primeiros passos para uma Ordem Unida, era sumamente caricata a fileira dos recrutas. Em sua maior parte assemelhavam-se a moleques de madeira, vestidos com uniformes largos onde cabiam dois ou mais. Era comum as mangas deles, de tão grandes que eram, esconderem as mãos. Outros ao contrário, eram tão apertados que estouravam os botões das túnicas. Dir-se-ia que os bonecos dos blocos do Carnaval de Olinda eram muito mais bem apresentáveis que os “jumentos” do 12º RI de Belo Horizonte.

Quem possuísse alguns mil-réis de reserva, mandava recortar seus uniformes em alfaiates que viviam quase que exclusivamente disso. Do material que fazia parte do uniforme fornecido aos recrutas, uma das peças que se apresentava nos conformes era a botina militar, de solado grosso, pesado e guarnecido por uma lâmina de borracha entre as solas, impermeabilizando-a. Era escolhida de acordo com a numeração exata dos pés. Também não poderia ser de outra forma, uma vez que não se tolerava a claudicação nas marchas forçadas.

Os primeiros dias de “rancho” foram dolorosos. Lastimável era a gororoba apresentada. “Também – desculpava-se o cozinheiro –, fazer comida boa pra esse mundo de famintos num é possível.”

Uma coisa entretanto chamava a atenção, contada pelos tarefeiros, em relação à comida na cantina dos oficiais. Havia até charutos para os dias de gala. A despensa era bem sortida e trabalhar no cassino era vaga disputada a tapa. Ser tarefeiro ali era sinônimo de grandeza. As sobras das

latas de doces eram comuns. Não podiam ser guardadas para outro dia. Alguns até faziam algum negócio com elas, vendendo para os recrutas. E as bebidas?! Refrigerantes finos e algum vinho importado para os dias festivos, quando o comandante recebia alguma figura importante das Forças Armadas, ou mesmo do Executivo.

Alguns recrutas passavam fome no início, até se adaptarem ao jabá invariável, acompanhado do arroz com feijão e jerimum cozido na água de sal, raleada com folhas de couve rasgadas de comprido. A padaria do quartel trabalhava interrompemente. Pela manhã o leite quente e o café com pão eram um “manjar dos deuses”.

Interessante o processo de adaptação de que o ser humano é capaz... Se submetido a uma ação provocadora constante, responde de modo a se acomodar, dando ao organismo a sensação de normalidade. Assim é que vimos a soldadesca agitar-se, como se um presente houvesse caído dos céus, ao som da corneta, anunciando a hora do rancho, passados alguns dias...

Com o tempo, ia-se levando a vida, com toda a força que a natureza, burilada pelos instrutores, dava ao soldado, em forma de noção de companheirismo e de civismo. Faziam-se amizades fortes e quase eternas. O amor à Pátria, à terra e aos familiares eram cultuados. Na volta à sua terra com todos esses princípios, o homem caldeado na caserna formava-se como uma ponta-de-lança que desperta o interior de sua Pátria para uma vida mais progressista e feliz. A disciplina e a ordem são coisas que, aprendidas, nunca serão esquecidas.

Por isso dizem ser o Exército uma escola de vida.

* * *

O ano de 1930 pegou o soldado Nezinho já um praça escolado. Não era mais o recruta que havia chegado à capital com olhos assustados. Conhecendo os meandros do serviço militar, portava-se como um veterano, pronto aos desafios que a profissão momentânea lhe proporcionava. Até um elogio na Ordem do Dia de três de julho foi-lhe concedido por ato de bravura. A história foi contada pelo seu comandante, o capitão de cavalaria, de quem era o “bagageiro”:

— Estávamos cavalgando pela confluência da avenida Afonso Pena com a avenida São Francisco, hoje Olegário Maciel, quando por nós passou

um cavalo em disparada, montado por um rapaz que, tendo perdido o equilíbrio, estava sendo arrastado, com um dos pés preso ao estribo de sua montaria, batendo com a cabeça no calçamento das ruas. As pessoas, impotentes, horrorizavam-se diante da cena. De repente, meu soldado, como se um paralelótropo fosse, guiado por um tropismo invulgar, emparelhou-se com o cavalo desorientado e, em um pulo, estava à sua garupa, sofrendo o animal pela rédea com rigorosa segurança. O cavaleiro, com a cabeça sangrando muito, foi levado ao hospital São Vicente, ali em Santa Efigênia. Convocados alguns médicos do hospital São Geraldo ali vizinho, especialistas em problemas da face e cabeça, constatou-se grave hemorragia intra e extracraniana, ficando o paciente sob observação. Mais tarde fiquei sabendo – concluiu o capitão – ser a vítima filho menor de um dos oficiais do batalhão, o qual não menciono o nome por respeito hierárquico. O garoto, de modo imprevidente, havia pulado na montaria de seu genitor à porta de sua residência, quando ali se encontrava à sesta, após o almoço.

Essa Ordem do Dia tornou-se assunto de comentários por toda a semana. Ainda bem que assim foi, com algo positivo. Elas, as Ordens do Dia, traziam sempre inquietações às fileiras dos soldados. Em posição de sentido, perfilados, sem poder espantar uma mosca que os importunasse caminhando pela face, ouviam-nas, com apreensão, uma vez que elas apareciam recheadas de severas obrigações e, às vezes, admoestações disciplinares que podiam levar os transgressores até a solitária.

Na do dia 1º de março de 1930, fora comunicado a toda a tropa que havia sido proclamado um novo comandante-geral das Forças Armadas, a ser empossado em breve pelo ínclito cidadão Júlio Prestes, o novo presidente da República.

Recomendava-se, portanto, a todos os comandantes de companhias o adestramento da tropa para as solenidades previstas na Constituição, desde a alvorada até o desfile da tropa pelas ruas da capital, no dia da posse do novo presidente, conseqüentemente o da posse do novo comandante das Forças Armadas.

Esses desfiles despertavam na população uma vibração patriótica genial. A tropa era formada, na sua vanguarda, pela companhia de soldados veteranos de elite. Em seguida, os recrutas, seguidos pelo comando montado. Na retaguarda, vinha a artilharia leve, com soldados conduzindo pelo cabresto dezenas de burricos de carga, portando munições e metralhadoras. Finalmente, desfilava com toda pujança e admiração a

artilharia pesada, constituída de pequenos canhões sobre troles, puxados por parelhas de bestas mais possantes.

A assistência ficava contida por cordões de isolamento, mantidos pela guarda municipal e soldados do Corpo de Bombeiros, entre o Bar do Ponto, na confluência da rua da Bahia, no início do parque municipal, até à praça Sete, que ainda não tinha o pirulito central. A praça Sete era o ponto onde se concentravam todos os bondes que vinham dos bairros, os mais longínquos, fazendo ali o pivô central.

* * *

A notícia da eleição do novo presidente calou fundo nos bastidores políticos do país. As forças, agora mais coerentes, em favor de uma sublevação da tropa, aquartelada em várias capitais, começaram a pregar a doutrina defendida pela plataforma eleitoral alardeada em praça pública pelo então candidato da Aliança Liberal, saído da convenção de 20 de setembro.

A premissa desse movimento baseava-se no combate à arrogância dos cafeicultores, verdadeiros fabricantes de titeres na então complexa estrutura oligárquica que comandava os destinos econômicos e políticos do país. Os coronéis, seus componentes, controlavam os votos de seus familiares e subordinados, monopolizando todos os cargos estaduais e municipais. Estabeleciam o *modus vivendi* da Pátria como se fosse o terreiro de suas fazendas. A democracia era uma tênue massa de argila, fácil de ser manipulada na fábrica de novos reinóis, a cada simulada eleição, para mostrar à Nação estar usando a plenitude dos direitos individuais de seu povo. Contudo, não a protegia da podridão inexorável que, paulatinamente, devorava toda a sua formosura exterior. A Nação, cada vez mais pobre pela alta dose de diferenças na divisão de rendas, onde “o rico tornava-se mais rico e o pobre mais pobre”, transformava-se em um canteiro propício à revolta. A isso, juntava-se o acinte à democracia, o voto a bico-de-pena, onde um só eleitor votava por toda a folha eleitoral, inclusive os defuntos. A manifestação feminina era proibida. O voto distrital era um meio de fraude, ao lado da corrupção desenfreada. O pior de tudo, entretanto, era o famigerado terceiro escrutínio, em que o Congresso dilapidava as bancadas que lhe eram adversas, como se fosse uma peneirada de café, onde se selecionava o grão para exportação, refugando o considerado ruim para ser vendido à população do país. Simbolicamente poder-se-ia dizer – o de polpa

mole, que ficava no fundo da peneira, tinha mais valor porque era fácil de manipular. A própria oposição permanecia dividida, sob a pressão da pena de onde partiam as demissões de correligionários em suas bases eleitorais. Transformava-se assim em uma oposição branca, só pra-ínglês-ver. Funcionava como a rainha da Inglaterra, que reina mas não governa. Ou então como o rei da Abissínia daquele tempo, manipulado pelo Duce e que servia de piada: rei Salassié virava “Sei lá se é!”... Bastava que o governo preenchesse algum cargo de terceiro ou quarto escalões com seus seguidores para que ela, a oposição de fachada, se acomodasse.

A política do café-com-leite, mais do café que do leite, acabou escurecendo a chávena que servia o combustível político, no quebra-jejum do país, tornando-o insípido ao paladar dos demais pólos estaduais. Com empáfia, diziam que o resto era voto de cabresto nos grotões da Pátria. Como satélites que eram, não havia outra alternativa, senão transladarem em torno do pólo que lhe fornecia vida e calor, e que, na sua mediocridade superior, enchia os pulmões com o gás de sua lavoura cafeeira.

Nessa conjuntura, Minas sentiu-se garfada, segundo os acordos feitos anteriormente. Antônio Carlos de Andrade, seu presidente, seria o indicado para concorrer ao próximo pleito, no que foi preterido por um candidato paulista novamente, senhor Júlio Prestes, indicado pelo então presidente Washington Luís. Desprezando o valor de articulação dos mineiros, ou, querendo pô-lo à prova, numa jogada perigosa, nem ao menos quis saber da opinião destes. Nem tomou conhecimento do presidente Antônio Carlos à respeito da escolha de seu sucessor na Presidência da República. Baseava-se no prestígio de Melo Viana.

A ala radical da Aliança Liberal, composta por Oswaldo Aranha, João Alberto Lins e Silva e o ardoroso Virgílio de Melo Franco, que, além de idealista, sentia-se ofendido pela degola que seu pai, eleito deputado, sofrera pela ação do terceiro escrutínio, sentiu que não haveria salvação para o país, senão pela mão da revolução armada.

Em 1930, bem no seu início, já se sentia um esboço desse projeto, quando da pregação por toda Minas Gerais dos princípios que norteavam a campanha da Aliança Liberal, recém-criada em 20 de setembro do ano anterior. No norte e nordeste, as caravanas chefiadas por João Pessoa causavam tumultos com suas pregações liberais. Na cidade de Princesa, hoje Princesa Isabel, estourou um conflito entre João Pessoa e José Pereira, prócer político daquela região, por motivos aduaneiros. Só que as tropas

federais que vieram no intuito de colocar ordem na região reforçaram, sim, as hostes de José Pereira. Em Garanhuns, Pernambuco, houve um tremendo choque entre legalistas e oposicionistas, requisitando, o Governo do Estado, tropas federais para garantir a ordem. Mas foi em Montes Claros que houve o conflito de maior envergadura, quando em comício ali realizado pela situação, perdera a vida o deputado Dolabela Portela, tendo o vice-presidente da República sido pisoteado por populares, ante a correria que se estabeleceu no local. O boato de que a resistência aos legalistas havia sido chefiada por uma mulher, que era então considerada o baluarte do presidente Antônio Carlos naquela região, era o prato com que se deleitava a mineirada, que deitava e rolava, dizendo que a Minas bastava a força de suas mulheres...

A chegada de Melo Viana a Belo Horizonte, na noite desse acontecimento, foi qualquer coisa de patético para uma personalidade do porte político dele. A avenida Afonso Pena, da praça Sete até a Serra, era uma só voz, numa vaia prolongada à sua passagem. Como os carros daquele tempo não tinham vidros nas janelas, o populacho enfiava a cabeça dentro deles e gritava impropérios ofensivos às autoridades constituídas. Os batalhões mineiros sediados na capital entraram de prontidão máxima. À rua Salinas, logo no começo, nas imediações do Quinto Batalhão, sediado em Santa Teresa, houve um pequeno movimento preparatório, apenas para mostrar que estava bem equipado. O matraquear das metralhadoras em exercício traziam inquietação aos moradores daquele bairro.

A casa do Dr. Carvalho Brito, na rua da Bahia, foi toda guarnecida por tropas militares, considerada a gravidade da situação. Mesmo assim, ainda ouviam-se vaias pelas imediações, uma vez que também ele estava retornando de Montes Claros.

O quartel do 12º RI estava de prontidão absoluta, tendo sido recolhidos todos os militares do exército, quer praças ou oficiais, às suas dependências.

Nezinho, nessa conjuntura, como os demais praças, não tinha conhecimento do que estava acontecendo fora do quartel. Sabia-se por um zunzum aqui, outro ali, que podiam a qualquer momento entrar em operação bélica contra um inimigo que nem sabiam quem era.

* * *

A situação se agrava quando retumba em todas as regiões do país a notícia do assassinato de João Pessoa. Em uma época normal, seria mais um acontecimento na história pátria, que, se bem tratar-se de uma figura nacional, deveria restringir-se a comentários regionais, mesmo porque seu assassino, João Dantas, era pessoa ligada ao José Pereira, de Princesa, seu arquiinimigo.

A oposição encontrou o pavio que, caindo no bolso sem pedir, incendiaria a bomba de efeito retardado que estaria sendo composta. A bandeira que precisava desfraldar contra um regime envelhecido, que não mais satisfazia aos desejos pátrios de progresso, foi-lhe fornecida por um ato trágico, que jamais esperava vir a acontecer.

A política usa de meios inesperados, por vezes, que lhe caem como o fermento de que necessita para fazer crescer sua ambição de mando e de poder. Encontra em tudo razão para justificar os meios – uma lição maquiavélica. No preparo da revolta, houve altos e baixos, dissensões e adesões inesperadas. Ora tinha-se um governo que se esquivava de participar, ora era um esfriamento no setor de aglutinação, que desanimava, ante aqueles que tinham o poder de fogo, como os militares, remanescentes dos movimentos de 1920, 22, 24 e 25-27. Como engolir um Arthur Bernardes, um Epitácio Pessoa, como aliados, se foram eles, e por causa deles, que se sacrificaram tantas vidas pelo país?

O próprio Getúlio Vargas era um poço de indecisões. Num desses calculados jogos de cintura, em carta de 13 de setembro de 1929 a João Neves da Fontoura, entre outras referências, aproveitou-se para dar uma recuada ante a posição dúbia demonstrada por Luís Carlos Prestes, até então intitulado chefe das forças revolucionárias, internadas diplomaticamente em Buenos Aires. Em sua análise ao movimento, narrava: “Penso que não é lícito lançarmos o país numa revolução, sacrificarmos milhares de vidas, arruinar e empobrecer o Estado, só para combater um homem que atualmente nos desafia e que é o presidente da República. Se formos vencidos, ainda ele será glorificado, com o título de restaurador da ordem e reconsolidador do regime. Não é possível ensangüentar o Brasil, por causa desse homem.”

Ao mesmo tempo, portava-se como um articulador político bastante capacitado, isso, mais tarde, demonstrado com força total em toda a sua trajetória, no antes e no após trinta, nos seus governos legítimos e ilegítimos. Sua habilidade era tamanha que abasteceu, por muito tempo, o folclore

político, sendo figura ímpar a todos os lápis dos mais famosos caricaturistas dos jornais e revistas do país.

Antes das eleições, com receio de ao perdê-la sofrer retaliações por parte do poder central, propôs um acordo ao presidente Washington Luís, pelo qual se comprometia a apoiá-lo em quaisquer circunstâncias. Em troca, pediria que não houvesse degola, pelo terceiro escrutínio dos deputados eleitos, e nem demissões de seus correligionários do PRR. Essa proposta, à revelia de Minas e Paraíba, foi prontamente aceita pelo presidente, uma vez levada por seu correligionário Firmino Paim Filho, que deu-lhe fé.

Não durou, entretanto, muito tempo esse conchavo, uma vez que os deputados legalistas passaram a não dar *quorum* às seções parlamentares, impedindo assim os ataques aliancistas nas tribunas. Nesse arrocho, os aliancistas passaram a fazer comícios nas escadarias do Palácio Tiradentes, onde se reunia a Câmara. As coisas começaram a se complicar, pelos aplausos do populacho às falas dos aliancistas e pela inércia dos governistas, que não tinham uma tribuna para se defender. Inflamados bate-bocas aconteciam. Sem haver o poder moderador de uma mesa reguladora dos trabalhos, os insultos passaram dos limites. Em um desses, houve a perda de vida de um deputado situacionista de nome Manoel Francisco de Souza Filho, que tentando agredir a punhal um desafeto político de nome Ildelfonso Simões Lopes, levou dois tiros quando se encontrava engalfinhado com o filho deste, que interceptava a agressão ao pai. O deputado Manoel veio a falecer na própria escadaria do palácio.

Diante desse rumoroso fato, Getúlio, ainda no sul, rompeu em parte o acordo feito com o presidente, porém, logo que chegou ao Rio de Janeiro, presentiu a necessidade de encontrar espaço no seio situacionista, motivando com isso um novo ato conciliatório com Washington Luís.

Diante de tanto imbróglio, Oswaldo Aranha demitiu-se da Secretaria do Interior e Exterior do Rio Grande do Sul, confidenciando a amigos seu constrangimento ao total descaso por parte do Rio Grande a uma luta em que havia empenhado todo seu ardor cívico, expondo até sua própria vida. Em radiograma a Virgílio de Melo Franco, justificou sua saída declarando: “Minha convicção, você e eu, vítimas de uma mistificação vergonhosa. Estou farto dessa comédia. Impossível continuar sob direção chefe tão fraco que desanima próprios soldados.”

Um novo fato, entretanto, se apresentou naquele cenário controvertido ao extremo. Agora já eram os militares que começaram a empurrar os

políticos para a arena da revolução. Na desistência de Prestes e na morte de Siqueira Campos, foi convidado para assumir o estado-maior das forças revolucionárias Pedro Aurélio de Góis Monteiro, que aceitou, licenciando-se do comando do Terceiro Regimento de Cavalaria Independente, sediado em São Luís Gonzaga, RS. Assumiu a secretaria do movimento Virgílio de Melo Franco, que daí para a frente foi a peça mais importante da revolução, uma vez que servia de articulador entre as forças militares e a sociedade civil.

Nessa oportunidade, o barulho tornou-se surdamente envolvente. Os chefes de comando das forças legalistas começaram a temer pela ordem na tropa, uma vez interceptados vários radiogramas de pura trama. Os aliancistas, por sua vez, já não usavam esse modo de comunicação a não ser para despistar os governistas, com mensagens falsas. Era um jogo de guerra dos mais usados na época.

A 11 de setembro, Oswaldo Aranha, juntamente com Góis Monteiro, deu como encerrados os preparativos. A Getúlio foi confiada a responsabilidade de fixar a data em que a revolução deveria rebentar em todo o território nacional.

A mensagem de que estava Minas entendida, pronta, para deflagrar o movimento – combinado para o dia 3 de outubro, às 17h30, no fim do expediente nos quartéis, horário proposto por Oswaldo Aranha –, foi enviada a um posto avançado no sul do país. Como era, sumamente perigoso enviá-la por radiograma, mesmo cifrado, valeram-se do expediente de remetê-la por mensageiro, colada no solado falso de seu calçado, entre uma palmilha e outra. José Roriz Costa, um dos componentes dos batalhões patrióticos formados na obscuridade pelo governo mineiro, foi o encarregado. Era perigosa a viagem de trem pela Central do Brasil, de Juiz de Fora para a frente, uma vez que a maioria dos passageiros era revistada por agentes colocados estrategicamente em cidades da fronteira, em função dos fortes boatos de levante de Minas contra o governo federal.

Muito intrigante é a não-revelação, pela História, dos bastidores desses pequenos acontecimentos. Sumamente importante é observar-se a participação de dois paracatuenses no final do discutido e aprovado resultado das negociações revolucionárias: Dr. Virgílio de Melo Franco e José Roriz Costa, filho do professor Juca da Costa e de dona Adelaide Roriz da Costa. Virgílio, embora nascido em Ouro Preto, MG, considerava-se paracatuense, pela origem de seus pais.

* * *

Na data prevista, precisamente na hora marcada, em sua residência, em Belo Horizonte, fora preso o tenente-coronel José Joaquim de Andrade, comandante do Regimento de Infantaria (12º RI) e comandante interino da Oitava Brigada de Infantaria.

Já ao alvorecer do dia 4, o jornal do governo “Diário Oficial de Minas” estampava um manifesto do governo mineiro declarando-se em estado de hostilidade armada contra o governo federal, e, conseqüentemente, conclamando o povo a unir-se, em face do ato de beligerância irreversível que já se encontrava em andamento.

Na mesma noite, o 12º RI foi cercado por tropas da polícia mineira sediadas na capital.

A princípio, pelo fator surpresa de que se revestiu a operação, pensava-se na rendição imediata do contingente governista. Surpresa, entretanto, foi a resistência oferecida pelos valentes soldados aquartelados no batalhão de forças legalistas. E, se não fora a falta de água, que foi cortada imediatamente ao início do ataque, juntamente com a falta de alimentos, talvez a história fosse contada por outro ângulo.

O único poço de água potável que servia para abastecer precariamente a tropa esteve, ao tempo que durou a resistência, na mira das metralhadoras da polícia mineira. Relata O. Mello, em “As Minas Reveladas” (p. 367), palavras de Raimundo Vargas:

Em Belo Horizonte, o 12º Regimento de Infantaria, quando acabou de se entregar, já tinha morrido muita gente. Conseguiram dominar o 12º RI. Colocaram um homem que era excelente atirador de metralhadora, e que não deixava ninguém chegar perto do poço. Era José, meu irmão. Quando foi tomado finalmente o 12º RI, eles tinham trinta mil cartuchos. Foi nessa época que Quintino aceitou a incumbência de chefiar a Coluna “Arthur Bernardes”.

Quintino era um dos seus irmãos que, nomeado coronel de campo por decreto do governo estadual, fora investido na condição de comandante das forças operacionais, a caminho da invasão e tomada do Governo do Estado de Goiás. Deram-lhe quarenta praças regulares para comandar, chegando até a formar um contingente de aproximadamente quatrocentos soldados, arregimentados em várias localidades, desde João Pinheiro até a

cidade de Goiás, onde estabeleceu novo governo no dia 27 de outubro do mesmo ano. Não houve combates, apenas escaramuças aqui e acolá, com adversários cautelosos. De volta a Paracatu, foi recebido como herói. Em frente ao sobrado da rua de Goiás, estacionaram os caminhões e automóveis empencados de soldados. Houve salvas de muitos tiros de fuzis. Em um dos carros, de capota arriada, estava o estado-maior da Coluna, composta de Quintino, Santos Roquette, Dr. Júlio (engenheiro), Dr. Barros (médico cujo nome certo era Cyro Reverbero de Araújo Góis), Raimundo Vargas e J. Câmara Filho.

O professor emérito de língua francesa, Graciano dos Reis Calçado, desenrolou um feixe de papel almaço do tamanho de sua vontade de mostrar-se culto e, não deixando que lhe escapasse a oportunidade, arengou por horas inteiras. Foi, sem dúvida, uma peça magnífica de saudação aos novos tempos, que desabrochavam como auras alvissareiras surgindo com o nascer de um novo sol, abrindo-se para o caminhar de uma Nação inclinada a se projetar no cenário internacional, como uma corola, cujas pétalas oferecem paz e progresso para a humanidade. Tecendo loas a esse novo tempo que se abria para o progresso de sua terra, e quiçá do Brasil, professor Graciano adjetivava sua locução de maneira clássica, fora dos limites de compreensão da maioria do populacho que ali se encontrava, simplesmente para regozijar-se e nada mais. Analiticamente, não inflamava a platéia. De vez em quando, para espantar o sono de ouvir tantos adjetivos raros da língua portuguesa, espocava um martelar surdo de uma carabina, atirando para o alto. E aproveitando o momento em que se podia extravasar toda uma vontade reprimida, Sinfrônio Camargo, no sobrado de sua propriedade, ao lado, dava vivas, puxando o pinguelo de seu enferrujado arcabuz do tempo da guerra do Paraguai, que descansava escorado na parede detrás da porta da sala. Pois não é que o bicho ainda funcionava? Com ele estrondava o alto dos céus com tiros intermitentes, como se fossem aplausos. Não deixava de ser gostoso o estalido metódico do matraquear da arma, como se vírgulas fossem, cadenciando a arenga do professor, que a cada estampido segurava o fôlego e olhava para os céus, entortando o pescoço, afogado em um colarinho duro, arcado por uma gravata borboleta que enfeitava a camisa engomada. Sô Norico – Honório Batista – e Adolfo Laboissière, inveterados companheiros, como quejandos de Sinfrônio, a cada tiro do bacamarte, explodiam em vivas tão ardentes quanto a cachaça, com que brindavam.

A solenidade fora encerrada com o agradecimento do jornalista Joaquim Câmara Filho, em nome da Coluna, que voltava triunfante. Mais

sucinta, menos adjetivada, sua fala mereceu solenes aplausos, embora também não inteiramente compreendida, em virtude do uso de muitos regionalismos, inerentes à sua qualidade de jornalista nordestino. Causou também muita admiração a figura de Dr. Barros, guapo rapagão, portador de uma grande barba bem cuidada e de um sotaque por vezes semelhante a uma língua estrangeira, difícil de se entender. Era um remanescente do levante gaúcho de 27, cheio de idealismo, virtude que desenvolveu por todo o tempo em que esteve praticando a medicina, na qual era diplomado. Desempenhando sua vocação de sanitarista, prestou relevantes serviços de erradicação da malária, que endemicamente molestava a população urbana. Tinha de tudo, pois, a Coluna. Não diríamos fosse um balaio-de-gatos, mas... chegava bem perto, em termos de etnia. Vez por outra, era difícil conciliar o “ó, xente, bichinho!” com o “tchê, maragato!”. A paçoca de carne socada no pilão com o churrasco de carne, sangrando, mal assada. A cabriúva de cana-de-açúcar, destilada na panela de barro com serpentina de bambu, cujo restilo dava alma ao cangaceiro, com o vinho da uva pisoteada em masseiras pelo alvos pés das flores campesinas-moças, vendendo juventude e beleza. Parece que os Rios Grandes marcaram encontro naquele rincão mineiro. Misturaram uma alambica (jerimum cozido com toucinho), acompanhado de aluá (bebida fermentada de abacaxi e açúcar) do Rio Grande do Norte com a carne atirada ao braseiro, acompanhada do chimarrão (mate amargo e quente, servido no porongo, chupado em uma bomba de prata) das plagas gaúchas. Enquanto lá festejava-se com a vaquejada, cá, tem-se o rodeio. Enquanto lá se come uma alambica, aqui se bebe uma alambicada. Contadas as diferenças, uma coisa, entretanto, permaneceu igual – o amor à Pátria. Na singularidade de palavras espontâneas, Quintino, após a vitória, dizia emocionado:

— Minas abraçou o Brasil. Nós estamos conseguindo unir ao nosso potencial a força angular desse polígono que se chama Brasil. Não importando de onde elas vêm, serão sempre bem-vindas as forças que se mostrarem aptas para a reconstituição do país.

O Neném Bobó, filho do fabricante de chinelos Henrique Dias, morador à rua das Flores, onde residia, sozinho, era nessa conjuntura o sacristão da Igreja da Matriz. Estava ali, também, participando da manifestação entusiástica do povo à chegada da Coluna. Por analogia, comandava uma dúzia de garotos residentes nas proximidades do largo da Matriz, à guisa de soldadinhos também. Tinha uma garrucha que fazia medo na meninada. Só que ela, o mais que fazia era espirrar uma fumacinha de

pólvora seca, quando não crefava de todo. Neném Bobó era figura interessante. De pequeno porte, tinha uma ascendência sobre a meninada, a quem munia de estilingues e saía comandando-a em ordem unida. Imitando – por ter acontecido, às margens do rio São Marcos, o fuzilamento de um soldado da Coluna, que agredira a coronhadas de fuzil seu colega Joãzinho Cardoso, quando dormia –, Neném, por analogia, tomava vez por outra uma decisão semelhante. A essa iniciativa do estado-maior da Coluna, que chegara à conclusão que, para manter a disciplina na tropa, seria necessária a punição do infrator com energia, assim também ordenava: que se dessem muitas estilingadas nos infratores da disciplina estabelecida por seu comando. O mais interessante era que, no comando do fuzilamento, usando expressões intermitentes em função de um defeito congênito de pronúncia, dizia, exaltado:

— Cê... cê num tem vergonha mesmo?!... Já mandei uzilá ocê outro dia, e cê num toma juízo?! Uzila este danado outra vez – gritava com vigor.

Daí, o indisciplinado e condenado recebia uma saraivada de frutos de juá-bravo, atirados pelos estilingues da meninada. Munição não faltava. Do lado esquerdo de quem entra na Igreja, havia área meio gramada que era coalhada de pés dos ditos juás. A meninada andava com uma pequena sacola cheia deles.

Neném não manifestava receio de nada. Vez por outra andava remexendo, mesmo à noite, à luz das velas, ossadas de pessoas enterradas no solo da igreja, e que ali se encontravam atrás dos altares laterais. Em virtude disso, a garotada, e mesmo pessoas adultas, consideravam-no homem de muita coragem. Com isso mantinha a ordem no meio da meninada. Joaquim Pernambuco, padeiro da panificadora do Carijó, trabalhando à noite, para dar o pão quente bem cedo, esconjurava, medroso, quando Neném aparecia por lá, pela meia-noite, com uma tibia na mão, rindo como não sei o quê! Sentia-se, na sua mediocridade social, um ser superior. Era feliz por isso. Daí dizer – tenho certeza que diria, se alguém perguntasse a ele – Dom Elizeu, na sua maneira filosófica e extraordinária de encarar a vida:

— Pois é! A felicidade está em cada um. Você não precisa procurá-la. Pode encontrá-la no canto suave do pássaro, que está pousado no ramo alto de uma palmeira que desafia os ventos, ou no escaravelho que dorme por entre os ramos rastejantes do trevo de quatro folhas, que floresce por entre os pedregulhos de uma tapera. O trevo, tanto quanto a palmeira,

sente-se feliz por dar abrigo aos seres que nele pousam. A felicidade, acordada ou dormindo, cantando ou sonhando, está sempre atrelada ao coração de quem a doa e de quem a recebe.

* * *

O Sobradão, já meio carcomido pelo tempo, encerrou com isso uma série de eventos magníficos de que foi peça importante na história de Paracatu. Muito antes, nele hospedou-se, no período colonial, o Ouvidor, com a lendária dona Beija, portadora de exuberante beleza. Quem sabe não fora aí, debaixo do seu teto, forrado por esteiras de taquara, pintadas e envernizadas, que Beija não pedira ao seu senhor Ouvidor, de quem era amante absoluta, a doação do Triângulo Mineiro ao seu patrimônio, conseqüentemente, incorporando-o à comarca de Paracatu?! Será que foi ali, deitada sobre as plumas dos travesseiros perfumados, agasalhada por sedas e *voiles*, que o sonho de ter as terras às margens do Paranaíba fora concretizado? Será?

O velho Sobradão vez por outra geme, ao ser pisado em seu assoalho de tábuas largas, querendo falar sem poder de suas epopéias. Está sempre sufocado pela saudade. Haja vista a lembrança das palavras, que até hoje reverberam em seus cantos escuros e luxuriantes, proferidas por Afonso Arinos, na sua deslumbrante chegada à cidade natal, após anos de ausência. Subindo alvissareiro as escadas, em uma de suas sacadas abriu os braços, como querendo envolver carinhosamente sua terra, começando a saudar o povo que o recebia com entusiasmo:

“Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei...” – não pôde continuar. Ninguém poderia e ninguém desejava ouvi-lo mais. Desejava, sim, tocá-lo, abraçá-lo e não sei o que mais...

Luiz Guimarães, o genial poeta, de cujas estrofes se serviu para iniciar seu discurso, simbolicamente morreu ali, na garganta do orador. Se me fosse dado – diria um ouvinte dessa magnífica recepção – traçar uma ousada análise desse interregno, diria sem receio de cacoetes que a emoção despertada fez com que o poeta guardasse suas rimas maravilhosas para

ocasiões outras. Suas estrofes inacabadas foram engolidas pelo entusiasmo do povo.

Muitos ainda recordavam-se do fedelho, alegre, brincalhão, montado invertidamente em pêlo, no seu cavalo, cabresto de banda, passado apenas uma focinheira, batendo compasso com as mãos na garupa, descendo a ladeira das Maurícias, em direção à chácara de seus genitores, o Sobradão, do outro lado do córrego Rico, na praia do Matadouro, solfejando:

— “Gavião de Penacho...” – ou então – “Deixa está, Jacaré / a lagoa há de secá / Rio Preto há de dá vau / inté pra cachorro passá”.

Mais tarde, lá estão elas, nas páginas imortais de seus livros. São cantigas simples, deliciando seus leitores com estrofes singelas, presentes na boca de seus personagens, vaqueiros do Rio Preto ou do Urucuia.

E assim foi descrito por todos seus biógrafos, como cavalheiro, brincalhão e amigo de seus amigos, o jovial autor do “Pelo Sertão”, “o homem que mais viu do que leu”, frase repetida por quase todos seus críticos literários. Suas descrições, retratando a vida do campesino perdido nos ermos do país, são verdadeiros filmes cinematográficos, documentando ao vivo a vida do campesino perdido nos ermos do país. Foi usando essa expressão que Mário Matos, no seu livro “Último Bandeirante” o classificou. À primeira página, transcreveu, em letras miúdas, uma única lucubração:

“Eu sou o sineiro que sobe à torre para
chamar-vos ao culto da Pátria” – *Afonso Arinos*

Se a vida foi-lhe bela no sertão, ao qual dedicou sua inteligência, a morte foi-lhe extremamente cruel. Sua vida extinguiu-se em Marselha, nas costas mediterrâneas da França, longe do carinho de seus patrícios.

* * *

Volviendo à descrição do levante de outubro de 30, os momentos da luta intestina em Minas foram difíceis. Houve muita resistência por parte das forças legalistas. Sérios embates foram travados, envolvendo tropas do 10º BC, sediado em Ouro Preto, e o 4º Regimento de Cavalaria Divisionária, sediado em Três Corações, onde viera a falecer Djalma Dutra, um remanescente da Coluna Prestes.

* * *

Por uma dessas fatalidades que a história prega, à chamada dos remanescentes do 12º RI, não se apresentou o soldado Manoel Pereira, o Nezinho. Entre os mortos nas trincheiras não constava seu nome. Vários colegas viram-no negaceando à margem do poço. Tinha sido designado para a arriscada tentativa de encontrar água. Como era de seu temperamento desafiar os imprevistos, por mais perigosos que fossem, aventou-se que ele havia, por certo, ido mais longe do que podia. E tornou-se um mistério seu desaparecimento. Uns afirmavam tê-lo visto, de quepe arriado até a nuca, empunhando o estandarte da companhia a que pertencia, galgar o parapeito da trincheira cavada no portão de entrada, por onde divisava o manejo da tropa invasora. E ali, corcoveando por entre a saraivada de balas inimigas, desaparecer. Outros achavam que ele tivesse caído no poço que estava sendo cavado em busca de água. Muitos de seus companheiros haviam sido baleados nessa difícilíssima tentativa. As balas da metralhadora que coriscavam por toda aquela área eram certeiras. O certo é que seu desaparecimento tornou-se lendário.

* * *

Precedido por três mil soldados, em sua maioria gaúchos, Getúlio, no dia 31 de outubro, amarrou o cabresto de seu cavalo no obelisco da praça em frente ao Palácio do Catete, sendo recebido por uma multidão que o ovacionou apoteoticamente. Finalmente, em 3 de novembro, instalou-se o governo provisório, tendo sido empossado à sua frente o revolucionário Getúlio Dorneles Vargas. Afrânio de Melo Franco foi designado ministro das Relações Exteriores, cuja maior incumbência era tornar o governo reconhecido pelas principais potências do mundo de então, o que fora obtido logo na primeira semana.

* * *

Sem saber notícias do sobrinho, Sô Homero tornou-se um montão de tristeza. Nada servia para que pudesse ele encadear uma história, uma palestra, ou um qualquer dedo de prosa, por mindinho que fosse. Nada o entretinha. Nem mesmo a presença de tia Teca aliviava seu pensamento. Estava permanentemente a inquerir ao Supremo Árbitro do Mundo sobre coisas metafísicas. Era uma procura sem par para explicar por que Deus o

havia escolhido para carregar a cruz da ansiedade, roedora da tranqüilidade, que amargura qualquer ente, por mais preparado que esteja.

Tia Teca envelheceu assombrosamente. Os cabelos, muito lisos e brancos, andavam ligeiramente desalinhados, caídos na face, como se fossem uma moldura, mui semelhantes a uma singela cobertura de palhoça triste e desfigurada, fincada no meio de um terreiro cheio de sulcos, cavados pelo perene gotejamento das lágrimas. Vez por outra fazia o esposo chorar, quando ela, nas lucubrações de um mal de Alzheimer em andamento, tinha visões, nas quais conversava calmamente com Nezinho. Palpava-o, ao vento. Abraçava-o, ao vento!... como se ele ali estivesse, mostrando seu sorriso comum, no canto dos lábios vermelhos como miolo de goiaba. Era uma tristeza só, vê-los em alguns casos abraçados, falando coisas ininteligíveis. Tia Teca respondia aos soluços de Sô Homero com suspiros profundos, como se na verdade estivesse a ouvir o eco gutural, compassado, semelhante a uma nota sonora isolada e sozinha, do Socó, gritando lá no brejo. Ou o som cadenciado do pica-pau, beijando o tronco do pau-d'óleo, velho e borocoxô testemunho das brincadeiras da meninada a balançar, penduradas nas tábuas transversais da cancela. O velho arvoredado, encostado ao moirão onde estava o batedor da porteira, com sua sombra, nas manhãs e nas tardes, vestia-a vetustamente, pousando de personagem maior, compondo a paisagem rala que servia de entrada ao grande pátio que ficava à frente da casa.

Vez por outra, o som seco da batida do pica-pau era interrompido. Essas paradas até que eram benéficas aos sentidos de Sô Homero. Sua cadência era insuportável e enervante aos ouvidos. Ele, coitado, nada tendo para fazer, dava conta delas, contando-as nos dedos. Parecia até uma obsessão. Quando paravam, assustava-se! A constância impertinente das bicadas do pássaro pelo tronco seco da árvore era o compasso que pautava a música de seus indefinidos desvelos. O ambiente ficava sonolento. Não fazia fé que, quando espacejava essa labuta, era porque o banquete do dito cujo pica-pau se iniciava. Parado, ajeitando o papo, a pequena ave, fazendo movimentos ondulatórios com o pescoço, ia deglutindo, um de cada vez, substanciosos corós encravados em miríades de pequenas locas espalhadas pelo tronco da árvore. Eles não tinham nem tempo de reagir. Alguns gemiam ao estalar do bico rígido do bichinho, que muita vez, satisfeito, pulava de galho em galho, contorcendo o pescoço para facilitar a descida do manjar com que acabara de se servir. Só se ouvia, a essa altura dos acontecimentos, o murmurar do vento fresco, nas folhas das bananeiras que compunham a

velha touceira, nascida rente à meia-água da casa dos bezerros. Estava passando da hora de ser uma delas cortada, pois seus consagrados frutos de vez já serviam de banquete aos periquitos e jandaias que sempre à tarde vinham beliscá-los. Nesse momento, era tão gostoso ver o velho Homero arriscar um sorriso!... lembrando-se talvez das revoadas desses pássaros no milharal embonecado, onde ia com Nezinho negacear as jaguatiricas, adormecidas ao pé das gramináceas, para papar alguma tiriba mais boba que despencasse dos tênues galhos sacudidos pelo vento, ou uma tovaca descuidada, correndo ligeira por entre o capinzal à procura de nematóides para seu almoço.

Permanecia, Sô Homero, com os olhos fixos, ora nos mamoeiros, eternos pousos das gralhas, lá pelo fusco-fusco do dia, ora como que desejando adivinhar o segredo da clonagem das bananeiras, cujas mães eram sacrificadas para que nascessem seus filhos. É a sábia natureza provando todos os dias, em todas as horas, o sacrifício amoroso e gratificante de um ser pela conservação da espécie. Apontado que fosse o fruto, a morte da mãe estava selada. Era, ainda, deslumbrante ver-se pendurados, estes, quando maduros, aglutinados em cachos. Suas pencas em racemos estavam acomodadas, umas por cima das outras, assemelhadas a vagas, que, suavemente cadenciadas, ondulam a superfície calma dos lagos de mansas águas. Quer eretos, quer inclinados pelo peso de seus cachos, com plena consciência de seu sacrifício, conservam sempre suas folhas novas, como palmas, voltadas verticalmente para os céus em perenes preces. Era como que se estivessem elas agradecendo a Deus, por ter-lhes proporcionado a ventura de saciarem, com doçura, todos os entes da terra e do espaço que de seus frutos e de seus abrigos viessem locupletar-se.

Padre Joca, em seus arroubos oratórios, costumava, ao término deles, perorar: “é dando que se recebe.” Diante disso, o padre tremia ao lembrar-se dos devaneios da mocidade, ficando a pensar consigo mesmo: “Será que São Francisco andou pregando debaixo da sombra das musáceas? Será?” Inda bem que essa bela figura literária costuma, também, calar profundamente no âmago dos seres que andam à procura da verdade. Lembrando das tertúlias, nos seus dezesseis anos, não menos, nem mais, moço ainda, com cheirinho de cueiros, como diziam, reunidos aos demais jovens nas vendas da velha Orapronóbis, a debater assuntos metafísicos, parecia ouvir o professor Zeca afirmar:

“Vejam só! Examinem bem. Não é dando dólar aos povos do terceiro mundo que o Tio Sam poderá vir a receber deles o sangue dos miseráveis,

em forma de trabalho escravo, gerador de juro escorchantes, subsídios para dinamizar sua alta economia? Pensem nisso.” Todos nós, seus ouvintes atentos, levávamos para casa a interrogação que alimentava a nossa insônia.

Tia Teca, a essa altura, vendo os olhos de seu velho brilharem por dentro das fortes lentes de seus óculos, encostava carinhosamente a cabeça em seus ombros e, assim enovelados, ficavam por muito tempo mudos. Voltando a sentar-se em sua cadeira de balanço, à varanda, vez por outra lambia os lábios murchos, molhados pelas lágrimas que impertinentes desciam pela pálida face, carambolando por entre os sulcos abertos, eternos marcadores, cada um contando uma história, muitas delas de sofrimento e de dor, inexauríveis termômetros medidores da vida. Nem bem sentava-se, levantava-se inopinadamente e dizia:

— Tá li, Nezinho! Pode atirar! – mostrando com o dedo a miragem que no seu cérebro se concretizava de uma ave, a se aninhar por entre feixes invisíveis de garranchos secos.

Outra hora, estava debruçada, limpando as espingardas de seu filho, como ela dizia. Nunca esquecia, embora a doença não a ajudasse a memorizar, era do trato à cachorrada, que agora mais que nunca aprendera a caçar sozinha. Muita vez, levantava à noite, fazendo Sô Homero abrir a porta da frente. Ouvira – soletrava – um toque de buzina e o uivar dos cachorros. Na verdade, o que ouvia era o sibilo do vento, soprado por entre as imperceptíveis frestas na porta, feita grosseiramente de tábuas costuradas de calhas transversais. Apertando os olhos para enxergar melhor, levantava os braços horizontalmente e mostrava ao esposo:

— Olha lá!... – apontava, com o indicador em riste – cê tá veno? Tão latindo e uivando em torno de um cavaleiro cavalgando um animal ruço, rodopiando sem parar. Será que é... – interrompia, apertando mais as pálpebras, resmungando – a fumaça dessa queima de estrume quocê manda fazer todas as tardes para espantar muruim tá me escorvando de ver meu menino... Gente num pode ver quase nada!...

Boa Vista, o cão líder absoluto da matilha, ante a porta aberta, procurava chegar mansa e silenciosamente, beirando a cerca do jardim, balançando seu toco de rabo. Olhos remelentos, pela agressão sofrida pelo forte vento, como se estivesse a chorar, queria porque queria enfurnar-se por entre as pernas de tia Teca, agasalhando-se debaixo de sua rala vestimenta de dormir. Como tia Teca mandasse o cão aquietar-se, colocando a barra da camisola entre as pernas, o danadinho do bicho lambia-lhe as

mãos, procurando receber carinho em retribuição. Sô Homero, à princípio, botava a mão na testa, à guisa de pára-sol, tentando distinguir alguma coisa concreta. Que os cães estavam magnetizados, estavam. Não havia dúvida. Mas... no fundo... no fundo mesmo, não cria em aparições sobrenaturais. Poderia ser um viandante noturno que passava por perto, pela estrada real que corta o pátio da frente, rumo ao vão do rio Aldeia, dando motivo aos cães de ficarem agitados. Ou mesmo uma coruja mais atrevida que inventava pegar ratos no paiol, fazendo vôos rasantes, descendo em seta aguda, despencada da moita de bambu que havia, beirando lateralmente a cerca que contorna o pátio. Num mergulho, pra lá de fincada, era mui difícil que não volvesse aos ares com uma presa por entre as garras, chiando que nem caneca com o fundo molhado, quando colocada na chapa do fogão de lenha na hora de esquentar o café.

Essas figuras vistas por ela daquela forma, cavavam amarguras imensas a quem estivesse ali, privando de sua intimidade. Fazia dó vê-la nesse estado, comparando com a mulher brava que há pouco se via, trabalhando de sol a sol na administração da sua fazenda. Sô Homero, ciente de que era só miragem, concordava com ela. Engolindo em seco, abraçava-a carinhosamente e guturava:

— Tá frio! Venha pra dentro! Escuta!... prô cê vê. O vento tá nos dizendo que ele tá aproveitando a lua pra caçar o caititu qui anda cumeno e estragano o mandiocal, que te contei, lá pru lado da roça nova, perto das mangueira da palhada – e, carinhosamente, concluía: — Manhã de tarde falo cum os menino pra num pô fogo no esterco, móde num atrapaiá a sua visão, tá? Tamém se pegá o caititu, temo churrascada amanhã, cê vai vê. Tá frio!...

Assim, claudicando, escorando na perna direita o corpo da esposa, iam andando: pré lé... pré qué... pré lé... qué... té, arrastando os velhos chinelos amigos das noites insones, quando levantavam-se para dar uma andadinha pelo quarto, ou írem ao oratório tecer uma ave-maria prolongada, até que o sono viesse bater de novo em suas portas. Aprendeu até a puxar fumaça em seu cigarrinho de palha, feito com capricho pelas mãos trêmulas de tia Teca. Ela os enrolava tão carinhosamente, medindo, palha por palha com os dedos, para que todos ficassem do mesmo tamanho. Fazia um chumaço, à guisa de filtro, “para reter o sarro”, dizia ela. Empacotava-os em maços amarradinhos com fios da mesma palha. Esse manuseio provocava-lhe uma tossezinha danada, pelo cheiro forte do fumo. Vez por outra, para atenuá-la, sorvia uma colher do mel da jataí, criada numa cabaça

pendurada ao teto da varanda que circunda a casa, “pru móde as formigas”, como dizia ela. Era, entretanto, seu passatempo, entretenimento para ver, não para sentir, a vida passar. Vez por outra ainda, sentia a visão baralhada e reclamava de seus óculos, que não lhe davam condições sequer de enfiar uma linha numa agulha. Como continuar fazendo as capanguinhas de brim, onde colocava o solimão, para os batedores de pasto se livrarem de bichos ruins? Não se conformava. Inda bem que havia um rádio à pilha, que às vezes dava pra pegar estações do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Substituía o maior quando faltava energia, por pane no sistema gerador que alimentava a fazenda. Vez por outra, turbulências desencadeadas na atmosfera, interferiam substancialmente nas programações, e o jeito era apagar o lampião da sala e procurar repousar mais cedo. Assim, tia Teca pegava no sono primeiro, deixando Homero com seus pensamentos, que às vezes batiam no teto da descrença, enovelando tudo, a tempo de perder as esperanças de haver uma outra vida, que pudesse oferecer-lhe condições de novamente encontrar seus entes queridos desaparecidos. Padre Joca fazia-lhe uma falta!...

Nas tardes de verão seco, cujo vento soprado do nascente queima a pele exposta, era comum chegar para pedir pouso um vaqueiro de fazenda vizinha, à procura de algum marruá desgarrado, farejando alguma fêmea em estado de cio, do outro lado dos boqueirões abertos pelas enxurradas.

Nessa oportunidade, era hora de Sô Homero jogar conversa fora, batendo papo até tarde da noite, com o fim de esquecer as coisas tristes de sua vida.

Com o correr do tempo, essas estórias transformaram-se em candentes lendas, contadas à beira das fogueiras que, estalando as achas de angico vermelho, serviam para aquecer no inverno rigoroso os peões agachados em seu redor, pitando seus pitos de fumo de rolo, tramando dedos de prosa pela madrugada adentro. Raro não era algum, entre eles, ter um estremecimento diante de um relato mais concreto. E sentir-se parte dos que já haviam visto o menino Nezinho, escaramuçando um touro bravo, cavalgando rente ao seus chifres, pelas madrugadas frias do inverno forte nessa beirada de restinga... Na maioria das vezes, estava montado no seu cavalo Estrela. Aparecia sempre, por ocasião das tombadas da Lua, esconde não esconde, por detrás dos arvoredos, com medo da aurora prestes a chegar, galopando por entre os montes.

Ninguém cria na morte desse jovem que era a alegria da fazenda. Muitos diziam estar ele pronto a aparecer de uma hora para outra. Sem que

ninguém estivesse esperando, ele havia de surpreender a todos, chegando com seu sorriso costumeiro. Vez por outra, era costume ver um peão levantar-se, noite escura, lamparina na mão, para ver quem havia aberto a cancela do curral. Era de arrepiar os cabelos ouvi-la ranger-se e, solta, estrondar no batedor.

— Quando lumiei na direção dela, tava ela lá quieta, qui nem túmulo no cemitério – dizia o Bolinha, peão de porta.

Algumas vezes, continuava ele a falar, benzendo-se todo:

— Era o monjolo fazendo chôo...oo... escorrendo a água da caixa, batendo surdo a sua mão no pilão... Eu ia vê, tava ele empinado, amarrado e escorado...

A fazenda, tornou-se de mau agouro. Já não havia muita procura de serviço por parte dos peões da redondeza. Os canaviais perfilavam-se e soltavam pendões, passando da hora de cortá-los para realizar as moagens. Luís vaqueiro andava bamboleando o corpo, sem vontade de nada, mancando de uma perna, matreiramente, olhos fixos no chão, atrevidamente indiferente ao desenrolar das atividades normais de uma fazenda que era o empório daquela redondeza.

Em alguns pastos, o caruru-de-porco já começava a botar medo. Tomava conta e matava o capim outrora vicejante. Nas bordas dos resfriados, a tiririca dançava por entre as moitas do capim-navalha, prestes a assaltá-las. As samambaias de folhas crespas andavam botando banca nos barrancos erodidos, afugentando o capim-meloso que floresce nessas encostas úmidas. Vez por outra era um lance de cerca de arame farpado rebentado, dando vazão para que os animais de custeio se misturassem ao gado macho, solto nas invernadas de engorda.

Sô Homero, mesmo sufocado pelas emoções, derivadas das recordações de outros tempos, em que o entusiasmo batia forte com a vontade de crescer, mandava arrear seu baio preferido e, embornal de couro na cabeça da sela, contendo martelo, “truquez” e pregos de arame, saía margeando os tapumes da fazenda, consertando aqui e ali cercas arrombadas pelo gado. Não que fosse preciso, pois mantinha peões na fazenda destinados a essa manutenção. O que importava para ele é que se considerava, embora já sem forças, pela idade avançada, uma pessoa capaz de realizar um dos trabalhos mais importantes da fazenda, que era conservar suas divisas fechadas. Assim, o trabalho da propriedade tornava-se mais ameno, longe das invasões por parte de gado da vizinhança. Era salutar para a vacada de

leite que houvesse sossego nas pastagens, para que pudesse segregar maior quantidade de leite.

Cavalgando a passos lentos, ia se distraindo, ora com os enxames de borboletas saltitantes nas coivaras, onde aproveitavam a madeira velha carcomida, cheia de cogumelos orelha-de-pau, para botar seus ovos. Ora eram bandos de emas, desfilando com seus filhotes, pelo descampado, a sacudir as caudas de penas longas. Pareciam artistas treinadas para realizar coreografias ensaiadas, as mais gratificantes, ritmadas pelos seus trotes desajeitados.

Veza por outra, sem perceber, a tarde pegava-o longe de casa. E a noite, sem dar-lhe satisfação, chegava de espanto, cobrindo a estrada com seu manto. Não lhe trazia, entretanto, pânico. Volvia a rédea da montaria com sofreguidão, como se estivesse acordando de um sono pesado, multicolorido de sonhos de juventude, que naquele momento parecia não muito distante. Era como se naquele instante fosse arrebatado numa onda de jovialidade adolescente. Não dando outra, bambeava a rédea e soltava o baio. O instinto do pingo tinha lhe falado que estava, sim, na hora de voltar para casa. Não havia necessidade, pois, de dirigi-lo – trotava pelas trilhas do caminho como se estivesse andando em estrada larga. Era comum deixá-lo à vontade, bambeando mais a rédea. Nesse caminho, o silêncio era bravo. Ouvia-se exclusiva e perfeitamente só as batidas compassadas dos cascos do cavalo, num andar suave, que nem fazia o cavaleiro mexer sobre a sela. Para espantar os muruins, que atacavam em ondas concêntricas, voando em seu torno, acendia o pito companheiro. Dando profundas tragadas, soltava a fumaça mais rente às orelhas do baio, que entesava-as e as abaixava, em ritmos compassados, com o fim de ajudá-lo a espantar as mutucas impertinentes. Muita vez, chegava em casa com as estrelas já virando na calota do céu. O que mais o preocupava era pensar que tia Teca poderia estar incomodada com sua demora. Ao mesmo tempo, sentia-se confortado em saber que a tinha deixado sob os cuidados de Zabé, a companheira de todos os momentos.

Bolinha, já o esperando no meio do pátio, quase morto de aflição pela demora, logo que os quero-queros gritavam no pasto de frente, corria a anunciar a tia Teca a boa notícia. Parece que ela não havia aquilutado o tempo decorrido entre a partida e a chegada do esposo. E, como se estivesse recuperado a memória, naquele instante, gritava com as empregadas para arrumar o banho. Ela mesma, já com os chinelos na mão esquerda, acenava

com a direita, mandando Zabé colocá-los na porta do banheiro. Era outra pessoa. Era a tia Teca que todos admiravam pela sua enérgica maneira de gerir as coisas. Nada lhe escapava do olhar. Corria o dia todo, ora dando ordens, apontando as latas de café que as mulheres estavam colhendo. Ora fiscalizando sua secagem nos terreiros, ora verificando a salga da manteiga na fábrica, para não passar do ponto. Ora eram os queijos que necessitavam ser lavados, ora, ainda, ora, muito mais! Sem falar nas tachadas de doces, na torração da farinha, no cuidado na postura das galinhas, que eram muitas, algumas presas no aviário e, a maior parte, soltas pelo cafezal do fundo da casa. Havia ainda a preocupação de mandar o Chico Cabaú, velho peão de porta, criado na fazenda, alimentar os marrecos que grasnavam às margens da represa, com a quirela do arroz pilado que ele todos os dias soprava na beirada do monjolo. Era uma tarefa de rotina catar os marinheiros que ficavam na peneira, junto à quirela miúda. Isso era trabalho de paciência.

Sô Homero, já feita sua terapia, com o trabalho executado, cabeça leve, em face da disposição demonstrada pela esposa, sentia a esperança bater de novo em sua porta, trazendo-lhe a cura. Essa alegria, entretanto, durava poucas horas. De repente, casa envolta no manto do silêncio da noite, quando tudo se aquietava, as miragens voltavam a turvar seus pensamentos. Era como se uma cortina descesse, ao término de uma peça teatral, fechando definitivamente o palco. A orquestra da esperança desanuviava-se. Os músicos já haviam guardado seus instrumentos. Os personagens, engolidos pela compreensão ou não do público, retiraram-se. Restava apenas o “amarra-cachorro”, que limpa os camarins, preparando-os para a próxima apresentação. Outros personagens iriam, sem ninguém conhecê-los, assumir os postos, para novas cenas desenrolarem-se. Quem sabe, com o tempo e ajuda do Santíssimo, a normalidade não bateria de novo à porta de tia Teca, transformando-a na pessoa que conhecera tempos atrás...

* * *

Retornando de Uberaba, onde fora cumprir obrigações, pelos passamentos ambos no mesmo dia, padre Joca sentia-se como perdido no tempo e no espaço. Era golpe dos mais profundos para ele. Sentia-se culpado de não ter ido antes, quando ainda sua irmã encontrava-se enferma, para levar-lhe o carinho que julgava teria lhe sido benéfico, se assim tivesse acontecido. Culpava-se de ter se envolvido por demais com os problemas

relativos à paróquia, que desde os últimos acontecimentos encontrava-se acéfala. Sentia-se na obrigação de orientá-la espiritualmente, embora tivesse-no proibido de exercer suas obrigações sacerdotais de rotina. Mesmo assim, mantinha-se fiel à Igreja, não deixando, contudo, de manter sua condição de sacerdote liberal. Compenetrado de seus deveres cristãos, ia à Matriz, todas as manhãs, rezar o seu breviário. Alexandrina não sabia mais o que fazer. Embora também tivesse recebido o golpe na carne, era toda um só zelo. Usava de todo o carinho possível com tudo que pertencia ao irmão, na esperança de, com isso, poder suprir a falta que lhe faziam os entes que partiram, sem dizer-lhe pelo menos adeus. Já havia mandado recado para seus amigos da chegada do irmão. Professor Josino foi o primeiro a vir cumprimentá-lo, seguido de perto pelo farmacêutico Emídio. Suas presenças agiram como um bálsamo derramado na alma do padre.

Alexandrina estourava de contentamento. Nunca imaginara que a presença dos amigos pudesse trazer, como na verdade trouxe, a conformação que o irmão necessitava. Combinaram que, cada um, em cada dia, o visitaria, nunca deixando-o muitas horas sozinho. Devagarinho, palpando aqui, palpando ali, sentiram que o amigo era mesmo duro, igual osso, de roer. Desencadearam então uma série de comentários, que iam dos acontecimentos rotineiros da cidade até os políticos nacionais. Os acontecimentos de 1930, por certo, foram os preferidos. Estavam sempre na pauta os desencontros do governo Getúlio. As demissões em massa descontrolaram a burocracia do país, colocando em postos-chaves da União elementos despreparados para exercer funções de relevo. Com a morte inesperada do presidente Olegário Maciel, a política mineira desarticulou-se. Com ela a dos demais estados, uma vez que a base da Nova República estava alicerçada nela. Getúlio, por sua vez, encolheu-se. A oposição dizia que ele se encontrava tomando ares nas termas mineiras. Outros afirmavam que ele estaria recolhido no Catete, desenvolvendo os projetos de recuperação da economia do país. O certo é que o político sagaz já despontava, com intenção clara de concentrar o poder em suas mãos. Era preciso deixar a poeira assentar, dizia. Daí que o professor Josino, saudosos que já se encontrava de questionar proposições sociológicas com seus amigos, deixou escapar uma interrogação que o atormentava havia muito:

— Como é que é, meu amigo – dirigindo mais a palavra a Sô Emídio –, veja o que você vai achar da proposição que vou fazer: o Movimento de 1930 teria sido vitorioso porque pregou a ruptura do modelo arcaico, que teimava em manter uma economia ligada aos monopólios e aos bancos?

economia essa alicerçada à monocultura do café? cujo valor era a moeda que servia para a realização dos negócios internacionais? e que nessa época seu valor despencava na bolsa londrina? Ou porque eles, os empresários da época, desprezaram a força de quem geria a riqueza nas fazendas, os operários? estes, já pondo as manguinhas de fora, incentivados que eram pelas pregações socialistas? ou pela sofreguidão com que o povo a recebeu, como meio de libertar-se dos arrochos que as oligarquias usavam teimosamente para se sustentarem, baseados no trabalho quase escravo da força do imigrante, que não tinha outra alternativa?

— A nós outros, Josino, convém lembrar que o padrão estrutural continua a oferecer, em outros termos, a mesma cantilena da República Velha – objetou Emídio, para quem foram dirigidas as interrogações. — A ditadura do dinheiro foi substituída pela da opressão, que usa a mesma faceta. O massacre ideológico do povo tornou-se moeda corrente de opressão. O lema passou a ser o culto à personalidade, que anda galopando nas plagas brasileiras, a exemplo do nazifacismo, espelhado no stalinismo que devorou os redutos de liberdade democrática em todo o Velho Mundo. Já em 1929, Joseph Vissarionovich Dzhugashvili, usando o pseudônimo de Stalin (homem de aço), expulsou Trotski da URSS, obrigando todos os outros membros do partido a fazer suas respectivas autocríticas, impondo-lhes sua orientação férrea. Por aqui, não é só o pobre que anda na alça de mira do DIP, esse órgão de repressão recém-criado: também o rico o está, bastando não ler ele em sua cartilha, que devia ser decorada também por todo o povo. Conclusão: a oposição usou todas essas armas que você mencionou e pulou no poder para benefício próprio e, não encarando o que a Nação precisava para desenvolver-se, como explanado na plataforma política da Aliança Liberal antes do pleito.

Concordando com as palavras do amigo, professor Josino, salientou:

— Veja você, a “Hora do Brasil”, criada há pouco, esgota seu tempo obrigatório a enaltecer o governo. As estações de rádio, quer estejam nas capitais ou nas bibocas do país, são obrigadas por lei a interromper suas programações normais para atender ao Departamento de Informações e Propaganda. Até os cinemas são obrigados também a passar, antes dos filmes, os documentários enviados pelo DIP. A imprensa mantém suas publicações sob rigorosa fiscalização da censura oficial. Na direção dos governos estaduais, foram empossados interventores, verdadeiros títeres do poder central. Gente despreparada para administrar, para não dizer, quase analfabeta. Incapaz de distinguir em uma locução a diferença entre

cuíca e quiçá. Os cultivadores da história da filosofia, no ramo da sociologia, já definiam, segundo Platão, que tudo pode cair por excesso de base.

— Concordo — tornou o padre, que, até o momento, não havia entrado no mérito da questão.

Padre Joca estava só “manjando” os conceitos do professor e do farmacêutico. Seu silêncio era para os outros. Para ele, intimamente, não. Manifestava-se muito bem. Para quem o olhasse de perto, não era difícil observar uma única ruga na testa, responsável por isso, que crescia à medida que o assunto lhe interessava mais. Daí, lembrou-se:

— Tá qui, no volume do “Notas de um Diarista”, de Humberto de Campos, um exemplo — agarrando o livro que se encontrava no alto da estante, sem abri-lo. — Tá qui escrito. Um exemplo chegando na hora.

Como já o tinha lido recentemente, passou a relatar:

“Camille Desmoulins, empolgado pela Revolução, saindo de sua província, onde advogava, resolveu navegar nas asas da tirania robespierriana. Pelas páginas do ‘Révolution de France et de Brabant’, acendeu a chama das sentenças do ‘Comité de Salut Public’. Abriu-se um abismo à sua frente e, vendo suas vítimas a caminho da guilhotina de Robespierre, danou a gritar pelas ruas: — O assassino sou eu!

“Tentou acalmar o populacho nas colunas de ‘Le Vieux Cordelier’, porém, já seria tarde voltar atrás. Os companheiros, decepcionados, açularam o povo contra ele que, sanguinariamente, desprotegido de toda condição de reflexão, passa a gritar: — Traidor! Traidor!”

E assim concluiu o padre seu comentário:

— Desmoulins pagou com a cabeça a tolice de não haver escutado o ser humano que se encontra em cada um de nós.

Volvendo esses acontecimentos para o presente, uma profunda reflexão paira no ar, fornecendo material para uma sucinta análise. Assim, a revolução que prometia ser a “salvação da pátria”, caminhou lentamente, claudicando em 32, 34, 35, 37, esborrachando-se em 1945. Em cada uma dessas datas, inventaram-se as quarteladas, para construir a pirâmide da concentração de poder, que, no final, cedeu por excesso de base. Deixou uma herança difícil de ser digerida. Seu espólio ainda não foi de todo inventariado. Começando em 22, estourou em 1964. Em cada passagem, espoucaram champanhes, esquecendo os mortos que, insepultos, ainda hoje andam vagando na história do país, como fantasmas propulsores de novas

inquietações. Ficaria muito bem, numa adaptação esplêndida, a seguinte locução:

“Muita vez, o *champagne* que se bebe pelo sofrimento alheio tem gosto de pranto. O sangue dos heróis mortos, sejam eles das facções que forem, amigos, adversários ou inimigos, tombados no campo de batalha, porque uns e outros eram brasileiros, era sangue de brasileiros, era sangue da Pátria.”

Assim se expressou Caxias, quando propuseram-lhe erigir uma estátua sua, por haver subjugado a Revolução de 1835, impondo que a comemoração não fosse festiva, e se limitasse a um “Te Deum” solene pelas almas de revoltosos e legalistas tombados no campo de batalha (relatado por H. Campos, em *Notas de um Diarista*).

Veza por outra, esses mortos-vivos aparecem soletrando temas de turbulência na boca de inconformados oradores de TV. Mostrando eles a bandeira, ora capitaneada por uma intentona de 35, ora com a revolta do 3º RI, sediado no Rio de Janeiro, tentam envolver as forças vivas do país, para, tão-somente tomando suas rédeas, locupletarem-se como todos vêm fazendo até o presente.

* * *

Animados estavam os três amigos, numa ruidosa prosa, trocando idéias. Emitiam-nas mui proporcionais ao sabor do licor de pequi que Alexandrina havia curtido e trazido, costumeiramente com o carinho com que revestia as coisas relacionadas com o irmão, a quem dedicava extremo afeto. Quando acontecia isso, as locuções tornavam-se mais rebuscadas, os adjetivos bem ordenados e entusiastas. Nem contavam horas. Tinham pouco valor na sua contabilidade. No ícone débito-crédito, sempre aparecia o saldo positivo, mostrado numa periódica que, após a vírgula, nunca acabava. As infinitas satisfações íntimas os ajudavam a se sentir próximos a uma vida espiritual sadia. Para eles, o tempo era simplesmente o tempo – um substantivo que peneirava pelo espaço, abstratamente, abusando dos relógios, que implacavelmente rodam seus ponteiros por muitos odiados.

Nessa oportunidade, chega o adolescente Jarbas, aprendiz de boticário, com uma carta para Sô Emídio. É que havia, lá na farmácia, um portador de Sô Homero, esperando para retornar à fazenda, levando medicamentos para tia Teca, que andava meia cambeta, pois havia levado uma queda quando colhia ovos no galinheiro da fazenda. Estava que nem podia se mexer. Para a cama, só se fosse carregada, passando o dia, coitada,

imobilizada em sua cadeira de balanço, eterna companheira de meditações, e agora também de sofrimentos e de dores.

— Ainda isso?!... — espantaram-se. Todos eram compadres de Sô Homero. Permaneceram calados por alguns minutos, cabisbaixos, lastimando-se, interiormente, cada um, a pendanga pela qual o amigo deveria estar passando, longe dos recursos necessários ao tratamento da esposa.

— Êta tombo danado — disse o professor. — Agora estamos comprometidos de visitar o compadre.

Combinaram, então, marcar ali uma data para ir ao encontro do amigo.

— Não carece de afobação — concluiu o farmacêutico, após ter tomado ciência do caso, pelas informações contidas na carta do compadre: era coisa de tratamento a longo prazo. — Essas luxações — disse ele — doem muito mais que uma fratura e costumam demorar muito tempo para sarar, dependendo muito mais de repouso do que de medicamentos.

Dava, portanto, para esperar Hipólito Jordão, o Tim, proprietário do único carro de aluguel, naquela ocasião, na cidade, que tinha ido a Cristalina e deveria voltar no dia seguinte.

— Mas poderia ter trincado algum osso — disse o professor — e o médico deveria dar seu parecer, embora que nem raio X tenha, nem lá, nem aqui na cidade. Dr. Maneco, num é porque é meu parente, mas parece qui tem raio X nos olhos. Nunca vi. Haja vista o caso do netinho do prefeito Chico Pinheiro, que apareceu doente e foi levado para Belo Horizonte às pressas. Já tinham mandado buscar no avião do aeroclube o Dr. Maneco na fazenda Olhos d'Água, onde se encontrava. Como a criança estava muito mal, e seus pais nervosos ao extremo, resolveram precipitadamente mandá-lo para a capital em táxi-aéreo. Chegando à cidade, Dr. Maneco, ouvindo o relato dos sintomas, diagnosticou, de cara: “É tétano.”

— Mas como!? O menino não tem um ferimento e nada! Como pode ter isso acontecido!?... — perguntavam-lhe os familiares do garoto.

“Em Belo Horizonte, ficou ele sob os cuidados do Dr. Souza Lima, correligionário de partido do prefeito Chico Pinheiro (udenista, mais tarde prefeito da capital) que, atenciosamente, se interessou pelo caso. Após uma série de exames, três dias de sofrimento da criança internada em um hospital da região do Barro Preto, chegou-se à conclusão de estar ela, mesmo, com tétano. Houve um reboliço no hospital onde ela se encontrava internada, por ser uma maternidade. As freiras que administravam a

maternidade queriam porque queriam que a criança fosse removida para hospital de isolamento. Nesse interregno, a criança, não suportando, viera a falecer. Antes, o Dr. Souza Lima descobrira um pequeno ferimento no calcanhar do garoto e fizera uma cauterização no ponto, que possivelmente fora interpretado como o local por onde o anaeróbio havia se introduzido. Tudo, porém, fora feito em vão.”

Essa situação veio demonstrar quanto o médico, caldeado no sertão – sem recursos, a não ser simplesmente a convivência com doenças de todo gênero, com a criatividade e as longas noites maldormidas, em cima dos compêndios de medicina, estudando 24 horas por dia, malremunerados, pois muitos pacientes não podiam pagar uma sequer consulta, por mais barata que fosse – trazia a calma, a solução para aflitos problemas da comunidade com, e unicamente com, seu saber. Eram na verdade sacerdotes. E dos bons. Em Belo Horizonte, levaram três dias fazendo exames de laboratório, para um diagnóstico que cá já se sabia. No mais recôndito sertão, um médico, só pela descrição dos sintomas do paciente, em dois minutos, dava o seu parecer, ficando a dúvida: não teria a criança escapado, se fosse tratada a tempo? Embora o tétano seja uma infecção produzida pela toxina de um bacilo extremamente virulento, houve um caso de cura na cidade, na pessoa de um filho do senhor Joel Batista, o Adalberto. A dúvida magoou por muito tempo os familiares da criança, falecida em Belo Horizonte, fonte dos maiores recursos médicos.

Com essa explanação, acharam todos que deveriam convidar o Dr. José Neiva para irem juntos até a casa de Sô Homero, na fazenda. Estrada de terra, gastavam-se duas, duas e meia horas de viagem. Dava muito, saindo cedo, para passar a tarde lá e voltar ainda com dia claro. Havia um atalho que Tim conhecia bem, lá para os lados da fazenda Capoeira Grande, onde seu proprietário, Sr. Sílvio de Melo, havia feito um pontilhão por sobre uma grota profunda que havia a uns duzentos metros após o curral, encostado na residência dele. Era vantajoso passar-se por ali, pois não só encurtava-se caminho, como era sumamente agradável um dedo de prosa com uma pessoa que Sô Homero considerava seu melhor amigo. Dona Marieta, nem se fala: estava ali, sempre com o café pelando, monitorado por um requeijão fresquinho e quente “garrando na colher, como puxa de rapadura”.

Dia seguinte, pois, estavam todos serelepes e muito excitados com a viagem. Pareciam crianças que tinham ganho como presente um brinquedo especial. Como havia muito não participavam de uma excursão, isso virou festa. Muniram-se de alguns apetrechos, como os infalíveis bonés, maletas de mão com alguma camisa de troca, botinas em vez de sapatos, e os deliciosos pastéis de queijo e carne que Alexandrina havia preparado, enrolados em papéis impermeáveis, colocados no embornal de couro, velho companheiro do padre em suas longas viagens. O problema é que, na primeira légua andada, a mão do padre já afundava no embornal, à procura de um lenitivo para seu estômago.

Logo que subiram a serra da Boa Vista, pararam na fonte de água que brota no meio da rocha de uma grande altura. Foi uma festa. O padre já estava acostumado com aquela dádiva de Deus, que por toda parte era encontrada, durante suas viagens a cavalo para tudo quanto é canto, cumprindo suas desobrigas. Costumava dizer, ao encontrá-las, que eram “a fonte da vida”!

Desceu do carro, bem não tinha parado e, serelepe, foi logo de encontro ao local onde o filete grosso de água brotava. Primeiro que todos, benzeu-se. Em seguida, levantou os braços e agradeceu a Deus. Depois, mesmo sem sede, pois o Sol acabava de mostrar a cara, lavou o rosto. Encheu as mãos unidas em concha e sorveu vagarosamente. Ninguém falou nada. Ficaram apenas contemplando aqueles gestos – era um adulto mui parecido a uma criança que encontrava seu brinquedo favorito. Diante daquele quadro, chegaram à conclusão que, de fato, aquele fenômeno era uma dádiva, daquilo que consideravam, entre as maiores, uma manifestação da presença de um Ser Onipotente, que convencionalmente batizamos com o nome de Deus. Em seguida, todos o imitaram, colocando as mãos em concha, enchendo-as da boa água cristalina, resolvendo tomar alguns goles.

Logo em seguida, para não perder o andor, iniciaram a caminhada. O motorista, velho admirador e conhecedor do trajeto, ia que nem chefe de trem, enumerando as estações por onde passava a maria-fumaça, dando nome às fazendas que ficavam ora à margem da estrada, ora até onde a vista alcançava. Do lado esquerdo, lá naquelas bibocas, estava o Pereirinha. Adiante, à esquerda, o Quebra-Eixo. Bem mais adiante os Poções e a Alegria, onde deveriam deixar a estrada de Cristalina, voltando à direita no rumo dos Rocha. A passagem no Bom Sucesso foi uma coisa maravilhosa aos olhos espantados dos passageiros. O pontilhão tinha sido levado pela enchente de dias anteriores. O córrego ainda estava bem volumoso. O bom

é que ele corria muito e seu leito era de puro cascalho, não havendo pois, perigo de atolamento. Enquanto Tim preparava o carro para a passagem, retirando a correia do ventilador para que a hélice não jogasse água no distribuidor, resolveram chegar até a casa da sede da fazenda, que ficava a duzentos metros, mais ou menos, num lance bem apumado.

* * *

O padre chegou, botando a alma pela boca, segundo o professor Josino. Foram alegremente recebidos pelos seus moradores e ali tomaram mais uma xícara de café passado na hora. Não havia meio de recusar a oferta, sob pena de proporcionar uma desfeita à dona da casa. Esbugalharam os olhos quando viram os bois que se encontravam presos no pasto de frente berrarem, fungando em torno de um mourão. A estória, muitas vezes repetida, fora mais uma vez contada pelo vaqueiro que havia chegado ali naquela hora, pois andava, naquela manhã, à cata de uma novilha de primeira cria que não havia comparecido ao custeio. O padre, então, ficou mais careca ao saber que o tronco, fincado ali no morro, era o lugar de sangrar os bois para corte. Benzeu-se escondido dos olhares dos amigos.

Ouvindo os gritos do motorista, despediram-se e desceram a encosta em rumo do automóvel.

Tim foi logo avisando:

— Vou subir um pouco a ladeira, e vocês se agarrem bastante à lateral do carro. Temos que passar de uma vez. Se o carro parar no meio do córrego, ele apaga, e aí só sairá com a ajuda de uma junta de bois.

“Embalou, pois, o fordeco e tacou o pé no pedal da gasolina” – contava horas depois o padre, ainda cheio de emoções.

O empreendimento fora um sucesso. Houve gente que ficou tão tensa nessa travessia, que já na outra margem procurara o rosário onde debulharia umas contas, não o encontrando, pois caíra no assoalho do carro, pulando de sua mão. “Não precisa dizer quem foi” – disse mais tarde o farmacêutico. “Só podia ser o sacerdote” – disse o professor. Só ele mesmo é quem carregava sua ferramenta de trabalho que era o rosário, onde rezava seus terços. Permaneceram bem calados, até o motorista, em respeito ao padre amigo.

Passaram, felizes, avistando as Crioulas e, enfim, chegaram para descansar em Capoeira Grande, de olho na mesa de café de dona Marieta de Sô Sílvio, muito propalada pelo Tim, seu velho freguês.

A vacada de custeio ainda estava no curral. Sô Sílvio foi logo cumprimentando:

— Puxa! Cês num falam mal da casa. Chegaram bem na hora para saborear o leite gordo da Laranja, a melhor vaca que tenho no curral, que sempre fica por último para ser ordenhada, com a finalidade do consumo de casa.

Embora o Sol já houvesse caminhado um bom pedaço de um céu muito azul, ainda o ventinho fresco da manhã fustigava as faces de nossos heróis.

Não teria sido fácil a ordenha, pensaram todos. A lida deve ter começado ainda pela alta madrugada. O curral cheio, para tão-somente dois ordenhadores, não era brincadeira! Além disso, ainda tinham de lidar com as novilhas de primeira cria, cujos bezerros não haviam ainda se acostumado ao sedenho. Na verdade não era moleza! Deveria, essa lida, ser fatigante. E não era?!

O farmacêutico, que jamais havia visto esse quadro, ficou meditando, maravilhado de como as forças vivas do país singelamente contribuía, com seu trabalho obscuro e árduo, para o crescimento da Pátria. Não havia cabimento, pois, que os senhores do poder, estatelados em suas poltronas de gabinete, legislassem para o sertão. O quadro aqui é outro. O trabalho de sol a sol, malremunerado às vezes, é feito com amor. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Eu parodiaria Euclides, dizendo que é ele antes de tudo um resignado, que ama sua terra como ela é, e não como querem, muita vez, as leis esdrúxulas, feitas à base dos arroubos etílicos, num parlamento corroído pela corrupção. Muitos desses trabalhadores que vivem no sertão não estão a par de que a Pátria também tem seus carunchos. O sertanejo derruba o vinhático para construir a roda para seu carro de boi na lua minguante, para não carunchar-se. A revolução quis imitá-lo, explodindo quando as oligarquias estavam roendo a raiz da Pátria, igual à árvore que na minguante armazena, também na raiz, sua seiva. Infelizmente, o remédio de 30 mal matou o caruncho, deixando seus ovos. Colocaram neles, em vez do veneno mortal, o âmnio protetor, contendo o licor próprio para o nascimento de novas larvas.

No curral, grande parte das mães, sempre impacientes e zelosas de seus rebentos, estavam sendo custeadas pela primeira vez. O trabalho para o vaqueiro era estafante. Além da ordenha comum, havia a necessidade de ensinar a cria a pegar nas tetas do peito, pois o leite era só dela, não era levado para dentro de casa.

Num instante, o bezerro da Laranja, mais impaciente que os demais, pois era o último na ordem de chamada, aberta a cancela de onde permanecera à noite apartado da mãe, já a havia encontrado no meio das demais. Encabrestado magistralmente, com uma só laçada de sedenho, o vaqueiro deixou-o pojar um pouco “para que o leite descesse”, dizia ele, e, num instante, após amarrá-lo à perna da vaca, estava a cuia derramando aquele precioso líquido espumoso que tanto encanta o cidadão.

— Nossa Senhora! – disseram alto. Quem não disse, pensou: — Vixel!... Quanto tempo num faço uma coisa dessas, qui nem sei mais o gosto disso!

Bem não tinham pensado, já estavam sorvendo a espuma doada pela Laranja. Começaram a rir-se, uns dos outros. Limpados os bigodes na manga da camisa, foram chamados por dona Marieta:

— Entrem agora, por favor. Demorando, o café esfria.

Daí pra frente, foi só zelo. Aos olhos dos nossos queridos viajantes, estava a mesa deslumbrante. Não queriam saber de conversa. Tudo cheirava a manteiga derretida. O odor do vapor do café inebriava os sentidos. Com o salivar já bem adiantado, silenciosos, atacaram com vontade o café quente, o queijo fresco, e também o “meia-cura” – requeijão, tirado da panela naquela hora. A farinha de milho amarelinha e torradinha, colocada na cuia, estava à cabeceira da mesa, forrada de toalha de algodão alvejado, mais branca que o leite servido nas canecas esmaltadas.

Se Tim não chama, ninguém manifestava vontade de continuar viagem. Sô Emídio já andava refestelado, que nem um paxá, numa rede de seda de buriti, armada à varanda da casa. Estava empanzinado de tanta comida. Ainda bem que havia trazido um vidro de sal de frutas. Senão!...

O padre “nem estava aí!”... Estava acostumado com essa hospitalidade orapronobiana por onde passava.

Dr. José estava mais interessado em admirar o gado preso no curral. Não podia crer que uma propriedade encravada no sertão pudesse ter um gado de criar daquela linhagem.

— Um bom nelore! este touro que você tem, Sívio! – disse o esculápio.

O nelore era uma raça nova que estava entrando no Brasil, competindo com o gir. Daí, por ser nova e cobiçada, a admiração do médico.

— Vamos, gente! Tâmo só no meio do camim! Daqui lá, onde vamos, tem bem umas legüinhas pra frente e uns atoleiros na virada do Mundo

Novo, onde os Rocha fizeram uma estrada nova. Cês já viram, né? Estrada nova é cheia de imprevistos. Há tocos embutidos, danados pra furá peneu. Despede logo. Na volta, a gente pára mais tempo, pois, pra casa todo santo ajuda, né? – conclamou Tim.

Falou em santo, o padre tirou do bolso uma medalhinha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a ofereceu a dona Marieta, dizendo:

— Está benta. Lembre-se de invocá-la, caso precise. Aqui, longe dos recursos rotineiros, ela lhe será útil – e despedindo-se, abençoou a todos, agradecendo. — Que Deus lhes dê... lhes dê tudo que desejarem. Na nossa volta vou benzer toda a sua casa.

Despediram-se com certo pesar e foram em frente. Não houve empecilho nenhum, daí para diante. O tempo foi correndo e o sono começou a querer tomar conta dos viandantes. Meio entorpecidos, suas cabeças inclinavam-se ora para trás, ora para os lados. As pálpebras começaram a se fechar. Também não era para menos. Como tudo estava saboroso como nunca, houve exorbitância por parte de todos. Ainda bem que nenhum roncou, senão era pé para uma gozação das maiores. Tim, que era falador como “num-sei-quê”, ficou triste por não ter com quem bater papo. Foi até melhor. Assim, pôde prestar mais atenção ao que se passava em redor da estrada.

O carro resfolegava pelo cerrado, acompanhando os trilhos, em sua maioria feitos a pneus, derrapando nas curvas, muita vez, maiores de noventa graus, desviando-se dos paus-terra retorcidos, com as galhadas cobrindo a estrada. Era um bicho danado de valente, como dizia o Tim. Ora por outra, desbambava nas bacadas abruptas da estrada, com a segurança de um touro na chinha, fazendo com que os passageiros batessem as cabeças nos encostos dos bancos da frente. Troava pelo escapamento aquele característico zunido, zunzum, zunzum... convidativo à modorra. Vez por outra, um magote de periquitos cabeças-vermelhas cortava o ar em busca do alimento matutino nos arrozais perfilados, numa algazarra tão alta, que não se sabia se o zoar era deles ou do carro. Nos galhos secos da jurema, em cujos troncos eram evidentes as cicatrizes da queimada de agosto passado, pendiam ninhos de joões-congos, construídos de gravetos secos, velhos sobreviventes dessa maneira – ou mania – colonial de limpeza dos pastos, incendiando-os. Eram tão afunilados, pendurados nas árvores, que por pouco não eram alcançados pela capota do automóvel. Na entrada da larga da frente da fazenda, numa reta mais ou menos de três quilômetros, uma seriema inventou de apostar carreira com o fordeco. E como ela corre!

Tim puxou o bigode do carro e o acelerou. A máquina tremeu toda, em face da velocidade, e a bichinha acuada não viu outra saída, senão pegar vôo, quase batendo as asas no pára-brisa. O barulho de batê-las fortemente acordou a turma que puxava a palha, longe da brincadeira do motorista. Ainda a viram planando no ar, num vôo manso, com as asas abertas, pousando à esquerda da estrada em uma moita de pequenos cajueiros-do-campo, recém-nascidos ali. Deve ter pensado – “safei-me de uma enrascada das maiores, né?! Mas, da próxima, eu ganho a corrida.”

Tiveram tempo ainda, antes de adentrar em um cerrado mais denso, de paus altos – demonstrativo de terra de cultura melhor – de observar um gavião-de-penacho, ave rara de se ver hoje, em virtude da perseguição que os fazendeiros movem contra essa espécie, por ser agressiva. Em muitos casos, quando a fome bate em sua porta, é ele capaz de matar bezerras recém-nascidos nos longínquos pastos, distantes da sede da fazenda. Essa espécie, em extinção, costuma aparecer onde o fogo não consegue atingir. Após as queimadas, pousados nos mais altos galhos das árvores, rebuscando cobras e lagartos mortos pelo sufocamento dentro de suas locas, tinham uma visão de lince, de todo o panorama. Era como se os gaviões-de-penacho estivessem em um mirante, a examinar o altiplano até o horizonte. Assim, aquele que ali estava, pousado no último galho da única peroba-rosa ali fincada com a mão divina construtora das matas, estava vigiando uma carniça que um lobo-guará derriçava, segurando-a com as patas. O primeiro a vê-lo foi o padre, que apontando com o dedo em riste em sua direção, exclamou:

— Vixe! que horror – acordando os demais companheiros, alterando a voz, quase gritando. Todos viram na sua face, ainda embolorada pelo sono mal-acabado, uma alegria de espanto. Deveras estava ela estampada no seu rosto. Apontando com o indicador em riste, na direção lateral, pois o carro já havia ultrapassado a região do drama, disse: — Olhem! Como pode, meu Deus!

O bicho, semelhante a um pastor alemão dos bons, entesou as orelhas ao ouvir o roncar do fordeco. Parou com o almoço. Levantou o focinho, assuntando o ar em seu derredor. Após ter constatado que tudo estava nos conformes, pois o carro já passara, peidando que nem cavalo frouxo, não sentiu nenhuma ameaça para o seu lado. E continuou a rasgar com os dentes a carne podre com a qual se banqueteara, sob os olhos da ave de rapina, pousada no píncaro de um galho da árvore que, espectadora tranqüila, derramava seus galhos, produzindo uma sombra das mais agasalhadoras

no cálido cerrado. A árvore balançava ao sabor da brisa. Altaneira, servia de testemunha muda de tudo que por ali se passava.

— É a lei do equilíbrio ambiental – quis explicar o farmacêutico. — Não havendo os predadores, os demais crescem, crescem até começar a incomodar o ambiente, com o aumento de população num sentido longitudinal. Se aumentam em demasia, começa a faltar-lhes o alimento que enobrece a espécie. Se começarem a morrer muitos machos, haverá por certo a falta do sêmen, que é responsável pela sementeira vitalizante, podendo até chegar à extinção da espécie. Daí a necessidade do equilíbrio do meio ambiental – concluiu Sô Emídio. — Devemos, pois, encarar todas as manifestações da natureza como fenômenos naturais.

Todos ouviram calados, balançando suas cabeças, em sinal de aprovação, a melhor maneira de não polemizar a proposição, meio científica, meio social, proposta pelo farmacêutico.

Estavam no final da jornada, por isso a matéria passaria, muito polêmica que era, a ser discutida *a posteriori*.

Os quero-queros já se manifestavam. Com seus gritos estridentes, alçavam vôo descendo em pique, quase encostando a ponta das asas na macega, onde por certo estão localizados seus ninhos.

O momento de abraçar o velho companheiro fazia com que todos prendessem a respiração. Sô Homero era para eles o amigo inseparável. Em sua juventude, recordavam o quanto ele fora companheiro e amigo em todas as ocasiões – nos dias tristes e nos dias alegres. Além disso, era o pau-pra-toda-obra em suas reuniões. Mais conhecedor dos problemas rurais, era ele quem tomava conta da tralha de lazer da turma. Se era para irem passar uma temporada de dias à margem de um ribeirão, onde pudessem pegar uns lambaris e, ao mesmo tempo, caçar alguma perdiz, era Sô Homero quem dirigia os peões para assentar as barracas de dormir e construir os jiraus para colocar os apetrechos de cozinha. O cozinheiro, era ele sempre quem arranjava. Nego bom de churrasco era o Madruga, cria de sua casa... Sabia de tudo. Arrumar os peixes, era com ele. Tinha o nome de Madruga porque dormia tarde e acordava muito antes do Sol aparecer. Vez por outra, noite alta, estava ele chegando na barraca com uma gemada ou um chocolate quente, quando não, com um cálice de licor de pequi que ele mesmo curtira em casa. Aí, era hora da saudade bater à porta do coração de cada um. Quando não, pegavam a carteira para beijar os retratos de seus familiares, punham o rádio de pilha no programa do Curiango, para ouvir as músicas

dedicadas aos caminhoneiros que rodam pelas estradas do país, transpassando as noites. O padre, nessas horas, curtiava o breviário ou passava a ler “Os Sermões”, de Padre Vieira, seu livro de cabeceira, um compêndio monumental de frases escorreitas e de figuras literárias maravilhosas. Quem o pega para ler, não deseja largá-lo nunca. Daí o sono ir navegando madrugada adentro.

Eram apaixonados pelo peixe assado que Madruga fazia sempre que ia cozinhar para a turma. O peixe, pego naquele momento, era limpo de suas vísceras, conservando as escamas. Enrolava-o em folha de bananeira, sem tempero nenhum, só lavado. Colocava-o num buraco, onde havia feito um brasido violento, depois de retiradas as brasas. Após colocá-lo ali, cobria-o com um pouco da terra que fora dali retirada. Após minutos a iguaria estava pronta. Era só abrir a folha de bananeira, segurar com um garfo a cabeça do peixe e puxar sua cauda – todo o espinhaço saía, ficando a carne limpa de espinhos. A cerimônia, agora, era só molhar cada pedaço, na hora de comer, em uma tigela com água, sal, cebola e pimenta. Até aí, tudo bem. Pra frente, era o padre que entrava com o vinho que levava dentro da canastra da cozinha. Depois... em algumas vezes, era o farmacêutico, o responsável para colocar água na brabeza do fogo que queimava o esôfago e o estômago. Entrava com suas mezinhas à base de sal de frutas e gotas amargas, que levava sempre por prevenção, na caixa de medicamentos. Lá ele tinha de tudo, desde o esparadrapo e apetrechos para curativos, até o soro antiofídico, para casos de mordidas de cobra. Professor Josino ficava com a parte de filosofar sobre o bem que faziam, não só ao físico, mas também ao espírito, aqueles momentos de lazer. Dizia ele, entre uma e outra explanação que deveria, cada um de nós, seus companheiros, sair dali com a cabeça boa para enfrentar as intempéries da vida comum que nos esperam. Acabado o tempo de permanecermos quase como paxás em sestras, acabadas essas bonanças, estamos prontos outra vez para voltarmos ao trabalho com galhardia.

* * *

Uma buzinação mais forte feita pelo motorista... já o Bolinha estava escancarando a cancela de acesso ao pátio de entrada.

Foi bastante emotiva essa chegada. De lá já estavam avistando o compadre, de mão à guisa de viseira, a procurar, olhos miúdos, quase fechados pela claridade do sol que desafortadamente penetrava por toda a

extensão onde a vista alcançava. Estava ele bem ali, envergando um pala meio comprido, de cor escura, como estivesse preparando-se para uma cavalgada pelas serranias da fazenda. Surpreso, logo que viu a figura do padre apeando-se do carro, ficou sem fala. Não sabia se ria ou se chorava, tamanha era sua emoção. Não podia nunca pensar que pudesse receber essa visita. Mais ainda bobo de tanta surpresa ficou, precisando segurar no esteio da varanda que circundava toda a casa, quando divisou, além dele, as figuras dos compadres Josino e Emídio. Era muito sal para pouca carne, pensava ele.

Aflitos, com sorrisos largos, enganchados nos lábios ressequidos pela forte canícula, desceram o pequeno declive do pátio quase correndo. Pularam o rego de água defronte, perto dos cochos da salga do gado e, de braços já abertos, alcançaram a varanda da casa. Abraçaram-se mudos e mudos ficaram por um bom tempo. Por fim, olhos meio marejados, soltaram as primeiras palavras, muito perto de surdos grunhidos, embargados pela emoção que dava nó no gogó de cada um. Tia Teca gritou de lá da sala, onde repousava, recostada em sua cadeira de balanço:

— Ô!... ô! meu velho! Quem chegou, qui ocê num vem falá comigo? Trouxeram notícias de nosso fio?

Essa pergunta abalou muito a comitiva. Todos ficaram sem saber o que falar. De repente, Sô Homero abriu o verbo e foi logo dizendo:

— Já estou indo. Fique calminha, que vou levar surpresa para você — dizendo aos amigos: — Ela fica nervosa e impaciente quando ouve alguém chegando, principalmente que ouvira o resfolegar do carro, e a cancela, que bateu estouvadamente, largada pelo Bolinha.

— Nossa, como a “Siá” está bem disposta — disse o professor, logo que adentrou a sala, quase topando no pé da cadeira onde ela se achava sentada, traído pela emoção que fazia as palavras pularem na sua garganta, semelhantes ao gorgulho do cascalho que grita na bateia balançada pelo garimpeiro.

Tia Teca virou outra quando pôs os olhos nos amigos que vieram visitá-la. Deve ter acendido em sua alma a esperança de saber alguma coisa de Nezinho através deles. O médico e o farmacêutico se achegaram mais para perto dela, para fazer-lhe o interrogatório de praxe. Dr. José, após os exames de rotina, mesmo antes de examiná-la, diagnosticou luxação das bravas, até pelas informações obtidas na carta de Sô Homero. Comprometimento, talvez, do íliaco, originando um pequeno deslocamento

do sacro, daí as dores intensas. A primeira coisa que fez foi condenar a cadeira de balanço. E ordenou sua volta ao leito. Colocando uma pequena corda passada na trave do telhado da casa, prendeu-a ao tornozelo direito de tia Teca, levantando-o um pouco. Calçou o pé com almofadas, indagando-lhe, após, se estava mais confortável e sem as dores, ao que ela respondeu:

— Agora sim, estou no céu, não tenho mais dores.

Dr. José deu uma aula de anatomia para os presentes, riscando numa folha de papel o que havia acontecido com os ossos chatos da bacia.

— Felizmente – dizia ele –, ante o conforto que a paciente encontrara no arranjo simples, dava-lhe condições de afirmar não ser nada de mais grave, como uma fratura que poderia ter acontecido.

Todos receberam com satisfação suas explicações.

Sô Homero ordenou à empregada de quarto arrear todas as cortinas das janelas e escancará-las. Assim, Teca tinha boa visão do jardim e do pátio de entrada, dizia ele. Tia Teca mandou chamar Zabé e ordenou um almoço dos melhores para seus convidados.

O Joaquim, motorista de Sô Homero, criava um porquinho que fora enfeitado pela mãe, que o acompanhava por toda parte onde ia. Estava gordinho que nem salame pendurado nos ganchos de feira de sábado. Àquela determinação de tia Teca, cochichou no ouvido do leitão, a que dera o nome de Caruncho:

— Corra, Caruncho – mandando-o esconder-se. — Chegô pro almoço um bando de canibais, doidos para traçar uma banda de leitão pururuca – ele havia escutado tia Teca a dar ordens para pegar o mais fácil que encontrasse, na vara de porcos de criar, soltos na porta da fazenda. Podia sobrar para ele. Inda bem que ele era varrão. Para assar melhor é o capado. Bolinha sabia disso! Também Zabé já tinha especificado:

— Pegue uma leitoa mesmo, porque tem carne mais tenra e tá aí na porta. Tiça o braseiro rápido porque dentro de uma hora mais ou menos tô cum ela no jeito.

Joaquim ficara preocupado à toa. Não sabia ele que existia carne pra valer, pois havia chegado também das fazendas em roda, pelo caminhão da “linha de creme”. E mais, o Bolinha na véspera, esperando debaixo de um ingazeiro à margem do riacho da Nadi, matara uma paca, gorda “qui nem ela”, como dizia ele. Estava satisfeito com sua proeza, pois, todos achavam ser ele incapaz de um feito desses.

Tinha saído à noitinha, despedindo-se da Lenir, sua esposa, sem esperança de encontrar uma caça qualquer. Havia adquirido uma cobiçada espingarda de Jovito carreiro – num bestunto que havia feito, em troca de uma marrã, já pronta para enxertar-se – e precisava testá-la. “Foi tiro e queda” – dizia ele. Estava satisfeito com a trama feita.

Sô Homero, na felicidade que estava, mandou o Bolinha lá na casa das dornas de envelhecimento da Pingo do Céu, entregando-lhe a chave, que se encontrava pendurada por um cabo de madeira, em um prego, no portal da sala de jantar, ordenando-lhe:

— Pegue daquela pequena, que é destinada para o gasto e que está mais velha. Traga-a neste garrafão. Cuidado! A rolha de madeira está meio maneira. Veja, se ao fechá-la, num ficou pingando...

Sô Homero nunca mandava o Bolinha fazer esse serviço, pois sabia que ele mais bebia que enchia o garrafão. Nem lembrou-se disso, tamanha era sua felicidade.

— Graças a Deus!... – disse depois Sô Homero. — Havia me esquecido que Bolinha é qui nem gambá!

Cria praticamente da casa, Bolinha era pau-pra-toda-obra. Bem solerte, Bolinha era seu xodó. Mandava fazer, ele fazia. A sorte é que hoje ele também andava feliz, pela presença de tão ilustres visitantes, e cumpriu as ordens de Sô Homero com a maior dedicação, nada havendo de bebedeira naquela circunstância. Nem provou, disse ele. O que ninguém ficou sabendo é que o empregado, matreiro e ardiloso que nem ele, havia passado na despensa e pego o quartilho vazio de xarope Bromil que Zabé havia lavado para curtir a malagueta que Sô Homero gostava, enchendo-o e guardando-o no oco de uma estaca grossa de aroeira que havia na cerca do quintal, perto do pomar de pessegueiros. Mais tarde o levaria para casa, onde iria banquetear-se com a banda da caça que havia matado e que na certa estava curtindo na vinha-d’alho, para Lenir assá-la à noitinha. Pra isso, já tinha até convidado o Luiz vaqueirinho.

— Sô Mero – gritou Zabé –, qué qui serve um torresminho? Estou cabando de fritá uns qui... i que estão estalano de fazê dó!

Arrumou pois uma cumbuca de farinha, fábrica dela mesma, e um prato dos crocantes torresmos do toucinho-de-papada, de um capado novo que havia sido sacrificado uns dois dias antes. Junto, trouxe também uns cortes pequenos de um lombo meio defumado, assado na brasa forte de angico, desandando um cheiro de contaminar toda a casa. Zabé estava

calma. Conjecturava consigo mesma: “A banda da paca já estava assada, com a pele torradinha. Podia servi-la primeiro, enquanto a outra, da leitoa, chega no ponto. No mais... no mais... – sofismava – tava guardada para o jantar, qui Sô Mero num vai deixar esse povo i embora com o bucho vazio. A leitoa fica de reserva.”

O aperitivo ficara por conta de Sô Homero, que foi ao armário da sala, retirando de lá sua coleção de pequenos coités, cujas bocas eram orladas de prata, e neles serviu a famosa Pingo do Céu, envelhecida na pipa de umburana.

— Tá uma delícia! – disseram, numa exclamação que o encheu de orgulho. Professor Josino, o eterno analista dos problemas políticos, aproveitando o ensejo, desancou o governo.

Nesse momento, Sô Homero atalhou:

— Deixe isso pra lá, vamos conversar de coisas alegres. Mais tarde vou levá-los ao pomar para nos refestelarmos com as laranjas-cravo que estão rachando de maduras.

Sô Homero sabia do problema. Consigo mesmo pensava no fato de que para proteger os magnatas do açúcar nordestinos e paulistas, o governo ordenara que se selassem todos os demais engenhos localizados no país. Isso havia desencadeado uma tristeza em todo o território pátrio, principalmente em Minas Gerais, uma vez que a moagem era uma espécie de festa popular e tradicional em todas as regiões.

Era o momento em que se reuniam os colonos da região e suas crias, em torno dos médios e grandes engenhos. A maioria rodados por tração animal, ora por pacientes bois, que rodavam calmamente em torno das moendas protegidas por caramanchões de palha, contando os passos, com os olhos fixos no bagaço que saía das moendas de cana, e que seriam mais tarde forração de seus rumens, ávidos pelo nutriente alimento; ora por muares encabrestados, sonolentos, trotando numa viagem iniciada ao romper da madrugada, só terminada à tarde, sem sair do lugar. Se lhes fosse dado entender, por certo, poderiam pensar: “Qui coisa! tâmo andando sem parar e essa viagem nunca chega ao fim?! A paisagem é a mesma, o panorama, o mesmo! Tâmo pisando no mesmo chão por horas, e não há rendimento?! Diacho!”

— Tô convencido – diria o mais falador deles, numa possível assembléia convocada para analisar o problema – qui meu dono tá maluco! O que você acha disso tudo?!... Pergunta tola qui tô fazeno pra mim mesmo,

sô! Só sei qui é muito chato rodar, rodar, sem nunca chegar! Qui coisa! – falando sozinho, continuaria a andar, andar, sem parar, pensando, se lhe dessem condições disso. — Tô doido pra chegar a hora dele arrumar a comitiva e nós pularmos o rio Grande, chegando em Barretos – e, lembrando-se das pretéritas viagens de que tomara parte, conjecturaria:

“Por toda parte onde a gente passava era festa sem acabar mais. Ao tilintar dos guizos presos ao pescoço da égua madrinha, puxando a tropa, as venezianas abriam, meio a meio, suas fasquias de madeira sobrepostas, onde apareciam os olhos da moçada, espiando os peões que passavam, lenços vermelhos no pescoço, montados em animais ferosos. Alguns destes, percebendo que eram espiados, tiravam do coldre sua garrucha, arrepiando tiros para o alto em forma de salvas. Vez por outra, em corrutelas maiores, havia pequenos choques com ‘bate-paus’, armados à guisa de militares, comandados pelo juiz de paz, que se posicionava como o chefe supremo da região. Era ele o delegado de polícia e, ao mesmo tempo, o chefe político que mandava e desmandava em todos os municípios. Quando isso acontecia, o capataz da comitiva era sempre chamado para solucionar os impasses criados pelos seus peões, que sempre acabavam bem, na mesa do único bar local, onde trocavam amabilidades etílicas, com a promessa de não mais acontecer o que o delegado chamava de arruaça propositada, mas inocente. Ainda bem que era o juiz de paz amigo do dono da venda, podendo a moçada gastar à vontade. O capataz era responsável pela despesa, assegurando ao vendeiro dois tragos para cada peão, nem mais – nenhuma bebida alcoólica além disso! No mais, o que desejassem comprar não tinha importância. O que a maior parte queria mesmo era uma carteira de cigarros ‘arrebenta-peito’ Colomy, alguma imitação de jóia, como brincos, colares e anéis, para levar às suas namoradas ou esposas que ficaram esperando-os, ansiosas pelo seu retorno. Para que não houvesse nenhum empecilho, sempre conduzia uma carta do chefe político do estado, concedendo ao correligionário, geralmente o coronel, proprietário da boiada, uma espécie de salvo-conduto, para poder trafegar pelos ínvios caminhos do sertão. A carta, escrita de próprio punho, em já amarelado papel, era um documento infalível para abrir caminhos. Atrás dela, estava estampada a assinatura do coronel, concedendo todos os poderes para seu capataz de viagem.”

Esse luar!... Como ele sabia de tudo isso?! Não era o Burro Falante, de Monteiro Lobato!... mas também não ficava muito longe. O certo é que estava a par de tudo. E... não vamos discutir o assunto, pois ele só fala consigo mesmo. Daí nossa concordância com seus zurros prolongados,

retumbando, quando chegava às cacimbas, no meio do agreste. Parece que até sonhar, o bicho sonhava!... Danado para conhecer o bom cavaleiro. Quando um curau resolvia cavalgá-lo, não dava outra – negava o estribo na hora. Coitado do proponente cavaleiro! Ao levantar-se, mergulhado que fora na poeira, levantava-se sacudindo o chapéu e, com raiva, segurava agora a rédea com a firmeza que o bicho lhe ensinara com o tombo. No fritar dos ovos, vamos ficar mesmo com a sabedoria de Júlio Verne: um pouco de fantasia na sopa transforma-a em lindo banquete – melhor para degluti-la. Haja vista sua obra “Vinte Mil Léguas Submarinas”...

Se pudéssemos saber mesmo o que ia na cabeça do muar puxador de engenho, concluiríamos não ser ele tão burro, como se diz. Era sim, um experto, um grande conhecedor da vida sertaneja. Mas, continuemos nossa peregrinação, contando a que viemos e o que vimos nessa nossa marcha, vadeando veredas, picando nossa animália, nos aclives e declives, com alguns atoleiros para chegarmos às travessias das aguadas. Sem falar nas trilhas difíceis, nas orlas das serras, onde o animal pisa, trocando os pés, pela exigüidade de espaço entre a rocha abrupta, de um lado, e o despenhadeiro de dezenas de metros, do outro. Melhor será, nessas circunstâncias, que se cavalgue em bestas ou burros, que são mais ágeis que os cavalos...

* * *

Chegada a época da moagem, a região em torno da grande fazenda se transformava. Virava um reboição dos maiores. O trabalho era deveras estafante, recompensado não só pelo emprego, mas, principalmente, pela festa que se fazia, após o término da safra. Os batuques prolongavam-se por dois ou três dias seguidos. O começo dos trabalhos é que era duro, pois estavam, os envolvidos nessa tarefa, em sua maioria, meio poltrões, por ficarem quase inativos no período das chuvas intensas. Era como se falava entre eles: “Cada ferramenta produz, nas mãos, o calo respectivo.” Ele se apresenta ora de uma forma na palma da mão, ora no lombo dos carreiros, na condução das “varas de ferrão”, e ora também nos dedos dos violeiros, ao tangir as cordas de seu instrumento, nas noites de lua cheia, levantando a alma, matando a saudade.

Para que se acostumassem mais depressa com cada obrigação, era preciso organizar, planejando o que cada pessoa iria fazer. Assim, amenizava-se um pouco a tarefa, evitando que houvesse atropelos

cansativos. Cada um já era treinado, pela participação em outros eventos, nas moagens anteriores. Eles mesmos escolhiam a área de trabalho e, de comum acordo, estabeleciam as metas. Alguns rapazes no corte, outros na boca do engenho, alguns nas tachas de garapa, batendo as pás de cabos compridos e as escumadeiras, retirando a borra a florada na fervura. Era uma fase de muito cuidado, uma vez que do manuseio da pá de bater – num movimento intermitente de levantar a garapa a uma altura de mais ou menos cinquenta centímetros, em aros abertos – dependia a qualidade do melado pronto para ir às turbinas de apurar o açúcar. Levantada, por segundos, parava-se a pá ao alto, para que a garapa escorresse. A operação só terminava quando o supervisor das tachas tirava o ponto: uma bolota de melado espessa como geléia em uma cuia de água fria, manuseada pelos dedos da mão, que percebiam a consistência.

Os demais camaradas, responsáveis pela refrega, eram contados pelos peões da lida normal da fazenda, como os carreiros. Havia os responsáveis pela manutenção do fogaréu nas tachas, os responsáveis pelo molde das rapaduras e do controle das turbinas de produzir açúcar, sem contar as cozinheiras e demais ajudantes. Tudo certinho, como uma engrenagem bem untada, para que o rancho funcionasse, servindo as refeições desde a madrugada, horário em que as fornalhas já deviam estar tinindo de quentes, para que as tachas recebessem a dádiva da seiva da cana: a garapa, clarinha e espumante, correndo nas bicas como um riacho. Parecia até conto da carochinha, em que as casas tinham paredes e tetos de pão-de-ló, as portas de goiabada, com janelas de chocolate. Só que não era assim. As construções eram de adobe e a parte de madeira era obra do melhor engenheiro já visto por aquelas bandas, reverenciado por toda a comunidade, o velho Cristiano de Araújo. Como esse senhor arquitetava! Parecia um superdotado. Haja vista o monjolo que não era monjolo. Era uma roda-d'água colocada fora da casa, movendo dentro dela três mãos de pilão, batendo cada uma intermitentemente. O engenho era constituído de moendas de aço importadas da Inglaterra, capazes de deglutir sete carros de cana bem cheios, da madrugada ao alvorecer da aurora. Era esse colosso, para o tempo, o orgulho da fazenda. A roda-d'água que o movia era a maior que havia pela redondeza, medindo de diâmetro mais ou menos de três a quatro metros.

Vamos deixar de falar tanto nos homens da casa! Parece até discriminação ao sexo oposto! Lembremos da parte superimportante que move a humanidade. Sim, onde ficam as mulheres? e as jovens?! E as moças?! o que faziam?

Estavam, em sua maioria, na “panha” do café. Era sumamente gratificante vê-las, lenços coloridos na cabeça, saias justas nos quadris provocadores, bem formados e balanceantes. O mais importante, entretanto, era a alegria contagiante de estarem fazendo um trabalho que gostavam. A derriça era acompanhada de cantigas, as mais lindas que se podia ouvir, na singeleza de suas estrofes, falando de príncipes que as esperavam para transformá-las em princesas casadoiras, como Branca de Neve o fora.

A mais loquaz delas, a Maria de Sinhana, numa liderança indiscutível, era danada para contar piadas, umas ingênuas, outras mais apimentadas, que faziam as colegas arrepiar-se, enrubescendo as faces. Com um sorriso matreiro no canto dos lábios, como a dizer “num tenho nada com isso”, passava a tirar o tom, numa toada de modinha saudosa que todos gostavam de solfejar:

“Passarinho... qui tá no galho do cafeeiro...
 escuta-me por favô:
 estou cambando de desejo e de amô...
 Diga ao Príncipe que o espero, lá no terreiro,
 com o coração cheio de fulô...”

O conjunto delas fazia o coro:

“A patroa ama muito, e há de entendê...
 qui também achei meu amô!...
 a colheita do café no terreiro posso estendê,
 mais dispois vou embora com meu bem-querê.
 Vô cantando essa canção que é só minha,
 sob a bênção da Fada, minha madrinha!...”

Essa toada gostosa e fácil de solfejar, com uma musiquinha dolente, fazia com que alguns rapazes, passando perto dos cafeeiros, parassem por segundos, arrepiando os cabelos, suspirando fundo, como se ricos príncipes fossem! Esqueciam-se até que a lida os esperava com todo rigor, lá na rebaixa, que o engenho não parava, que o trabalho era árduo, não havendo tempo de pensar em estórias de fadas e caprichos de amor. Desde a madrugada, as moendas, movidas pela grande roda-d’água, engoliam e esmagavam os feixes de cana. A garapa encachoeirava-se nas bicas que desembocavam nas tachas, num trabalho contínuo e rotineiro, que não

dava folga aos operários, que iniciavam a labuta antes de o galo cantar pela primeira vez, na alta madrugada.

Todos esses acontecimentos, tão simples e tão pinturescos, fizeram-nos recordar uma citação de Marie-Henri Beyle (1783-1842) – mais conhecido como Stendhal – no seu “Le Rouge et le Noir” (p. 101), atribuindo o seguinte poema a Shakespeare, em “Os Dois Cavaleiros de Verona”:

“Oh, how this spring of love resembleth
The uncertain glory of an April day;
Which now shows all the beauty of the sun
And by and by a cloud takes all away!”

Oh! como esse desabrochar do amor relembra a incerta glória de um dia de abril, que agora mostra toda a beleza do sol, e aos poucos uma nuvem obscurece completamente!

Aliviando a alma por uma mais suave contemplação, muito a propósito da delicadeza francesa, é Barnave que escreve: “Le grotesque des événements de tous les jours vos cache le vrai malheur des passions.” O grotesco dos acontecimentos cotidianos vos oculta a verdadeira desgraça das paixões...

— Se me fosse dado avaliar a cultura desses dois povos, analisando somente essas frases tão marcantes de acontecimentos idênticos, saberia – dizia o professor Josino – mostrar quão diferentes são os modos para expressá-los. A latinidade, por vezes, está sempre disfarçando suavemente questões que afetam a alma, em contrapartida com a letra seca do anglo-saxonismo. São os rousseauianos que mostram a condição do homem em face do meio em que vive, em franco antagonismo com os freudianos, eternos defensores do atavismo responsável pela trajetória da vida.

* * *

Abstraindo-se dessas considerações sociológicas, envolvendo escolas diferentes, sem muito ter o que se aproveitar de imediato para a vida cotidiana, Dr. José, desbravador do organismo humano que era, portanto mais observador, passou a analisar a presente e total lida do campo. Enquanto os demais discutiam e conversavam, encostou-se em um canto da sala, de onde descortinava o pátio e, dentro de si, um longínquo horizonte de idéias. Com a caneca provida de uma succulenta canjica nas mãos,

meditava, punha uma colherada na boca, mastigava, mastigava e parava, amassando os grãos de milho pilado e cozido, devagarinho, lá no fundo, na vizinhança dos molares, dando às mandíbulas aquele movimento circular característico. E pensava:

— Como são semelhantes os organismos agrupados em colônias vivas e as sociais formas humanas de se viver em grupo. Toda essa engrenagem, voltada para a tarefa da moagem, era movida com a perfeição de um organismo bem projetado. A fazenda vibrava em todos os cantos. Até os galos cantavam mais cedo, movidos pela claridade das fogueiras e das fornalhas, acesas ainda madrugada. O tira-jejum era abundante: carne-de-sol moqueada, mandioca cozida e um lauto copo de leite com café e farinha de milho, amarelinha e bem torrada. Vez por outra, um lanho de carne de caça, que era abundante nas cercanias da fazenda, animava a rapaziada. Para isso, os carreiros levavam sempre a tiracolo a inseparável cartucheira de dois canos, com o respectivo bernal de munição, laçado no fueiro do recavém da mesa, onde as chedas se encontram. Ficavam assim alertas, na esperança de encontrar um campeiro, dormindo nas moitas de capim alto, à margem da estrada. A cantiga dolente do carro não o espantava. Afinal fazia parte dos ruídos do cerrado o canto dos carros de boi nas colheitas de maio, ou na moagem de junho-julho. Até os comandos do carreiro eram vagarosos e melancólicos. Quando desejava que o carro andasse mais devagar numa estrada difícil, gritava dolentemente: “Ô...aaa!... de...vagá... ô...a!” Nas descidas fortes, invertia a força dos bois de coice, passando-os para trás, amarrados no recavém da mesa. Assim, o carro era puxado pela força das demais juntas, com a trela dos bois de coice escorando-o com uma força contrária, servindo de freio. Toda essa operação era feita singularmente sem alarme com as trelas, obedecendo a pequenas senhas que o carreiro lhes fornecia. Haja vista que para amarrar o cambão às cangas, precisava penetrar no centro das juntas. Para isso, bastava a ele falar, não muito alto “abre... abre”, para que todas as trelas se separassem, para que entrasse no meio delas. Nessas horas era preciso untar bastante o eixo, os cocões e os chumaços do carro, para não se queimarem na operação de arrasto.

Com onças, não se importavam muito. Estavam elas, se havia por lá, muito dentro das matas, satisfeitas com a boa caça. Vez por outra, uma ou outra suçuarana de passagem aparecia, afugentando a manada de ovelhas que resolvia se afastar para mais longe da porta da sede da fazenda. Sempre à tardinha, costumava chegar todo o grupo, balindo que só, em correria desenfreada. Nessas ocasiões, Sô Homero mandava dar uma batida pelas

cercanias, para se prevenir dos prejuízos que esses felinos causam ao rebanho, principalmente matando bezerros e poldros recém-nascidos. Quando porventura descobriam os rastros da bicha, já passavam na casa do Sô Genô Machado, e avisavam-no:

— Encontremo os sinais bem frescos da bicha, lá no descambado do coqueiro, bem ali dispois da passagem da grota do Santana. A carniça, por mais que procuremo, num achemo. Deve ser bicha madura, bem criada! Ao lado do rastro da maior, havia um pequeno, qui indica que a bicha tá paridal!

Sô Genô, tarimbado nessa missão, era respeitado pelos moradores daquelas cercanias como o homem que ia buscar a bicha lá na toca, usando uma pequena cartucheira de um cano só. A morada da gata era geralmente feita no fundo das grutas e cavernas. Aí era de uma escuridão que nem breu. Sô Genô, tarimbado no negócio, não tinha um pingo de medo. Suas armas eram a espingarda de um cano só, e uma lanterna de três elementos muito boa, de farol forte. A principal entretanto era uma zagaia de cabo curto feita a critério, de madeira forte e lisa. Era de um catambu retado, como era conhecida essa madeira branca, lisa, forte, também chamada angico-surucucu ou catanduba, uma leguminosa de porte alto, de cujos galhos retos são confeccionados os cabos de enxadas e foices.

— Quando eu entrava na gruta de lanterna apagada – dizia o caçador – só via os óio vermeio da bicha, qui nem dois tumates maduros, fixos em riba de eu. Estava ali a referência que percisava. Tava ela sentada no fundo da caverna, suntuando. Aí eu cendia a lanterna marrada no cano da espingarda pra lumiá e confundí, com a luz forte, a visão da bicha. Aí, parpando o terreno com os pé, ia me aproximano devagar, oiano nos óio dela, pru móde sabê o que ela queria. Era uma concentração perfeita. Nem piscá eu piscava. Marrava meus óio nela qui nem jacaré vigiano seus ôvo no ninho. Quando bem ela num via, já tava eu com a furquia da zagaia apertano o pescoço dela contra a parede de gruta, e ao mesmo tempo puxando o gatilho da arma, que fazia estremecer tudo, com um estampido do tamanho de um trovão, daqueles que rebenta aroeira, moradora imponente dos capões de mato. Aí, cê pode até me perguntar: e se a espingarda não desse fogo? Aí!!!... num tinha outro jeito: era acabar sangrando ela com o facão qui tava na cintura. Nunca tive medo disso contecê!... mas... se contecêsse... a gente tem qui infrentá a marvada com o qui Deus dé na hora. O pió é que, quando num tinha lanterna, eu entrava era com uma tocha emprenhada, muito bem breiada de azeite de mamona, acesa de fogo na ponta de uma vara marrada no cano da espingarda. Assim matei muita. Pra lá num sei

quantas! qui dispois qui Sô Mero me deu a lanterna, aí foi ficá mió. A zagaia tano firme, a bicha pode esperniá o tanto qui quisé... qui eu chego lá na garganta dela. Nessa hora, a gatinha fióte ficava amuada no lado, deitada de costas, mostrando as pequenas garras, rosnando qui nem besouro voando em torno de estrume fresco de gado. Cumo o meu trabaio era pegá a grande, até qui rastava ela e vortava, num via mais a pequena, sumida por entre as frincha da loca. O certo é que desaparecia mesmo. Às veiz até morria tamém, por falta do leite da mãe, num é mesmo?!... É uma praga danada esse bicho! Caba com o rebanho se a gente deixá... Dureza mesmo era escarranchá a divina em riba do cavalo. Ele repiava todo e num queria accitá a carga, dava coice e murchava as oreia, quereno mordê a gente. Era o cheiro forte da onça que isalava dela.

Dos animais perseguidos por onça, eram os cavalos seus preferidos. Os touros chefes de manadas costumam enrodilhar o rebanho quando presentem, pelo cheiro, ou mesmo pelo esturro, a presença dela por perto. Aí rodeia todo seu rebanho e enfrenta a bicha, soprando forte pelas ventas, batendo as patas no chão, levantando poeira, afiando os chifres no terreno, enrugando o pescoço, quase encostando o cupim na cabeça, retesando a cauda em forma de arco, como a dizer: “num vem não, que estou pronto para a briga. No meu rebanho ocê num mexe!”

Com essa dramaturgia toda, conseguia-se afugentá-la, uma vez que astutamente ela preferia caçar uma rês desgarrada ou mesmo uma corsa perdida da manada, quando nos bebedouros. Melhor mesmo era isso. Para que enfrentar a fúria e a braveza daquele touro? que, ciente de sua força, agia muito semelhante ao glebário que, com firmeza e responsabilidade, defende sua data? Para quê? se a caça é abundante por aquelas bandas ainda semivirgens?! Melhor não arriscar levar uma ferroada de chifre...

— Uma coisa dura mesmo de encarar é o esturro do animal – continuou Sô Genô, meio cauteloso em falar. — É brabo mesmo a gente escuitá ele indicá qui num é só uma, não! É a época de machiar. Nessa hora é preciso de muita cautela, pois aparecem os casais, muito agressivos, pouco importando com caça miúda. A festa mió, num conto – continuava Sô Genô, relatando a caçada – era a hora que eu chegava em casa. A cachorrada uivava e gemia chorano, sartando em cima do cavalo qui nem doida. Se tinha rebanho preso no currá, ficava embolado, tudo junto no canto dele, com medo. Só o cheiro da bicha punha medo na vacada e nos bezerros. Os cães rodavam a bicha estendida na grama do pátio, ganindo e desejando tirar um naco da carne, de qualquer jeito.

Precisava cuidado no tirar o couro, uma vez que se os cachorros mordessem, estragavam a pele com furos, perdendo-se assim o valor como troféu. Os furos ocasionados pelos chumbos da espingarda eram pequenos, embora o cartucho estivesse carregado com pólvora elefante, que não crefa, e chumbo paraguaio do bom, que corta, sem quase deformar-se com o calor da explosão. Serviam para avaliar a coragem do caçador, mostrando sim, sua boa mira, que conseqüentemente informava do seu pleno controle emotivo. Mostrava ainda onde o caçador havia atirado, se fora com perfeição a pontaria, se feita no local mais acertado que é na pá, se a cartucheira era boa mesmo de chuva. Aí estava em discussão a qualidade da arma e do atirador. Havia umas espingardas que abriam um leque grande na presa, o que acabava danificando o couro. Mostravam-se pouco eficientes no abate da caça. A de Sô Genô era aprovada pelos expertos caçadores da redondeza. Não mascava espoleta, era tiro e queda. Falavam ser ela de mola comprida – os buracos feitos no couro pelo tiro eram miúdos e em pequenos circos, atestando que sua potência de fogo era boa.

* * *

Essa delonga toda, deglutida com o sabor caipira do contador de estória de caçadas e pescarias, onde sempre era enaltecida a figura de seu protagonista, não interrompeu as sátiras que o professor Josino desencadeava sobre o tal do governo getulista. Muito seguro de suas convicções a respeito do desenvolvimento de uma nação, citou Walt Whitman, no seu livro “Estágio e Desenvolvimento Econômico”, onde mostra que uma pré-condição para a industrialização está na existência de excedentes agrícolas. E concluiu:

— Não é fechando engenhos que abastecem o meio rural de toda uma gama necessária ao seu consumo, como também cooperando para um substancial reforço para entrada de divisas cambiais, que vai se fazer deste país uma Nação forte, economicamente falando. A exportação de seu excedente agrícola, por menor que seja o preço alcançado nas ricas bolsas exteriores, vai por certo traçar uma linha de competência e de *merchandising*, podendo servir de meios abrir portas para outras mercadorias de mais rendosas divisas.

O mestre houve por bem trazer a lume a concepção característica do que se entende em sociologia por simbiose social, mostrando como diversos grupos sociais podem se anexar para formar um maior e mais avançado, aglutinando nesse último cultura em favor da prosperidade física e social.

— A natureza nos fornece um exemplo maravilhoso, e ao mesmo tempo simples, de vida em comunidade que é o líquen – produto derivado do agrupamento de plantas talofíticas, que vivem como epífitas sobre rochas, cascas de árvores, muros e vários outros locais providos de luz, calor e umidade. É um ser formado pela vida em comum de um cogumelo com uma alga. Não há parasitismo da parte de nenhum deles. No parasitismo, a planta tira de outra e não devolve nada. Quando a cooperação é mútua, é denominada simbiose. Na divisão do trabalho verificado na leveza do trato que se desenvolve no sertão mineiro, a moagem, pode – discorreu o professor, com sua eloquência habitual – ser o mais puro exemplo de uma “simbiose social”, onde ninguém perde e todos ganham. O entrosamento dos diversos clãs desperta a unidade que gera segurança física e moral, cultura e até bairrismo. Parece até – concluiu – que o governo procura, com esse ato um tanto covarde, por assim dizer, desenvolver no país a maquiavélica intenção de “dividir para governar”, com a selagem dos engenhos açucareiros do sertão mineiro.

Entre os poucos não proibidos de trabalhar, estava o de Sô Homero, que estava em pleno gozo de suas atribuições, uma vez que havia muito encontrava-se registrado no IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool, com todos seus mapas trimestrais em dia, e com vistorias atualizadas.

Já Sô Emídio trouxe sua colaboração, discorrendo sobre a política do culto à personagem desencadeada pelo DIP, mostrando o Brasil supostamente crescendo a taxas astronômicas, como fruto do governo de um homem só, enaltecido pelos meios de comunicação de massa. Todas as rédeas que ainda seguravam o homem no seu meio começaram a bambear, provocando um êxodo nunca visto na história do país. Em vista disso, o campesino, orientado pela publicidade invulgar, deixa sua região onde era respeitado, reconhecido pelo seu valor como trabalhador e se insere numa outra comunidade, onde viverá como um número apenas e não como um ser humano que é. Despreparado para a vida que não é a sua, naufraga, às vezes caindo no infortúnio do consumo exagerado do álcool, esfacelando sua família, que nada mais é que um grupo social puramente bionômico, e que tem um papel histórico na formação da sociedade. Não cumprindo esse seu dever, jamais poderá sentir-se como um grupo formador de uma sociedade capaz de alimentar princípios de honradez física e moral de seus membros. Daí sua incapacidade de viver em comunhão.

Padre Joca, mais preparado nesse mister, versejou palavras de Nikolai Gógol (1809-1852), dando-lhes vida e força pela boca de um de seus

personagens, na folha 377 de seu livro “Almas Mortas”, quando define magistralmente as duas molas mais perseguidas pelos dogmáticos princípios demagógicos do populismo que sutilmente envolve as massas, manipulando-as como deseja – a educação e a filantropia. Discorrendo sobre escolas quixotescas que surgiam ao seu tempo em seu país, dizia que só prestavam para formar um homem que não serve para nada: “nem para a aldeia, nem para a cidade – bêbado com a consciência da própria dignidade, e nada mais. Se a veneta que lhe dá é a filantropia, torna-se um dom-quixote da filantropia: gasta um milhão na construção dos mais absurdos hospitais e instituições ornadas de colunas... Arruína-se e deixa todo mundo na miséria: aqui temos a filantropia! Ficam pensando em como educar o camponês! Primeiro, façam-no ficar abastado e eficiente no seu trabalho e economia, então ele já vai tratar de se educar sozinho. Não contente, desabafa, argumentando que fedelhos plumitivos lançam seus opúsculos na direção de que é preciso dar ao camponês meios de viver do mesmo jeito luxuoso que o cidadão, e explicam que o camponês leva uma vida demasiado simples. Que é preciso fazê-lo conhecer objetos de luxo... Esquecem-se de que eles próprios, por causa desse mesmo luxo, estão reduzidos a trapos... e que não há rapazote de dezoito anos que já não tenha provado de tudo: já não tem dentes, já está calvo como uma bolha. E agora querem contaminar também os camponeses! Precisamos dar graças a Deus porque nos sobrou uma classe sábia, que não conhece esses caprichos!”

Ainda em sua peroração, padre Joca teceu loas à agricultura, dizendo ser o que existe de mais legítimo sobre a Terra, não se tratando entretanto de ser a mais lucrativa, citando:

— “Trabalharás a terra com o suor do teu rosto”, é o que está escrito... Não digo que ninguém se ocupe de outra coisa, mas que a base tem que ser a agricultura. É isso!

O pároco, após essa recordação toda, terminou dizendo concordar em muito com Gógol, embora nosso *modus vivendi*, cá no ocidente, seja outro, e outros sejam os nossos problemas. Contudo, terminou, mais uma vez citando Gógol: “A experiência de séculos já mostrou que, quando no trabalho agrícola, o homem é mais moral, mais puro, mais nobre, mais elevado” e, não parando por aí, colocou na boca de seu personagem uma alusão interessante sobre economia política, que transcrita agora, analisando-a, pode ser considerada mui semelhante a uma metáfora jocosa, vejam só: “Ora! Economia política! São muito bons os tais economistas políticos! Um cego na garupa do outro, guiado pelo terceiro. Não conseguem enxergar

um palmo adiante do nariz! Asnos encarapitados na cátedra, e de óculos, ainda por cima.”

— Que coisa! – retrucou o professor Josino! — Tudo isso parece que foi escrito hoje, quando na verdade essa obra fora publicada em 1842, em sua primeira parte. Como quase nada mudou até hoje! Vejam só! História é, como se diz, uma repetição de fatos.

Nessa hora, o farmacêutico, meio irônico, desandou:

— Que nada, professor!... Repetição uma ova. É que não mudou foi nada. Está aí, para todo mundo ver, que as nações crescem por etapas e a primeira a ser vencida é a agricultura. Esta tem que estar forte e dominante para passar-se às demais etapas de progresso. O que estamos vendo hoje é apenas um complemento do que viram nossos antepassados em idades coevas.

Sô Homero, diante de tantas elucubrações, sentiu-se perdidamente saudoso das tertúlias que ele, mesmo como espectador, estava acostumado a participar na varanda do fundo da casa do compadre Joca. De qualquer maneira, sentia-se uma parte disso tudo, e ufanou-se por ser uma peça importante, como agricultor que era. A citação dessa parte elevou seu espírito de homem do campo, sem lustre, praticamente um autodidata em todos os assuntos, inclusive nos agrícolas, e sentiu-se envaidecido de ser, na verdade, um perfeito colaborador para a riqueza do país. Era um homem realizado. Se não fora a tristeza de tia Teca, que o contaminava mesmo nas horas em que se encontrava entretido com seus amigos, jogando conversa fora, seria na verdade uma pessoa felicíssima.

* * *

Lá pela tardinha, após o lauto almoço servido, quis Dr. José saber como tia Teca estava se sentindo. Aproveitou a ocasião e fez uma varredura em seu estado de saúde em geral. Constatou, além de um pequeno bloqueio no ventrículo direito, uma pressão sangüínea um pouco elevada. Medicou-a com, além do comum analgésico por causa da entorse dos ossos da bacia, algumas gotas de digitalina, medicamento que encontrou nos guardados de Sô Homero, que também dele fazia uso para compensar o “bronze velho de guerra”, que andava pernetta, como dizia ele, claudicando de uma das pernas. Tia Teca deveria ficar de repouso por uns sessenta dias, até os músculos caírem nos eixos. Como queixava-se de uma anipnia, aconselhou-a fazer uso de salada de alface pelo jantar e, à noite, uns bons goles de chá

de folhas de maracujá, ou mesmo, o refresco da própria fruta, que era bem mais tolerável. Caso a insônia persistisse, mandaria da cidade, tão logo chegasse lá, um seu portador com medicamentos à base de “valereno”. Seria de bom alvitre também tomar um chá de erva-cidreira, eliminando o café da noite, danado para provocar insônia.

* * *

Todos ficaram deveras condoídos dela, uma vez que estaria presa a uma cama por dias indeterminados, ela, a mulher ativa, enérgica, que todos conheciam, por vezes até autoritária, comandante daquele império que era sua fazenda. Em muitas ocasiões, tocava a lida da fazenda sozinha, uma vez que Sô Homero internava-se por Goiás adentro por meses, na formação de boiadas que comprava nas imediações de Santa Luzia e Formosa. É o que não dizer, nas fazendas campineiras de Limiro das Pedras, de Juca Bupil, de Alírio Camacho, dos irmãos Alves, onde os pousos eram mais demorados, em razão do compadrio que reinava no seio deles. Dessa maneira, eram pousos que duravam mais, uma vez que seria uma desfeita aos compadres, senão uma malquerença danada, que podia influir em suas relações de amizade e até comerciais, se assim não procedesse. Todos os anos essa era uma rotina da fazenda, que soltava uma base de dois mil bois anuais a caminho das invernadas do sul de Minas e São Paulo. As boiadas eram formadas por compras em várias municípios goianos, com boiecos na idade de dois anos, dois e meio, permanecendo um ano na fazenda, para serem vendidos com três anos aproximadamente. Durante a permanência nos pastos, eram constantemente salitrados. A castração era feita por partidas no curral, quando eram soltos em pequenos pastos até a cicatrização da ferida aberta pela cirurgia.

Na semana de formação da boiada definitiva, a fazenda pegava fogo. Campeiros por todos os lados para reunir a garrotada e fazer o último aparte.

Em todos os anos, a rotina era a mesma. Um capricho, entretanto, Sô Homero tinha: das boiadas já prontas para serem soltas, ele tirava alguns chitados, para mandar amansá-los para o carro grande da fazenda. Conseguiu assim formar seis juntas, sendo de um lado bois chitados, de cor marrom, com pintas grandes, e do outro, com pintas miúdas. Tornou-se famosa a boiada de carro “moura”. Até nas cantigas, nos terreiros mais longínquos, a boiada moura era tema de canções e até de desafios e repentinos entre os violeiros ciumentos das fazendas vizinhas. Era uma boiada de

fazer inveja mesmo. Além de lavados e escovados, sempre passavam pelo tronco de borrifar carrapaticidas, onde também cuidava-se de aplicar-lhes vermífugos. Até os chifres e os cascos eram polidos e lustrados.

Os responsáveis pela comitiva escovavam a tropa, cortavam os cascos dos burros, aparavam suas crinas, examinavam os lombos, refugando os que apresentavam pisaduras antigas e, por fim, cada um dos peões, sabedores de suas atividades, durante a viagem por mais de trinta dias interruptos, arrumavam suas próprias tralhas. As bruacas já estavam, nesse ínterim, abarrotadas de utensílios de cozinha. Em uma das canastras, acondicionava-se, com muito zelo, a barraca do capataz e uma delas era destinada a conduzir a tralha da farmácia, como estojos de injeção, analgésicos e os medicamentos que porventura pudessem serem úteis durante a viagem. O sulfato de quinino, embalado em pequenos envelopes de papel impermeável, formando uma dose certa, era indispensável para que cada peão o tomasse dissolvido no café da manhã, nas travessias de brejos e rios. Era assim um preventivo para febre palustre, que rondava nos socavões da estrada. Quanto ao soro para picada de cobras, ia muito bem guardado, na canastra dos medicamentos, em caixeta cheia de serragem de madeira para amortecer choques, ao balançar da carga, no lombo das bestas.

* * *

A tarde chegou bem ligeira. Um ventinho frio, que acontece rondar a chapada pelos meses de junho, começou a castigar a face de nossa comitiva. Começaram por sentir um ligeiro afogamento nas bochechas, que tornavam-se vermelhas e escuras. Não acostumados ao clima da chapada, pois na cidade ele é sempre quente e seco, sentiam que a brisa da tarde queimava o rosto com um frio bom de valer. Tiveram que retirar das malas improvisadas as blusas de tricô, fabricadas pelas senhoras nas noites de inverno, enquanto ouviam a novela “O Direito de Nascer”, da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Júlio Louzada, por sua vez, enchia os dias das comadres com conselhos, no seu programa “Um Dia Depois do Outro”, prenhe de crônicas, em que a criatura humana era a principal artífice de toda uma gama de vivência, em uma sociedade cheia de artimanhas e quejandos... Carmem Miranda, a essa altura arrebetava, com o Bando da Lua, lá pelos lados de Hollywood, com César Ladeira pipocando adjetivos de exaltação à “pequena notável” e, conseqüentemente, fazendo o Brasil ser conhecido no exterior. Em Belo Horizonte, a PRC7, Rádio Mineira, a PRH6, Rádio

Guarani e a PRI3, Rádio Inconfidência, disputavam a audiência da mineirada com suas músicas regionais.

* * *

Aí, o farmacêutico Emídio, que ainda não tinha participado do princípio sociológico defendido por Gógol, citado pelo padre Joca, lembrou que atrás da agricultura, a indústria e... – não continuou, atropelado que foi por Tim que, a essa altura, acentuava já haver dado uma ligeira arrumação no forde, estando pronto para o regresso. Um dos pneus dianteiros apareceu vazio e foi preciso que se o retirasse para verificar o que tinha acontecido. A sorte é que na fazenda havia uma parafernália completa para remendar câmaras de ar.

Sô Homero, a cada minuto, arranjava uma coisa nova para mostrar aos amigos, na esperança de assim retardar o mais possível a partida deles. Ora era o garanhão manga-larga, que havia adquirido de um criador de nome, lá para os lados de Santo Antônio do Amparo, melhor reduto dessa raça em Minas Gerais. Ora era uma égua castrada que tinha comprado em Oliveira, coisa rara por ali. Se quisessem, mandaria arreá-la pra que experimentassem a marcha picada que ela tinha, mui igual a qualquer, se não fora melhor, esquipado de um manga-larga, ou de um campineiro. Dr. José, mais acostumado com as coisas do sertão, pois havia clinicado em Campo Alegre, zona pecuária do interior de Goiás, ficou babando que nem bobo ao ver a linhagem desses animais. Bem que ele estava com vontade de dar uma voltinha nela, mas... o tempourgia, e a viagem de volta era incerta, pois o dia entardecia rapidamente.

Tim até que ficara com medo disso acontecer. Andava apreensivo, porque eram três horas e meia batidas até a cidade e, à noite, tornava-se mais penosa a viagem.

Chegando por fim a hora da despedida, não foi fácil para nenhum deles a separação. Embora não fosse muito longe um ponto do outro, para Sô Homero a coisa era mais dura, uma vez que não podia deixar tia Teca sozinha, para sair para qualquer parte, a qualquer hora.

Examinados os pormenores quanto ao funcionamento do carro, o motor rufou, pedindo aquecimento antes de receber os comandos.

Padre Joca, sempre solícito, foi até o quarto de tia Teca e abençoando-a, deu-lhe uma medalha de Santa Rita de Cássia, Senhora das Causas

Impossíveis. Na despedida, beijou-lhe a testa e cochichou ao seu ouvido a frase mais falada e querida da oração de São Francisco, que não é senão, com todos seus hífenes, a mais ardente de todas: “É dando que se recebe!...”

Aliviados todos por deixá-la tranqüila em seu leito de recuperação, suas vistas voltaram-se para Sô Homero que a cada abraço enxugava uma fortuita lágrima de afeição e de agradecimento por terem vindo ao seu encontro em hora tão difícil. As lembranças de Nezinho chegavam sempre à tardinha, quando o movimento da fazenda parecia começar a adormecer. Seu desaparecimento era uma coisa inexplicável.

Tempos após, de quando visitava familiares, Argemiro Laboissière, cujo nome de guerra no quartel do 10º RI sediado em Belo Horizonte era tenente Laboi, em pesquisa nas Ordens do Dia do arquivo do 12º RI, trouxe a notícia, transmitida a Sô Homero, de que nada encontrara com relação ao desaparecimento de Nezinho, na tarde de rendimento do batalhão às forças policiais do Estado de Minas. Era triste dar essa notícia. Era como se estivesse lendo o último capítulo do livro escrito em 1928, de autoria do alemão Erich Maria Remarque, que coroou com uma monumental frase toda uma filosofia de que os conflitos humanos com guerras a nada levam de proveito para vencedores e vencidos. Com maestria e beleza transfigurou as aventuras de combates sangrentos. E, na calmaria do armistício que todos desejavam, quando morria por uma bala perdida, seu personagem importante transcreveu magistralmente a Ordem do Dia de seu comandante: “nada de novo no *front*.”

Nezinho desaparecera, após muitos atos de desprezo à vida, em favor das hostes pelas quais lutara. Consumiu-se como o peão à frente do rei, que, tentando defendê-lo, foi esmagado e cuspidado do tabuleiro por um bispo atrevido que postou-se como o carrasco que vai executar o irremediável xeque-mate.

* * *

O carro resfolegou pelo suave aclave, após passar pela cancela do grande pátio em frente à casa, e, devagarinho, como se tivesse deixado sua alma – caso ele a tivesse, como parecia tê-la – naquela vivenda, onde as horas correram como se fossem minutos, e o dia inteiro, como se fossem apenas horas. Daí para a frente, ia comendo a relva do meio dos trilhos da estrada, que teimava em crescer, desafiando os dentes do garfo, onde se encontravam suspensos os discos da embreagem. Tim ia assobiando uma

canção que era um misto de “Saudades de Ouro Preto”, com Catulo da Paixão Cearense, com seu famoso “Não há, ô gente não, luar como esse do sertão”.

Os passageiros recostavam-se uns nos outros, procurando cochilar, na medida em que as bacadas do caminho permitiam. Aproveitando essa calmaria, Tim passou ao largo da fazenda de Sô Sílvio de Melo, alegre por ninguém ter acordado, senão o atraso seria maior. Imagine só – pensou ele – se o padre resolvesse parar aí para benzer a casa, como havia prometido a dona Marieta?!... Isso é que era demorar-se!... sem dúvida!

A noite desceu, com sua boca engolindo os últimos raios de sol que negaciavam por detrás dos picos das serranias, como se cangaceiros fossem. Era como se estivessem, estes, driblando os “macacos”, rastejando por entre arvoredos de xique-xiques, numa caatinga indomável que só servia para bronzeá-los, mimetizando-os com a paisagem agreste.

A essa altura, nesse lusco-fusco, o carro já estava de farol aceso. Sua luz difusa concorria com a claridade da lua cheia que já despontava no horizonte. Do tamanho de uma roda de carro de boi, parecia, com seu brilho, o foco do farol de Alexandria, uma das sete maravilhas da natureza. Em seu centro, nitidamente estampava o perfil de São Jorge, montado no seu cavalo. A Tim, sufocado por um lanho de fumaça que turvava seus olhos, pela queima de um trecho de pasto lateral à estrada, a figura do cavalo apresentava-se meio distorcida, igual ao mapa do Chile. Estava tão magro que parecia o de João Fumaça, por cujo sítio estava passando naquele momento. Havia momentos, porém, que, não havendo fumaça, uma nuvem mais sem-vergonha procurava deformar o cavaleiro com sua sombra, fazendo com que parecesse uma égua, o que era mau presságio para o sertão. A Lua tinha que navegar em céu límpido e aberto para que tudo pudesse ocorrer às mil maravilhas na semana. Do contrário, mudando o sexo da montaria de São Jorge, indicava geadas. E geadas nunca é boa para as bananeiras e os cafeeiros. Havia época em que se confundia o orvalho congelado na ponta dos galhos do cafeeiro como se eles estivessem floridos. Bonito era! Tristes, porém, eram suas conseqüências!

Pelas laterais do veículo, Tim orientava-se com as luzes bruxuleantes das casas das fazendas e sítios, que pareciam ao longe pontinhos de estrelas, iluminando casas de presépio. Vez por outra uma coruja, deslocando-se do cupim à beira da estrada, passava raspando no pára-brisa do carro, cega pela luz dos faróis. Os olhos vermelhos dos curiângos eram como brasas,

sopradas pelo vento, numa fogueira que se estava extinguindo. Não apagavam, mas também não formavam labaredas.

Numa bacada mais forte, nossos passageiros acordaram. Na estrada caiada pela tinta pálida da Lua, agora já se descambando para seu afélio em relação ao Sol, bem à frente do carro, coisa de uns cinquenta metros adiante, a figura de um pequeno animal, lindo de morrer, aparecia, sentado, assuntando o ambiente com o focinho virado para o céu, como deslumbrado pela claridade da Lua, que calmamente navegava pelo firmamento. À princípio, assustou-se com o ronco do carro, quando, ao passar para a marcha segunda, gemeu forte, pelo maior fluxo de combustível na manobra. Por um triz que Tim não o tinha atropelado. Ainda bem, pois tratava-se de um belo exemplar de uma jaritataca. Padre Joca ficou deveras encantado com o *glamour* do bichinho. Queria porque queria descer do carro para apreciá-lo melhor. Fora preciso Tim explicar que houve muita sorte em não atropelar o animal, senão estariam no “mato sem cachorro”, pois o odor que ele solta é insuportável. Para retirar a catanga do carro seria necessário uma lavagem de pelo menos umas três vezes, ou mais, em um bom posto que aceitasse esse trabalho.

Felizmente, o ribeirão Bom Sucesso estava desregrado e permitia um vau muito seguro. Daí para a frente a viagem tornou-se bastante agradável, pois todos estavam tensos na banda de lá do riacho. Com receio de haver maiores problemas na passagem desse pequeno, mais traiçoeiro ribeirinho, não haviam conseguido engatilhar nenhum assunto de maior monta, uma vez que só pensavam em como transpor a contento esse tal de Bom Sucesso.

Em poucas horas, o vão da bacia do Paracatu apareceria aos olhos de todos. Estavam já na descida da serra da Boa Vista, de onde avistava-se o horizonte de todos os lados, ao longe, por léguas e mais léguas, nas quebradas dos montes que se enfileiravam como guerreiros a vigiar, com suas escarpas, as gargantas erodidas pelos ventos e pelas águas das chuvas.

Repentinamente, a cidade desenhou-se à frente. Quase meia-noite, ainda se viam algumas casas iluminadas pelas fracas lâmpadas, que mais pareciam caquis maduros, pendentes em graciosos arranjos confeccionados de papel de seda, imitando abajures chineses. Nas ruas, alguns notívagos, driblando as próprias sombras por entre postes de luz difusa, aproveitavam a claridade da Lua para em alguns pontos abrir as fauces em serenatas, movidas por uma boa pinga, acompanhada de uma farofa de galo roubado

nos galinheiros dos quintais escuros, que mais negros ficavam, cobertos que eram pelas copas abundantes das árvores frutíferas.

O carro resfolegando pelo calçamento irregular, de pedras de todos os tamanhos, bamboleava daqui pra lá, de lá pra cá, numa estranha dança, muito parecida com os bambolês dos índios, nas cantorias das tapuiadas, pela passagem das festas de São Benedito e de Senhora do Rosário.

Tim não cansava de conversar. Às vezes soltava um palavrão danado dirigido aos governos que nada faziam em benefício da cidade. Estava avaliando o tanto que a carroçaria do carro estava sofrendo, remoendo como se fosse em um liquidificador. Só queria este governo – dizia ele – era tirar o dinheiro de quem trabalha, por meio de impostos escorchantes, sem nenhuma retribuição.

Professor Josino, calado, ria entre os dentes. Até que enfim o povo já começava a se sentir roubado, e a hora da libertação talvez estivesse próxima – pensava ele consigo. Mesmo assim, dedilhava silenciosamente por entre seus neurônios uma nota que estava bem nítida, navegando por entre seus parietais. Ficava meditando sobre o que na verdade seria progresso. Serviria para o bem-estar do povo, ou seria um fator maior de desagregação da família? – conjecturava, pensando... pensando!... Em sua memória ressurgia Gogol – Nikolai Vassilievitch – nas 393 páginas de seu deslumbrante livro “Almas Mortas”, onde qualificava ser preferível olhar-se para o proveito, não para a beleza. Seu personagem, contestando um seu interlocutor que desejava, como administrador de uma aldeia, plantar bosques, retrucou, com severidade: “O senhor é apreciador de panoramas? Veja lá, se começa a correr atrás de paisagens, ficará sem pão e sem paisagem. Olhe para o proveito, não para a beleza. A beleza virá por si mesma. Veja o exemplo das cidades: são mais belas e melhores as cidades que nasceram e cresceram por si mesmas, onde cada um construiu segundo o seu próprio gosto e necessidade. Mas aquelas que foram construídas a régua e compasso não passam de casernas e mais casernas... Deixe de lado a beleza e pense mais nas necessidades.”

Essas lembranças deixavam-no envaidecido de sua terra. Pequena, de ruas pequenas e de becos mais ainda pequenos! Se não houve no seu traçado a régua do urbanista, houve contudo a força da vontade de um povo que a ocupou com o carinho só dado a quem ama de verdade seu torrão. A rua Direita é a mais torta de todas, mas foi traçada pelo espírito de praticabilidade, uma vez que ligava o local onde a cidade começou até o paço. A rua de Goiás foi traçada com suas casas margeando a estrada, por onde passavam os tropeiros e as boiadas rumo ao Planalto Central. Seu

comércio era intenso, por ter pontos de abastecimento às caravanas que adentravam o desconhecido Goiás, de Anhanguera e seus seguidores, em busca do ouro enterrado nas fraldas da serra Dourada, por onde serpenteia o rio Vermelho, cheio de catas.

Em noites de lua cheia e céu intensamente estrelado, a Via Láctea cobre essa rua de ponta a ponta, vindo do alto do córrego para desaparecer no rumo do Planalto Central, como quem indica o caminho da promessa, que D. Bosco apontou na direção da futura capital do país. É a rua da cidade que primeiro é iluminada pelos raios solares do despertar da aurora, como é também a primeira a ser iluminada pela Lua, quando surge, magnífica, no lusco-fusco do poente, em sua fase de cheia. Pouco antes do amanhecer, a qual delas o planeta Vênus, como estrela-d'alva, saúda intensamente com seu brilho? E é dela que se despede a estrela da tarde, o mesmo Vênus, que sacode o lenço branco, com seu brilho pálido, dizendo até logo, pois no amanhecer do outro dia, está ela de novo a saudar a rua mais energizada da cidade.

* * *

Tim, agora meio calado, talvez cansado dos tropeços da viagem, foi deixando cada um de seus passageiros em suas residências. A cada parada era um até-logo comovido, cheio de abraços e tapinhas nas costas e promessas de futuros encontros.

A manhã chegou para os viajantes da véspera cheia de novidades. No dia anterior, mais ou menos, à hora do almoço, no fundo da igreja do Amparo, havia sido assassinado por questões ínfimas o capitão Nando, causando um reboiço dos maiores em toda a comunidade. Uma fatalidade que abalou toda a população, uma vez que não se encontrava, por mais que se procurasse, razão para um desfecho sangrento desse quilate. A cidade estava, havia muito, passando por uma fase de sossego, nesse gênero, pois na cadeia pública não havia, passados quase dez anos, um preso sequer por homicídio qualificado. Havia alguns de outra comarcas que eram enviados para ela, por falta de presídios na região.

Entre os mais abalados, estava por certo o padre Joca. Inda bem não havia cicatrizado a ferida da perda de seus familiares em Uberaba, o desaparecimento de Nezinho e a morte de Urias, e agora a tragédia de que acabava de tomar conhecimento. Tudo isso acumulado era insuportável! O que mais o condoía era o que poderia acontecer a Sô Homero, quando

soubesse dessa notícia! Já andava, o amigo, encafifado com a notícia do desaparecimento de Nezinho, com a mulher entrevada – embora temporariamente, havia lhe garantido o Dr. José –, agora com esse estúpido acontecimento!...

— Não sei como encarar tudo isso! – conjecturava ele! Embora sacerdote, sofria mais com o sofrimento dos outros do que dele próprio. É comum dizer-se que o médico deve encarar os problemas de seus pacientes como se fosse um sacerdote. Agora era o sacerdote que tinha de encarar os problemas de sua comunidade como se na verdade fosse médico. Assim, deixaria de absorvê-los, mui intimamente, para ter condições de oferecer-lhes o antídoto para seus sofrimentos, conduzindo-os para o seio benevolente do Criador, onde se deveria depositar a esperança de receber forças para enfrentar as dificuldades.

A essa altura, Nora, a inconsolável Nora, estava desorientada pela morte súbita de Urias, que havia superado a crise da tentativa de suicídio e inesperadamente, após receber alta de seu médico, já em casa, teve uma parada cardíaca e faleceu, sem ter tido tempo de ser socorrido. Duas tragédias acontecidas ao mesmo tempo não deixavam de ser sumamente qualificativas de entorpecimento de sua alma. Se não fora a condição de ter sido criada com o grande amor de tia Teca e seu esposo, seus padrinhos, não se saberia dizer de sua competência para encarar tanto sofrimento. Tão logo soube desses acontecimentos, Sô Homero, pedindo consentimento à senhora mãe de Nora, mandou buscá-la para passar uma temporada junto de tia Teca. Seria boa companhia para ambas. Com livros e muitos livros, chegou ela, juntamente com seu inseparável violão. Nas tardes calmas da fazenda, vez por outra, sentada em um toco de madeira, à guisa de banco, à porta do gradil do jardim, dedilhava seu violão, solfejando baixinho canções que mexiam com a alma de todos. Raros eram os que não tinham os cantos dos olhos marejados de lágrimas diante do quadro, emoldurado pela torpeza da tarde, que conduzia todos a lânguidas meditações. As lembranças eram infinitas e não havia quem não avaliasse, com a alma sentida, as notas de saudades que as cordas de seu instrumento musical cantavam, dedilhadas com a alma solta no espaço, em vôo sereno, perdida em seus sonhos!...

* * *

Passaram-se meses! Na fazenda, longe do burburinho efusivo das cidades, o tempo parecia não correr. Tia Teca havia se recuperado. Andava ainda meio cambaia, aprendendo de novo a andar. No terreiro, ia sempre

acompanhada e firmando-se numa pequena bengala. O repouso tinha sido salutar para sua saúde, para atenuar a progressiva falta de memória que vinha atacando-a havia algum tempo. Fora providencial a companhia de Nora, uma vez que tomou por hábito ler os romances que ela havia trazido da cidade. Vez por outra, gostava de comentá-los.

O tempo, esse desconhecido, se encarregara de acomodar as saudades, que foram se sedimentando às margens do caminho da vida de cada um. Inexoravelmente, cada qual – ente vivo preso ao universo, dele fazendo parte intrínseca – perambula pelas páginas da existência, escritas ora com a pena flácida, derramando felicidades, com uma tinta comprada no bazar do amor, ora com a pena lascada, garatujando intempéries, com uma tinta que só sabe ocasionar borrões teimosos... Uns marcam como se flechas fossem, a abrir feridas incicatrizáveis! Outros, menos lembrados, inserem na alma sentimentos de prazeres vividos! Com isso, as páginas do livro da vida vão se acumulando, para, no final, se transformarem em compêndios. Encadernados e arrumados nas estantes do tempo, serviriam para fausto das traças, encarregadas de marcá-los, catalogando-os! Se fossem capazes de ser lidos, cada furo feito em uma palavra sequer seria uma lágrima de saudade que fora derramada às pressas, com medo de ser descoberta. Assim, crivados, transformar-se-iam em talagarças bordadas com agulhas, puxando a linha da história para a enovelar, condensando-a em simples bola, capaz de rolar pela eternidade.

Se não fosse a aglutinação das famílias, que em tempo nenhum deixou de ser a célula da sociedade organizada, não se saberia dizer para onde caminhava o país. Em todos os rincões da Pátria, principalmente em Minas, o povo encontrava-se descontente com seus governantes. A política gem desenfreada tomava conta de toda a sociedade, dividindo-a. O campo, como base de uma política sustentadora do país, sofrera um revés dos maiores. O governo, com uma política errada de financiamentos agropastoris sem nenhum planejamento, levou o campo ao desespero. O Triângulo Mineiro, envaidecidamente acolheu com vigor a propositura do governo, que acenou aos seus fazendeiros com financiamentos soberbos, a loucura de importar sem nenhum planejamento de ordem técnica reprodutores e matrizes, para injetar no rebanho nacional sangue zebuínio. Com o dinheiro fácil, a cotação do gado indiano pegou fogo. E, chegando ao limite da insensatez, houve o debacle total. O governo pulou fora. O Banco do Brasil começou a executar os proprietários de terras. Minas parou! O país se segurou pela exportação de bens alimentícios aos governos em guerra contra o nazismo.

Um movimento migratório no estado se instalou. Ninguém estava contente. Ninguém se sentia seguro onde estava residindo. Daí o desespero de muitos, à procura de trabalho rendoso. Muitas fábricas fecharam e o comércio em geral entrou em concordata ou em estado falimentar. Pela primeira vez, instalou-se um quadro comercial desconhecido: câmbio negro – fator de desmantelamento da lei secular da oferta e da procura, uma organização nefasta, produtora artificial da escassez de artigos necessários ao comércio e à vida. Pela primeira vez o homem comum conheceu uma palavra que viria monitorar sua vida: inflação – vocábulo que o acompanha e não mais dele desgrudou-se. Por tempos e tempos, até hoje, vem ela interferindo na vida do homem como uma nódoa que persiste indiferente a todos os processos de dizimá-la. Os antídotos empregados com planos mirabolantes só serviram para agravar a situação, imprensando o povo no muro da desilusão, tornando a classe média o bode expiatório de todas as mazelas impingidas à economia do país. A classe média, empobrecida, retraiu-se. Seus rebentos, que cursavam universidades, na capital da província, retornaram ao seio da família, integrando-se ao serviço da fazenda, para sobrevivência do clã.

Orapronóbis não ficou fora dessa quebradeira geral. A improbidade instalada, por essa forma de comércio escuso, respingou lama em quase todos os fazendeiros locais. O sal, o arame, o querosene, a gasolina, a farinha de trigo sumiram dos armazéns atacadistas, para surgirem nas ante-salas do câmbio negro, onde o suor do produtor agora era moeda frágil.

A cidade transformou-se. Era uma tristeza de fazer dó. Ninguém vendia, ninguém comprava gado. As boiadas eradas começaram a perder valor, pelo peso do juros agregados a elas. Quanto mais tempo permaneciam elas nos pastos, mais caras ficavam, dificultando as transações comerciais.

A Casa Quintino Vargas & Cia. encerrou suas atividades na cidade. Conseqüentemente, a única via de acesso ao comércio fluvial foi interrompida, desativando os armazéns do Porto do Buriti. Também a única via de comércio bancário foi fechada, com o cancelamento da correspondência do Banco do Brasil, que era prioridade dessa firma. A Casa Pernambucana, que funcionava no prédio do antigo Cine Roriz, fechou. Cinema? Só aos domingos, no antigo prédio do Teatro “O Philodramático”, em péssimas condições de conforto e segurança. A farmácia Vitória encerrou suas atividades. O farmacêutico responsável, Dr. Gerardo Pinto Coelho, de família ilustre de Juiz de Fora, retornou à sua cidade, dando margem a que seu proprietário, o farmacêutico Emídio, mudasse para a cidade de

Pirapora, vendendo também a Farmácia Paracatu. Com sua ausência, parte de uma vida que envolvia os três amigos – Josino, padre Joca e ele – foi interrompida. Era o tempo, com sua inexorável propositura de fazer o que quer, sem dizer a que veio. O professor Josino escondeu-se em sua merecida aposentadoria e recolheu-se ao seio dos livros, seus íntimos amigos. Quanto ao padre, todas as manhãs, estava ele assistindo à missa matinal, na Igreja da Matriz, quando havia. Quando não havia, ficava ele em frente aos altares, numa peregrinação que demorava horas, dedilhando seu terço, cujas contas bem descoradas estavam, pelo seu ininterrupto manuseio durante anos consagrados à sua devoção pelo rosário. Vez por outra, escutava uma voz feminina. Apenas na penumbra produzida pelo lampião que abrigava o Santíssimo, não dava para perceber detalhadamente a fisionomia da beata, xale aos ombros, ajoelhada ao lado, a pedir-lhe que a abençoasse. Esse ato, repetido muitas vezes em muitos dias, funcionava em seu espírito como um bálsamo compensador de tantos aborrecimentos, sofrimentos e sobretudo de injustiças. Em sua velhice, os ensinamentos bíblicos, tão difundidos por ele, como a tolerância e o perdão, foram diluídos na correria da vida em busca de bens materiais, não importando a muitos, de forma maquiavélica, quais os meios empregados.

* * *

Padre Joca! Padre popular! Padre amigo de todos, vem subindo a rua das Flores... Batina desbotada! Chapéu-coco tapando a coroa na cabeça, feita à máquina zero, porque era esse o costume, de mantê-la raspada, como símbolo de sua ordenação como vigário secular. Borzeguim furado, mostrando no dedo mindinho exposto um belo calo de estimação! Livro da Lei, rustido pelo uso, debaixo do braço... não era o padre Joca dos Sermões do Encontro! Não era o labrador das palavras efusivas, combinadas ao timbre da voz, derramando inebriantes figuras literárias como uma orquestra, cujo maestro era ele mesmo! Não era aquele que, perambulando pelas suas perorações, ora calmo, vagaroso, quando fazia citações, ora emergindo estrondosamente quando mostrava a tirania dos açoutadores do Messias, ora dolente, quando mostrava o amor de Cristo à humanidade! Não era aquele que, diante do público, apresentava-se como um astro flamejante a iluminar sob emoção controlada a multidão que o ouvia em êxtase! Um gladiador da palavra, dos gestos, um empolgador de multidões!...

Padre Joca já não era mais!...

Agora, devagarinho, palpando com os pés as pedras melhores, marroadas no calçamento desigual, subindo a rua das Flores, conjecturava sozinho, lendo o livro de um passado não muito longe, mas também nem muito perto. Se nos fosse dado escutá-lo em suas divagações, por certo haveríamos de ouvi-lo rememorando muitas e muitas passagens que teve de contornar, com sabedoria, nos pântanos da vida, prenes de abrolhos, dando um exemplo de como devemos continuar vivendo sob pressão. Em todas essas ocasiões, portava-se como os levitas hebreus, soprando tristemente o abube, nos momentos dos sacrifícios religiosos. Seus caminhos foram pavimentados de pedregulhos, ainda quando pareciam serenos. Não se lembrava de tê-los percorrido como se fossem amplas avenidas, margeadas de árvores frondosas, por onde trinavam pássaros, fazendo solo com o cantar das cigarras. Sempre e sempre havia pedras para serem contornadas. Até outros, que privaram de sua intimidade, achavam que Drummond, lá de Itabira do Mato Dentro, no sul de Minas, inspirara seu consagrado poema “No Meio do Caminho” na vida desse padre. Embora em extremos, viviam, ele e o padre, preocupados com questões universais. Senão, recordemos: “Tenho apenas duas mãos / e o sentimento do mundo”. Com esses versos, englobou toda a natureza humana, diante do infinito.

Nos caminhos do cura houve, além de seixos que calcinaram seus pés, muitas rochas cristalinas que na aparência pareciam belas, por refletirem a luz, mas que na verdade eram lâminas cegas que rasgaram a carne, em vez de cortá-la. Nenhuma delas entretanto abalava o espírito do guerreiro, que as encarava como acúleos dos caules das roseiras, semelhantes a espinhos – jamais ferem profundamente a mão de quem procura colher a flor. O Rosário da Virgem é o *bouquet* que perfuma sua mente, diante do altar da vida, prenhe de vicissitudes inefáveis.

Nem todos, entretanto, comungavam com o trabalho do padre perante seus paroquianos. Confundiam-no com o espírito do mal, diante da sua extrema liberalidade. Não podiam conceber a tolerância que mantinha diante dos outros ramos do cristianismo. De tudo isso, entretanto, fazia pouco, uma vez que sua formação filosófica jamais poderia admitir injustiça e violência a quem quer que fosse. Lia e tirava conclusões proveitosas de todas as religiões, doutrinas e facções, mesmo materialistas. Dos rosacruzistas, amealhava grandes ensinamentos que passava ao seu rebanho. Deles, não via absolutamente nada que pudesse ser nefasto à Igreja Romana, uma vez que têm como símbolos o *pelicano*, traduzindo a filantropia, a *crux*, como sentinela da justiça e a *rosa*, como guarda inefável do Segredo.

Suas elucubrações apareceram mais tarde nas proposituras do papa João XXIII, orando, não cautelosamente, mas, com liberdade – fluidos emanados do coração –, a célebre locução aos homens guiados pelo Esquadro e o Compasso. Ornando o Homem, como Ser criado para abastecer o universo, com sua imensa inteligência, de sistemas de vida afáveis e puros, mostrou o Grande Papa a verdadeira função dele na Terra. Poder-se-á, aquilatando seus ensinamentos, afirmar que “somos o que somos e não o que queiram que sejamos”.

Não fora à toa que assumira o nome do antipapa João XXIII – deposto pelo Concílio de Constança (1414 a 1418). Fazia este parte de um complexo esdrúxulo, onde pontificavam três antipapas no mesmo período. Instalado, o concílio aceitou a resignação de Gregório XII e a renúncia de Benedito XIII. Persistindo, Baldassare Cossa (João XXIII) foi deposto, tendo sido nomeado Martinho V, o papa da conciliação.

Angelo Roncali, eleito, num pleito difícil, assumiu o papado com o nome de Baldassare Cossa, o antipapa de 1417, João XXIII. Embora idoso, foi o pontífice que, surpreendendo a todos, lançou magistras e oportunas encíclicas, destacando-se a “Mater et Magistra” (1961) e a “Pacem in Terris” (1963).

* * *

Orapronóbis, a cidadezinha do noroeste mineiro, parecia ter entrado em letargia. A inércia havia tomado conta de seu estado físico. Quando acordou desse seu sono, e olhou em torno, boquiaberta, sentiu-se traída! Tragada pela volúpia da construção de Brasília, sentiu não ser mais aquela! Desapareceram seus becos, seus sobrados, suas igrejas! Desapareceram suas vendas, onde se ia para comprar de tudo por lá, ficando-se nas doces tertúlias noite adentro. Desapareceu o campo do Santana Futebol Clube, no local onde existiu a primeira igreja construída na cidade. À sombra da barriguda da frente da casa de Sô Leno, reunia-se a assembléia da torcida do Santana, cuja peça principal era o João Gouveia, o João Cuinha. Tornou-se então, a paineira, o ponto predileto das discussões dos jogos com o Comércio, clube lá do fim da cidade, nas Amoreiras. Se a ela fosse dado o dom de falar, na certa teria muitas estórias pra contar. A Boca da Onça, de Luís de Dario, um pouco acima, vendia uma cervejinha quente que era danada, mas que era engolidada com sofreguidão, no calor dos gols surgidos.

Lá pelos lados do bairro das Amoreiras, na raia onde os cavalos corriam, desapareceram Patife, Hércules, Fidalgo, Apolo e o célebre Big

Boy do Dr. Maneco, este último que sempre corria na frente e perdia no final, pois as chegadas eram conferidas apenas com as bandeiradas dos juízes – não havia olho mágico. Quando Fidalgo, de Quinquim da Biboca, vencia Patife, cavalo do fazendeiro Raul Botelho, ou Desaforo, de Waldemar Botelho, a raia pegava fogo. Sô Quinquim rolava no chão poeirento, jogava o chapéu pelos ares e por fim, acabada a animação, dava um banho de cerveja em seu cavalo. A comemoração continuava pela madrugada e por toda a semana, quando no domingo deveria ser repetido o páreo. Aí tornava-se mais complexo, uma vez que entrava também o campeão que era o Hércules, do Dr. Cândido Ulhôa. Esse entrevero repetia-se por toda a temporada das corridas. A festa domingueira simples, sem sofisticação, empolgava toda a comunidade, que participava dela em peso. Também desapareceu! Em seu lugar, apareceram os páreos com cavalos importados, soterrando o entusiasmo que a todos contaminava. Em vez de “cavalo *versus* cavalo”, virou “grana *versus* grana”, com duplas, ternos, etc., que o povo em geral não sabia como manusear. E a “corrida na raia” virou “horse race” e “grand prize”.

Desapareceram também as serenatas! algumas pinturescas, com Tote de Sô Matias dedilhando seu violão com apenas três cordas... Tão alto estava, por vezes, com a canjibrina, pinga da boa, na cabeça, que se sentia um Villa-Lobos. O que interessava mesmo eram as dolentes valsas e modinhas cantadas às janelas das namoradas do patrocinador da festa das madrugadas. O acompanhamento mesmo nem importava tanto. Tote encobria os defeitos das cordas que faltaram ao instrumento com seu vozeirão fechado.

Tudo isso ia descortinando sob as vistas de seu povo, deixando apenas as lembranças como saldo de um tempo que se foi, dobrando o espinhaço de uma vida amena e quase feliz mesmo.

Orapronóbis foi se modificando! Em 31 de julho de 1929, chegaram os quatro primeiros carmelitas da Província Fluminense, encarregados do governo da prelazia, que havia sido criada em 1º de março, pela bula “Promunere Sibi Divinitus” por Sua Santidade, o Papa Pio XI. Com isso, sua região eclesiástica foi desmembrada das dioceses de Montes Claros e Uberaba. Teve como seu primeiro administrador frei Elizeu Van de Weijer, tendo como pároco da sede frei Miguel, sendo designado para a paróquia de João Pinheiro frei Carmelo. Ainda fazendo parte de sua administração, o irmão frei Romeu, que era uma espécie de mestre-de-cerimônias.

Frei Miguel era adorado pela gurizada que freqüentava o catecismo da Igreja da Matriz. Após as solenidades, ele, de uma das janelas do alto da igreja, jogava uma bola de cobertão na praça em frente, dando início às peladas. Para muitos dos meninos, era ela, a bola, uma coisa do outro mundo. Nunca tinham jogado com uma bexiga daquelas. Acostumados às pequenas bolas de borracha, achavam que as de couro só podiam ser usadas pelos adultos, ou mesmo pelos meninos muito ricos. Frei Miguel descia do alto da igreja e organizava as peladas. Morria de rir das babujices da meninada, que nem sabia chutar uma bola daquelas.

A cidade entrou num período de muita calma quanto às questiúnculas que a transformaram num vespeiro de disputas vãs, que a nada levam em termos de religiosidade. Terminaram as lutas intestinas das irmandades. Terminaram as novenas nas igrejas, comandadas por tiradores de ladainhas intermináveis. Já ninguém mais se referia à cidade que estava sendo apelidada de Orapronóbis, em virtude de tantas e tantas rezas que se ouvia em todas as casas, suprimindo assim a deficiência de um pároco legalmente provisionado na região.

Frei Elizeu foi eleito bispo, passando a ser conhecido e venerado como Dom Elizeu. Portador que era de uma filosofia singular, tão a gosto da população, foi sem dúvida um exemplo de como governar com competência uma província eclesiástica difícil e renegada por muitas outras autoridades religiosas. Impetrou no rebanho o exemplo de energia associada à humildade, o que lhe fez um ser capaz de absorver todas os problemas de seus paroquianos. Com isso, abriu caminho para que Sua Santidade, João XXIII, a 14.4.1962, elevasse Paracatu à categoria de diocese, pela bula “Navis Gubernationes”.

Mas, isso tudo, todos esses acontecimentos, não conseguiram sepultar as lembranças do passado da cidade. Embora dormindo na alma de seu povo, vez por outra estas afloram, vindo à mente, muito semelhante ao Salmo 133, que glorifica a união, como se irmãos fossem, de seu Povo e sua Terra. Aí, diz ele: “É como o óleo precioso sobre a cabeça, o qual desce para a barba, a barba de Aarão, e desce para a gola de suas vestes. É como o orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião. Ali ordena o Senhor a sua bênção, e a vida para sempre.” Assim ungiu, Moisés, a mando do Senhor, seu irmão Aarão, sob a locução da Excelência da União Fraternal.

São enormes as emoções, quando muitas das recordações afloram nos pensamentos de seus habitantes. Às lembranças dos sermões do encontro,

nas procissões do Senhor dos Passos, faz-se ver o padre Joca, como se presente estivesse: a procissão descendo a rua das Flores e ele lá, empertigado no púlpito armado na esquina da casa do senhor Niquinho Neiva, esperando o momento para desencadear, em borbotões, a cachoeira literária de magníficas locuções filosóficas, adaptadas ao momento religioso.

E a procissão do Senhor dos Passos desencadeia rimas, como um melhor substrato, capaz de entender sua proficiência. Senão vejamo-las:

O sino da igreja do Rosário
geme um balão...dão...dão...
Um som triste, repetido no alto do córrego!

É Senhor dos Passos que está saindo.

Nas pedras informes do calçamento,
batem os pés dos homens de opas roxas.
É Senhor dos Passos que cambaleia no andor,
iniciando sua peregrinação.

E a multidão que se acotovela,
de face triste, de triste semblante,
desce a rua, uma viela,
a caminho, muito semelhante
a uma serpente que se enovela.

Na frente, São João com a pena,
Tendo de lado o livro como relicário.
Longa cabeleira é de Madalena,
Verônica atrás, com o Santo Sudário.

As pedras informes gemem sob o peso do andor.
Os homens vestidos com opas roxas limpam suores.
Atrás, pela Euterpe, a marcha fúnebre, com vigor,
é atacada solenemente, em rés bemóis menores!

O ritmo das passadas ressoa na Matriz
e alerta Nossa Senhora que, em pranto,
desce as escadarias, e, por um triz,
não chega tarde ao Sermão do Encontro.

“Vede Maria! o que fizeram com vosso Filho!”
 Soa a voz de padre Joca, acabrunhada e chorosa!
 A multidão se acotovela e, em estribilho,
 Sussurra um Pai-Nosso, naquela tarde dolorosa.

Os homens de capas roxas levantam o andor.
 O sino da Matriz matraqueia: balão...dã... o!
 É Senhor dos Passos que vai entrando...
 Com seu olhar triste, estampando muita dor.

Numa cadeira, à vanguarda, Verônica, em pé,
 Mostra o sudário, e, desenrolando-o,
 solfeja:”Digno de dó...ó...ó...!”
 Soando nos corações, reafirmando a fé.

O Senhor dos Passos está alegre!
 A multidão comprime-se na porta da Matriz.
 A hora do “beijo” é chegada.
 E Ele se sente engrandecido e feliz!

As velas cantam, bruxuleando,
 Árias de luz nas paredes esburacadas,
 E a Igreja se enche de gente, orando.
 ...

Senhor dos Passos está tão longe!...
 Que saudade apertada e imorredoura
 Na minha alma solitária, qual monge,
 Seu andor desce, cambaleando,
 Por entre as rugas de minha face sonhadora!...

Já postada no interior da Matriz, a multidão, enfileirada, caminha em direção ao andor. A cena do “beijo” desenrola-se calma e silenciosamente. A cada reverência, acompanha uma flexão dos joelhos. Contritamente, beijando a fita vermelha que, presa às vestes, desce ao lado do andor, a multidão, fazendo o sinal-da-cruz, repete com a alma lavada, um “**ora pro nobis**”, amém!...



Epílogo

Se você, caro leitor, conseguiu chegar comigo até aqui, já me dou por satisfeito e gratificado. Por isso, em respeito a esse seu sacrifício, julgo ser necessário e conveniente que lhe faça algumas ponderações, no sentido de melhor ser compreendido.

Os principais personagens deste ensaio, um padre, um professor e um farmacêutico, foram elementos expressivos da minha vida na cidade de Paracatu, onde deixaram rastros de admiração e de saudades. Permitam-me que, mesmo depois de trazê-los a lume em minha arenga, eu lhes dê traços de realismo, ao lado de passagens fictícias. Senão, vejamos:

1 – O padre João Marques de Oliveira, na intimidade conhecido como padre Joca, amigo de meu pai, era figura mui singular. Sua conduta perante os paroquianos era uma coisa sem precedentes, dada a delicadeza com que tratava de igual para igual qualquer pessoa da comunidade. Dotado de boa cultura, liberal e tolerante ao extremo, fazia parte do folclore da cidade. Mantinha um anedotário mui particular, compilado ao vivo em suas peripetivas pelos caminhos e trilhas feitas à foice e à facão, no denso cerrado, acompanhando os tortuosos leitões das veredas. Era sublime ouvir-se a fala do caboclo, pela sua irreverente boca, narrando suas confidências, sua vida, suas alegrias e suas tristezas. Em cada rancho ou casa da margem das picadas, ele tinha uma palavra de conforto e de estímulo para seus moradores. Assim, também colhia documentos que mais tarde serviam para suas lides sociais. Era uma enciclopédia viva. Quando retornava de uma desobriga, vinha ele com seus contos, cheios de subsídios e às vezes de

malícias, ensejando debates que serviam para aprimoramento de seus trabalhos religiosos e sociais também. Orador extraordinário, ao lado da desenvoltura com que tratava quaisquer assuntos, contagiava seus paroquianos. Essas características serviam para desencadear as intrigas, movidas pela inveja e ciúme, elementos usados pelos seus desafetos, encontrados e adubados na área cultivada no claustro e nas sacristias das naves religiosas.

Era natural do Estado de Goiás, onde encontrei seu rastro, no livro de Mário Ribeiro Martins (*Letras Anapolinas*, p. 301), quando biografando Dr. José Lourenço Dias, figura ímpar na lides jurídicas do estado, discorreu:

“Dr. José Lourenço nasceu em Pirenópolis, a 11.10.1886. Aprendeu as primeiras letras na cidade natal, onde estudou com Joaquim Propício de Pina e o padre João Marques de Oliveira, professor e filólogo.”

* * *

2 – O professor Josino da Silva Neiva, filho da terra, exímio construtor de frases mui acrisoladas, para colocar aqui uma expressão de que ele gostava sempre de usar, era um professor emérito, jornalista e debatedor eloqüente. Estava sempre atualizado com todos os movimentos literossociais, nascidos e desencadeados em todo setor cultural do país e do exterior. Ministrou aulas no ensino fundamental, onde aplicava metodologia e didática superavançadas para aquele tempo. Fui seu aluno temporário, lá pelos idos de 1927-28. Tinha o hábito de corrigir os trabalhos escolares com versos equilibrados e metrificados, o que agradava bastante aos seus discípulos. Partícipe dos movimentos políticos da cidade, era sumamente respeitado pelos artigos concisos nas sessões políticas dos jornais locais.

* * *

3 – O farmacêutico Emídio Freire da Silveira, de físico atarracado, pessoa amável, dinâmico em sua profissão e sobretudo dotado de uma apreciável cultura, possuía o combustível da ironia nata, só inerente aos trocadilhistas de “carteira assinada”. Como bom cearense, cultivava a mania

de exaltar os nordestinos ilustres que o agreste produzia, com a verve peculiar aos menos aquinhoados da Pátria. Se a terra não pôde dar-lhe tudo que queria, compensou suprindo-o de uma bela e rica cultura, fruto de uma inteligência primorosa, tornando-a um artigo de exportação para o mundo. Adorava falar de Quintino Cunha, um advogado mui apessoado em seu estado, tendo sempre em mente passagens de seu estilo irônico ao tratar com os colegas. Seleciono uma das que mais gostava:

“Quintino, em uma certa ocasião, viajava de trem rumo à capital de seu estado, no vagão de segunda classe. Sentado no banco de tirinhas, duro para valer, colocou os pés no da frente. Pés magros, ossudos, sem meias, calçando uma alpercata. Repentinamente, um de seus colegas, que sempre procurava desafiá-lo em debates no fórum – advogado opulento e cheio de tremeliques –, de passagem pelo vagão, rumo ao carro restaurante, foi logo chamando a atenção de Quintino, repreendendo-o energicamente, com palavras rudes:

— Oh! Quintino! Você envergonha nossa classe com esses pés. Que posição ridícula para um advogado! Parece mais um desses matutos do sertão, sem eira nem beira! Isso é demais!

Quintino levantou os olhos para seu interlocutor e, sem pestanejar, foi logo respondendo, na bucha:

— É... meu caro colega! Tens razão! Só uma coisa te digo: enquanto uns desmoralizam a classe pelos pés, muitos outros – em alusão ao colega – a desmoralizam pela cabeça!”

* * *

Após estes considerandos de ordem estrutural, esclareço, com todo respeito às suas origens, que ousei e abusei desses personagens, dando-lhes vida, por vezes indigesta. Até em filósofos e poetas transformei-os, sem ter-lhes pedido anuência. Só um pensamento me moveu, nesse sentido, porque foram eles os mantenedores de meus sonhos. Não viveram em nossa cidade, Paracatu, ao mesmo tempo. Também não me lembro se foram amigos, como os caracterizei.

Se não foram amigos inseparáveis, qual a causa de os ter colocado tão perto um do outro? Foi o meio que encontrei de contar estórias, dentro da história de minha terra, um fator que minava, havia muito, minha vontade de contar fatos que, muita vez, possam ter passado despercebidos aos meus conterrâneos. Foi também o meio que achei de homenageá-los, embora com a singeleza de minha arenga. Paracatu foi sempre ingrata para com seus filhos ilustres. Na cidade há muitas ruas importantes com nomes de pessoas que ali não viveram. Muitas que lá nasceram foram esquecidas. A atração pelo estrangeiro parece atávico ao nativo, haja vista tantas molduras dourando quadros pintados por quem os rabiscou em passagem vulgar pela nobre cidade.

Escolhi-os, pois, para falar de tudo. Coloquei em suas bocas o que gostaria que fosse dito por mim, sentindo-me feliz por assim fazê-lo. Foi o meio que encontrei para homenageá-los, sem querer louvores, senão a gratidão de Deus por tê-los conhecido durante minha juventude e parte de minha infância. Tudo aqui escrito por mim, fica claro, é de minha inteira responsabilidade.

A todos os meus outros personagens, minha gratidão por existirem ao meu tempo. Uns fictícios, outros reais, mas no fim um arranjo para dar sentido à narrativa.

Não sou historiador. Apenas, nesses meus lampejos, conto o que vi e o que vivi. Muitas das datas que aqui aparecem podem não ser as certas, para o que peço desculpas.

Este pequeno ensaio estava andando quando, à procura de referendar alguns fatos, fui surpreendido por uma chusma de obras históricas que minha irmã Lourdes teve a delicadeza de me enviar. Fiquei maravilhado. Há muito tempo fora da cidade onde nasci, não esperava chegasse às minhas mãos literatura de tal quilate. Homens e mulheres que deixei infantes tornaram-se exímios escritores, salientando, como obra histórica, a que não canso de folhear, “As Minas Reveladas”, uma pérola encrustada às demais. Trata-se de um trabalho de fôlego, contendo detalhes de valor inestimável. Portanto, pesquisadores, peço-lhes, não me vejam como historiador e sim como um mero contador de estórias vividas.

Oliveira Mello, o autor de “As Minas Reveladas”, para mim, seria ainda o menino que brincava na rua do Peres, em frente à casa de seus pais.

Veza por outra, o via sentado à soleira da porta da venda de seu genitor, meditando sozinho, já, por certo, iniciando seu amor aos sonhos que mais tarde haviam de traduzir em letra de forma toda a sua arte de escritor lídimo. Veza, ainda, por outra, ouvi falar de seus progressos, mas não esperava que fossem tantos. Espero que continue a tê-los, para alegria de seus conterrâneos e enriquecimento da literatura pátria.

FIM

Livro fechado	15 x 21 cm
Miolo	Offset 75 g/m ² , 1/1 cor, 384 páginas
Fontes utilizadas	Albertus MT (título), Garamond corpo 12 (miolo), Humanist77 Bt 7 (cabeçalho)
Capa	papel cartão supremo 250 g/m ² , 4/0 cor
Acabamento	colado, costurado, capa com plastificação fosca
Impressão e acabamento	Quick Printer Ltda. SIA Trecho 3 – Lote 1.760 – CEP 71200-030 Brasília, DF – Fone: (61) 3362-0008 www.lgeeditora.com.br

